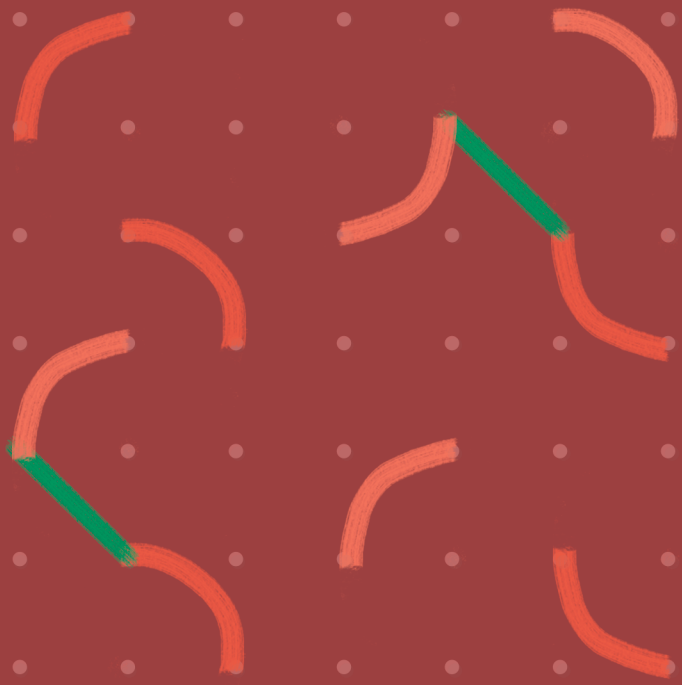
DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES

Diálogos transdisciplinares

livro de resumos 2020



ABRALIC

CLASS

ORGANIZAÇÃO
Júlia Genehr Santana
Marianna Ilgenfritz Daudt
Vinícius Ritter

Diálogos transdisciplinares: livro de resumos 2020

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

Gestão 2020-2021

Presidente
Gerson Roberto Neumann — UFRGS

Vice-Presidente
Andrei dos Santos Cunha — UFRGS

Primeira Secretária
Cinara Ferreira — UFRGS

Segundo Secretário
Carlos Leonardo Bonturim Antunes — UFRGS

Primeiro Tesoureiro
Adauto Locatelli Taufer — UFRGS

Segunda Tesoureira
Rejane Pivetta de Oliveira — UFRGS

Conselho Deliberativo

Membros efetivos
Betina Rodrigues da Cunha — UFU
João Cezar de Castro Rocha — UERJ
Maria Elizabeth Mello — UFF
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA
Rachel Esteves de Lima — UFBA
Regina Zilberman — UFRGS
Rogério da Silva Lima — UNB
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

Membros suplentes
Cassia Maria Bezerra do Nascimento — UFAM
Helano Jader Ribeiro — UFPB

Diálogos transdisciplinares: livro de resumos 2020

CLASS

ORGANIZAÇÃO
Júlia Genehr Santana
Marianna Ilgenfritz Daudt
Vinícius Ritter

Todos os direitos desta edição reservados.
Copyright © 2022:
dos autores dos textos.

Coordenação editorial
Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial
Betina Rodrigues da Cunha — UFU
João Cezar de Castro Rocha — UERJ
Maria Elizabeth Mello — UFF
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA
Rachel Esteves de Lima — UFBA
Regina Zilberman — UFRGS
Rogério da Silva Lima — UNB
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM
Helano Jader Ribeiro — UFPB

Projeto gráfico e capa
Mário Vinícius

Diagramação
Mário Vinícius

Revisão
Andrei dos Santos Cunha
Bruno Costa Zitto
Gerson Roberto Neumann

Como citar este livro (ABNT)
SANTANA, Júlia Genehr; DAUDT, Marianna Ilgenfritz; RITTER, Vinícius (orgs.). *Diálogos transdisciplinares: livro de resumos 2020.* Porto Alegre: Bestiário / Class, 2022.

BESTIÁRIO

Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000
Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D537 Diálogos transdisciplinares [recurso eletrônico] : livro de resumos 2020 / organizado por Júlia Genehr Santana, Marianna Ilgenfritz Daudt, Vinícius Ritter. - Porto Alegre : Bestiário, 2023.
696 p. ; PDF ; 5,1 MB.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-6056-027-7 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Santana, Júlia Genehr. II. Daudt, Marianna Ilgenfritz. III. Ritter, Vinícius. IV. Título.

CDD: 869.94
2023-3796 CDU: 82-4(81)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

A presente publicação foi realizada com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os editores não se responsabilizam pelo conteúdo do livro ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

Sumário

39 **Apresentação**
Os organizadores

42 **Simpósio 2**
A circulação e a espera: estudos sobre revistas literárias e culturais latino-americanas dos séculos XX e XXI
Laíse Ribas Bastos
Maria Lucia de Barros Camargo
Jeferson Candido

44 **Mário de Andrade e a arte moderna em *Klaxon*: expressão da modernidade na vida cultural brasileira**
Sammea Cristina Ribeiro Paz de Lira

45 **Simpósio 3**
A leitura literária em sala de aula e o sujeito leitor: dimensões teóricas e práticas
Gabriela Rodella de Oliveira
Andresa Fabiana B. Guimarães

46 **A literatura como vetor para a construção de uma visão do mundo crítica em sala de aula**
Marília Pereira da Cruz

47 **A literatura na escola: concepções e práticas**
Luzimar Silva de Lima

48 **A subjetividade da leitura literária na formação do sujeito leitor**
Andréia Nascimento Carmo
Valdivina Telia Rosa de Melian

49 **A voz e a vez do leitor no ensino-aprendizagem da leitura literária: multimodalidade e descentramento geográfico**
Lucília Souza Lima Teixeira

50 **Becos da memória: leitura sobre o processo de formação do leitor no romance de Conceição Evaristo**
Vera Lucia Nobre da Silva

50 **Do impresso a era YouTube: mediação de leitura e marcas de subjetividade leitora através do texto literário impresso e do vídeo animado**
Mônica do Socorro de Jesus Chucre

51 **Literatura e formação de leitores: do texto literário ao livro didático**
Cleane da Silva de Lima

52 **Natureza e função da literatura em Candido e Cosson**
Jefferson Silva do Rego

53 **Simpósio 4**
A literatura e seu ensino: aspectos da formação docente
Alcione Maria dos Santos
Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira
Susylene Dias de Araujo

55 **A formação do professor de literatura: um desafio (com todas as letras)**
Chirley Domingues

56 **A leitura ficcional literária: uma prática multidimensional / interdisciplinar no letramento acadêmico da contemporaneidade**
Marilene Ferreira Cambeiro

57 **Concepções ideológicas no percurso de formação inicial de educadores de literatura: a responsividade como caminho**
Mariana Roque Lins da Silva

58 **Ensino de literaturas de língua inglesa no ensino superior: representações sociais e formação docente**
Patrícia Dalla Torre
Sérgio Fabiano Annibal

59 **Fábulas no PROFLETRAS: uma proposta para a literatura e seu ensino no 9º ano da Escola Municipal Tilma Fernandes Veiga, em Corumbá-MS**
Jonathan Gonçalves dos Santos
Susylene Dias de Araujo

59 **Formação docente: ensino de literatura com competência e autonomia no ensino médio**
Herman Wagner de Freitas Regis

60 **Literatura, uma questão de Significados e Sentidos**
Roberto Clemente dos Santos

62 **O Método Recepcional como proposta de ferramenta para a prática docente no uso de textos de escritores africanos de Língua Portuguesa**
Caio Cesar Tabajara Silva Santos

---

63 **Simpósio 5**
A narrativa: entre o documento e a ficção, entre o mesmo e o outro
Maria Elizabeth Chaves de Mello
Simone Bacellar Moreira
Stela Maria Sardinha C. de Moraes

65 **'The Turn of the Screw': leituras possíveis e a dissimulação no texto ficcional**
Karina Moraes Kurtz

65 **A viagem como construção da identidade literária no romance *Memorial de Maria Moura***
Elisangela Santos Petrucci Peçanha

66 **Apontamentos de Cidade livre: os sentidos da (não-)morte de Valdivino**
Gabriela Hoffmann Lopes

67 **Documento e ficção na biografia de Fernando Pieruccetti**
Marcelino Rodrigues da Silva

68 **Fábulas de Monteiro Lobato e fábulas da coleção indiana Pañcatantra**
Ana Márcia Cabral Linhares Mourthé

69 **Ficção e evidência: a percepção da catástrofe a partir das narrativas de naufrágio**
Letícia Tury Guimarães Nascimento

70 **Infidelidades, ciúmes e crimes no Brasil do Oitocentos. Um *thriller* para viageiros europeus**
Andrea Reis da Costa

71 **Maria Graham: uma viajante inglesa entre documentos e interpretações sobre o Brasil do início do século XIX**
Maria da Conceição Vinciprova Fonseca

72 **Memorial do convento e a História pelo avesso**
Karen Lorrany Neves Adorno

72 **O espaço da literatura em Ricardo Lísias**
Luisa de Almeida Lírio Pinto

73 **Stefan Zweig e o gênero biografia**
Carlos Eduardo do Prado

74 **Uns e outros: espelhamento na literatura como exercício de fazer e ser**
Suelen Gonçalves Vasconcelos

---

76 **Simpósio 6**
A questão do nacional no cenário literário e cultural brasileiro contemporâneo
Carolina Montebelo Barcelos
Paulo Roberto Tonani do Patrocínio
Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

78 **Expressividade, Referenciação e Verbo Poético na Obra Gilbertiana: Saciologia Goiana**
Marta Bonach Gomes

79 **Simpósio 7**
A trajetória sisifica na literatura brasileira contemporânea
Winnie Wouters
Luis Eduardo Veloso Garcia

81 **Errância e atuação na obra *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll**
Jaqueline Castilho Machuca

82 **Estar em trânsito: deslocamento e exílio nas narrativas de Carola Saavedra**
Josye Gonçalves Ferreira

83 **Simpósio 8**
Africanidades e brasilidades: diálogos entre literaturas e culturas
Jurema Oliveira
Gustavo Henrique Rückert

85 **A construção de imagens poéticas e retóricas em Gulamo Khan (Moçambique) e em Raul Bopp (Brasil): um desejo de modernidade consubstanciada na criação poética**
Deividy Ferreira dos Santos

86 **A lágrima e suas relações de gênero em contos de Mia Couto**
Francisca Kellyane Cunha Pereira

87 **A mulher negra gaúcha pode falar? Ofertando ouvidos para atentar aos espectros de suas vozes silenciadas**
Dênis Moura de Quadros

88 **A partilha da palavra-paisagem: uma reflexão sobre a organização perceptiva do Sul na escrita de Ruy Duarte de Carvalho**
Juliana Campos Alvernaz

88 **Arte e ancestralidade: o ato de trabalhar o barro em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**
Mirvana Luz Teixeira

89 **Baiana System e a crioulização: perspectivas da música brasileira**
Ellen Berezoschi

90 **Kainene: o desaparecer de um povo em Biafra**
Katria Gabrieli Fagundes Galassi

91 **O (en)canto que vem das ruas: as crônicas de João do Rio e Luiz Antonio Simas**
Mei Hua Soares

92 **Quando o tapete alça voo: Negritude, Racismo e Gênero em contos de Cristiane Sobral**
Ângela da Silva Gomes Poz

93 **Simpósio 10**
Anatomias do sexo: esporros literários, cópulas psicanalíticas
Hermano de França Rodrigues
Aristóteles de Almeida Lacerda Neto

95 **O estilo pícaro defende-se vestindo a prêt-à-porter**
Adriana Carolina Hipolito de Assis

95 **Um miolo perverso que tira o desejo do forno: breves reflexões sobre crime e fetiche sexual**
Eider Madeiros

97 **Simpósio 11**
Arte, literatura e imagem
Paulo Eduardo Benites de Moraes
Dirlenvalder do Nascimento Loyolla

99 **A modernidade de Émile Zola e a literatura-pintura**
Aline Magalhães dos Santos S. Ishii

99 **A Ninfa Guerreira e o empoderamento da mulher na literatura e na arte contemporânea**
Adolfo Cifuentes
Juliana Andrade de Lacerda

100 **A possibilidade de uma experiência de obra de arte total a partir da leitura de uma tirinha de Charles Schulz**
Aline Carrijo de Oliveira

101 **Arquitetura do contraste: antigas e novas utopias e a imagem como resgate de mundos possíveis**
Lóren Cristine Ferreira Cuadros

102 **As linhas do monstro costuram o trauma: leituras entre imagem e texto na obra de Marosa di Giorgio (1932 – 2004) e Paula Rego (1935)**
Priscilla Oliveira Pinto de Campos

103 **Boi Aruá: Cenas poéticas em riscaduras de gravuras populares**
Edilene Dias Matos

104 **Cena de Rua em cena: narrativa visual de Ângela Lago**
Ana Carla Soares de Oliveira

105 **Expedição Nebulosa: deslocamentos imaginários**
Suzy Zaparoli

105 **Grafiação: elementos para a análise das histórias em quadrinhos**
Lielson Zeni
Maria Clara da Silva Ramos Carneiro

106 **Imagem e Palavra: A escrita fílmica de Godard como forma de vida**
Maria de Abreu Altberg

107 **João Cabral e Mary Vieira: entre a poesia e as artes plásticas**
Mariane Tavares

108 **Ninfa em flor: as pernas, o enigma, os bailados quentes de Carlos Drummond de Andrade**
Maura Voltarelli Roque

109 **O cavalo de troia nas *Rremembranças da menina de rua morta nua*, de Valêncio Xavier**
Renan Augusto Ferreira Bolognin

110 **O florescer de uma comunidade a/r/tográfica na prática baseada em arte na obra "Educação em visualidades no 'Chicão'", de Leísa Sasso**
Juliana Marafon Pereira de Abreu

110 **Os vaga-lumes de Agamben**
Alexandre Gil França

111 **Todo quadro é um corte: o elemento paisagem nas narrativas em quadrinhos**
Luísa Loureiro M. de Castro Teixeira

112 **Uma foto que possa me dizer alguma coisa sobre estar aqui: reflexões sobre o fazer poético de Marília Garcia através de seu diálogo com a fotografia em "tem país na paisagem"? de *Câmera Lenta***
Mariane Pereira Rocha

---

113 **Simpósio 12**
Artes ameríndias em traduções
Devair Fiorotti
Maria Silvia Cintra Martins

115 **A "idolatria" dos Cantares mexicanos: Um problema de tradução intercultural**
Sara Lelis de Oliveira

116 **A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970–2019): um corpus historiográfico**
Helena Lúcia Silveira Barbosa

117 **Grafismo indígena: do conhecimento imaterial para pensar a poética do traduzir**
João Paulo Ribeiro

---

118 **Simpósio 13**
As mulheres e os diálogos transdisciplinares judaicos: da tradição à transgressão
Lyslei Nascimento
Nancy Rozenchan

119 **A trilogia da inquietude e os animais de Ana Cecília Carvalho**
Filipe Amaral Rocha de Menezes

120 **Escritores sefarditas na Amazônia e as mulheres judias**
Alessandra Fabrícia Conde da Silva

121 **Memórias e testemunhas mudas: o álbum de Elisa Lispector**
André de Souza Pinto

122 **Moacyr Scliar e as a narradoras da Bíblia: A paixão escrita**
Marcio Cesar Pereira dos Santos

123 **Um olhar feminino sobre a Shoah: as memórias de Ruth Klüger**
Saul Kirschbaum

---

124 **Simpósio 14**
As políticas do corpo e os sujeitos da ficção: a práxis literária
Cláudia Nigro
Flávio Adriano Nantes

126 **A (des)construção da identidade feminina presente no romance *Fim* de Fernanda Torres**
Luciane Aparecida Ribas

127 **A força-silêncio do estereótipo: as vozes do palimpsesto de putas**
Ana Carolina Schmidt Ferrão

127 **A geografia literária em haikus do Yuba Kukai**
Michela Mitiko Kato M. de Souza

128 **Considerações sobre o discurso colonial sobre os corpos femininos negros e brancos no "Caderno de memórias coloniais" de Isabela Figueiredo**
Fabrizio Uechi

129 **Representação feminina nos Romances Arthurianos: diferenças entre Bradley e Cornwell**
Emilia Sandrinelli

---

130 **Simpósio 15**
Autoritarismo, memória e democracia: subjetividades em resistência na cena cultural contemporânea
Luciana Paiva Coronel
Maria Zilda Cury
Rejane Pivetta de Oliveira .

132 **A associação entre Ditadura Militar e Milagre Econômico no Brasil – uma leitura do poema "Diamundo: 24 h de Informação na Vida do Jornaledor", de Carlos Drummond de Andrade**
Fátima Ghazzaoui

133 **A continuidade do autoritarismo e da violência no Brasil: uma leitura do conto "Você vai voltar pra mim", de Bernardo Kucinski**
Weverson Dadalto

134 **A ditadura militar brasileira sob o olhar de dois ficcionistas gaúchos**
Roseli Deienno Braff

134 **A lógica do fantasma: intensidades e pensamento no cinema de Kleber Mendonça**
Midian Angélica Monteiro Garcia

135 **A memória e a recordação como resistência à cultura do esquecimento em *À sombra do meu irmão* (2003), de Uwe Timm, e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Marcia Tiburi**
Mariana Waskow Radünz

136 **A potência política de um corpo memória: a feminina releitura histórica de Jamais o fogo nunca, de Diamela Eltit**
Camila Carvalho

137 **Enquadramentos deslocados: a ditadura nos romances brasileiros de 2000 a 2019**
Lua Gill da Cruz

138 **Estado de Exceção e Literatura: *Fahrenheit 451* e *Não verás país nenhum* – aproximações de nossa distopia tupiniquim?**
Emerson de Lima Pinto

139 **Faces da ditadura em *Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal**
Gínia Maria Gomes

140 **George Orwell: o pensamento político de um socialista anti-totalitário**
Leonardo Lucena Trevas

141 **Identidade nacional, resistência e utopia em *Quarup*: engajamento em Antônio Callado**
Mariana Figueiró Klafke

142 **Literaturas do fim dos tempos: distopias da contemporaneidade**
Antonio Rediver Guizzo
Maíra Soalheiro Grade

142 **O que fazer com o que restou? O dilema da latina América em relação à memória da violência na peça teatral "Villa", de Guilhermo Calderón**
Marina de Oliveira

143 **O romance de formação em um contexto disforme: a infância inconclusa em José J. Veiga**
João Pedro de Carvalho

144 **Sob a sombra da repressão, escrever-se: potencialidades das escritas de si em "O Lugar mais Sombrio", de Milton Hatoum**
Alexandre Luiz R. da Fonseca Junior

---

146 **Simpósio 16**
Clarice Lispector: uma autora muito além do intimismo
Hugo Lenes Menezes
Maria de Fatima do Nascimento

148 **"A quinta história": uma série de baratas**
Letícia Coleone Pires

149 **As personagens grotescas e a transgressão dos gêneros, em *Um sopro de vida (pulsações)*, de Clarice Lispector**
Joel Rosa de Almeida

150 **Clarice e Mira, melindrosa aliança**
Mateus Toledo Gonçalves

151 **Clarice Lispector e o fazer literário: uma leitura derridiana**
Rachel Ventura Rabello

151 **Clarice Lispector, mística e hassidismo**
Leila Borges Dias Santos

152 **Feminismo e seus reflexos na obra de Clarice Lispector**
Renato Kerly Marques Silva

---

154 **Simpósio 17**
Comparatismo e intermidialidade: literatura, teatro e audiovisual
Ana Claúdia Munari Domingos
Elaine Indrusiak
Luciana Éboli

156 **Cagliostro no romance e no cinema: o dialogismo intertextual na trajetória de uma personagem lendária**
Maria Gabriella Flores Severo Fonseca

157 **Caminhos cruzados entre literatura e cinema**
Marília Corrêa Parecis de Oliveira

158 **De Haruki Murakami a Lee Chang-dong: a adaptação cinematográfica na dinâmica dos contextos sociais do Japão e da Coréia do Sul**
Icaro Carvalho
Bruno Amaral Dariva

159 **Do ebook ao livro: processos intermidiais na obra vencedora do Prêmio Kindle de Literatura 2018**
Jaimeson Machado Garcia

160 **O palco na tela, a tela no palco: filmando Shakespeare na Royal Shakespeare Company**
Paulo Henrique da Silva Gregório

160 **Rasuras literárias em "Sonho de Valsa", de Ana Carolina Soares**
Mariana Anselmo

162 **Simpósio 18**
Condição subalterna e urgência decolonial na literatura contemporânea
Ricardo Postal
Daniel Conte
Imara Bemfica Mineiro

164 **A italianidade em Igiaba Scego: repensar a identidade italiana a partir de uma perspectiva pós-colonial**
Leonardo Vianna

165 **A literatura como espaço de potência, resistência e reexistência. Uma leitura comparada de *A mulher de pés descalços*, romance de Scholastique Mukasonga, e "A historiadora obstinada", conto de Chimamanda Ngozi Adichie**
Patrícia Ribeiro Brasil

166 **A suspensão dos sujeitos e o deslocamento na obra desamparo de Inês Pedrosa**
Josiani Job Ribeiro
Kátia Marlowa Bianchi F. Pessoa

167 **O trabalhador pobre na literatura de Luiz Ruffato: por uma questão de classe**
Inara Ribeiro Gomes

167 **Quando o herói precisa ir ao hospital: identidade e representação em *Kryptonita*, de Leonardo Oyola**
Higor David Rosa Afonso Pinto

168 **Sexualidade e afetos subalternos: percepções queers nos contos "Coração" de Marcelino Freire e "Dom Diego" de Antônio de Pádua**
Nomager Fabíolo Nunes de Sousa

169 **Subalternidade x mulher em *Cadernos de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo**
Adelia Maria de Souza Lima

170 **Título: País sem Chapéu – ambivalência e tradução**
Eduardo Belmonte de Souza

172 **Simpósio 20**
Deslocamentos literários: cultura, tradução e migração
Andréa Moraes da Costa
Gracielle Marques
Válmi Hatje-Faggion

174 **As diferentes moradas do exílio: Rose Ausländer e a tradução entre línguas**
Luiz Carlos Abdala Junior

175 **Brasil 1943 - a natureza estrangeira à espreita em um poema do exílio de Paula Ludwig**
Mariana Chirico Machado Holms

175 **Chimamanda Ngozi Adichie: obras traduzidas descritas**
Marília de Araújo Ruivo

176 **O texto literário como mediador cultural na imprensa em língua alemã editada no Rio Grande do Sul**
Isabel Cristina Arendt

177 **Os Guardadores: trânsito cultural, migração e pertencimento – a ficção como estratégia de sobrevivência**
Pedro de Freitas D. da Rocha

178 **Puro cuento? Observações sobre *Caramelo*, de Sandra Cisneros**
Adriana Macedo Nadal Maciel

179 **Simpósio 21**
Diálogos transdisciplinares: o componente estético como princípio metodológico
Márcia Lopes Duarte
Juciane Cavalheiro
Sabrina Vier

181 **Desmascarando narradores em primeira pessoa: pontos de vista e suas estratégias**
Gabriela Kvacek Betella

182 **O apelo humanístico da criação artística em busca do efeito estético**
Loiva S Vogt

182 **O caráter estético em *Sabor de Química*: estratégia humanizadora na formação do leitor**
Danieli Tavares

184 **Simpósio 22**
Diálogos transfronteiriços: literatura, cultura e alteridade das/nas Américas, Áfricas e Amazônias
Amilton José Freire de Queiroz
Ezilda Maciel da Silva
Gilson Penalva

185 **"I am a follower of stories": The Healing Journey of Faces in the Moon**
Rosana Ruas Machado Gomes
Gabriela Pirotti Pereira

186 **A malungaje de Oliveira Silveira e a negritude como ponto de cruzamento da América Latina**
Adriana Kerchner da Silva

186 **As escritas migrantes venezuelanas: a obra de Juan Carlos Méndez Guédez**
Tatiana da Silva Capaverde

187 **Cartografia das imagens dos deslocamentos: um estudo comparativo-temático entre *Dois Irmãos* e *O presente absoluto***
Vanessa da Silva Pereira
João Carlos de Carvalho

188 **Correntes e contracorrentes da Memória e do Sublime em dois contos da Bacia Amazônica**
Irisvaldo Laurindo de Souza

189 **Diálogos transculturais e o imaginário migrante no Quebec contemporâneo**
Irene Corrêa de Paula Sayão Cardozo

190 **Espaços praticados e estratos expressivos da fronteira em Xirú de Damián Cabrera**
Isabel Cristina Jasinski

191 **Expressões literárias ao redor dos conflitos sociais no contexto da integração brasileira na América Latina**
Oscar Jhony Villa Ramírez

191 ***Mar Paraguayo*: uma relação linguística como a integral dos equívocos**
Diego Emanuel Damasceno Portillo

193 **Simpósio 23**
Dissonâncias e consonâncias entre literatura e música: temas, personagens, espaços e linguagens em diálogo transdisciplinar
Roniere Silva Menezes
Gérson Luís Werlang
Rafael Eisinger Guimarães

195 **A paisagem sonora em *Valsa para Bruno Stein***
Viviane Aparecida Pandolfo Debortolli

195 **Arquitetura da canção: as origens da poética de Chico Buarque**
Rafael Barbosa Julião

196 **As formas da violência na composição de Karina Buhr**
Daniel Carlos Santos da Silva

197 **O corpo alegórico de Caetano Veloso e o corpo objeto de Hélio Oiticica no Tropicalismo**
Lucia Aparecida Felisberto Santiago

198 **O inverno e depois: aproximações literárias e musicais no romance de Luiz Antonio de Assis Brasil**
Edemilson Antônio Brambilla

199 **O outro doce bárbaro: Tom Zé**
Cassia Dolores Costa Lopes

199 **O poema do samba na canção brasileira**
Feliciano José Bezerra Filho

200 **Por uma poética de Céu: um cordão de palavras e memórias**
Mayra Moreyra Carvalho

201 **Ritmo, poesia e sobrevivência: os Racionais Mc's e a fala do subalterno**
Alexandre Jose Amaro e Castro

202 **Elementos de uma poética queer na canção brasileira**
Ana Luiza Martins

202 **Uma crítica social do realismo estético entre "Iracema voou", de Chico Buarque, e "Manhatã", de Caetano Veloso**
Rogério Rufino de Oliveira

---

204 **Simpósio 25**
Ensino e tradução de literaturas brasileira e latino-americana sob a perspectiva da literatura comparada e dos estudos culturais
Carlos Magno Santos Gomes
Gislene Maria Barral Lima F. da Silva
Lucie Josephe de Lannoy

206 **Reescritas de Machado de Assis na América Hispânica: a função dos paratextos em duas traduções da Biblioteca Ayacucho, *Cuentos*, de 1978, e *Quincas Borba*, de 1979**
Débora Garcia Restom

---

208 **Simpósio 26**
Entre o cânone e o esquecimento: processos de (não) canonização de autores e obras
Valdiney Valente Lobato de Castro
Alan Victor Flor da Silva

210 **A instabilidade desconcertante no romance *Água Funda* de Ruth Guimarães**
Cecilia Silva Furquim Marinho

211 **A trajetória do escritor Fernando Canto: a contravenção no cânone literário**
Carla Patrícia Ribeiro Nobre
Yurgel Pantoja Caldas

212 **Novos autores e o cânone: aspectos do insólito em *O amigo de Santa Tereza*, de Fábio Leal**
Osmando Jesus Brasileiro
Adriana da Cruz Diniz

213 **O cânone adormecido: uma análise dos efeitos do ostracismo no processo de legitimação literária em John Williams**
Juliano da Silva Lira

214 **O dragão chinês: a escrita como expurgação da dor e da opressão**
Amanda Cristine Oliveira Nascimento

215 **Trajetórias de Roberto Bolaño no cânone: da poesia à prosa**
Fabiana de Oliveira Santos

---

216 **Simpósio 27**
Escrita criativa à brasileira: percepções, experiências, desdobramentos
Diego Grando
Marcelo Juchem
Márcia Ivana de Lima e Silva

218 **A escrita poética no contexto acadêmico: processo de criação do livro *Fabulário***
Ana Claudia Costa dos Santos

218 **As narrativas implícitas e explícitas: uma análise comparativa das formas de produção literária**
Brunna Luiza Lima de Sousa

219 **Desenvolvimento de uma oficina de escrita criativa com idosos**
Andrezza Tartarotti Postay

220 **Escrita em Chamas**
Otávio Juliano Dantas G. Gomes

221 **Magnitud de momento: leitura, tradução e criação de poesia de testemunho**
Ángela María Cuartas Villalobos

222 **Narradores presentes na ausência: análise das vozes narrativas evidenciadas no processo de criação**
Carlos Alberto Ossanes Nunes

223 **O eixo de Escrita Dramática na UFSC como exemplo da expansão e desenvolvimento do campo acadêmico da Escrita Criativa**
Paulo Ricardo Berton

223 **Personagens de Clarice Lispector – concepção e expressão**
Cátia Castilho Simon

225 **Simpósio 28**
Escrita criativa para o século XXI
Luis Roberto de Souza Júnior
Moema Vilela Pereira
Patricia Gonçalves Tenório

227 ***9 meses*: O Retrato Literário da Gravidez na Adolescência**
Mariana Rissi Azevedo

228 **A viagem como caminho, a escrita como destino**
Frederico Dollo Linardi

229 **Do assassinato (de personagens) como uma das Belas Artes**
Gustavo Melo Czekster

229 **Escrita criativa: o que a escrita devolve à imagem**
Altair Teixeira Martins

230 **Mulheres: dicção e ficção**
Cristina Moraes Vazquez

231 **Nenhum homem é uma ilha. Ou deveria ser? Sobre o exílio e o isolamento como elementos potencializadores da escrita**
Alexandra Lopes da Cunha

232 **O conflito e a necessidade de escolha na narrativa fílmica "O céu de Suely", de Karim Aïnouz**
Sandra Araujo de Lima da Silva

232 **O percurso dentro do percurso: escrevendo uma constelação de mulheres**
María Elena Morán Atencio

233 **Perfil: Terminal Tietê – Lições de Escrita Criativa em "O livro amarelo do terminal", de Vanessa Barbara**
Maria Williane da Rocha Souto

234 **Quando o tema convoca a narração**
Ana Luiza Tonietto Lovato

236 **Simpósio 29**
Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: circulação, publicação e recepção
Márcia Valéria Martinez de Aguiar
Maria Cláudia Rodrigues Alves
Valter Cesar Pinheiro

238 **A publicação de literatura sul-coreana no Brasil: o caso de Pepino de Alumínio**
Vitoria Ferreira Doretto

238 **A recepção de Sarah é isso, tradução brasileira de *Ça raconte Sarah*, de Pauline Dellabroy-Allard: desafios e perspectivas**
Raquel Peixoto do Amaral Camargo

239 ***Azul Corvo*, de Adriana Lisboa: uma leitura dos Estados Unidos pelo ângulo de uma jovem imigrante**
Giséle Manganelli Fernandes
Clara Carolyne Fachini Zanirato

240 **Entre tradução e publicação: a presença do filósofo François Jullien no Brasil**
Maria Luiza Berwanger da Silva

241 **Geração Granta: escritores brasileiros contemporâneos na vitrine internacional**
Lilia Baranski Feres

242 **Graciliano Ramos editado em Portugal e nos Estados Unidos – chegada, desencontro, tutela e ressonâncias**
Thiago Mio Salla

243 **Lendo Hilda Hilst com Roland Barthes**
Flávia Herédia Miotto

244 **No devagar depressa dos tempos: a tradução francesa de "A terceira margem do rio" de Maria José Frias**
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

244 **Retirantes e mujiques, entre a Aldeia e Alagoas: diálogos entre as obras de Graciliano Ramos e Liev Tolstói**
Carolina Izabela Dutra de Miranda

245 **Virginia Woolf: Tradução, recepção e impacto no Brasil**
Maria Aparecida de Oliveira

247 **Simpósio 30**
Espaço e literatura
André Pinheiro
Ozíris Borges Filho
Sidney Barbosa

249 **A natureza perpassada pela História e pela Literatura em romances brasileiros do século XIX**
Mateus Bego Bueno

250 **A relação entre sujeito e espaço na poesia de Manoel de Barros**
Alan Diogo Capelari

251 **As paredes e as partidas: a marca indelével da casa na prosa de Natalia Ginzburg**
Iara Machado Frota Pinheiro

252 **Dos modos de sentir-se estranha: uma leitura de *Mar Azul*, de Paloma Vidal**
Naiara Speretta Ghessi

252 **Entre sombras e luzes: espaços e reflexos em "A Dama no espelho - Uma reflexão" de Virgínia Woolf**
Agnes Cássia Santos Grillo

253 **Espaço e distopia em Androides sonham com ovelhas elétricas?**
Juliana Varella Reginato de Almeida

254 **Espaço, memória e ancestralidade no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo**
Mônica Maria dos Santos
Bruno Rege Lopes

255 **Gabriele D'Annunzio e a Paisagem da Feiura**
Julia Ferreira Lobão Diniz

256 **Limites do si, corporeidades do outro: espaço, pensamento e apagamento em Paul Valéry**
Felipe Leal Almeida Resende

257 **Mãos ocupadas: viajantes e seus embarques entre trastes, finuras e amontados na literatura e na pintura**
Rosana Campos Leite Mendes

258 **Madame Bovary e a construção espacial da narrativa**
Renato Barros de Castro

258 **Modernidade e evocação do passado: uma análise do espaço real e psicológico na obra *The sound and the fury* de William Faulkner**
Érika Rangel Curra

259 **O Brasil como arquipélago: proposta de um atlas para a ficção de José de Alencar**
Romulo Valle Salvino

260 **O caráter do espaço contemporâneo na prosa literária de Nuno Ramos**
Jorge Andrés Manzi Cembrano

261 **O desenraizamento em *A Bagaceira* e *Vinhas da Ira***
Luccas César Bach

262 **O espaço na literatura utópica**
Almir Gomes de Jesus

263 **O papel do espaço em *Os que bebem como os cães***
Raimunda C. Mendes da Silva

264 **O parque Buttes-Chaumont em "Le Paysan de Paris" (1926), de Louis Aragon: do real ao simbólico**
Robert Ponge
Nara Helena Naumann Machado

265 **Paisagens e vidas de sombra e escuridão no romance *Os servos da morte*, de Adonias Filho**
Regina Célia dos Santos Alves

265 **Três épicos, um espaço: América Latina em perspectiva na poesia**
Éverton de Jesus Santos

266 **Um espaço em trânsito: as dinâmicas do deslocamento em *Dora sem véu***
Manoelle Gabrielle Guerra

---

268 **Simpósio 31**
Estratégias do feminino: literatura escrita por mulheres e resistência
Anna Faedrich
Laura Campos
Silvina Carrizo

270 **"Mulheres illustres do Brazil", de Ignez Sabino: a escrita de dicionários como forma de resistência**
Antonia Rosane Pereira Lima

271 **A literatura menor de Beatriz Bracher**
Regina Lúcia de Faria

272 **A maternidade, voz e autoria negra como estratégia do feminino**
Elisabete Nascimento

273 **A representação do corpo feminino e a violência contra a mulher em *Sangria*, de Luiza Romão**
Andressa dos Santos Vieira

273 **A resistência ao silenciamento da mulher na poesia de Rupi Kaur e Ryane Leão**
Fernanda Barroso e Silva

274 **A resistência nos versos de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento**
Fernanda Oliveira da Silva

275 **Da arte como resistência: a mulher que (se) escreve**
Tatiana Alves Soares

276 **De musas a autoras: o processo de ressubjetivação do feminino na poesia de Gilka Machado**
Suzane Morais da Veiga Silveira

277 **Desejo e envelhecimento do corpo lésbico nos poemas de Rita Moreira**
Carla da Silva Miguelote

278 **Em busca de Clarice**
Eliane T. do Amaral Campello

278 **Eu-louca: loucura e gozo em Carla Diacov e Cláudia R. Sampaio**
Otavio Campos Vasconcelos Fajardo

279 **Indagações Poéticas em "Parindo Poesia" de Cristiane Sobral**
Karen Katiúcia Oliveira Leite

280 **Invadindo o corpo negro**
Elen Karla Sousa da Silva

281 **Maria Firmina dos Reis: mulher e a resistência no século XIX**
Tatiane Carvalho Morais

282 **Memória e resistência combativa frente a violência de gênero: uma análise dos contos de Diez mujeres, de Marcela Serrano**
Bruna Stéphane Oliveira Mendes da Silva

283 **O Bildungsroman escrito por mulheres latino-americanas: *O pardal é um pássaro azul* de Studart e *Estaba la pájara pinta sentada en el verde limón* de Ángel**
Juana Sañudo Caicedo

283 **O desfolhar-se lírico na poesia de Cecília Meireles e Gilka Machado**
Bruna de Almeida Pereira

284 **O Ulisses Negro de Toni Morrison: a jornada homérica em "Voltar Para Casa"**
Lucilia T. V. de Leitgeb Lourenço

285 **Os estereótipos de gênero em Mutola, de Paulina Chiziane**
Nathália Rangel de Matos

286 **Os estereótipos do feminino em *Neighbours*, de Lília Momplé**
Nathalia Guedes de Araújo

286 **Realidades e gêneros (in)críveis na poesia**
Jucilene Braga Alves M. Nogueira

287 **Representações do corpo nas escritas de autoria feminina no Brasil**
Euridice Figueiredo

288 **Serendipidade: ferramenta de resistência para o protagonismo feminino negro**
Tais dos Santos Abel

288 **Uma conversa entre Jane Eyre e Re Jane: feminismo e decolonialidade**
Yasmin de Souza Tosta

290 **Simpósio 32**
Estudos do gótico: adaptações, apropriações, intermidialidade e transdisciplinaridade
Claudio Vescia Zanini
Renata Philippov

291 **A criação da mise en scène paródica em *Orgulho* e *Preconceito* e *Zumbis***
Lígia Helena Souza

292 **De *Fronteira* a Threshold: o Gótico Brasileiro na tradução da obra de Cornélio Penna**
Lais Alves de Souza da Silva

293 **Divergências na adaptação da obra *Interview with the Vampire* de Anne Rice**
Patricia Hradec

294 **Do castelo à abadia: transformações da espacialidade gótica em Ann Radcliffe e Jane Austen**
Gabriele Cristina Borges de Morais

295 **Entre Eros e Mefisto: a perspectiva queer/gothic do mito fáustico em Samila Lages**
Ingrid Lara de Araújo Utzig

295 **Fantasmas da infância: criança queer e (in)visibilidade**
Israel Augusto M. de Castro Fritsch

296 **Fantasmas e antiquários. Henry James, Cornélio Pena e a possibilidade de um Gótico nacional**
Ana Resende

297 **O incômodo como morada: a cidade como convergência entre o Decadentismo, o Gótico e o Weird**
Alexander Meireles da Silva

298 **O legado da ficção gótica na composição de personagens ecianas**
Xênia Amaral Matos

299 **Rose Hathaway: a subversão e configuração da dhampira na obra *O Beijo das Sombras***
Luciana Soares dos Santos

300 **Simpósio 33**
Estudos interdisciplinares sobre Shakespeare
Régis Augustus Bars Closel
Lawrence Pereira Flores
John Milton

301 **Mônica e Cebolinha no mundo de Romeu e Julieta: Shakespeare recriado por Mauricio de Sousa**
Tiago Marques Luiz

302 **Shakespeare e sua contínua revisitação nas séries: novas relações de produção e recepção do Bardo Inglês**
Angélica Tomiello

304 **Simpósio 34**
Estudos retóricos e poéticos
Marcus De Martini
Marcelo Lachat
Jean Pierre Chauvin

306 **Comentários sobre técnica, retórica e poética**
Danilo de Carvalho e Frabetti

307 **Simpósio 35**
Fronteiras e inter-relações nas literaturas italiana e brasileira
Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva
Égide Guareschi
Gisele de Oliveira Bosquesi

309 **A *Commedia* dantesca no Brasil do século XX**
Fernanda Moro Cechinel

309 **A mesa posta: reflexões sobre morte e memória**
Elena Santi

310 **Da coleção "I gettoni" para a edição brasileira: "Il visconte dimezzato" de Italo Calvino**
Fabiana Vasconcellos Assini

311 ***Divina Comédia* em debate na década de 1920: Benedetto Croce, Antonio Gramsci e Erich Auerbach**
Alexandre Zambarda Leonardi

312 **Entre milagres e chumbos: os escritos jornalísticos de Pier Paolo Pasolini e Antonio Callado**
Cláudia Tavares Alves

313 **Sobre cinzas e fragmentação: a imagem que queima em Claudio Parmiggiani**
Monique Bione Silva

314 **Simpósio 36**
Geopoesia.br: literaturas de campo e passagens pela cultura popular
Augusto Rodrigues da Silva Junior
Ana Clara Magalhães de Medeiros
Willi Bolle

315 **"A hora e a vez de Augusto Matraga": o imbricamento do erudito e do popular**
Sophie Céline Sylvie Guérin Mateus

316 **"Viver é muito perigoso", as diferentes noções de justiça em *Grande Sertão: Veredas***
Vinícius Victor Araújo Barros

317 **A literatura de cordel em Goiás: um olhar sobre a obra de Paulo Nunes Batista**
Gláucia Mendes da Silva

318 **A pluralidade do liminar em Wahrhaftige Historia de Hans Staden**
Andreja Bole Maia

318 **As vozes e a letra, em *Essa terra*, um romance de Antônio Torres**
Joana Luiza Muylaert de Araujo

319 **Caminhada, memória e literatura: indagações sobre pesquisa de campo em estudos literários**
Alan Osmo

320 **Camisa fora, sangue dentro: a roda do mal necessário e a vingança hereditária na tradução coletiva em *Abril Despedaçado***
Marlus Regis Alvarenga

321 **Cinema e surdez: um olhar dialógico na construção das personagens surdas sob um enlace de afetividade, música e ambiente**
Amanda Melo da Silva Lima

321 **Experiência fotográfica de flâneur no Quilombo Poços do Lunga**
Francisco Jadir Lima Pereira

322 **Geopoesia e dramaturgia em tempo de autoexílio: uma análise de *A sentença*, de Fernando Guimarães**
Adair de Oliveira Júnior

323 **Geopoesia e Flânerie em Machado de Assis: a ótica do transeunte no *Memorial de Aires***
Marcos Eustáquio de Paula Neto

324 **Narrativas do sertão à luz de conceitos de Walter Benjamin**
Rosa Amélia Pereira da Silva

325 **O espaço dialético e intertextual de *Os homens de barro*, de Ariano Suassuna**
Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

326 **Passagens de *Meu tio Roseno, a cavalo*, de Wilson Bueno: compondo limiares**
Eliza da Silva Martins Peron

327 **Poéticas olfativas na geopoesia de Goiás: imagens gourmands em "O prato azul-pombinho", de Cora Coralina**
Lemuel da Cruz Gandara

327 **Visões de uma etnoflâneur aprendiz em territórios literários de Minas**
Maria Cecilia Marks

329 **Simpósio 37**
História da literatura brasileira: exclusão e revisão
Maria Eunice Moreira
Sílvia Maria Azevedo

330 **"A Família Agulha": representações na prosa de ficção oitocentista de Luís Guimarães Júnior**
Rogério Perreira Borcem

331 **A História da Literatura como matéria romanesca**
Marilene Weinhardt

331 **A imprensa feminina piauiense nos séculos XIX e XX: Rastros e Memórias**
Algemira de Macêdo Mendes
Erika Ruth Melo Ciarlini

332 **As personagens femininas nas narrativas de Valesca de Assis**
Ariane Luisa Nedel

333 **Conhecendo o outro lado da historiografia da literatura surda no Brasil**
Diogo Souza Madeira

334 ***Machado*, a insustentável cura do Bruxo do Cosme Velho: o quando do romance**
Martina da Silva Schaedler

335 **Marcelo Gama na "Revista de Erechim"**
Mauro Nicola Póvoas

336 **República, povo e identidade nacional em *Os Sertões*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *A Conquista*: questões para a história da literatura**
Adeítalo Manoel Pinho

336 **Tuiatã: as cores e as aventuras de uma mulher, a saga de uma família e a (re)constituição do sul gaúcho**
Gisele Thiel Della Cruz

338 **Simpósio 39**
Literatura comparada, artes visuais e epistemologia(s) queer/cuir
Anselmo Peres Alós
Carlos Henrique de Lucas
Rosângela Fachel de Medeiros

340 **Gênero, identidade Queer e subcultura gótica em *Lost Souls*, de Poppy Z. Brite**
Andrio J. R. dos Santos

341 **Nem isto nem aquilo: masculinidades diversas nas autobiografias *A queda para o alto* de Anderson Herzer e *Erro de pessoa: Joana ou João?* de João W. Nery**
Caio Jade Puosso C. Gouveia Costa

342 **Pigmentos multicromáticos: poesia de autoria indígena LGBTQI+**
Jupiter Koroá Lima Cunha

343 **Simpósio 40**
Literatura e (con)figurações nas Amazônias
Márcio Araújo de Melo
Alexandre Silva dos Santos Filho
Luiza Helena Oliveira da Silva

345 **Do pedagógico ao performativo: duas percepções sobre Belém do Grão Pará de Dalcídio Jurandir**
Ariadna Ferreira Galvão

346 **Figurações da Amazônia na graphic novel *Castanha do Pará***
Ellen Aline da Silva de Sousa
Francisco Pereira Smith Júnior

347 **O agir do sujeito no mundo e seu horizonte de visão: relações éticas e estéticas entre Bruno de Menezes e Fialho D'Almeida**
Ana Cleide V. G. Guimbal de Aquino

348 **Simpósio 41**
Literatura e dissonância
André Dias
Rauer Ribeiro Rodrigues
Felipe Gonçalves Figueira

350 **"History is about to crack open": o anjo do apocalipse e a fantasmagoria em Angels in America de Tony Kushner**
Vanessa Cianconi

351 **A arte e o artista na escrita de Aldo Palazzeschi**
Eric da Silva Santiago

351 **A crise do eu burguês. Felisberto Hernández e sua inquietude estética frente às mudanças sociopolíticas uruguaias da época batllista**
María Pape

352 **A formação (não) humanística na obra *2666* de Roberto Bolaño**
Talita Jordina Rodrigues

353 **A natureza colaborativa da criação poética em Luís Carlos Patraquim**
Carina Marques Duarte

354 **A performance gestual das personagens como ruptura narrativa em Franz Kafka: reflexões acerca das ideias de gesto de Walter Benjamin**
Luísa Osório Rizzatti

355 **A vereda polimática até Thomas Pynchon**
Felipe de Medeiros Pacheco

356 **Apagamentos da memória e lugares do pensamento: lembrar, pensar o mundo com Tchékhov**
Susana Carneiro Fuentes

357 **As faces da opressão e do autoritarismo em *A noite da espera* e *Pontos de fuga***
Jesuino Arvelino Pinto
João Batista Cardoso

358 **As vozes em Vésperas: um estudo da intertextualidade e da referencialidade no conto Clarice**
Sara Gonçalves Rabelo

358 **Contos dissonantes: Lima Barreto e seu projeto ético e estético**
Renata Aguiar Nunes

359 **Eu sou Graciliano / Graciliano sou eu: impressões gracilianas na interpretação de Carlos Vereza e de Silviano Santiago**
Gabriela Rocha Rodrigues

360 **Interpretação dialética marxista de ¿Para cuándo son las reclamaciones diplomáticas? de Valle-Inclán**
Gustavo Rodrigues da Silva

361 **Os 3 pontos da poesia em "Estas Estórias": "Bicho Mau"**
Joao Paulo Santos Silva

362 ***Pedra Bonita* e *Cangaceiros* de José Lins do Rego: a saga de uma família proletária nordestina e as revisões críticas atuais sobre a gênese da subcidadania no Brasil**
Victor Hugo Adler Pereira

363 **Subjetividades do eu contemporâneo: poética da desrazão no romance *Teatro*, de Bernardo Carvalho**
Elizabeth Cardoso

364 **Um parasita de longa data**
Iasmim Santos Ferreira

365 **Simpósio 42**
Literatura e ensino da teoria à prática: desafios do professor-pesquisador na educação básica
Erica Cristina Bispo
Cristiane Felipe Cortês
Adauto Locatelli Taufer

367 **A articulação do professor na formação de leitores dentro e fora da educação básica**
Rosalina Albuquerque Henrique
Fábio Matos Carneiro

368 **A leitura literária na sala de aula: pesquisa, prática e inquietações de uma docente**
Caroline Valada Becker

369 **Da leitura da palavra para a leitura do mundo: relato sobre a prática de rodas de conversa nas aulas de literatura**
Ana Cláudia de Oliveira da Silva

370 **Ensino de literatura e educação literária na formação docente de professores de espanhol da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais: análises e considerações multidisciplinares**
Italo Oscar Riccardi León

371 **Literatura afro-brasileira e teoria pós-colonial: Uma proposta de educação para as relações étnico-raciais**
Andreia Lívia de Jesus Leão

372 **O diálogo possível: contribuições da filosofia enunciativo-discursiva para o ensino de literatura sob perspectiva pedagógica histórico-crítica**
Sâmella Priscila Ferreira Almeida
Maria Amélia Dalvi

373 **O ensino de Literatura na BNCC na etapa do ensino médio: caminhos e descaminhos**
Micheline Madureira Lage

374 **O que é literatura? Reflexões das noções de literatura presente nos livros didáticos**
Camila Gomes Varela

375 **Um experimento com *Hamlet*, em uma escola pública de Santa Maria/RS**
João Pedro Wizniewsky Amaral

376 **Simpósio 43**
Literatura e memória: processos criativos e traduções das escritas de si
Elizamari Rodrigues Becker
Luciana Wrege Rassier

378 **A escrita como memória e ressignificação de si em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende e *Mar Azul*, de Paloma Vidal**
Bruna Santiago dos Reis

379 **A escrita dos rituais performáticos: pequenas frestas entre o transe no terreiro de candomblé e a vertigem do corpo que dança**
Renata Borges de Azevedo

380 **A relação entre performance e autoficção em *Não Escrever*, de Paloma Vidal**
Katerina Blasques Kaspar

381 **A violência traduzida em palavras: *La vie sans fard* [A vida sem maquiagem] (2012), uma autobiografia de Maryse Condé**
Kelley Duarte

381 **De Santiago de Compostela a Montevidéu com o coração; a outros mundos em tradução: comentários à tradução de Relatos de um emigrante, de Manuel Losa, ao português brasileiro**
Andrea Cristiane Kahmann

382 **Diários de Maria Isabel Silveira (1880–1965): rastros do pensamento em ação**
Mariana Diniz Mendes

383 **Escrita de si, escrita da memória na literatura anglófona de Kazuo Ishiguro**
Tiago Ferreira Pereira

384 **Legados da ficção e da memória: Boris Schnaiderman e a escrita de si**
Evelina de Carvalho Sa Hoisel

385 **Marguerite Duras e uma (re)construção de memórias**
Isabela Magalhães Bosi

385 **Marguerite Duras: a escrita de si em *O Amante*, *A Dor* e *O Amante da China do Norte***
Maria Cristina Vianna Kuntz

386 **Memória e política na tradução brasileira de "Animal Farm", de George Orwell**
Lara Giselle Guardiano

387 **Memória popular de Evita na Argentina**
Rosa Maria da Silva Faria

388 **Memórias desdobradas em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar e *O meu canto de amor a Jequié* de Pacífico Ribeiro**
Silvana Maria Pantoja dos Santos

389 **Narrativas autobiográficas: uma análise comparativa entre a obra literária *Hospício é Deus: diário I* (1975) e o documentário audiovisual *Santiago* (2007)**
Tamiris Tinti Volcean

390 **Por entre lugares, identidades e memórias: a escrita de Igiaba Scego**
Helena Bressan Carminati

391 **Retratos de uma mulher em *Querido Diego, te abraza Quiela* de E. Poniatowska**
Solange do Carmo Vidal Rodrigues

392 **Ricardo Lísias: a memória como vetor de intervenção performática**
Felipe Garzon Sut

393 **Um diálogo entre 'Fantasmas', de Calle e Auster**
Gabriela Semensato Ferreira

---

395 **Simpósio 44**
Literatura e música: teoria, história e crítica
Dennys Silva-Reis
Marcelo Alves Brum
Rita de Cássia D. dos Santos

397 **"Nada é de ninguém" – o recado da Nova MPB**
Pedro Bustamante Teixeira

398 **"Sem lei nem rei": três transfigurações da tragédia brasileira nas escrituras e vocalidades de Campos, Suassuna e Capiba**
Célia Patrícia Sampaio Bandeira
Celso Garcia de Araújo Ramalho

398 **A literatura como veículo de crítica musical: as "narrativas musicais" de E.T.A. Hoffmann**
Beatriz Terreri Stervid

399 **Considerações sobre a paródia na música de Gustav Mahler**
João Felipe Gremski

400 **Manicômio, Música, e Mito Moderno: revelações lítero-musicais**
Sidney Barbosa
Sidnei Sousa Costa

401 **Pathos pop em "You were right"**
Lauro Iglesias Quadrado

402 **Tradução via música: os cantos de Marie Tudor e Ruy Blas**
Mateus Roman Pamboukian

402 **Transgredir, transformar, transcriar a música: Aplicabilidade da teoria da transcriação de Haroldo de Campos na Performance musical**
Susana Castro Gil

403 **Um estudo sobre a canção "Porque", de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Francisco Fernandes**
Karoline da Rosa Pereira

---

405 **Simpósio 45**
Literatura e outras artes: provocações miméticas e metaficcionais
Pedro Felipe Martins Pone
Sarah Maria Forte Diogo
Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva

407 **Entre laços e lanças: a construção da identidade feminina através da metaficção histórica em *O retrato do rei***
Cristina Reis Maia

407 **Esaú e Jacó: rivais para sempre**
Rosiléa Ribeiro do Amaral Ferreira

408 **Quem deixou o monstro entrar? Reflexões acerca da identidade da família na Irlanda da Fênix Celta – Analisando o filme The Canal (2014), de Ivan Kavanagh**
Sanio Santos da Silva

---

410 **Simpósio 46**
Literatura e religiosidade
João Leonel
Marcos Aparecido Lopes
Ana Claudia da Silva

412 **Ética e sacrifício na contemporaneidade portuguesa**
Ana Cristina Joaquim

412 **"No Epicentro das Trevas": Emblemas do Anticristo no romance "Voyage to Alpha Centauri" de Michael David O'Brien**
Victor Hugo P. de Oliveira

413 **A contribuição literária da genealogia de Jesus para o discurso do evangelho de Mateus**
Ricardo Cesar Toniolo

414 **A mística do fenômeno saturado em *A paixão segundo G.H.***
Valentina Thibes Dalfovo

415 **As representações do sagrado e das tecelãs em poemas de Dora Ferreira da Silva e Natália Correia**
Ana Maria Ferreira Côrtes

416 **Entre a vida e a morte, as labirínticas veredas no imaginário religioso do universo rosiano em Páramo**
Edna Tarabori Calobrezi

416 **O "Apocalipse Mínimo" de Noemi Jaffe**
Josilene Moreira Silveira

417 **O antiprofeta bíblico: relações intertextuais entre o livro de Jonas e a sátira menipeia**
Lucas Alamino Iglesias Martins

418 **O dilema moral na religiosidade da obra "O Missionário"**
Camila Maiara Costa Oliveira Prado

---

420 **Simpósio 47**
Literatura e tecnologia – futuros (im)possíveis
Vinícius Carvalho Pereira
Andréa Catrópa da Silva

422 **A presença no jogo da voz: o audiolivro de *Paranoia*, de Roberto Piva**
Rodrigo Fernandes Ferreira Brito

423 **A formulação da linguagem de ficção científica na condição humana de "O aquário"**
Graziela Campana Drago

424 **A máquina cibernética literária: As Cosmicômicas, de Italo Calvino**
Guilherme de Figueiredo Preger

425 **As influências de subgêneros de literatura eletrônica na constituição do formato visual novel**
Pedro de Souza Melo

425 **Corpos indestrutíveis: o corpo humano como produto customizável na ficção científica do século XXI**
Francisco Magno Soares da Silva

426 **Distopia e trabalho cultural: da ficção científica às plataformas digitais**
André Carvalho

427 **Poesia e tecnologia: o livro *Grão*, de Álvaro Andrade Garcia**
Carmélia Daniel dos Santos

428 **Possibilidades narrativas em meio digital: literatura eletrônica e quadrinhos se encontram**
Maiara Alvim de Almeida

429 **Reflexiones sobre archivo, preservación y literatura digital en Latinoamérica**
Carolina Gainza Cortes

430 **Tecnologia e Afrofuturismo: um estudo de Midnight Robber e O caçador cibernético da Rua Treze**
Fernanda Sousa Carvalho

---

431 **Simpósio 48**
Literatura e testemunho: teorias, limites, exemplos
Marcelo Ferraz de Paula
Wilberth Salgueiro

433 **"Um livro em forma de lápide": testemunho e luto em *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski**
Izabel Maria Fonseca Vieira Sá

433 **A linguagem do trauma**
Maria Isolina de Castro Soares

434 **A ocupação do terreno autobiográfico por pessoas trans como política de memória**
Leocádia Chaves

435 **Des/reterritorialização em Deleuze e Guattari e a literatura de testemunho latino-americana**
Liana Marcia Gonçalves Mafra

436 **Experiências da infância no Brasil e no exílio à época da ditadura militar: uma análise da narrativa testemunhal "Adotados pela revolução cubana", de Virgílio Gomes da Silva Filho e da narrativa ficcional "Meninos sem pátria", de Luiz Puntel**
Ladyana dos Santos Lobato

437 **Manifestações, perseguição política, vozes do cárcere: uma análise de A pequena prisão, de Igor Mendes**
Ana Luísa de Castro Soares

438 **Reflexões sobre a relação entre o testemunho literário e as "comunidades imaginadas"**
Christian Marie Victor Simon Dutilleux

438 **Século XXI e literatura de cárcere no Brasil: O testemunho de Igor Mendes em "A Pequena prisão"**
Guilherme Henrique F. Pimentel

439 **Testemunho e Memória: o limiar da obra de Luisa Carnés**
Ana Paula Cabrera

441 **Simpósio 49**
Literatura e tradução em diálogos transdisciplinares
Anna Palma
Germana Henrique Pereira
Rony Márcio Cardoso Ferreira

443 **"Antígona" de Brecht a Malina**
Roberta Cantarela

443 **As Tendências Deformadoras, de Antoine Berman, aplicadas na tradução da obra *Rouge Brésil*, de Jean-Chriostophe Rufin, para o português**
Laís Crepaldi Henriques

444 **Branca de Neve de Roald Dahl e a tradução de Luciano Vieira Machado: um diálogo**
Valquiria Pereira Alcantara

445 **Sobre *The Purple Land*, de Guillermo/William Hudson: questões de língua, identidade nacional e tradução**
Leila Cristina de Melo Darin

446 **Temas, contexto e fontes para uma tradução transdiciplinar da obra de Girolamo Fracastoro (1476 ou 1478 -1553) para o português brasileiro**
Karine Simoni

447 **Tradução e romantismo na França do século XIX**
Lia Araujo Miranda de Lima

447 **Traduzindo o Brasil: Giuseppe Ungaretti e sua coletânea "Pau Brasil"**
Amanda Bruno de Mello

448 **Traduzindo William Carlos Williams: cortes que abrem novas possibilidades de leitura**
Amarílis Lage de Macedo

449 **Un étrange affaire: a tradução francesa do conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa**
Elvis Borges Machado
André Luiz Moraes Simões

451 **Simpósio 50**
Literatura e violência de gênero
Marlise Vaz Bridi
Nicia Petreceli Zucolo

453 **"Matres": narrativas do abandono, da dor e da traição em *A paixão segundo Constança H*. e em *Meninas*, de Maria Teresa Horta**
Maria Luiza Germano De Souza

454 **A atração pelo abismo: Marcelina, K e Letícia sob o signo do autoaniquilamento**
Manuela Rodrigues Santos

455 **A figura feminina e a violência contra a mulher em *Garotas Mortas,* de Selva Almada**
Patrini Viero Ferreira

455 **A fratura da subjetividade em "A vida invisível de Eurídice Gusmão", de Karim Aïnouz, e "Como nossos pais", de Laís Bodanzky**
Giseli Cristina Tordin

456 **A periferia tem dois gêneros: sexismo e cultura do estupro em *Capão Pecado***
Ariel Oliveira Leite de Souza
Giulia Guadagnini Barbosa

457 **A proscrição dos monstros sociais: as violências sofridas pelos casais lésbicos em *Exílio*, de Lya Luft, e *American Horror Story (Asylum)*, de Ryan Murphy e Brad Falchuk**
André Pereira Feitosa
Ronara Cristina Bozi dos Reis

458 **A representação do trans em *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron**
Lilian G. dos Santos O. da Silveira

459 **A sororidade em *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis (2016): uma análise feminista das personagens femininas**
Jaísa Girardi Morais

459 **A violência presente na ficção histórica *Kindred – laços de sangue* de Octavia Butler**
Camile Fernandes Borba

460 **As cores profundas dos cativeiros sociais**
Letícia Mendes Perez Reche

461 **Clara-Homem e Luzia dos Anjos: uma leitura indisciplinada do assédio sexual na literatura brasileira**
Karine Mathias Döll

462 **Dulcíssima Maria, irmã de Leonor: a via-crúcis de D. Maria de Almeida Portugal em *As Luzes de Leonor*, de Maria Teresa Horta**
Elisangela Aneli Ramos de Freitas

463 **Intimidade e cidadania em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**
Valerie Osorio-Restrepo (The University of Texas at Austin)

464 **Leontina das Dores, uma "bicha" e "bambina", em Macau**
Mônica Muniz de Souza Simas

464 **Luto irrealizável em Rútilo nada, de Hilda Hilst – restos de uma encruzilhada que, no Peloponeso, faz barreira a Tebas**
Wallace Byll Pinto Monteiro Jr

465 **Representações de violência contra a mulher no romance "Meu marido", de Lívia Garcia-Roza**
Aline Teixeira da Silva Lima

466 **Repressão e resistência: As figurações da cidade em 'E se eu fosse puta', de Amara Moira - considerações finais de pesquisa**
Leandro Souza Borges Silva

---

467 **Simpósio 51**
Literatura em tradução e adaptação: perspectivas contemporâneas
Yuri Jivago Amorim Caribé
Lauro Maia Amorim
John Milton

469 **A tradução da obra *Água Viva* (1973) para o inglês: aspectos ideológicos da literatura clariceana no exterior**
Yasmin Maria M. Torres Galindo

470 **Adaptação fílmica da novela *La ciudad y los perros* do escritor Mario Vargas Llosa**
Rocio Del Carmen Celis Lozano

471 **Adaptação, tradução e apropriação antropofágica: novas politizações de Shakespeare**
Renato Gonçalves Lopes

472 ***O alienista* em *graphic novel*: uma tradução fidedigna da experiência do texto original?**
Jeferson de Moraes Jacques

472 **Reflexões sobre a posição da tradução no polissistema de Tolkien**
Isabella Aparecida Nogueira Leite

---

474 **Simpósio 52**
Literatura infantil/juvenil: teorias e práticas em diálogos
Beatriz dos Santos Feres
Regina Michelli

476 **"Nossos lábios se encontraram": o que as cenas de beijo revelam nas distopias juvenis**
Cássia Farias Oliveira dos Santos

477 **A brétema: a literatura infantil galega e a luta contra o apagamento cultural**
Thayane Gaspar Jorge

478 **A colcha de João como um espaço transicional: um estudo de João por um fio**
Luciana Borges Conti Tavares

478 **A língua que a paixão fala: estilística do amor na literatura infantil**
Samira dos Santos Ramos

479 **Configurações dos monstros na obra infantil de Madame Chrysanthéme**
Alexandre de Castro Gomes

480 **Contos de fadas feministas: uma análise das princesas dos estúdios Disney ao longo dos anos**
Bruna Vieira Dorneles

481 **Do "era uma vez" ao "não é não": imaginários e educação sexual**
Vívian Lúcia Xavier Pereira
Roberta Viegas Noronha

482 **Não se assuste: um olhar para a experiência de leitura em um livro infantil de poesia e ilustrações**
Sabrine Amalia Antunes Schneider

482 **O desenvolvimento feminino em contos de fadas com personagens transfigurados: animalização em *A Bela e a Fera* e *Pele de asno***
Karen Cristina Schuler da Silva

483 **Os sentidos do maravilhoso em *A Chegada*, de Shaun Tan**
Gisele Gemmi Chiari

484 **Pela lente do cinema: uma análise do livro "A maior flor do mundo"**
Juliana Pádua Silva Medeiros

485 **Presença do maravilhoso na obra de Rosana Rios**
Flávia Côrtes de Alencar

486 **Princesas Feministas? Um estudo acerca do contrato comunicativo nos livros infantis e juvenis**
Raquel Monteiro de Rezende
Janayna Rocha da Silva

487 **Ricardo Azevedo no ensino médio da Rede Estadual de São Paulo**
Dayse Oliveira Barbosa

488 **Transtextualidade e reflexões na dramaturgia infantojuvenil de Oscar von Pfuhl**
Cláudia de Andrade Souto

489 **Wish e Xar: performance de gênero em The Wizards of Once**
Páscoa Maria Pereira Duarte

---

490 **Simpósio 53**
Literatura, cultura e identidade na/da Amazônia: diálogos transdisciplinares
Roberto Mibielli
Luciana Marino do Nascimento
Maria do Perpétuo Socorro G. Simões

492 **Cultura e identidade na terra onde florescem as seringueiras: Uma leitura da letra da música Rimadeira de Álamo Kário**
Saide Feitosa da Silva
Willianice Soares Maia

---

494 **Simpósio 54**
Literatura portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas
Gabriela Silva
Inara de Oliveira Rodrigues
Ilse Maria Vivian

495 **Espectros do salazarismo na ficção de António Lobo Antunes**
Leonardo von Pfeil Rommel

496 **Tradição feminina e descontinuidades genealógicas na poesia de Adília Lopes**
Erica Martinelli Munhoz

---

497 **Simpósio 55**
literaturas interartes: multimídia, mixed-media, intermídia
Carolina Alves Magaldi
Juliana Steil
Otávio Guimarães Tavares

499 **"Edições AKANA": criações intermídia a partir da Literatura expandida de "Aka Ana", de Antoine d'Agata**
Maruzia de Almeida Dultra

500 **A crítica literária frente à obra de Gustavo Piqueira: uma investida de "remediação" no objeto livro**
Luis Carlos Girão

501 **A Meia-Realidade em Ficção Interativa: Lotro, uma intermídia a partir da literatura**
Lis Yana de Lima Martinez

501 **A produção multimidiática de Lourenço Mutarelli: Relações intermidiáticas em *Miguel e os demônios* (2009)**
Cláudia Erthal

502 **Diálogos interartísticos em *Mirleos*, de João Miguel Fernandes Jorge**
Nathália Primo Patrício

503 **Um microcosmo revelador: a audição musical nos romances *Em Busca Do Tempo Perdido* de Marcel Proust e *Il piacere* de Gabriele D'Annunzio**
Elena Gallorini

---

504 **Simpósio 56**
Literaturas, africanidades descolonização: reflexões sobre escrevivências
Felipe Fanuel Xavier Rodrigues
Luiz Henrique Silva de Oliveira
Paulo Dutra

505 **"Meu canto é um canto de exílio": ao rufar dos tambores, a fuga de Ruanda e o retorno à África em Cœur tambour, de Scholastique Mukasonga**
João Marcos Reis de Faria

506 **"Eu virei fúria": reflexões sobre o livro *Compaixão* de Toni Morrison como romance decolonial de formação**
Natalino da Silva de Oliveira

507 **A oralitura de Patrick Chamoiseau em Solibo Magnifique: escrevivência no contexto antilhano**
Jéssica de Souza Pozzi

508 **A tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas: o encontro da brasileira Carolina Maria de Jesus com a martinicana Françoise Ega**
Samanta Siqueira

509 **Conceição Evaristo: uma escritora popular na vida literária brasileira do século XXI**
Vagner da Rosa Amaro

509 **Conotopos e Escrevivências em "Inundação" de Mia Couto**
Vania Maria Colaço Silva

510 **Escrevivência e memória cultural em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz**
Jéssica Catharine B. de Carvalho

511 **Escreviver: o verbo resistência de Conceição e de Chimamanda Adichie**
Telma Borges da Silva

512 **Literatura e oralidade em "Verre Cassé", de Alain Mabanckou**
Rayza Giardini Fonseca

512 **O lirismo romântico de Luiz Gama nas poesias "Minha Mãe" e "Teu Nome"**
Magnólia Ferreira Cruz da Paixão

513 **Paulina Chiziane: a escrita literária como estratégia política de reconstrução da sua própria história**
Márcia Neide dos Santos Costa

---

515 **Simpósio 57**
Machado de Assis, crítico da cultura brasileira
Juracy Assmann Saraiva
Marcelo Diego

517 **A escrita da escuta de Machado de Assis**
Luciana Antonini Schoeps

518 **A loucura na obra machadiana: um diagnóstico do liberalismo à brasileira**
Elisana Dias Borges

519 **As Americanas e a colonização da cultura brasileira**
Maria da Glória Bordini

519 **Entre Pombinha e Arminda: a mulher pode ser protagonista das histórias/da História?**
Christini Roman de Lima

520 **O intérprete do intérprete: a transposição fílmica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis**
Márcia Rohr Welter (Universidade Feevale)

521 **O primeiro Machado e sua atuação jornalística**
Luiza Helena Damiani Aguilar

521 **Quixotismos machadianos**
Márcia Denise da Rocha Collinge

522 **Sobre roupas e jornais: o conto machadiano na Gazeta de Noticias**
Bruna da Silva Nunes

523 **Uma sociedade de medalhões refletida nos espelhos machadianos: proposta de leitura para o Ensino Médio**
Débora Bender

---

525 **Simpósio 58**
Manifestações da religiosidade na literatura: transdisciplinaridade e representações identitárias
Evaldo Balbino
Leni Nobre de Oliveira
Tereza Ramos de Carvalho

527 **A encruzilhada entre o popular e o erudito no mito fáustico de *Grande sertão: veredas***
Lucas Silveira Fantini da Silva

528 **Hábito e escrita: literatura conventual nos séculos XVI e XVII**
Amanda Luzia da Silva

529 **Religiosidade e transdisciplinaridade canônica na formação da identidade do brasileiro**
Leni Nobre de Oliveira
Rosanna Cinthya dos S. Oliveira

---

531 **Simpósio 60**
Narrar Portugal: a ficção portuguesa contemporânea
Mauro Dunder
Paulo Ricardo Kralik Angelini
Profa. Dra. Raquel Trentin Oliveira

533 **"O vento assobiando nas gruas": o horror colonial, em Lídia Jorge, e a necropolítica, em Achille Mbembe**
Dilma Beatriz Rocha Juliano

534 **A relativização da verdade e suas possibilidades narrativas em "O vento assobiando nas gruas", de Lídia Jorge**
Esther Costa Faria

534 **Do silêncio e do grito: As cartas de António Lobo Antunes em Angola**
Camila Savegnago

535 **Entre o visível e invisível: uma vida que se instala**
Andreia Scheeren

536 ***História do cerco de Lisboa*, de Saramago, e *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela: subversão de modelos clássicos como representação de uma narrativa pós-colonial**
Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

537 **O romance com a China: sobre *Nocturno em Macau*, de Maria Ondina Braga**
Gerson Luiz Roani

538 **Processos de figuração da personagem em *Casas Pardas*, de Maria Velho da Costa**
Gisele Seeger

539 **Rastros da dominação colonial em *Vermelho*, de Mafalda Ivo Cruz, e *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida**
Samla Borges Canilha

540 **Um romance histórico sobre 1974: Crónica do cruzado Osb., de Agustina Bessa-Luís**
Marcos Vinicius Caetano da Silva

541 **Simpósio 61**
Naturalismo/naturalismos
Leonardo Mendes
Haroldo Ceravolo Sereza

543 **"Alma em delírio": um romance naturalista esquecido**
Rodrigo Donizeti Mingotti

544 **A estética do sublime na narrativa naturalista**
Juliano Fabrício de Oliveira Maltez

544 **A poligrafia de Pedro Rabelo**
Riane Avelino Dias

545 **Feminino e herança patriarcal no romance naturalista *Dona Guidinha do Poço***
Gabriela Ramos Souza
Roseli Barros Cunha

546 **Os poemas em prosa de estética naturalista em Camille Lemonnier e Joris-Karl Huysmans**
Rubens Vinícius Marinho Pedrosa

547 **Rodolfo Teófilo: um desafio para pensar o Naturalismo**
Adriana de Paula Moraes

548 **Sobre o capital literário de Émile Zola no Caso Dreyfus**
Eduarda Araújo da Silva Martins

549 **Um naturalismo para o século XIX: *Serotonina*, de Michel Houellebecq**
Lucas Bandeira de Melo Carvalho

550 **Simpósio 62**
Pertinência e operalidade da noção de fonte na área dos estudos literários
Roberto Acízelo de Souza
Constantino Luz de Medeiros

550 **Os prefácios de Paulo Rónai para obras literárias brasileiras: o caso de *Brazilia Üzen (Mensagem do Brasil)* – 1939**
Andreia Carla Lopes Aredes

552 **Simpósio 63**
Poesia e transgressão
André Cechinel
Cristiano de Sales

554 **A poesia participante de Haroldo de Campos**
Raquel Bernardes Campos

555 **A transgressão do corpo e da palavra em *Cantares*, de Hilda Hilst**
Karen Mayuri Okuda

555 **Ana Cristina César: na contramão**
Camila Nakamura Vieira

556 **As imagens poéticas do surrealismo como principal instrumento de transgressão dos surrealistas portugueses**
Clelio Toffoli Júnior

557 **Florbela Espanca: a pantera enjaulada**
Iracema Goor

558 **Liberdade e transgressão na poesia de Nascimento Morais Filho**
Natércia Moraes Garrido

559 **Luiz Bacellar e o mundo poético contido nos frutos**
Fabio Fadul de Moura

559 **Metafísica da palavra: travessia poética em Guimarães Rosa**
Marcos Roberto Pinho Palheta

560 **Não se deixar paralisar pelos esquemas paralisantes: a escrita de Cacaso em jornais**
Maria Fernanda dos Santos

561 **Nada se perde, tudo se transforma (em Marília Garcia)**
Rayi Kena Ferraz da Cunha de Souza Teixeira

562 **Orides Fontela: por uma "semântica da proximidade"**
Nathaly Felipe Ferreira Alves

563 **Passagem das horas e dos lugares em Fernando Pessoa**
Annita Costa Malufe
Karen Cristina Teixeira Pellegrini

564 **Por uma epigênese poética em H. Dobal: corpo-e mente-experiência em semiose**
Josivan Antonio do Nascimento

565 **Simpósio 64**
Poesia: leitura, performance, endereçamento e circuitos
André Luiz de Freitas Dias
Leonardo Davino de Oliveira
Marcelo dos Santos

567 **É para você que escrevo ou a poesia dialógica de Ana Martins Marques**
Daniel Aparecido Veneri

568 **A metalinguagem expandida e a insistência do real em "O real resiste" de Arnaldo Antunes**
Glauber Mizumoto Pimentel

568 **A poesia que transborda: O corpo atravessado de desejos de Ricardo Domeneck**
Samuel Ramos de Macedo

569 **A voz que emudece o mito**
Hilda dos Santos Silva

570 **Bordar é verbo destinatário: o avesso do gesto do poema**
Marina Baltazar Mattos

571 **Fabulação do fabuloso Cossan: quando "A personagem" é ruído de uma escrita performática de si**
Rodrigo Ségges Ferreira Barros

572 **Freitas Filho, da poesia ao cinema**
Cesar Augusto Garcia Lima

573 **Modos de habitar, modos de reabitar: Ana Martins Marques e os jardins que medram entre a tradição portuguesa e argentina**
Natália Barcelos Natalino

574 **Nas ruínas da representação: écfrase e metaficção em Clarice Lispector**
Ana Maria Vasconcelos M. de Castro

575 **Palavra gravada: fixação da performance, expansão do texto poético**
Enio Bernardes de Andrade

576 **Poesia, voz e corpo: o Poetry Slam no Brasil**
Fabiana Oliveira de Souza

577 **Theadoro Theodor: ou a poesia dentro de envelopes**
Ana Cristina de Rezende Chiara

578 **Simpósio 65**
Poética da emulação e anacronismo
João Cezar de Castro Rocha
Valdir Prigol

580 **"Elementar, meu caro Adso": Umberto Eco leitor de Arthur Conan Doyle**
Lilian Monteiro de Castro

581 **A historicidade do ciúme em "Ciúme e dúvida póstuma [*Dom Casmurro*, de Machado de Assis]", de João Cezar de Castro Rocha**
Roselaine de Lima Cordeiro

582 **Anacronismos, poética da emulação e *roman à clef* no romance *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães**
José Victor Neto

583 **Paratextualidade fictícia e o medieval revisitado em "A folha de hera: romance bilíngue", de Reinaldo Santos Neves**
Eduardo Costa Madeira

584 **Paz leitor de Nietzsche: preliminares à tese sobre os primeiros escritos de Octavio Paz**
Cristiano Egito Santiago Ramos

585 **Reflexões sobre emulação em *Esaú* e *Jacó***
Pedro Armando de Almeida Magalhaes

585 ***Roman à clef* e anacronismo deliberado em *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto**
Daniela Corrêa Siqueira

586 **Tradução literária historicamente informada**
Caetano Waldrigues Galindo

588 **Simpósio 66**
Poéticas da contenção: entre arte, palavras e silêncios
Deborah Walter de Moura Castro
Paulo Henrique Caetano

590 ***Água viva*: a palavra como medida do silêncio**
Flávia Lins e Silva

590 **A "desescrita" de Leila Danziger**
Thiago Grisolia Fernandes

591 **A língua como linha: ruído e imagem na poética de Ana Hatherly**
Clarissa Xavier Pereira

592 **A palavra única: exercícios de contenção na arte contemporânea**
Paula Cristina Luersen

593 **Idea Vilariño: seus nãos, nadas e nuncas**
Denise Rogenski Raizel

594 **Simpósio 67**
Polêmicas intelectuais na América Latina entre os séculos XIX e XX: retórica, cultura e história
Joana de Fatima Rodrigues
Marina Silva Ruivo
Sílvia Maria Azevedo

596 **Antonio Candido e a crítica latino-americana nos anos 1960**
Gabriel Cordeiro dos Santos Lima

597 **Simpósio 68**
Políticas de ensino/educação literária: matrizes, matizes, diretrizes
Wellington Furtado Ramos
Rosana Cristina Zanelatto Santos
Ana Crélia Penha Dias

599 **A leitura entre mutações e permanências: por uma educação literária na ubiquidade**
Luís Fernando Portela

600 **Aspectos sobre o ensino de literatura no Distrito Federal**
Gabriel Gomes Vieira

601 **BNCC e leitura literária: poucas matrizes, muitas diretrizes**
Débora Ventura Klayn Nascimento

601 **Considerações sobre transformações no ensino de literatura e currículo escolar**
Daniele Gualtieri Rodrigues

602 **Ensino de literaturas e culturas africanas e afro-brasileira na educação básica e superior**
Agnaldo Rodrigues da Silva

603 **Literatura e ensino: perspectivas dos documentos oficiais no ensino médio para a formação do leitor**
Danielle F. Souza

604 **O teatro no contexto da BNCC e do DRC/MT: um olhar para as abordagens possíveis em sala de aula**
Sidnei Boz

605 **Simpósio 69**
(Pro)ferimentos literários: o texto, o escritor e o intelectual
Fernanda Boarin Boechat
Daniel Martineschen

607 **A aula-espetáculo como autobiografia cômica de Ariano Suassuna**
Orleni Cunha Torres

608 **Além da ficção, aquém do documento: o romance como textualidade coextensiva**
Igor Ximenes Graciano

608 **Considerações acerca da prática intelectual no presente: explorando novas estratégias discursivas**
Jefferson Expedito Santos Neves

609 **Considerações sobre a figura do intelectual em Abdias: discurso e ação crítica na narrativa de Cyro dos Anjos**
Raul Gomes da Silva

610 **Considerações sobre a relação entre literatura e vida, ficção e realidade em *L'Insurgé* (1886), de Jules Vallès**
Karol Garcia

611 **Gide, Perec e a literatura em xeque**
Renata Lopes Araujo

611 **Osamu Dazai, Ango Sakaguchi e Taijiro Tamura: o movimento intelectual da decadência no Japão pós-guerra**
André Luiz Rodrigues Marinho

612 **Verdade e ficção na obra de Elena Ferrante**
Annalice Del Vecchio de Lima

614 **Simpósio 70**
Representações das mulheres nas literaturas de língua portuguesa a partir do século XIX: diálogos com outros campos do saber
Viviane da Silva Vasconcelos
Silvio Cesar dos Santos Alves
Andreia Alves Monteiro de Castro

616 **"A caça ao marido é uma instituição" (?): mulheres em (des)conformidade com o casamento na ficção queirosiana**
Tatiana Prevedello

617 **A representação feminina sob orientação da linguagem do sublime em Cecília Meireles: das femmes fatales às mulheres anônimas**
Sheila Juliana A. Dálio Batista

618 **Aspectos da velhice feminina em *As Centenárias***
Julio Cesar Larroyd de Barros

618 **Considerações sobre as personagens femininas em "A mulher e os espelhos", de João do Rio**
Sabrina Ferraz Fraccari

619 **Ismália, Joaninha, Ondina e Antônia: trajetórias Carés**
Elisiane da Silva Quevedo

620 **O combate cético e solitário das mulheres casadas na obra queirosiana**
Silvio Cesar dos Santos Alves
Lucas do Prado Freitas

621 **Pepa: a menina e moça de Maria Peregrina de Sousa**
Ana Cristina Comandulli

621 **Representações femininas em Riacho Doce, de José Lins do Rego**
Viviane da Silva Vieira

622 **Ser ou não ser? Representação feminina e estado civil segundo Maria Amália Vaz de Carvalho**
Elisabeth Fernandes Martini

624 **Simpósio 71**
Revisão da historiografia teatral: ler e reler fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos na dramaturgia
Elizabeth Ferreira C. R. Azevedo
Maria Clara Gonçalves
Fabiana Siqueira Fontana

626 **"Esse fogo de viver estilhaçando no corpo": a liturgia selvagem de José Vicente**
Esther Marinho Santana

627 **A ascensão da heroína trágica em Almida de Dorothea Celesia e Osmia de Teresa de Mello Breyner**
Robin Driver

627 **A presença de engajamentos antípodas no teatro brasileiro da década de 1960: uma análise de Arena Conta Zumbi e Roda Viva**
Stephanie da Silva Borges

628 **Dramaturgia e política no Novo Teatro Colombiano**
Juliana Caetano da Cunha

629 **Duas faces de uma expressão: um estudo comparado das poéticas expressionistas nas dramaturgias de Nelson Rodrigues e Hermilo Borba Filho**
Samantha Lima de Almeida

630 **Ensiqlopédia Qômica: riso e insólito em Qorpo-Santo**
Rodolfo Athayde de Morais

631 **José de Anchieta e Gil Vicente: A representação do Diabo e a tradição da condenação das almas**
Marina Gialluca Domene

631 **Marcas do gosto na Inquisição portuguesa: primeiro olhar**
Carlos Gontijo Rosa

632 **O último Stanislávski, visto através dos estenogramas de aulas no Estúdio de Ópera e Arte Dramática**
Diego Fernandes Garcia Moschkovich

633 **Rasgos de modernidade no teatro de Artur Azevedo**
Rodrigo Cézar Dias

634 **Uma releitura das fontes primárias: *Um Deus dormiu lá em casa*, de Guilherme de Figueiredo**
Flavia Maria Corradin

---

636 **Simpósio 72**
Romantismo e classicismo: atualidades de uma velha batalha
Andréa Sirihal Werkema
Maria Juliana Gambogi Teixeira

637 **A recepção de Shakespeare na França após as guerras Napoleónicas**
Roxanne Covelo

638 **A sobrevivência da estética romântica na obra de Barbey d'Aurevilly**
Maria Clara F. Guimarães Menezes

639 **A velha batalha entre o Romantismo e o Classicismo: um estudo da obra de John Milton**
Miriam Piedade Mansur Andrade

640 **Anacronismo e modernidade em Mallarmé**
Sandra Mara Stroparo

641 **Entre tradição e experimentação: da teoria da tragédia de Friedrich Schiller à configuração de personagens em *Maria Stuart***
Isabella Gonçalves Vido

642 **Hölderlin: apropriação e leitura dos gregos no século XVIII**
Carolina Meire de Faria

642 **O horológio iluminista: práticas letradas e habitus na Portugal setecentista**
Lucas Bento Pugliesi

643 **Ossian e as regras do gênio natural**
Thiago Rhys Bezerra Cass

645 **Simpósio 73**
Sobre diálogos transdisciplinares: a crítica textual interroga a tradição literária e não literária num exercício de "escovar a história a contrapelo"
Ceila Maria Ferreira
Manoel Mourivaldo S. Almeida
Viviane Arena Figueiredo

647 **"Arrancar a tradição ao conformismo": a secularização da exegese judaico-cristã na leitura da História de Auerbach e Benjamin**
Beatriz Moreira da Gama Malcher

648 **A mudança do discurso científico através da edição crítica de jornais no eixo Rio de Janeiro-São Paulo entre (1880 a 1910), uma mudança na mídia e na sociedade.**
Leandro Trindade Pinto

648 **O polissistema literário como perspectiva historiográfica para o território Abya Yala**
Elizabeth Suarique Gutiérrez

649 **Porque a correspondência passiva de João Cabral de Melo Neto ajuda a compreender sua experiência tipográfica catalã**
Priscila Oliveira Monteiro Moreira

650 **Revisitando Eça de Queirós em" tempos sombrios"**
Gisele de Carvalho Lacerda

651 **Violências (des)arquivadas: o tema da homossexualidade no ensaísmo de Mário de Andrade**
Ricardo Gaiotto de Moraes

653 **Simpósio 74**
Tradução e cultura
Sheila Maria dos Santos
Marceli Cherchiglia Aquino

655 **A tradução (inter)cultural de "Uma vida em segredo": representações da identidade cultural mineira em "A hidden life"**
Daniela de Azevedo

656 **Wild Things, monstros e yeshou : a adaptação cultural nas traduções da obra *Where The Wild Things Are*, de Maurice Sendak**
Jamilly Brandão Alvino

657 **Simpósio 75**
Tradução literária e as formas do outro
Gilles Jean Abes
Mauricio Mendonça Cardozo

659 **"As línguas na língua": quando escrever é (sempre) traduzir**
Maria Angélica Deângeli

660 **A perda, o umbigo do sonho, a cena primitiva e o intraduzível em Hélène Cixous**
Flávia Trocoli Xavier da Silva

661 **A tradução da atonia em "Esperando Godot"**
Tereza Cristina Damásio Cerqueira

661 **A tradução de *Maria Stuart*, de Friedrich Schiller, na obra poética de Manuel Bandeira**
Sylvia Tamie Anan

662 **A Tradução no Concreto: a linguagem poética de e.e. cummings por Augusto de Campos**
Ricardo Peres de Almeida

663 **Amazônia em tradução: as línguas indígenas se fazem presente no romance *Belén***
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento

664 **De Proust a Czapski: da tradução à obra**
Francisco Renato de Souza

665 **Dimensões da alteridade em duas traduções de *A Pornografia* de Witold Gombrowicz**
Janina Rodas

666 **Haroldo de Campos: isomorfismo e configurações do radicalmente outro na língua outra**
Matheus Jacob Barreto

667 **O feminino e a verdade na tradução**
Iamni Reche Bezerra

667 **O jogo infinito de máscaras: Plauto e Sastre autores do mesmo texto**
Sergio Maciel Junior

668 **Os objetos na poesia, a poesia-objeto e a tradução: o caso William Carlos Williams**
João Pedro Moura Alves Fernandes

669 **Paulo Leminski, tradutor de Maiakóvski**
Ivan Justen Santana

670 **Ritmo e poesia traduzida: princípios de expressão em "Mesmerism", de Ezra Pound**
Guilherme de Oliveira D. Filho

670 **Tradução em fuga: de Marcel Proust a Clarice Lispector, ou vice-versa**
Patrick Gert Bange

671 **Traduzir Maurice Blanchot: uma proposta ética de tradução em relação ao outro estrangeiro**
Davi Andrade Pimentel

---

673 **Simpósio 76**
Trânsitos plurais nos diálogos Brasil-Rússia
Denise Regina de Sales
Sonia Branco Soares

675 **A autoconsciência deflagradora da cisão da alma em A dócil, de Dostoiévski**
Samara Alves

676 ***A Ilha de Sacalina* e *Os Sertões*: ciência, literatura e a violência do Estado**
Lia Nogueira Marques

676 **A representação da sociedade ideal desde "Utopia", de Thomas More, até o quarto sonho de Vera Pávlovna, de Nikolai Tchernychévski**
Camilo Jose T. Lima Domingues

677 **A tarefa da crítica: L.S. Vygótski e os formalistas**
Priscila Nascimento Marques

678 **Da Amazônia aos pampas, dos pampas à estepe: pontos da tradução russa de *Linha do parque*, de Dalcídio Jurandir**
Raphael Bessa Ferreira

678 **Eisenstein, teórico da intermidialidade**
Erivoneide M. de Barros Pereira

679 **Jakobson na Checoslováquia: Emigração. Linguística. Espionagem?**
Valteir Vaz

680 **Lendo Púchkin à luz de Schlegel: ironia romântica no romance em versos Evguêni Oniéguin**
Gabriella de Oliveira Silva

681 **Narrativa e tempo em crise: uma análise sobre a escrita de Svetlana Aleksiévitch**
Rebeca Alexandre Magno

682 **O Sistema de Stanislávski e o Primeiro Estúdio do Teatro de Arte de Moscou: influência e desdobramentos no Brasil**
Daniela Simone Terehoff Merino

683 **Releituras dramatúrgicas e cênicas de Anton Tchékhov**
Cássia Regina Marconi Marcançoli

684 **Sobre o conceito de tradução na mostra *Vkhutemas: o futuro em construção, 1918-2018***
Neide Jallageas

685 **Um jornalista no exílio: a Imprensa Livre Russa de A. Herzen**
Giuliana Teixeira de Almeida

686 **Simpósio 77**
Usos políticos da memória e da história nas literaturas de língua portuguesa
Roberta Guimarães Franco
Renata Flavia da Silva
Daniel Marinho Laks

688 **"O que há de perseguir-nos sempre": as memórias da infância e da adolescência em romances portugueses contemporâneos**
Cristina Arena Forli

689 **Contrapontos da memória em romances de José Eduardo Agualusa**
João Gabriel Pereira Nobre de Paula

690 **Descaminhos de Mnemosine: memória e exílio na obra de Elisa Lispector**
Nicolas Ferreira Neves Jacintho

690 **Epígrafes: a economia do arquivo no espaço narrativo intersemiótico de Ana Miranda**
Daniela Silva da Silva

691 **História, memória e identidade em *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus: implicações políticas**
Daniela de Almeida Nascimento

692 **Memórias transparentes: modernidade e tradição vizinhas em Luanda**
Diana Gonzaga Pereira

693 **Teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa: um diálogo entre história e memória**
Christiane G Reis

694 **Uma narrativa da história angolana revelada nas linhas e entrelinhas da estória contada em *Quantas madrugadas tem a noite* de Ondjaki**
Renato dos Santos Pinto

695 **Informações sobre a presença online da ABRALIC**

Apresentação

No biênio de 2020/2021, a Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC – realizou a XVII edição de seus Congressos Internacionais sob a temática Diálogos Transdisciplinares, e vivenciou, em conjunto com toda a comunidade de pesquisadores que se vincularam ao evento e à instituição, um momento singular de aprendizagem e de reflexão para além do âmbito acadêmico. Em decorrência das turbulências da chegada e do alastramento da pandemia do Covid -19 em 2020, o mundo teve de se adaptar a novas formas de contato (e de não contato), a novas velocidades proporcionadas pelo inevitável tráfego em rede de todas as informações e, no âmbito acadêmico, às novas demandas do compartilhamento de pesquisa em formato exclusivamente virtual. Nesse sentido, a ABRALIC se viu imersa na necessidade imediata de se reorganizar e se reeelaborar para acolher e dar suporte aos pesquisadores e estudantes que desejavam compartilhar suas pesquisas em meio a um ambiente cercado de incertezas.

Sendo assim, a gestão do biênio, sediada em Porto Alegre e sob a responsabilidade de pesquisadores docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), agradece imensamente à comunidade acadêmica pela intensa participação no congresso e pelo engajamento demonstrado no sentido de contribuir para a boa realização do evento. No ano de 2020, o XVII Congresso ABRALIC contou com a presença de mais de 1700 participantes entre simposistas, comunicadores, apresentadores de pôsteres e ouvintes. No presente e-book, encontram-se os resumos das comunicações inscritas no XVIII Congresso Internacional ABRALIC de 2020 e apresentadas em modo inteiramente virtual.

Os resumos aqui reunidos são uma amostra do fazer comparatista da atualidade, resultado de um longo percurso da ABRALIC em seu papel de associação responsável por promover e instigar os estudiosos da área ao longo de seus trinta e quatro anos de existência. A partir dos trabalhos apresentados, desenvolvem-se leituras, discussões e reflexões que levam pesquisadores de todo o mundo a se dedicarem ao estudo de obras literárias e a observarem novas presenças, vozes e artes, trazendo à tona a elaboração de muitos diálogos transdisciplinares, tema do XVII Congresso ABRALIC e um dos objetivos fundamentais da Literatura Comparada hoje.

Os organizadores

Resumos ABRALIC 2020

Simpósio 2
A circulação e a espera: estudos sobre revistas literárias e culturais latino-americanas dos séculos XX e XXI

Laíse Ribas Bastos (UFRJ)
Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC)
Jeferson Candido (UFSC)

Resumo A leitura e análise de periódicos literários e culturais latino-americanos que circularam ou circulam a partir do século XX permite investigar e aprofundar os estudos da produção cultural da região em contextos diversos, por meio de releituras da tradição literária, da construção e desconstrução de cânones, e da identificação de linhas de pensamento no âmbito da literatura, da política, e da cultura. Nesse processo de leitura, revisão e investigação de periódicos, é preciso que se considere seu permanente caráter de transformação, isto é, os modos de difusão dos periódicos pressupõem tempos distintos: um tempo de circulação (e o olhar atento ao contexto social, histórico e político circundante), mas, também, um tempo de espera, um tempo de suspensão até que circule novamente, dessa vez, como objeto lido. Uma operação que vai da leitura à reconstrução desse objeto, conforme aponta Pablo Rocca (2007) ao analisar a natureza e a função das revistas no campo da cultura latino-americana. Trata-se, portanto, de considerar uma operação múltipla, nas eleições, recortes, sanções, preferências e exclusões realizadas desde a elaboração de um projeto para uma revista até sua efetiva circulação e recepção por um determinado público. Nesse sentido, Rocca afirma que as revistas sempre operam em **diálogo** – ou, se preferirmos ler com Roland Barthes (2004), assimilam uma faceta **intertextual** – com outras publicações, outros livros, "acontecimentos da vida concreta, ideológica, filosófica e cultural" (ROCCA, 2007), públicos diversos para além daquele esperado, e contextos outros. Há, porém, em todo esse movimento, certa complexidade, conforme lembra Raúl Antelo em "As revistas literárias brasileiras" (1997), ao propor, mais especificamente, que a revista literária seja pensada como uma forma da crítica e, assim, estabeleça com ela "relações bastante tensas", uma vez que a natureza da crítica, apesar de múltipla, é hierárquica e normativa. Já a revista literária sempre poderá ser tomada em uma perspectiva horizontalizada e oferecer múltiplos enunciados, "nem sempre passíveis

de unificação ou convergência", porém sempre aberta à rearticulação de discursos e da própria crítica, em redes aleatórias capazes de mediar e validar discussões literárias, sociais e culturais (ANTELO, 1997). Tomadas como objetos moventes, as revistas estabeleceriam, portanto, um "desafio no tempo" (ROCCA, 2007), especialmente quando pensadas de acordo com a proposição de Beatriz Sarlo (1992) de que a **forma revista**, em sua prática de produção e circulação, tem sua autenticidade determinada para um tempo presente, apresentando-se, assim, como uma das modalidades de intervenção cultural que considera sobremaneira um público imaginado como espaço de alinhamento, mas, também, de conflito – o que determinaria sua abertura para uma "escuta contemporânea". Para Sarlo o tempo presente estaria "incrustado" nas revistas mesmo quando convertidas em objetos do passado: tudo o que propuseram em algum momento da história será incorporado a uma cultura comum (os livros, as instituições e as práticas) ou será "triste evidência de um fracasso que foi, em seu momento, uma aposta perdida" (SARLO, 1992). Por outro lado, há de se considerar ainda certa ambivalência das revistas quando pensadas, também, a partir do arquivo de textos que encerram, arquivo esse próprio a certos sistemas de acontecimentos e coisas em condições, possibilidades e campos de utilização (FOUCAULT, 1995). Assim, retomando o pensamento de Raúl Antelo e apontando para a abordagem feita por Camargo (2003), o periódico passa a ser tomado como objeto que pode ter suas funções rearticuladas, pressupondo todo o trabalho de escavação, investigação e descrição que o condicionaria em primeira instância como arquivo, mas, além disso, um objeto vivo e ativo cuja característica é, também, sua abertura para o futuro, guardando em si um desejo de memória e permanência – conforme sugere Derrida (2001) ao tratar da ambivalência do arquivo. Desse modo, pode-se entender ainda que o passado do arquivo guarda, também, sempre uma possibilidade de vir a ser. Ou seja, tendo em vista seu processo de formação e circulação, as revistas podem, ainda, ser pensadas como formas organizadoras do campo literário e artístico, construindo-se, simultaneamente como elementos que instituem e dão voz a distintos grupos (artísticos e intelectuais), os quais, ao elegerem suas próprias afinidades, "valem-se das revistas para constituir-se e para defender e propagar novos valores literários, estéticos e, também, políticos" (CAMARGO, 2003). O presente simpósio propõe, portanto, ler nos periódicos que circularam ou

circulam na América Latina a partir do século XX o contexto literário e cultural que os cercam, bem como os pressupostos críticos que regem suas constantes mutações.

Mário de Andrade e a arte moderna em *Klaxon*: expressão da modernidade na vida cultural brasileira

Sammea Cristina Ribeiro Paz de Lira (UFG)

Resumo A análise de fontes primárias de pesquisa está integrada em um eixo fundamental da literatura comparada, e, embora haja importantes estudos sobre a crítica de Mário de Andrade para a imprensa, a compreensão ainda é muito ampla e fragmentada, com ênfase em alguns poucos periódicos. O estudo das relações entre literatura e imprensa aponta-os como importantes mediadores de conflitos culturais, em especial os adjacentes ao movimento modernista. Esta é uma reflexão acerca da colaboração crítica musical, literária e cinematográfica de Mário de Andrade para a revista Klaxon: Mensário de Arte Moderna (1922), com o objetivo de compreender em que medida a colaboração do autor de Pauliceia Desvairada contribuiu para o desenvolvimento da arte como representação da modernidade e expressão dos valores culturais do Brasil. As modificações ocorridas na literatura e no contexto histórico-social brasileiro na primeira metade do século XX, sobretudo entre os anos 20 e 45, estão internalizadas no percurso artístico de Mário de Andrade. Diante da vasta e variada produção do artista, há ainda muito a ser discutido a respeito de sua trajetória como jornalista inscrito na imprensa paulista e carioca, em especial quando tratamos de revistas literárias. O intelectual aponta para necessidades da cultura no país, entre elas foram acentuadas a democratização do acesso à música no Brasil, a valorização de hábitos e costumes realmente brasileiros quando se trata de expressão literária, e o reconhecimento do cinema como arte. O diálogo proposto pela aproximação de críticas específicas do autor a respeito de música, literatura e cinema torna possível não somente a compreensão de parte do processo inicial da formação crítica de Mário de Andrade como de questões balizadoras do movimento de constante reflexão exercido pelos artistas modernistas em relação aos periódicos.

Simpósio 3
A leitura literária em sala de aula e o sujeito leitor: dimensões teóricas e práticas

Gabriela Rodella de Oliveira (UFSB)
Andresa Fabiana B. Guimarães (IFSULDEMINAS)

Resumo Desde o final da década de 1960 e início da de 1970, a *Reader-Response Theory* e as teorias da recepção da Escola de Constança evidenciam o papel essencial do leitor na construção dos sentidos de um texto. Para Iser (1996, p. 197), o "texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que o recebe". Stanley Fish, define a noção de "comunidade interpretativa" como uma entidade pública e coletiva, formada por todos aqueles que compartilham das mesmas estratégias de interpretação e, partindo do princípio de que "a habilidade de interpretar não é adquirida: ela é constitutiva do ser humano", afirma: "o que é adquirido são os modos de interpretação e esses modos podem ser esquecidos, suplantados, complicados ou dispensados" (FISH, 1980, p. 172, tradução nossa). Jauss (1979) entende o leitor como o elemento que garante a historicidade das obras literárias, e defende que uma obra só se converte em acontecimento literário a partir da relação dialógica resultante da interação entre o leitor, suas experiências anteriores e a própria obra. No estabelecimento dessa relação, o saber prévio, ou "horizonte de expectativas" do leitor sobre a obra, será determinante em sua recepção. Para o crítico, a obra suscita expectativas, desperta lembranças, "conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão" (JAUSS, 1994, p. 28). Nesse sentido, a historicidade coincide com a atualização da obra literária, e a recepção apresenta-se como um fator social e histórico, pois reações individuais são parte de uma leitura mais ampla de um grupo no qual o sujeito está inserido, o que pode tornar a sua leitura semelhante à de outros homens que vivem sua época. Na atual corrente francesa acerca da didática da literatura, Annie Rouxel (2013) afirma que ao se pensar o ensino de literatura é fundamental livrar-se dos demônios do formalismo e considerar a dimensão subjetiva e as realizações efetivas dos sujeitos leitores (alunos, estudantes, professores). "A implicação do sujeito dá sentido à prática da leitura, pois ela é, ao mesmo tempo, o signo de apropriação do texto pelo leitor e a condição necessária de

um diálogo com o outro, graças à diversidade das recepções de uma mesma obra" (p. 23). Dessa forma, delineia-se uma nova perspectiva didática para o ensino de literatura, que se contrapõe à tradição escolar de um trabalho com literatura baseado na leitura analítica (de interpretação de texto com base na análise do professor e/ou dos críticos literários, ou mesmo nas respostas dos livros didáticos) e propõe uma outra perspectiva, a da leitura cursiva (leituras pessoais, autônomas e livres de coerção avaliativa), descrita como "a forma livre, direta e corrente" da leitura. Para a pesquisadora francesa, a prática da leitura literária abarca a da leitura cursiva, torna evidente a importância de se garantir um tempo em sala de aula para a leitura integral das obras, e não se reduz a uma atividade cognitiva, pois o processo de elaboração semântica enraíza-se na experiência do sujeito. Como pontua Rouxel (2012, p. 272-283):

> O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetiva, mas de acolher os sentimentos dos alunos, incentivando seu envolvimento pessoal com a leitura.

A literatura como vetor para a construção de uma visão do mundo crítica em sala de aula

Marília Pereira da Cruz (USP)

Resumo O trabalho apresenta formas práticas da aplicação da literatura em sala de aula. Esse projeto surgiu devido à preocupação da falta de significado que a literatura tinha para os alunos. A ideia inicial foi trabalhar a literatura com os gêneros textuais, uma forma de contextualizar na prática a literatura. O primeiro gênero textual foi o jornalístico, a partir da leitura de textos literários os alunos criavam notícias para seus jornais. As obras escolhidas foram de Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, Carolina Maria de Jesus entre outros. O resultado foi excelente, tanto os jornais quanto as apresentações mostraram a apropriação da literatura pelos alunos, visto que eles comparavam e problematizavam o conceito social da época da escrita das obras com a atual, como diz Antônio Cândido "a

literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CÂNDIDO, Antônio. 2013). O outro gênero textual que teve resultado positivo foi o folhetim, desenvolvemos um folhetim com entrevistas a personagens das obras "Bom dia camaradas de Ondjaki" e "A bolsa amarela de Lygia Bojunga". A criatividade dos alunos foi significativa, pois eles deveriam criar perguntas que as respostas estivessem na fala dos personagens, eles também escreveram relatos de passeios no qual relatavam a experiência de um passeio na cidade de São Paulo com os personagens das obras. Dessa forma, a literatura teve um papel importante na formação crítica dos estudantes, através dela eles puderam refletir o papel social e político de cada indivíduo na sociedade, como diz Michèle Petit (2009) "a leitura ajuda a explorar melhor a experiência humana".

A literatura na escola: concepções e práticas

Luzimar Silva de Lima (UFPI)

Resumo O presente trabalho discute aspectos relacionados ao tratamento dado ao texto literário na escola bem como às atividades que lhes são destinadas no Ensino Médio, especialmente no Ensino Fundamental. Ressalta ainda, as ações metodológicas do professor e sua importância para despertar no aluno o prazer pelo texto literário por meio de um trabalho que respeite as subjetividades e preferências do educando. Discutimos também, as práticas literárias na escola e a forma como a literatura é conduzida no tocante aos textos privilegiados para o ensino e implicações, especificamente, sobre o ensino de literatura e metodologias selecionadas para sua abordagem na escola. Para tanto, o aporte teórico que embasa este trabalho se utiliza de autores como: Todorov (2009), Faria (2009), Brasil (2000), Cosson (2015) Tadié (1992), Zappone (2007), Barthes (1987). Portanto, pretendemos mostrar as formas de manifestação da literatura na escola, de modo a favorecer uma reflexão acerca do ensino dessa arte em contexto escolar e estabelecer as possíveis causas pelas quais o ensino de literatura tem perdido espaço no repertório de leituras do aluno da educação básica.

A subjetividade da leitura literária na formação do sujeito leitor

Andréia Nascimento Carmo (UFT)
Valdivina Telia Rosa de Melian (UFT)

Resumo Ler é tornar-se sujeito, pois a leitura é um ato político, como afirmou Freire (2006). É impossível fazer uma leitura separada da ideologia, pois o leitor é um ser pensante, portanto, capaz de questionar o lido para além do exercício analítico de interpretação de texto, pois, a leitura literária pressupõe diálogo e reflexão. Pelo viés discursivo, o leitor é um sujeito interpelado por uma ideologia. É pela ideologia que o indivíduo se torna sujeito. Nessa esteira, o sujeito leitor infere sentidos aos textos pelas relações instituídas em suas leituras, a partir de suas formações discursivas. De acordo com Orlandi (2012, p. 63) "o sujeito-leitor, por seu lado, se constitui na relação com a linguagem". O texto literário não tem uma leitura fechada, enclausurada numa visão unilateral, posto que o texto é sempre constitutivo de outro texto. A formação do sujeito leitor de literatura está articulada ao modo como a literatura é ensinada em sala de aula. Nesse sentido, preconizamos o ensino de letramento social e do letramento literário como próprios para a construção do gosto de ler, porque conduz o leitor para a interatividade. Assim, propomos pensar a leitura e, de modo especial a leitura literária, e a maneira como o sujeito leitor se constitui, transitando nos espaços sociais e políticos de forma crítica e reflexiva. Para Moita Lopes (2002, p. 81) "a escola como um espaço de construção de conhecimento e de significados" precisa buscar formas de trabalhar o ensino de modo que a interação social seja uma constante, para que o aluno possa formar sua identidade baseado na alteridade. Desse modo, entendemos que a leitura literária é uma ação que não se separa da realidade do aluno. A literatura como produto social, precisa ser lida de forma subjetiva, o leitor precisa interagir com o texto. No ato de ler devem ser consideradas as condições de produção da leitura, bem como o espaço ocupado pelos seus interlocutores.

A voz e a vez do leitor no ensino-aprendizagem da leitura literária: multimodalidade e descentramento geográfico

Lucília Souza Lima Teixeira (USP)

Resumo Esta comunicação tem por finalidade mostrar as experiências de leitura no decorrer de um curso realizado em 2018 com a leitura de textos contemporâneos escritos em francês destinado aos estudantes da graduação de Letras-francês da Universidade de São Paulo. As interações deste curso formaram o corpus de minha tese de doutorado (2019) que discute o ensino-aprendizagem da leitura literária. O curso, elaborado e ministrado a partir dos parâmetros da perspectiva do Pós-Método (KUMARAVADIVELU, 2003 e 2006), buscou atender a uma demanda dos próprios alunos: a vontade de conhecer livros e autores da atualidade que mostrassem outros olhares além dos clássicos da França continental. Assim, foram lidos textos de autores francófonos, como Camus, Daoud, Atiq Rahimi, Mouawad, Despentes, Laferrière, Chamoiseau, Lahens e Cheng. Durante as aulas, documentos multimodais foram utilizados não apenas como simples acessórios, mas como complementos, nos quais os leitores podiam encontrar outros pontos de vista e ter outras experiências de leitura das obras lidas como propõe Rollinat-Levasseur (2015). A presença da multimodalidade e o descentramento geográfico dos textos permitiram que a subjetividade leitora emergisse em sala de aula e que houvesse uma grande interação dos alunos entre si e com a professora. Pude, assim, observar nas falas dos alunos, além de elementos presentes em seus processos de leitura (Giasson, 1990), suas interpretações, subjetividades e reações diante dos textos, suas necessidades e desejos em relação aos estudos literários na universidade. Partilhando, o leitor pode conhecer, ver e ouvir o que outros sentiram, interpretaram e discutiram no decorrer de diferentes experiências de leitura. Foi justamente pela partilha e pela liberdade de expressão dada em sala de aula que pude acessar traços da subjetividade e das representações dos leitores, como nos mostram também os trabalhos de Godard (2015) et Rouxel (2004, 2013).

Becos da memória: leitura sobre o processo de formação do leitor no romance de Conceição Evaristo

Vera Lucia Nobre da Silva (UNIMONTES)

Resumo Este trabalho propõe uma análise do processo de formação do leitor na obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. O romance memorialista contemporâneo faz uma rasura na escrita literária brasileira dando voz aos subalternos, como menciona a própria autora "Escrevo em homenagem póstumas a Vó Rita ... Homenagem póstumas as lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Ás pernas cansadas, suadas, negras..." (pag. 17, Evaristo, 2017)." Com um jogo de metáforas e personagens que se tornam vivos na obra, o leitor percorre durante o ato de ler, um caminho repleto de sensações, de uma realidade em sua maioria chocante, triste, mas humana. *Becos da memória* levanta diversas discussões sobre a dívida social histórica para com os negros; o processo de desfavelamento para interesses privados e a construção de uma nova favela; a escola e o distanciamento da realidade de muitos alunos pobres; o enriquecimento de poucos diante do empobrecimento de muitos, assim leva-nos a refletir sobre as posições sociais, rico e pobre, negro e branco, favela e bairro nobre, e por fim permite-nos fazer uma leitura minuciosa do processo de formação do leitor e mostra-nos na prática a importância do ato de ler. Destarte, este trabalho será guiado pelos seguintes teóricos: Lajolo (2002); Freire (1989) e outros.

Do impresso a era YouTube: mediação de leitura e marcas de subjetividade leitora através do texto literário impresso e do vídeo animado

Mônica do Socorro de Jesus Chucre (IFAP)

Resumo Na era das hipermídias e mobilidades tecnológicas, o professor de língua portuguesa, da educação básica à universidade, sente a necessidade de reescrever a prática da leitura literária, bem como repensar o papel exclusivo do livro impresso em sala de aula, pois a escrita assume novos papéis e as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) promovem novas configurações nos suportes

e novos formatos onde os textos aparecem, permitindo ao leitor a realização de uma leitura que já se pode provocar como ubíqua. Esta pesquisa tem por objetivo discutir o uso da leitura literária em formato impresso e da leitura em formato digital / vídeo na plataforma Youtube, bem como descrever e analisar os comportamentos dos leitores de 1º ano do ensino médio diante dos dois formatos de textos, na/para construção de marcas subjetivas de leitura literária. A metodologia estabelece-se numa pesquisa-ação de abordagem qualitativa e descritiva. Os procedimentos de coleta de dados realizaram-se por meio da aplicação de uma sequência didática SD do conto Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria em formato impresso e digital/ vídeo. Partindo do proposto por Gil (2008), utilizou-se o grupo focal e os questionários objetivos para obtenção de dados quanto análise da recepção dos alunos às leituras nos dois suportes. Os resultados parciais já obtidos permitem confirmar novos formatos de mediação e incentivo à leitura. O referencial teórico norteador fundamenta-se nos estudos sobre leitura e construção de subjetividade leitora em Michèle Petit (2013) e Rouxel (2012), leitura hipertextual em Santaella (2013) e Multiletramento em Rojo e Barbosa (2015).

Literatura e formação de leitores: do texto literário ao livro didático

Cleane da Silva de Lima (UFPI)

Resumo O primeiro contato do aluno com a literatura enquanto sujeito leitor, muitas vezes ocorre por meio do livro didático, por essa razão é de suma importância considerar também a forma como os textos literários são trabalhados em sala de aula. Em face disso, o objetivo deste trabalho é analisar a abordagem da literatura no contexto escolar através do livro didático considerado importante ferramenta para o ensino da leitura literária. Destaca-se também o processo de recepção do texto literário como contribuidor da formação leitora do aluno e do gosto pela leitura da literatura. Com esse intento, utilizou-se o livro do nono ano do ensino fundamental, Português Linguagens, de William Cereja e Thereza Cochar, considerando os textos literários e exercícios relacionados a eles, com a finalidade de analisar o percurso metodológico destinado ao texto literário. Para tanto,

o aporte teórico utilizado foram Cosson (2012), Lajolo e Zilberman (1999), Romanatto (2004) e Jauss (1994) por trazerem informações importantes sobre a literatura e o livro didático, o qual não constitui-se como um manual, mas um recurso que faz parte do processo de recepção e formação leitora do aluno do Ensino Fundamental.

Natureza e função da literatura em candido e cosson

Jefferson Silva do Rego (IFG)

Resumo Resumo Ao se aproximar do pensamento dos brasileiros Antonio Candido e Rildo Cosson, pretende-se aqui explanar e discutir as complexas relações entre a apreciação da literatura e o processo educacional dos seres humanos. Para tanto, 02 (dois) textos serão tomamos como basilares, quais seja, A literatura e a formação do homem (1972), de Candido; e o Letramento literário: teoria e prática (2019), de Cosson. De modo mais específico, almeja-se alcançar uma melhor compreensão das implicações éticas, políticas e pedagógicas dos posicionamentos de ambos os autores, o que implica em averiguar como eles percebem o lugar e a importância da literatura no processo educacional dos seres humanos. Por conseguinte, tem-se a intenção de avaliar se tais contribuições ainda podem ser pertinentes na contemporaneidade, sobretudo, para aqueles que ensinam literatura no ensino básico do Brasil contemporâneo, isto é, os docentes de língua portuguesa.

Simpósio 4
A literatura e seu ensino: aspectos da formação docente

Alcione Maria dos Santos (UFMS)
Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira (UFRJ)
Susylene Dias de Araujo (UEMS)

Resumo As questões que envolvem literatura e educação têm ganhado espaço significativo no panorama dos debates e da pesquisa acadêmica no Brasil desde as últimas décadas do século XX. Nos últimos anos, o incremento de políticas governamentais para a formação de professores, com o PIBID, a Residência Pedagógica, o Mestrado Profissional e o crescimento de estudos acadêmicos sobre a educação literária, delinearam um cenário significativo, propício a experimentações práticas e investigações teóricas, cuja abrangência não se restringiu aos grandes centros acadêmicos do país, disseminando-se por um conjunto mais vasto e diverso de universidades e, não menos importante, escolas de educação básica. Historicamente vinculados à Educação e às Letras, esses estudos, no âmbito teórico ou empírico, consideram aspectos variados do ensino de literatura, como as práticas educativas e suas metodologias, as políticas educacionais direcionadas à promoção da leitura, assim como a formação docente, o que demonstra que a teoria e a prática têm caminhado em processo contínuo, trilhando parte importante do percurso investigativo. Nesse panorama, inserem-se interesses de pesquisa distintos e complementares, como materiais didáticos, indicação de obras e autores pelo professor, bibliotecas escolares e salas de leitura, constituição de acervos, diferentes suportes de leitura, uso das tecnologias e questões mercadológicas. No que diz respeito à fundamentação e aos objetivos dos esforços tanto práticos como de análise, podemos já apontar, neste momento, diferenças entre encaminhamentos de matriz mais cognitiva e outros em que a constituição da subjetividade, sob um viés narrativo que relaciona a leitura ao traçado de uma identidade pessoal, orienta as abordagens didáticas. Em outros trabalhos, são as diversas matrizes culturais e as questões de seu relacionamento, no âmbito da formação leitora, que aparecem problematizadas com maior ênfase. Assim, começa- se a desenhar uma rica e complexa rede de perspectivas, reunidas em certa medida pelo objetivo geral, de caráter político-educacional, de contribuir

para a formação de leitores literários, no âmbito escolar e na sociedade em geral. Sem abrir mão do potencial de imprevisibilidade e subversão que marca as relações do leitor com o objeto artístico, os enfoques atuais não deixam de reconhecer para a literatura o caráter de sistema interativo, inserido em uma tradição, com sua história, crítica e aparato teórico. Dessa forma, a variedade de olhares parece conviver com a assunção consensual de que a formação escolar exige o trabalho de inserção dos estudantes na cultura escrita, por meio da formação de um leitor não apenas competente, mas principalmente afeito aos traços que têm marcado a cultura literária ao longo de sua história. Tal iniciativa, que aposta no caráter formativo da educação literária e humanística, associado ao domínio da linguagem e ao desenvolvimento de uma compreensão leitora capaz de desvelar diversas camadas de significação, requer, segundo Colomer (2007), mais do que incentivar a leitura, ensinar a ler e a habitar o universo interpretativo da história e da cultura que a literatura oferece. A complexidade de tal tarefa se impõe a todos os que dela se aproximam. Assim, este simpósio se propõe a considerar a literatura e seu ensino sob um eixo de reflexão específico: a literatura e a formação docente. Compreendida em sua abrangência, a formação de professores inclui, conforme Tardif (2014), referências socioculturais diversas, como a educação básica, a formação no trabalho e a formação acadêmica, somatória de fatores que se juntam no impulso da preparação do professor de literatura em amplas esferas da vida, incluindo os campos da cultura e da antropologia como perspectivas a espera de interpretação. Considerando os objetivos aqui apresentados, em nome da formação do professor de literatura, que se prepara como profissional das letras, esta proposta preconiza discutir aspectos da formação inicial e continuada do docente, propondo (re)pensar seu campo de estudo e possibilidades de atuação, contemplando possibilidades que se revelem como: resultados de pesquisas e ações extensionistas, ações desenvolvidas no âmbito de projetos institucionais como PIBID e Residência Pedagógica, observações e intervenções de acadêmicos-estagiários, pesquisas desenvolvidas na esfera do PROFLETRAS e contribuições sobre questões curriculares. Ao discutirmos esses aspectos da formação do professor que atua com leitura literária, visamos delinear e refletir sobre os fundamentos teóricos e ideológicos subjacentes, os quais se relacionam diretamente com concepções específicas da educação e da literatura. A necessidade do

registro e promoção dessas discussões relaciona-se às condições que vêm se desenhando para a educação escolar básica e universitária no país, com diminuição de investimentos e de espaços de elaboração e realização de experiências pedagógicas inovadoras. Assim, a proposta deste simpósio soma- se a um trabalho de apreensão das conquistas realizadas em diversas iniciativas ligadas à docência da literatura, buscando contribuir para que processos de formação e pesquisa em curso possam prosseguir, garantido o amplo diálogo de que este setor recente de pesquisa no Brasil necessita para consolidar-se, em relação direta e estreita com a docência na educação básica.

A formação do professor de literatura: um desafio (com todas as letras)

Chirley Domingues (UNISUL)

Resumo A discussão apresentada resulta da nossa experiência como docente do curso de Letras da UFSC, na disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, que tem por objetivo preparar os acadêmicos para a inserção no contexto escolar. No desenrolar da disciplina, percebemos que os futuros estagiários não se sentiam preparados para atuarem como professores de literatura na Educação Básica. Diante daquela realidade, provocamos a reflexão sobre questões relevantes quando está em pauta o ensino da literatura na escola e o papel do professor/mediador, como: onde se formam os professores de literatura?; os licenciados em letras têm um acervo literário atualizado para atuarem como mediadores entre o jovem leitor e o livro de literatura?; como formar o leitor literário na educação básica? A partir do referencial teórico indicado, que contemplou Candido (2004), Zilberman (2009), Rezende (2011), Rouxel (2012), Todorov (2012), Compagnon (2012) e Fritzen (2017), propomos aos alunos o desafio de: i) compreender que a formação do professor de literatura também se faz no curso de Letras; ii) ampliar o acervo de leituras literárias para que, atuando como professores da educação básica, pudessem servir de referência para os jovens leitores; iii) desenvolver um projeto de docência, trabalho exigido para a inserção dos alunos no estágio, que priorizasse a leitura literária e o protagonismo do aluno leitor. O desafio proposto resultou no projeto

"(Re)tecendo a cultura catarinense pelas tramas da literatura", realizado em 2019, que teve como ponto de partida a "leitura tecida" do conto A moça tecelã e contemplou várias estratégias de envolvimento com textos literários, como leituras compartilhadas em voz alta, Workshop, visita à exposição de bordados sobre a Ilha de Santa Catarina, dentre outras. É o resultado dessa experiência, que primou pela formação do leitor literário na Educação Básica, que aqui temos por objetivo empreender.

A leitura ficcional literária: uma prática multidimensional / interdisciplinar no letramento acadêmico da contemporaneidade

Marilene Ferreira Cambeiro (REDE ILUMNO-UVA)

Resumo Cada vez mais, a disciplina Literatura, com ênfase na produção ficcional e poética, vem sendo tratada pelos currículos e bases oficiais como eletiva e descartável, devido, principalmente, ao desenvolvimento tecnológico supervalorizado em detrimento aos conteúdos humanísticos. Ora, mudanças radicais e inversões irrefletidas só trazem prejuízo ao sujeito que não vai ser capaz de dominar outros conteúdos sem a base da leitura e, como ser humano, deve considerar o relevo da narrativa social na construção humana e sua história. Nesta proposta, apresenta-se um resultado muito afirmativo em uma prática docente que alia a leitura ficcional à transmissão da produção científica e acadêmica. O projeto e prática propostos surgiram com o objetivo de construção de um curso para a transmissão da disciplina " Produção de textos acadêmicos", oferecida pela graduação, incluindo licenciaturas de Letras, Pedagogia, Geografia, História , Direito, Comunicação... Buscou-se, inicialmente um estímulo maior, para o grupo de alunos de tão diferentes disciplinas e interesses, na transmissão de uma nova forma de letramento, o discurso acadêmico (BALTAR, 2011). A proposta toma como referência o pensamento social de Edgar Morin (1917), e a referência psicanalítica lacaniana (1977) em relação à questão da abordagem do real pelo sujeito que busca a verdade (MORIN, 1976). O pensador social, voltado para da construção da subjetividade na contemporaneidade, introduz o conceito de pensamento complexo propondo a prática da "interdisciplinaridade" e "transdisciplinaridade" como atualização

acadêmica necessária para abranger os múltiplos saberes do nosso tempo e a evidência da multidimensionalidade do real. A proposta e prática desenvolvidas, a partir dessas reflexões, podem ser estendidas aos cursos de iniciação do letramento acadêmico no segundo grau técnico ou ensino médio.

Concepções ideológicas no percurso de formação inicial de educadores de literatura: a responsividade como caminho

Mariana Roque Lins da Silva (UFRJ)

Resumo Este trabalho visa a apresentar concepções ideológicas que respaldam o processo de formação docente inicial em uma turma de Didática Especial e Prática de Ensino de Português e Literaturas. Nesse sentido, considerando a palavra e o seu território social – sempre interacional e ideológico, portanto –, a investigação acerca da educação literária prevista pelo presente trabalho intenciona ventilar proposições acerca de conceitos do Círculo de Bakhtin, como ideologia e responsividade, no contexto do ensino de leitura literária dialógica e da produção autoral dos educadores em formação. Considera-se, pois, a sala de aula – da Educação Básica e do Ensino Superior – um lugar de interação discursiva entre sujeitos sociais que, imbricados na dimensão responsiva da leitura literária, se manifestam por meio do discurso, sem que haja espaço para o apagamento das vozes socais em interação. Para tanto, é importante defender a necessidade de um engajamento responsivo do docente e dos discentes – vinculado ao fazer-com, em vez do fazer-para – no percurso de formação da docência de literatura, sendo efetivamente comprometido com a promoção da leitura literária em seu caráter humanístico. Não há, portanto, a expectativa de que a voz do educador seja neutra, assim como a pluralidade de vozes discentes deve ser ativa e responsiva no processo de fricção entre teorias (como as de Colomer e Lajolo, entre outras) e a prática do estágio obrigatório supervisionado. Como primeiro resultado, serão apresentadas breves análises dos cordéis-relatórios produzidos pelos licenciandos no primeiro semestre de estágio na Educação Básica, imbricando teoria, prática e escrita autoral discente.

Ensino de literaturas de língua inglesa no ensino superior: representações sociais e formação docente

Patrícia Dalla Torre (UNESP)
Sérgio Fabiano Annibal (UNESP)

Resumo Este trabalho integra um recorte da pesquisa de mestrado intitulada Literaturas de Língua Inglesa: representações e sistematizações do ensino, financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Processo nº 2018/ 22950-4, vinculada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. O corpus desta investigação se atém aos Planos de Curso das disciplinas de literaturas de língua inglesa do curso de Licenciatura em Letras, da mesma instituição, referente ao período de 1997 a 2017. Por meio da análise documental, pretende-se colocar em debate a maneira pela qual as representações sociais (CHARTIER, 1990) perpassam estas literaturas, ao serem selecionadas para constituírem o currículo. No momento em que se projeta o plano de uma disciplina, o docente profere uma representação do que vem a ser o ensino de literatura e por quais obras e autores literários isto vinga no contexto acadêmico. Estes elementos transcorrem o processo de formação docente, no qual os sujeitos constroem noções de currículo e de conceitos acerca dessas literaturas, ao relevar um habitus (BOURDIEU, 1983) professoral. Por meio da literatura e da prática de leitura, são incorporadas noções de língua (BARTHES, 2004), cujas estruturas estão culturalmente engajadas. Nesse sentido, tem-se o intuito de discutir a articulação do conteúdo das disciplinas Literatura Inglesa I e II do curso de Letras às questões do ensino e da aprendizagem, ao longo dos vinte anos mencionados. Compreende-se a formação de professores como um fenômeno atravessado pela memória (NORA, 1993), história e cultura. Por fim, acredita-se que esta reflexão se faz importante, diante de propostas curriculares que visem esvaziamento e fragmentação do conhecimento à formação de sujeitos críticos, bem como contribui a esse campo de estudo.

Fábulas no PROFLETRAS: uma proposta para a literatura e seu ensino no 9º ano da Escola Municipal Tilma Fernandes Veiga, em Corumbá-MS

Jonathan Gonçalves dos Santos (UEMS)
Susylene Dias de Araujo (UEMS)

Resumo Esta comunicação apresenta um relato da formação acadêmica vivenciada no PROFLETRAS oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade de Campo Grande-MS. A narrativa em questão refere-se à nossa experiência com a leitura, iniciada a partir da elaboração de uma sequência didática que tem a fábula como gênero literário escolhido. Por considerarmos essa tipologia textual como opção de fácil circulação entre os jovens leitores, alunos do 9º ano do ensino fundamental participam como protagonistas das atividades aqui apresentadas, desenvolvidas durante as aulas de língua portuguesa. Embora a característica mais tradicional da fábula esteja na proposta de uma "lição de moral", nosso trabalho trouxe outras possibilidades de leitura ao gênero. Como recurso didático, a fabulação das imagens, resultante do processo de leitura serviram como impulso do processo seqüencial registrado e como ponto culminante das atividades realizadas, a produção de vídeos de autoria dos próprios alunos foram registrados como releituras dos textos selecionados. Em nossa perspectiva, a leitura literária no ambiente escolar foi facilitada a partir das bases teóricas de Cosson (2018), Ferri (2016), Marcuschi (2008), Bárbara (1995) e Betty Coelho (1995), entre outras colaborações a serem consideradas por este simpósio que busca reflexões sobre a literatura, seu ensino e alguns aspectos da formação docente.

Formação docente: ensino de literatura com competência e autonomia no ensino médio

Herman Wagner de Freitas Regis (UNICAP)

Resumo O presente trabalho é introduzido por um relato de experiência, como professor de Literatura, vivenciado na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Joaquim Moreira de Sousa, que está

localizada no bairro Parangaba, em Fortaleza, Ceará, no período de 25/02/2013 a 11/08/2014. O objetivo principal é entender como o ensino de Literatura ocorreu na referida instituição de ensino à época e como eram as formações docentes do professor dessa disciplina, observando de que maneira as categorias competência e autonomia foram pontos-chave responsáveis pelos excelentes resultados alcançados por professores e alunos nas atividades de literatura, que envolviam leitura, produção escrita, oralidade entre outras. A análise das duas categorias, no âmbito do referido processo, teve como ponto de partida três questionamentos: Como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e as políticas governamentais para a formação de professores foram determinantes para a excelente qualidade do ensino de literatura na escola em questão? De que maneira a formação de professores em processo contínuo nos espaços escolares e fora dela, em razão da amplitude dos estudos acadêmicos sobre a educação literária, resultou em um ensino de literatura com competência e autonomia na escola Joaquim Moreira de Sousa? Em que aspectos as práticas educativas e as metodologias em literatura trabalhadas na escola em questão elevaram o desempenho dos alunos em leitura, escrita e oralidade? No sentido de encontrar respostas para essas indagações, o estudo teve ancoragem em Zilberman (1998); Freire (1989); Lajolo (1999); Cosson (2011); Cândido (1995) entre outros autores, além dos documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação e Cultura como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014).

Literatura, uma questão de Significados e Sentidos

Roberto Clemente dos Santos

Resumo Qualquer que seja a vertente que se venha a tomar como ponto de partida para a construção de uma visão dos sentidos da literatura como uma articulação entre leitura e discurso harmonizados pela palavra, faz-se necessário, em um primeiro momento, conceituar o que se entende por essas duas perspectivas que se coadunam para a construção da interpretação e interferem no aspecto da formação do professor como um sujeito responsável pela mediação da

palavra como arte. Orlandi (2012) assinala que a leitura tanto pode ser a aproximação, a interpretação do mundo que rodeia o ser humano quanto à aproximação dos elementos linguísticos para se compreender o texto. De outro lado o discurso esquadrinha-se sob três dimensões que são: a linguagem em uso, o aspecto cognitivo e a relação entre sujeitos. Brandão (2004) define o discurso como sendo um processo de interação que está localizado entre o nível linguístico e o extralinguístico, é a linguagem em uso, é a exposição de crenças e a interação social. Sob esse viés pretende-se analisar, como mérito central deste resumo, a formação do docente na interação em situações sociais na perspectiva de um processo de significação que vai se definindo como efeito de sentido entre sujeitos por causa da historicidade que forma o ser humano e consequentemente se apresenta na Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, mais especificamente no ensino da Literatura na disciplina da Língua Portuguesa. O ensino da literatura, mais estritamente sua concepção e o papel da escola em sua condução, evidencia uma preocupação com seus objetivos, metodologias e procedimentos, pois visa incitar, incentivar o desenvolvimento da sensibilidade do ser humano por meio da palavra que pode ser vista como responsável pela representação do mundo ou mesmo como diz Latino Coelho, "De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancilas e ministras: ela soberana universal." A BNCC que centraliza "o texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses." (BNCC, 2018, p.65) Com Base no exposto pode-se apresentar como cerne da presente comunicação a Teoria da Recepção que considera a Literatura enquanto produção, recepção e comunicação, ou seja, uma relação entre autor, obra e leitor em seu aspecto histórico e social.

O Método Recepcional como proposta de ferramenta para a prática docente no uso de textos de escritores africanos de Língua Portuguesa

Caio Cesar Tabajara Silva Santos (USP)

Resumo A proposta do Método Recepcional como ferramenta para a prática docente, surgiu após a percepção da necessidade de meios que auxiliassem os professores em sala de aula. Esta ferramenta será apresentada e desenvolvida nas Aulas de Atividade Pedagógica Coletiva (ATPC) aos professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio. É importante, como diz ZAPPONE, recuperar a experiência da leitura e pensá-la como fenômeno literário resgatando a experiência do leitor cabendo ao professor estimular esta experiência no aluno. A partir da leitura dos contos "A fronteira do asfalto" de Luandino Vieira e "História de Sonto: o menino dos jacarés de pau" de José Craveirinha, de escritores africanos de Língua Portuguesa, será apresentado o Método Recepcional e seus procedimentos didáticos que, segundo Bordini e Aguiar (1993), vão desde a determinação do horizonte de expectativa até a ruptura e ampliação deste horizonte. O Método Recepcional é a forma de mediação a qual o professor utiliza para incentivar o aluno a investigar aspectos implícitos no texto literário ampliando seu conhecimento de mundo e desenvolvendo o pensamento crítico. BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura*: a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993; ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI Thomas; ZOLIN Lucia Osana (orgs).

Simpósio 5
A narrativa: entre o documento e a ficção, entre o mesmo e o outro

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)
Simone Bacellar Moreira (UERJ)
Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes (UERJ)

Resumo Nosso simpósio visa ao estudo da narrativa em diversas áreas do saber, assim como em suportes variados. Considerando que a literatura, desde o advento da palavra escrita, é uma arte em processo de permanentes modificações, não podemos ignorar essas transformações, nem as mudanças que ocorreram e continuam a ocorrer, quando se trata de gêneros do discurso, relação com outras áreas, suportes textuais etc. Essas mudanças ocorrem sobretudo a partir do século XIX, graças ao desenvolvimento dos meios de difusão e, em particular, da imprensa, além da consequente ampliação do público leitor. A questão de base, que perseguimos - *O que é a literatura?*- parece-nos, de fato, cada vez mais inquietante e instigante, por suscitar mais e mais respostas, sempre as mais diversas e variadas . Romances, relatos, contos, fábulas, crônicas, diários, são inúmeros os gêneros em que se manifesta a literatura, na sua forma narrativa, e a eles acrescentamos, neste simpósio, para investigação, sua relação com textos de outras disciplinas, como a sociologia, a história, a antropologia. Esse é, por conseguinte, nosso foco: indagar até que ponto a narrativa, nos seus múltiplos aspectos, provoca as mais variadas reflexões e os mais diversos questionamentos, podendo trazer sempre mais contribuições à pesquisa e indagações nos estudos literários. Nosso simpósio tem, assim, como proposta, a investigação da troca de olhares entre o mesmo e o outro, bem como a repercussão desse cruzamento de olhares na literatura nacional, não apenas nos estudos literários, mas também na interface com outras artes e demais ciências humanas e sociais. Pretendemos estimular a pesquisa dos conceitos de *subjetividade, ficcionalidade, gênero e imaginário* em narrativas da modernidade a partir do século XIX, confrontando textos estrangeiros e brasileiros, na interpretação literal da oposição mesmo/outro, bem como na concepção metafórica de outro, que abrange a questão de gênero, de culturas, etnias, considerando sempre a troca de olhares entre o mesmo e o outro. No intuito de

provocar uma reflexão sobre os estudos literários e culturais no Brasil de hoje, este simpósio busca respostas a algumas perguntas que consideramos essenciais neste processo: Como entendemos a literatura, hoje, com novos suportes e abordagens de escrita e de leitura? Que relações são estabelecidas entre os estudos literários, as demais artes e as disciplinas de ciências sociais (história, antropologia, sociologia, psicologia, filosofia etc)? Podemos falar, realmente, em relações transdisciplinares? Quais as fronteiras entre literatura digital e literatura digitalizada? Em que medida obras literárias produzidas *na* e *para* a rede apontam para um novo leitor? Em um mundo em que a circulação de ideias e a troca de influências são facilitadas pela tecnologia, em que tempo e distância se pulverizam, ainda podemos falar em literaturas nacionais, mais precisamente em literatura brasileira? Qual a função do estudo da literatura, hoje, na escola e na universidade? Que relações a literatura pode e deve estabelecer com as ciências sociais e as artes? Levando em conta as nossas experiências literárias do passado, como fazer face às textualidades contemporâneas, no diálogo com as literaturas e teorias europeias, americanas, latino-americanas, africanas...? E, a questão que mais nos preocupa, como formar novos leitores? O e-letramento capacitaria realmente os usuários da rede à leitura das obras literárias em meio digital? Novos pressupostos teóricos seriam necessários para podermos estudar as mudanças comportamentais na produção e recepção das obras literárias em meio digital? Caberia pensarmos em um cruzamento de olhares entre as obras produzidas e difundidas pelas mídias digitais e aquelas que, circulando na rede, utilizam a Internet como veículo de difusão? Essas questões poderiam ajudar-nos a compreender, tanto o papel da literatura, quanto o da Internet na educação, hoje. Ao final desses encontros, que ocorrerão no âmbito da ABRALIC, talvez não tenhamos encontrado soluções definitivas às nossas reflexões e questionamentos; mas enfrentá-los pode nos proporcionar alguns avanços, não só em direção à resposta à pergunta que, ao mesmo tempo, nos norteia e persegue: *O que é a literatura?*, mas também, rumo à compreensão *do que é* e *para que serve* a literatura, no mundo de hoje.

'The Turn of the Screw': leituras possíveis e a dissimulação no texto ficcional

Karina Moraes Kurtz (UFSM)

Resumo O trabalho corresponde a uma análise da obra 'The Turn of the Screw' do autor Henry James e seus principais elementos como narrador e autor, a sua capacidade de "fingir" como uma circunstância narrativa, fazendo com que o leitor não apenas fique confuso, porém, possa atribuir diferentes leituras à essa obra canônica. Ao mesmo tempo em que o romance apresenta a repressão sexual feminina no século XIX, ele oferece uma alegoria do bem contra o mal, ou até mesmo uma história de terror com a marca do infanticídio. Foram analisados também os principais temas explorados na narrativa, como a presença da inocência, da maldade, a representação feminina do período e, principalmente, o caráter ambíguo do texto. É importante ressaltar que a obra provoca discussões ainda hoje entre leitores diversos e críticos literários, principalmente com relação ao aspecto dissimulado da narrativa e de seus narradores e personagens, fato que explica o porquê deste romance ser tão ambíguo. É comum que os mais diversos leitores finalizem a leitura e se questionem o que aconteceu, a qual gênero pertence a obra, qual personagem fez o que a quem, entre outras questões. Esta é uma obra que explora a recepção do leitor desde sua primeira publicação, em 1898, assim como, questões referentes ao 'eu pessoal' e 'eu social' do autor. Este romance reforça que na literatura não há uma interpretação única a ser imposta sob o leitor e/ou aluno, pelo contrário, demonstra que a literatura é uma área de imensa vastidão, e certamente, de grandes referências da história do mundo, portanto, multidisciplinar e de imenso conhecimento.

A viagem como construção da identidade literária no romance *Memorial de Maria Moura*

Elisangela Santos Petrucci Peçanha (UFF)

Resumo A viagem nem sempre começa com a alegria de um sorriso ou com a expectativa de um olhar romântico sobre a realidade.

A viagem que proponho neste trabalho é um mergulho no universo narrativo do romance *Memorial de Maria Moura,* de Rachel de Queiroz, observando as idas e vindas , buscas e perdas , crescimento e afirmação dos personagens que formam o arcabouço do romance na sua trajetória cíclica e labiríntica onde o sertão brasileiro adquire muitas possibilidades de reflexão. Quando falamos em Rachel de Queiroz é preciso salientar, primeiramente, que o seu referencial nos seus romances é realçar a condição humana. Entendemos assim, que a perspectiva da viagem , interna ou externa , assume incessantemente a busca pela construção dos sujeitos narrativos durante todo o processo de deslocamento pelo sertão. O *Memorial de Maria Moura* é um romance polifônico que apresenta histórias cruzadas , vozes cruzadas, caminhos cruzados, mas o fio condutor da narrativa nos lançará no centro de um debate importante sobre questões da fisionomia social do sertão brasileiro do século XIX, além de iluminar a história de uma grande guerreira e sobrevivente, Maria Moura. A protagonista vai construir ao longo da sua viagem pelo sertão a sua identidade literária , que seria a junção da identidade pessoal e social, além de captar e acolher a polifonia das vozes, formalizando no discurso, a multiplicidade e o pluralismo de um povo sofrido e carente que caminha como Maria Moura na aspereza do sertão real .

Apontamentos de Cidade livre: os sentidos da (não-)morte de Valdivino

Gabriela Hoffmann Lopes (FEEVALE)

Resumo A narrativa de Cidade Livre, romance de João Almino (2010), registra a construção de Brasília, desde o momento inicial até sua inauguração. Parte, pois, de dados factuais para compor os elementos próprios a uma narração em que a reconstituição do acontecimento real funde-se com o poder da imaginação de inúmeros narradores. O esfacelamento das fronteiras entre o âmbito do real e o da ficção soma-se à ruptura da sequencialidade da história e dos paradigmas convencionais de uma narração. Dessa forma, a história deve ser organizada e preenchida pelo leitor, que se defronta, ainda, com uma reflexão sobre a dinâmica do ato de narrar, cujas alternativas são múltiplas e cuja incompletude se expõe em Cidade Livre.

Esses pressupostos orientam essa comunicação, que traz contribuições para a elucidação de um dos eventos paralelos ao da construção da capital federal, qual seja, o da provável e não esclarecida morte da personagem principal do romance, Valdivino. Para tanto, vinculam-se sentidos da morte dessa personagem à intersecção entre literatura, memória e identidade, conjugando quatro ângulos de análise: a constituição do romance e o desaparecimento do candango; a ficcionalização da história, a partir da narrativa da construção de Brasília e de sua relação com a morte de Valdivino; a presença de elementos messiânicos que constituem a identidade da personagem. Por último, relaciona-se o sumiço de Valdivino com o desaparecimento do Coronel Percy Fawcett – acontecimento histórico – a partir de ligação sugerida pela própria narrativa, com o intuito de demonstrar a força do imaginário coletivo e sua manifestação na literatura.

Documento e ficção na biografia de Fernando Pieruccetti

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Resumo Partindo de recente pesquisa de Pós-Doutorado, voltada para a elaboração de uma narrativa biográfica sobre o artista plástico mineiro Fernando Pieruccetti, o que pretendo neste trabalho é refletir sobre a biografia do artista como resultado de um processo de circularidade, no qual se cruzam e se tornam indiscerníveis o documento e a ficção, a vida do criador e a força projetiva de sua criação. Cartunista, escritor, pesquisador e professor, Pieruccetti foi o criador das famosas mascotes que representam os clubes do futebol mineiro (o Galo, a Raposa, o Coelho etc). Embora sua criação mais importante seja conhecida por todos, sua trajetória artística e existencial só pode, hoje, ser conhecida pelo acesso aos seus arquivos pessoais, aos arquivos dos jornais e revistas para os quais ele trabalhou, além de algumas reportagens, publicadas geralmente nesses mesmos veículos, e umas poucas e rápidas menções em trabalhos acadêmicos sobre o advento do Modernismo na história das artes plásticas mineiras. No esforço para reconstituir essa história, por meio do levantamento, do cotejo e da montagem das informações encontradas nessas fontes, tornou-se evidente a dimensão ficcional da narrativa biográfica, visível tanto na própria documentação, repleta de artifícios narrativos e

traições da memória, quanto nas estratégias discursivas que se fizeram necessárias para conferir a essas informações alguma forma de unidade e sentido. No caso da biografia do artista, somam-se a essa complexa trama as reverberações da criação artística sobre a biografia do criador, que acabam sempre se desdobrando em algum tipo de relação entre obra e vida, ficção e realidade. Questões que repercutiram com intensidade na construção da narrativa biográfica sobre Fernando Pieruccetti e que me levaram a problemas, escolhas e caminhos que podem ser vistos como exemplos de como, nas palavras de Wolfgang Iser ("Atos de fingir", 1996), a ficção é uma "condição transcendental de constituição da realidade".

Fábulas de Monteiro Lobato e fábulas da coleção indiana Pañcatantra

Ana Márcia Cabral Linhares Mourthé (UFF)

Resumo A literatura constitui-se como um jogo interdiscursivo, marcado, constantemente, pela intertextualidade, isto é, pelas ligações dialógicas concretizadas em textos, ou pela intratextualidade, quando duas vozes aparecem em seu interior, o que torna impossível a defesa de algum tipo de originalidade primordial absoluta, seja de sentidos, seja de textos. Com base nessa definição, proferir comentários sobre o gênero fábula é, antes de tudo, considerar que essa forma literária, declaradamente híbrida, combina discursos, textos ou ambos. Enquanto gênero específico, a fábula é, frequentemente, elaborada como uma narrativa breve, em prosa ou em verso, que inclui, na maioria das vezes, uma lição ou ensinamento moral, e cujas personagens são, principalmente, animais, que representam tipos humanos, embora seres inanimados, plantas, humanos ou até deuses possam ser encontrados em seu enredo. Uma característica que distingue essa categoria literária de outras, como o mito, a lenda ou o conto popular, é o seu permanente caráter pedagógico. Em relação à temporalidade característica da fábula, ela não se desenvolve num tempo cronológico determinado, ou seja, a sua unidade de tempo é subordinada à unidade de ação. E essa, por sua vez, é, normalmente, circunscrita ao espaço onde o pequeno drama se desenrola. Segundo Oswaldo Portella, "[...] o espaço onde a ação se desenvolve no

geral se restringe a uma sala, uma cena, uma casa, um pomar, um rio, uma floresta, uma árvore, etc [...] (1979). Ao contrário das ações observadas nas epopeias e nos dramas, que seguem a lógica de suas narrativas, nas fábulas, a ação está associada a uma sentença moral, explícita ou não. A partir do momento que o objetivo moral é atingido, a ação cessa. A partir de outras abordagens, o gênero fábula é classificado como uma construção discursiva universal.

Ficção e evidência: a percepção da catástrofe a partir das narrativas de naufrágio

Letícia Tury Guimarães Nascimento (UERJ)

Resumo O objetivo da comunicação é pensar a relação entre a ficção e a evidência, a partir dos relatos de naufrágio que constroem a ideia de "catástrofe". A História Trágico-Marítima, um compilado de narrativas organizado por Bernardo Gomes de Brito, escritas entre os séculos XVI e XVII, contam histórias de naufrágios e servem como pano de fundo do trabalho. Os relatos de naufrágio podem ser vistos como um gênero literário que apresenta propriedades estéticas e codifica imagens e formas de narrativas da tradição ocidental. Vale perceber que o gosto por histórias trágicas já estava arraigado no imaginário social, e o encontro com os acontecimentos reais potencializou perceber o tempo a partir da catástrofe. Se colocado numa linha temporal, o relato de naufrágio como artefato cultural, nos séculos XVI e XVII é elaborado a partir de um conjunto de convenções retóricas pioneiras em Portugal e disseminada por outros países europeus emergente de materiais linguísticos e culturais que se alinham em seu tempo como um novo regime de representação. Desse modo, o "real" das narrativas trágico-marítimas não se refere aos "fatos" ou à "realidade", mas a um "real" compartilhado pelos elementos literários, a partir de um conjunto de "regras" e convenções retóricas. A partir século XVIII, o relato adquire uma função de acuidade histórica e evidência. Mas, mesmo quando o relato adquire a função de evidenciar o real, há ainda algo de ficcional (não evidente) nos relatos: não se pode ler alguns desses relatos como "documentos burocráticos" comprometidos com a verdade, visto que o estatuto de criação de cada um deles é totalmente diferente um do outro.

Isso significa dizer que só há real no regime de referencialidade sem referente, de modo que as próprias narrativas são constitutivas e determinadas pelas suas próprias regras imanentes.

Infidelidades, ciúmes e crimes no Brasil do Oitocentos. Um *thriller* para viageiros europeus

Andrea Reis da Costa

Resumo Inúmeros escritores-viajantes manifestaram verdadeiro assombro diante do caráter violento das reações de maridos, pais e irmãos no Brasil do século XIX. Os viajantes europeus se surpreendiam que a causa mais notável de boa parte dos crimes, ainda que não tão frequentemente mencionada no relatórios policiais, estivessem relacionados a "negócios do coração". Assassinatos motivados pelo ciúme masculino, tão triviais no Brasil, não eram punidos pelas autoridades legais por visarem restaurar a dignidade moral da família. Os antigos códigos já previam que o ofendido reparasse sua honra com o derramamento do sangue dos adúlteros. Muitos viajantes narraram não poucas histórias envolvendo intrigas amorosas e tragédias familiares, em uma sociedade patriarcal onde a honra dos homens era lavada com sangue. Mas, para estes últimos, a história era outra. A fidelidade masculina era considerada uma utopia. Homens de boa situação social poderiam até mesmo ter mais de uma família, desde que as aparências fossem mantidas e a concubina se conservasse "em seu lugar". Dentro das casas, submissas esposas fechavam os olhos para todo tipo de licenciosidade praticada por seus nobres maridos com suas belas escravas, debaixo de seu teto e de seu nariz. Alguns viajantes nos contam dos privilégios que alguns mulatos e mulatas, filhos da promiscuidade vigente entre senhores brancos e escravas, gozavam dentro das casas senhoriais. Outros, relatam com horror a maneira como escravos, que muito se pareciam com os filhos de seus senhores, eram por estes maltratados e vilipendiados. Através de narrativas de escritores-viajantes, conhecemos algumas dessas anedotas, que apimentavam seus relatos com um toque ora de suspense, ora de censura, ou até mesmo de galhofa. Nossa proposta aqui é revisitar, através das lentes de viajantes europeus, o cenário

dos códigos da moralidade e da conduta (e da infração dos mesmos) do Brasil oitocentista, escravocrata e patriarcal.

Maria Graham: uma viajante inglesa entre documentos e interpretações sobre o Brasil do início do século XIX

Maria da Conceição Vinciprova Fonseca (UniFOA)

Resumo Maria Graham foi uma viajante inglesa no Brasil do início do século XIX, época de turbulência na Europa, com o fim das guerras Napoleônicas e a pressão de Portugal para a volta a Lisboa do rei e sua corte; mas também no Brasil, que temia um retrocesso na condição do país com essa saída. O retorno aqui temido aconteceu, a realeza e a corte levando consigo o que havia nos cofres brasileiros e deixando o país em dificuldades que culminaram em sua independência. Entre outras obras, Maria Graham, mulher culta, escritora e pintora, deixou um diário de sua viagem ao Brasil durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823. A leitura desse diário, publicado em Londres em sua volta à Inglaterra, permite conhecer uma mulher ética e honesta, cidadã inglesa, culta e viajada, com visão certamente maior do que o comum em seu tempo. Fácil imaginar a diferença que aqui encontrou: um país que era ainda subordinado ao reino de Portugal e procurava construir bases para se emancipar e formar sua identidade. A autora busca, como pessoa de seu tempo, a objetividade científica, o que consegue com farta documentação apresentada. Entretanto, trata de uma enorme variedade de assuntos, e seu texto interage com o leitor, permitindo o conhecimento de suas impressões e avaliações pessoais. Procuramos entrar em sua história atentos ao que aparecer, sem vieses preconcebidos, tanto quanto possível.

Memorial do convento e a História pelo avesso

Karen Lorrany Neves Adorno (UFSM)

Resumo O presente trabalho buscou discutir a relação paradoxal e poética com que Saramago trabalha História por meio do material ficcional, presentes nas páginas do Memorial do convento. Nosso objetivo principal foi apontar a maneira pela qual o romancista reconstrói a História de Portugal preenchendo as lacunas com ficção, virando, assim, os manuais históricos pelo avesso. Não restam dúvidas de que Saramago abalou a divisão entre as funções atribuídas ao historiador e ao poeta, que por muito tempo imperou. Tomando por prerrogativa as incógnitas nunca resolvidas pelos historiadores, aquele que escreve e inscreve a História não pode almejar uma objetividade incontestável sobre os acontecimentos passados. Cerdeira nos confirma que "a história se constitui como uma indagação sobre a verdade, mas que o seu resultado é sempre parcial, comprometido com o sujeito do enunciado, com o tempo do discurso e, por isso mesmo plural". (2018, p. 24). Dessa maneira, não se encontra na esfera do possível, ao contrário do que Aristóteles acreditava, "relatar o que aconteceu" com indubitável objetividade, pois o passado nos reserva uma ótica obscura, por conta das janelas que não podem ser preenchidas. "Hoje sabe-se bem que é vã essa expectativa de ressuscitar integralmente o passado. Porque há fendas, lacunas e silêncios que são objetivamente irreparáveis, pois faltam fontes e documentos para tal". (CERDEIRA, 2018, p. 25). Levando isso em conta, "[...] uma parte importante da ficção de José Saramago constitui uma ativa interpelação da História, através da palavra do romance". (REIS, 2015, p. 41). É, justamente, essa parte da História interpelada por Saramago em Memorial do convento que o presenta trabalho buscou debater.

O espaço da literatura em Ricardo Lísias

Luisa de Almeida Lírio Pinto (UFF)

Resumo O presente trabalho é parte de uma investigação em curso sobre as narrativas autoficcionais de Ricardo Lísias, especialmente sobre Meus três Marcelos (2011), O céu dos suicidas (2012) e Divórcio

(2013). As três narrativas abordam o problema da perda e do luto, seja pelo o fim de um casamento, ou pela morte de seu amigo. Ao mesmo tempo, tais obras dialogam com o campo das artes e das mídias por seu caráter performático, e podem ser estudadas a partir do modo como nelas se articula uma relação com diários, fotografias, entrevistas, redes sociais, criando sentidos novos, aquilo que Cámara e Aguilar (2017) chamam de "máquina performática". Ou seja, interessa-me pensar essas narrativas e o que elas criam e propõe discursivamente para além do literário, considerando-se que a literatura está em constante mudança e em diálogo com outras formas discursivas. Por outro lado, nas obras de Lísias, quando se pensa novas formas de subjetivações, em que entram aspectos referenciais e autobiográficos, faz-se necessário pensar a figura do autor, do escritor. O que essas narrativas criam conjuntamente? Um mito sobre o escritor? Sobre o autor? Em Meus três Marcelos há o aviso ao leitor de que "é tudo ficção, até as partes em itálico", o que levanta dúvidas a ficcionalidade do que está diante do leitor. Essa obra termina com o aviso de que o autor Ricardo Lísias, mesmo nome do narrador-personagem, vai publicar mais dois livros, O céu dos suicidas e Divórcio, o que se cumpre. Assim, em tais obras, ao mostrar os bastidores da escrita e os dados referenciais e biográficos do autor, como seu polêmico divórcio e o suicídio de seu amigo, surgem questões como: Isso é literatura? Até onde a literatura pode chegar? O que significa ser um escritor agora? Guiando-me por essas perguntas, e usando reflexões teóricas de Diana Klinger (2012), Judith Butler (2009), e de Aguilar e Cámara (2017), tentarei pensar sobre a abrangência do espaço da literatura hoje.

Stefan Zweig e o gênero biografia

Carlos Eduardo do Prado (UFF)

Resumo Contar, relatar a vida de alguém, sempre foi uma prática presente na história dos homens, porém para existir e ser considerado como gênero, a biografia dependeu da escrita. Relatando a existência de um ser humano, o indivíduo que foi alvo do relato sai da condição de ser humano, passando para outro plano, no qual, através da criação artística, irá condená-lo a um eterno vagar, percorrendo,

muitas vezes, caminhos completamente diferentes daqueles que o biografado em vida percorreu. O novo ser biografado visitará lugares, antes nem sonhados, bem como poderá ser revisitado por várias gerações, em diferentes épocas. Desta forma, este trabalho pretende traçar um panorama da evolução do gênero desde a Antiguidade, passando pelo século XVIII com a figura do herói duramente contestada pelos filósofos do Século das Luzes, bem com evidenciar o sucesso das biografias no século XX. Stefan Zweig considerado um dos grandes biógrafos da sua época, ainda é referenciado como um dos principais nomes quando falamos sobre biografias. Responsável por narrar a vida de indivíduos como Joseph Fouché – retrato de um homem político (1928), Maria Antonieta – retrato de uma mulher comum (1932), Erasmo de Rotterdam - grandeza e decadência de uma ideia (1934), Maria Stuart (1935), Castellion contra Calvino (1936) Magellan (1938), Américo – relato de um erro histórico (1940), o escritor austríaco sempre afirmou gostar de escrever sobre a vida dos indivíduos considerados "esquecidos" ou "injustiçados" pela história. Gênero híbrido, a escrita biográfica desperta as seguintes reflexões: diante dos dados objetivos, e das provas documentais, como deve se comportar o biógrafo diante da tarefa de relatar uma vida. Quais seriam os limites entre o real e o imaginário, história e ficção?

Uns e outros: espelhamento na literatura como exercício de fazer e ser

Suelen Gonçalves Vasconcelos (IFRJ)

Resumo A literatura envolve um fazer artístico, processos de difusão e de recepção que acabam por convergir para um movimento de autoalimentação, uma vez que a literatura se alimenta de si mesma. Ainda que haja o advento da tecnologia possibilitando maior acesso e popularização de obras literárias, há também um grande movimento de preocupado com o estímulo da leitura e com o letramento literário. Tal cenário nos leva a questionar se há um aparente distanciamento do sujeito tecnológico hoje da literatura. Esse trabalho busca inspiração no exercício de criação literária que resultou na coletânea Uns e outros – contos espelhados para pensar e avaliar práticas, diálogos e exercícios quanto ao papel do ensino da literatura em

escolas hoje. Os organizadores da coletânea propuseram que autores contemporâneos de literatura em língua portuguesa buscassem inspiração a partir de um conto clássico a ser escolhido por cada artista como base para a escrita de uma nova história. Através dessa atividade de espelhamento, observa-se um exercício de subjetividade capaz de inspirar práticas literárias em sala de aula aproximando os alunos da arte literária, não só quanto ao estímulo de um público leitor, mas também quanto à participação desse público no fazer artístico. Assim, busca-se uma conjugação de olhares com base em três frentes relacionadas ao exercício de espelhamento. De forma a colocar a leitura em uma posição ao mesmo tempo de receptor e sujeito, parte-se de uma perspectiva de conjugação da literatura com outras artes, como o teatro – tomando como exemplo o trabalho de Boal com o Teatro do oprimido. Quanto ao resgate do contexto do aluno, busca-se Paulo Freire como referência no que diz respeito a valorizar as histórias individuais. Finalmente, Bourdieu apresenta a noção de capital cultural dando suporte à presente investigação na promoção da arte como um bem a ser democratizado.

Simpósio 6
A questão do nacional no cenário literário e cultural brasileiro contemporâneo

Carolina Montebelo Barcelos (PUC-Rio)
Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (UFRJ)
Tatiana Franca Rodrigues Zanirato (UFG)

Resumo Às vésperas das comemorações do bicentenário da Independência do Brasil e do centenário da Semana de Arte Moderna, as questões relativas à identidade nacional ainda persistem enquanto uma espécie de resíduo, para citar uma imagem produzida por Renato Cordeiro Gomes (GOMES, 2014). No entanto, a permanência da discussão da identidade nacional assume hoje novas feições e contornos críticos; afinal, não estamos diante de uma premissa de matizes pós-modernas que afirma o caráter postiço e inautêntico de nossa identidade; e tampouco a saída seria a filiação a discursos estéreis que buscam localizar os traços triunfalistas e essencialistas de uma ideia de Brasil. As nações modernas, conforme nos esclarece Benedict Anderson, são fruto de um sofisticado exercício narrativo. A crítica pós-colonial, em especial os trabalhos de Homi K. Bhabha e Partha Chatterjee, nos oferece as ferramentas teóricas necessárias para examinar as tensões existentes entre uma identidade nacional imaginada e as narrativas produzidas por discursos que buscam rasurar a imagem forjada para a nação. Assim, é possível observar que parte da literatura brasileira contemporânea nacional ainda se desdobra em torno das questões identitárias propulsoras da Semana de Arte e produzem uma imagem prismática do Brasil. A multiplicidade de formas da produção contemporânea responde não apenas a uma dimensão estética, mas, igualmente, ética e política, reveladora da emergência de novos sujeitos da enunciação. Assim, a literatura marginal, produzida nas favelas e periferias dos grandes centros urbanos do Brasil, reclama seu direito à cidade; a literatura indígena expõe as fraturas do legado romântico; as literaturas feministas, sobretudo a literatura de autoria negra, exige o lugar de publicação e a necessária leitura das relações de gênero, raça e classe em uma perspectiva interseccional; as literaturas afrodescendentes produzem uma reinterpretação do passado escravista e do racismo; a literatura LGBTI+ obriga crítica e público leitor a se reposicionar sobre

questões de autoria; a literatura surda expressa não somente a crítica a conceitos como normalidade e deficiência, como igualmente solicita o uso de uma língua gesto visual – a ideia de uma identidade nacional homogênea é confrontada por discursos produzidos por identidades minoritárias. No clássico *Comunidades Imaginadas,* Benedict Anderson (2008, p. 34) aponta que uma nação é "uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana"; segundo o historiador, ela é "imaginada como uma comunidade por que, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal" (ANDERSON, 2008, p. 34, grifo do autor). As novas vozes que se colocam no cenário literário e cultural brasileiro vêm expondo as fraturas do projeto brasileiro de uma comunidade imaginada e, consequentemente, de uma identidade nacional estável e homogênea. Nesse sentido, os Estudos Culturais, a Crítica Pós-Colonial e a Teoria Decolonial apresentam-se como as abordagens metodológicas mais apropriadas para este Simpósio Temático porque deseja reunir pesquisas em torno das questões de representações da identidade nacional tanto na maneira em que são problematizadas e interpeladas pelas expressões das identidades culturais contemporâneas quanto na medida em que ressignificam clássicos coloniais, românticos e/ou modernistas que se ocuparam da construção da identidade nacional brasileira. Com base em uma definição expandida de literatura, que inclui textos literários, cinema, teatro, música, fotografia, além das diversas mídias, objetiva-se proporcionar um espaço de reflexão acerca das tensões contemporâneas que envolvem o debate sobre identidade nacional, em especial o caso brasileiro. Deseja-se, assim, iniciar uma reflexão que pode ser desdobrada ao longo dos próximos anos sobre a forma como a construção da nação brasileira chegará enfim às efemérides que serão em breve comemoradas e a forma como a literatura e a cultura elaboram este momento da vida social brasileira.

Expressividade, Referenciação e Verbo Poético na Obra Gilbertiana: Saciologia Goiana

Marta Bonach Gomes (PUC-GO)

Resumo A presente investigação enseja o surgimento da manifestação cultural legítima da sa(o)ciologia poética na região goiana. Nesse sentido, uma simples mirada em textos são suficientes no que tange à história da Literatura que parte da performance do eu-lírico nos textos (obra) de Gilberto Mendonça Teles, Saciologia Goiana (2019). Isso possibilitou resgatar e incorporar os escritos do autor, que deixou uma espécie de diário íntimo do verbo poético. Aprofundaremos nas análises de seu universo simbólico em experiências sugeridas pelo concretismo e práxis da criação e fala na linguagem poética. Mas o aspecto talvez mais notável deste texto está na linguagem meticulosamente elaborada por GMT. A bibliografia brasileira sobre temas de inspiração e estética marca um significativo tento com esta nova visão incluindo estudos que contemplam tanto o resgate de obras publicadas, quanto a investigação da escrituração da escrita além de uma abordagem na arte e verdade no mergulho usual da palavra. A proeza maior do autor ultrapassa em muito o modo usoal de cernir um tema, trata-se de uma mediação da estética que aponta para além do tempo, associa-se com uma educação do imaginário, que utiliza a agregação dos saberes examinando a gênese em prosa e verso no sentido pleno do texto, que será preservado no nível da memória e da sensibilidade, filtrada no olhar de hoje desde sua produção, até suas particularidades e suas complexidades no campo da Sociologia Goiana que enriquece a literatura brasileira. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar um estudo sob a produção artística, estética e analítica da singularidade dos poemas de GMT, a partir da construção escrita de seus textos poéticos e sob o viés do movimento constante de atração pelo espaço rememorado (BACHELARD, 1989). Dessa forma, a carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil, que enaltece os ermos goianos. Serão enaltecidos e caracterizados como a fortuna crítica e poética do autor do Planalto Central.

Simpósio 7
A trajetória sisifica na literatura brasileira contemporânea

Winnie Wouters (UNEMAT)
Luis Eduardo Veloso Garcia (UENP)

Resumo Ao falar sobre a Literatura do tempo presente em *Mutações da literatura no século XXI* (2016), Leyla Perrone-Moisés afirma que a temática dá destaque ao individualismo: "o eu e suas experiências, mesmo minúsculas, tem sido privilegiados; o ceticismo aumentou, chegando até o niilismo; a impossibilidade de um grande relato histórico, no qual situar as vivências contemporâneas, acarretou o desaparecimento da literatura de mensagem política explícita, limitando a obra de ficção a denúncia de um real insatisfatório ou mesmo catastrófico" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.46). Nesse sentido, certas constantes parecem assolar a prosa brasileira contemporânea, objetos distintos para cada escritor aparecem repetidas vezes como mote de romances, algo que soa, muitas vezes, como uma obsessão, mas que pode indicar uma tentativa de busca de solução do problema que se deixa entrever por sutis alterações na construção romanesca e que podem indicar possíveis mudanças, algo que ainda não conhece destino certo, mas já se percebe a caminho. Entre os exemplos possíveis, encontramos os romances de Ana Paula Maia, nos quais o retorno obsessivo pela narração de figuras masculinas presas aos conflitos com sua brutalidade, surge encarnado na repetição de protagonistas como Edgar Wilson e Bronco Gil das obras *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009), *Carvão Animal* (2011), *De Gados e Homens* (2013), *Assim na Terra como Embaixo da Terra* (2017) e *Enterre Seus Mortos* (2018); Nuno Ramos, cujas obras revelam a procura por vencer a linguagem por meio do mergulho na matéria, que surge através de composições com urubus, piche, areia, juncos, cães mortos, e tantos outros "restos, resíduos, cantos, cacos, lixo", como destaca Leyla Perrone-Moisés, no intuito de superar a insuficiência da palavra escrita em obras como *Cujo* (1993), *Balada* (1995), *O Pão do Corvo* (2001), *Ó* (2008), *Sermões* (2015) e *Adeus, Cavalo* (2017); Ronaldo Correia de Brito, que ressignifica o esforço contínuo por uma repetição infrutífera em livros como *Galileia* (2008) e *Dora Sem Véu* (2018) nos quais traz a voz de protagonistas que se deslocam da capital pernambucana para o sertão cearense, revelando a angústia de um retorno forçado ao local; João

Anzanello Carrascoza, que traz em suas obras a concretização de um "escritor de afetos arcaicos" (s/n, 2016), como vemos nos diários da *Trilogia do Adeus* (2017), em *Aos 7 e aos 40* (2013) e em *Elegia do Irmão* (2019); Luiz Ruffato, que explora por uma perspectiva obsessiva de seu projeto literário retratar o cotidiano do proletariado brasileiro, isso tanto nos cinco volumes que formam o seu ambicioso trabalho intitulado *Inferno Provisório*, quanto em obras como *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001), *De Mim Já Nem se Lembra* (2007) e *Verão Tardio* (2019); Milton Hatoum, cujos romances apresentam a constante tentativa de construir narradores que, apesar de se encontrarem aparentemente à margem dos fatos principais, são testemunhas de ruínas familiares simbólicas, como é o caso das vozes dos narradores personagens de *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2003) e *Órfãos do Eldorado* (2008); e Evandro Affonso Ferreira, que tem apresentado esse círculo vicioso como mote de seus romances nos solitários que perambulam pelas ruas de São Paulo ao encontro das ruínas de suas lembranças em livros como *O Mendigo que Sabia de Cor os Adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012), *Os Piores Dias de Minha Vida Foram Todos* (2014), *Não tive nenhum prazer em conhecê-los* (2016) e *Nunca houve tanto fim como agora* (2018). Por isso, assim como Sísifo deve levar a pedra até o alto da montanha todos os dias, os personagens, sobretudo os narradores da prosa contemporânea, vem atuando como pequenos escaravelhos, não só empurrando todos os dias a mesma pedra, rodando ao em torno de si com os mesmos conflitos e misérias, mas também atuando para que essa pedra aumente, numa espécie de *mis en abyme* no qual a pedra apenas rola para baixo da montanha quando o próprio fôlego do narrador se esvai e este se vê obrigado a recomeçar. Encontramos nessas obras, então, aquilo que David Harvey reconhecera em *Condição pós-moderna*, o domínio do apreço pela "ficção, pela fantasia, pelo imaterial (particularmente do dinheiro), pelo capital fictício, pelas imagens, pela efemeridade", ao mesmo tempo que "personifica fortes compromissos com o Ser e com o lugar". (2008, p.303-305). Tomando os exemplos acima citados, propomos uma leitura da literatura brasileira contemporânea a partir do mito de Sísifo: a necessidade de narrar é premente, por isso a tarefa se faz ainda que por um caminho pelo qual o resultado final já se antevê como insatisfatório – o romance se conhece, está consciente das limitações pelas quais se construirá, ao mesmo tempo que reconhece a eminência da mudança, e por isso retoma a tarefa

de levar a pedra até o alto do cume, posicionando-a, transformando-a, de modo que um dia ela deixe de retornar ao espaço conhecido.

Errância e atuação na obra *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll

Jaqueline Castilho Machuca (UFRN)

Resumo Nomadismo, marginalidade e anonimato são temas recorrentes na obra de João Gilberto Noll, importante representante da literatura contemporânea brasileira. Publicado em 1989, *Hotel Atlântico* é um romance no qual a errância se apresenta como um dos tópicos motores, já que o narrador protagonista, um ex-ator, está em constante deslocamento. Sem bagagem, sem destino, sem companhia, esse sujeito transita por espaços variados em um enredo ausente de conexões — causais, temporais — que corresponderiam a uma organização fluída. Esse tema propulsor surge no embate entre os padrões e o fazer artístico. O nomadismo, aqui visto como o desprendimento total de vínculos espaciais fixos, é caro à contemporaneidade em geral e é um tema recorrente na obra de Noll. O errante, não o turista, é aquele que não consegue se prender a um espaço só, fazendo de todos os espaços o seu lugar: ao mesmo tempo em que se apropria temporariamente dos lugares pelos quais passa, não cria laços, não imprime marcas, apenas está de passagem. As razões que impulsionam esses andarilhos são diversas e não é sabido qual fator dominante leva os personagens de Noll a esse tipo de deslocamento, visto que pouco se sabe sobre o passado desses sujeitos — quase sempre anônimos. É o momento presente, portanto, o foco temporal de tais escritos. Repleta de reflexões existenciais, sobretudo concernentes à deterioração de seu corpo, a obra constrói um personagem que encontra na atuação uma forma de enfrentamento. Esse trabalho propõe uma reflexão, baseada em teóricos como Júlia Kristeva (1994) e Michel Maffesoli (2001), a respeito da migração como questionamento do status quo, relacionando a temática a outros assuntos caros ao universo nolliano.

Estar em trânsito: deslocamento e exílio nas narrativas de Carola Saavedra

Josye Gonçalves Ferreira (UFU)

Resumo Esta comunicação pretende abordar a questão do deslocamento geográfico e do exílio como temática recorrente nas narrativas da escritora contemporânea Carola Saavedra. Desde seu primeiro livro, a coletânea de contos Do lado de fora (2005), até o último romance, Com armas sonolentas (2018), as narrativas saavedrianas estão marcadas por um forte sentimento de exílio, tanto geográfico quando emocional. Suas personagens, de uma maneira geral, parecem estar sempre em trânsito, revelando um certo desajuste e inadequação em relação ao mundo. Nesse sentido, o deslocamento geográfico expressa uma sensação de não pertencimento, seja porque as personagens vivem na condição de estrangeiras, seja porque não se sentem adaptadas emocional ou afetivamente ao ambiente em que estão. Sob essa perspectiva, este trabalho se debruça, especialmente, sobre três romances da autora, destacando as personagens Javier, de Toda Terça (2007), Érika, de Paisagem com dromedário (2010) e Maike, de Com armas sonolentas (2018).

Simpósio 8
Africanidades e brasilidades: diálogos entre literaturas e culturas

Jurema Oliveira (UFES)
Gustavo Henrique Rückert (UFVJM)

Resumo Diante da atual conjuntura social, marcada pela ascensão da extrema direita ao governo de diversos países, pelo crescimento de grupos fundamentalistas, pela escalada de violência (tanto informal quanto institucionalizada), direcionada na maioria das vezes a grupos minoritários politicamente (como imigrantes, negros, quilombolas, indígenas, praticantes de religiões não cristãs, mulheres, LGBTQIs, dissidentes políticos, portadores de deficiências, entre outros), avanço das pautas neoliberais predatórias do meio ambiente e mantenedoras das desigualdades sociais, faz-se extremamente necessária a busca por uma diversidade epistêmica no âmbito das práticas universitárias. E não é diferente no que diz respeito ao campo dos estudos literários. Nesse sentido, o pensador egípcio Samir Amin (1988, p. 8) condena as marcas do eurocentrismo que permeia o pensamento moderno: "um universalismo, pois propõe a todos a imitação do modelo ocidental como a única saída aos desafios do nosso tempo". Buscar soluções diversas ao nosso tempo é, portanto, buscar epistemologias outras, as quais possibilitem um olhar múltiplo para o convívio em sociedade. As literaturas produzidas nos países africanos e nos países marcados pela diáspora negra revelam-se, nesse âmbito, um importante manancial para alimentar um novo olhar acerca da diversidade cultural de nosso tempo. A crítica literária santomense Inocência Mata (2014) considera que o estudo dessas literaturas demanda uma renovação epistemológica, uma vez que categorias eurocêntricas como *cânone*, *universal*, *globalização* e *cosmopolitismo*, as quais marcaram a crítica literária mais recente, são radicalmente tensionadas por esses textos. Para a pesquisadora e poeta moçambicana Ana Mafalda Leite (2012, p. 154), as literaturas africanas apresentam por característica "interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigar, reler e reescrever a empresa histórica e ficcional, coloniais". De vocação amplamente polifônica (BAKHTIN, 1981) e cultural (BHABHA, 2013), as literaturas da África e da diáspora constituem-se justamente pelo diálogo, trazendo para

o literário os universos oral, religioso, memorialístico, ancestral e comunitário que permeiam suas culturas. Os conceitos de africanidades e brasilidades (MUNANGA, 2015) remetem, portanto, ao caráter inevitavelmente dialógico entre as literaturas africanas e negra brasileira. Partindo desse pressuposto, a investigação desses universos literários é um trabalho também comparatista, pois não há voz isolada ou individual para as culturas africanas – toda voz evoca em si a presença dos antepassados (LEITE, 2008). No universo das africanidades, portanto, o alheio sempre esteve indissociável do próprio (CARVALHAL, 2003). Assim, acreditamos que o estudo comparado dessas obras literárias, uma vez que rasuram as fronteiras entre identidade, autoria e alteridade, é capaz de contribuir para o desenvolvimento de uma universidade mais atenta às demandas de nosso tempo, pautada pela cidadania, pela equidade e pelo respeito pleno às diferenças. Dessa forma, o simpósio temático *Africanidades e Brasilidades: Diálogos entre Literaturas e Culturas* tem como proposta receber trabalhos que fomentem o diálogo entre as literaturas e demais manifestações culturais de países como Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, abarcando a multiplicidade temática que esse diálogo suscita, tal qual: negritude; tradição; ancestralidade; religiosidade; língua; oralidade; relações transatlânticas; memória; história; diáspora; migração; identidade; diferença; alteridade; poéticas; política; violência; racismo; escravidão; colonização; identidade; modernidade; desigualdade social; gênero; escolarização; direitos humanos. Afinal, conforme defendeu o escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (2020) em um de seus últimos textos, é somente pelo entendimento radical da alteridade, compreendendo, tal qual nas culturas africanas, que a vida não está encerrada em um indivíduo, mas dispersa em tudo aquilo que chamamos outro (desde o estrangeiro aos elementos da natureza), que podemos chegar a uma cidadania condizente com as realidades nacionais.

A construção de imagens poéticas e retóricas em Gulamo Khan (Moçambique) e em Raul Bopp (Brasil): um desejo de modernidade consubstanciada na criação poética

Deividy Ferreira dos Santos (UFPE)

Resumo Nesta comunicação, discutiremos sobre a construção de imagens poéticas e retóricas em dois escritores pertencentes a duas nacionalidades diferentes, a saber: Gulamo Khan, em Moçambique, e Raul Bopp, no Brasil. Este último tem vários poemas que tratam de uma imagem do negro na cultura brasileira, e, para discutirmos essa questão, nos utilizaremos da obra "Cobra Norato e Outros Poemas" (1931). A metáfora, a hipérbole, a metonímia e a prosopopeia são figuras recorrentes na poesia de Bopp, e , mostraremos, como elas podem ser encontradas em seus poemas e quais efeitos (retóricos e estilísticos) causam ao texto. Por sua vez, Gulamo Khan, em Moçambicanto (1989), também enriqueceu seus versos com um vocabulário rico de figuras e de efeitos linguísticos que permitem ao texto uma sonoridade e uma imagética comparável a de Bopp. Neste breve trabalho, buscamos fazer comparações entre poemas dos dois autores com vistas a demonstrar as proximidades retóricas e estilísticas entre dois poetas na narração de cenas e na descrição de cenários em seus poemas. As semelhanças retóricas e estilísticas em ambos os poetas estão ligadas ao processo de construção de imagens poéticas fundadas na percepção de cenas e de cenários de aspectos culturais do Brasil no início do século XX, no caso de Raul Bopp, em sua lenta modernização em conflito com a tradição aristocrática; e em Gulamo Khan, na busca de uma identidade nacional que se baseie na relação entre língua portuguesa e tradição tribal. Objetivamos, assim, aprofundar a compreensão acerca dos processos de criação poética em dois poetas que embora separados no tempo e no espaço, são ligados por um desejo de modernidade consubstanciada na criação poética.

A lágrima e suas relações de gênero em contos de Mia Couto

Francisca Kellyane Cunha Pereira (UFC)

Resumo No presente estudo, buscamos investigar como ocorre a dissolução das dicotomias de gênero e a convergência de características masculinas e femininas, em personagens de contos de Mia Couto, por meio da simbologia da lágrima. A partir dos mitos e símbolos moçambicanos e universais, o autor apresenta personagens que unem masculinidade e feminilidade, capazes de tocar o leitor ocidental por seu caráter humanístico. Masculino e feminino se completam e fazem parte da psique de todo indivíduo, entretanto, as diversas mitologias criaram símbolos que se contrastam e se opõem. A linguagem, as narrativas e os textos não descrevem coisas aleatórias, mas instituem as ideias e inventam as identidades. Sendo assim, o que acontece em Moçambique, a subalternização, a marginalização e o silenciamento, principalmente do feminino, representam os reflexos de uma História, que carrega um discurso cultural. A linguagem literária de Mia Couto parece combater preconceitos de gênero, classe e etnocultural. O corpus desta comunicação é composto por dois contos de diferentes obras: As lágrimas de Diamantinha (2001) e Os machos lacrimosos (2003). Nessas obras, Mia Couto utiliza diversos mitos e símbolos na construção de seus personagens. O simbolismo da água, por exemplo, é algo recorrente em sua obra, dando a todo sonhador a embriaguez da feminilidade. Relacionada à água, outra constante simbólica nos escritos de Mia Couto é a lágrima. Tal elemento surge como a mais latente expressão emocional e signo de transformação de muitos personagens. O autor subverte a ideia de debilidade relacionada à lágrima. Em muitos contos, a lágrima é um agente transformador e atua como elemento capaz de humanizar e libertar os personagens. A obra coutiana desconstrói pressupostos patriarcais, dando ao gênero masculino a possibilidade do choro, emoção e sensibilidade, pois a sensibilização do homem se dá no encontro com as emoções.

A mulher negra gaúcha pode falar? Ofertando ouvidos para atentar aos espectros de suas vozes silenciadas

Dênis Moura de Quadros (FURG)

Resumo Gayatri Spivak (1942-) em Pode o subalterno falar? (2010) faz um apanhado das condições que não permitem aos sujeitos subalternizados falarem ou mesmo terem suas vozes autorais audíveis e conclui com a afirmativa de que o subalterno não pode falar, pois sua fala não tem valor atribuído no sistema social que o oprime. Além disso, Grada Kilomba (2019) afirma que só é possível falar se alguém está disponível a ouvir. Assim, ao questionarmos acerca das escritoras negras gaúchas somos respondidos com silêncios. Mas elas existem e publicam e, logo, precisamos, tal como Obá, oferecer nossas orelhas atentas para que o manto do esquecimento não as sufoque ainda mais. O principal objetivo desse trabalho é "(...) divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências." (RIBEIRO, 2017, p. 90), ou seja, para analisar as produções de duas mulheres negras gaúchas, elencamos uma base teórica composta por mulheres e, hegemonicamente, pesquisadoras negras brasileiras. Assim, o presente trabalho apresentará uma breve cartografia das escritoras negras gaúchas Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), a Helena do Sul; Zeli de Oliveira Barbosa (1941-2017) e Maria do Carmo dos Santos. Analisando as obras dessas escritoras percebemos que a escrevivência (EVARISTO, 2005; FERREIRA, 2013) é a base afrodiaspórica de suas escritas em que, através do processo de negritude (BERND, 1984) tornam-se negras (SOUZA, 1983), isto é, rasuram os estereótipos racistas engendrados a partir do mito da democracia racial e resgatam a memória ancestral, ou os rastros dela, dilacerada pelo processo de escravização.

A partilha da palavra-paisagem: uma reflexão sobre a organização perceptiva do Sul na escrita de Ruy Duarte de Carvalho

Juliana Campos Alvernaz (PUC-Rio)

Resumo A literatura do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, segundo Ana Mafalda Leite (2012), mostra, por meio de uma "fusão entre ser-terra-escrever" (p. 118) – e acrescento o "outro" –, uma radicação de um corpo do Sul que se movimenta por essas paisagens. Esse movimento se dá por meio de uma descrição em deslocamento, em uma transumância das geografias, dos gêneros discursivos e dos pastores, constantes personagens e interlocutores nas narrativas duartianas. Considerando isso, a presente comunicação objetiva investigar a configuração das paisagens na obra desse autor, com foco em suas narrativas de "meia-ficção". Entendendo que a paisagem, segundo Michel Collot (2010), consiste em um recorte do ponto de vista de quem observa, refletiremos sobre as descrições espaciais de algumas obras, bem como seus efeitos literários na relação Eu-outro-espaço. Os sujeitos-corpos constituem a organização perceptiva: a paisagem, a qual é representação de um espaço de não-fronteira, desconsiderando demarcações geopolíticas coloniais – fronteira entre Angola e Namíbia, por exemplo – que não importam aos pastores inscritos nos romances. Assim, intento percorrer um trajeto de reflexão que perpassa por essas discussões, objetivando a apreensão do jogo literário-político na escrita de Ruy Duarte de Carvalho.

Arte e ancestralidade: o ato de trabalhar o barro em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Mirvana Luz Teixeira (UFRGS)

Resumo A Diáspora negra, de acordo com Eduardo David de Oliveira (2012, p.29), é "signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global". Nesse sentido, a produção literária e cultural de autores negros é necessária como forma de reelaboração de um discurso universalista e, seguidamente, eurocentrado que nega a existência dos

elementos de matriz africana tão presentes em nossa sociedade. O romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, publicado em 2003, fortalece a voz individual e coletiva da população negra no Brasil, reescrevendo um passado que foi negado, esvaziado e distorcido constantemente ao longo da história nacional. Nele, a personagem central, Ponciá, e sua mãe, Maria, têm como elo a fabricação de objetos de barro, que servem tanto como utensílios domésticos que são vendidos e, assim, dão sustento à família, como também arte que remete aos ancestrais das personagens, unindo-os ao seu presente. Essa comunicação tem, pois, como objetivo analisar a relação da arte produzida pelas personagens e sua ancestralidade, uma vez que o barro também é um elemento presente e quase necessário à Ponciá quando ela, em busca de melhores condições de vida, deixa o campo e migra para a cidade. Logo, os movimentos percorridos pela família Vicêncio, em diáspora e em migração, não fazem com que seus integrantes e seus antepassados se separem: muito pelo contrário, a resistência negra ocorre justamente por meio de elementos culturais, como a arte produzida pelo núcleo aqui referenciado. Com essa intenção, comporão a base teórica desta comunicação Aníbal Quijano, Eduardo Oliveira, Stuart Hall, Maurice Halbwachs e Conceição Evaristo.

Baiana System e a crioulização: perspectivas da música brasileira

Ellen Berezoschi (UFSC)

Resumo O presente trabalho tem como tema central a análise dos aspectos de crioulização da música brasileira a partir do álbum "O futuro não demora" do grupo baiano Baiana System. O grupo tem como referências sonoras, diversos elementos da tradição musical negra em confluência e mistura com a modernidade. A banda tem como referência o sound system jamaicano com a guitarra baiana, variando entre os ritmos samba-reggae, ijexá, rap, rock e ska, além de outros gêneros afro-latinos como MPB, frevo, afrobeat, reggae, cumbia e o pagode baiano. Essa harmonia entre tradição e modernidade quebra com os limites culturais do tempo, transcendendo gerações e momentos históricos. De acordo com Paul Gilroy (2001) a música negra é a contracultura da modernidade, justamente por pôr à prova o projeto moderno de nação, pois transcende nacionalidades

e identidades fixas. A cultura e a música negra esboçam uma identidade aberta, consequência direta do colonialismo. Desse modo, é possível perceber a música negra como um processo de crioulização, nos termos de Édouard Glissant (2011), no qual o ritmo e a poesia estão sempre abertos e híbridos, num jogo de relações das identidades com a totalidade, mas não com o intuito de universalização. O momento da performance é esse jogo. Para Paul Zumthor (1997), a performance é presença através da voz, que carrega elementos poéticos no seu ato, ela é relação e mudança, é o momento em que a poesia se flexibiliza no contato. É a partir desses estudos e da sonoridade poética de Baiana System que proponho a análise do disco "O futuro não demora" como uma expressão dessa crioulização cultural através da música.

Kainene: o desaparecer de um povo em Biafra

Katria Gabrieli Fagundes Galassi (UFES)

Resumo Em Meio Sol Amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie, a história do povo nigeriano é atravessada pela idealização do Território Independente de Biafra, iniciado principalmente pelas pessoas letradas daquele país, levando ao conflito que durou entre os anos de 1967 e 1970. Em meio a todas as adversidades do contexto histórico, Kainene e Olanna, irmãs gêmeas pertencentes a uma família abastada na Nigéria, partipam, cada uma a sua maneira, do processo da tentativa de separação. Kainene representa o lado mais estruturado dessa família, carregando a força psicológica inabalável para lidar com as adversidades provenientes da política para conseguir espaço num país tão desigual. A força presente na figura dessa personagem dá voz à todas as mulheres que não a possue, inclusive à sua gêmea, que representa o lado mais romantizado e otimista de um lugar onde a esperança se torna escasa. Mesmo num país onde a maioria é negra, a forte presença da colonização européia desnuda um conflito claro entre brancos e negros. Kainene não apenas se impõe perante o conflito de raças, como também rompe com a fragilidade da figura da mulher, num espaço onde esse diálogo nem mesmo havia começado. As questões de humanidade e identidade permeiam a vontade de criar a Biafra Independente num lugar tão oprimido e neste

romance o tom da voz de Kainene será inconfundível na interpretação de um povo só.

O (en)canto que vem das ruas: as crônicas de João do Rio e Luiz Antonio Simas

Mei Hua Soares (FCL)

Resumo A partir da leitura das obras A alma encantadora das ruas (1908), de João do Rio, e O corpo encantado das ruas, de Luiz Antonio Simas (2019), pretende-se analisar a representação das ruas, do espaço público, dos sujeitos que por elas circulam e das vozes que delas emergem segundo a concepção desses autores. Num primeiro momento, pretende-se pesquisar e discorrer sobre o gênero crônica, conhecido por se voltar à "vida ao rés-do-chão". Em uma segunda etapa, almeja-se um estudo das religiosidades, musicalidades e culturas negras – presentes em ambos os livros que compõem o corpus de pesquisa. Em se tratando de obras que guardam entre si uma distância histórica de mais de cem anos, o presente projeto prevê um estudo comparativo que destaque aspectos relacionados a práticas políticas, econômicas e socioculturais, às interações e relações de lazer e de trabalho, à representação dos que historicamente ocupam as ruas. João do Rio, jornalista e escritor negro, denota em suas crônicas crítica social contundente. Luiz Antonio Simas, historiador, ao se amparar em cantos, vocábulos, rimas e ritos próprios da Umbanda e do Candomblé, ressalta as africanidades, recupera elementos do samba, da "gramática dos tambores", encharcando poética e criticamente a visão que se tem das ruas do Rio de Janeiro da atualidade. Utilizaremos como aporte teórico as noções de campo e de habitus, de Pierre Bourdieu; de flanêur e experiência, de Walter Benjamin; de outridade e trauma, de Grada Kilomba. Um eixo que também está no horizonte da pesquisa é pensar a crônica e a rua como memória. Coletiva, individual, alegre, violenta, ancestral. Nesse sentido, buscaremos nos referenciar em estudos e conceitos desenvolvidos por Conceição Evaristo, Ecléa Bosi, Jeanne Marie Gagnebin e Toni Morrison.

Quando o tapete alça voo : Negritude, Racismo e Gênero em contos de Cristiane Sobral

Ângela da Silva Gomes Poz (IFF)

Resumo Este artigo consiste em um estudo sobre os temas Negritude, Racismo e Gênero a partir da leitura de contos da obra O tapete voador, de Cristiane Sobral, publicado em 2016. Com ênfase em contos em que as protagonistas são mulheres negras, numa obra cuja maioria de personagens é negra – assim como a autora, que nela revela percepções de mundo e experiências de vida que marcam sua literatura, pretende-se realizar uma leitura analítica dessas personagens e suas ações, transcorridas muitas vezes em ambientes e circunstâncias hostis, numa sociedade marcada por preconceitos de cor, de gênero e de classe, que, em conjunto, atingem interseccionalmente as mulheres negras, que constituem a "base da pirâmide ocupacional", ao mesmo tempo uma "maioria silenciosa" (hooks, 2019), que acaba por reproduzir padrões injustos, se não vencidos por meio de uma educação libertária, que leve ao rompimento com as normas e opressões vigentes, estabelecidas pelo patriarcado gerido pelo capitalismo, que perpetua o sexismo e o racismo, "dinâmicas determinadas e construídas historicamente" (MOORE, 2012). No contexto dos temas abordados nesses contos nos quais emergem "brasilidades" e "africanidades" (OLIVEIRA; SOARES, 2014), salientar-se-ão outros afins, como identidade, memória, religiosidade e ancestralidade, relevantes na obra de Sobral e na literatura negro-brasileira. Tomando como base epistemológica teóricas e teóricos negros, como Aimé Césaire (2010), Kabengele Munanga (2019), Carlos Moore (2012), Frantz Fanon (2008), Jurema Oliveira e Luís Eustáquio Soares (2014), Patrícia Hill Collins (2019), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2019), Sueli Carneiro (2019), Audre Lorde (2019), Djamila Ribeiro (2018 e 2019), entre outros grandes estudiosos dos temas, objetiva-se corroborar a imprescindibilidade da literatura afro-feminina brasileira para a construção de uma educação que de fato abrace a diversidade e supere as desigualdades em nossa sociedade essencialmente plural.

Simpósio 10
Anatomias do sexo: esporros literários, cópulas psicanalíticas

Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo É na intersecção entre o perigo e a recompensa, na infração à lei e no contato com o proibido, que residem os encantos e sortilégios da pornografia. Ela nos afeta, devasta-nos e, ao mesmo tempo, torna-nos demasiadamente humanos, ao desnudar nossas fragilidades, ao escancarar as fantasias operantes em nossa sexualidade, ao denunciar as falências de nosso narcisismo (no laço com o pornográfico, quem é o senhor?), ao delatar a parte obscura de nós mesmos. Dimensão obscurecida pela moralidade, pela vida social, pelas restrições a que nos submetemos em favor de um ideal de conduta, sempre inacessível e fugaz. O paradoxo da pornografia é sua solidariedade com o tabu, compartilhando com este do horror e da veneração que lhe são próprios. Daí as aflições que se abatem sobre todo aquele que segue seus passos e envereda por seus territórios. Assim como a violação ao tabu consagra o infrator e, em concomitância, lança-o ao degredo, na medida em que o estigmatiza, fazendo-o ocupar o lugar de objeto odioso e execrável, o contato com a pornografia, de igual modo, metamorfoseia a mortalidade em heroísmo, desterritorializando o sujeito que, maculado por seu ato, transforma-se em um ser abjeto e repulsivo. Essa ambivalência, antes de se converter em posições culturais, constitui a origem dos mais violentos e duradouros impulsos humanos. A fixação em um pólo ou outro, ou a oscilação entre um e outro (do horror à veneração, do sagrado ao impuro), demarca nossa atuação frente às concepções de sexo e de sexualidade, postas em relevo pelas experiências subjetivas com o corpo. Nas palavras do ensaísta e historiador da arte Alexandrian (1993), a pornografia segue o itinerário da carne, evidenciando sua fúria, sua beleza e seus prazeres. Sigmund Freud, em *Totem e Tabu* [1912-1913], expõe nossa vulnerabilidade ante os efeitos (des)agregadores das interdições. Afirma, inclusive, que "não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu" (p.49). Tal reflexão nos ajuda a entender o processo de exclusão perpetrado pelas sociedades contra a experiência pornográfica. Embora o termo derive da língua grega e remeta aos **escritos sobre prostitutas** *(*do grego *porn*(*o*) = prostituta e

graphein =escrita), a história da pornografia confunde-se, quiçá, com o surgimento dos primeiros grupos. A pré-história legou-nos um rico acervo de pinturas rupestres, em que o coito é representado em posições diversas, o que, sugere, no mínimo, uma tentativa de lidar com as forças libidinais. Certamente, o controle sexual não era tão aterrador e, com efeito, nossos antepassados incorreram no sexo, naturalizando-o conforme suas necessidades. Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o **erótico** e o **pornográfico** como fenômenos que se imbricam, misturam-se e se confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. A diáspora a que foram, durante séculos, submetidos (e que, estranhamente acentua-se no contemporâneo) denota a moral perversa que, ainda, rege as sociedades, sobretudo as ocidentais, marcadas por ideologias religiosas e médicas, lapidadas ao engenho patriarcal e heteronormativo. Situar o erótico no espaço do sublime, do belo, da saúde e, em contrapartida, impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiúra e da patologia, diz, na verdade, de uma incapacidade ética e estética de lidar com o próprio desejo. O campo literário é testemunha dos esforços efetuados (e mal-sucedidos), a fim de reduzir esses "efeitos do agir humano" a um denominador comum. A depender da época e dos sujeitos, o erótico converte-se em pornográfico e vice-versa. É óbvio que não podemos apresentá-los como iguais, conformes, sinonímicos. A pornografia, além de conter tudo o que é erótico, concentra algo a mais, da ordem do irrepresentável, de um prazer mortífero, sedutor e inevitável. Transitando pelos meandros da chamada **literatura licenciosa**, deparamo-nos com obras que incorporam os signos da obscenidade, sem ressalvas nem pudor. Na alcova de suas páginas, refugiam-se as mais angustiantes cenas de tortura, perfilam-se os mais cruéis personagens e, por conseguinte, brotam as mais inescrupulosas e atraentes perversões. O espetáculo orgástico faz do corpo uma carnificina, uma obediência à fantasmática primitiva, uma travessia retilínea ao gozo. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura pornográfica/erótica e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas do sexo, de modo a compreender as imagens e os discursos que o cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem

debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

O estilo pícaro defende-se vestindo a prêt-à-porter

Adriana Carolina Hipolito de Assis (UFSC)

Resumo O estilo, a aparência pícara é uma das características mais importantes de seu quadro independe de seu status social. O pícaro das ruas, assim como o burguês residente e domiciliado, mas foracluido, caminham por uma mesma flanerie de perversão e buscam mecanismos de defesa para manutenção do engodo pessoal. O pícaro é um dândi que, para sobreviver à foraclusão social busca anteparo imaginário na roupa moral. Vestir a prêt-à-porter apresenta uma lógica fantasmática que se articula a partir da fórmula de conexão entre o sujeito e a estrutura de significante que sempre retorna como falta do objeto a, como fantasma escritural. Neste sentido, a defesa pícara é sempre inventiva, o sujeito revela as faltas vestindo o ideal, o modelo aceito socialmente na tentativa de sair da foraclusão ao revelar a escritura do desejo que pode retornar como metonímia neurótica, perversa ou como metáfora delirante e/ou alucinatória, como resto da fome significante do Grande Outro. O estilo pícaro defende-se vestindo a prêt-à-porter.

Um miolo perverso que tira o desejo do forno: breves reflexões sobre crime e fetiche sexual

Eider Madeiros (UFPB)

Resumo No pequeno conto "Pão furtado" de Péricles Prade (2015), o protagonista se enreda em uma relação de objeto perversa com o próprio item o qual furtou, sem propósitos racionalmente delineados. Tendo em vista as diversas configurações nas quais os objetos sexuais podem se converter em substitutos, complementos ou determinante dos objetivos sexuais por meio do inconsciente nas relações sexuais humanas, o presente trabalho busca estabelecer reflexões que anunciem um diálogo entre as concepções de fetichismo em Freud e

de crime no sexo em Sade. Para o primeiro, sobretudo em seus Três ensaios sobre a sexualidade (1905), entre outros textos e comentadores, enfocamos concepções que as posicionem ou as aproximem da estrutura da perversão, de modo que possamos tensionar tais abordagens junto à filosofia libertina de Sade a partir do crime, nos terrenos das pulsões e da natureza sexual humana, enquanto pressuposto fundamental da exploração do desejo, como se evidencia, dentre outros, em muitos mandamentos de A sociedade dos amigos do crime (1797). Tanto nesse como em outros (anti)regulamentos sadianos, a moralidade e o princípio de realidade encontram resistência através da vazão dos prazeres na economia luxuriosa e infame dos corpos libertinos, vazão que desestabiliza seus próprios e os demais princípios com os quais possa vir esbarrar. Face a essas reflexões, buscamos compreender como se apresentam tais nuances em um conto erótico que usa de uma linguagem descritiva satírica para caracterizar de maneira leve e descontraída as possibilidades de satisfação e prazer junto a um inusitado objeto sexual.

Simpósio 11
Arte, literatura e imagem

Paulo Eduardo Benites de Moraes (UNIR)
Dirlenvalder do Nascimento Loyolla (UNIFESSPA)

Resumo Há algumas décadas as imagens começaram a serem vistas como objetos de revitalização dos estudos interartes, isso muito em função da chamada **virada icônica**. Trata-se de uma proposta de trazer para o *logos* filosófico as discussões em torno da imagem, elemento que tem alterado as formas por meio das quais compreendemos o real. Desde a década de 1990, autores como W. J. T. Mitchell, nos Estados Unidos, e Gottfried Boehm, na Alemanha, abriram o debate ao propor uma nova perspectiva para além da virada linguística, e pensar, agora, as mudanças de paradigmas dos estudos visuais. Boehm fala de uma "lógica das imagens" (2015), uma tese segundo a qual as imagens nos dão a ver alguma coisa a partir de uma **lógica da mostração**. Nesse sentido, a tese busca demonstrar um lugar específico que a imagem ocupa, ou como afirma o próprio pensador, uma *epistéme* icônica. Na esteira de Boehm, W. J. T. Mitchell propõe um campo de estudos denominado *visual studies* (2015), o que ele tem associado à virada pictórica da cultura intelectual tanto popular quanto erudita. Mitchell faz um esforço teórico de pensar a subjetivação da imagem, isto é, uma personificação de objetos inanimados. Se G. Boehm pensa um lugar próprio para a imagem, Mitchell pensa a imagem em seu papel de sujeito, ou como formula em seu questionamento: "o que as imagens realmente querem?" (2015). Em sua obra *Picture Theory*, de 1994, o autor já havia postulado ideias para pensar uma espécie de personalidade da imagem. Dentro dessa perspectiva, as imagens são marcadas por todos os estigmas próprios à animação e à personalidade: exibem corpos físicos e virtuais; falam conosco, às vezes literalmente, às vezes figurativamente; ou silenciosamente nos devolvem o olhar através de um abismo não conectado pela linguagem (MITCHELL, 2015). Nota-se, nessa leitura empreendida da imagem, uma aproximação aos debates de Freud e Marx ao tratarem, cada um a seu modo, dos objetos personificados, subjetivados e animados. Tanto Freud quanto Marx consideravam necessário que as ciências sociais e a psicologia modernas tivessem de lidar com o fetichismo, em uma visada para a personalidade

das coisas. Para Mitchell, porém, abordar as imagens em sua personalidade significa não as encarar como um sintoma para buscar a "cura", na perspectiva freudiana, mas sim como um sintoma incurável. Isto seja, "estamos presos a nossas atitudes mágicas e pré-modernas frente a objetos, especialmente frente às imagens, e nossa tarefa não é superar tais atitudes, mas compreendê-las, para então lidar com sua sintomatologia" (MITCHELL, 2015). Um dos campos do conhecimento humano que mais tem disposição para articular a tarefa de compreender as imagens, e não só de compreendê-las, mas além, de concebê-las de modo a engendrar uma atitude subjetiva das imagens, é a literatura. O próprio Mitchell considera que o tratamento literário é bastante ousado na celebração de sua personalidade e vitalidade misteriosas, muito provavelmente porque a imagem literária não solicita ser encarada diretamente, mas encontra-se distanciada pela mediação da linguagem. Essa revitalização das artes por meio da imagem gerou, consequentemente, problemas de diversas ordens, sobretudo o modo como passamos a perceber e compreender mundo a partir da ativação de novos afetos, o que nos lança para um tempo concomitantemente excessivo e lacunar em sua formação. Autores como Didi-Huberman (1998), Jacques Ranciére (2012), Jean-Luc Nancy (2015) tem apontado para o fato segundo o qual pensar o destino das imagens é pensar a história em si, isto é, a construção cada vez mais complexa das instâncias dialéticas de nossas práticas sociais, afetivas, políticas, entre outras. Diante desse quadro, o presente simpósio tem como objetivo reunir trabalhos e pesquisas que abordem questões relacionadas a esse novo modo de perceber as imagens, sobretudo no que diz respeito às relações entre as chamadas artes da palavra e as artes ditas visuais ou plásticas. Interessa discutir o lugar da imagem, compreender os diferentes modos a partir dos quais a imagem migra de uma arte para a outra, refletir sobre os procedimentos nos quais a inserção da imagem se faz presente e seus os processos significação, pensar como a imagem tem emergido na hibridização das linguagens das artes contemporâneas, bem como questões que possam derivar desse campo de estudo cada vez mais em expansão no cenário das letras.

A modernidade de Émile Zola e a literatura-pintura

Aline Magalhães dos Santos Silvério Ishii (USP)

Resumo Émile Zola teve sua iniciação como escritor entre as décadas de 1860 a 1896 como crítico de arte, anos nos quais o escritor frequentou os cafés, os Salões de arte e os ateliês de seus célebres amigos pintores impressionistas. Zola publicava quase todos os anos julgamentos sobre as telas expostas nos Salões, julgamentos estes que ele próprio faz uma compilação, postumamente chamada "Escritos sobre a arte", em defesa de uma "nova arte", uma arte moderna (impressionista) que se inicia com Édouard Manet. Em seus romances e seus textos jornalísticos, o autor utiliza dessas ideias modernas para fazer as análises dos quadros, não da mesma forma que seus contemporâneos, mas de certa forma a trabalhar a modernidade não só em seus julgamentos, mas também em suas obras, sendo uma espécie de vanguardista de crítico/escritor de arte moderno. O objetivo dessa comunicação é analisar alguns trechos da critica de Zola em Écrits sur l'art e do romance A besta humana afim de evidenciar como o escritor já trazia índices de modernidade como: a) a ideia de valor e interesse da obra no veículo da pintura, b) construção de sua crítica como autor/observador moderno e c) a relevância do olhar e ciência, todas característica de críticas modernistas posteriores, como traços de modernidade na sua literatura e crítica em meados do século XIX.

A Ninfa Guerreira e o empoderamento da mulher na literatura e na arte contemporânea

Adolfo Cifuentes (UFMG)
Juliana Andrade de Lacerda (CEFET-MG)

Resumo O empoderamento da mulher (o chamado "sexo débil") acontecido nas últimas décadas está acompanhado, como toda mudança cultural, de uma série de signos e códigos que veiculam e dão suporte a essa mudança. A famosa pathosformel de Aby Warburg é feita, justamente, de dois elementos: a forma e o páthos, um componente formal e outro psíquico/cultural. A forma veicula valores e, por sua vez informam, dão forma a valores. O empoderamento da mulher

no âmbito social está representado por figuras de mulheres fortes e protagonistas que, por sua vez, encaixam numa figura que atravessa as culturas e os milênios: o da ninfa guerreira, representada pelas amazonas, pela deusa grega Artemis, pelas guerreiras africanas do Dahomey que, no século XIX, enfrentaram o colonizador branco; e também pela trabalhadora soviética ou americana, que esteve no centro das revoluções industriais e sociais do século XX. Propomos uma exploração no universo da imagem que, na tradição metodológica de Aby Warburg, amplamente expandida por Didi-Huberman, atravessa não só a geografia e a história quanto os diversos lugares sociais da imagem. Dos videojogos à escultura grega, da propaganda política e comercial à foto documental e jornalística, pretendemos não somente adicionar um painel a mais ao famoso Atlas Mnemosyne, nem uma ninfa a mais ao erudito panteão Didi-Hubermaniano. Nosso foco é continuar explorando, junto a eles, esse cerne misterioso no qual signo visual ou linguístico e valores culturais se entrelaçam e amalgamam para dar sentido a isso que chamamos um "espírito de época", que atravessa tanto as diversas artes quanto distintas práticas e contextos sociais. Interessam aqui, porém, como na sobrevida warbugiana, as descontinuidades e continuidades inesperadas, as sobrevivências, conversas e intercâmbios inusitados entre diversos códigos, épocas, civilizações e nichos culturais.

A possibilidade de uma experiência de obra de arte total a partir da leitura de uma tirinha de Charles Schulz

Aline Carrijo de Oliveira (UFU)

Resumo Este trabalho objetiva a análise de uma tirinha de Charles Schulz a fim de evidenciar o modo como as vertentes artísticas, em especial a musical, interagem com a linguagem híbrida característica da arte sequencial. A referida pretensão de leitura justifica-se na identificação de símbolos e signos complexos que aludam a uma gama sensível (qualia) diferente dos traços da arte exposta. Neste estudo, o conceito de símbolo está compreendido na relação histórica levantada por Todorov, no seu livro Teoria do símbolo (2014), baseada no uso retórico e estilístico dos significados e significantes de uma "coisa". Em suma, Todorov (2014) defende que os símbolos

podem ser reconhecidos em formas imagéticas, sonoras ou lexicais e a beleza deles dependerá das relações que o leitor, ouvinte ou espectador construir durante a recepção. Por sua vez, Frye, em Anatomia da Crítica (1973), apresenta a concepção de simbólico na esteira de imagens que são tematicamente significativas e promovem sua projeção no pleito de construir um sentido interno para o texto. Nessa perspectiva justifica-se a máxima de Frye (1973) de que todas as artes podem ter seus aspectos temporais e espaciais lidos, independente do código usado para sua construção. A respeito dessa harmonia interna textual, para Barthes, em Image, music, text (1977, tradução de Stephen Heath), a lógica de um texto é metonímica, o que favorece as atividades de associar, aludir e significar liberarem a energia simbólica do objeto, construindo uma rede de sentidos capaz de transcender a gama de qualia da linguagem artística usada. A partir desses conceitos convergentes acerca das qualidades de um texto artístico, pretende-se realizar a leitura de uma tirinha de 22 de janeiro de 1973, de Charles Schulz, evidenciando os elementos simbólicos e musicais capazes de fornecer gatilhos para experiência de obra de arte total (*Gesamtkunstwerk*).

Arquitetura do contraste: antigas e novas utopias e a imagem como resgate de mundos possíveis

Lóren Cristine Ferreira Cuadros (UFPel)

Resumo Projetada por Kisho Kurokawa, a Nakagin Capsule Tower foi concebida como a moradia do futuro à época de sua inauguração, no ano de 1972. Hoje em ruínas e correndo risco de ser demolida, a estrutura permanece como um anacronismo no coração de Tóquio com seus apartamentos de 2,5m x 4,0m. A proposta de substituir a torre localizada em uma área de alta concentração de renda da capital japonesa por um edifício cujos apartamentos apresentem proporções mais habitáveis chama a atenção em um país onde as chamadas "coffin houses" vem ganhando cada vez mais espaço entre os trabalhadores como moradias alternativas em face da crise econômica que marca o final da década de 2010. De modo análogo, em Hong Kong, até mesmo idosos estão sendo forçados a viver em espaços extremamente reduzidos e inadequados. Na Ucrânia, os escombros que

compõem o cenário da zona de exclusão estabelecida após o acidente nuclear de Chernobyl, em 1986, são vestígios da derrocada de uma utopia futurista e das vidas por ela destruídas. No Irã, a guerra forçou milhares de moradores a abandonarem seus lares; na Venezuela, o mesmo se deu em função da crise política; e, em grande parte dos Estados Unidos, a hegemonia da agricultura corporativa vem aniquilando pequenas comunidades. Por sua vez, em Nova York, apartamentos diminutos são considerados "tendência" e, em países como Brasil e Portugal, quer em função da crise financeira ou da má distribuição de renda, casas novas não chegam a ser habitadas, enquanto numerosas pessoas estão sem lar. Partindo da análise de trabalhos fotográficos de cunho artístico ou jornalístico compreendidos como narrativas centradas no referido tema, a presente pesquisa toma por base os estudos de autores como Aby Warburg, Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman para abordar o retorno sintomal da imagem como forma de impedir a dissipação da memória e de questionar os efeitos da modernidade indicados pelos lares em estado de abandono retratados em diversas partes do mundo.

As linhas do monstro costuram o trauma: leituras entre imagem e texto na obra de Marosa di Giorgio (1932 – 2004) e Paula Rego (1935)

Priscilla Oliveira Pinto de Campos (USP)

Resumo Esta comunicação traça paralelos entre imagem e texto a partir da obra da escritora uruguaia Marosa di Giorgio (1932 – 2004) e da produção visual da portuguesa Paula Rego (1935). Investiga-se de que maneira os corpos-monstros, na trajetória criativa de ambas, organizam certa ideia de trauma como marca física difundida por novos direcionamentos do olhar – tanto no processo narrativo, quanto nos traços das pinturas. A princípio, o monstro é reivindicado a partir do lugar do não reconhecimento no laço social, pois são corpos que figuram como irreconhecíveis (GIORGI, 2009) e são produtos de pura cultura (COHEN, 1996), fruto de um momento no espaço-tempo. Mas o monstro é também algo que já não se pode mais esconder, um tipo de fenda representativa que se abre com toda força de visão. O monstro deve, enfim, ser visto. Por meio dos estudos de W. J. T.

Mitchell (1994), nos quais o teórico relaciona texto e imagem, busca-se compreender de que maneira alguns textos como La liebre de marzo (1981) e obras como War (2003) possuem linhas semelhantes de montagem visual-textual quando se trata de performar os monstros, as mulheres e os animais. Assim, procura-se aqui mapear esses corpos como resultados de um mesmo "olho-criador", responsável tanto pelo traço da letra quanto do desenho.

Boi Aruá: Cenas poéticas em riscaduras de gravuras populares

Edilene Dias Matos (UFBA)

Resumo Resumo Esta comunicação visa refletir sobre um diálogo fecundo entre escrita e imagem, numa espécie de tensão poética e criadora que propaga, recria e perpetua um texto. De um lado, os folhetos populares do boi encantado, com ênfase no já "clássico" O Boi Misterioso, de Leandro Gomes de Barros, composto de 222 sextilhas setessilábicas, editado em 1912. De outro lado, o longa-metragem de animação, Boi Aruá, experiência plástica de Chico Liberato que, na década de 80, ousou um cinema de animação com feitura totalmente artesanal, baseado na riscadura das gravuras populares. Este filme-animação, feito de lacunas e silêncios, de atualidade inconteste – poder de subversão da vida perceptiva, mas também social ou histórica – narra a história de mistérios de um boi que chega-e-vai, por sete vezes, interferindo na vida de um poderoso e arrogante fazendeiro, até o despojamento de suas máscaras. O poeta cineasta insurge-se contra uma memória impedida ou silenciada e faz um convite, a partir da reconfiguração do passado de um espaço sertanejo mítico, a olhar de frente para o futuro. Por meio de código cinematográfico, este "arquivo" de imagens moventes, aparentemente voltado para coisas miúdas do real, mobiliza-se para interrogar signos entrelaçados, graças a um olhar consciente da natureza híbrida de todo espaço social e de comovente ética do seu criador. Nesse sentido, pensa-se na arte/criação como espaço mesmo de intensificação de experiências, instância de articulação entre o individual e o coletivo, traço basilar para a possível transformação do homem. E Boi Aruá é justamente um modelo de resistência e de transformação.

Cena de Rua em cena: narrativa visual de Ângela Lago

Ana Carla Soares de Oliveira (UFES)

Resumo A proposta desta comunicação é abordar a questão do menor em condição de rua no livro de imagens da autora Ângela Lago, Cena de Rua (1994), cuja elaboração foi toda feita à mão, com o uso de tinta acrílica. Desta forma, vamos analisar Cena de rua, no campo de outras linguagens, dentro da semiótica. Nossa intenção é como provar através de estudos que essa obra é literária e não artes plásticas ou as duas juntas. O surgimento desse novo gênero textual ligado ao universo infantil tem a sua primeira publicação na década de setenta e posteriormente, já na década de oitenta, surgem outras criações e o mercado editorial cresce a cada dia. Segundo Maria Alexandre de Oliveira (2008), "essa proposta de livros só de imagens foi vista com reservas". Muitos adultos acreditam que os livros de narrativas visuais contemplam somente o público infantil, haja vista que, as crianças não possuem a habilidade leitora. Para Alexandre, isso é um grande equívoco, pois uma obra imagética abarca várias formas de leituras, e vai de encontro com a experiência de cada um. Os livros imagéticos não são simples amontoados de figuras que enfeitam as páginas, carregam em si significados que podemos encontrar nas metáforas, simbologia, cores, formas, texturas. Ângela Anastácia Lago, foi uma escritora/ilustradora acima do seu tempo, em vida, protagonizou as mais belas histórias infantojuvenis. Cena de Rua retrata por meio de imagens o cotidiano de uma criança que trabalha vendendo frutas em um sinaleiro de uma movimentada cidade e tem como pano de fundo a escuridão. Ao trabalhar cores e formas, Lago projeta o uso intencional na caracterização dos personagens e dos elementos que compõem o enredo desde a capa até a finalização da narrativa. A forma do menino é indefinida, pescoço inclinado e pernas tortas. Cena de rua é um livro social que traz várias temáticas envolvendo as minorias, é um livro atualíssimo e permite através das imagens e do nosso olhar dialogar criticamente com o passado e o presente.

Expedição Nebulosa: deslocamentos imaginários

Suzy Zaparoli (UFSC)

Resumo Neste trabalho, propomos uma leitura e análise do poema-ensaio Expedição Nebulosa de Marília Garcia, escrito e performatizado no Segundo Festival Serrote, em 2019 e, posteriormente, publicado na edição 32 da já citada revista, em que observamos a construção de deslocamentos através de artifícios, tais como a justaposição entre texto escrito e imagem, que competem seu espaço na página; o com-partilhamento de tempos e espaços diferentes e os constantes questionamentos que a própria poeta faz sobre seu fazer poético. Dessa forma, Marília tece passagens – maneira de performatizar a leitura (ZUMTHOR, 2018), o que possibilita uma abertura de significados. Também nos interessa, aqui, pensarmos a figura do fantasma que está presente na memória invocada pela poeta e, também, na imagem como um momento que realmente existiu, "já-foi" (BARTHES, 2008), mas ainda permanece ao nosso olhar. A imagem, portanto, aparece como um "estar diante do tempo" (DIDI-HUBERMAN, 2019). Assim, Marília constrói um "escrevendo experimentando" (GARCIA, 2018) e, ao mesmo tempo em que escreve, ela se questiona, des-velando seu processo de escrita.

Grafiação: elementos para a análise das histórias em quadrinhos

Lielson Zeni (UFRJ)
Maria Clara da Silva Ramos Carneiro (UFSM)

Resumo As histórias em quadrinhos são uma mídia ou linguagem cuja disposição cria efeitos estéticos e narrativos próprios. Acreditamos que uma teoria que dê conta de analisá-la englobaria elementos da teoria da literatura, teoria da imagem, história da literatura e história da arte. Algumas pistas de análise estão nas noções de alografia e de autografia elaboradas por Gérard Genette em L'Œuvre d'art (Seuil, 2010), na montagem dialética tal como explicada por Georges Didi- Huberman (cf. Quando as imagens tomam posição, Ed. UFMG, 2017, trad. de Mourão), mas também nas reflexões sobre a reprodutibilidade técnica da arte em Benjamin (Paz & Terra, trad. de Coutinho).

As histórias em quadrinhos se encontram em um lugar especial no espectro entre os regimes autográfico e alográfico das obras de arte, e também são um dispositivo cuja montagem dialética – ou a solidariedade icônica, na terminologia do teórico dos quadrinhos Thierry Groensteen (2015, Marsupial, trad. de Assis) – criam efeitos epistemológicos, estéticos e éticos (cf. CARNEIRO, 2015). A partir de Marion (MARION, 1993), observa-se que para além da mostração, as histórias em quadrinhos também têm uma enunciação gráfica, chamada por ele de "grafiação", cujo efeito de invisibilidade ou opacidade da mão que desenha trazem reflexões quanto ao estilo e autoria específicos a essa mídia. Para a presente comunicação, apresentaremos o conceito de Marion a partir de algumas obras cuja reapropriação de "clássicos" por autores contemporâneos jogam com a invisibisibilidade/opacidade da autoria.

Imagem e Palavra: A escrita fílmica de Godard como forma de vida

Maria de Abreu Altberg (PUC-Rio)

Resumo O ponto de partida da presente comunicação é o longa-metragem Imagem e Palavra (2018), de Jean-Luc Godard, ancorado na ideia do "pensar com as mãos". A manipulação de sons e imagens, prática característica da obra do quase nonagenário Godard, é radicaliza e levada ao extremo neste seu filme-livro. O cineasta realiza uma pilhagem audiovisual de diversos filmes (incluindo alguns seus), em um grande "mar de magma mutante" (BARRENTO, 2010), próprio das formas ensaísticas, em toda sua potência de experimentação. O filme percorre um labirinto de temas: arte, política, guerra e religião aparecem em forma de sequências disruptivas, com saturações e contrastes na imagem, superposições e supressões de elementos sonoros em procedimentos de montagem que lançam o espectador em uma experiência desconcertante. Godard convida o grupamento de imagens e sons de fontes e épocas distintas para uma dança de embates onde não há hierarquia entre os planos. As imagens, ressignificadas em conjunto, parecem emergir da tela, como que sob a "perspectiva nômade" que John Berger (2004) atribuiu às inscrições rupestres reveladas na caverna de Chauvet. Tal agenciamento proporciona uma

experiência de suspensão dos sentidos, uma linguagem que, livre de um télos, se funde com a própria experiência de vida. A partir da tapeçaria artística e política tecida por Godard, o trabalho aqui proposto convoca teóricos e artistas que, ao eleger o desvio da normalidade como virtude, realizaram o desafiador percurso de pensar histórias que resistem ao(s) tempo(s).

João Cabral e Mary Vieira: entre a poesia e as artes plásticas

Mariane Tavares (UNICAMP)

Resumo Em 1970, João Cabral de Melo Neto publica no Jornal do Brasil o poema "Polivolumes de Mary Vieira", que posteriormente foi publicado no livro Museu de Tudo (1975) com o título "A escultura de Mary Vieira". Sabe-se que neste livro, o poeta reúne uma série de poemas que escreveu ao longo dos anos, mas, que devido à forma, não cabiam nos livros anteriores. Traçando uma poética museológica que evoca artistas e poetas com os quais o próprio João Cabral tem alguma afinidade, influência ou admiração, ele escreve poemas a partir da obra do outro para falar de si. Se Mary Vieira é reconhecida como uma artista precursora e representante do Concretismo e da Arte Cinética, devido ao equilíbrio, precisão e síntese, por um lado, e por outro, às formas geométricas tridimensionais dotadas de movimento, João Cabral compartilha da sua preocupação com a forma e com a organização espacial. Ambos estão diante do desafio de "dar a ver", portanto dar materialidade ao que é abstrato. Luiz Costa Lima afirma que "dar a ver" é um instrumento operativo, que implica relação dialética entre percepção e imaginação, entre recepção visual e sua transgressão formal (1995: 247), enquanto João Cabral cria uma linguagem voltada para visão que procura unir a reflexão crítica à observação sensível, Mary Vieira cria uma obra interativa para mostrar que "a forma nada mais é do que um movimento no tempo". Nesse sentido, o objetivo dessa comunicação é traçar paralelos entre as obras de João Cabral e Mary Vieira, desenvolver o conceito de "dar a ver" em ambos e refletir sobre a relação da poesia com as artes plásticas, entre a palavra e a imagem.

Ninfa em flor: as pernas, o enigma, os bailados quentes de Carlos Drummond de Andrade

Maura Voltarelli Roque (USP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo pensar as figurações da Ninfa – entendida enquanto forma feminina em movimento (WARBURG, 2012) – na obra de Carlos Drummond de Andrade. A transposição da ninfa de simples personagem mitológico para uma forma plástica é obra do historiador da arte alemão Aby Warburg que fez da Ninfa, antes de tudo, um personagem teórico que encarna alguns de seus conceitos fundamentais. Entre eles, estão a ideia de Pathosformel ("fórmula de pathos") e a de Nachleben, a vida póstuma das imagens, pensada por Warburg a partir da sobrevivência dos gestos da antiguidade ao longo da cultura ocidental e expressa em um dos seus projetos principais, o atlas de imagens Mnemosyne. A partir da sobrevivência dessa imagem (DIDI-HUBERMAN, 2013) e das suas metamorfoses na poesia de Drummond, pretendemos problematizar o lugar que tal obra poética ocupa em nossa historiografia literária, vendo-a como uma obra que talvez seja das mais complexas de nossa literatura, na qual o impulso rumo ao novo convive com toda sorte de anacronismos e sobrevivências. O desejo erótico, do qual a Ninfa é imagem, surge, em nossa hipótese, como uma espécie de rio subterrâneo a atravessar toda poesia de Drummond, assumindo diferentes posições nos três movimentos que propomos em nossa leitura de uma poética que termina por se mostrar errante, convulsiva, esquiva feito Ninfa. Ao desejo "sequestrado" em um primeiro momento, restou a opção de se disfarçar, se deformar, se desfigurar, até que, na deflagração da crise, tal desejo acorre sutilmente à superfície, preparando um gesto poético visível nos últimos livros de Drummond que restitui ao erotismo seu estatuto político (DIDI-HUBERMAN, 2019). Vale dizer que, ao pensar a imagem da Ninfa na poesia de Drummond, aproximando literatura e artes visuais, ensaiamos o gesto fundamental a Aby Warburg de "reconstituir o laço de conaturalidade (antropológica), de coalescência natural entre a palavra e a imagem" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 217).

O cavalo de troia nas *Rremembranças da menina de rua morta nua*, de Valêncio Xavier

Renan Augusto Ferreira Bolognin (UNESP)

Resumo O romance gráfico *Rremembranças da menina de rua morta nua* (2008), de Valêncio Xavier, se erige em torno do assassinato de uma garota veiculado pela mídia brasileira nos anos 1990. Entre as notícias veiculadas, destacam-se a do programa televisivo "Aqui agora" e a do Estado de São Paulo. O deslocamento do assassinato das páginas policiais para uma narrativa de ficção representa, a nosso ver, uma crítica implícita aos campos midiáticos. No mais, recortes de jornais, bilhetes, fotografias, desenhos, etc dessa narrativa vêm acompanhados de uma presença simulada de Valêncio Xavier, seja como personagem fictício, seja como editor (ou manipulador) do texto, com o fim de compor um texto nos meandros da ficção e da realidade. A propósito, esse simulacro incorpora resquícios biográficos do escritor como um cavalo de Troia ofertado aos meios de comunicação que trocam a dignidade humana pela audiência. Para demonstrarmos isso, avaliamos, primeiramente, como o know-how do autor - escritor de textos literários apropriados, reescritas da história oficial, experiências como diretor de salas de cinema e redator de jornais - influiu para ironizar como a imprensa constrói narrativas simuladas por meios imagéticos. Com a afirmação dessa crítica ácida e implícita, lemos, em segundo lugar, este romance gráfico através da notícia de jornal constituidora do mote dessa narrativa. Para isso, realizamos uma busca pelo acervo digital do Estado de São Paulo e encontramos essa notícia publicada no caderno Cidades, em 8 de abril de 1993. Ao visualizá-la, concluímos que ela não respeitava a dignidade humana da criança retratada por não ofuscar seu rosto e nem apagar seu nome conforme exigido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8609 de 13 de julho de 1990, em seus artigos 17 e 18. De posse desses dados, discutiremos como esse texto literário e Valêncio Xavier refazem a imagem da menina e lhe dão a dignidade retirada pelos meios de comunicação com a inserção de uma tarja em seus olhos.

O florescer de uma comunidade a/r/tográfica na prática baseada em arte na obra "Educação em visualidades no 'Chicão'", de Leísa Sasso

Juliana Marafon Pereira de Abreu (UnB)

Resumo Este trabalho pretende apresentar a tese de pesquisa, compactada na obra "Educação em visualidades no "Chicão": Centro Educacional São Francisco do Distrito Federal", de Leísa Sasso, como um possível florescimento de uma comunidade a/r/tográfica, com uma Pesquisa Baseada em Arte (PBA). Tem-se como objetivo tecer um diálogo entre os compromissos que norteiam as comunidades a/r/tográficas, baseadas no conjunto estudado pela tese supracitada. Para tanto, iremos estabelecer um estudo entre os conceitos já defendidos anteriormente por meio de obras como "Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia", organizada por Belidson Dias e Rita L. Irwin, "Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação", organizada por Raimundo Martins e Irene Tourinho, entre outras.

Os vaga-lumes de Agamben

Alexandre Gil França (UNICAMP)

Resumo Este trabalho busca mostrar em que medida o texto do filósofo Giorgio Agamben, "Do livro à tela. O antes e o depois do livro", contido na coletânea O fogo e o relato (2018) poderia ser uma resposta à crítica feita por Georges Didi-Huberman em Sobrevivência dos Vaga-lumes (2014) acerca de um certo horizonte apocalíptico (em detrimento às imagens dialéticas) herdado por Agamben principalmente do pensamento de Heidegger. Na crítica de Didi-Huberman, o método paradigmático de Agamben teria sido utilizado pelo filósofo italiano sob a égide de um horizonte em que escaparia toda a possibilidade dialética das imagens. Tal horizonte atuaria como um tipo de apocalipse, ou "luz de toda luz" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 84), em que a potência do movimento de sobrevivência, própria de uma imagem fragmentada e anacrônica, perderia a sua possibilidade de dialetizar. Didi-Huberman ainda argumenta que tal horizonte apocalíptico estaria contido no texto do cineasta italiano Pier Paolo

Pasolini sobre a destruição dos vaga-lumes, publicado no final de sua vida, em 1975. Já em Do livro à tela, Agamben utiliza o romance inacabado de Pasolini, Petrolio, para mostrar como o conceito de potência-de-não nos revelaria um outro horizonte de uso, distinto de uma simples "luz de toda luz", em que a própria ideia de romance pode se dar mesmo em sua revogação, ou inacabamento, demonstrando assim que os conceitos de imagem (ou luz do vaga-lume) e horizonte (ou a "luz de toda luz") não precisam necessariamente se opor nas mãos de um artista como Pasolini para exercer um determinado efeito dialético.

Todo quadro é um corte: o elemento paisagem nas narrativas em quadrinhos

Luísa Loureiro Monteiro de Castro Teixeira (UFRJ)

Resumo O presente trabalho busca investigar a temática do espaço nas histórias em quadrinhos. É evidente que, de forma isolada, a espacialidade no universo da imagem carrega um infinito de conceitos, metodologias e abordagens teóricas. O objetivo, portanto, como uma pesquisa em estágio inicial, é de explorar as possibilidades de abordagem do espaço nas narrativas em quadrinhos, em uma espécie de contraste com a o elemento personagem ou a narrativa em si. A ideia surge a partir do conceito de "paisagem", trazido pelo teórico francês Michel Collot, para análise da poesia. Trata-se, então, de arriscar a transposição da abordagem que Collot constrói em relação à paisagem-poética para tentar encontrar nas histórias em quadrinhos potências mais significativas da relação entre sujeito e paisagem, e a importância dessa segunda para a construção das narrativas. Para isso, será realizada a análise da HQ contemporânea viagem em volta de uma ervilha de Sofia Nestrovski e Deborah Salles, lançada em 2019 pela editora Veneta.

Uma foto que possa me dizer alguma coisa sobre estar aqui: reflexões sobre o fazer poético de Marília Garcia através de seu diálogo com a fotografia em "tem país na paisagem"? de *Câmera Lenta*

Mariane Pereira Rocha (UFPel)

Resumo A presente pesquisa discute a experiência poética na contemporaneidade, a partir da relação da lírica de Marília Garcia com as imagens, no poema "tem país na paisagem?" do livro *Câmera lenta* (2017). Dessa forma, busca-se compreender de que maneiras a aproximação entre poesia e fotografia produz significados no texto poético de Marília e na tradição na qual ela está inserida. Para tanto, utiliza-se como aporte para a discussão, principalmente as reflexões de Pedrosa (2015) sobre a poesia contemporânea e Sontag (2003), Fontcuberta (2010) e Benjamin (2017) sobre fotografia. A partir das análises, foi possível perceber que Marília Garcia constrói uma lírica que, ao problematizar os usos da fotografia, propõe uma reflexão acerca da capacidade de apreensão do presente, bem como das expectativas geradas em torno dos registros visuais realizados pela câmera. Ao evidenciar a relação da fotografia com o ordinário, Garcia vincula à experiência poética a uma tendência contemporânea na qual o cotidiano substitui os acontecimentos homéricos de outrora. A lírica de Garcia em "tem país na paisagem?", assim, demonstra que discutir o registro do cotidiano e do banal pode ser uma forma de questionar e elaborar a própria existência, mobilizando algumas das grandes questões existenciais, entre elas, o pertencimento, o espaço, a realidade e a apreensão e passagem do tempo.

Simpósio 12
Artes ameríndias em traduções

Devair Fiorotti (UFRR)
Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar)

Resumo Dentre os desafios que a contemporaneidade impõe aos estudos literários, um dos mais difíceis é lidar com a produção periférica. O conceito de periferia pode se referir à maioria dos países das Américas, países com produção literária de pouco reconhecimento dentro de um cânone literário pretensamente universal. Para além do ponto de vista nacional, "periferia" também se refere à literatura das minorias, como negros, gays e mesmo mulheres, tendo em vista que em países como o Brasil sua produção é minoritária dentro do campo literário. Este simpósio propõe pensar as artes (principalmente literária, mas não somente) que, do ponto de vista tradicionalista, podem ser consideradas ainda mais periféricas: as artes feitas por indígenas das Américas, oriundas em grande parte da modalidade oral. Ao nos propormos a pensar tais artes, buscamos propor, também, uma discussão em outros níveis, já que o Brasil é responsável por um etnocídio em relação aos indígenas. Etnocídio que não teve fim e pode ser ainda identificado, por exemplo, na realidade brasileira, justificando esse simpósio em diferentes patamares de relevância, como em seu caráter social e mesmo ético em relação ao trato histórico brasileiro com seus povos primevos (FIOROTTI; FERREIRA, 2018). O simpósio foca nas artes ameríndias, em suas diferentes manifestações e propostas. O conceito de tradução, nesse sentido, ocupa papel importante nesse simpósio, já que a artes ameríndias são feitas em outra perspectiva cultural, estruturas antropológicas distintas, inclusive na maioria das vezes em uma língua distinta das ocidentais. Logo, essas artes, sejam verbais, escritas ou em outros suportes, passam quase que obrigatoriamente por um processo de tradução ao chegarem até os brancos, ou seja, os outros em relação aos indígenas. Macunaíma, de Mário de Andrade, é um bom exemplo de como uma personagem indígena, Macunaima, dos povos de Roraima, foi levado à Alemanha, em narrativa coletada no início do século XX por Theodor Koch-Grünberg em língua indígena, provavelmente traduzida para o português para depois chegar à língua alemã. Esse processo de tradução, seja criativa ou de língua

a língua, não terminou e, hoje, o artista indígena roraimense Jaider Esbell (2018) se intitula neto de Macunaima, retomando a obra Macunaíma, inserindo-a num movimento poético, que busca recriar os registros de Koch-Grünberg inclusive. Entendemos, de resto, a tradução nesse simpósio como um processo semiótico contínuo de transformação, de metamorfose, de recriação. Consideramos, ainda, a tradução como procedimento em constante movimento que, em se tratando de artes indígenas, faz-se presente nas próprias comunidades na forma com que certas temáticas adquirem manifestações figurativas diversas, em cestarias, em grafismos, em narrativas, em cantorias, dentro de um circuito de retomadas, de repetições e de renovações. Nessa perspectiva, serão bem-vindos trabalhos em torno da literatura e das artes indígenas em geral, incluindo o cinema, as cantorias, as narrativas, a música, os cantos xamânicos, os diferentes grafismos rupestres e urbanos de autoria indígena ou em sintonia com essa arte. Serão bem-vindos, de toda maneira, trabalhos que se façam acompanhar de performances ou representações. Além disso, em se tratando das artes indígenas, que possuem, por natureza, viés transdisciplinar, também será possível e desejável que temáticas como as dos direitos de indígenas sejam abordadas, conjuntamente à temática das poéticas indígenas. Nesse sentido, serão, ainda, muito bem-vindos trabalhos que comportem contribuições ao que vem se construindo na linha de Risério (1993), Medeiros (2002), Sá (2012), Cesarino (2013) e Martins (2020), ou seja, que comportem problematizações sobre a forma de tradução de narrativas e cantos xamânicos indígenas para a língua portuguesa, ou para outras línguas, ou, ainda, de forma multimodal, na linha das propostas de Dennis Tedlock e Jerome Rothenberg. Com essa proposta, busca-se criar um painel para se pensar as artes e mesmo a presença das artes ameríndias no cenário atual, com destaque para o ambiente literário e artístico em suas nuances ética, estética e política.

A "idolatria" dos Cantares mexicanos: Um problema de tradução intercultural

Sara Lelis de Oliveira (UnB)

Resumo Mediante a tradução, do náhuatl para o português, do manuscrito Cantares mexicanos, pretende-se discutir a categoria "idolatria" conferida aos cantos de tradição pré-hispânica durante o período colonial da Nova Espanha. O registro escrito dos Cantares resultou de um problema de tradução intercultural em que, na conquista espiritual de indígenas, se interpretou os cantos como uma manifestação idolátrica. Tratou-se de uma desconfiança do frei Bernardino de Sahagún, seu possível supervisor e subscritor, de que os nativos fingiam sua conversão para a religião católica. Na missão catequizadora, conhecer e compreender a cultura nativa mediante a língua era fundamental para uma conversão eficaz. Contudo, os referidos cantos entoados, segundo Sahagún, guardavam uma linguagem inapreensível que ele designou de "esconderijo do diabo". Sem acessar o significado dos cantos, sua conclusão foi a de que eles cultuavam o diabo ou os teomeh (traduzido como "deuses") mesoamericanos. Essa classificação é parte de um processo de conhecimento da cultura mesoamericana em que se projetou e impôs categorias religiosas derivadas do paganismo antigo e da escolástica medieval. Concebemos esse processo como um problema de tradução intercultural: com fins de catequização, a cosmovisão indígena foi traduzida para a cosmovisão católica. Forjou-se, assim, na forma de conceitos, concepções que não existiam e/ou não se organizavam da mesma forma na cultura náhuatl: diabo, Deus, religião e idolatria. Os Cantares são um exemplo de uma manifestação "idolátrica" ao mesmo tempo que de uma catequização superficial e/ou fracassada. Contam com elementos do catolicismo, mas também guardam a linguagem hermética demonizada por Sahagún. Sendo assim, via tradução é possível apresentar hipóteses de reconstituição dos sentidos dos cantos mediante a análise linguística e, assim, rever sua significação sob um marco conceitual fora do eixo religioso imposto.

A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970–2019): um corpus historiográfico

Helena Lúcia Silveira Barbosa (USP)

Resumo Há um imenso universo poético representado pelas artes ameríndias ainda invisível para os Estudos da Tradução no Brasil. Elas vêm sendo traduzidas para o português de forma crescente desde a década de 1970, quando a documentação das tradições orais começou a ser realizada de maneira mais sistemática e um maior número de estudiosos interessados no tema surgiu desde então (CESARINO, 2013). Esta pequisa procura entender qual a presença – e, de igual sorte, a ausência – dessas traduções e dos sujeitos a elas relacionados no cenário da história da tradução no Brasil dos últimos 50 anos. Propôs-se, primeiramente, a realizar um levantamento das traduções para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani produzidos de 1970 até 2019. O corpus de traduções criado foi então sistematizado e analisado de acordo com o hexâmero de Lieven D'hulst (2001; 2010) e outros estudos relacionados à metodologia em história da tradução (POUPAUD; PYM; TORRES SIMÓN, 2009; PYM, 2014). Nesta comunicação, apresentarei o corpus levantado e os principais resultados obtidos na pesquisa. Fazemos história da tradução para entender seu passado e refletir sobre como ele modifica e constrói o presente. As artes ameríndias não podem continuar sendo ignoradas e silenciadas, tendo em vista sua historicidade e as possibilidades que apresentam sobre outros modos de se produzir História. Dar visibilidade a este núcleo de produção poética é uma prioridade do momento atual, em que a voz indígena se tem feito ecoar a todo vapor em defesa de seus direitos originários e em defesa de direitos fundamentais que afetam, em última instância, a todos nós. Sua evidencialidade é também um ato político.

Grafismo indígena: do conhecimento imaterial para pensar a poética do traduzir

João Paulo Ribeiro (UFSCar)

Resumo O grafismo indígena está como patrimônio imaterial dos povos indígenas. O intuito aqui não é o uso indevido de grafismos indígenas. É que estou tradutor em poesia indígena de narrativas primordiais em língua indígena guarani. Ali deparei-me com uma palavra: Yvára – que me alude a linha cosmológica enquanto atividade do traduzir. Disto, apoio-me na busca de uma poética ameríndia no grafismo indígenas. Estes são comumente escritos no corpo e podem ter alguns dos princípios para que se execute a cura pelo uso de palavras que surgem nos cantos xamânicos. Uso de informações em diferentes etnografias: a) humanidades, gente-onça e outras gentes; b) corpo como vestimenta; c) tempos cosmológicos. Derivarei o pensamento indígena em seus aparatos de uma teoria da doença e teoria ecológica conjuntamente com arcabouço de uma poética do traduzir (MESCHONNIC, [1999] 2010), que considera o sujeito da linguagem, sujeito do poema. O grafismo, uma escrita não alfabética, enquanto um poema escrito no corpo em que a dinâmica de palavras recupera partes dispersadas de um sujeito. Posto estas considerações, como entender um grafismo indígena nos estudos literários? Sem querer entrar em dicotomias construídas historicamente, pretendo, a partir da exposição acima, olhar brevemente para um poema brasileiro contemporâneo do poeta Arnaldo Antunes (este poema não dialoga com a temática indígena). Depois, pensar o lugar da literatura indígena na historiografia literária brasileira ou vice-versa, considerando: i) A poética ameríndia enquanto instrumental nos estudos literários; ii) poesia tradicional indígena entram na contemporaneidade da literatura brasileira ou criam um movimento cronológico de outra especificidade? Enquanto tradutor de poesia indígena, estas considerações são relevantes.

Simpósio 13
As mulheres e os diálogos transdisciplinares judaicos: da tradição à transgressão

Lyslei Nascimento (UFMG)
Nancy Rozenchan (USP)

Resumo A inscrição das mulheres na memória cultural judaica tem, na literatura, uma de suas expressões mais instigantes. Da tradição à transgressão, desde a Bíblia, as mulheres provocam reflexões contundentes. Contemporaneamente, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, autoras e personagens femininas fazem falar, por exemplo, inúmeras modalidades de silenciamento e de violência impostas ao longo dos tempos. O filósofo Jean Delumeau em *A história do medo no Ocidente* demarca o medo da mulher como um dos fatores determinantes para a construção do medo na cidade ocidental. Chama a atenção do historiador a mulher vista pelo discurso eminentemente masculino, de cunho religioso, biológico ou científico e legal. Na literatura, especificamente, várias barreiras impostas por esse discurso autoritário, que conjuga medo e exercício de poder, são explicitadas. Alguns desses obstáculos já foram, no entanto, transpostos e tanto por parte de escritores e escritoras, quanto por seus estudiosos, favorecendo diálogos e espaços de liberdade e saber que se interpenetram. O próprio ato de escrever, o desejo do conhecimento e as várias estratégias de estar/ser no mundo delineiam transgressões e formas de liberdade que ultrapassam fronteiras religiosas, sociais, econômicas e mesmo disciplinares. Um olhar transdisciplinar para o feminino, na prosa ou na poesia, é condição necessária para se compreender os vários e inquietantes discursos que atravessam a diversidade, a liberdade e a inscrição das mulheres na contemporaneidade. Nesse sentido, a personagem Yentl, do conto "Yentl, the Yeshiva Boy", de Bashevis Singer, é emblemática. O desejo de conhecimento e o travestimento traduzem, na narrativa, uma condição feminina (sexual) adversa e aponta para uma tentativa de superação (religiosa, a partir do saber e do conhecimento). Vale lembrar, também nessa esteira, os romances *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar, com sua genial e zombeteira personagem, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, com a contundente Macabéa. Em *Fora do jardim*: mulheres escrevem sobre a Bíblia, Celina Spiegel e Christina Buchmann

organizam uma série de ensaios que vão desde a concepção do feminino a partir de Eva, e as implicações religiosas da noção de pecado e de queda atribuídas às mulheres, até o papel de liderança e suas estratégias de insubmissão das matriarcas Sara, Raquel e Lia. Também estão contempladas, nessa coletânea, mulheres não judias que tiveram papel importante na história judaica, como Rute e a filha do Faraó, a mãe adotiva de Moisés. Nesse contexto, destaca-se, ainda, a leitura irônica que algumas autoras fizeram dos homens, principalmente de Moisés, chamado, no livro, de "o pai aleitador", e de Jó, intitulado "o palhaço de Deus". Ayelet Gundar-Goshen, Aielet Waldman, Anne Frank, Emma Lazarus, Etty Hillesum, Irène Némirovsky, Hannah Szenes, Lea Goldberg, Naomi Klein, Natalia Ginzburg, Nelly Sachs, Orly Castel-Bloom, Tamara Kamenszain, entre tantas outras, são autoras cujas vozes se inscrevem na contemporaneidade entrelaçando em seus discursos a ciência, a arte, a psicologia, a história, com sua inteligência, sensibilidade e força. Clarice e Elisa Lispector, Cíntia Moscovich, Ana Cecília Carvalho, Giselda Leiner, Halina Grynberg, Leila Danzinger, Leonor Scliar-Cabral, Luana Chnaiderman, Lúcia Aizim, Noemi Jaffe, Sultana Levy Rosenblat, Tatiana Belinki, para citar mais algumas delas, constituem um segmento dos mais significativos da transdiciplinaridade na literatura brasileira. Em suas obras, atravessam saberes e sentidos de si e do outro que refletem não só um campo de batalha, mas uma oportunidade de diálogo e de coexistência. Este simpósio receberá, desse modo, propostas de comunicação que reflitam sobre as mulheres na literatura contemporânea a partir do tema "Da tradição à transgressão na literatura: as mulheres e os diálogos transdisciplinares".

A trilogia da inquietude e os animais de Ana Cecília Carvalho

Filipe Amaral Rocha de Menezes (UFMG)

Resumo A inquieta trilogia de Ana Cecília Carvalho chama a atenção desde as capas dos livros, nas quais, em cada uma delas, inscreve-se a imagem de um animal que, de alguma forma, dá o tom da narrativa: um cão abandonado na chuva, a espera de seu dono que não virá, em Os mesmos e os outros: o livro dos ex (2018), um burrinho solitário por detrás de uma tela plástica em O foco das coisas &

outras histórias, e um negro pássaro que se desmancha em fumaça em A memória do perigo constituem, com outros animais, o bestiário que é possível vislumbrar nesses textos. Nos dois livros de contos e no romance, que compõem essa coleção histórias, produzem, nos personagens e, também no leitor, por intermédio de atitudes corriqueiras, estados de inquietude: casais se separando, ou se reencontrando e o cão que fica abandonado em meio a separação; animais que inspiram pequenos contos, ou poemas em prosa, nos quais a condição humana é colocada em foco; sons produzidos por animais que compõem o cenário mental de um texto confessional. Esta comunicação pretende percorrer o texto da trilogia enfocando os animais e como eles ali se inscrevem em meio a uma poética do desassossego.

Escritores sefarditas na Amazônia e as mulheres judias

Alessandra Fabrícia Conde da Silva (UFPA)

Resumo Sultana Levy Rosenblatt e Mady Benoliel Benzecry são duas escritoras nascidas na Amazônia de origem sefardita. A primeira escreveu contos, crônicas e romances, consoante ou não à matéria judaica. A segunda dedicou-se à poesia. Em suas obras, há algumas figuras femininas judias que logram protagonismo. Em Uma grande mancha de sol (1951), Sultana apresenta duas mulheres judias que chamam a atenção. Uma delas, a mãe, distingue-se por seu quase apagamento. No romance, cabe à pequena Míriam sofrer ações antissemitas. Mady Benoliel Benzecry, no poema "Baú da infância" de Sarandalhas (1967) rende loas à figura da avó, imigrante judia marroquina. Mas é Ilko Minev, judeu sefardita nascido na Bulgária, radicado na Amazônia que constrói personagens femininas fortes e determinadas. Algumas assemelham-se à "ídiche mame" (LEWIN, 1997, p. 125). Em Onde estão as flores? (2014), A filha dos rios (2015) e Na sombra do mundo perdido (2018), de Ilko Minev, conhecemos as histórias de Berta Hazan, Alice Melul e Rifca Blumemfeld, personagens que representam a trajetórias de muitas mulheres judias, que imigraram para a Amazônia, em busca de futuro melhor.

Memórias e testemunhas mudas: o álbum de Elisa Lispector

André de Souza Pinto (UFMG)

Resumo Em *Retratos antigos: (esboços a serem ampliados)*, 2012, de Elisa Lispector, a genealogia dos Lispector é apresentada, por Elisa, por meio de antigas fotografias em um álbum velho e gasto. Ao revolver camadas de memória, às vezes fragmentadas, e ficcionalizar biografias para os seus antepassados, a narradora deixa vislumbrar, a partir dos personagens fotografados, testemunhas mudas de uma história familiar, uma narrativa lacunar acerca da vida de sua família no Brasil e na Ucrânia. Em um relato autobiográfico, Elisa Lispector descreve as imagens e cria histórias ficcionais para seus familiares com referências explícitas a Marc Chagall e a Lasar Segall. A citação a esses pintores torna-se, aqui, uma possível chave de leitura da narrativa. O caráter onírico dos quadros de Chagall pode ser associado às memórias fragmentadas e ficcionalizadas por Elisa, o que é realçado pela composição do livro, organizado por Nádia Battella Gotlib, desde suas escolhas editoriais, o que proporciona um ritmo de leitura fragmentado e não contínuo; já os horrores dos pogroms, pintados por Segall, se une, ainda que, metaforicamente, a história de Márian, mãe de Elisa, ou, ainda, às amarguras sofridas pelo povo judeu. Se, por um lado, no enunciado, nessas memórias fotografadas e fragmentadas, a autobiografia dos Lispector é condenada ao fracasso, uma vez que não é possível, para a narradora, reconstituir tudo o que fora perdido, por outro, na enunciação, a possibilidade de sobrevida do texto se revela na concretude na ficção, pois, no ato de tecer a sua história, Elisa Lispector preenche as lacunas e suplementa a história estática dos *Retratos Antigos*. Nessa perspectiva, esta comunicação analisará em que medida a memória encenada por Elisa, transitando entre o sonho e a tragédia, entre o pai e a mãe, entre Chagall e Segall, se inscreve na tradição cultural judaica a partir do álbum de fotografia.

Moacyr Scliar e as a narradoras da Bíblia: A paixão escrita

Marcio Cesar Pereira dos Santos (UFMG)

Resumo O escritor, Moacyr Scliar, um mestre em contar histórias, exímio criador de tramas e enredos envolventes, notabilizou-se, como Machado de Assis, em desenvolver narradores tão ou mais fascinantes, em seu desenho interno, que o enredo que narram. Nas suas narrativas baseadas no texto bíblico, esses narradores são especialmente provocativos por pertencerem a um universo concebido a partir do sagrado. Em A mulher que escreveu a Bíblia, de 1999, e Manual da paixão solitária, de 2008, Scliar cria uma multiplicidade de vozes narrativas, mas que chamam a atenção para suas narradoras-protagonistas, uma combinação improvável quando tratamos de uma história da Bíblia, mas não impossível. Segundo Julia Kristeva, "no texto do Cântico, pelo fato que é a mulher o principal sujeito da enunciação, que a renovação da natureza á ali sistematicamente celebrada", ou seja, a principal narradora do Cântico dos Cânticos, o célebre poema amoroso bíblico, atribuído ao rei Salomão. É a primeira grande narradora da literatura mundial, uma voz feminina encenando um texto sagrado que se engendra no erotismo ao descrever as imagens da torrente de desejos e sonhos entre uma pastora e o seu amado, que nunca se encontram. Um texto com enredo clássico à semelhança se com as principais histórias da literatura de ficção. Entretanto, chama atenção o protagonismo da mulher, raro nos relatos bíblicos, e, quando aconteceu a narrativa, quase sempre ilumina uma personagem que toma para si a ação naquela sociedade patriarcal em uma atitude por vezes rebelde que mudará o destino de todas a gerações que virão a seguir. Esta comunicação analisará as narradoras dos romances de Moacyr Scliar e demonstrará como, à sua maneira, o escritor reconfigura a imagem da mulher bíblica, como protagonista e edificadora de sua própria história, e, como nelas, letra e corpo, palavra e criação, se configuraram como elementos da escrita da paixão, da paixão pela escrita.

Um olhar feminino sobre a Shoah: as memórias de Ruth Klüger

Saul Kirschbaum

Resumo Paisagens da memória, publicado em 1992 por Ruth Klüger, tem lugar de destaque no que proponho chamar de "Segunda geração de escritos sobre a Shoah", ou seja, textos que foram escritos quando já se conhecia o que tinha acontecido durante o período nazista. Nas palavras da escritora: "É um absurdo querer apresentar os campos, tal qual foram outrora, no sentido espacial. Entretanto, é quase tão absurdo querer descrevê-los com palavras como se nada houvesse entre nós e o tempo em que existiram. Os primeiros livros após a guerra talvez ainda tivessem feito isso, aqueles livros que ninguém queria ler, mas é justamente a partir deles que nosso pensar se transformou, tanto que hoje não posso falar a respeito dos campos como se fosse a primeira, como se ninguém tivesse falado deles, como se todos que estão lendo agora não soubessem tanta coisa sobre eles, até mais do que suficiente, e como se tudo isso já não tivesse sido explorado – no sentido político, estético e também kitsch."(p. 73-74). Nesse subgênero, então, a ênfase recai sobre a reflexão a respeito do que aconteceu. Entre os muitos aspectos sobre os quais a autora se debruça, merece destaque a discriminação sofrida por crianças e por mulheres (o que a coloca como vítima duplamente discriminada), não só por parte dos nazistas quanto por outras minorias étnicas oprimidas e, também, pelos próprios judeus. Como Klüger observou: "Também tenho o que contar, quer dizer, tenho histórias a contar caso alguém pergunte, mas só poucos o fazem. As guerras pertencem aos homens, e assim também as lembranças da guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que se tenha sido contra ou a favor: puro assunto para homens. Além disso, mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente". (p. 13). Nesta comunicação, buscarei analisar a viabilidade de propor a existência de um olhar especificamente feminino sobre a Shoah, espaço tradicionalmente dominado por obras escritas por homens.

Simpósio 14
As políticas do corpo e os sujeitos da ficção: a práxis literária

Cláudia Nigro (UNESP)
Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo Italo Calvino (2006) afirma que o texto literário materializa-se – para o bem ou para mal – sempre como um gesto político, um posicionamento a favor ou contra a ordem social vigente. Para o mal, porque há um conjunto de escritos literários que endossa a violência contra a existência de determinados corpos. Existem autores que compactuam com o sexismo, o machismo, o patriarcado, o fascismo, as ditaduras, a lgbtfobia, etc. E na contramão deste pensamento, há uma quantidade expressiva de textos que colocam em evidência e reivindicam a existência de corpos historicamente lançados à escuridão social. A literatura, então, como um gesto político, encontra meios, no interior das ciências humanas, para denunciar práticas sociais que inibem, silenciam e invisibilizam determinados corpos. Entre eles, o corpo negro, o corpo indígena, o corpo pobre, o corpo feminino, o corpo com deficiência, o corpo gordo, o corpo envelhecido, o corpo com dificuldade de aprendizagem, o corpo contaminado pelo HIV, o corpo LGBTQIA+. E por quais razões a literatura, bem como outros constructos artísticos, trata desses corpos? O artifício literário trata desses corpos, cf. antedito, como um gesto político, com o intuito de dar-lhes voz, desterritorializá-los da margem e reterritorializá-los em um lugar que lhe é de direito no interior da sociedade. Trata desses corpos porque a eles a vida deve ser vivível, respirável, pois são corpos que importam (Butler, 2019). Trata desses corpos porque são pauta urgente na agenda estatal e devem, também, ser protegidos pelo Estado-nação. Achille Mbembe, intelectual camaronês, em seu *Necropolítica* (2018), afirma de forma categórica que é de competência do Estado-nação a decisão dos corpos que merecem viver e dos que devem ser eliminados letalmente. Quais são os critérios utilizados pela nação? Quais corpos devem ser eliminados e quais são eleitos para viver? Talvez encontremos possíveis respostas quando nos inteiramos que o Brasil ocupa o 1º lugar no *ranking* mundial em assassinatos a corpos transexuais; matamos mais que em países onde a homossexualidade é crime de morte. Ou ainda, quando pensamos no constante genocídio praticado contra

as populações negra e indígena. No contexto das Américas, o Brasil, segundo dados estatísticos da Anistia Internacional, é o país que mais mata ativistas e/ou militantes seja na defesa dos direitos humanos ou na proteção do meio ambiente. Ademais, o Brasil, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, ocupa o 5° lugar entre os demais países do globo em violência – leia-se assassinatos no contexto doméstico e familiar – contra a mulher, ficando atrás apenas para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. De acordo com o Geledés – Instituto da Mulher Negra, as mulheres negras e pardas durante o parto recebem menos anestesia que as mulheres brancas. O que esses dados indicam? Que há vidas específicas que estão sob uma violência estatal estrutural e não "merecem" a proteção do Estado-nação. Pensar nas políticas sexuais e nos direitos reprodutivos, por exemplo, seria outra forma de indicar a intervenção do Estado sobre o corpo dos cidadãos. A criminalidade em relação ao aborto extirpa da mulher o direito de decisão sobre o seu próprio corpo. A decisão de uma gravidez indesejada não é de competência da mulher, mas da Nação, assim, o que há de mais privado – o corpo – não é verdadeiramente privado. Pessoas do mesmo sexo passaram a oficializar a relação civil somente a partir de 2011, com a declaração da legalidade de união civil estável feita pelo Supremo Tribunal Federal, e somente em 2013, o Conselho Nacional de Justiça publicou uma resolução permitindo o casamento homoafetivo, bem como proibindo os cartórios de se recusarem a efetivá-lo. Neste sentido, fica evidente que o Estado-nação se incumbe da efetivação formal da união civil entre os cidadãos. A partir destas proposições elencadas, convocamos pesquisadores cujo objeto de investigação seja a relação entre a literatura e a corporeidade, *i. e.*, pensar o texto literário por intermédio dos *Gender Studies*, das políticas sexuais, dos feminismos plurais, das masculinidades e feminilidades, entre outras proposições. Serão privilegiados textos que confiram voz, tirem da invisibilidade, demonstrem conhecimentos e o *modus vivendi* de corpos que historicamente estiveram/estão à margem dos processos democráticos, dos direitos conferidos a toda pessoa humana, da acessibilidade a recursos básicos para uma vida vivível.

A (des)construção da identidade feminina presente no romance *Fim* de Fernanda Torres

Luciane Aparecida Ribas (CES/JF)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo ressaltar a presença das personagens secundárias, mas não menos importante que os protagonistas, no primeiro romance de Fernanda Torres, *Fim* (2013). A marca feminista presente na obra, caso a autora tenha se proposto a isso ou não, desafia os lugares estabelecidos para as mulheres na sociedade da década de 1960, ano que desenrola o enredo da obra. Esta nos expõe mulheres insatisfeitas com a identidade imposta a elas, com a condição social em que vivem, com seu cotidiano e com submissão aos seus maridos. O objeto de estudo da terceira sessão da dissertação são Irene, Norma, Celeste, Célia e Ruth que nos permitem refletir acerca da representação das mulheres na sociedade. A presença delas nos proporciona a possibilidade de identificar deslocamentos, identidades transitórias e perfis subalternos que estão associados às personagens protagonistas da obra. Elas também protagonizam pois se fazem presentes e narram as histórias, de forma a vislumbrar uma crítica aos padrões de comportamento social e sexual, sobretudo feminino e possíveis formas de desconstrução dos estereótipos moldados pela nossa cultura. Com base nas teorias de Toril Moi (2006) e Yetzy Villarroel (2007), faremos a contextualização do universo feminino e seu empoderamento frente à vida social e política das mulheres. Recorre-se ainda aos teóricos Staurt Hall e Homi Bhabha os quais trabalham a construção e processo de formação da identidade em diversos contextos sociais no discurso pós-moderno. Por fim, Pierre Bourdier e Judith Butler embasam a questão dos estudos de gênero, transitoriedade e construção social dos papéis sociais destinados à mulher, sejam elas pobres ou ricas, moças ou velhas, casadas ou solteiras, viúvas, mães ou não, pós-modernas e sua importância para os estudos feministas. Não se esgota nesse trabalho o debate acerca do corpo, envelhecimento, relações de gênero, poder e a crítica literária feminina.

A força-silêncio do estereótipo: as vozes do palimpsesto de putas

Ana Carolina Schmidt Ferrão (PUCRS)

Resumo O presente texto detém-se na análise da obra de Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016). O processo de construção da personagem prostituta, bem como as características da narrativa que corroboram com o desenvolvimento da identidade constituem o foco do trabalho. Estarão em pauta variados aspectos que contribuem para uma representação literária pautada no estereótipo; questões essas que envolvem o corpo feminino, a transformação em mercadoria e demais rótulos imputados as trabalhadoras sexuais, esses indivíduos pouco célebres do submundo erótico. A inserção da subjetividade na composição das personagens também será verificada, no intuito de reaver o protagonismo da prostituta — figura estigmatizada tanto na sociedade quanto na literatura — e seu reconhecimento como sujeito. Vigna habilmente apresenta uma série de estigmas para então derrubá-los com os questionamentos de uma aguçada narradora. Por intermédio do seu rol de prostitutas, ou, do seu palimpsesto de putas, ela emprega uma exposição crua e sucessiva de estereótipos, em um modelo denunciativo, que exprime para anular.

A geografia literária em haikus do Yuba Kukai

Michela Mitiko Kato Meneses de Souza (UNESP)

Resumo Milton Santos, ao distinguir ritmos instantâneos na contemporaneidade, performa uma reflexão/ação sobre o tempo e o espaço. Tal ação desconstrói saberes atrelados à memória, unindo passados, presentes, e futuros em territórios que se movem. Esse trabalho, fundamentado teoricamente na geografia literária de Santos e no questionamento sobre a ligação entre gênero, raça e geografia, tem como escopo apresentar a análise de quatro poemas do grupo Yuba Kukai, que produz o gênero poético haiku. Dois desses poemas dizem sobre feminilidade e suas poetas são mulheres. Os outros dois enfrentam masculinidades e seus poetas também são homens. A análise será realizada com o propósito de perceber como e se o gênero, a raça e a

geografia alteram percepções poéticas de escritor@s do mesmo grupo, em situação de diásporas forjadas por situações similares. O Yuba Kukai, pertencente à Comunidade Yuba, fundada em 1935 por Isamu Yuba, localizada no Bairro da 1ª Aliança- Município de Mirandópolis/SP teve sua criação no ano de 2010, pelo haijin (poeta de haiku) Eizo Niizu (1934-2020) de haimei (pseudônimo) Chiô, juntamente com alguns membros yubenses. O Yuba Kukai celebra em 2020 dez anos de (re) existência e permanência. Portanto, apresentaremos, analisaremos/verificaremos como essa geografia /território afeta o singular e o coletivo das feminilidades e das masculinidades dessas vozes e memórias em deslocamentos; escritas em espaço brasileiro, mas que tem em sua origem os traços culturais de tradição nipônica / as marcas culturais da tradição japonesa.

Considerações sobre o discurso colonial sobre os corpos femininos negros e brancos no "Caderno de memórias coloniais" de Isabela Figueiredo

Fabrizio Uechi (USP)

Resumo Proponho uma breve discussão a partir da análise de trechos descritivos sobre a mulher negra (moçambicana) e a mulher branca (portuguesa), extraídos do capítulo 2 do "Caderno de Memórias Coloniais" (2015) de Isabela Figueiredo. Na Moçambique da década de 1970, essas mulheres são retratadas, em comum, como objetos de desejo do homem branco; a diferença entre elas encontra-se, dentro da mesma lógica, na finalidade de seus corpos: o da mulher negra é nascido para saciar os prazeres do varão; e o da mulher branca, para o cumprimento dos deveres matrimoniais. Figueiredo evidencia que, no cenário da colonização portuguesa, os corpos das mulheres negras e brancas estão no centro de uma rede de relações sociais, políticas e econômicas, que a elas impõe funcionalidades ao corpo feminino e, por conseguinte, impede-as o acesso a outras formas de constituição da subjetividade, senão a que as objetifica e as organiza hierarquicamente. A comparação entre as descrições dessas mulheres oferece, então, material para se pensar tais mecanismos de opressão estruturantes da sociedade portuguesa daquele período.

Representação feminina nos Romances Arthurianos: diferenças entre Bradley e Cornwell

Emilia Sandrinelli (UERJ)

Resumo A mitologia arthuriana condensa valores morais apreciados pela sociedade, no entanto, suas versões mais tradicionais perpetuam representações insuficientes ou estereotipadas da mulher. Com a redefinição de valores a partir das lutas feministas do século XX, há variações na escrita das mulheres em versões mais contemporâneas da lenda. O objetivo desse trabalho foi analisar a representação feminina em "As Brumas de Avalon" de Marion Zimmer Bradley (1979) e em "As Crônicas de Arthur" de Bernard Cornwell (1995-1997), uma vez que o conto fantástico traz marcas "sobre a interioridade do indivíduo e sobre a simbologia coletiva" (CALVINO, 2004, p. 23). Enquanto há desenvolvimento expressivo de personagens femininas na obra de Cornwell, essas são figuras centrais na obra de Bradley, sendo os eventos vistos por seus olhos. Um aspecto dessa diferente abordagem está no tratamento da magia: em Cornwell é o resultado de uma ignorância compreensível e, em Bradley, é a base da narrativa, o pano de fundo é a religião celta na qual mulheres tem funções de destaque e poder. Essa relação mulher-magia aparece tanto de forma positiva, o sagrado a ser cultuado, quanto negativa, o incompreendido a ser temido (FEDERICI, 2017) e, ainda que de forma sutil, coloca o corpo feminino em uma lógica biopolítica, principalmente no que diz respeito a casamentos arranjados e a imposição de produzir herdeiros (FOUCAULT, 1993). Como exposto por Butler (2003, p. 18), "representação é a função normativa de uma linguagem" e a análise realizada destaca desequilíbrios e desigualdades ainda reproduzidos, uma vez que nas obras, mesmo com a relevância conquistada pelas personagens, a violência física ou simbólica se fazem presentes ainda que implícitas ou suavizadas.

Simpósio 15
Autoritarismo, memória e democracia: subjetividades em resistência na cena cultural contemporânea

Luciana Paiva Coronel (FURG)
Maria Zilda Cury (UFMG)
Rejane Pivetta de Oliveira (UFRGS).

Resumo "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi.' Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo." (BENJAMIN, 1985). A tese número seis do conceito de História de Walter Benjamin define com precisão a proposta e a justificativa deste simpósio, que pretende agregar estudiosos das mais diversas manifestações culturais contemporâneas, oriundas do Brasil e do contexto latino-americano mais amplo, que de algum modo discutam a memória do autoritarismo de um passado não tão distante. Buscamos reunir discursos críticos empenhados em fixar uma imagem do passado para que ela não se perca e também para que possamos mobilizar recursos da imaginação, no sentido de evitar a volta da solução autoritária, a repetição da história, agora reconfigurada às exigências dos novos tempos de pós-verdade e acomodação midiática. Face à confluência de crises políticas e sociais nos países latino-americanos, trazendo incertezas e angústias quanto ao futuro, propomos o debate sobre a memória do passado autoritário, que se estende no presente pela vida social de modo disfarçado e constante, ilustrando com triste pertinência a consideração de Benjamin ao final da tese referida, de que "o inimigo não tem cessado de vencer".

Por entendermos, a partir de Suely Rolnik (2018), que a cada contexto histórico corresponde um modo de funcionamento da subjetividade, base existencial do sistema epistemológico, histórico e cultural dominante, a literatura e a arte apresentam-se como instrumentos importantes para efetuar a luta pela descolonização da subjetividade contemporânea, ancorada, segundo a estudiosa, no regime colonial capitalista antropocêntrico. Desta forma, este simpósio oportuniza a discussão de um repertório cultural identificado com a promoção de subjetividades transgressivas, capazes de recuperar o sentido coletivo de nossa experiência. Tal gesto corresponde à demanda utópica de Boaventura de Souza Santos acerca da formação de um pensamento

crítico originado nas experiências sociais, políticas e culturais originárias do que chama o "Sul Global": "há que reconstruir o inconformismo e a indignação ante a banalização da injustiça e da violência através de imagens e de subjetividades desestabilizadoras." (2010).

Uma vez que os temas da ditadura e do terror de Estado tem sido retomados em um conjunto significativo de obras da cena literária contemporânea da América Latina, entendemos ser tarefa dos estudos acadêmicos abrir espaço para sua exposição, justamente em um contexto, definido por Jacques Rancière (2014), de "ódio à democracia", que ameaça o fazer político coletivo e os espaços de afirmação da diversidade. A literatura e as artes desempenham papel central na criação de imaginários abertos à diferença, capazes de configurar alternativas estéticas e políticas que se contraponham à premência autoritária, ao apagamento da memória, à negação da história, à supressão da alteridade e ao empobrecimento das subjetividades. Momentos de perigo exigem uma tomada de posição, demandam decidir sobre em que implicar-se, com o que comprometer-se. Trata-se, como propõe Didi-Hubermann, de "desejar, exigir algo, [...] situar-se no presente e visar a um futuro" (2017, p. 15). Na agenda cultural do mundo global, esse empenho exige descartar, conforme previne Néstor García Canclini (2002), qualquer visada essencialista: "as condições de produção, circulação e consumo da cultura não ocorrem numa só sociedade, [...] não só dentro de uma nação, mas em circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de *repertórios culturais* diferentes." (2009, p. 43). A hibridez inerente aos processos culturais contemporâneos confere complexidade a qualquer sistema simbólico e coloca à crítica acadêmica o desafio de entender a cultura como espaço de reprodução social e organização das diferenças. Assim, esse simpósio acolhe discussões que busquem indagar os termos em que a literatura e as artes configuram esteticamente possibilidades de resistência, articulando as sombras do passado a transformações políticas do presente, em chave democrática.

A associação entre Ditadura Militar e Milagre Econômico no Brasil – uma leitura do poema "Diamundo: 24 h de Informação na Vida do Jornaledor", de Carlos Drummond de Andrade

Fátima Ghazzaoui (USP)

Resumo Do livro *As impurezas do branco*, o poema "Diamundo: 24 h de Informação na vida do jornaledor" é uma seleção de informações, retiradas de diversos órgãos da Imprensa e publicadas em de fevereiro de 1973, no Jornal do Brasil. Dentre as escolhas feitas pelo poeta ao selecionar as notícias, configura-se a associação entre Estado de Exceção e Política Econômica Desenvolvimentista. Enquanto no âmbito político restringiam-se liberdades individuais e calava-se a voz dos adversários, na economia, acordos de colaboração feitos entre o regime militar e a elite mantiveram privilégios e intensificaram os métodos de exploração e tortura (ARANTES,2014). Nesse sentido, esta comunicação tem como propósito selecionar trechos do poema em que essa associação se torna mais evidente. A metáfora dos "homens de venda", empregada pelo poeta, evidencia o poder corrosivo e destruidor da associação entre Ditadura Militar e Milagre Econômico, com o qual homens foram submetidos à repressão do Estado e ajustados ao modelo econômico do capitalismo tardio. Carlos Drummond de Andrade não deixou de entrever a maneira como a sociedade brasileira do período vinha se constituindo. Se de um lado o poema configura explicitamente os resultados da expansão capitalista, de outro o poema sugere que esses são frutos de um acordo tácito entre a elite brasileira e o regime militar. Pois o que está implícito no poema e não veio a público, como a repressão política e a exclusão social, arrefeceu-se em favor do fetiche criado pela política desenvolvimentista. No poema, ao empregar a linguagem acessível e sedutora dos meios de comunicação, o poeta explicita que essa linguagem tornou-se corriqueira e atingia um público cada vez mais seduzido com o acesso ao mercado. Se a poesia e a linguagem poética perdiam espaço no mundo em que as relações se resumiam às relações estabelecidas pelo mercado, o poeta encontrará na representação reificada dessas relações os instrumentos para revelar a verdade histórica de seu tempo.

A continuidade do autoritarismo e da violência no Brasil: uma leitura do conto "Você vai voltar pra mim", de Bernardo Kucinski

Weverson Dadalto (UFES/IFES)

Resumo O conto "Você vai voltar pra mim", de Bernardo Kucinski (2014), pode ser lido, no contexto do conjunto da obra literária do autor, como uma alegoria da continuidade do autoritarismo na sociedade brasileira, na qual ainda são sensíveis, no início do século XXI, os sinais da permanência do pensamento antidemocrático e das práticas violentas que se manifestaram especialmente no período da ditadura militar (1964-1985). Esse conto evidencia temas recorrentes na ficção de Kucinski, tais como a denúncia do emprego, durante o estado de exceção, da tortura e da repressão como meios de silenciamento do debate político e, por conseguinte, como formas de manutenção da exploração, da opressão e das diferentes formas de discriminação social. Por isso, essa breve narrativa pode ser lida como ponto de convergência entre duas importantes obras do autor: K: relato de uma busca (2011), romance em que se narra a insuficiente elaboração da memória do passado violento e autoritário e a falta de justiça histórica em relação aos crimes cometidos pela ditadura, e A nova ordem (2019), distopia na qual o autor denuncia a manutenção e o recrudescimento das tendências fascistas no Brasil contemporâneo. Nessa perspectiva, esta comunicação pretende demonstrar como os personagens de "Você vai voltar pra mim" representam grupos sociais e discursos típicos do passado autoritário e ainda recorrentes no presente; além disso, busca colaborar na discussão sobre a necessidade de que seja promovida uma adequada elaboração do passado traumático da ditadura brasileira. A análise do conto oportuniza ainda a discussão sobre a urgência da resistência ao retorno de pensamentos e práticas fascistas no presente. Para isso, buscou-se fundamentação na Dialética do esclarecimento, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (2006), assim como na obra teórico-crítica de autores como Giorgio Agamben (2004), Eurídice Figueiredo (2017), Janaína de Almeida Teles (2010) e Lilia Moritz Schwarcz (2019), dentre outros.

A ditadura militar brasileira sob o olhar de dois ficcionistas gaúchos

Roseli Deienno Braff (UNESP)

Resumo Contrariando a máxima de que a História é contada sempre pelos vencedores, Benjamin (1994) afirma que "A luta de classes [...] é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor". Nesse sentido, a Arte em geral e a literatura em particular podem apropriar-se "dessas coisas espirituais" a fim de conferir-lhes corpo e voz. Trata-se da representação dos despojos tomados do vencedor como forma de resistência. O romance, então, singulariza-se como gênero privilegiado para o resgate de um período histórico. Assim, a ditadura militar de 1964 no Brasil, focalizada pelos olhos de um militante político e de um bancário, consiste na matéria de que se constroem, respectivamente, os romances *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff, e *Setenta* (2019), de Henrique Schneider. Os autores, ambos gaúchos, ficcionalizam os anos de autoritarismo e, por meio da experiência angustiante e cruel dos protagonistas de suas obras, [re]contam parte desse doloroso capítulo da história nacional. O objetivo deste trabalho consiste, pois, na análise comparativa das duas obras artísticas, que se irmanam pelo tema, ancorada nas palavras de Candido (1965): "[...] uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte".

A lógica do fantasma: intensidades e pensamento no cinema de Kleber Mendonça

Midian Angélica Monteiro Garcia (UFBA)

Resumo Pretende-se realizar uma pesquisa sobre a temática da política dos espaços - desterritorializações, nomadismos, invasões – na obra fílmica do cineasta pernambucano Kleber Mendonça, enfatizando as forças políticas de resistências em seus filmes como uma cartografia das intensidades poéticas e dos dispositivos fílmicos sintomáticos de um novíssimo cinema contemporâneo. Propõe-se, portanto,

desenvolver com O Som ao Redor (2013), Aquarius (2016) e Bacurau (2019), um estudo das potencialidades poéticas que emergem nas relações entre sons e imagens nas obras mencionadas. Assim, pretendemos analisar como se relacionam os ruídos e as ruínas, os rastros de vozes, os silêncios e as suspensões, dispositivos privilegiados pelo diretor, como estratégias que fazem o cinema (re)pensar aquilo que resta dos diversos processos de colonialidade na cultura brasileira, como sintomas das fantasmagorias reativas e forças tanto afetivas quanto políticas, ainda não reelaboradas no imaginário nacional, as quais retornam nas práticas e relações sociais do País. Trata-se do estudo das intensidades nos procedimentos poéticos, como experiência estética de suspensão da enunciação, a qual possibilita a experiência da arte cinematográfica como testemunho e interrupção dos automatismos, tornando visíveis forças dissonantes e gestos micropolíticos que retornam nas relações contemporâneas. Recorremos a Didi-Huberman para abordar a noção de fantasmagoria, como retorno anacrônico, sobrevivência sintomática, do presente que reescreve outros passados, outras histórias em diálogo com obras de outros pensadores como Giorgio Agamben, Jean-Luc Nancy e Gilles Deleuze.

A memória e a recordação como resistência à cultura do esquecimento em *À sombra do meu irmão* (2003), de Uwe Timm, e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Marcia Tiburi

Mariana Waskow Radünz (UFPel)

Resumo Em razão das crescentes discussões sobre a importância da memória e da recordação, sobretudo na atual conjuntura político-social em que somos, muitas vezes, forçados a esquecer o passado ou a reescrevê-lo de forma equivocada, encontramos inúmeras obras literárias produzidas nos últimos anos que vão ao encontro da temática da memória, mesclando-a com a problematização de períodos históricos, sobretudo os ligados ao autoritarismo. Pensando nisso, selecionamos as obras *À sombra do meu irmão: as marcas do nazismo e do pós-guerra na história de uma família alemã* (2003), de Uwe Timm, e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Marcia Tiburi, para compor o corpus da pesquisa, porque consideramos necessário utilizar da literatura para debater a importância da memória e da recordação associadas

ao contexto histórico. A proposta de comparar uma obra brasileira com uma obra alemã surgiu da necessidade de discutir sobre as consequências do período ditatorial no Brasil e da Segunda Guerra Mundial e do regime nazista na Alemanha e também porque entendemos esse exercício como uma forma de manutenção da memória coletiva em relação a esses acontecimentos e às suas consequências. Utilizando, principalmente, os pressupostos de Aleida Assmann, pensamos a memória como uma potência, visto que a relação com o tempo é diferente e as lembranças não se encontram em um depósito seguro, proporcionando um constante processo de modificação dessas lembranças e da relação do indivíduo com elas. A partir das análises, percebemos que os dois romances apresentam a recordação como uma espécie de força, que surge em um momento do presente, mas que é tão forte a ponto dos narradores-protagonistas encararem seus traumas e contarem suas histórias de vida em primeira pessoa. É a partir do bloqueio (repressão), que a recordação toma o seu lugar para dar conta de algumas memórias e, sobretudo, de alguns traumas associados ao momento histórico dos narradores-protagonistas.

A potência política de um corpo memória: a feminina releitura histórica de Jamais o fogo nunca, de Diamela Eltit

Camila Carvalho (UFMG)

Resumo A partir da leitura do romance *Jamais o fogo nunca* (2007), de Diamela Eltit, a presente comunicação tem por objetivo discutir a possibilidade de a literatura, ao questionar os lugares hegemônicos do saber, postar-se como uma instância dissensual de pensamento. Guiado pela inteligibilidade de um corpo-memória, que ao recuperar o passado a partir do não-dito revela sua latência no presente, neste romance, estética, política e História cruzam-se a todo tempo. Trata-se de uma narrativa na qual uma mulher sem nome rememora episódios passados ao mesmo tempo em que examina a banalidade do presente que compartilha com seu companheiro, a imagem degradada de uma liderança militante autoritária. Apropriando-se da paradoxal condição à qual Pinochet relegou milhares de desaparecidos – esse espaço de suspensão entre a vida e a morte –, Eltit edifica um corpo-ruína que interpela o desaparecimento de um projeto político

ao mesmo tempo em que traz à baila suas contradições internas: escovando o passado a contrapelo, a narradora retira do silenciamento a hierarquia de gênero ao questionar a falocêntrica racionalidade que estruturou tanto o moralismo do Estado, quanto as organizações militantes. Para perscrutar as potencialidades políticas dessas estratégias estéticas e no intuito de investigar de que maneira esta releitura – que se submete, tão somente, à legislação oblíqua da memória – coloca em disputa outras formas de visibilidade e inteligibilidade, ancoramos nossa reflexão nas elaborações de Walter Benjamin em seu "Sobre o conceito de História".

Enquadramentos deslocados: a ditadura nos romances brasileiros de 2000 a 2019

Lua Gill da Cruz (UNICAMP)

Resumo Contar um período histórico é sempre contingente a questões políticas, sociais, históricas, culturais e temporais. Quando se trata das ditaduras do cone-sul do século XXI, em especial, a ditadura brasileira de 1964-1985, "o que foi" (ou o que é) ainda está em disputa. A literatura lida com as constantes tensões de um passado ainda não resolvido no presente, disputando e lembrando o que foi/é ora esquecido, ora diminuído, ou ainda negado e se insere em um contexto amplo de inscrição do trauma e de trabalho coletivo de memória. O objetivo desta comunicação é apresentar um levantamento dos romances recentes da literatura contemporânea brasileira, escritos pós anos 2000, com um distanciamento temporal de quarenta anos ou mais, e a sua relação formal, estética e temática com a ditadura civil-militar brasileira, em primeiro lugar, e/ou com as ditaduras do Cone Sul. São obras em que a ditadura figura como aspecto central ou importante na temática ou na forma, isto é, em que a repressão, o trauma e o autoritarismo ditatorial marcam e modificam as experiências de autores, narradores e personagens, bem como o próprio fazer literário. Não se trata apenas de apresentar a literatura sobre o período, mas de entender quando, por quem e como a ditadura é contada na literatura contemporânea: como marca as vivências, os corpos e as escritas contemporâneos, de que forma se inscreve, muitas vezes espectralmente, pós anos-2000. Aqui, as obras serão entendidas

como enquadramentos possíveis e recentes de um período histórico, como instantâneos, mídias que testemunham tempo e espaço, e que são trazidos como heranças de outro tempo como forma de recordar e transmitir. Apresentarei a composição do corpus literário, bem como uma análise de elementos extratextuais relevantes para a análise e um breve panorama de pontos temáticos e formais centrais na formação de tal corpus. Por fim, analisarei exemplos paradigmáticos desta produção.

Estado de Exceção e Literatura: *Fahrenheit 451* e *Não verás país nenhum* – aproximações de nossa distopia tupiniquim?

Emerson de Lima Pinto (FEEVALE)

Resumo Verifica-se que o conceito de Estado de Exceção é a suspenção de toda a ordem jurídica vigente, com o fim de preserva-la quando essa é colocada sob-risco, pois, é a suspenção do Estado de Direito através do Direito sob os auspícios de uma conformação social assentada na ignorância e na negação do conhecimento. No ambiente global autoritário revisita-se o conceito de Estado de Exceção e seus efeitos para a Segurança Publica e para as técnicas de controle social a partir da análise da Literatura, Direito e Filosofia. As distopias na literatura colaboram com o debate para a compreensão de situações perversas em curso. *Fahrenheit 451*, de Ray Bradubury, contribuiu com a condenação não só da opressão anti-intelectual nazista, mas no decorrer da Guerra Fria, tornando visível sua perturbação como sociedade opressiva e comandada pelo autoritarismo e colabora com o entendimento do avanço sutil do totalitarismo que não é caracterizado apenas aos regimes que tomaram conta da Europa em meados do século passado, mas também, com modernas técnicas de governança como constitucionalismo autoritário, legalismo autoritário ou constitucionalismo abusivo. Em *Não Verás País Nenhum*, de Loyola Brandão traz uma narrativa desenrola-se em um futuro não determinado onde há falta d'água, calor insuportável, desaparecimento das florestas, dos rios, controle da informação, excesso de população, fichas para circulação, polícia corrupta e assustadora, governantes medíocres, alienação. Quem narra é um professor de História afastado pela lei de segurança. Aqui nós temos um Estado de Exceção

que cumpriu um papel destacado na desestruturação e fragmentação do país em razão de sua geografia e riquezas, aliado, também a negação do conhecimento e sem uma compreensão ambiental que leva ao colapso da nação. O que resta e a desordem e desagregação social onde é constante tanto no ambiente totalitário quando no autoritário que perpassam as sociedades por meio da técnica, economia ou da política.

Faces da ditadura em *Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal

Gínia Maria Gomes (UFRGS)

Resumo A proposta dessa comunicação é analisar o romance *Mulheres que mordem* (2015), de Beatriz Leal, no qual estão representadas diferentes facetas da ditadura militar argentina. As personagens femininas, que dão vida às várias histórias que se cruzam, são afetadas pela repressão característica desse regime. Pretende-se analisar aspectos como tortura, morte e desaparecimento de presos políticos; a adoção de crianças filhos(as) de militantes por militares e a busca incansável das avós, que festejam a cada neto reencontrado; e, o exílio de jovens que não têm perspectiva durante a ditadura, o que também é uma opção para os agentes da repressão, depois do término do regime, os quais temem ser aprisionados. Um torturador, que passados alguns anos de seus crimes, em sessão de psicanálise, lembra da mulher que morreu em sessão de tortura por ele presidida; uma militante, cujo corpo permanece desaparecido por cinco anos; uma mãe que busca incansavelmente a filha desaparecida; uma avó que busca a neta; uma mãe adotiva que cria uma criança, cujas origens ela desconhece; uma jovem que nada sabe da sua condição, sente-se desconfortável, mas teme encontrar explicações para o vazio de sua existência. Essas histórias, que se passam em diferentes tempos, se cruzam e oferecem ao leitor a possibilidade de remontá-las. São histórias que têm como elo a ditadura argentina (1976-1983), que atingiu essas mulheres. Alguns textos serão fundamentais para essa discussão: CALVEIRO, Pilar. Poder e desaparecimento. Trad. Fernando Correa Prado. São Paulo: Boitempo, 2013. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. Os vários ensaios de TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir

(Orgs.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132. LEAL, Beatriz. Mulheres que mordem. Rio de Janeiro: Motor: Imã Editorial, 2015.

George Orwell: o pensamento político de um socialista anti-totalitário

Leonardo Lucena Trevas (UNICAMP)

Resumo George Orwell considerava-se um socialista. Ainda que não claramente alinhado a nenhuma corrente política da esquerda de seu tempo, ele sustentou essa posição até a sua morte, em 1950. A declaração foi feita no ensaio Why I Write, datado de 1946, o ano seguinte ao final da Segunda Guerra Mundial e à publicação de *Animal Farm*, o primeiro de seus dois romances que teriam como tema dominante o totalitarismo, junto com *1984*. Orwell era um escritor que tomava em alta conta a experiência direta: era a partir dela que poderia formatar o seu caráter, bem como a sua ideologia e ação política. É o que Terry Eagleton chama de o empirismo (EAGLETON, 2003) de Orwell. Esse empirismo, um fator componente essencial na sua obra de não-ficção, permitia ao escritor compreender, por meio da experiência direta, as principais questões de seu tempo – como diria Christopher Hitchens (2002), o imperialismo, o stalinismo e o fascismo. A perseguição aos revolucionários catalães pelo stalinismo durante a Guerra Civil Espanhola gerou em Orwell o seu horror perante os totalitarismos. Orwell, que combateu na Guerra Civil, viu seus companheiros de front sendo executados e presos. Para ele, os eventos daqueles dias significaram a cristalização de um sentimento anti-stalinista e, ao mesmo tempo, o fortalecimento da ideia de que somente um governo da classe trabalhadora e para a classe trabalhadora poderia ser revolucionário. Depois daqueles dias de maio, George Orwell tomaria para si mesmo uma vendetta pessoal contra aqueles que arruinaram o sonho revolucionário da Catalunha de 1936-1937. Seria o Orwell que escreveria *1984* e *Animal Farm*. Orwell desenvolveria o que Jameson chama de "verdadeira fixação patológica e obsessiva" pelo stalinismo, ou por sua denúncia (JAMESON, 2005). Essa comunicação irá lidar com as questões relativas a um possível

socialismo orwelliano, objeto de estudo de nossa tese de doutorado que está em processo de escrita.

Identidade nacional, resistência e utopia em *Quarup*: engajamento em Antônio Callado

Mariana Figueiró Klafke (UFRGS)

Resumo *Quarup*, romance publicado por Antônio Callado em 1967, ficou conhecido como uma espécie de súmula do debate nacional popular. O autor constrói uma narrativa que apresenta, com foco em Nando, padre que abandona o sacerdócio em prol da luta armada, diversos temas polêmicos da época, tanto em um sentido estritamente político (a politização crescente do clero, a criação das Ligas Camponesas e dos sindicatos de trabalhadores rurais, as perseguições aos guerrilheiros) quanto em um sentido comportamental (revolução sexual, drogas). Quarup pode ser lido com um romance de formação, em que acompanhamos a trajetória de Nando e suas metamorfoses, abarcando dez anos no tempo e diversas geografias, de Pernambuco ao Rio de Janeiro, depois ao Xingu, até o retorno ao nordeste. Esse percurso geográfico permite representar diversos aspectos do Brasil: urbano, cosmopolita, rural, indígena e relativamente inexplorado. A viagem geográfica de certa forma também é uma viagem no tempo. É um romance que retorna aos tempos do pré-golpe para aprender com os erros da história, um livro que se volta ao passado para pensar o futuro. As respostas para os dilemas gerados pela entrada do país no mundo moderno, industrializado e urbano, são buscadas em torno de uma suposta ancestralidade original, que ofereceria um caminho propriamente brasileiro de desenvolvimento (e até mesmo revolução). Esta comunicação se propõe a mapear e debater as diversas visões sobre o Brasil apresentadas no romance através de suas personagens, tanto em relação à identidade nacional quanto em termos de projetos (e utopias) para o futuro do país. Publicado no período inicial da ditadura, antes ainda do AI-5, *Quarup* é fruto de uma época em que alguns setores de esquerda ainda julgavam possível uma reversão do regime. Procura-se compreender com este estudo a importância dessa obra para a cultura brasileira dos anos 1960 e para o debate sobre engajamento no período.

Literaturas do fim dos tempos: distopias da contemporaneidade

Antonio Rediver Guizzo (UNILA)
Maíra Soalheiro Grade (UDC)

Resumo The Handmaid's Tale (1985), de Margaret Atwood, adaptada para a televisão pelo canal de streaming hulu em 2017, El tiempo del desierto (2005), de Pedro Mairal, Reprodução (2013), de Bernardo de Carvalho, Distancia de rescate (2014), de Samanta Schweblin, Soumission (2015), de Michel Houellebecq, Cadáver Exquisito (2017), de Agustina Bazterrica, Nación Vacuna (2017), de Fernanda Garcia Lao, Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela (2019), de Ignácio de Loyola Brandão, A nova ordem (2019), de Bernardo Kucinski, The Cockroach (2019), de Ian McEwan, The Diver's Game (2019), de Jesse Ball são algumas das literaturas do fim dos tempos que se proliferam na contemporaneidade. Governos totalitários, a vigilância e controle da linguagem e dos corpos, o ordenamento jurídico sob permanente estado de exceção, a violência institucional autorizada, a exclusão de grupos sociais, a promiscuidade entre religião e poder estatal, a polarização ideológica, a promoção do medo como fator de coesão social são alguns dos temas que tais obras versam. Nessa apresentação, pretendemos vislumbrar as diferentes visões do fim dos tempos representadas na literatura contemporânea e suas relações com a política e os imaginários sociais de nossa época.

O que fazer com o que restou? O dilema da latina América em relação à memória da violência na peça teatral "Villa", de Guilhermo Calderón

Marina de Oliveira (UFPel)

Resumo O que fazer com os espaços destinados a práticas de torturas durante os regimes de exceção? Esse é o mote central da peça teatral "Villa", de Guillermo Calderón, em que três mulheres discutem, na atualidade, sobre o que fazer com os escombros de um centro de detenção, tortura e assassinato durante o regime ditatorial de Augusto Pinochet, no Chile. Através do voto secreto, elas devem decidir entre dois caminhos distintos para a arquitetura da Villa. A primeira

opção, denominada de "mansão sinistra", consiste na reconstituição da Villa exatamente igual ao período em que foi utilizada como centro de tortura; já a opção dois prevê a transformação da Villa em um museu da memória, seguindo uma estética inspirada na arte contemporânea, com o uso de computadores e outras tecnologias. A partir da análise da peça chilena, que expõe aporias presentes no trato com a memória, pretendo problematizar a importância de políticas de preservação da memória da violência ou, antes, evidenciar o quanto a ausência dessas políticas é nociva para a comunidade latino-americana, em especial para a brasileira. Amparam a reflexão pensadores como Elizabeth Jelin, Márcio Seligmann-Silva e Michael Pollak.

O romance de formação em um contexto disforme: a infância inconclusa em José J. Veiga

João Pedro de Carvalho (UFMG)

Resumo José J. Veiga (1915-1999), jornalista e romancista goiano habitualmente enquadrado ao gênero do realismo mágico, utilizou-se de figuras alegóricas para tematizar em obras literárias o sentimento de medo, clausura e violência do seu tempo. Ele é parte de uma geração de jornalistas forçados a abandonar a profissão por conta da censura na ditadura militar, e que ingressaram, em seguida, na literatura construindo narrativas ancoradas no período ditatorial como uma forma de abertura estética para temas que não poderiam ser tratados pelos veículos de informação. A maior parte de suas histórias se passa em pequenas cidades do interior e tem como protagonistas meninos, os quais observam cotidianamente e com sensibilidade as transformações acontecidas no espaço que os cercam: a chegada de elementos inesperados, como fábricas que regulam o cotidiano dos moradores e os sujeitam a um regime de incerteza e controle absoluto sobre as suas ações. O trabalho submetido questionará Veiga como um autor de romances de formação (Bildungsroman), a partir da leitura de F. Moretti sobre o gênero, investigando uma formação inconclusa como possível consequência do regime militar tematizado na literatura veigueana, ou seja, uma preservação imposta às personagens infantis de permanência na condição de crianças. Tal leitura será pensada questionando as figuras de linguagem utilizadas

por Veiga em relação ao contexto histórico da escrita de seus livros, analisando criticamente o gênero do realismo mágico por meio da interpretação de Irlemar Chiampi e as figuras fantásticas de acordo com as definições de T. Todorov e V. Propp. Ainda, será reflexionada a tradição de criação de personagens infantis na literatura brasileira a partir de Vânia M. Resende. De tal forma, o objetivo geral do trabalho será o questionamento do romance de formação em regimes disformes e opressivos, por meio da crítica ao recurso alegórico empregado por José J. Veiga para tematizar os processos históricos que observava.

Sob a sombra da repressão, escrever-se: potencialidades das escritas de si em "O Lugar mais Sombrio", de Milton Hatoum

Alexandre Luiz Ribeiro da Fonseca Junior (UFMG)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo discutir criticamente os recentes romances publicados por Milton Hatoum, "A noite da espera" (2017) e "Pontos de fuga" (2019), pertencentes à trilogia "O Lugar Mais Sombrio". Narrados e estruturados em torno de diários ficcionais e de outras modalidades das escritas de si, tais romances ambientam-se no contexto repressivo da ditadura civil-militar brasileira. O jovem Martim, narrador e protagonista, revisita seu arquivo pessoal no exílio em Paris, a fim de se procurar melancolicamente na solidão. A atmosfera sombria dos romances adensa-se na escrita dos diários ao catalisar a dupla perda sofrida pelo jovem: o afastamento da mãe e o fim da democracia pós-golpe de 1964. Diante dos vestígios do tempo, o narrador entrega-se ao ato de escrever, o qual poderia aproximar-lhe do objeto perdido e amado a mãe. Nesse sentido, visa-se entender como a escrita de si fundamenta a formação da personagem e ajuda na elaboração dos seus traumas sob contexto autoritário. Ademais, pretende-se refletir como a literatura pode elaborar o traumático passado histórico. Dessa forma, partir-se-á especialmente das reflexões teóricas de Philippe Lejeune, de Michel Foucault, de Maurice Blanchot, de Leonor Arfuch e de Marcelo Duarte Mathias a respeito das escritas de si; das considerações de Freud sobre o trauma, o estudo dos sonhos, as neuroses de repetição e a melancolia; das propostas de Jacques Derrida e de Gilles

Deleuze sobre a escrita como fármaco e como empreendimento de saúde; do estudo do "mal de arquivo" proposto por Derrida; das hipóteses sobre elaboração dos traumas e do passado histórico provenientes dos estudos de Adorno e de Freud; das conceituações promovidas por Bakhtin sobre o romance de formação; das colocações teóricas de Edward Said e de Julia Kristeva sobre o fenômeno do exílio; das leituras críticas de Márcio Seligmann-Silva, de Jaime Ginzburg e de Eurídice Figueiredo sobre a relação entre literatura, história e elaboração do autoritarismo.

Simpósio 16
Clarice Lispector: uma autora muito além do intimismo

Hugo Lenes Menezes (IFPI)
Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Resumo Nos Oitocentos, surgem os estudos comparatistas e, no atual milênio, em meio ao processo transnacional da globalização, os fatos já não podem ser apreendidos isoladamente, mas sim de forma integrada. A visão mecanicista cartesiana e o seu sistema axiológico não bastam para explicar a realidade. Capra (1996) observa que "estamos diante de novos paradigmas de análise e interpretação", quais sejam, o fim da crença nas verdades absolutas e a transdisciplinaridade, numa outra ordem mundial, que não comporta o conhecimento fragmentado, desconexo. Com um modelo comunicativo não positivista (de causa e efeito), isto é, um modelo sistêmico, orquestral e comunitário, devemos estabelecer relações entre os diversos aspectos do saber e observar como eles dialogam entre si. A transdisciplinaridade, que abarca amplo universo de pesquisa, assume alta relevância a partir da unidade epistemológica, intimamente associada, como diz Bohr (1961), "à nossa busca de uma compreensão universal, destinada a elevar a cultura humana". Tal conceito visa articular diferente entendimento da complexidade do real, passar **entre**, **através** e **além** das disciplinas especializadas, ao tempo em que valoriza o termo **além**. De semelhante abordagem são exemplos os diálogos estabelecidos entre a literatura, as ciências humanas, a cultura e a tecnologia, geradora de uma pluralidade de suportes textuais. Nesta esfera, a arte verbal e a ciência histórica revelam, estruturalmente em comum, o código narrativo e chegam a ser consideradas gêneros de fronteiras. No campo da Filosofia, para o Existencialismo, o texto literário funciona como veículo do pensamento, que, por necessidade de um instrumento de expressão, ou de um laboratório experimental, adota a literatura. Esta, ao lado de outras questões, volta-se para a temática tabu, estudada pela Antropologia, o espaço geográfico e a sua organização humana, investigada pela Sociologia. E os aludidos diálogos transdisciplinares podemos ilustrar mediante Clarice Lispector, autora cujo trabalho vai muito além do intimismo. Com este, ela costuma ser rotulada, ao utilizar a introspecção das personagens, o monólogo interior, o fluxo da consciência, o discurso indireto

livre e a análise psicológica. Todavia, provamos o contrário de tal reducionismo. Quando se insere no contexto histórico nacional da década de 1960 e os seus anos pós-1964, marcados pela censura do sistema repressivo implantado no País, a nossa romancista, que estreia em 1943 com *Perto do coração selvagem*, numa época de igual governo arbitrário, lança em 1969 *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, que se inicia com uma vírgula. A inusitada introdução, segundo o crítico Benedito Nunes (2009) indica que o relato deve ser lido como uma continuação de obras pregressas: *Perto do coração selvagem*, *O lustre* (1946), *Laços de família* (1960), *A maçã no escuro* (1961), *A legião estrangeira* (1964) e, em especial, *A paixão segundo G.H.* (1964), que, por sua vez, termina com dois pontos. Fragmentos de *Uma aprendizagem* são primeiro estampados, com variações, na forma de crônicas para o *Jornal do Brasil*. Parte da novelística clariciana é uma ampliação de contos da mais importante coletânea pós-machadiana, *Laços de família*. Precisamente, conforme o mencionado Benedito Nunes (2009), trata-se de uma ampliação dos conflitos insolúveis das protagonistas em subsequentes personagens-mulheres, como a de *A paixão segundo G.H.*, originalíssimo romance. Esta forma, no caso, a artista literária cultiva por meio de capítulos/fragmentos em *leixa-pren*. A mesma ampliação de contos para romance, ocorrida na produção escrita da leitora do chamado bruxo do Cosme Velho e, figurativamente, uma bruxa para a clariciana Vilma Arêas (2005), além de ser curiosamente participante em 1975 do I Congresso de Bruxaria em Bogotá, também ocorre em Machado de Assis, cujo núcleo da narrativa curta "Trio em lá menor", da coletânea *Várias histórias* (1896), é retomado no romance *Esaú e Jacó* (1904). Em sua estreia, a criadora de *Perto do coração selvagem* já dialoga com a Filosofia Existencialista, sobretudo a de Sartre, sob a premissa de que a vida é feita de escolhas. E a temática tabu do aborto induzido, anteriormente desejado por uma figura machadiana de *Esaú e Jacó*, ela trabalha em *A paixão segundo G.H.*, e a do incesto, apresentado nos romances *Absalão, Absalão!* (1936), do estadunidense William Faulkner, e *Os Maias* (1888), do luso Eça de Queirós, ela insinua em *O lustre*. Ademais, no igualmente romance *A maçã no escuro*, alguns indícios, a exemplo da terra seca e a preocupação da protagonista Vitória com a estiagem, evocam o espaço geográfico do Nordeste brasileiro e demonstram que a nossa ficcionista, transferida ainda criança, como exilada, para Recife (PE), precedentemente ao livro *A hora da estrela* (1977), faz uso

da função político-social da arte da palavra, ao situar o enredo numa região marginalizada. Tudo o que consta aqui na ementa configura a motivação do presente simpósio, aberto a trabalhos comparatistas com Clarice Lispector, em face de diversas atividades humanas, de temas transversais à literatura, e proposto no centenário do nascimento desta autora que, como dissemos, vai muito além do seu propalado intimismo.

"A quinta história": uma série de baratas

Letícia Coleone Pires (UNESP)

Resumo Clarice Lispector, nos seus cinquenta e dois anos de vida produziu uma obra variada nos subgêneros da narrativa, escrevendo romances, contos, crônicas, novelas, narrativas poéticas e textos híbridos. Tais fatores fizeram com que a crítica sobre sua produção se desenvolvesse intensamente, modalizando entre os mais diversos aspectos e percepções, essa diversidade de temas, vieses já explorados, a imensa e sólida fortuna crítica faz parecer quase impossível escrever algo novo ou diferente sobre a autora. Todavia, essa percepção é aniquilada ao se mergulhar no universo ficcional clariciano, com obras que enlaçam o leitor e provocam uma multiplicidade de leituras, como se a cada releitura do texto, esse revelasse novos aspectos, novas facetas, novos segredos. Claramente, isso não é restrito à produção de Lispector, trata-se de algo próprio da literatura, com sua capacidade de ser polissêmica e abarcar uma heterogeneidade de análises, desde que essas sejam comprovadas pelo material textual. Sendo assim, com base em tais conceitos e concepções, pretende-se nesta comunicação explorar um conto da escritora em foco, sob o prisma da seriação como mecanismo de construção da obra, universo ainda pouco explorado no meio literário e na maioria das vezes restrito ao âmbito da poesia, como o livro de Leo Sptizer, La enumeración caótica en la poesia moderna (1945) ou então o texto de Dámaso Alonso, "Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária" (2002). Centrando na narrativa, tem-se o capítulo "Borges e a série", de Flora Süssekind (1998), que serviu como inspiração para o desenvolvimento desta pesquisa, que no caso, terá como objeto de análise o conto "A quinta história", de Clarice Lispector. Espera-se ao final

da análise revelar o modo como a seriação, a retomada e a reescrita são fundamentais para essa narrativa, visto que, auxiliam na construção da significação e continuidade textual.

As personagens grotescas e a transgressão dos gêneros, em *Um sopro de vida (pulsações)*, de Clarice Lispector

Joel Rosa de Almeida (USP)

Resumo O grotesco é um tema estético-literário recorrente, na obra de Clarice Lispector, em especial, no romance póstumo de 1978, frequenta a categoria das personagens e das questões do gênero romanesco. Ângela Pralini é uma personagem inicialmente contística, provinda do conto "A partida do trem", do volume Onde estivestes de noite, de CL, lançado em 1974. A partir da sua recriação, no romance *Um sopro de vida (pulsações)*, a protagonista ganha novos contornos figurativos e estilísticos. Há, nesse romance, a construção de uma personagem-autora, que se projeta no seu criador, denominado "Autor". A questão da autoria é metatextual, complexa e bem estruturada ficcionalmente, inclusive em outros romances de CL, tais como: A hora da estrela e Água viva, entre outros. O objetivo desta comunicação visa à análise das personagens romanescas de Um sopro de vida (pulsações) mescladas a personagens de outros romances e gêneros literários (conto e crônica, exemplarmente) e a observar como essas personagens são retrabalhadas, em narrativas distintas e que se dialogam e se fundem. Para tanto, teremos como fundamentação teórica o estudo basilar intitulado Teoria do romance (3 volumes), de Mikail Bakhtin, bem como sua visão sobre a mescla de gêneros, na estruturação e desenvolvimento histórico e sócio-cultural do romance, quando há vozes plurais, múltiplas, de alteridade e heterodiscursivas, que interagem e dialogam, no texto romanesco. A teoria bakhtiniana apresenta-se como um relevante recurso para a análise e leitura interpretativa dos textos de CL, uma vez a autora lança mão do que denominamos "migração textual" e, em especial, do procedimento da reutilização, de modo imbricado, de vários textos e gêneros, dentro do romance, bem como ao reaproveitar materiais de sua própria lavra. O último romance de CL, assim, incorpora e reelabora técnicas narrativas já avançadas, em sua 3ª fase literária, e redimensiona

a temática do grotesco, de modo mais espraiado e também em fusão com o sublime.

Clarice e Mira, melindrosa aliança

Mateus Toledo Gonçalves (UFPR)

Resumo A ideia dessa comunicação será propor a presença de uma afinidade entre a noção de forma presente nas Monotipias de Mira Schendel e no romance A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector. O ponto principal é de que haveria nas obras de ambas o seguinte problema: como formalizar (como desenhar no caso de Mira, como relatar o dia anterior no caso da narradora do romance) sem que essa forma seja da ordem do domínio de um sujeito sobre um objeto? Trata-se de encontrar uma maneira de agir (no desenho ou na palavra) que não seja uma antecipação, uma tentativa de controle dos resultados ou, nos termos de Lispector, uma sujeição da "matéria viva". Para pensar as Monotipias me apoiarei nas descrições de Rodrigo Naves sobre a técnica singular desenvolvida pela artista. O uso por Mira Schendel de um suporte como o papel arroz (muito sutil, que se rasga facilmente) vai demandar dela um dispositivo delicado. Mira passava tinta em uma lâmina de vidro, polvilhava-a de talco e, então, apoiava o papel de arroz. O desenho era alcançado pressionando o papel sutilmente com a unha dos dedos, o traço se fazendo por trás, com a tinta que conseguisse vencer a camada protetora de talco. O procedimento muito delicado e instável envolve uma espécie de cautela pelo material frágil e, ponto decisivo salientado por Rodrigo Naves, diminuía sensivelmente o controle sobre o desenho. No caso d'A paixão segundo G.H. vou me valer das descrições que a própria narradora dá sobre as dificuldades de fazer o relato dos acontecimentos do dia anterior para sugerir que uma problemática semelhante se desenrola. Também no romance se trata de encontrar um modo de lidar com uma realidade "delicada demais", uma maneira de narrar a "matéria viva" sem que isso signifique um controle excessivo ou sua fixação. Para isso serão centrais os conceitos de economia libidinal feminina de Hélène Cixous e de labor de Silviano Santiago, que descrevem essa maneira particular como que a escrita clariciana lida com os seus "objetos", modo anti-dominação, que abjura seres e coisas.

Clarice Lispector e o fazer literário: uma leitura derridiana

Rachel Ventura Rabello (UERJ)

Resumo Esta comunicação busca discutir e apresentar o caráter reflexivo da obra de Clarice Lispector sobre o fazer literário, a partir dos conceitos de fracasso da linguagem e fracasso do romanesco (NUNES, 1989), tendo como recorte os romances A paixão segundo G.H. e Água viva, e o ensaio Literatura de vanguarda no Brasil. Além disso (e para isso), busca apresentar os pontos de encontro entre seu projeto literário e os conceitos de écriture, de Jacques Derrida, sugerindo aproximações entre a escrita de Lispector e a filosofia da desconstrução. Tal carácter reflexivo de sua obra é evidenciado no ensaio Literatura de vanguarda no Brasil, apresentado pela autora em uma conferência na Universidade de Austin em 1963, no qual Lispector expõe seu incômodo com a definição de modernismo e vanguarda como literatura ligada mais à forma do que ao conteúdo (fundo) e mais à experimentação (estética) do que à experiência (de vida). Nesse texto, a autora parece questionar uma visão formalista do modernismo e da vanguarda e também o pensamento elaborado a partir de dicotomias (outra possível aproximação com a filosofia da Desconstrução, de Derrida). Este é seu texto mais ensaístico e demonstra como ela estava atenta ao seu tempo e às questões que envolviam seu ofício, pois escreve sobre "a questão da polaridade forma/conteúdo, a questionação de uma especificidade da vanguarda brasileira e o lugar da língua no espaço da literatura" (SOUZA, p. 91-92). Deste modo, a proposta de comunicação reitera o pensamento de que Clarice Lispector é uma autora muito além do intimismo, que reflete sobre ele (como experiência de vida) no fazer literário.

Clarice Lispector, mística e hassidismo

Leila Borges Dias Santos (UFG)

Resumo A crítica a respeito da obra de Clarice Lispector declara que seu legado literário está imbuído tanto por inovação temática e da linguagem, quanto carregada de elementos autobiográficos. Esses elementos autobiográficos são em parte característicos da sua

cosmovisão de origem judaica. Traços dessa fonte basilar podem ser identificados por características do misticismo judaico e em especial hassídico. Vestígios da cultura azkhenazi da região geográfica e cultural mosaica de seus familiares, são rastreados em obras de análise religiosa, filosófica e histórica, elencadas nesse estudo, tais como Aspectos do hassidismo, organizado por Jacob Guinsburg, Santuários Heterodoxos de Luis Sérgio Krausz, além de uma edição compacta do Zohar, o livro do Esplendor, com passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension, que contém passagens de teor esotérico e místico. O que esses componentes teriam a ver com a escrita de Clarice? Essa relação pode ser demonstrada, por exemplo, por meio de obras da autora, como Maça no Escuro, Água Viva, Paixão Segundo G. H, o que será demonstrado no decorrer do trabalho por meio da análise que realiza as ligações entre a sensibilidade judaica e a clariceana. Quanto à nomes da apreciação crítica da autora, são relacionados nomes como os de Amariles Guimarães Hill, Berta Waldman, Benedito Nunes, Olga Borelli, dentre outros.

Feminismo e seus reflexos na obra de Clarice Lispector

Renato Kerly Marques Silva (UFSC)

Resumo Alguns críticos caracterizaram Clarice Lispector como uma escritora hermética e vaga, cujas obras não davam atenção aos problemas sociais que mobilizavam setores de uma elite intelectual e artística brasileira. Entretanto, é importante destacar elementos da obra da autora que expõem uma importante crítica social. Nesse sentido, propõe-se uma leitura do conto Amor (publicado no livro Laços de Família, 1960) que identifica a narrativa como uma crítica aos limites impostos às mulheres da sociedade carioca do início da década de 1960. A partir do conceito de Sublime Feminino elaborado por Barbara Freeman (1995), identifica-se o texto literário escrito por mulheres como uma lente que permite observar as formas de opressão às quais as mulheres estão submetidas. A partir desse conceito é possível ler o conto de Lispector como uma denúncia das barreiras que as mulheres enfrentavam, sobretudo, em função dos limites impostos pelo casamento. Em um período em que trabalhar fora de casa não era algo apropriado para mulheres de classe média e as

profissões que poderiam garantir uma independência financeira eram ocupadas majoritariamente por homens, o texto sugere que a consciência dos limites impostos à vida da mulher pode produzir uma fratura que dá início a um movimento de despertar da opressão. Esse sentimento se aproxima da sensação de despertar da morte descrito por Adrienne Rich (2017), sua identificação apresenta a possibilidade de leitura da obra de Clarice Lispector como inserida no contexto da Crítica Feminista produzida por mulheres durante o século XX.

Simpósio 17
Comparatismo e intermidialidade: literatura, teatro e audiovisual

Ana Claúdia Munari Domingos (UNISC)
Elaine Indrusiak (UFRGS)
Luciana Éboli (UFRGS)

Resumo O presente simpósio é dedicado à discussão das relações entre a literatura e outras mídias, dentre as quais destacam-se os fenômenos de adaptação – a tradução, a transmidiação, a representação de mídias. De acordo com Linda Hutcheon (2013), a adaptação parte de uma repetição sem replicação. As diferentes intenções que perpassam o ato de adaptar podem vir do desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, ou mesmo da vontade de prestar homenagem, copiando-o. "(A)daptar quer dizer ajustar, alterar, tornar adequado. Isso pode ser feito de diversos modos" (id., p. 29). No ato de adaptar uma obra de uma mídia para outra, frequentemente encontramos a transposição anunciada e extensiva, cujas referências são explícitas, ou aquelas em que há alusões ou representações de outras mídias, que envolvem desde a transformação material até a semiótica. Na perspectiva do processo de criação, uma adaptação sempre requer a (re)interpretação e a (re)criação ao se instaurar por meio de modificações tecnológicas, linguísticas, contextuais, que ainda dependem de intenções e focalizações. Além disso, no processo de recepção, a adaptação sempre acarreta, também, uma forma de intertextualidade cujo reconhecimento como tal depende do leitor. A popularidade e ubiquidade das adaptações de romances e textos dramáticos para o audiovisual (principalmente cinema e televisão) não raro conduzem à inferência afoita e sem sustentação de que a adaptação consistiria, por definição, na reapresentação de personagens e eventos por meio de uma nova linguagem ou em novo suporte tecnológico. Conforme exposto por Indrusiak (2018, p. 40), uma vez que forma e conteúdo não constituem instâncias estanques das artes e da comunicação, recursos e técnicas narrativas são também passíveis de adaptação. Sendo assim, podemos considerar a narrativa como um denominador comum entre várias formas de expressão cultural, visto que diferentes mídias são capazes de midiar histórias na relação espaço-temporal, em uma miríade de gêneros,

formas e engajamentos. Essa *affordance* comum permite a ocorrência de diversos fenômenos intermidiais. Para Lars Elleström (2015, p. 51), "a intermidialidade deve ser compreendida como uma ponte entre diferenças midiáticas cujas bases são semelhanças midiáticas". Essas equivalências, portanto, partem de diferentes sistemas de signos que abarcam também, conforme Hutcheon, "temas, eventos, mundo, personagens, motivações, pontos de vista, conseqüências, contextos, símbolos, imagens" (2013, p. 32). Ao focalizar a adaptação na transposição do teatro para o cinema, André Bazin (2014) considera as estruturas dramáticas da peça de teatro, do roteiro cinematográfico e da *mise-en-scène* em suas particularidades: "Se por cinema entende-se a liberdade de ação em relação ao espaço, e a liberdade do ponto de vista em relação à ação, levar para o cinema uma peça de teatro será dar a seu cenário o tamanho e a realidade que o palco materialmente não podia lhe oferecer" (p. 164). Por outro lado, o mesmo autor afirma também que "o cinema pode acolher todas as realidades, exceto a presença física do ator. Se é verdade que aí reside a essência do fenômeno teatral, o cinema não poderia, portanto, de modo algum almejá-la" (p. 173). Desse modo, as especificidades de cada transposição são analisadas a partir das características principais da mídia de origem e dos caminhos para a adaptação final, que é sempre algo novo e dependente da intepretação. Tal abordagem interdisciplinar constitui traço consagrado da Literatura Comparada, disciplina de "natureza mediadora, intermediária, característica de um procedimento crítico que se situa 'entre' dois ou mais elementos, explorando seus nexos e relações" (CARVALHAL, 2003, p. 36). Para Lúcia Santaella, mesmo as linguagens consolidadas tornaram-se líquidas: "Não há mais lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades. Texto, imagem e som não são mais o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam, unem-se e separam-se, entrecruzam-se (2008, p. 35). Diante de tal cenário, a intermidialidade está na ordem do dia, ao passo que o comparatismo confere arcabouço teórico-crítico sólido e historicamente constituído para a sustentação das abordagens interdisciplinares. É partindo dessas premissas, portanto, que este simpósio busca reunir reflexões teóricas e/ou aplicadas acerca das relações entre literatura e outras mídias, com especial interesse pelos diálogos interdisciplinares e intersemióticos, adaptativos ou não,

que se estabelecem entre o texto literário, o teatro e o audiovisual.

Cagliostro no romance e no cinema: o dialogismo intertextual na trajetória de uma personagem lendária

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca (UnB)

Resumo Cagliostro, afinal, era José Bálsamo, conde de Fênix, charlatão, mágico, maçom, rebelde, aproveitador, santo ou imortal? A personagem recriada pela pena do autor francês Alexandre Dumas na obra "José Bálsamo", de 1846, não poderia estar rodeada por mais mistérios e epítetos. Desde meados do século XVIII, quando Cagliostro passou a percorrer a Europa fazendo seus supostos milagres de cura e distribuindo seu elixir da vida, a personagem virou tema para historiadores, romancistas e artistas, em geral. Um dos historiadores que recontaram a vida do conde Cagliostro, foi o italiano Giovanni Barbieri. Em fins do século XVIII, Barbieri publica o "Compêndio da vida e feitos de José Bálsamo, chamado o conde de Cagliostro ou o Judeu Errante, tirado do processo formado contra ele em Rôma no ano de 1790 e que pode servir de regra para se conhecer a índole dos franc-mações. ". Alexandre Dumas, então, com seu vívido interesse pela história francesa, não podia deixar de narrar a história daquele que, por muitos, é considerado como um dos agentes incitadores da Revolução Francesa e, por outros, como um herói, julgado culpado injustamente pela Santa Inquisição. O cinema também, logo em seu início, resgatou a narrativa sobre Cagliostro, inspirando-se no romance-folhetim de Alexandre Dumas, como nos filmes "Le Miroir de Cagliostro", (direção de George Méliès), de 1899, e "Cagliostro, Aventurier, chimiste et magicien", (direção de Camille de Morlhon), de 1910. Infelizmente, essas produções acabaram perdendo-se total ou parcialmente. No entanto, não demorou muito para que outro filme tratasse de Cagliostro, visto que, em 1949, o filme "Black Magic" (direção de Gregory Ratoff, com colaboração de Orson Welles) foi lançado, anunciando-se que esta película seria uma adaptação da obra de Alexandre Dumas. Para essa comunicação, então, buscar-se-á compreender, tendo por base, principalmente, as teorias de Linda Hutcheon (2006) e Robert Stam (2008) sobre adaptação, como

esse hipertexto fílmico, "Black Magic" relê seu hipotexto, o romance "José Bálsamo", transformando-o, traduzindo-o, dialogizando-o não somente com o texto literário de Dumas, mas com toda uma gama de narrativas, que se pretendem históricas, ficcionais ou religiosas (do campo do gnosticismo) sobre o misterioso e controverso Cagliostro.

Caminhos cruzados entre literatura e cinema

Marília Corrêa Parecis de Oliveira (UNESP)

Resumo Falar sobre literatura e cinema é falar sobre um diálogo intermidiático incansável. Sabe-se que, primeiro, o cinema buscou a narratividade própria da literatura para contar as suas histórias, e tempos depois, em meados do século XX, a literatura é que foi buscar no cinema elementos linguísticos (técnicas, procedimentos) que produziram mudanças na construção das narrativas ficcionais, sobretudo relacionadas às efervescentes transformações da vida moderna. Com isso, tende-se a dizer, de modo genérico, que, no contexto brasileiro, entre as décadas de 1910 a 1920, a literatura dialogou de modo muito evidente com o cinema, incorporando no texto escrito recursos oriundos da linguagem audiovisual. Contudo, também se diz que o romance brasileiro, a partir da década de 1930, se afastaria do experimentalismo vanguardista e seguiria rumos mais comprometidos com o fator social. Logo, ainda que se diga, sem maiores problemas, que a partir dos anos 60-70 a literatura dialoga de modo muito evidente com o cinema, quando a indústria cultural se consolida de fato e se expande no Brasil, não nos parece possível dizer que o diálogo da literatura com o cinema se encerre na experiência da vanguarda, por isso, nos propomos a analisar o romance "Caminhos Cruzados", publicado em 1935, de Érico Veríssimo. Interessa-nos, aqui, investigar como o diálogo com o cinema não se encerra no romance brasileiro na década de 30, de maneira a identificar como ele se manifesta, particularmente, no caso do romance de Veríssimo. A construção de "Caminhos Cruzados" remete a aspectos de uma linguagem cinematográfica, com uma narrativa sincopada e fragmentária. Além disso, constitui-se de frases que revelam uma escassez de conjunções, o que se traduz em construções justapostas e em paralelo – aos moldes da montagem do cinema. Logo, objetivamos analisar como se

dão essas relações com maior afinco, identificando sua presença e estudando suas funções e efeitos. (Processo FAPESP n. 2018/23806-4).

De Haruki Murakami a Lee Chang-dong: a adaptação cinematográfica na dinâmica dos contextos sociais do Japão e da Coréia do Sul

Icaro Carvalho (UFRGS)
Bruno Amaral Dariva (UFRGS)

Resumo Compilado pela primeira vez para língua inglesa em 1993, O elefante desaparece (の消滅, Zō no shōmetsu) é uma coletânea de dezessete histórias curtas escritas por Haruki Murakami. Parte dessa coleção, o conto "Queimar Celeiros" apresenta um triângulo amoroso entre três indivíduos solitários e melancólicos, no qual as únicas lacunas que os separam são a diferença de idade e o segredo que um deles esconde. Divulgado como uma adaptação do conto de Murakami, o filme Burning (버닝, Beoning), dirigido e roteirizado por Lee Chang-dong e lançado em 2018, retrata o mesmo triângulo amoroso de forma diferente: entre os protagonistas, estabelece-se, além das distinções citadas, um contraste espantoso de condições sociais. Deslocado do Japão para a Coréia do Sul, especificamente na cidade de Seoul, o filme introduz elementos sociais que não se fazem presentes no conto original. Este trabalho se propõe, então, a analisar e investigar por qual motivo, ou motivos, a luta de classes acaba por ser representada de forma tão recorrente no cinema sul-coreano – vide, também, o recém multi-premiado Parasita (기생충; Gisaengchungde), de Bong Joon Ho – a ponto de, em Burning, a história de Murakami ser alterada para que exista conflito e tensão entre os mais e menos abastados. Para isso, utilizamos principalmente materiais teóricos que debatem questões de adaptação, tais como aqueles que debatem a possibilidade de a transposição de um texto para outra mídia renovar e enriquecer o original, introduzindo novas ideias para novas audiências e, por consequência, diferentes percepções sobre ambas as obras. Também utilizamos textos de jornais, textos históricos e contextos políticos sobre a atual condição sul-coreana para conseguir, ao menos, debater sobre as razões para a corriqueira representação das diferenças sociais na arte do país asiático.

Do ebook ao livro: processos intermidiais na obra vencedora do Prêmio Kindle de Literatura 2018

Jaimeson Machado Garcia (UNISC)

Resumo O desenvolvimento dos computadores eletrônicos a partir da II[a] Guerra Mundial oportunizaram o surgimento de novos tipos de mídias como os ebooks, que vieram a se tornar uma alternativa ou mais uma opção para a comunicação, assim como o livro vem fazendo há cinco séculos. Nas primeiras décadas, os ebooks se caracterizaram como remidiações de livros já publicados. Mas com a democratização das ferramentas de produção e a popularização da internet comercial, foram os livros que passaram a ser originalmente digitais. Com isso, a diferença entre o livro e o ebook, atualmente, se resume na escolha por onde o texto é midiado: ou fixo na mídia impressa ou na virtualidade das mídias digitais. Nesse sentido, este trabalho tem como principal objetivo analisar o "entre-lugar", efêmero e virtual, de transferência do ebook para o livro a partir do viés teórico proposto por Lars Elleström (2017, no prelo), que categoriza esses fenômenos entre a tradução e a transformação. Para isso, tomamos como estudo de caso o romance Dama de paus (2018, 2019), de Eliana Cardoso, originalmente autopublicado em ebook por meio do Kindle Direct Publishing que, após vencer a terceira edição do Prêmio Kindle de Literatura, foi novamente publicado, em livro impresso, pela editora Nova Fronteira. Primeiro, contextualizamos a gênese dos ebooks e os dispositivos através dos quais podem ser midiados, tendo como foco o Kindle, da Amazon, além do próprio Prêmio Kindle de Literatura. Em seguida, passamos a definir as modalidades do Kindle e do livro como mídias técnicas e, ainda, do ebook e do livro como tipos de mídia. Finalmente, em uma perspectiva comparada entre o ebook e o livro, analisamos o produto de mídia Dama de paus (2018, 2019). Entre outros apontamentos, concluímos que a transferência de Dama de paus (2018, 2019) do ebook ao livro se caracteriza como uma transformação de mídia, a partir da perspectiva de Elleström (2017, no prelo), conforme buscamos mostrar.

O palco na tela, a tela no palco: filmando Shakespeare na Royal Shakespeare Company

Paulo Henrique da Silva Gregório (UNICENTRO)

Resumo A companhia teatral britânica Royal Shakespeare Company (RSC), que se destaca, especialmente, pela performance shakespeariana, vem há décadas reinventando as peças de Shakespeare a partir dos mais variados ângulos. Desde 2013, a RSC tem executado um projeto de montar todas as 37 peças do dramaturgo e filmá-las para serem inicialmente exibidas, ao vivo, em cinemas, e lançadas, posteriormente, em DVD. O modo como essas filmagens são produzidas e recebidas levanta questões acerca da forma artística dessas produções: trata-se de peças, filmes, ou gêneros híbridos que englobam características normalmente associadas ao teatro e/ou ao cinema? Neste trabalho, recorrerei a noções de intermedialidade e remediação para problematizar essas questões, e tentar entender como os Shakespeares da RSC têm sido ressignificados, na tela, a partir de trocas e transformações entre diferentes mídias. Apesar da tentativa de oferecer uma experiência marcadamente teatral que preserve o imediatismo da performance, as filmagens têm um caráter intermidiático que transcende o teatro, e são construídas a partir de processos de remediação que desafiam visões acerca do que caracterizaria ontologicamente o teatral e o cinemático.

Rasuras literárias em "Sonho de Valsa", de Ana Carolina Soares

Mariana Anselmo (UFU)

Resumo Este estudo se propõe a abordar relações intersemióticas estabelecidas entre o texto fílmico "Sonho de Valsa", lançado em 1987 pela cineasta brasileira Ana Carolina Soares, e fragmentos de textos dos universos literário e popular. Partindo da noção de fenômeno da adaptação como tradução, transmidiação e representação de mídias (HUTCHEON, 2011), pretendemos lançar um olhar para essa obra cinematográfica como processo de (re)interpretação de textos literários de diversas autorias e ditos originários da fraseologia popular, que são traduzidos em imagens pela autora, por meio da

transposição anunciada e extensiva, e também por alusões e representações de outras mídias. "Sonho de Valsa" é direta e abertamente conectado a outras obras reconhecíveis: trata-se de um texto-mosaico, uma narrativa fragmentária em que a diretora (re)interpreta e (re)cria, apropriando-se e recuperando textos literários – como o "Cantares", versículos de Isaías, ou os poemas de Santa Teresa de Ávila –, ditos e canções da tradição popular, por vezes rasurando as citações, consumindo e apagando a lembrança do texto adaptado. Do início ao fim, elementos de diversas áreas artísticas são evocados para compor o tecido de citações e referências explícitas ou não, que envolvem tanto o processo de criação artística, quanto a recepção pelo leitor-espectador. Nos debruçaremos, assim, sobre o diálogo interdisciplinar e intersemiótico estabelecido na textura do filme entre a literatura e outras mídias. Essa abordagem extrapola a comparação entre a imagem literária e a imagem cinematográfica, pensando as relações entre o visível e o legível, entre o que se vê e o que se lê, conforme os estudos de César Guimarães (1997), que explora a hipótese da existência de uma via de mão dupla entre cinema e literatura, o que converge com a noção ampliada de adaptação desenvolvida por Linda Hutcheon.

Simpósio 18
Condição subalterna e urgência decolonial na literatura contemporânea

Ricardo Postal (UFPE)
Daniel Conte (FEEVALE)
Imara Bemfica Mineiro (UFPE)

Resumo A empresa colonial ibérica maculou o destino da humanidade, desde o século XV, ao rasgar oceanos e violar territorialidades. Imaginários propagados desde então, que orientaram o pensamento hegemônico ao largo de séculos, ainda permanecem significando em territórios outrora dominados por Espanha e Portugal. A fundação do que se conhece como modernidade está vinculada ao processo de elaboração do pensamento que tem na raça a régua divisora entre Europa colonizadora e o mundo a ser colonizado. A inferiorização dos "racializados" institui, por parte das metrópoles, as possibilidades de (se) pensar dos subalternizados, que ao obterem conceitos, línguas, representações e culturas europeias negam a si mesmos para fazer parte do empreendimento civilizatório. Embora com particularidades nos processos colonialistas de Portugal e Espanha, violência, silêncio e perversão foram marcas perpetuadas pelos atores das forças coloniais, os quais impuseram uma dor infinda nas sociedades invadidas. Estabeleceu-se uma multidão de "outros" a serem moldados, domesticados e civilizados enquanto suas culturas, línguas, literaturas e tradições eram aniquiladas. Assim, formaliza-se tanto a colonialidade do poder quanto do saber e do ser, anulando formas divergentes de pensar, se comportar e representar. A manutenção do imaginário colonial ainda é materializável nos processos da cultura das ex-colônias das Américas e da África, bem como em Macau e no Timor, estando assim tais culturas subjugadas a uma condição subjetiva de "margem da Europa". Nessa ordem, o silêncio sobre o projeto da colonialidade acaba por naturalizar, nos registros oficiais dos Estados modernos e nas estratégias funcionais de seus aparelhos, a violência contra aqueles que se situavam distantes das decisões do poder colonial: negros, indígenas, mulheres, lgbts, migrantes, etc. Isto reverbera nas representações literárias, nas histórias da literatura, nos cânones conformados por autores homens, brancos, heterossexuais e imitadores de modelos europeus, uniformização essa

imposta pelas instâncias de poder. A subalternização de grupos ditos minoritários, periféricos, marginais somente demonstra a heterogeneidade dos embates sociais e a dificuldade de realização desse projeto nefasto que higieniza, embranquece e viriliza as literaturas e o imaginário dos países reféns dos modos de pensar coloniais. À contra-corrente, e movendo-se num fluxo cada vez mais intenso, estão propostas teórico-críticas que visam feminilizar o mundo, queerizar os currículos, enegrecer o cânone e somando todos esses levantes, decolonizar o pensamento, o imaginário e as representações. A materialização de tais propostas, para além de uma teorização dos elementos notoriamente em processo de mudança na cultura das sociedades antes dominadas politicamente e hoje ainda subjugadas pela colonialidade do saber, coloca em evidência os mecanismos da hegemonia. Surgem, então, perceptíveis, frestas na periferia do sistema de dominação das ideias, ocasionadas pela cegueira dos centros de poder, os quais acreditam estar em segurança através da repetição de conceitos cristalizados e do tácito aceite dos subalternizados de sua condição de inferioridade. Esse status quo não existe mais. Mulheres não aceitam mais a desigualdade de gênero, populações LGBT+ não aceitam mais discriminação e desrespeitos, o movimento negro está sólido e combate o racismo institucional diariamente e tudo isso está posto em literatura que não só prima pela representatividade quanto pela qualidade de sua representação, manifestando a união do estético e do político em obras contemporâneas. Tais obras apresentam retratos mais autênticos dos grupos representados, uma vez que são vozes portadoras da experiência mesma destes que estão escrevendo, a partir de suas "escrevivências". Retira-se a distorção de perspectiva provocada pelos escritores canônicos (cis, homem, branco, hetero) e passa-se a entender a miríade de linguagens, cores, acentos, alegrias, sabores, sofrimentos, opressões e lutas diferentes, porém afins, que ligam todos os que ainda se insiste em chamar de oprimidos, periféricos, subalternos e minoritários. Se o momento dos movimentos identitários estiver realmente passando, isso quer dizer que se faz necessária uma compreensão dos elementos de afinidade que garantam tanto a intersecionalidade (para evidenciar os níveis e formas de opressão dos diversos grupos na sociedade) mas ao mesmo tempo cabe pensar como escritoras e escritores (negras e negros, indígenas, lgbt+, emigrados, etc) estão pensando-se, dizendo-se e estão sendo lidos. Discutir em quais meios se

está falando a respeito de tais obras, bem como é necessário analisar que teorias são mais adequadas para avalia-los e que críticas eles próprios geram sobre as obras de outrem. Guiado por esse sentimento e com esse viés, o simpósio aqui apresentado se propõe a reunir comunicações que abordem autores, obras e projetos artístico-literários que analisem - sob o prisma teórico dos estudos subalternos, decoloniais e teoria queer - representações de populações subalternizadas, grupos silenciados política e culturalmente bem como identidades em processo de afirmação na literatura do século XX e XXI.

A italianidade em Igiaba Scego: repensar a identidade italiana a partir de uma perspectiva pós-colonial

Leonardo Vianna (UFRJ)

Resumo Pode-se dizer que a pós-colonialidade aportou em solo italiano há pouco tempo, se formos comparar com os estudos pós-coloniais francófonos, por exemplo. Há quase trinta anos, a crítica pós-colonial italiana tem trabalhado com expressões as mais diversas para designar a representação desse fenômeno na literatura, como literatura migrante, literatura afroitaliana, literatura pós-colonial italiana, literatura de migração etc. Igiaba Scego, italiana nascida em Roma de pais somalis, hoje é conhecida como uma escritora de segunda geração cujas obras literárias focalizam as relações pós-coloniais (raciais, de classe e de gênero) na Itália contemporânea, o direito à viagem e a questão da identidade. E é sobre esta que se debruçará a presente comunicação, analisando – a partir de uma perspectiva pós-colonial (LOMBARDI-DIOP & ROMEO, 2014; LOMBARDI-DIOP, 2016) – a personagem Zuhra Laamane do romance Oltre Babilonia (2008), que constantemente se questiona sobre sua nacionalidade italiana e as razões pelas quais a fazem se sentir uma cidadã de segunda classe dentro do seu próprio país. Esta comunicação, portanto, analisará uma perspectiva da mulher, negra, de ascendência africana, crescida na interseção entre as culturas árabe, somali e italiana para problematizar justamente a questão de identidade (HALL, 2006), sobretudo a italiana (BENVENUTI, 2012) e demonstrar como a escritora pensa o romance italiano contemporâneo e as identidades como entidades híbridas.

A literatura como espaço de potência, resistência e reexistência. Uma leitura comparada de *A mulher de pés descalços*, romance de Scholastique Mukasonga, e" A historiadora obstinada", conto de Chimamanda Ngozi Adichie

Patrícia Ribeiro Brasil (UFRGS)

Resumo Em 2008, a escritora ruandesa Scholastique Mukasonga (1956) publica na França o livro *A mulher de pés de descalços*. Uma pequena novela que procura recuperar a memória de sua mãe, Stefania. Em 2009, Chimananda Ngozi Adichie (1977) publica o seu primeiro livro de contos intitulado *No seu pescoço*. "A historiadora obstinada" é a último conto da obra e relata a história de Nwamgba e sua neta Afamefuna. Sob a luz dos estudos pós-coloniais a análise dessas duas obras intentará provocar a reflexão sobre como em processos coloniais diferentes, em gêneros literários distintos, as autoras de gerações também diferentes, abordam a mesma temática: resgate da história africana que foi apagada pela historiografia eurocêntrica, católica e colonialista. A cultura africana tem por uma de suas grandes características a marca da oralidade. E esta cultura foi considerada menor por uma cultura moderna cuja centralidade está na escrita. A cultura africana encontra na palavra a sua identidade, pois conforme explanou Hampaté Bâ (2010), na sociedade africana o homem está comprometido com a palavra que profere, pois ela é o testemunho da alma africana. A palavra falada é empossada de certa divindade. Mukasonga e Adichie relatam em suas obras em análise a necessidade de contar a história que foi interdita, de registrar por meio da literatura aquilo que foi ignorado historicamente pelo colonialismo por ser considerado menor ou por não ter a sua humanidade reconhecida (RIBEIRO, 2017). E, embora sejam mulheres diferentes, as autoras dessas obras ocupam o mesmo lugar de subalternidade e de apagamento identitário e seus textos são lugares de potência, resistência e de reexistência.

A suspensão dos sujeitos e o deslocamento na obra desamparo de Inês Pedrosa

Josiani Job Ribeiro (UFRGS)
Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa (UFRGS)

Resumo Representar é um ato natural dos sujeitos, a partir das representações e imaginários, os homens constroem suas visões de mundo, e apoiados nelas atuam socialmente. Nesse sentido, Chartier (2002) destaca que as representações de embasamento social, mesmo que ambicionem acolher uma classificação estabelecida na racionalidade universal, sempre estarão associadas às predileções dos grupos que as produziram. Associadas ao imaginário elas são elementos significativos para a vida coletiva, pois são embasadas no contexto social de cada indivíduo. E através desses elementos, os sujeitos constroem o significado do real, sendo a realidade o que define o mundo habitado pelo homem, um mundo de ações e objetos concretos. Tais elementos são excepcionalmente relevantes aos atores sociais no tocante das relações ideológicas, apoiados nos dois, grupos sociais conseguiram compelir a outros grupos, apenas com o constructo de que possuíam esse direito. Caso do Colonialismo, que por muitos anos, baseadas em um discurso de superioridade, nações usurparam de outras. O colonialismo deixou consequências até os dias de hoje, tanto no âmbito cultural, quanto no econômico. A partir da obra literária Desamparo (2015) de Inês Pedrosa, busca-se revelar as representações sociais dos sujeitos contemporâneos que vivem entre Brasil e Portugal, levando em consideração uma herança imagética construída desde o período colonial e as particularidades do processo colonialista português, principalmente no que diz respeito ao território brasileiro. E ainda, verificar como essas representações sociais e imagéticas operam para que o caráter de tais sujeitos, se coloque em suspenção. Nessa perspectiva, serão analisadas as trajetórias de Jacinta e Raul, mãe e filho, bem como, os conceitos de representação, imaginário, sujeito histórico e suspenso.

O trabalhador pobre na literatura de Luiz Ruffato: por uma questão de classe

Inara Ribeiro Gomes (UFPE)

Resumo Com a análise de textos selecionados da pentalogia *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato, busca-se discutir como a questão da classe social tematizada na obra desse escritor marca uma singularidade dentro produção literária brasileira contemporânea. A obra de Ruffato, como tem ressaltado a crítica, preenche uma lacuna em função do protagonismo dado a um segmento social muito pouco representado: os pequenos trabalhadores. Na visibilidade dada ao segmento social anônimo da classe proletária, ao qual pertence sua galeria de personagens, reside a grande contribuição da obra de Ruffato. Não se trata, em geral, daquele pobre submetido a uma condição extrema de exclusão social, mas de operários de baixa especialização, subempregados sem qualificação, biscateiros, desempregados, desocupados e inadaptados ao mundo do trabalho. Excluídos das benesses do progresso material, inferiorizados e condenados ao desprezo social, os personagens de Ruffato cultivam timidamente o sonho da ascensão social por meio do trabalho ou por meio de uma reviravolta do destino, de uma sorte que os libertará do permanente sentimento de humilhação. O conceito de classe nos estudos culturais, na sociologia e nas mídias tem sido preterido em prol de categorias como raça, etnia, gênero e orientação sexual. Se entendermos que a naturalização da desigualdade social no Brasil não é determinada somente pelo vetor racial, é preciso prestar atenção a essas narrativas que reconstroem a vida cotidiana das classes baixas, não somente seus dramas e conflitos, mas todo um estilo de vida, uma mentalidade, um modo de ser e de agir no mundo.

Quando o herói precisa ir ao hospital: identidade e representação em *Kryptonita*, de Leonardo Oyola

Higor David Rosa Afonso Pinto (UFRJ)

Resumo Ao longo dos séculos, os estudos historiográficos tradicionais nunca deixaram de fazer referência a grandes nomes de uma

pretensa história humana universal. De Otaviano Augusto a Getúlio Vargas entre os líderes, de Átila a Napoleão entre os conquistadores, de Marco Antônio a Charles de Gaulle entre os generais, de Nero a Adolf Hitler entre os vilões. O que possuem em comum é o fato de representarem a persistente imagem de um homem monumental. Não são "homens", mas "Homens", cuja narrativa serve a um imaginário coletivo tão segregador que, para ser tido com alguma seriedade, precisa expurgar o mundo material, cotidiano e problemático, de qualquer elaboração discursiva. Trata-se de ironia da mais profunda, afinal, para criar a história de certa humanidade, elimina-se da vida tudo aquilo que faz dela algo humano, demasiado humano. Nada disso, contudo, se estabelece sem qualquer tipo de resposta. No contexto do contemporâneo, sobretudo em América Latina e África, têm sido cada vez mais comuns as narrativas que se afastam das representações homogêneas, das construções grandiosas e da monumentalização dos sujeitos. "Kryptonita", de Leonardo Oyola, é uma dessas narrativas. Publicado em 2011, o romance tem como proposta reimaginar alguns dos mais imponentes e monumentais personagens das histórias em quadrinhos: os super-heróis. Para isso, a narrativa parte de uma simples pergunta: e se os super-heróis não vivessem no centro urbano mais privilegiado dos EUA, mas na periferia de Buenos Aires? É dessa forma que o argentino reimagina os papéis representativos desempenhados por essas personagens. Para entender como isso ocorre, propomos um estudo comparativo que se debruce tanto sobre as histórias em quadrinhos, quanto sobre o referido romance, a fim de pensar de que maneira a imagem do "homem monumental", na forma do "super-herói", é repensada, reorganizada e ressignificada nas páginas de "Kryptonita".

Sexualidade e afetos subalternos: percepções queers nos contos "Coração" de Marcelino Freire e "Dom Diego" de Antônio de Pádua

Nomager Fabíolo Nunes de Sousa (UFPE)

Resumo A Literatura é um valioso instrumento para dar visibilidade e problematizar as várias facetas das relações sociais e culturais humanas, através dela é possível (re)construir ficcionalmente vários

momentos da história, além de perceber e refletir sobre algumas ideologias dominantes e opressivas vigentes na nossa sociedade. A produção literária nacional abarca grandes representações da pluralidade cultural, ilustradas por diversas personificações de minorias de voz social, muitas delas com marcas profundas da colonização e ideais revestidos de (pré)conceitos normatizadores. Neste trabalho, destacaremos o conto "Coração", presente na obra "Contos Negreiros" (2005) do escritor pernambucano Marcelino Freire e "Dom Diego", conto inicial da obra "Sobre rapazes e homens" (2006), primeira produção literária do escritor paraibano Antônio de Pádua. As duas narrativas contísticas retratam através das suas personagens a homossexualidade, entretanto é inegável que o coito e os afetos provenientes desta prática ainda são estigmatizados e vistos como subalternos. Nesta perspectiva, buscaremos analisar as subjetividades identitárias atreladas aos sujeitos gays presentes nos dois contos, como também observar pontos de convergência/divergência entre eles, percebendo inclusive que tais práticas e marcas subjetivas ultrapassam as barreiras do campo literário, pois refletem e reverberam o/no cenário histórico e sociocultural. As considerações apresentadas surgem dos diálogos com a Teoria Queer e os Estudos Culturais/Pós-coloniais, resultando em reflexões que, apesar dos marcadores da estigmatização e dos estereótipos presentes nos contos, urge a necessidade de ampliar as discussões acerca do tema, corroborando para uma maior circulação das narrativas de temática gay, difundindo uma perspectiva e um sujeito queer que busca subverter e contestar qualquer vestígio normatizador da sexualidade, "saindo do armário" e servindo de mote para a construção de produções literárias.

Subalternidade x mulher em *Cadernos de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo

Adelia Maria de Souza Lima (UNEMAT)

Resumo Nesta comunicação, analisaremos a obra *Caderno de memórias coloniais* (2009) da escritora portuguesa, Isabela Figueiredo, na qual ela traz à tona, suas memórias de infância em África durante o período da colonização portuguesa. Além disso, aduz a memória de uma coletividade ainda que tomamos conhecimento dos fatos

narrados por uma narradora em primeira pessoa. Nossa leitura consistirá em lançar um olhar sobre o modo como a escritora trata a figura feminina em polos opostos, a mulher branca representa a manutenção dos valores e da virtude e a mulher negra encena sensualidade, a sexualidade. Figueiredo destaca na diferença uma semelhança entre tais mulheres, tanto as brancas quanto as negras eram castradas, exploradas pela sociedade pautada pelo machismo e patriarcalismo. Sendo assim, eram subjugadas, silenciadas, esmagadas na medida em que tinham suas subjetividades reprimidas. Através dessa obra, a autora apresenta ao leitor questões de violência e de exploração sofridas pelos negros durante o período colonial entre as décadas de 60 e 70 em Moçambique, no período pré- independência. Destacaremos, deste contexto, as passagens relacionadas ao mundo feminino e por meio delas, buscaremos discutir a figura da mulher naquela sociedade patriarcal, machista e escravocrata, controlada pela supremacia do homem branco, aquele que marca a diferença e também pelo homem negro que mesmo sofrendo preconceito e vivendo numa condição de subalternidade impõe à mulher negra uma condição humilhante e preconceituosa na qual ela não tem direto nem voz. Para tanto, nossas pesquisas se enveredarão, também, pela análise da relação da literatura decolonial tomando como base, inicialmente, os conceitos de colonialidade e pós-colonialidade, cunhados por alguns pesquisadores desta área, tais como, Stuart Hall, Bell Hooks, Joaze B. Costa, entre outros.

Título: País sem Chapéu – ambivalência e tradução

Eduardo Belmonte de Souza (UFRGS)

Resumo Resumo Gayatri Spivak, ao questionar no título e na sua obra homônima se pode o subalterno falar, analisa aquilo que delimita por violência epistêmica, ou seja, considera que há espaços não ocupados pelo sujeito advindo de um contexto de dominação colonial se autorrepresentar – a saber, relatar e disseminar a própria história. Essa questão, por sua vez, pode ser vista como o ponto de partida da narrativa autoficcional País sem chapéu (2011), de Dany Laférriere, corpus do presente trabalho. Com o intuito de fundamentar a investigação, em um primeiro momento, faz-se um resgate da importância

dos estudos culturais enquanto formação discursiva, que propõe (re) pensar as práticas epistemológicas a partir dos fluxos culturais e descentramentos que constituem a identidade dos sujeitos, na perspectiva de Stuart Hall. Desse modo, chega-se ao epicentro da discussão proposta, a qual propõe investigar como o protagonista do referido romance, ao retornar ao Haiti, seu país-natal, após 20 anos vivendo entre os EUA e o Canadá, parece construir um mosaico híbrido de representações culturais, no qual ele assimila a cultura do colonizador, ao mesmo tempo em que resgata os afetos de sua infância, as lendas e os mitos de seu país de origem, abrindo um espaço para se narrar. Sob essa perspectiva, propõe-se averiguar a percepção pelo protagonista de ambivalências de significações, cuja articulação produz um novo espaço, tradutório. Isso tudo, à luz da concepção de Homi Bhabha, com o intuito de mostrar como a literatura pode propor a construção de uma atitude de descolonização que seja mais autêntica e, consequentemente, que possa romper a lógica de que a história das civilizações outrora dominadas e do mundo se constrói tão-somente a partir de narrativas ocidentais.

Simpósio 20
Deslocamentos literários: cultura, tradução e migração

Andréa Moraes da Costa (UNIR)
Gracielle Marques (UNIR)
Válmi Hatje-Faggion (UnB)

Resumo Números divulgados pelo *Department of Economic and Social Affairs* (DESA, 2019), da Organização das Nações Unidas (ONU), referentes à migração mundial, validam a ideia de que cada vez mais estamos em contato com o outro. De acordo com o DESA, em 2019, o quantitativo de migrantes internacionais atingiu 272 milhões de pessoas. Comparado ao ano de 2010, esse número sofreu um aumento de 51 milhões de deslocamentos. E há uma relação intrínseca entre migração e tradução, que tem assumido espaços significativos nas teorias críticas contemporâneas. Loredana Polezzi (2012, p.345) menciona que a conexão entre tradução e migração "foi estabelecida por estudiosos de estudos de tradução, mas também, e cada vez mais, por especialistas em antropologia, sociologia, filosofia ou teoria literária". Para ilustrar tal relação, podemos iniciar pela etimologia de ambas as palavras. Do latim, *traductione* e *migratione,* respectivamente, trazem em sua origem referências a deslocamentos. Enquanto migração se refere a movimentos espaciais humanos; tradução, por outro lado, atende a movimentos de palavras. Essa relação, que tem em seu cerne o movimento/deslocamento em diferentes culturas, passa a ficar mais estreita quando pensamos nas condições e consequências em que ocorrem tais deslocamentos, ou ainda quando as compreendemos enquanto "um conjunto de práticas da linguagem e uma condição existencial", conforme as palavras de Loredana Polezzi (2014). Nos fluxos de homens e textos, nem sempre as condições são favoráveis e pacíficas. Com frequência, esses fluxos são marcados por barreiras concretas, por interdições, como é o caso das migrações de refugiados que adentram no Mediterrâneo devido a conflitos armados em suas nações. Esses migrantes, inevitavelmente, em paralelo ao seu próprio fluxo, carregam consigo o fluxo linguístico, e estarão, portanto, convivendo com a tradução e a interpretação por meio não só de suas necessidades de comunicação – condição existencial –, mas também sendo interpretados por outras culturas, traduzidos pelos seus outros, pois como atesta Gayatri Chakravorty Spivak (2005, p.58), "a

tradução é, portanto, não somente necessária, mas inevitável". Mary Louise Pratt (1992, p.6-7) aponta para possíveis coerções, "desigualdades radicais e conflitos irredutíveis", advindos dos contatos decorrentes de viagens, os quais também envolvem diretamente processos tradutórios. Assim, observando conflitos políticos como os do Oriente e do Ocidente, crises políticas, econômicas e humanitárias que resultam em fluxos migratórios instigam várias questões, a exemplo: de que modo sanções políticas podem refletir nas dinâmicas que envolvem migração e tradução? O que se tem feito para apoiar a circulação de textos, por meio da tradução? Como tradutores reagem, por meio de sua atividade, a escritas híbridas produzidas por escritores migrantes? E, considerando os sujeitos escritores diaspóricos, que se afastam de suas culturas, mesclando-se a outras – que convergirão em novas identidades desses sujeitos –, o que tem se sobreposto no que diz respeito às dificuldades no cenário cultural durante o ato tradutório de seus textos? São importantes e frutíferas reflexões que rumam nessa direção, uma vez que literaturas migratórias surgidas dentro deste contexto refletem, em seus textos, conexões estabelecidas entre diversas e distintas identidades e, em muitos casos, consolidam ideais, visões locais ou globais de autores e suas culturas, o que pode permitir a compreensão de determinados comportamentos culturais. Com isto, propomos este Simpósio, dispensando atenção à importância de discussões que deem visibilidade para questões que unam cultura, tradução e migração/deslocamentos, bem como na perspectiva de ampliar nossa compreensão acerca das consequências que emergem a partir das zonas de contato, conforme definido por Mary Louise Pratt (1992), existentes entre as diferentes culturas por meio da tradução. Para tanto, acolheremos, neste Simpósio, pesquisas e trabalhos que contemplem estudos teóricos da tradução, adaptação, circulação, apropriação e sua prática no âmbito da literatura produzida e traduzida/adaptada correlacionados à migração, em diferentes épocas e contextos culturais. Nesse sentido, o Simpósio aceitará propostas que contemplem os seguintes tópicos, para citar alguns: O estudo da recepção de literaturas de migrantes nas culturas Orientais e/ ou Ocidentais; tradução (inter)cultural, multilinguagem, tempo, espaço adaptação/tradução de um gênero textual para outro (multimodal; audiovisual); competências e habilidades de tradutores migrantes no contexto cultural; a tradução, tradutor e zonas de contato; o perfil do tradutor, história do tradutor, relações sociais

escritor migrante/tradutor e em sua face oposta; relações interdisciplinares propiciadas pelos Estudos da Tradução; ética e política tradutória; poder, ideologia, patronagem; (micro) história e crítica da tradução; fontes primárias e extratextuais (comentários, correspondências, entrevistas, blogs, vídeos, publicações (acadêmicas), arquivos literários/ pessoais, manuscritos; traduções de escritos de migrantes; paratextos editoriais e sua função..

As diferentes moradas do exílio: Rose Ausländer e a tradução entre línguas

Luiz Carlos Abdala Junior (UFPR)

Resumo Nascida em Chernivtsi, no Império Austro-Húngaro, a poeta Rose Ausländer (1901-1988) é normalmente reconhecida como pertencente à poesia de língua alemã. Porém, após o exílio em Nova York a partir do ano de 1946, deu início a uma longa produção poética em língua inglesa que durou por cerca de 10 anos. Ao longo desses anos, Ausländer pareceu transformar a sua escrita em nível estilístico, paulatinamente afastando-se dos modelos neorromânticos que marcaram sua poesia pré-guerra, para se aproximar de marcas poéticas que lembram os principais nomes da poesia modernista norte-americana, como Marianne Moore e William Carlos Williams. De fato, a decisão de escrever em inglês não foi ocasional, mas marcou uma impossibilidade de continuar escrevendo em alemão no pós guerra, língua que se tornou, para Ausländer, a "língua dos assassinos" (NAUROSKI, 2007, p. 42). Ainda assim, o inglês, sendo a "língua do estrangeiro" (loc. cit.), não forneceu o abrigo seguro de um lar, mas foi um palco escorregadio e inevitavelmente estranho por onde a escrita, em língua estrangeira, pareceu também compor-se de traços da língua materna. A intenção desta comunicação é apresentar dois poemas de exílio de Ausländer, ambos denominados "New York", sendo um deles da parte da obra de expressão inglesa da autora, outra da alemã. Disso, objetiva-se articular comparativamente os poemas a partir de um processo tradutório ao português que não apenas busque considerar a diferença das línguas de partida, mas que possibilite também a emergência dessa diferença no ritmo discursivo de cada uma das traduções. Propondo-se, assim, uma tradução

poética da autora que procure iluminar o caráter "entre línguas" de parte de sua obra, de modo que dois poemas de mesmo nome e referencial semântico, mas escritos em línguas diferentes (e subjetivamente marcadas pelo trauma e pelo exílio) possam, em português, exprimir algo de suas marcas de partida.

Brasil 1943 - a natureza estrangeira à espreita em um poema do exílio de Paula Ludwig

Mariana Chirico Machado Holms (USP)

Resumo A imagem do Brasil nos textos escritos em língua alemã não deixa de ser fruto de uma tradução linguística, cultural e vivencial, quando se trata de autores migrantes. No caso dos exilados do nazismo, forçados a buscar um lugar de refúgio, a sensação de estranhamento impregna os relatos de suas experiências. Nesta comunicação, proponho a análise e uma tradução do poema Brasil 1943, composto por Paula Ludwig (1900-1974), poeta e artista plástica austríaca, em seus anos de exílio e publicado postumamente na coletânea Gedichte (1986). Neste poema, Ludwig ilustra o ambiente brasileiro (fauna e flora) da perspectiva do estrangeiro banido de seu país, incorporando palavras do português brasileiro. As questões que norteiam a análise do texto são: como a poeta traduz sua experiência no Brasil para sua própria língua? Como traduzi-los do alemão, observando a presença do português como língua estrangeira no poema original, ou seja, preservando o estranhamento? A obra de Paula Ludwig dificilmente pode ser encontrada em alemão no Brasil e ainda carece de tradução. Embora alguns poemas e sonhos tenham sido publicados em coletâneas, fragmentos autobiográficos e outros textos sobre o Brasil permanecem inéditos.

Chimamanda Ngozi Adichie: obras traduzidas descritas

Marília de Araújo Ruivo (UnB)

Resumo Ao tratar da questão da mobilidade humana contemporânea, há de se pensar imediatamente em Chimamanda Ngozi Adichie,

autora nigeriana, radicada nos Estados Unidos, que concebe literariamente a migração humana e caracteriza suas obras literárias pelo uso do mecanismo estilístico do uso da língua inglesa igbo, a "tradição literária étnica" (IGBONAUSI, 2002), utilizada também nas obras de outros renomes da literatura africana. Adichie é um grande ícone da atualidade, seus trabalhos, tanto os publicados em formato de livros quanto os proferidos em palestras e conferências, colocaram-na como referência e fonte de inspiração para diversas conversas e movimentos para mudanças socioculturais. Considera-se, então, as obras traduzidas de Adichie no Brasil e as questões tradutórias que a circundam. Para esta comunicação, faz-se recorte da minha pesquisa de mestrado (POSTRAD/UnB), a qual está vinculada ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução, no viés dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) orientados ao processo de tradução e ao produto (HOLMES, 1994). Tem-se por objeto a tradução literária das obras traduzidas de Adichie publicadas no sistema brasileiro de literatura traduzida (EVEN-ZOHAR, 1990). O objetivo geral é realizar uma análise crítica das obras traduzidas, no par linguístico inglês-português, da autora Adichie, publicadas no Brasil até 2019, pela editora Companhia das Letras, utilizando para tal, o esquema teórico-metodológico descritivo e comparativo de traduções literárias (LAMBERT; VAN GORP, 1985). O objetivo específico é verificar os posicionamentos, as tendências tradutórias das tradutoras diante da escrita híbrida de Adichie e de seus marcadores culturais (AIXELÁ, 1996; AUBERT, 2006; HATJE-FAGGION, 2011). Além de ainda averiguar a recepção das obras traduzidas de Adichie no contexto de recepção brasileiro contando com fontes extratextuais e paratextuais (GENETTE, 1997; MUNDAY, 2013).

O texto literário como mediador cultural na imprensa em língua alemã editada no Rio Grande do Sul

Isabel Cristina Arendt (UNISINOS)

Resumo Uma das facetas dos processos migratórios está relacionada à cultura letrada resultante destes movimentos. Esta cultura, porém, incluindo sua produção literária nem sempre é objeto da história da literatura, muito menos será inserida no cânone. No caso da

imigração alemã para o sul do Brasil, especificamente o Rio Grande do Sul, no período de 1870 a 1940, é conhecida a participação ativa de alguns de seus representantes na edição de jornais em língua alemã, os quais também são espaços de divulgação de textos literários, geralmente em seção especificamente destinada a esta finalidade: o folhetim. Apresentamos, para esta comunicação, dois destes jornais: o Deutsches Volksblatt, editado em São Leopoldo e Porto Alegre, entre 1871 e 1940, e o Deutsche Post, editado em São Leopoldo, entre 1880 e 1928. Trata-se de um recorte de um projeto maior – o Transfopress-Brasil, no qual verificamos o papel desta imprensa como mediadora cultural, como parte e elemento de compreensão do mundo brasileiro, traduzindo e construindo representações sobre o ser brasileiro e estar aqui, que circulava nos meios frequentados pelos imigrantes e seus descendentes. O questionamento norteador é qual o significado do texto literário como mediador cultural?

Os Guardadores: trânsito cultural, migração e pertencimento – a ficção como estratégia de sobrevivência

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha (UFJF)

Resumo Esta análise parte da leitura do romance "The Tobacco Keeper" (2011), originalmente publicado em árabe "Haris al-tibgh" (2008), do escritor iraquiano Ali Bader. O livro narra a pesquisa de um escritor fantasma contratado por um jornal internacional para escrever sobre a vida de um renomado violinista assassinado em Bagdá em 2006. O romance está estruturado em três partes principais nas quais são desenvolvidas as conexões entre o músico, personagem principal ficcional, com três heterônimos do poeta português Fernando Pessoa. A pesquisa realizada pelo escritor fantasma evidencia uma relação entre presente e passado, sobreposta a si mesma, além de mostrar ao leitor que cada heterônimo está vinculado a uma personalidade do músico, que cria identidades para viver em sua cidade natal, Bagdá. O músico nasceu judeu em 1926 e, depois de sofrer diferentes tipos de violência, migra para Israel e assume a identidade de um muçulmano xiita por volta de 1952. Ele vive assim até 1981, quando o conflito Irã-Iraque torna impossível sua vida em Iraque. Em seguida, migra para Teerã e ele assume a identidade de um muçulmano sunita, com

o qual vive até sua morte. Nesta análise explorarei questões do trânsito cultural apresentados no romance, como os paralelos estabelecidos, os movimentos migratórios forçados empreendidos devido a contextos de violência e perseguição, além de algumas perspectivas sobre pertencimento e identificação estabelecidos pelo personagem, para propor uma leitura da contemporaneidade através do impacto social da leitura da ficção.

Puro cuento? Observações sobre *Caramelo*, de Sandra Cisneros

Adriana Macedo Nadal Maciel (PUCRS)

Resumo O limite entre a História e a Literatura é sempre motivo de discussões e questionamentos entre estudantes e professores do campo dos estudos literários. Tal debate vem desde Aristóteles, que postulava que ao historiador cabia a tarefa de narrar os fatos tais como eles ocorreram enquanto o poeta tinha a liberdade de dizer o que poderia ter acontecido. Entre as manifestações literárias que apresentam fatos históricos como tema central ou como pano de fundo, destaca-se o gênero literário romance histórico, que teve suas origens no século XIX com o escritor Walter Scott e que traz como principal característica uma narrativa ficcional que tem estreita relação com acontecimentos históricos. Na contemporaneidade, narrativas como Caramelo, da escritora americana de origem mexicana Sandra Cisneros, mesmo sem trazer todas as características do romance histórico preconizadas por Georg Lukács, apresentam historicidade em seu texto. Por se tratar de uma narrativa diferenciada que é, ao mesmo tempo, ficcional, histórica e discursiva, pode-se afirmar que o romance apresenta relações com o que Hutcheon classifica como uma metaficção historiográfica. O registro dos fatos históricos e a relação da ficção com os acontecimentos históricos do México e dos Estados Unidos evidenciam que a História, mais do que pano de fundo, em *Caramelo*, faz parte das próprias relações entre americanos, mexicanos e mexicano-americanos, os que vivem do outro lado.

Simpósio 21
Diálogos transdisciplinares: o componente estético como princípio metodológico

Márcia Lopes Duarte (UNISINOS)
Juciane Cavalheiro (UEA)
Sabrina Vier (UNISINOS)

Resumo "Mas, então, ao menos, que, no artigo de morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio". (ROSA, 1988, p. 37). A fala final do narrador do conto **A terceira margem do rio**, de Guimarães Rosa, na qual ele explicita a essência da terceira margem, é o ponto de partida para propor, neste Simpósio, reflexões sobre a necessária implicação do elemento estético em vivências literárias em sala de aula, permeadas pela leitura atenta dos principais autores contemporâneos. A imagem que o narrador deste conto nos proporciona é um elemento que condiz com o viés instaurado pela discussão alicerçada na significação do objeto artístico em sala de aula, visto que o apelo que a arte causa no espectador é da ordem do humano e, portanto, não está associado à aprendizagem como recognição, cujo apelo seria racional, mas à aprendizagem como criação, cuja experiência é sensorial (GALLO, 2017). Segundo Jorge Luis Borges (2007, p. 12), "A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares querem nos dizer algo, ou algo disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão a ponto de dizer algo; essa iminência de uma revelação que não se produz é, quem sabe, o fato estético". Aí está o ponto crucial de nossa preocupação neste Simpósio: abarcar o fato estético de modo a fazer com que crie sentidos em sala de aula; alicerçando, dessa forma, propostas cuja amplitude possa estabelecer novos vínculos de leitura e compreensão dos textos literários e demais objetos artísticos, pela via da perspectiva comparatista, cujo escopo permite ressignificar as relações de sentido. Conforme Antonio Candido (1995), a escola e a universidade são as instituições privilegiadas, onde se exerce o direito à literatura. Estes espaços formais são como que a mola propulsora para a formação de leitores, sobretudo pelo acesso à acentuada diversidade de fontes, em diferentes suportes, o que garante a ampliação do

repertório e a formação do gosto pela leitura. Assim, neste Simpósio, propostas de análises comparativas de discursos críticos de vertentes diversas, confrontados com os contextos de produção e de circulação de obras da literatura brasileira contemporânea, podem contribuir para reflexões sobre o efeito estético suscitadas a cada ato de leitura, na medida em que "o texto só tem significado através de seus leitores; altera-se com eles" (CHARTIER, 1997, p. 12). A partir dessa consideração, os planejamentos relacionados à sala de aula necessitam se adequar a uma perspectiva de vivência literária, nas aulas de literatura, língua portuguesa e línguas adicionais, que prevê a inserção do aluno na própria construção do conhecimento sobre os textos. Dessa maneira, a materialidade dos objetos artísticos, marcadamente o texto literário, precisa reverberar nos sujeitos e não pode, em nenhuma medida, ser imposta uma única chave de leitura para cada texto. Isso porque "as palavras nos dizem o que nós, como sociedade, acreditamos que é o mundo" (MANGUEL, 2000, p. 13). Agregam-se, pois, nesse escopo, pesquisas que se identifiquem tanto com os fenômenos estritamente literários, como pesquisas sobre temas literários em sentido mais amplo. O Simpósio pretende reunir pesquisadores e interessados na problemática do ensino – tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior – e suas relações com o texto literário, reunindo [a] propostas metodológicas que apresentem a dinâmica das aulas de língua e literatura atravessadas pelo olhar estético, ou seja, propostas de trabalho que, propondo uma reflexão sobre a arte, visam desenvolver uma nova percepção sobre a própria docência e [b] estudos que buscam, através do texto literário, refletir – no instante em que a sala de aula é invadida pela terceira margem, que, em última instância, é o próprio cerne do objeto artístico – sobre cada nova leitura realizada, que projeta leituras já ecoadas e que trazem novos sentidos a cada enunciação. Assim, este Simpósio busca, com base em teóricos como Alberto Manguel, Antonio Candido, Roger Chartier, Émile Benveniste, Jorge Larrosa, Walter Benjamin, Jorge Luis Borges, entre outros, pensar o texto literário "como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questionamento com aquilo que somos" (LARROSA, 2003, p. 25-26).

Desmascarando narradores em primeira pessoa: pontos de vista e suas estratégias

Gabriela Kvacek Betella (UNESP)

Resumo Ao examinar obras de literatura brasileira e estrangeira, sobretudo em sala de aula, nossa experiência com análises do narrador em primeira pessoa tem proporcionado reflexões provocativas sobre a condução da narrativa, acerca da voz que assume uma existência para além do autor. Se lembramos Bakhtin (segundo o qual o autor de uma autobiografia será sempre "um outro possível")e Jean-Claude Bernardet (para quem qualquer relato de vida implica em ficção, porque a vida é inenarrável, por não ter a estrutura da linguagem verbal), os relatos mais pessoais podem soar como a mais pura ficção. A primeira pessoa pode atingir graus de elaboração comparáveis aos usos mais requintados do discurso indireto livre, assim como desperta no receptor a dúvida sobre a credibilidade do relato. O foco narrativo em primeira pessoa afirma um espaço criativo que oferece oportunidades para explorar os usos da linguagem e da representação, com o uso da perspectiva íntima, confessional ou memorialista. As estratégias estabelecem pactos de confiança com o receptor, porém tornam o ponto de vista peça fundamental na estrutura da obra, sobretudo nos casos em que podemos observar uma extrema coerência entre a constituição de fato estético e do contexto representado. Noutras palavras, se a obra artística se refere a um contexto plasmado pela perspectiva de um narrador parcial, ele poderá confessar, revelar, iludir, enganar, como podemos observar na concepção de um narrador machadiano, nas memórias proustianas ou na voz over de Woody Allen em vários de seus filmes. Este trabalho expõe resultados de debates baseados prioritariamente na teoria literária para aumentar a percepção de leitores e espectadores sobre os graus de onisciência no ponto de vista da ficção. Nossa intenção é facilitar um entendimento acima das categorias literárias, atingindo a perspectiva social, psicológica ou de gênero que o olhar de um narrador em primeira pessoa pode proporcionar – ou restringir.

O apelo humanístico da criação artística em busca do efeito estético

Loiva S Vogt (UFRGS/IFRS)

Resumo O efeito estético no processo de criação artística tem sido tema de escritores como Ricardo Piglia, Stephen King, Jonathan Fronzen e Umberto Eco. Também a artista plástica e professora de artes Fayga Ostrower investiga, através da observação da produção de seus alunos, colegas e de sua própria produção como esse processo se desenvolve, quais os fatores que permitem o amadurecimento do(a) artista e o consequente aguçar de sua sensibilidade ao produzir arte. Fatores psíquicos parecem emergir como determinantes e motivadores do fazer artístico. Esses fatores são investigados no presente artigo com base nos pressupostos freudianos que relacionam o universo das artes com a necessidade de expressão de experiências humanas de modo subliminar que conectam artista e apreciador de arte, escritor e leitor, consciente e inconsciente, desejo e necessidade. O presente artigo busca, portanto, investigar a presença de motivação, sensibilidade intuitiva e maturação como fatores imprescindíveis para o desenvolvimento do processo criativo conforme observações dos renomados escritores mencionados acima em comparação com as percepções da artista plástica que destaca a criatividade na arte e a relação entre literatura e psicanálise. Ou seja, o presente artigo remete a um diálogo sobre a produção artística e a busca pelo efeito estético de produtores de arte.

O caráter estético em *Sabor de Química*: estratégia humanizadora na formação do leitor

Danieli Tavares (UNESP)

Resumo A obra *Sabor de Química: crônicas nordestinas*, de Roniwalter Jatobá (1977), surge em contexto com uma preocupação enunciativa, a de escrever para os operários. Sob esse valor, o autor acaba inventando um novo público na literatura brasileira da década de 1970. Nosso objetivo com o presente artigo é abordar o potencial de efeito estético das estruturas linguísticas no conjunto de contos da obra

literária e as estratégias humanizadoras endereçadas a esse leitor. No jogo de escolhas - de leitores, de missão, de sentidos e de materialidades linguísticas -, consideramos a forma estética a motivação fecunda para o projeto da obra, e mais especificamente, para que o leitor mobilize suas experiências. A realização desse percurso interpretativo efetivar-se-á nas assertivas de Wolfgang Iser (2002) sobre o caráter estético da obra literária e seus efeitos sobre o leitor, nos estudos de Bakhtin e Volochinov (2004) sobre a abordagem materialista e filosófica da linguagem, bem como nos textos de Antonio Candido (2004), designadamente, "O direito à literatura". Entendemos que o aspecto verbal do texto, numa perspectiva transdisciplinar, é ao mesmo tempo estrutura verbal, à medida que dá forma ao texto, e estrutura afetiva, ao passo que alcança a sua função, a depender do modo como chega ao leitor. Nesse sentido, nossos pressupostos teóricos abrangem o caráter humanizador da literatura de Roniwalter Jatobá, o aspecto ficcional como ato intencional de reconstrução de um imaginário e as evidências dos efeitos estéticos como um possível princípio metodológico.

Simpósio 22
Diálogos transfronteiriços: literatura, cultura e alteridade das/nas Américas, Áfricas e Amazônias

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFFESPA)
Gilson Penalva (UNIFESSPA)

Resumo O presente simpósio propõe-se a estabelecer diálogos sobre as cenas do encontro entre as Américas, Áfricas e Amazônias na literatura contemporânea, tomando como ponto de articulação que os deslocamentos operados nessas regiões culturais podem ser aproximados em uma mirada prospectiva que prima pela cartografia da conexão dos imaginários. Constitui, assim, um investimento de leitura, análise e interpretação da atmosfera de textos que franqueiam, concomitantemente, o cruzamento de fronteiras locais e globais, colocando em pauta o traço da fragmentação e da intensificação dos trânsitos de línguas, culturas e memórias. Consubstancia-se, enfim, à indissociabilidade de agudizar o estatuto das (trans)migrações como devir epistemológico cuja direção aponta outros rastros de comarcas, heterogeneidades e balbucios na polifonia do encontro das culturas americanas, africanas e amazônicas. Nessa perspectiva, o universo teórico-metodológico articulado, aqui, conjuga os princípios e fundamentos da Teoria Literária, da Literatura Comparada e dos Estudos Pós-Coloniais, Geografia Cultural, Antropologia, Gênero, trançando olhares transdisciplinares para dimensionar as fricções epistemológicas que têm pautado os debates contemporâneos: limites, fronteiras, passagens, travessias. O sentimento de ir e vir carrega um vasto conteúdo simbólico das trocas culturais, bem como faz circular perspectivas mais arejadas de figuração da alteridade, cultura e literatura das Américas, Áfricas e Amazônias. O desvio da estética do mesmo dissemina outras versões em torno do diverso que existe nas zonas de diferença. A opacidade, a multiplicidade, a mirada da des(re)territorialização, a constelação do (des)enraizamento, a pulsão da errância, a vernissage da diáspora, a démarche do exílio e a ética do nomadismo estão na pauta de seminários, encontros, simpósios, colóquios, semanas e salas de aula na área de Letras, Linguística e Artes. Diante desse cenário, o simpósio será um espaço para mapear os fluxos próprios e comuns ao circuito americano, africano

e amazônico, entendo-os como lugares do discurso que hospedam a migrância do leitor pelos sentidos dos lugares da memória cultural. Serão aceitas comunicações alicerçadas no mapeamento de narrativas, discursos e linguagens tecidos sob o signo de alteridades rizomáticas, cuja textualidade encontra-se alinhavada pelas fronteiras móveis da solidariedade intercontinental. É desse *locus* em movimento que se lança a proposta de mapear a constelação da consciência hifenizada da (re)leitura, (re)escrita e (re)interpretação das cenas do encontro entre Américas, Áfricas e Amazônias. Essa tríplice fronteira cultural nasce da figuração de lugares do discurso e sentido dos lugares que carregam vestígios, marcas e resíduos da metonímia e metáfora da movência interplanetária. A vereda proposta neste Simpósio é, portanto, o convite ao estudo de memórias, corporeidades, afetos e narrares que abordam alteridades, abrindo o mapa da geografia da mediação e geografia das redes como espaços-limítrofes para impulsionar os diálogos entre pesquisadores.

"I am a follower of stories": The Healing Journey of Faces in the Moon

Rosana Ruas Machado Gomes (UFRGS)
Gabriela Pirotti Pereira (UFRGS)

Resumo Betty Louise Bell's Faces in the Moon (1994) depicts the story of Lucie, a detribalized Cherokee woman. Through the revisiting of her life and the lives of other women in her family, the novel creates an intergenerational story that recovers the often silenced perspective of people who have faced trials such as removal and allotment—experiences which have left the characters in the novel traumatized. Therefore, this work discusses trauma and healing in Faces in the Moon, analyzing both the way traumatic experiences and their effects are depicted, and what actions make it possible for some characters to heal (to an extent, at least). To that end, we use trauma theory scholars such as Cathy Caruth and Susie Brison. Nevertheless, as we discuss the cultural trauma of a people, it becomes important to consider the particularities of their stories and experiences. Considering that, we also include in our references the writings of Native American scholars such as Cristina Roberts, Roberta Hill and Leslie Silko.

A malungaje de Oliveira Silveira e a negritude como ponto de cruzamento da América Latina

Adriana Kerchner da Silva (UFRGS)

Resumo O objetivo deste trabalho é discutir os poemas "Em Cuba", "Antilhas", "Haiti", "Platinos" e "Alô", de Oliveira Silveira, parte da obra *Roteiro dos tantãs* (1981), à luz do conceito de malungaje, proposto por Branche (2009). Em paralelo ao conceito de Negritude, surgido do encontro de autores antilhanos e africanos em Paris nos anos de 1930 e que propõe a afirmação do ser negro através da valorização da cultura negra (MUNANGA, 2012), Branche (2009) sugere o termo malungaje como uma das formas de compreender a literatura negra da diáspora. Baseado no conceito de malungo, o "meu camarada com quem compartilhei o infortúnio da canoa grande que cruzou o oceano", o teórico aponta uma rede de reconhecimentos e afetos entre os negros em diáspora, especialmente no campo da literatura. Isto é, a negritude, como um ponto de ligação entre esses(as) escritores(as), é definida pelo teórico como um princípio básico para o seu imaginário discursivo. Tendo em vista este conceito, o objetivo geral deste trabalho é analisar os poemas supracitados de Oliveira Silveira, em que o autor traça paralelos entre o Brasil, o Caribe, as Antilhas, os países platinos, Suriname, Colômbia e as Guianas, discutindo a forte influência negra na cultura e literatura de "Todamérica". Nesse sentido, o interesse aqui é observar como o autor gaúcho pensa essa rede de inter-relações, cruzamentos e fronteiras entre os países, tendo a negritude como fio condutor, em forte contraposição a toda uma construção histórico-social de apagamento da influência negra na América enquanto continente.

As escritas migrantes venezuelanas: a obra de Juan Carlos Méndez Guédez

Tatiana da Silva Capaverde (UFRR)

Resumo Podemos encontrar retratadas na literatura situações de migração, exilio, viagem ou a representação da figura do estrangeiro no universo multicultural como formas recorrentes de se tratar

dos deslocamentos culturais no âmbito do texto literário, apresentando em comum uma poética da migração. Historicamente, podemos apontar que os movimentos migratórios fazem parte da composição cultural das Américas desde seu "descobrimento" e que os fluxos migratórios internos dos povos nômades é realidade ainda mais pregressa. O fluxo de europeus e o processo colonizador tornaram os países americanos um espaço de deslocamento cultural que se reedita até nossos dias. No caso específico da Venezuela, contemporaneamente, dado o grande fluxo migratório em função da forte crise econômica e política pela qual passa o país, há muitos escritores produzindo fora de suas fronteiras, e, em muitos casos, tematizando os deslocamentos em suas narrativas. O presente trabalho pretende, através da obra do escritor venezuelano Juan Carlos Méndez Guédez (1967-), residente desde 1996 na Espanha e que tematiza o deslocamento através de seus personagens, debater a literatura migrante de autores venezuelanos.

Cartografia das imagens dos deslocamentos: um estudo comparativo-temático entre *Dois Irmãos* e *O presente absoluto*

Vanessa da Silva Pereira (UFAC)
João Carlos de Carvalho (UFAC)

Resumo Neste trabalho buscamos cartografar as imagens poéticas dos deslocamentos, imanentes nas narrativas de Dois Irmãos, de Milton Hatoum, e o conto "O presente absoluto", presente na coletânea Flores Artificiais, escrita por Luiz Ruffato. Em ambas histórias as imagens são reelaboradas pelos fios das lembranças de seus protagonistas. Nós as costuramos, elaborando um comparativismo entre as abordagens romancista e contista da temática memorialística. Para isso, utilizamos as categorias de relação entre memória, passado, espaço e literatura elaboradas por Seligman-Silva (2003), a noção de imagem poética de Gaston Bachelard (2000), as perspectivas de Bakhtin (1988) sobre o gênero romanesco, e as de Júlio Cortázar (2006) e Ricardo Piglia (2004) sobre contos. Ademais, intencionamos discutir o relativismo da outridade, conforme observada por Bhabha (2013), tendo em vista que os trânsitos verificados nas obras deslocam o centro pelo qual se olha e estabelece a figura do outro.

Simultaneamente, em consonância com seus deslocamentos, as identidades dos personagens hibridizam-se. Esperamos ao fim oferecer uma cartografia da memória, um registro poético da hibridização das identidades e dos deslocamentos dos centros de disseminação cultural, tendo em vista os contextos europeu e latino-americanos nos quais habitam aqueles a quem Abdala Júnior (1995) chama de seres construídos por palavras, a saber, as cidades de Manaus, São Paulo, Estados Unidos, Paris e Buenos Aires.

Correntes e contracorrentes da Memória e do Sublime em dois contos da Bacia Amazônica

Irisvaldo Laurindo de Souza (Iran de Souza) (UFPA)

Resumo Este trabalho tem como objetivo observar os percursos da memória e as representações do sublime nos contos La llocllada e Poraquê, dos escritores Francisco Izquierdo Ríos e João Meirelles Filho, o primeiro ambientado na Amazônia peruana e o segundo na Amazônia brasileira. As hipóteses que nos guiam são a de que a fulguração da memória como elemento narrativo em ambos os contos decorre de um mesmo estímulo externo –– a sublevação das águas da Bacia Hidrográfica Amazônica provocada por fenômenos naturais que estabelecem marcos na vida dos personagens ––, e de que a sublimidade emerge como efeito estético associado ao ato da recordação dos narradores de forma diferenciada nos dois textos ficcionais. La Locllada e Poraquê inserem-se num seleto corpus ficcional que tem como leitmotiv fenômenos naturais que acontecem na Bacia Amazônica, dentre os quais a maré oceânica conhecida como pororoca, as enchentes, os deslizamentos de morros e encostas que fazem transbordar o leito dos rios, e ainda as "terras caídas"; narram o drama e a tragédia do morador da região em face destes levantes violentos das águas; tanto num como noutro conto, verifica-se a incidência de elementos de memória e de sublimidade. Analisaremos os dois contos com ênfase em tais aspectos. No primeiro conto, um grande desmoronamento de morros nas encostas andinas faz transbordar os leitos dos rios da sub-bacia do Rio Huallaga, causando mortandade e destruição. No segundo, a maré oceânica conhecida como pororoca, ao bater-se contra os grandes caudais amazônicos à época

das enchentes, assola a fauna, a flora e também ameaça a vida humana com sua alta potência de desastre. Nossas reflexões são moduladas por estudos de teóricos como Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Paolo Rossi e Aleida Assmann, no âmbito da memória. Dionísio Longino e Edmund Burke referenciam as discussões a respeito do sublime. Este trabalho resulta de pesquisa de mestrado empreendida pelo autor dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com defesa prevista o segundo semestre de 2020.

Diálogos transculturais e o imaginário migrante no Quebec contemporâneo

Irene Corrêa de Paula Sayão Cardozo (UFF)

Resumo A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre o que se convencionou chamar de "escrita migrante" ou, de um ponto de vista mais amplo, de "imaginário migrante" pela critica literária quebequense contemporânea. Toma-se como fio condutor nesta análise a coletânea de novelas "Les Aurores Montréales" da escritora canadense Monique Proulx, que aborda, sobretudo, a questão da transcultura, dos dialogimos transnacionais e da alteridade em contexto montrealense - as clivagens identitárias entre classes, gêneros e nacionalidades, os conflitos linguísticos, sociais e subjetivos acarretados por situações de migrações, exclusões e derivas diversas. Também serão feitas referências intertextuais às produções literárias de consagrados escritores migrantes francófonos e quebequenses de adoção, tais como o haitiano Dany Laferrière, a chinesa Ying Chen e o italiano Marco Micone, entre outros, homenageados e referenciados na obra de Prouxl. Um denominador comum que se pode perceber nas obras e textos analisados é a centralidade da cidade de Montreal, emblemático mosaico multicultural das Américas, espaço de convergências migratórias e cosmopolitismo literário- que tem na experiência da tradução e no transpasse de fronteiras em direção ao Outro a condição mesma de sua existência. A presente pesquisa busca, igualmente, observar como a produção literária em questão contribui, em um duplo processo de reflexão, para pensar a identidade nacional francófona-quebequense a partir da emergência de um tecido

urbano transcultural e polifônico, que a desconstrói e subverte, ampliando suas possibilidades de compreensão.

Espaços praticados e estratos expressivos da fronteira em Xirú de Damián Cabrera

Isabel Cristina Jasinski (UFPR)

Resumo Damián Cabrera é um jovem escritor nascido em Assunção, que atribui seu dom à experiência vivida no Alto Paraná, onde cresceu, em consequência da migração interna no Paraguai, marcante para sua história familiar. Esse espaço é caracterizado, segundo o autor, pela heterogeneidade cultural e linguística, levando ao encontro com a diferença, que motivou seu interesse pela escrita. Em Xirú, publicado em 2010, as referências espaciais são a paisagem fronteiriça e a relação dos protagonistas com a sua vila, as ruas, os rios, os campos e o entorno, posteriormente terraplanado e cercado pelo colono brasiguaio. A narrativa parte de um dos personagens, já adulto, resgatando suas experiências da infância, a partir das relações subjetivas, idealizadas e conflituosas com o outro. Marcada pelo uso de múltiplas línguas, o espanhol, o português, o guarani e o portunhol, caracterizando os personagens e suas relações, evidencia-se um processo de estratificação linguística ao longo da narrativa fragmentada, que insinua um ritmo temporal não linear relacionado às diversas etapas da vida do narrador. Esses aspectos serão objeto de reflexão sobre esta obra, relacionados ao projeto "Américas transitivas e as redes do literário", para pensar em um espaço continental atravessado por singularidades como matéria de escritura. Remete à multiplicidade de territórios e fronteiras, composto por vivências da diferença e idiomas misturados, propícios para a reflexão sobre a "comunidade", como um espaço rizomático em exercício, que rejeita uma única identidade e se abre para a heterogeneidade. Essa dinâmica do espaço indica certos modos de produzir, sentir e transmitir saberes e práticas por meio da escritura. Quais mecanismos Damián Cabrera aciona para criar sua narrativa em Xirú, buscando modos de articulação do outro? Por sua vez, o outro, amigo ou inimigo, mantém relações diferentes com a terra, que respondem a agenciamentos de poder ou afeto e sustentam estratos expressivos em fricção.

Expressões literárias ao redor dos conflitos sociais no contexto da integração brasileira na América Latina

Oscar Jhony Villa Ramírez (UFES)

Resumo Segundo Forrest D. Colburn, América Latina é o conjunto de países que tem línguas derivadas do latim no nosso continente e que vão além de uma conotação geográfica. Nesse sentido, ao fazermos referência à literatura latino-américana, principalmente para nós hispano-falantes, as referências brasileiras são poucas. Como poderíamos promover a integração das nossas nações em termos literários? Uma das soluções é descobrir aspectos comuns nos nossos países como os conflitos sociais que foram retratados em diversas obras. Siervo sin tierra (1954) do colombiano Eduardo Caballero Calderón, por exemplo, poderia representar a origem do conflito interno armado na Colômbia ao redor do conflito de terras. Nós poderíamos indagar e achar referências similares nos países hispano-falantes. La cabeza de Villa (1938) pelo engenheiro Elias L. Torres no México, poderia ser só um outro exemplo. Por enquanto no Brasil, embora a língua e algumas questões socioculturais sejam diferentes, as condições foram similares e as referências a respeito do conflito de terras são numerosas. Por exemplo, Os sertões (1902) do autor Euclides de Cunha, poderia ser só uma entre muitas. Desta forma, será possível a integração da literatura brasileira ao contexto latino-americano, não somente estabelecendo pontes com os rastros dos conflitos sociais nas nossas obras, mas também permitindo a análise à luz de Paul Ricœur ao integrarem ao leitor, ao texto, e ao autor, numa só maneira de comunicar e, como consequência, para levarmos numa demonstração teórica das ligações que vão além da literatura e aquilo que o autor quer comunicar à sociedade.

Mar Paraguayo: uma relação linguística como a integral dos equívocos

Diego Emanuel Damasceno Portillo (UFPR)

Resumo A novela Mar Paraguayo, foi escrita e apresentada por Wilson Bueno, o autor, como uma novela composta em uma mistura de

português, espanhol e guarani que pretendia alcançar um efeito estético em que as fronteiras gramaticais das línguas em questão se apagam. Estabelecendo, assim, uma relação entre as línguas, mobilizadas no texto, que cria um limiar em que se reconhece a presença do português sobre o espanhol e vice-versa e, também, como a presença do guarani é reconhecida sobre as outras duas línguas. A análise aqui proposta, tendo essa novela e a relação entre línguas que apresenta como objeto, pretende compreender inicialmente os possíveis efeitos e as equivocações que surgem nesse contato. Assim como analisar o modo específico com que esse texto gere a língua que cria e se aproxima de conceitos como a já mencionada equivocação, língua-menor e enunciação literária. Tendo como referência, principalmente, os trabalhos de Gilles Deleuze e Felix Guattari; Roberto Zular e Patrice Maniglier. Ainda, como a linguagem da obra é o ponto inicial, os desdobramentos da análise vão em direção dos estudos antropológicos do perspectivismo ameríndio, já que, através do contato entre as línguas em questão, se estabelece uma relação entre os pressupostos existenciais da cosmologia guarani e os presentes na língua do colonizador. Sendo assim, o trabalho percorre um espaço de relação linguístico e existencial

Simpósio 23
Dissonâncias e consonâncias entre literatura e música: temas, personagens, espaços e linguagens em diálogo transdisciplinar

Roniere Silva Menezes (CEFET-MG)
Gérson Luís Werlang (UFSM)
Rafael Eisinger Guimarães (UNISC)

Resumo De todas as áreas com as quais a literatura estabelece diálogos transdisciplinares, a música é uma das que proporciona interessantes resultados em termos de construção mútua de sentido. Desde a ancestral relação indissociável entre a palavra e o som nas origens da poesia lírica grega, passando pela musicalidade do trovadorismo da Idade Média, pelas manifestações musicais africanas, etc., e chegando às manifestações estéticas contemporâneas, a relação entre essas duas formas de arte sempre foi marcada por entrecruzamentos e mútuas influências. Uma relação que há tempo ocupa um importante espaço nos estudos acadêmicos, em especial no âmbito da Literatura Comparada. Tal fato se observa não apenas na quantidade significativa de pesquisas e publicações interessadas nas interfaces entre as linguagens literária e a musical, como também no reconhecimento da canção como um gênero literário, algo hoje já consolidado na esfera acadêmica. Nesse sentido, se há algumas décadas esse trânsito entre formas artísticas poderia soar como algo estranho, atualmente diversos e importantes pesquisadores e ensaístas circulam com naturalidade nos estudos comparatistas ligados às duas áreas. Seja pela questão temática – a partir da qual é possível observar tanto a presença da música em textos literários quanto a influência de obras literárias na composição de canções –, seja pela questão estética – na qual a familiaridade de escritoras e escritores com o universo musical se manifesta em uma escrita permeada de elementos sonoros (ritmo, melodia, harmonia), com a utilização de estruturas ou técnicas musicais na construção de romances e outras formas literárias –, e por estudos ligados à crítica cultural, a crítica comparatista tem demonstrado o quão profícuas podem ser as aproximações entre essas duas manifestações. Para nos atermos apenas aos exemplos mais notórios, basta lembrarmos da presença do elemento musical na obra de escritores como Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Erico Veríssimo ou Julio Cortázar, da relação que poetas como

Vinicius de Moraes, Arnaldo Antunes e Antonio Cícero, entre outros estabelecem com este universo, das referências literárias que podem ser observadas nas letras de cancionistas como Caetano Veloso, Raul Seixas, Renato Russo e Belchior, ou ainda das recentes premiações literárias internacionais recebidas por artistas que consolidaram suas carreiras na música, tais como Prêmio Nobel de Literatura recebido por Bob Dylan em 2017 e o Prêmio Camões 2019, recebido por Chico Buarque. Outrossim, as relações de proximidade que se observam entre essas duas manifestações têm se mostrado um campo fértil para leituras com um viés mais cultural. Em tal contexto, como ignorar a relevância do samba, da bossa nova e do tropicalismo no processo de construção da narrativa da nação? E o que dizer das manifestações culturais marginalizadas como o funk carioca, o rap e a música sertaneja? Na esteira dessa perspectiva, a inter-relação literatura, canção e identidade cultural, por exemplo, tem propiciado relevantes estudos, tais como os de Florencia Garramuño (2009), João Camillo Penna (2017), José Miguel Wisnik (2008), Hermano Viana (1997) e Heloísa Starling, Berenice Cavalcante e José Eisenberg (2004), entre tantos outros. Na mesma direção, as aproximações e os distanciamentos que a crítica comparatista observa entre essas áreas possibilitam leituras ricas que ressaltam uma visão crítica da sociedade. Nessa seara, a problematização e a denúncia do preconceito, da injustiça e da violência de classe, etnia e gênero têm figurado como outro tema cujo debate é algo incontornável no contexto contemporâneo, como bem nos mostra a reflexão de nomes como os de Walter Garcia (2004), Adélia Bezerra de Meneses (2000). Diante disso, e levando em consideração essas e tantas outras perspectivas e recortes em termos teóricos e de assunto, este simpósio acolherá estudos que proponham novos olhares e problematizações acerca das relações entre literatura e música popular, os quais, a partir da perspectiva teórica comparatista, discutam os trânsitos entre os limites que unem/separam essas duas formas de expressão artística, sobretudo no que tange aos aspectos relacionados à temática, à linguagem, ao enfoque cultural e à transcriação.

A paisagem sonora em *Valsa para Bruno Stein*

Viviane Aparecida Pandolfo Debortolli (UFSM)

Resumo A expressão paisagem sonora provém dos estudos da acústica e foi definida pelo compositor e musicologista Murray Schafer, especialmente em seu estudo *A Afinação do Mundo* (2011), que a determinou como os sons presentes no espaço. O conceito foi transposto aos estudos literários por Werlang (2011) quando analisou A música na obra de Erico Verissimo, e a caracterizou como "o conjunto de sons presentes no dia a dia dos seres desde tempos imemoriais" (WERLANG, 2011, p. 37). As concepções sobre paisagem sonora aplicadas aos estudos literários são as bases em que se alicerça este estudo, o qual visa evidenciar as diferentes maneiras como ela se manifesta e sua influência na evolução do texto e nas ações dos personagens no romance *Valsa para Bruno Stein*, do escritor gaúcho Charles Kiefer (1995), o qual caracteriza-se por transfigurar em diferentes aspectos a estrutura da valsa, estilo musical que é seu esteio. A análise contempla ainda a relação criada a partir do silêncio, ao considerar que ele também integra a paisagem sonora e produz significados. Referências Bibliográficas: KIEFER, Charles. *Valsa para Bruno Stein*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, (Novo Romance) 1995. SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011. WERLANG, Gérson Luís. *A música na obra de Erico Verissimo*: Polifonia, Humanismo e Crítica Social. Passo Fundo: Méritos, 2011.

Arquitetura da canção: as origens da poética de Chico Buarque

Rafael Barbosa Julião (UFRJ)

Resumo As narrativas canônicas sobre a canção popular no Brasil relacionam a geração dos anos 1960 a um amplo debate estético e político sobre a modernização do país, que teve momento decisivo na década anterior, com eventos como a construção de Brasília e a bossa nova. Em depoimento, Chico Buarque já relatou seu sonho juvenil de morar em uma casa projetada por Oscar Niemeyer, ao que se sucedeu seu desejo de formar-se ele próprio em arquitetura. No mesmo relato, afirmou que a descoberta de Tom Jobim mudou o

rumo de sua expressão para a canção popular, identificando no maestro um fascínio estético similar ao que lhe provocava o arquiteto. No início de sua carreira, em 1965, Chico Buarque produziu canções para a adaptação teatral de Morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto. Assim, o ex-aspirante a arquiteto migrou para a canção por meio da literatura, justamente a do poeta modernista que tem a figura do engenheiro como símbolo. No mesmo ano, o seu primeiro compacto começava coincidentemente por "Pedro pedreiro". A outra faixa do disco é "Sonho de um carnaval", que se filia às canções de Chico em que o carnaval e a canção apresentam-se como espaços utópicos e efêmeros de realização do humano e do Brasil. Nessa composição, por sua vez, é evidente a reverberação do universo da bossa nova e, especialmente, do musical Orfeu da Conceição de Vinicius de Moraes e de Tom Jobim. Assim, o objetivo da presente comunicação é identificar algumas interfaces fundamentais na formação do cancionista Chico Buarque, que ajudam a situar e compreender sua poética no amplo contexto da modernidade estética brasileira, tanto no que concerne à tradição da canção popular do Brasil, como também das outras expressões artísticas que completam seu quadro de referências. Para tanto, analisaremos algumas de suas canções, e apontaremos contribuições de Luiz Tatit, Adélia de Barros Meneses e Fernando de Barros e Silva para a compreensão da obra de Chico Buarque e de sua arquitetura poética.

As formas da violência na composição de Karina Buhr

Daniel Carlos Santos da Silva (USP)

Resumo Esta comunicação está direcionada à relação entre literatura e música, considerando-se a composição musical como modo de expressão poética. Isso ocorre de maneira preponderante ao nos atentarmos para Karina Buhr (1974) enquanto compositora significativa desta década, levando-se em conta sua produção fonográfica, compreendida desde seu primeiro disco, Eu menti pra você (2010), seguido por Longe de onde (2011), Selvática (2015) e por seu lançamento mais recente: Desmanche (2019). Partindo da reflexão sobre sua obra, busco, num primeiro momento, apresentar as formas da violência poetizadas na discografia da artista e, aliado a isso, demonstrar

o apurado trabalho com a linguagem que emerge de suas canções, reafirmando, portanto, a presença contundente de Karina Buhr no campo da composição poética do nosso tempo. Para esse propósito, irei me debruçar sobre os quatro álbuns lançados pela cantautora, destacando entre eles faixas musicais em que a temática da violência se apresenta de maneira categórica – convertendo-se, inclusive, em um dos eixos da composição de Karina –, a fim de analisar as nuances e convergências com as quais o tema é tratado pela compositora. Espera-se com essa exposição, demonstrar a centralidade da mulher no que diz respeito à elaboração poética, bem como às representações que o cancioneiro de Karina Buhr evoca, entre distintas formas de violência poetizadas e musicadas.

O corpo alegórico de Caetano Veloso e o corpo objeto de Hélio Oiticica no Tropicalismo

Lucia Aparecida Felisberto Santiago (UFMG)

Resumo A proposta é apresentar um estudo sobre a representação e o uso do corpo entre Caetano Veloso e Hélio Oiticica no Tropicalismo. Considerando as especificidades de suas obras é possível apontar que ambos tinham um comportamento artístico que seguia na contramão das linguagens artísticas vigentes na década de 1960. A ruptura estabelecida através da ênfase experimental das diversas linguagens artísticas com os modos de produção e de veiculação vigentes foi uma proposta de vanguarda que provocou uma relação tensa entre os artistas e a sociedade conservadora. O caráter singular do Tropicalismo deve-se à subversão da concepção da obra e dos processos de criação não apenas da canção, mas também das artes plásticas, do cinema e do teatro. Ao mesmo tempo "desenha uma situação contraditória, um contexto em desarticulação, presentificando as indefinições do país, em que indiferenciadamente convivem com os traços mais arcaicos e os mais modernos". A desarticulação da realidade pelos tropicalistas contava com procedimentos artísticos como a "montagem cubista, imagens surrealistas, procedimentos dadaístas e referências ao cinema de Godard" e de maneira coletiva (FAVARETTO, 2007). Caetano Veloso tornou-se um "superastro", de maneira que representava no palco a realidade da vida e vice-versa (SANTIAGO, 2000). Hélio

Oiticica buscava através dos Parangolés a participação coletiva, sua obra estava sempre em construção, oferecia relações sensoriais transformando o espectador em participador (OITICICA, 1997). A relevância do estudo se justifica pelos aspectos que envolvem os processos e experiências criativas exercidas pelos dois artistas no Tropicalismo e oferece uma abordagem diferente sobre a arte, os procedimentos de criação de linguagens diversas no contexto histórico dos anos de 1960 no Brasil, especificamente no Tropicalismo, que foi um movimento artístico importante e que ainda hoje reverbera em diversas linguagens da cena artística brasileira.

O inverno e depois: aproximações literárias e musicais no romance de Luiz Antonio de Assis Brasil

Edemilson Antônio Brambilla (UPF)

Resumo As relações entre o universo literário e o musical assumem um papel basilar em praticamente toda a obra ficcional do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, seja no aspecto narrativo ou estruturante de suas criações. Isso se deve, em grande medida, ao exercício musical de Assis Brasil, que fora músico profissional antes de dedicar-se somente ao universo literário. Em "O inverno e depois", romance publicado no ano de 2016, esse universo musical é, mais uma vez, temática fundamental para a narrativa. Desse modo, este trabalho busca investigar a influência da música para a construção de "O inverno e depois", e, de maneira especial, compreender as possíveis relações existentes entre a obra de Assis Brasil e o "Concerto para violoncelo e orquestra", escrito entre os anos de 1894 e 1895, pelo compositor checo Antonín Dvo?ák. Ambas possuem em comum dois pontos centrais de motivação: o desejo de regresso à casa, e um amor mal resolvido, além de similitudes referentes ao aspecto estruturante de tais obras.

O outro doce bárbaro: Tom Zé

Cassia Dolores Costa Lopes (UFBA)

Resumo O enfoque desse trabalho volta-se para o músico Tom Zé. Será realizada uma reflexão sobre o processo criativo desse cantor baiano, com sua metodologia singular de compor versos na urdidura da sua arte, tendo como dispositivo de avaliação o valor dado à noção de limite e de defeito. Para tanto, far-se-ão recortes de leitura da obra Tropicalista Lenta Luta e do disco Defeito de Fabricação desse compositor. Ao longo da sua existência, enquanto brasileiro, em meio ao cenário do Tropicalismo, Tom Zé marca a sua particularidade artística e traduz um modo muito diferenciado de pensar a arte, a música e o Brasil, com sua riqueza de materiais e de signos, com suas limitações e traumas históricos. Nesse aspecto, destaca-se a imagem do quebra-queixo para produzir uma leitura sobre a metodologia composicional de Tom Zé, tão particular e desconcertante, que traz, nos seus meandros, uma filosofia no modo de lidar com o cotidiano e com a cultura brasileira, signos decifrados em seus discos, em discursos presentes no livro citado e nas entrevistas por ele concedidas. Para esse compositor, sua música nasce a partir da noção de limite e de uma espécie de déficit em relação à imagem que se tinha do cantor e da canção praticada no Brasil naquela época, quando se dá a emergência de sua arte e do Tropicalismo.

O poema do samba na canção brasileira

Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)

Resumo A comunicação a ser apresentada pretende mostrar a relação existente entre a tradição do samba e a poesia, seja na vertente oral com formas de construção fundadas no espontaneísmo criativo, seja em elaborações mais cultivadas em poéticas formalizantes de linguagem; e de como este cruzamento contribuiu para o processo de estabilização da canção popular enquanto gênero de referência na cultura brasileira. E discutir ainda a hegemonia étnica do samba, centrada na presença do negro, como um acentuado dispositivo de formação e manutenção da identidade do negro no Brasil.

Por uma poética de Céu: um cordão de palavras e memórias

Mayra Moreyra Carvalho (UFJF)

Resumo Esta comunicação se dedica a pensar os mecanismos e recursos da criação poética nas composições de Céu. É comum que a crítica aponte as referências musicais que a cantora e compositora incorpora, mesclando sonoridades de diversas épocas, estrangeiras e brasileiras, além de ser frequente encontrar considerações sobre temas que percorreriam seus trabalhos como fios condutores. Todavia, pouca atenção é dada à materialidade de suas letras e ao modo como na linguagem verbal se configura a mescla de referências assinalada no nível sonoro. Frente a tal cenário crítico, centro-me no trabalho que Céu realiza com a linguagem, o verdadeiro tecido de palavras que ela enreda com alusões sutis, sugestões, imagens e discreta ironia. Nas composições, quase sempre breves, pululam o paralelismo, o gosto pelo jogo com as palavras e a incorporação da oralidade popular, numa dinâmica prazerosa e entretida que provoca o ouvinte, apelando à sua memória auditiva e afetiva. Além disso, Céu entrecruza sentidos entre as canções de um mesmo álbum, a fim de explorar a vivacidade das palavras. Nesse plano verbal das composições emerge ainda a sutil evocação de discos marcantes da história da música brasileira, como quem, à maneira de João Gilberto e de sua diligente reimaginação do passado (Nestrovski, 2019), garimpa um acervo a um tempo pessoalíssimo e coletivo. Ao revisitar o cancioneiro do Brasil, Céu revela reverência e um profundo interesse, sem, no entanto, subjugar sua verve criativa e imaginativa a essa matriz. Proponho a análise da tessitura de seus dois primeiros álbuns, Céu (2005) e Vagarosa (2009), observando os mecanismos de apropriação e subversão do imaginário e da cultura, a relação afetiva e polêmica com o música brasileira que a precede, o entrecruzamento dos universos urbano e rural e a intrincada rede de questões íntimas, sociais e políticas que compõem a expressão poética de Céu, composições que cantam – "na bubuia" – o "belo samba que inda está por vir".

Ritmo, poesia e sobrevivência: os Racionais Mc's e a fala do subalterno

Alexandre Jose Amaro e Castro (CEFET/MG)

Resumo A presente comunicação irá analisar o álbum "Sobrevivendo no Inferno" do grupo de rap paulistano Racionais Mc's, a partir da abordagem do discurso do subalterno, conceito elaborado pela crítica indiana Gayatri Chakravorty Spivak. O movimento hip-hop, que surgiu no Brasil no início dos anos 80, criou esse espaço de fala que se expandiu para além de fronteiras regionais, sociais, raciais e estéticas, possibilitando que uma parcela significativa de jovens em situação de risco optasse pela arte e não pelo crime. A fala dos guetos ecoou nas suas letras, denunciando as desigualdades e o arbítrio do Estado, alertando para os riscos da marginalidade, conscientizando sobre a necessidade do respeito e da união entre sujeitos periféricos. O rap abriu a possibilidade de jovens marginalizados se expressarem e se organizarem em um movimento. Os encontros no Largo do Mosteiro São Bento aglutinavam indivíduos oriundos de diversos guetos sociais de São Paulo, do Tucuruvi ao Capão Redondo, do norte ao sul da cidade. As noções de identidade, coletividade, reconhecimento e autoafirmação foram fundamentais para a constituição de sujeitos de fala, graças a uma cena urbana que viabilizou o surgimento de grupos como os Racionais MC's. Esse discurso sem mediação, direto, desmetaforizado encontra na forma do rap o modelo ideal de expressão. Nesse gênero musical, a melodia não se destaca e o canto aproxima-se das inflexões da fala, com o apoio de uma batida recorrente e repetitiva. Esses componentes atuam na dinâmica tensa entre palavra e ritmo, cujo resultado é a preponderância do sentido sobre a forma. Se a melodia pode ser um elemento de alienação do conteúdo verbal de uma canção, no rap esse componente não disputa com a palavra, pois está reduzido ao seu grau mínimo de modulação. Com isso, destaca-se a performance verbal, o fluxo das palavras, pois o que importa é que o discurso ecoe, transformando corações e mentes.

Elementos de uma poética queer na canção brasileira

Ana Luiza Martins (UNISC)

Resumo A música popular no Brasil, sobretudo a que se consolidou a partir da bossa nova, mais do que uma forma de entretenimento, realiza-se como manifestação de uma "forma de pensar" (WISNIK, 2004, p. 2015). Considerando-se que "não é possível detectar aspectos de determinadas épocas no nível do seu 'sentir' se não pela arte e mais precisamente pela música" (SQUEF; WISNIK, 1982, p. 15), a canção, arte de natureza "complexa, com texto, música e performance acontecendo simultaneamente" (RUTH FINNEGAN, 2008, p. 15), revela aspectos de um tempo de mundo. Infere-se, daí, a relevância do enfoque em cancionistas populares no âmbito dos estudos de gênero. Na perspectiva de Judith Butler (2018), que persegue o entendimento dos processos de subjetivação, o gênero é construído social e culturalmente, balizado pelas estruturas de poder, tensionamento teórico que engendra a teoria queer. Desse viés, identificam-se, no cenário da MPB, performances que desfazem as bases comumente aceitas de gênero masculino e feminino, suscitando o questionamento dessas definições. Nesse trabalho enfocamos a obra da artista Liniker, autoidentificada como mulher trans, cujas canções se projetaram na mídia desde o lançamento do EP Cru, em 2015. O vídeo da canção "Zero" teve grande repercussão na plataforma Youtube, impulsionando sua carreira. Lançamos, assim, um olhar sobre sua obra à luz dos estudos de gênero, no intuito de verificar elementos constituintes de uma poética queer no âmbito da música brasileira.

Uma crítica social do realismo estético entre "Iracema voou", de Chico Buarque, e "Manhatã", de Caetano Veloso

Rogério Rufino de Oliveira (UFES)

Resumo Este trabalho quer apresentar uma análise das canções "Iracema voou", do álbum As cidades (1998), de Chico Buarque, e "Manhatã", de Livro (1997), de Caetano Veloso, tendo como princípio a noção de realismo desenvolvida por Georg Lukács em sua teoria estética, exposta em obras como a coletânea de ensaios Marxismo e teoria da

literatura (2010). Para Lukács, a obra de arte realista não está obrigada a se acomodar em uma determinada vertente de formato, antes, dado o compromisso de figurar a realidade concreta, superando quaisquer mistificações, ela deve desnudar os mecanismos de funcionamento da dominação social peculiares ao tempo em que está inserida e direcionando sua crítica. As peças de Caetano e Chico escolhidas são faixas originalmente editadas em discos dos anos 90 do século XX, época em que a geopolítica mundial se organizou, de um modo mais incisivo, em torno do neoliberalismo e da globalização, e consequentemente se tornou cenário das formas de opressão e exploração trazidas pela nova conjuntura. As duas composições, cada uma obediente às poéticas de seus autores, propõem uma crítica a esse arranjo social, político e econômico, que, após mais de vinte anos, continua vigente, apesar de algumas transformações. Considerando a categoria de "totalidade", elaborada pelo filósofo, pretende-se apontar alguns elementos nos textos da dupla de poemas que estão vinculados aos problemas trazidos pela fase neoliberal e imperialista do capitalismo. Planeja-se, ainda, uma reflexão sobre como a música popular pode contribuir para o cumprimento de uma função que ultrapasse o limite de lapidação de um senso crítico, mas que ela possa ser um aparato de combate à reificação (outro conceito lukacsiano) da consciência de seus apreciadores.

Simpósio 25
Ensino e tradução de literaturas brasileira e latino-americana sob a perspectiva da literatura comparada e dos estudos culturais

Carlos Magno Santos Gomes (UFS)
Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (UnB)
Lucie Josephe de Lannoy (UnB)

Resumo Os desafios do ensino de literatura e de práticas de tradução nos convidam a repensarmos nossas metodologias de pesquisa, quando priorizamos o debate acerca de uma sociedade mais justa e democrática. Essa tarefa demanda a ampliação do cânone com textos de diferentes autorias e inclusão do uso das novas tecnologias no processo de ensino e tradução. Uma prática de revisão e decolonização passa pelo questionamento do homogêneo e do universal e propõe a diferença como uma experiência legítima, segundo nos ensinam as abordagens pós-coloniais de Homi Bhabha (2011, 2012), Stuart Hall (2003, 2006) e Gayatri Spivak (2010, 2017). Por essa perspectiva, as literaturas brasileira e latino-americana nos convidam a leituras/traduções a partir de novas experiências de revisão (GOMES, 2010), valorizando o lugar de fala do autor, como indígenas, afro-americanos, mulheres, migrantes, quando levamos em conta a desconstrução das heranças impostas. De acordo com María Lugones (2008, 2014), devemos exercitar a descolonização do pensamento ocidental a partir da valorização das experiências desses sujeitos e de seus territórios políticos e culturais, possibilitando a inclusão de suas experiências literárias no repertório de textos selecionados. Nesse sentido, a tradução se aprende tanto da língua quanto da diversidade cultural de um povo. Edwin Gentzler (2009) antevê que, por estarmos alcançando no momento apenas a superfície dos problemas de uma nova época, mais estudos originados de uma multiplicidade de perspectivas, culturas e línguas despontarão. Por isso, hoje as práticas de ensino e tradução nos demandam uma dinâmica renovadora, instigando questionamentos que envolvem debates identitários interseccionais de gênero/classe/etnia e questões culturais de mobilidade, aumento das migrações, ecocídios, entre outros temas contemporâneos. Essa complexidade contextual nos provoca indagações acerca de como ensinar literatura e formar tradutores capazes de incluir, no processo

de recriação (leitura/tradução) da obra literária (BERMAN, 2013), as especificidades do século XXI. Com esse intuito, promovemos questionamentos a fim de irmos respondendo a tal proposição com diferentes abordagens teóricas e metodológicas: 1 – Como ampliar o repertório de obras dos leitores a partir da valorização do lugar de fala de autores/as marginalizados/as? 2 - Como explorar a dinâmica das novas tecnologias para motivar o leitor digital a interpretar obras literárias? 3 - Como formar tradutores capazes de recriar obras literárias, levando em conta a dinâmica cultural da língua materna da tradução? 4 – Como explorar os recursos tecnológicos para uma tradução rápida e eficiente, passando pela valorização dos aplicativos e dicionários em rede? Diante desses múltiplos questionamentos, a proposta deste simpósio é acolher trabalhos que promovam reflexões envolvendo discussões sobre obras da literatura brasileira e latino-americana, em sua relação com leitores e tradutores em formação. Os estudos culturais e a literatura comparada no Brasil e na América Latina ajudam a ampliar as perspectivas tanto do ensino quanto da análise do texto literário e do texto traduzido, de modo a possibilitar abordagens identitárias e culturais mais diversificadas, como nos orienta Néstor Canclini (2008). Esse autor reconhece que a tessitura híbrida de nossas culturas nos proporciona um leque maior de fronteiras culturais. Na questão da tradução, valorizaremos as abordagens tanto do espanhol para o português como do português para o espanhol, levando em conta particularidades de falantes bilíngues, pois, de acordo com Gentzler (2009), não podemos deixar de lado a importância fundamental da tradução e do estudo das "línguas menos conhecidas", particularmente ameaçadas nesta era da globalização. No debate sobre ensino e formação do leitor, exploraremos as concepções interdisciplinares e pautadas no reconhecimento do horizonte cultural do leitor, conforme apontam os estudos de Annie Rouxel (2012). Desse modo, as propostas de trabalhos poderão abordar diálogos acerca de práticas de leitura e tradução a partir do repertório de obras da literatura brasileira e latino-americana e suas condições de produção, de recepção, de circulação e do consumo de literatura; metodologias de leitura e tradução do texto literário; metodologias de ensino voltadas à tradução literária; presença da tradução literária em materiais didáticos. Propõem-se também diálogos que construam uma ponte entre a produção acadêmica e a formação de leitores e tradutores de literatura brasileira e latino-americana

em trabalhos que envolvam: experiências educacionais construídas em relação com a literatura; conhecimento teórico-prático das manifestações literárias; tendências atuais da literatura brasileira e latino-americana; obras das literaturas brasileira e latino-americana em que novos sujeitos sociais sejam protagonistas; relações entre as literaturas brasileira e latino-americana e a tradução dessas literaturas e a formação de professores. Espera-se que investigações relacionando a leitura literária e as literaturas brasileira e latino-americana e suas traduções possam contemplar aspectos como diversidade, representação, identidade, alteridade, intertextualidade, dialogismo, polifonia, escritas e falas autobiográficas, efemeridade e liquidez da vida contemporânea, entre outros. Os trabalhos trarão como preocupação central a formação do leitor de literatura e a busca de caminhos para essa formação a partir da leitura de obras das literaturas brasileira e latino-americana, entendendo literatura em um conceito mais amplo que apenas as obras canônicas.

Reescritas de Machado de Assis na América Hispânica: a função dos paratextos em duas traduções da Biblioteca Ayacucho, *Cuentos*, de 1978, e *Quincas Borba*, de 1979

Débora Garcia Restom (UERJ)

Resumo Proponho-me analisar os paratextos de duas traduções de Machado de Assis, Cuentos e Quincas Borba, publicadas na Venezuela, pela Biblioteca Ayacucho, em 1978 e 1979, respectivamente, com vistas a um maior entendimento da recepção do escritor brasileiro nos países de fala hispânica do nosso continente. Por outro lado, tratarei os paratextos como reescritas, no sentido que André Lefevere dá a esse termo em Tradução, reescrita e manipulação da fama literária. Embora Lefevere não cite explicitamente os paratextos, não se pode negar que eles influenciam a recepção e a canonização de obras literárias, assim como criam uma imagem do escritor que tende a alcançar mais pessoas do que a original, tal como a imagem criada pela reescrita. Pretendo, portanto, mostrar como também os prefaciadores, designers, editores, patronos, tradutores, agentes literários, ou seja, as pessoas por trás do livro, são também "autores" e reescritores da obra e da imagem do escritor. Em relação à perspectiva da Literatura

Comparada, analiso alguns aspectos dos prólogos das duas edições, quais sejam, a ênfase em relacionar o texto machadiano ao realismo e a falta de conexão com os autores das literaturas da América Hispânica. Quanto ao ensino, através do relato de uma professora argentina (http://ficcionesentraduccion.unr.edu.ar/?p=93), que constata uma formalidade maior na tradução de Cuentos, de Santiago Kovadloff, do que no original, proponho trazer para sala de aula questionamentos sobre a influência da imagem criada pelos paratextos na tradução e no nicho em que se inserirá o autor na cultura de chegada. Com base, portanto, nas ideias de Lefevere a respeito da interação da reescrita com a cultura e suas estruturas de poder e a partir da análise dos paratextos das duas edições da Biblioteca Ayacucho, procuraremos desvelar alguns modos de transmissão e recepção da obra machadiana na América Hispânica.

Simpósio 26
Entre o cânone e o esquecimento: processos de (não) canonização de autores e obras

Valdiney Valente Lobato de Castro (UERJ)
Alan Victor Flor da Silva (UNIFESSPA)

Resumo Segundo Robert Darnton (2010), os autores constituem um segmento de um circuito de comunicação associado a muitos outros elementos, como os editores, os tipógrafos, os livreiros, os leitores, entre outros. Esse circuito demonstra que os escritores não são os únicos envolvidos nos processos de produção e circulação de impressos. Muito pelo contrário, são completamente dependentes dos demais agentes do circuito de comunicação e estão à mercê das influências intelectuais, da conjuntura econômica e social e das sanções políticas e legais. Do mesmo modo, Roger Chartier (1999) afirma que os autores também estão constantemente sujeitos a uma série de tensões que delimitam a atividade da escrita, pois quase sempre são obrigados a atender as exigências implícitas ou explícitas impostas pelos editores, pelo suporte material onde se materializam os textos, por uma ou várias comunidades de leitores e, de um modo bem mais geral, por um mercado de circulação de impressos. Sendo assim, a compreensão acerca do cenário literário construído em torno da entronização de um escritor expande-se por meio de um processo de aceitação para além da mera relação entre autor e público. Pierre Bourdieu (1996), por exemplo, destaca a afinidade de um escritor com os pares como um elemento singular no processo de canonização. Nesse sentido, todos esses segmentos do circuito de comunicação interferem diretamente não apenas na atividade de produção literária, como também no estatuto do qual desfruta um escritor na sociedade na qual está inserido. Em razão do papel que esses agentes desempenham, alguns autores desfrutam de um espaço privilegiado no meio artístico-literário, enquanto outros são relegados às marginalidades e ao esquecimento. Reconstruir, portanto, o processo de canonização de um determinado escritor é remontar todos os seus passos percorridos ao longo dos anos de carreira para alcançar um lugar de relevo no cânone literário, lugar ao qual pertence o grupo seleto dos autores mais representativos de uma determinada nacionalidade. Segundo Marisa Lajolo (2001) e Márcia Abreu (2004), um

escritor, para alcançar esse lugar de prestígio, deve passar pelo número máximo de instâncias de legitimação ou consagração, a exemplo das universidades, dos suplementos culturais dos grandes jornais, das revistas especializadas, dos livros didáticos, das histórias literárias, entre outros. Essas instâncias, de modo geral, apresentam a tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto de textos que circulam em meio a uma determinada sociedade e, consequentemente, são responsáveis pelo estatuto social atribuído aos autores, pois têm o poder institucional de declarar escritores e obras como pertencentes ao cânone literário. A (não) canonização implica, além da avaliação da qualidade estética e literária das obras, diversas consequências mais concretas. Os autores canonizados, por exemplo, desfrutam de um espaço muito mais privilegiado no cenário artístico-literário, pois são estudados por diversos críticos e especialistas e apresentam uma extensa fortuna crítica, assim como também as obras desses literatos possuem várias e diferentes edições (para todos os gostos e, sobretudo, para todos os bolsos) e, por conseguinte, podem ser lidas por um público leitor muito mais amplo e diversificado. Os não canonizados, em contrapartida, possuem pouco espaço no cenário literário, pois carecem de críticos e especialistas, de referências bibliográficas, de fortuna crítica, de edições para suas obras e, principalmente, de leitores. Em alguns casos não muito raros, até mesmo informações biográficas básicas a respeito de escritores que ficaram à margem do cânone são difíceis de ser encontradas, como ano de nascimento e morte, naturalidade, bibliografia, entre outras. As pesquisas em periódicos que circularam pelo território nacional, por exemplo, revelam uma série de escritores brasileiros que produziram durante os séculos XIX e XX, mas hoje são completamente desconhecidos pelos leitores deste século. Nesse sentido, a imprensa periódica não apenas alterou as práticas de leitura e escrita do texto literário, como também influenciou no processo de canonização de escritores, pois a atividade jornalística era um dos principais meios para que homens de letras se tornassem conhecidos e pudessem alcançar posteriormente o mercado editorial. Desse modo, a proposta deste simpósio temático é congregar trabalhos que procurem traçar, sobretudo à luz da história cultural, aspectos da trajetória de consagração ou de esquecimento de autores e obras de qualquer nacionalidade e de qualquer século. Para tanto, esses trabalhos devem considerar o papel da crítica literária, das histórias

literárias, das universidades, das editoras, das livrarias, dos jornais, entre tantos outros.

A instabilidade desconcertante no romance *Água Funda* de Ruth Guimarães

Cecilia Silva Furquim Marinho (USP)

Resumo Através da voz potente e jovem de Ruth Guimarães (1920-2014), uma escritora afrodescendente do interior de São Paulo, o romance *Água Funda*, publicado em 1946, resiste ao quase silenciamento de vertentes menos conhecidas da literatura ficcional pioneira de autoria feminina de meados do século XX e atravessa o século sendo resgatado em 2003 e 2018 com suas segunda e terceira edições e novos estudos acadêmicos posteriores. A comunicação pretende mostrar como a obra mantém vitalidade e assombro ao trazer personagens que se debatem intensamente entre seus papéis e condicionamentos sociais no ambiente rural da região sudeste e a assimilação de um pensamento mágico místico folclórico que envolve sua cultura local. Nesse embate, a instabilidade de trânsito entre a razão, a desrazão e a loucura nos é revelada pela desestruturação de duas pessoas ligadas a uma mesma família, pertencentes a gerações diferentes, envolvidas, diretamente ou não, pelo comportamento irracional imerso em crendices e superstições tradicionais da cultura oral, simultaneamente seguindo o caminho de uma sociedade arcaico moderna, em um país que pratica a exclusão e a violência no seu caminho civilizatório de progresso. O desvendamento dessa obra será iluminado por ideias de Peter Pal Pelbart sobre a questão da loucura/ desrazão, bem como pelo estudo sociológico de caso feito por Antônio Cândido, em Parceiros do Rio Bonito, em que reflete sobre as mudanças operadas dentro da cultura 'caipira tradicional', depois de serem perturbadas pelo latifúndio produtivo comercializado e o desenvolvimento urbano.

A trajetória do escritor Fernando Canto: a contravenção no cânone literário

Carla Patrícia Ribeiro Nobre (UNIFAP)
Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

Resumo O Território Federal do Amapá foi criado em 1943. Nesse contexto, a literatura amapaense surgiu com autores nascidos no Pará e que passaram a residir no território por motivos variados. Esses escritores fundam, em 1957, uma revista chamada Rumo e já em 1960, publicam a Antologia Modernos Poetas do Amapá. Em 1962, Fernando Canto chegou ao Território e já conheceu o cenário desbravado por esses primeiros escritores. Seu surgimento no cenário artístico amapaense, se dá em 1971 ao participar do Festival Amapaense da Canção. No ano seguinte conquistou o segundo lugar no mesmo festival e em 1974 foi premiado em Belo Horizonte e em Ubá (MG). Atualmente, publicou 17 livros, sendo seu título mais recente Mama Guga – contos amazônicos. Em 1988, com a promulgação da Constituição Brasileira, o Território foi elevado à categoria de Estado e vários escritores que deram início ao movimento literário local, já haviam morrido. Mas é nesse contexto que se dá a cena literária e se forma o percurso do escritor pesquisado. Assim, o objetivo geral desse trabalho é compreender a trajetória do escritor Fernando Canto no cenário da literatura amapaense, num recorte temporal que vai desde o lançamento da Antologia, quando ainda se vivia no Território até os dias atuais, já Estado e com sua identidade cultural fortalecida. A escolha de Fernando Canto se dá em virtude do mesmo já possuir 17 obras no cenário da literatura amapaense, nos gêneros poema, conto e crônica, tendo sido, por diversas vezes premiado no gênero conto, onde seu trabalho mais famoso "O bálsamo", publicado várias vezes e inclusive na língua francesa, foi contemplado em primeiro lugar no concurso de contos da Região Norte, da UFPA em 1992. Ou seja, o autor possui uma referência em um número considerável de instâncias de legitimação ou consagração no cenário literário, como universidades, jornais locais, revistas especializadas, compondo uma trajetória pessoal significativa na história literária local.

Novos autores e o cânone: aspectos do insólito em *O amigo de Santa Tereza*, de Fábio Leal

Osmando Jesus Brasileiro
Adriana da Cruz Diniz

Resumo Segundo Ernesto Faria (1975, p.159), a palavra cânone vem do latim canôn e significa regra, medida, contudo, na atualidade é utilizada para listar os nomes de santos católicos, portanto, seres que estariam em lugar privilegiado e, por conseguinte, também é utilizado como norma para designar uma lista de escritores que tiveram reconhecimento, que classificam-se como cânone local, nacional e/ou universal, os chamados clássicos da literatura. Já a palavra insólito (FARIA, p.515), origina-se do latim insolitus, possui duas significações mais importantes: 1) Insólito, que não tem o hábito de; 2) Desusado, estranho, novo. A literatura foge do hábito natural das coisas, contudo, é a partir do sentido "2" que mais identifica o aspecto de nossa análise, dessa forma, quando pensamos em literatura, o insólito acontece quando a realidade se transfigura e acaba mostrando outras faces ao leitor dentro da narrativa literária, mostrando-se estranha, nova em alguns aspectos. Não é raro encontrarmos narrativas com aspectos insólitos em textos literários, os quais são classificados como literatura insólita a princípio, como o realismo fantástico presente em A estranha máquina extraviada, de J.J. Veiga (2008) ou mesmo a sensação insólita de perseguição pela morte e de desalento que sentimos ao ler Essa Terra, do autor baiano Antonio Torres (2008). Não é diferente quando lemos o conto O amigo de Santa Tereza, do mineiro radicado em Porto Alegre, Fábio Leal, o jovem autor demonstra habilidade com as palavras em narrativas curtas (contos) e até mesmo poemas, sempre participando de concursos literários e sendo reconhecido pela sua capacidade criadora. Diante do exposto, foi feito um estudo de aspectos insólitos no conto selecionado, levando em consideração que sua não inserção entre os nomes do cânone não implica na qualidade do trabalho desenvolvido pelo jovem autor.

O cânone adormecido: uma análise dos efeitos do ostracismo no processo de legitimação literária em John Williams

Juliano da Silva Lira (UFPE)

Resumo John Edward Williams (1922-1994) publicou quatro romances de sua autoria: Nothing But the Night (1948), Butcher's Crossing (1960), Stoner (1965) e Augustus (1972). Além de escritor, ele se tornou editor e professor universitário nos Estados Unidos. Embora tenha sido premiado pelo National Book Award (EUA) pelo seu último livro, tanto a carreira quanto a obra de Williams quase não tiveram a atenção da sociedade norte-americana. Isto porque sua produção literária estava inserida em um contexto histórico bastante turbulento: a Guerra Fria, a crise cubana, a Guerra do Vietnã e o movimento dos Panteras Negras compunham aquele cenário. Assim, salvo a pequena quantia em dinheiro ganha pelo seu único prêmio e as singelas resenhas em jornais sobre seus livros, Williams não obteve grandes méritos em vida. Entretanto, em 2003, Stoner, que vendera apenas duas mil cópias no seu lançamento, foi redescoberto pelo público. A obra passou a ser traduzida para diversos países do continente europeu, vendendo números expressivos e reapresentando para os leitores toda a produção de seu criador. Neste sentido, seria John Williams um cânone? A análise apresentada se propõe, principalmente, a perscrutar os motivos que podem vir a transformar John Williams em um modelo de escritor a ser seguido. Para isso, são realizados apontamentos sobre os impactos primários de suas obras na sociedade, refletindo também acerca dos efeitos do tempo sobre elas. Afinal, como exemplifica Compagnon (2010, p. 246), "a obra que venceu a prova do tempo é digna de durar, e seu futuro está assegurado". Assim, ao discutir os efeitos do ostracismo no processo de legitimação literária em John Williams, visamos fomentar futuras pesquisas e dar ainda mais visibilidade à sua obra.

O dragão chinês: a escrita como expurgação da dor e da opressão

Amanda Cristine Oliveira Nascimento (UNIMONTES)

Resumo A dominação acentuadamente masculina desconsiderava e desconstruía a criação literária de autoria feminina, por isso, a relação mulher e literatura deve ser considerada como um ato de resistência. Por muito tempo, toda concepção acerca de si e da sociedade foi oprimida pelos discursos falocêntricos. Ao iniciar o processo de busca pela autoridade discursiva, os textos escritos por mulheres foram reduzidos a críticas depreciativas, julgava-os como sentimentais, lacunados, veiculados à histeria, fantasiosos. No capítulo "Escritoras, escritas, escrituras", Lygia Fagundes Telles endossa essa visão excludente disseminada pela autoridade masculina ao escrever no século XIX. Afirma que, quando as mulheres saíam da zona de dominação ou de meras personagens, "precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava" (TELLES, 2018, p. 408-409). Pensando na exclusão dessas escritoras e em confronto com os pensamentos patriarcais, este trabalho tem como objetivo analisar a poética da desconstrução de uma teoria que criaram sobre as mulheres, que dessencializou o sujeito feminino, a partir do conto O dragão chinês, que compõe o livro de ficção intitulado A friagem, da escritora Augusta Faro Fleury de Melo. De acordo com Antonio Candido, no ensaio O direito à literatura, "A literatura aparece como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos", "confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 1994, p. 170-171). Por esse pensamento, consideramos que as narrativas de autoria feminina apresentam uma escrita transgressora, de intervenção e que também expressam os desejos, inspirações, confissões, descobertas, questionamentos; uma literatura de mulher que se explica, que expurga a dor e opressão, como ocorre no conto.

Trajetórias de Roberto Bolaño no cânone: da poesia à prosa

Fabiana de Oliveira Santos (UFMG)

Resumo A vida literária de Roberto Bolaño começa em meados de 1970 com a fundação do "Infrarrealismo", movimento ancorado na poesia e na retomada de certas estéticas e modelos de circulação das vanguardas do início do século XX, como o manifesto e a revista de veiculação. O trabalho de Bolaño com a poesia dura até o final dos anos 80. A partir dos anos 90, a prosa do autor, principalmente com Os detetives Selvagens, é responsável pela popularização de seu trabalho e dá a ele o estatuto de escritor vendável e relevante para seu tempo. Sua prematura em 2003 e a publicação póstuma de 2666 são cruciais para inseri-lo em diversos circuitos de leitura e crítica que permitem, hoje, dizer que Roberto Bolaño pertence a certo cânone literário. Bolaño resume essa virada da poesia à prosa numa frase curiosa dita em certa entrevista que Jorge Herralde reproduz em Para Roberto Bolaño: "Nunca deixei de escrever poesia. O que acontece é que cada dia escrevo menos poesia por razões obvíssimas: o dinheiro eu ganho com a prosa..." (2005, p. 56 – tradução minha). Trata-se de pensar por que a poesia de Roberto Bolaño, ao contrário de sua produção em prosa, não foi capaz de inseri-lo no cânone. A análise concentra-se no tratamento crítico dado a essas manifestações dentro de um mesmo projeto literário. Uma hipótese é que a crítica tratou de aproximar a poesia bolaniana de um ideal moderno de literatura que não correspondia à necessidade estética e política de sua época de emergência: a de contrapor e responder ao novo cânone de literatura latino-americana formado pelos autores do boom. A prosa de Bolaño, por sua vez, respondia coerente e indócil à violência mascarada, à exotização e ao essencialismo identitário sobre a América Latina canonizados nas obras do boom. Busca-se analisar os trabalhos críticos e a vida editorial da obra de Roberto Bolaño, em poesia e prosa, a fim de observar como diferentes manifestações de um mesmo projeto literário transitam no cânone.

Simpósio 27
Escrita criativa à brasileira: percepções, experiências, desdobramentos

Diego Grando (PUCRS)
Marcelo Juchem (UNIVALI)
Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)

Resumo Plenamente desenvolvido nos Estados Unidos – onde surgiu, ainda na década de 1930 (ASSIS BRASIL, 2015a) –, no Canadá, no Reino Unido, na África do Sul e na Austrália (ASSIS BRASIL, 2015b), e em rápida expansão na França desde os anos 2000 (HOUDART-MEROT, 2018), o campo acadêmico da Escrita Criativa ainda dá seus primeiros passos no Brasil. O cenário nacional, porém, tem vivido um período de desenvolvimento acelerado, de modo que, "desde a última década, os cursos de escrita criativa no país têm tido uma demanda expressiva e sempre maior a cada ano, chegando a disciplinas de graduação e formação integral de mestrado e doutorado" (SPALDING PEREZ; ASSIS BRASIL, 2018, p. 207). Assim, em diversas universidades do país é possível encontrar, hoje, as mais variadas ofertas de atividades e/ou formações voltadas à prática da escrita literária: oficinas de curta e longa duração, disciplinas em cursos de graduação, cursos de graduação e pós-graduação *strictu* e *lato sensu*, atividades de extensão universitária etc. É também crescente o volume de publicações voltadas ao tema da criação literária e da formação do escritor, tanto acadêmicas quanto para o público leigo. Se a implantação do campo teve, em boa medida, as experiências internacionais como pontos de partida – notadamente os *literary workshops* que estruturam as formações em *Creative Writing* nas universidades norte-americanas e canadenses, sem deixar de lado a tradição dos *talleres literarios*, na Espanha, e dos *ateliers d´écriture*, na França –, parece ter chegado o momento de dar início a uma reflexão sobre as especificidades da Escrita Criativa no território brasileiro, tanto do ponto de vista epistemológico quanto institucional. Afinal, diversas questões em aberto ainda impossibilitam uma visão de conjunto do cenário da Escrita Criativa no país: que tipos de trabalho em torno da criação literária estão sendo realizados, hoje, nas universidades brasileiras? De que modo a Escrita Criativa se insere e se relaciona com os departamentos de teoria literária e de ensino de literatura? Quais

os impactos de sua inserção nas formações já existentes em Letras? O que significa ensinar Escrita Criativa? Quais as características do professor de Escrita Criativa? Que bases didáticas e pedagógicas sustentam as práticas docentes de Escrita Criativa? Quais os desafios de desenvolver e orientar trabalhos (teses, dissertações, trabalhos de conclusão) em Escrita Criativa? Com quais áreas de conhecimento a Escrita Criativa tem se relacionado? A própria questão da definição da Escrita Criativa permanece em aberto. Cañelles e Álvarez (2007, p. 14, tradução nossa), por exemplo, delimitam-na a partir de seu caráter pedagógico, entendendo-a "como uma disciplina que engloba toda a variedade de iniciativas didáticas comumente chamadas de oficinas de criação literária, oficinas literárias ou cursos de escrita", dentro ou fora da universidade. Paul Dawson (2005, p. 22, tradução nossa), por sua vez, define-a "como uma disciplina, isto é, como um corpo de conhecimento e um conjunto de práticas pedagógicas que operam através da oficina de escrita e estão inscritas no espaço institucional de uma universidade". Assis Brasil (2015a, p. 106), num meio termo entre ambas as definições, sugere a preferência do uso do termo Escrita Criativa para designar as "experiências acadêmicas institucionalizadas" de realização de oficinas literárias. Em face desse conjunto de questões e (in)definições, este simpósio pretende reunir pesquisadores, professores e estudantes da área de Escrita Criativa e de áreas conexas, com o objetivo de compartilhar e mapear as experiências atualmente em vigor no país e, assim, possibilitar uma compreensão mais aprofundada das concepções, muitas delas ainda subjacentes, que embasam o campo. Serão bem-vindos trabalhos que se relacionem com os seguintes tópicos: histórico do estabelecimento do campo Escrita Criativa nas instituições de ensino brasileiras; concepção, estrutura e funcionamento de formações e/ou cursos de Escrita Criativa na universidade (graduação, pós-graduação, extensão); relatos de experiências de formação, ensino e/ou orientação em Escrita Criativa; relatos de práticas de oficinas literárias; produção de material didático de Escrita Criativa; recenseamento de material didático de Escrita Criativa; formação de ministrantes de oficinas literárias; experiências de Escrita Criativa no ensino escolar; experiências de Escrita Criativa no exterior; Escrita Criativa e cursos de Letras; Escrita Criativa e formação de escritores; Escrita Criativa e formação de professores; Escrita Criativa e leitura literária; Escrita Criativa e ensino de literatura; Escrita Criativa e Crítica Genética;

Escrita Criativa e teoria literária; Escrita Criativa e pesquisa; Escrita Criativa e artes visuais; Escrita Criativa e teatro; Escrita Criativa e quadrinhos; Escrita Criativa e música; Escrita Criativa e outras artes.

A escrita poética no contexto acadêmico: processo de criação do livro *Fabulário*

Ana Claudia Costa dos Santos (UFRGS)

Resumo Este trabalho consiste no relato do processo de criação do livro de poemas Fabulário, que integra minha dissertação de mestrado em Escrita Criativa, defendida em outubro de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Intitulada Fabulário: criação poética e reflexão teórica e inserida na linha de pesquisa Estudos Literários Aplicados, tal dissertação é composta, além do conjunto de poemas em questão, por três capítulos teóricos em que comento meu processo criativo e discuto a relação de certos aspectos da linguagem poética (como a noção de sujeito lírico) com a gênese do livro. No presente trabalho, reflito sobre o caminho percorrido desde a elaboração de meu projeto inicial – passando pela tentativa de articulação da escrita literária com a discussão teórica – até o momento em que considerei o livro "pronto" para publicação. Além disso, uma vez que o romance e o conto são os gêneros predominantes nas dissertações e teses de Escrita Criativa, comento as especificidades de criar um livro de poesia na universidade.

As narrativas implícitas e explícitas: uma análise comparativa das formas de produção literária

Brunna Luiza Lima de Sousa (UFRGS)

Resumo Há muitos estudos sobre os limites da interpretação na literatura. O escritor Umberto Eco (1994) já afirmou que escrever é construir pelo e no texto um modelo de leitor. Para ele, o leitor é fundamental no processo de contar uma história, pois, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos

e personagens não se pode dizer tudo sobre esse mundo. É preciso que o leitor preencha várias lacunas. Se toda história precisa de um leitor para existir, o escritor tem o papel de criar histórias que possam ser construídas por esses leitores. Nessa perspectiva, o escritor Ricardo Piglia (2004) diz que um conto pode ter duas histórias. A primeira é a que temos acesso e a segunda é a história secreta que precisamos decifrar. Dessa forma, em um texto podem existir duas histórias: uma explícita e outra implícita - partindo do entendimento que tais narrativas podem ser definidas como formas de produções textuais que possibilitam a construção de histórias com determinados graus de complexidade de interpretação. O objetivo deste trabalho é entender como esse tipo de narrativa pode ser construída por um escritor e o quanto esse tipo enredo pode contribuir para o desenvolvimento de leitores mais críticos. Para tanto, busca-se responder as seguintes questões: o que é um enredo explícito e implícito? Como ele se configura e se desenvolve dentro de uma obra? Quais são os fatores (externos e internos) e técnicas que possibilitam a identificação dessa diferença? E por que ela é importante dentro do um contexto de produção e de leitura literária?

Desenvolvimento de uma oficina de escrita criativa com idosos

Andrezza Tartarotti Postay (PUCRS)

Resumo Escrita criativa ainda é um campo recente no Brasil no que diz respeito a pesquisa e ensino. Formas de ensinar escrita vem sendo desenvolvidas dentro da universidade e fora dela, com oficinas desenvolvidas por especialistas e escritores. Em 2019 recebi o convite de montar, junto a um centro comunitário em Caxias do Sul – Rio Grande do Sul, uma oficina de escrita criativa direcionada a população idosa com baixa escolaridade. Apesar da ausência de bibliografias sobre o assunto, acebei aceitando ministrar a oficina, que desenvolvi em conjunto com os próprios alunos, com base nas suas demandas e dificuldades. O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de desenvolver tal oficina, visando contemplar o gap teórico encontrado pela autora no que diz respeito ao ensino de escrita criativa no geral e com idosos. Com relação a estrutura da oficina, começou-se por investigar o que os participantes gostariam de

escrever e qual o grau de familiaridade que eles tinham com a literatura. Definido isso, o grupo elencou alguns tópicos sobre os quais tinham o interesse de trabalhar. A demanda dos alunos não era de técnica, mas sim de estímulo, portanto a autora teve que adaptar o formato da oficina e abrir mão de alguns conceitos teóricos referentes a forma. A oficina aconteceu semanalmente durante o período de um ano, sendo concluída em fevereiro de 2020 com um encontro onde os alunos construíram zines com alguns dos melhores textos produzidos, que serão distribuídos pelo centro comunitário. Ao final do curso, os alunos relataram satisfação com o método utilizado e demonstraram interesse em seguir participando de futuras oficinas com foco em escrita criativa e memorialística.

Escrita em Chamas

Otávio Juliano Dantas Germano Gomes (FAAP)

Resumo Em 2018, a FAAP abriu pela primeira vez o curso de pós-graduação em escrita criativa, reiterando sua posição como uma das faculdades mais conectadas com o mundo da comunicação e das artes. Dois anos depois, me torno um dos trezes alunos a serem da primeira turma de graduados, concluindo o curso com uma monografia que contempla um manuscrito de uma obra inédita e reflexões práticas e teóricas sobre o processo criativo que percorri. Apesar de todo esse extenso percurso, percebo que o mundo literário físico e digital apresenta enormes barreiras que se impõe na minha formação como escritor. Assim, a experiência da escrita criativa é um desafio em três partes. Pessoal, no esforço individual, intelectual e corporal da escrita e do tempo dedicado. A segunda é o desafio do reconhecimento social, da necessidade de buscar leitores de qualquer forma possível e como as barreiras da nossa organização atual em mídias sociais atua ao diluir a nossa atenção e a capacidade de conexão empática com o escritor. Por fim, a tecno-mercadológica que cria a necessidade de um comportamento empreendedor contemporâneo aos novos escritores por causa das barreiras de distribuição e remuneração da obra por meios físicos e digitais. A dupla consciência escritor-empreendedor gera efeitos colaterais danosos ao processo criativo e ao valor subjetivo e material da escrita. Assim, como um recém

formado especialista em Escrita Criativa, buscando publicar sua obra inédita , navego questionamentos que atravessam todos os momentos da produção criativa e poucos filósofos se colocaram na posição de refletir o lugar da escrita e de novos escritores na sociedade do século XXI. Esse seminário busca dar luz a experiência acadêmica e pessoal de um escritor em formação, propondo um diálogo com novos escritores que enfrentam os mesmos desafios e usando a minha própria obra - "Elefante em Chamas" um romance, escrito como um monólogo interior, sem capítulos ou parágrafos - como lugar de reflexão artística.

Magnitud de momento: leitura, tradução e criação de poesia de testemunho

Ángela María Cuartas Villalobos (PUCRS)

Resumo O presente projeto prevê a escrita do livro de poesia "Magnitud de momento" e de um ensaio crítico sobre a poesia de testemunho produzida no Brasil e na Colômbia a partir da segunda metade do século XX. A noção fundadora de testemunho vem da chamada "literatura do Holocausto", emblematizada pelos relatos dos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan. A síntese de Salgueiro (2017) aponta alguns traços característicos deste gênero híbrido: a apresentação de eventos coletivos, a presença do trauma, os sentimentos de vergonha e culpa, a impossibilidade de representação do vivido e o vínculo estreito com a história, entre outros. O livro "Magnitud de momento" transitará entre o privado, o público e seu entremeio, bem como entre a memória pessoal de abuso e a memória coletiva associada à guerra e outras formas de violência. Assim, como escritora, o passo natural é fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o gênero no contexto latino-americano, especificamente na Colômbia, meu país de origem, e no Brasil, país com o qual tenho laços vitais e acadêmicos de longa data. O livro estará organizado em quatro partes, cuja divisão responde a uma agrupação por temas e dimensões da memória, como a memória histórica e familiar e o problema do deslocamento interno, o assunto do trauma no âmbito privado, a violência contra as mulheres no contexto contemporâneo da cidade e a noção de

fronteira, geográfica e lingüística, que no caso deste projeto é representada pela Amazônia e os conflitos sociais e ambientais vividos na região tanto nos dias atuais como na formação da(s) nação(ões) . No entanto, as partes não serão demarcadas explicitamente, mas através de "poemas-divisa". Na parte ensaística, a leitura estará direcionada a analisar e traduzir a forma como os autores usam as marcas do texto poético para compor aquilo que Laranjeira (2012) chama de significância do poema e lidar com os desafios da escrita da poesia de testemunho.

Narradores presentes na ausência: análise das vozes narrativas evidenciadas no processo de criação

Carlos Alberto Ossanes Nunes (UFRGS)

Resumo A discussão deste trabalho busca apresentar uma nova proposição teórica no campo da análise narratológica cinematográfica em complemento às rupturas no funcionamento da entidade meganarradora de André Gaudreault. Essa visão parte da atenção às marcas plurais e subjetivas de autoria deixadas à margem da análise do meganarrador gaudreaultiano, evidenciadas na observação do processo de escrita criativa não só dos diretores e roteiristas de uma obra audiovisual, como de rubricas impressas na obra por outros agentes, como atores, técnicos e, também, leitores/espectadores das obras. Para tal tarefa, explora-se o uso da narração, mostração e contação e como a teoria compreende essas vozes narrativas - como extra ou intradiegéticas, reivindicando a figura do flanêur benjaminiano para criar uma alegoria entre a atividade do agente moderno de Baudelaire e diferentes papéis narrativos dentro da criação do processo cinematográfico, apresentando, como proposição ensaística, uma modificação na maneira como se analisam as figuras narrativas no Cinema. Por fim, através dessa nova perspectiva de análise, pretende-se apresentar soluções práticas para esse campo de trabalho, contribuindo para discussões que deem conta de abarcar de uma maneira mais ampla as vozes narrativas não explicitadas no produto final de criação.

O eixo de Escrita Dramática na UFSC como exemplo da expansão e desenvolvimento do campo acadêmico da Escrita Criativa

Paulo Ricardo Berton (UFSC)

Resumo A criação do eixo de Escrita Dramática no curso de graduação em Artes Cênicas da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) pode ser visto não apenas como uma iniciativa que contribui para a expansão e desenvolvimento do campo acadêmico da Escrita Criativa, mas principalmente como uma afirmação da importância e relevância do gênero literário dramático no campo das letras, gênero este que se diferencia por representar as ações das personagens através de atores em cena, ilustrando um dos princípios ontológicos desta arte, que se caracteriza pela sobreposição da mímesis frente à diegesis. Criado após uma reforma curricular necessária no curso, o eixo está estruturado nas duas vertentes que identificam a Escrita Criativa na academia: a prática, através da produção de textos dramáticos, e a teórica, que fornece os subsídios e ferramentas para esta escrita e que ao mesmo tempo problematiza a sua epistemologia, fazendo jus ao caráter de pesquisa intrínseco à práxis acadêmica. Seu sucesso pode ser verificado no surgimento de grupos de pesquisa (o NEEDRAM – núcleo de estudos em encenação teatral e escrita dramática), na organização de eventos (o SBEDR – seminário brasileiro de escrita dramática), na publicação de artigos e livros sobre o tema e na recente seleção de textos dramáticos de cinco alunos do eixo para serem lidos numa universidade estado-unidense no mês de março.

Personagens de Clarice Lispector – concepção e expressão

Cátia Castilho Simon (UFRGS)

Resumo Benedito Nunes, certeiro como sempre, em O mundo de Clarice Lispector nos diz que “a história dos personagens enquanto indivíduos é, para Clarice Lispector, um meio de acesso à dimensão recôndita, secreta, da existência, que já possui significado ontológico.” A própria escritora dizia ser impossível dissociar forma de conteúdo, a personagem em sua obra está intimamente ligada ao enredo

e à trama. A cada vislumbre da personagem, um fio que ata ou desata a história. Para Lispector nunca houve um problema de expressão, "meu problema é muito mais grave: é o de concepção." Sobre tal questão resultam desdobramentos na escrita que são motivadoras e foco dessa pesquisa. Um sopro de vida, publicado postumamente, traz reflexões contundentes a respeito da personagem ficção. Através de Angela Pralini, iremos adentrar nos meandros da concepção de personagem da escritora. Nessa publicação encontraremos algumas premissas a serem discutidas e disseminadas na análise de personagens como Martim e Ermelinda, de A maçã no escuro; GH, de A paixão segundo GH; e Lóri, de Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres. Estarão presentes também nessa análise, Joana, de Perto do Coração Selvagem e Macabéa, da Hora da Estrela, a fim de apontar a concepção de personagem na obra inaugural e na final.

Simpósio 28
Escrita criativa para o século XXI

Luis Roberto de Souza Júnior (PUCRS)
Moema Vilela Pereira (PUCRS)
Patricia Gonçalves Tenório (UNICAP)

Resumo Em 2020, a mais antiga oficina literária do país em funcionamento contínuo completa 35 anos de existência, tendo formado numerosos escritores brasileiros e estrangeiros e estimulado a criação de um primeiro programa completo de graduação e pós-graduação em Escrita Criativa no Brasil. Em um cenário de crescimento da área no país, com aumento de pós-graduações oferecidas e também da procura de interessados por cursos e oficinas de criação literária, é fundamental investigar e debater as pesquisas desenvolvidas em ambiente acadêmico para pensar caminhos para a Escrita Criativa no século XXI. O presente simpósio pretende investigar os caminhos dessa área de pesquisa relativamente jovem no Brasil. A origem da Escrita Criativa vem dos tempos ancestrais. Reza a lenda que a mãe de Virgílio, o autor da *Eneida*, sonhou quando grávida com um loureiro. Consultou um mágico e este revelou, para alegria da futura mãe, que o filho seria um grande poeta. Mas o mágico advertiu: ela deveria enviar Virgílio para Roma para que aprendesse com os grandes poetas da época. Escritores do mundo inteiro já falaram de suas técnicas de maneira incansável. Descobrimos nas *Cartas exemplares* que Guy de Maupassant bebia em Gustave Flaubert. Virgínia Woolf compartilha os segredos da sua escrita em *O leitor comum*. Henry James derrama a própria técnica em *A arte da ficção*. Edgar Allan Poe explica, de trás para frente, como escreveu seu poema mais conhecido, "O corvo", em "A filosofia da composição". Milan Kundera revela os bastidores de *A insustentável leveza do ser* em *A arte do romance*. Orhan Pamuk conta da profecia paterna quanto ao Prêmio Nobel de Literatura que recebeu em 2006 em *A maleta do meu pai*. Por outro lado, Franz Kafka declara que tudo o que escreveu foi para ser respeitado na sua nunca entregue longa *Carta ao pai*. No segundo volume da trilogia *Sobre a escrita criativa*, o escritor e professor da PUCRS Luís Roberto Amabile traça um panorama da área no exterior: "No meio acadêmico, as oficinas deram origem a um campo de estudos nos Estados Unidos, na década de 1930-40: a Escrita Criativa, que

floresceu após a II Guerra. E naquele momento, em meados da década de 1980, quase todas as universidades norte-americanas e muitas europeias possuíam seus programas de *Creative Writing*. Além disso, em países da América Latina, como México e Argentina, crescia o número de oficinas de criação, mesmo sem vínculo acadêmico" (AMABILE, 2018, p. 257). No Brasil, data de 1962 um dos primeiros cursos dessa natureza (LAMAS / HINSTZ, 2002), ministrado pelo escritor e professor Cyro dos Anjos, na Universidade de Brasília (UnB). Quatro anos depois, Judith Grossmann fundou, na Universidade Federal da Bahia, as oficinas de criação literária. Na década seguinte, em 1975, no Rio de Janeiro, ocorreu uma oficina ministrada por Silviano Santiago e Affonso Romano de Sant'Anna (este último participou do *Program in Creative Writing*, iniciado pela Iowa University). E desde 1985, funciona, de maneira ininterrupta e inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras, a Oficina de Criação Literária da PUCRS, ministrada por Luiz Antonio de Assis Brasil. Chegamos ao cerne do simpósio: quais as possibilidades de desenvolver pesquisas sobre a Escrita Criativa em ambiente acadêmico? Em abril de 2019, Assis Brasil publica o livro *Escrever ficção*, resultado de sua experiência na área. Em agosto do mesmo ano, na aula inaugural da Especialização *Lato Sensu* em Escrita Criativa Unicap/PUCRS em Recife, Assis Brasil aponta o crescimento da área no país, com aumento expressivo de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e *Lato Sensu* em Escrita Criativa. Os alunos-escritores das pós-graduações em EC – tendo como pioneiro no país o caso da PUCRS, com graduação (2015), mestrado (2006), doutorado (2012), cursos de extensão e a especialização em parceria com a Unicap (2019) – se alimentam do fazer artístico dos escritores clássicos e contemporâneos, assim como da teoria da literatura, e outras áreas de conhecimento (filosofia, psicanálise, semiótica), outras artes conjugadas (cinema, fotografia, artes plásticas), que o ambiente acadêmico proporciona e facilita. Em *21 lições para o século 21*, o Ph.D. em História pela Universidade de Oxford, e atualmente professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, Yuval Noah Harari, nos alerta da necessidade de estarmos sempre nos recriando, porque, no futuro, as profissões serão líquidas, as vocações, mutáveis, os cenários, imprevisíveis. Nada mais pertinente, nos 35 anos da oficina idealizada e conduzida por Luiz Antonio de Assis Brasil, trazermos para o XVII Congresso Internacional da Abralic "Diálogos Transdisciplinares", em Porto Alegre, a capital brasileira da Escrita Criativa,

trabalhos que abordem as mais diversas possibilidades da área neste século e além.

9 meses: O Retrato Literário da Gravidez na Adolescência

Mariana Rissi Azevedo (UFAM)

Resumo Na linha cronológica da história da literatura existem muitos escritores que dissertavam sobre suas construções literárias, dentre eles Edgar Allan Poe, Virginia Woolf e Milan Kundera, entre outros. Estes escritores dissecavam suas obras com o intuito de mostrar o processo criativo que as constituía. Ainda hoje a crítica literária busca analisar inúmeros aspectos da literatura, e a Escrita Criativa (E.C.) vem crescendo como linha de pesquisa no Brasil. Tendo em vista a expansão dos estudos da E.C., percebeu-se a possibilidade de usufruir desta ferramenta dentro dos meios acadêmicos para explanar, através da literatura, assuntos que afligem a sociedade em geral. Desse modo, o processo de escrita criativa nesta apresentação terá como finalidade expor um assunto que para muitos ainda é considerado polêmico, pois o conto é voltado para o tema: "gravidez na adolescência" e conta com uma reflexão embasada na Crítica Literária Psicanalítica e Sociológica. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico analítico e a composição do conto 9 meses é pautada nos autores: Poe (1999), Kundera (1988), e Brasil (2019) dentre outros, no sentido de observar quais as ferramentas usadas por estes autores para compor seus trabalhos. A elaboração do ensaio reflexivo da obra, denominado: "O retrato literário da gravidez na adolescência", irá comparar a temática do conto com o atual cenário sobre a gravidez precoce no Brasil, e para tanto será feito levantamento de dados advindos do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, entre outros órgãos. A protagonista da obra 9 meses terá sua trajetória analisada e humilhações, marginalização e desesperança compõe o cenário que enreda o conto. A verossimilhança entre a personagem da obra e a realidade brasileira faz com que o problema sistêmico da gravidez na adolescência no Brasil seja acusado. Espera-se que este trabalho traga à tona a discussão sobre a ausência de políticas públicas que permitiriam que tais jovens pudessem dar continuidade aos estudos e posteriormente se inserirem no mercado de trabalho em condições dignas.

A viagem como caminho, a escrita como destino

Frederico Dollo Linardi (PUCRS)

Resumo Considerando que a viagem se constitui em partida, experiência e retorno, faz parte da conclusão a consequente narrativa do viajante. Seja ela oral ou escrita – ou ainda, em tempos atuais, com recursos digitais –, a narrativa é o resultado do anseio de contar, assim como o desejo daqueles que ficaram têm de ouvir. É impossível não associar a natureza tão humana à natureza dos narradores identificada por Walter Benjamin (2012, p.214) como dois tipos fundamentais da narrativa: o ser sedentário e o itinerante. Não por acaso, ambos estão conectados e dialogam entre si a partir do ato de viajar. É sob este e outros aspectos que se dá o embasamento da obra em produção, intitulada Cidades visíveis, sobre a qual esta comunicação se debruça para analisar alguns elementos dos relatos de viagem. São narrativas oriundas da própria experiência do escritor viajante que só poderá escrever pelo fato e princípio de ter viajado. Próximo à essa premissa costuma-se definir as circunstâncias das narrativas de viagem a partir de duas situações que envolvem o narrador: ou ele é dominado por um desejo genuíno de sair de seu local, como aponta Alain de Botton (2003, p.17), ou então a vida lhe impõe tal demanda – como uma mudança familiar ou até mesmo uma ameaça. De qualquer maneira, a viagem se justifica a partir de um contexto pessoal e, no caso de Cidades Visíveis o deslocamento se dará por um desejo autêntico pela aventura e a possibilidade da escrita. Sendo assim, este é um livro que trata de buscas – não necessariamente pelo destino ideal, correto ou justificável a partir de uma razão específica, mas compreendido pela inerente procura que o ser humano tem, em determinados momentos, de sair da rotina, obviedades e previsibilidades. Neste aspecto, a busca torna-se o próprio caminho. Dessa forma, essa comunicação põe em debate se a própria escrita em si já é um objetivo que sustenta a motivação de se empreender uma viagem.

Do assassinato (de personagens) como uma das Belas Artes

Gustavo Melo Czekster (PUCRS)

Resumo Ao contrário da existência humana, em que a morte é pautada pela irrazoabilidade e pela falta de motivo, na obra literária, o fim de um personagem precisa obedecer a uma função na trama, sob risco de prejudicar o desenvolvimento da narrativa ou de acabar afastando o leitor. Nos últimos anos, em uma tentativa de injetar força e interesse nas tramas, e por influência da televisão e do cinema, tornou-se um hábito matar personagens, sendo escolhidos geralmente os mais estimados pelo público, os quais também são os melhores construídos. O presente trabalho aborda alguns dos vários usos da morte de um personagem no interior de uma narrativa, tratando desde o aspecto catártico da morte de um personagem (casos de Capitão Rodrigo, criado por Érico Veríssimo; Baleia, desenvolvida por Graciliano Ramos; Macabéa, inventada por Clarice Lispector) quanto a punição – e expiação - moral do leitor por intermédio de dita morte (casos de Madame Bovary, de Gustave Flaubert, e Anna Karenina, de Liev Tolstói), mostrando os dilemas enfrentados pelos autores que os criaram, detendo-se na maneira com que tais problemas foram resolvidos na seara ficcional e como a morte foi construída no interior da trama para não parecer gratuita ou despropositada. Por meio da análise dos mecanismos teóricos da Escrita Criativa e pelo estabelecimento de uma relação de cunho comparatista entre outros autores e autoras, pretende-se investigar a morte do personagem como estratégia ficcional para criar uma reação no leitor, observando os casos bem ou mal sucedidos em que isto ocorre, assim como as maneiras de intensificar o efeito pretendido graças à construção refletida da morte do personagem dentro de uma trama.

Escrita criativa: o que a escrita devolve à imagem

Altair Teixeira Martins (PUCRS)

Resumo Partindo das ideias de Roman Jakobson acerca da "tradução intersemiótica", a partir da qual desenvolve relações entre os sistemas signícos verbais e não verbais, e dos estudos de Claus Clüver

acerca da ekphrasis e suas possibilidades transdisciplinares, o trabalho propõe a Escrita Criativa como fonte de investigação das relações entre imagem e verbo. Como a imagem é afogada de espaço instantâneo e concentrado, deriva daí sua ânsia de "transmudança", reforçada pela necessidade ontológica de declinar-se de si mesma em formas plurais. Na imagem, devido à sua natureza polissêmica, termo de José Emílio Burucúa, porque tudo nela é simultâneo (poder-se-ia pensar que toda imagem é hipertextual, já que não tem início nem fim), parece que, desde sempre, toda imagem esteve "à espera do texto" que lhe forneça a contextualização essencial para a comunicação humana. Assim, o trabalho visa a desenvolver o exercício criativo de "transmudança" (neologismo a ser desenvolvido) – no sentido de que o texto sugere as emergências implícitas que toda imagem faz, silenciosamente, explodir – com fins de analisar as seguintes hipóteses: 1) a possibilidade de a escrita fornecer tempo (e, portanto, certa sucessividade) ao espaço concentrado da imagem (uma vez que a imagem é quase sempre um momentum, no dizer de Alloa); 2) a condição de a escrita fornecer contexto verossímil (ficcional ou documental) à imagem e 3) se a imagem sempre aponta para a coisa representada, como um não ser, ou sombra sem materialidade, conforme Didi-Huberman, a escrita teria a capacidade de devolver a imagem ao seu lugar ontológico. Por fim, uma conclusão provisória é a de que a escrita instiga na imagem a condição de legibilidade (que a imagem sempre exige). Se assim for, a escrita (a criativa, sobretudo) amplia o que disse Calvino acerca de sua visibilidade, pois que a linguagem faz ver o que na imagem apenas se enxerga.

Mulheres: dicção e ficção

Cristina Moraes Vazquez (PUCRS)

Resumo Neste trabalho, apresento a gênese de uma obra de não-ficção e ficção, que conterá textos baseados em coleta de dados com mulheres reais sobre temas como: câncer de mama, violência doméstica, deficiência física, relações de trabalho, transexualidade. A parte não-ficcional compreenderá os relatos pessoais ordenados em forma de monólogos, com nomes reais ou fictícios, conforme Termos de Livre Consentimento próprios. A parte ficcional apresentará contos

sobre os temas mencionados, podendo ser livremente inspirados nos depoimentos colhidos. A gênese da obra funda-se em três linhas teóricas. Primeiro, quanto ao lugar da enunciação e à manutenção da dicção das personagens nos monólogos, baseia-se na noção de "lugar de fala" postulada por Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2019). Segundo, quanto à temática dos monólogos e contos, funda-se nas interseccionalidades da teoria feminista apresentadas por Heloisa Buarque de Hollanda (HOLLANDA, 2018), e no requisito do conto denominado por Julio Cortázar de significação (CORTÁZAR, 2004). Terceiro, quanto à reunião de monólogos e contos na mesma obra, fundamenta-se nas relações entre não-ficção e ficção, conforme: as características da não-ficção expostas por Lee Gutkind (GUTKIND, 2012); as interligações entre o mundo real e sua representação na literatura e no jornalismo apresentadas por Rogério Borges (BORGES, 2013); a passagem da realidade para a ficção abordada por Luiz Antonio de Assis Brasil.

Nenhum homem é uma ilha. Ou deveria ser? Sobre o exílio e o isolamento como elementos potencializadores da escrita

Alexandra Lopes da Cunha (PUCRS)

Resumo Josef Brodsky, um exilado, fala da condição com conhecimento de causa. Ao discorrer sobre a situação do exílio e sobre homens e mulheres forçados a abandonar seus países de origem por outros, se não mais avançados, ao menos mais livres, acredita que um dos motivos a instigá-los a escrever é o fato de se tornarem socialmente insignificantes. "E a falta de significância é aquilo que nenhum escritor, exilado ou não, pode aceitar". (BRODSKY, 2016:19). Os escritores são vaidosos e dependentes de aplausos. Integrados a uma multidão, desesperam-se, frustram-se. No entanto, por mais paradoxal que possa parecer, produzem e, muitas vezes, mais e melhor que antes do exílio. Provavelmente, para tentar, com as suas armas, vencer a insignificância. Como Ferreira Gullar, ao discorrer sobre o nascimento do seu Poema Sujo: "sozinho, sem emprego, com um mínimo de obrigações, passava o dia mergulhado nele, no que já escrevera e no que pulsava em meu corpo, em minha mente, no ar, e que era o poema se fazendo, me usando para se fazer" (GULLAR, 2013: 11). Este ensaio tem por objetivo tratar da relação entre a condição

de exilado e de como esta situação influencia na produção de escritores. Também há a ideia de falar sobre níveis e diferentes tipos de exílio, de isolamento, e nas condições que se fazem e que impactam na produção de autores e autoras que se viram exilados. Por fim, tratarei de um caso particular, do meu, do tipo de isolamento pelo qual passei e das obras que dele resultaram.

O conflito e a necessidade de escolha na narrativa fílmica "O céu de Suely", de Karim Aïnouz

Sandra Araujo de Lima da Silva (UniCEUB)

Resumo A consolidação dos estudos de Escrita Criativa como campo de pesquisa muito contribuiu para a elaboração e compreensão de narrativas ficcionais não só da Literatura, mas também do Cinema, do Teatro e de outras Artes. Assim, este artigo busca estabelecer um diálogo entre a Escrita Criativa e o Cinema Brasileiro, analisando de que forma o conflito se constitui na narrativa fílmica de "O céu de Suely" (2006), de Karim Aïnouz, como um elemento que deriva de uma necessidade de escolha da personagem central. A obra selecionada pertence à produção cinematográfica realizada na primeira década do século XXI no Brasil e conta com um roteiro cuja história trata, entre outros temas, de questões sociais relacionadas aos papéis femininos que fazem parte do cenário do país na contemporaneidade. A personagem central vê-se diante de uma circunstância em que sua escolha tem grave repercussão e afetará a sua vida de maneira drástica. A análise fundamenta-se nos estudos sobre a narrativa de ficção de Assis Brasil, tomando predominantemente como referência a obra Escrever Ficção - um manual de criação literária (2019).

O percurso dentro do percurso: escrevendo uma constelação de mulheres

María Elena Morán Atencio (PUCRS)

Resumo O romance Los Continentes del Adentro, desenvolvido no marco do Mestrado em Escrita Criativa da PUCRS, conta a história

de Sofía, que, após descobrir um texto escrito por sua avó Aída, viaja em busca desta mulher que, dezesseis anos atrás, a transformara em protagonista de seus delírios e fora internada no manicômio de Isla de Salos. O hospício, que um dia fora modelo, se encontra inativo, mas algumas das antigas pacientes continuam morando nele, onde são livres dos estigmas com que viveriam fora dele. Apesar dos esforços de sua mãe, Taís, por apagar Aída de suas vidas, Sofía tem alimentado a figura da avó até fazê-la quase mítica, com medidas iguais de fascinação e lástima. Através das descobertas que ela faz sobre Aída e sobre sua família na ilha, Sofía percebe que o único que resta para ser resgatado é o vínculo com sua mãe, complicado desde o episódio que marcara suas vidas. Numa reconstrução do percurso de escrita, reflito sobre os desafios que enfrentei durante a construção dessa constelação de mulheres, através da qual explorei a ideia de fuga, seja na forma da loucura, no caso de Aída, ou, no caso de Sofía, como ruptura com uma vida de desprazeres. Pensar a fuga como jornada de transformação me levou a estudar a jornada do Herói, de Campbell (1972). Porém, como constatam Murdock (1990) e Hudson (2009), o modelo é deficiente, ao não levar em consideração questões de gênero. Como contrapartida feminina do Herói, Hudson estuda o arquétipo da Virgem e explica que, enquanto o primeiro é convocado a proteger sua comunidade de uma ameaça externa, a ameaça que a Virgem enfrenta está em seu próprio entorno, hostil para o desenvolvimento de sua verdadeira natureza ou desejo. Partindo dessa discussão, discorro sobre como o encontro com estes materiais teóricos, assim como as minhas buscas pessoais em torno do feminismo e a escrita, foram determinantes no desenho das personagens e suas trajetórias.

Perfil: Terminal Tietê – Lições de Escrita Criativa em "O livro amarelo do terminal", de Vanessa Barbara

Maria Williane da Rocha Souto (PUCRS)

Resumo Os estudos de Escrita Criativa são comumente relacionados a produções ficcionais, no entanto, também se estendem para o campo da não-ficção, inclusive fomentando as técnicas e formas do dizer literário como contribuintes para a costura e acabamento de

textos não literários. É pensando nisso que aqui se propõe uma análise do trabalho de Vanessa Bárbara em "O livro amarelo do terminal" (2008), que perfila o Terminal Rodoviário Governador Carvalho Pinto (conhecido como terminal tietê), da cidade de São Paulo. Nesse sentido, cabe investigar o uso de técnicas literárias na construção da obra de Barbara a partir do jogo de cenas, diálogos, pontos de vista, descrições, etc., tomando por base os recentes estudos da escrita criativa de não ficção em Lee Gutkind (2012), bem como as discussões do escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil (2019) sobre conceitos fundamentais da Escrita Criativa. Para pensar a poética de Vanessa Barbara, que se apropria do cotidiano febril do terminal, também interessam as considerações de Leonardo Villa-forte (2016). O trabalho da autora aponta para um olhar mais humanizado de um espaço físico, sendo capaz de torná-lo o seu protagonista. Atenta-se também para o projeto gráfico do livro (edição da Cosac Naify, 2008), tendo em vista os recursos imagéticos que atravessam o texto: imagens, cores, formas e texturas – influências na leitura da obra e sobretudo do Terminal que se conta e, mais ainda, mostra-se diante dos olhos do leitor.

Quando o tema convoca a narração

Ana Luiza Tonietto Lovato (PUCRS)

Resumo O narrador é o responsável pela condução da história, o elemento estruturante narrativo mais próximo do leitor. Em uma novela que trará à tona os segredos das mulheres de quatro gerações da família, definir o narrador foi o principal recurso para lançar luz sobre os conflitos próprios dos enfrentamentos femininos, em especial os ocorridos na intimidade domésticas. Partindo da violência sexual sofrida pela protagonista, haverá o desnudamento do tanto que a violência sexual ainda é banalizada, tanto por homens quanto pelas próprias mulheres. Como quem lê depende do narrador para entender o que está sendo contado, uma ficção com a temática proposta nesta novela, provavelmente produzirá mais identificação e empatia se utilizar uma narradora com a idade da geração que hoje vive a quarta onda do feminismo. Sendo assim, a melhor opção será conduzir todos os capítulos através da narração da prima da protagonista,

oito anos mais jovem. A narradora, de 25 anos, por sua intensa proximidade com a protagonista, vai relatar o que se passou com a prima, ao mesmo tempo em que resgatará o passado da mãe, avó e bisavó, propiciando que a trama se desenvolva sob um híbrido de focalização externa e focalização onisciente, "como se houvesse uma câmera de cinema que apontasse seu foco para diversos alvos" e também contada por "alguém que tem juízos – e os emite – a respeito do assunto" (BRASIL, 2019, pág. 232). A narradora, embora com uma limitação no acesso aos pensamentos mais íntimos da protagonista, poderá criar inferências a partir do que viu, ouviu e debateu, demonstrando o seu ponto de vista e realizando o que pretendo como autora: multiplicar vozes a partir do lugar de fala da geração que se beneficia com as conquistas das gerações anteriores, mas que sabe que a luta ainda não terminou.

Simpósio 29
Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: circulação, publicação e recepção

Márcia Valéria Martinez de Aguiar (UNIFESP)
Maria Cláudia Rodrigues Alves (UNESP)
Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo Quem se lança no estudo da publicação e recepção de uma obra literária no estrangeiro tem de necessariamente considerar uma série de elementos. Citam-se, dentre outros, o exame das razões que teriam levado à edição de um dado autor ou obra em certa época ou país e o reconhecimento do papel que teriam desempenhado agentes literários, passadores, editores e tradutores nessa realização. Tão singular quanto o texto editado – seja o original, sejam suas traduções e/ou adaptações – é a história de sua circulação, para a qual igualmente podem concorrer outros fatores (circunstanciais ou não): lançamento concomitante de transposições audiovisuais do livro no cinema ou na televisão, anúncio de premiações, abertura de exposições de artes plásticas, estreia de concertos ou shows musicais, difusão de discursos políticos e sociais etc. O estudo dessas questões é de inconteste interesse para aqueles investigam a presença de autores estrangeiros em um determinado sistema. No nosso caso, pensamos mais particularmente naqueles que têm por alvo a circulação, a publicação e a recepção da obra de escritores estrangeiros no Brasil ou de escritores brasileiros fora do país. Numerosos são os estudos em que se examinam as afinidades entre autores estrangeiros e brasileiros ou o modo como certos escritores foram acolhidos no Brasil, de que servem de exemplo os casos de Georges Bernanos, que escreveu, durante seu exílio em Barbacena, alguns de seus livros mais conhecidos (como *Les enfants humiliés* e *Monsieur Ouine*), e Elizabeth Bishop, que, nos quase vinte anos em que morou no Rio de Janeiro, lançou títulos como *Questions of Travel* e organizou suas *The complete poems*. A publicação da obra de ambos no Brasil, aliás, está em evidência no presente, com o projeto de edição das obras completas do autor francês pela É Realizações (com traduções assinadas por Roberto Mallet, Mata-Machado, Jorge de Lima e Pablo Simpson, dentre outros) e a reedição, pela Companhia das Letras, das traduções feitas

por Paulo Henriques Britto de poemas da norte-americana, homenageada neste ano na Festa Literária de Parati. Igualmente expressivos são os estudos que têm por objeto a difusão de obras de autores brasileiros no exterior, de que se citam os casos de Jorge Amado, cuja tradução, nos Estados Unidos na década de 1940, integra o quadro da política de boa vizinhança idealizada pelo presidente Roosevelt, e de Guimarães Rosa, cujas traduções tiveram, nos anos 1960, baixa tiragem na França – a despeito das críticas elogiosas – e sucesso de vendas na Alemanha. Também considerável é o caso daqueles que publicaram, em textos escritos em língua estrangeira, primeiramente no exterior (como Joaquim Nabuco e Sérgio Milliet, que, na França e na Suíça, lançaram seus volumes de poemas escritos em francês). Quanto à relação interartes, encenações teatrais – como *Morte e vida severina*, laureada no IV Festival Mondial du Théâtre Universitaire de Nancy em 1966 – e realizações cinematográficas – como *Orfeu Negro*, Palma de Ouro em 1959, *O pagador de promessas*, Palma de Ouro em 1962, e *Vidas Secas*, Giano d'Oro em 1965 – teriam impactado a recepção literária posterior dessas obras? A boa recepção de nossa música – particularmente a popular – teria igualmente aberto espaço para outras formas de manifestações artísticas brasileiras no exterior? Por diferentes que sejam as circunstâncias da edição de um texto fora de seu país de origem, é preciso considerar a língua em que foi originalmente escrito, seu projeto tradutório (e a escolha do tradutor), a correspondência, caso exista, entre o autor e o tradutor, a recepção da obra nos sistemas literários de origem e de chegada, as edições (e seus elementos paratextuais) e o impacto do sucesso crítico de filmes, peças teatrais, exposições ou canções a ele relacionados. Sequência do trabalho desenvolvido nas duas últimas edições do Congresso Internacional da ABRALIC, nos simpósios "**Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: experiências, textos e contextos**" (2018) e "**Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: intermediações e relações com outras artes**" (2019), o presente simpósio contempla diversas línguas e culturas e acolhe investigações que abordem as experiências e o complexo processo de publicação e recepção de um escritor em um dado país, refletindo sobre as mediações que se estabelecem entre o texto original e/ou traduzido, o seu horizonte de recepção – abarcando questões relativas ao possível impacto que a divulgação de outras artes possa ter provocado em sua leitura – e os vários atores que

participam de sua edição, interpretação e circulação em seu país de origem e/ou no estrangeiro.

A publicação de literatura sul-coreana no Brasil: o caso de Pepino de Alumínio

Vitoria Ferreira Doretto (UFSCar)

Resumo Nesta comunicação propomos tecer considerações sobrea a publicação de obras da literatura sul-coreana no Brasil, de forma especial discutiremos questões sobre o livro Pepino de Alumínio, de Kang Byoung Yoong, publicado em 2018 pela editora Topbooks. Misturando fatos sobre a vida do roqueiro Viktor Tsoi, a trama segue Choi Vitório em sua descoberta de identidade em meio ao bullying que sofre na escola que frequenta. Nos interessa abordar os possíveis fatores que impulsionaram a publicação da obra para o público brasileiro – como o lançamento do filme Verão (2018), sobre a vida do roqueiro, e a abertura do mercado brasileiro para produtos da onda Hallyu (termo criado pela imprensa chinesa que se refere à popularização da cultura popular sul-coreana a partir de 1990), para isso, traremos também alguns outros títulos que se enquadram nesse cenário. Em certa medida, pretendemos nos ater também nas questões concernentes à mediação editorial e aos ritos genéticos editoriais que envolvem a publicação da obra – incluindo a visita do autor ao Brasil para uma série de conversas sobre literatura.

A recepção de Sarah é isso, tradução brasileira de *Ça raconte Sarah*, de Pauline Dellabroy-Allard: desafios e perspectivas

Raquel Peixoto do Amaral Camargo (USP)

Resumo *Ça raconte Sarah,* primeiro livro da escritora francesa Pauline Dellabroy-Allard, lançado em 2018 pelas Éditions de Minuit e vencedor, neste mesmo ano, do Prix du Roman des Étudiants Franc Culture – Télérama, conhecerá em breve sua tradução brasileira. Em edição da Nós, com tradução da autora deste resumo, Sarah é isso chegará aos leitores brasileiros inserida em um cenário que começa

a se delinear bem antes de sua publicação – prevista para março do ano corrente. Alguns fatores concorrem para a construção desse cenário. Em março de 2019, por ocasião da Festa da Francofonia, Pauline Dellabroy vem ao Brasil para divulgar seu romance. Durante o evento, na presença de possíveis leitores, excertos iniciais da tradução são lidos pelo coletivo literário Les Leïlas. Recentemente, esse mesmo coletivo ofereceu um curso de extensão na Universidade de São Paulo, no qual o último módulo foi destinado à leitura em francês do Ça raconte Sarah, bem como a discussões suscitadas pela tradução. Nesse momento, a tradução ainda não tinha sido oficialmente divulgada, o que ocorreu apenas em 22 de fevereiro de 2020, quando foi anunciada pelo Estado de São Paulo (Caderno 2). A partir de exemplos como esses, a presente comunicação mostrará que o contexto para recepção do romance vai nascendo, adquirindo forma e orientando-se por expectativas que precedem a leitura do texto traduzido. Além disso, também influencia na recepção do romance decisões que são diretamente de ordem tradutória. Questões de verossimilhança, de restituição de referentes franceses e de jogos de palavra são desafios que participam e, em certa medida, também direcionam a recepção da obra. Nesse sentido, buscar-se-á refletir acerca dos desafios colocados pelo próprio ato tradutório, bem como sobre os fatores que não apenas concorreram para a chegada do romance ao Brasil, mas também formaram um contexto de recepção particular para esse livro. Nortearão esta reflexão escritos de A. Berman, H. R. Jauss e R. Barthes.

Azul Corvo, de Adriana Lisboa: uma leitura dos Estados Unidos pelo ângulo de uma jovem imigrante

Giséle Manganelli Fernandes (UNESP)
Clara Carolyne Fachini Zanirato (The Ohio State University)

Resumo O romance de Adriana Lisboa, *Azul Corvo* (2010), aborda a amizade entre Evangelina e o seu padrasto Fernando, um ex-guerrilheiro no Araguaia, e Carlos, o seu amigo salvadorenho. O local escolhido foi Lakewood, no estado do Colorado, para narrar as experiências da menina brasileira que teve de ir morar nos Estados Unidos com Fernando, após o falecimento de sua mãe. As aventuras

de Evangelina acontecem na sua tenra idade, aos treze anos. Suas comparações com Copacabana marcam as diferenças entre os dois países e as formas de adaptação encontradas pela personagem para o enfrentamento da nova realidade à sua volta. Enquanto em Copacabana, ela estava acostumada a caminhar embaixo das árvores, em ruas sujas, no Colorado, ela caminhava por ruas limpas com ausência de sombra. As lojas enormes na nova cidade a impressionavam. Os trinta por cento de umidade relativa do ar em Lakewwod contra os oitenta por cento em Cobacabana faziam até as baratas serem mais felizes no Rio de Janeiro. Evangelina, a narradora do livro em primeira pessoa, traz à baila como havia aprendido inglês e espanhol com sua mãe, que havia morado, por vinte e dois anos, nos Estados Unidos, mais precisamente, no Texas e no Novo México. Obviamente, questões de identidade são relevantes para a análise dessa obra. Iremos, também, traçar comparações com o livro O Berro do Cordeiro em Nova York (1995), de Tereza Albues. Textos teóricos de Butler & Spivak (2010) e de Yuval Harari (2018) serão utilizados para a discussão dos tópicos examinados nesta proposta.

Entre tradução e publicação: a presença do filósofo François Jullien no Brasil

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

Resumo Aquém e além das ditas "afinidades" tecidas entre escritores franceses e brasileiros, em ritos de homenagens, de epígrafes norteadoras de percursos temáticos, teóricos e críticos, torna-se, hoje, evidente que a tradução constitui-se em prática de legitimada eficácia para a circulação do fato comparatista literário pelos caminhos do estético e do cultural. Percebe-se que, ao transgredir fronteiras estabelecidas, favorece a constituição de "diálogos transdisciplinares", conquanto disponibiliza o entrecruzamento de campos simbólicos e não simbólicos que os revitaliza em suas diferenças. Assim procedendo, o processo tradutório redefine o espaço comparatista que, regido pelo movimento de contínua irradiação, transpõe geografias, disciplinas, subjetividades e identidades. Seja em romances, em poemas, em peças de teatro, em contos e em cartas, avaliar a presença francesa no Contemporâneo aponta para a articulação do exercício

tradutório como desdobramento do texto de origem, projetado sobre a reflexão nacional. Vê-se que o pensamento de François Jullien sugere a revisão de questões comparatistas primordiais, contribuindo para a emergência de novas abordagens de eixos como tempo, espaço, percepção e subjetividade, evidenciando a produtividade da tradução de obras pelo ângulo do espaço intervalar entre Literatura e Filosofia. Marca-se a ressonância, em François Jullien, pela imagem do "vivre" enquanto representação do "inusitado". Com base no exposto, a presente comunicação propõe-se a estudar as obras traduzidas do filósofo, pela autora dessa Comunicação, buscando demarcar a singularidade de "diálogos transdisciplinares" que não se esgota na aproximação de saberes distintos postos em intersecção, neles evidenciando acréscimos produtivos de novas formas de percepção do fato comparatista, concedidos pela mediação da tradução já efetuada de obras como "Les Transformations Silencieuses", "Il n'y a pas d'identité culturelle" e "De l'être au vivre".

Geração Granta: escritores brasileiros contemporâneos na vitrine internacional

Lilia Baranski Feres (UNIRITTER)

Resumo Autores, críticos, editoras e periódicos literários, elementos aparentemente apartados da indústria editorial, se revelam partes intricadas do vasto e complexo polissistema literário. O volume 9 do prestigiado periódico literário britânico Granta, intitulado "Os melhores jovens escritores brasileiros", cujo propósito consiste em divulgar jovens autores contemporâneos com promissora carreira literária, introduz ao público vinte escritores, sendo cada um representado por um conto, previamente apreciado e selecionado por uma comissão julgadora. Um exame mais detalhado do currículo desses autores, sob a ótica da Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990), suscita reflexões acerca dos papeis tanto de instituição quanto de mercado desempenhados pelos escritores, acerca do perfil socioeconômico, cultural e até mesmo de gênero, apontando para uma formação ainda majoritariamente elitista e sexista do espaço literário. Ponderações acerca do impacto nos sistemas literário e cultural dessa publicação e de seu discurso, materializado no termo que passou a ser

utilizado para designar uma nova sofra de escritores - 'geração Granta' - são feitas à luz de Foucault (2011), Genette (2001) e Bourdieu (1983).

Graciliano Ramos editado em Portugal e nos Estados Unidos – chegada, desencontro, tutela e ressonâncias

Thiago Mio Salla (USP)

Resumo Em chave comparatista, a presente comunicação tem como objetivo analisar o processo de publicação e recepção dos romances de Graciliano Ramos em dois contextos distintos: Portugal e os Estados Unidos. No caso do primeiro país, de início, recupera-se as idas e vindas do contato estabelecido pelo o autor alagoano e seus herdeiros respectivamente com as editoras Livros do Brasil e Ulisseia, bem como se procura dimensionar a preliminar divulgação do romance de 1930 em terras portuguesas num momento de inversão da influência tipográfica e literária entre o Brasil e sua antiga metrópole, bem como de irrupção e consolidação do neorrealismo luso em meio à vigência do Estado Novo salazarista. No caso do segundo país, privilegia-se a edição, ainda nos anos 1940, de "Angústia" ("Anguish", 1946), pela casa editorial de Alfred Knopf, com tradução de Louis C. Kaplan. Trata-se de trabalho realizado sob os auspícios do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), agência subordinada ao Departamento de Estado americano cujo objetivo principal era fortalecer as relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina antes e durante a Segunda Guerra Mundial. De um modo geral, por meio da recuperação de fontes primárias (com destaque para cartas e contratos), examinam-se o percurso e os trâmites que levaram à entrada da obra do autor de "Vidas Secas" nesses sistemas literários distintos, bem como desdobramentos e ressonâncias observados em tais espaços.

Lendo Hilda Hilst com Roland Barthes

Flávia Herédia Miotto (USP)

Resumo Em consonância com o simpósio em questão, esta comunicação tem a intenção de aproximar as obras *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), de Hilda Hilst, e *Le plaisir du texte* (1973), de Roland Barthes. Mais especificamente, trabalharemos primordialmente a noção de jouissance, com o intuito de justificar a obra hilstiana enquanto o que Barthes chamou de texte de jouissance. Dessa forma, a apresentação pretende contribuir com os estudos barthesianos no Brasil e na América Latina, revisitando sua obra e suscitando novas (e plurais) leituras desse autor. Hilst, na obra em questão, não somente rompe com a cultura – como Barthes sugere quando caracteriza os textos de jouissance, como também perverte as leis literárias (seja não acatando às restrições impostas à pornografia, seja questionando os gêneros considerados "maiores" em literatura). Em *O caderno rosa de Lori Lamby* (2014), Hilst se vê livre para desafiar a linguagem como deseja, de forma a questionar o que a nossa cultura tenta esconder, assim como as classificações que a crítica impõe aos textos literários. Nessa medida, podemos interpretá-la enquanto um texto de jouissance, já que se liga à perda, à fenda, ao afastamento da cultura. Com essa obra, Hilst despede-se de sua literatura hermética, para fazer-se consumível e escrever "adoráveis bandalheiras". Assim como Hilst, Roland Barthes também promove rupturas em sua trajetória como crítico e escritor. A publicação de *Le plaisir du texte*, em 1973, tensiona a sua imagem de estruturalista da Nouvelle Critique e semiólogo dos anos 60 e 70. Essas metamorfoses comuns aos dois autores - que os tornam paradoxais, complexos e profundos, fizeram aquecer os debates em torno de suas obras na pós modernidade. Em um mundo repleto de certezas, ideologias fixas, onde a dúvida não é bem-vinda, Barthes e Hilst apontam para um deslocamento necessário. Aquele que nos instabiliza, mas também nos presenteia com a dúvida e com a deliciosa instabilidade dos saberes.

No devagar depressa dos tempos: a tradução francesa de "A terceira margem do rio" de Maria José Frias

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)

Resumo Pensado sob a perspectiva da abertura do texto para o mundo, longe de qualquer intransitividade textual, o exame dos processos recepcionais foi repensado em trabalhos fundamentais de Hans Robert Jauss (1921-1997), com fundamentação fenomenológica (1994 e 1997). Nesse sentido, analisar a recepção de autores brasileiros no exterior ou de estrangeiros no Brasil não pode se circunscrever a uma sociologia da leitura, aliás, fundamental, mas, em muitos casos, indiferente à abordagem da hermenêutica delineada pelo pensador alemão (Experiencia estética y hermenéutica literaria, 1986). Sob essa ótica e com base nos estudos rosianos mais relevantes (AGUIAR, 2010 e 2019), pretende-se examinar a tradução francesa do conto "A terceira margem do rio" (ROSA, 1962, p. 31-37), de João Guimarães Rosa (1908-1967), publicada na revista Planète sob o título de "La troisième rive du fleuve". Para além dos aspectos que envolvem o periódico Planète (AGUIAR, 2019), em que a tradução foi publicada, vinculada a Jacques Bergier e Louis Pauwels, a tradução de Maria Frias suscita uma série de questões poéticas, linguísticas e hermenêuticas acerca do conto rosiano, que vão do modo de traduzir o termo "margem" às recriações e rupturas sintático-semânticas nele presentes.

Retirantes e mujiques, entre a Aldeia e Alagoas: diálogos entre as obras de Graciliano Ramos e Liev Tolstói

Carolina Izabela Dutra de Miranda (UFMG)

Resumo Às vésperas de sua morte, em conversa com seu filho Ricardo, Graciliano Ramos expressa "sua enorme admiração por Tolstói: – Guerra e paz é o maior romance da literatura mundial. E não sei de novela melhor que 'A morte de Ivan Ilitch'.". (RAMOS, 1992, p. 74). Em outro momento, o escritor alagoano responde "[...] a uma pergunta sobre qual dos dois preferia, Tolstói ou Dostoiévski (o repórter sem dúvida imaginava que fosse o segundo), respondeu: 'Tolstói. Mas Tolstói eu não considero apenas o maior dos russos: é o maior

da humanidade'". (RAMOS, 1992, p. 115). Além da relação estabelecida entre o escritor russo e seu ilustre admirador, os artifícios ficcionais com os quais tais autores elaboram as agruras sofridas pelo retirante, mujique ou trabalhador explicitam uma semelhança entre as obras de ambos os escritores. Calcado em tais interrelações, este trabalho se propõe a investigar as relações de semelhança e diferença entre o pensamento e as concepções acerca da arte e da literatura, de Graciliano Ramos e Liev Tolstói, a partir da análise de textos jornalísticos e obras ficcionais destes escritores. Esta pesquisa buscará elucidar a maneira como os dois autores expressam, em suas obras, a busca pela sinceridade artística, a humanidade do homem rebaixado, as críticas político-sociais e a reelaboração ficcional de um mundo dividido entre dominados e dominadores. O estudo de tais aspectos nas obras desses dois escritores será fundamentado nas teorias de Michel Foucault, Giorgio Agamben e Walter Benjamin sobre os métodos de exercício de poder, politização da vida e opressão. Esta pesquisa objetiva, ainda, investigar como a elaboração literária de tais aspectos demonstra o modo como estas constantes temáticas são expressas por meio de técnicas e artifícios estruturais, estéticos e estilísticos comuns entre os dois autores, tais como: o autor implícito, a autoconsciência, o autojulgamento, a singularização do olhar e a reelaboração ficcional de dados autobiográficos.

Virginia Woolf: Tradução, recepção e impacto no Brasil

Maria Aparecida de Oliveira (UFPB)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo inicial investigar a tradução e a recepção das obras de Virginia Woolf no Brasil. Em seguida, examina-se o impacto da escrita woolfiana nas escritoras brasileiras. Na primeira parte, questiona-se como Virginia Woolf foi traduzida no Brasil e como as práticas de tradução refletem os debates políticos, histórico e cultural do modernismo. Nicola Luckhurst and Alice Staveley (2007) questionam se há uma Woolf europeia, se há uma Woolf anglo-americana, quais seriam as pré-condições transnacionais para a existência de uma Woolf para além das fronteiras europeias. Desse modo, pretende-se examinar a construção de uma Woolf sul-americana e como essa imagem foi construída no Brasil.

O trabalho conta com os pressupostos de Mary Ann Caws e Nicola Luckhurst em The Reception of Virginia Woolf in Europe; de Natalya Reinhold em Woolf Across Cultures e de Brenda Silver em Virginia Woolf Icon. Na segunda parte, reflete-se em como as escritoras brasileiras negociavam e navegavam entre o feminismo modernista de Woolf e as tradições literárias brasileiras. Pode-se concluir que as primeiras traduções de Virginia Woolf evitavam a linguagem inovadora da escritora, optando-se por uma padronização, a qual homogeneizava a linguagem, pois essa era a forma como eram traduzidas as grandes obras no país. Desse modo, uma escritora conhecida por sua linguagem experimental, torna-se bastante convencional na tradução. Nesse caso, questões como estética e política, identidade cultural e de gênero no modernismo estão todas envolvidas.

Simpósio 30
Espaço e literatura

André Pinheiro (UFPI)
Prof. Dr. Ozíris Borges Filho (UFTM)
Sidney Barbosa (UnB)

Resumo Em termos filosóficos e científicos, é visível a importância dada às reflexões sobre o tempo. Por outro lado, observa-se quão pouco, proporcionalmente ao tempo, o espaço foi explorado como objeto de reflexão. No âmbito dos estudos literários, tal realidade não é diferente. Encontramos diversas obras teóricas a respeito do tempo, entretanto, na bibliografia geral, é raro encontrarmos um livro que aborde a questão espacial do ponto de vista teórico. Os poucos livros que têm o espaço como tema centram-se, em sua maioria, na análise de obras e não no desenvolvimento de uma teoria consistente sobre o papel da espacialidade na literatura. Do ponto de vista teórico, encontramos mais textos do que livros a respeito dessa questão. A importância dada ao tempo foi tão grande que ensejou, inclusive, o aparecimento de uma filosofia em que ele aparece como pilar. Trata-se do existencialismo. Basta lembramos as obras fundamentais *Durée et simultanéité* (1922), de Henri Bergson, a obra capital de Martin Heidegger, *O ser e o tempo*, publicado em livro em 1927, o famoso livro de Georges Poulet *Études sur le temps humain* (1949), além de todo o movimento existencialista, cujo pilar é também o tempo. Desde o fim do século XIX, pesquisadores vinham refletindo sobre a categoria do "tempo" em seus múltiplos aspectos, não apenas na ciência, mas também nas artes e na religião. No campo da Teoria da Literatura, no século XX, são significativos os trabalhos de Meyerhoff, Mendilow, Pouillon, Ricoeur e Genette para citar apenas alguns exemplos. Do ponto de vista teórico-investigativo, percebe-se que aquele século fez uma opção preponderante pelo tempo. No entanto, devemos admitir que o interesse pela questão do espaço na literatura vem crescendo de maneira bastante acentuada nos últimos trinta anos. Para Jameson (2002), o ressurgimento do interesse pelo espaço se deve a Henri Lefèbvre com seu livro *La production de l'espace*, de 1974. Acrescentaríamos ainda a importante obra de George Matoré *L'espace humain*, publicada em 1962. Independentemente de determinarmos exatamente obras ou autores responsáveis pela

renovação do interesse pelo espaço, parece-nos verdade que, na teoria literária, deve-se também tal interesse a uma desvalorização do tempo na narrativa contemporânea. Essa desvalorização ocorre pela diminuição da importância dada à personagem e ao enredo. Para Lucien Goldman, até o século XIX, as narrativas priorizavam os feitos do herói, suas andanças, sua história, isto é, sua atuação no desenrolar do tempo. Entretanto, frente a um mundo cada vez mais fragmentado e reificante, começou-se a desacreditar na possibilidade de mudanças. O herói passou a ser visto num mundo que não lhe dava a menor oportunidade de ser agente de algo realmente significante e as narrativas passam a se preocupar muito mais com inquirições psicológicas, com complexos e com atitudes inesperadas. Com tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços nos quais essas personagens agem. Esse avivamento das atenções com a categoria do espaço, repercutem, outrossim, nas pesquisas do âmbito da teoria literária. Tal como ocorreu com a Arquitetura, com a Geografia e com outras áreas do conhecimento, a Teoria da Literatura não ficou à parte nesse crescente interesse pelo espaço e vem produzindo, desde então, textos, artigos, revistas e livros a respeito dessa categoria que passou a ser considerada fundamental para a criação e a estética literárias. Deve-se salientar que ela é naturalmente interdisciplinar e que esses estudos proporcionam uma compreensão maior da problemática da espacialidade e, conseqüentemente, dessa categoria na literatura, com o consequente oferecimento de pistas teóricas bastante interessantes e que poderão ser desenvolvidas ou verificadas junto ao texto literário. Surgiram várias linhas de investigação a partir desse interesse revelado pela Teoria da Literatura a respeito do binômio Espaço-Literatura, mas nem todas foram ainda suficientemente exploradas pelos pesquisadores. Uma delas trata da questão da forma espacial do texto literário. Tal linha de pesquisa foi iniciada pelo teórico norte-americano Joseph Frank, cujo texto seminal, *A forma espacial na literatura moderna*, foi publicado pela primeira vez em 1945. É também recorrente uma abordagem temática do espaço à maneira simbólica de Gaston Bachelard e relacional (sujeito/objeto/alteridade) de Jean-Pierre Richard. Outros pesquisadores preferem lançar um olhar estrutural a respeito da espacialidade do texto literário; nessa perspectiva, analisam-se as estratégias utilizadas pelo narrador na representação do espaço. É na intersecção entre essas várias linhas teóricas, e há ainda tantas outras, que

se apresenta este simpósio. Portanto, ele se insere numa perspectiva pluralista. Aí se pretende discutir as relações entre espaço e literatura, seja numa abordagem extrínseca, texto-contexto, seja numa abordagem intrínseca, texto-texto. É a partir da representação do espaço no texto literário que se pretende investigar os conceitos de nação, fronteira, região, tradição literária entre outros. Para os objetivos deste simpósio, o binômio espaço-literatura poderá ser tratado do ponto de vista estrutural, simbólico, ideológico, interartes ou da recepção e circulação das obras literárias.

A natureza perpassada pela História e pela Literatura em romances brasileiros do século XIX

Mateus Bego Bueno (UNICAMP)

Resumo Este trabalho integra pesquisa de doutorado em Educação junto à linha de Pesquisa 03-Educação e Historia Cultural, cujo objetivo é estudar as representações da natureza em romances brasileiros do século XIX. Essa pesquisa, em andamento, traça um percurso transversal entre História e Literatura refletindo sobre o uso dos textos literários na investigação das sensibilidades de uma época e como meio pelo qual uma dada realidade histórica e cultural é delineada e presentificada a ponto de tornar-se objeto de leitura. Parte-se da consideração de que os romances podem ser uma fonte histórica pela qual se faz a leitura de uma determinada realidade social e que, enquanto fonte, a literatura permite o acesso a sentimentos e ideias dos grupos que a produziram. Este estudo trabalha com o conceito de natureza como produto da cultura, mutável e cambiante, desse modo, problematiza-se a noção de "natureza brasileira" como aspecto distintivo da identidade nacional – pressuposto da discussão literária do século XIX. A seleção das obras levou em conta os seguintes critérios: sua circulação entre o público comum e sua recepção pelos leitores letrados do período, além da abordagem relevante do tema da natureza. Até o presente momento, foram analisados os romances "A Moreninha", de Joaquim Manoel de Macedo, no qual se encontra uma natureza domesticada, propícia à formação da sociedade civilizada, e "O Cabeleira", de Franklin Távora, em que se observa uma natureza selvagem, responsável pelo estado de barbárie.

Entre esses enquadramentos, é possível identificar ideias e concepções sobre os espaços da natureza elaborados pelo mundo letrado brasileiro no século XIX.

A relação entre sujeito e espaço na poesia de Manoel de Barros

Alan Diogo Capelari (UEL)

Resumo Manoel de Barros é um poeta peculiar pela forma como lança seu olhar ao espaço que o circunda, criando a partir daí paisagens que se distinguem da mera percepção do ambiente cotidiano. Em suas construções poéticas o espaço não é restrito em si e alheio aos sujeitos que nele convivem; a começar pelo próprio sujeito lírico, mas sem se prender nele, espaço e sujeito estabelecem uma certa inter-relação, que ocasiona mútua influência de constituição, o sujeito se faz a partir do espaço, assim como o espaço se define a partir do sujeito. Nesta síntese paradoxal podemos observar como o espaço não é meramente o plano de fundo para personagens, narrativas, lírica e etc. Tanto o espaço quanto o sujeito são analisados pelo viés de teóricos da paisagem que a compreendem como fenômeno constituído por um sujeito, uma percepção, e um espaço percebido, seja ele real ou não. Estes elementos não se classificam em ordem importância, mas coexistem holisticamente, definindo-se mutuamente. A partir desta concepção de paisagem estudamos as formas pelas quais sujeito e espaço se relacionam, e as possíveis influências e sentidos que um afere ao outro nesse processo relacional. O sujeito, dotado de cultura e situado em determinado momento sócio-histórico tem percepções de determinado espaço, e destas percepções surgiriam certas configurações de paisagens; por outro lado, um segundo sujeito, formado em outra cultura, perceberia o mesmo espaço de maneira diferente; ou, ainda, um mesmo sujeito em outro espaço teria percepções outras, e cada uma dessas percepções resultaria em diferentes formações de paisagens. Tanto sujeito quanto espaço mostram-se igualmente importantes, na determinação da paisagem, a partir da relação que estabelecem.

As paredes e as partidas: a marca indelével da casa na prosa de Natalia Ginzburg

Iara Machado Frota Pinheiro (USP)

Resumo Com a análise de fragmentos de *La città e la casa*, 1984, de Natalia Ginzburg, a proposta é a circunscrição de representações dos espaços domésticos e suas relações com as possibilidades de fincar raízes e traçar lugares familiares. O enredo gira em torno de um personagem que vende a casa antes de deixar o país natal em busca da proteção do irmão mais velho. Ao chegar ao novo país, ele se vê numa perene condição de hóspede e qualifica a decisão de vender o imóvel como um erro irreversível. A irreversibilidade da perda de lugar volta a aparecer em outras cartas junto aos advérbios de tempo "sempre" e "nunca", como expressão da ligação sobrevivente e intangível entre o remetente e o lar. A forma epistolar por si só oferece eixos de análise, considerando que nessa configuração resta um hiato entre remetente e destinatário. O espaço, portanto, consiste numa premissa de distância intransponível a nível de estrutura narrativa, bem como é um tema preponderante em um romance que carrega os termos cidade e casa no título. Na prosa da autora, aliás, casas e as suas marcas indeléveis são assuntos recorrentes, presentes no livro memorialista considerado a sua obra-prima, Léxico Familiar, bem como na produção ensaística. Em O filho do homem, por exemplo, encontra-se a imagem do "vulto atroz da casa caída": a sensação de desenraizamento que assolou os perseguidos políticos do fascismo, uma vez que se viram obrigados a deixar para trás tudo que configurava um lar. Com a proposta de Bachelard referente à determinação das funções de habitar que as casas primitivas comportam, este trabalho procura explorar a casa como significante, segundo a acepção lacaniana, na prosa de Ginzburg e, com isso, traçar a composição dos ambientes domésticos no romance com a hipótese de que há uma forte relação entre espaço e memória. Os lugares inscreveriam marcas indeléveis, capazes de criar laços de pertencimento ou tamanha repulsa que teria como efeito a falta insaciável e a errância contínua.

Dos modos de sentir-se estranha: uma leitura de *Mar Azul*, de Paloma Vidal

Naiara Speretta Ghessi (UNESP)

Resumo Este trabalho propõe-se a realizar uma leitura do romance *Mar Azul*, publicado em 2012 por Paloma Vidal, de modo a observar as intersecções entre trânsito, estraneidade e memória na narrativa referida. O fio condutor desta reflexão surge da intensificação do trânsito transcultural de personagens no panorama literário brasileiro contemporâneo. Em Mar Azul, alguns espaços e personagens não são nomeados, apenas insinuados, no entanto, intui-se que a narradora nasceu na Argentina e fora criada pelo pai, mas, após alguns anos, este decidiu mudar-se para o Brasil a fim de ajudar na construção da nova capital. Dessa forma, ela passa a maior parte de sua juventude na companhia de Vicky, sua melhor amiga, e a mãe desta. Posteriormente, ao ser informada sobre a morte do pai, ela viaja ao Brasil para reaver os cadernos que ele lhe deixou e se muda para o Rio de Janeiro, onde dedica-se a revisitar esses escritos íntimos e escrever por cima deles sobre as suas reminiscências e a rotina na nova cidade. A hipótese defendida por este trabalho é a de que o deslocamento para o Brasil contribui para os exercícios de (re)lembrar e escrever realizados pela narradora e são o modo encontrado por ela para (re)existir e resistir às opressões e traumas vivenciados.

Entre sombras e luzes: espaços e reflexos em "A Dama no espelho - Uma reflexão" de Virgínia Woolf

Agnes Cássia Santos Grillo (USP)

Resumo A comunicação tem como objetivo traçar uma leitura do conto "A dama no espelho- Uma reflexão" de Virgínia Woolf a partir da análise dos elementos estruturantes da narrativa com enfoque nos espaços internos x externos, nos elementos fantásticos e na relação da personagem Isabella com esses espaços. O escrito visa uma leitura voltada a estrutura narrativa e de complementar os estudos do conto de Woolf de acordo com Head (1992) como metaficcional e propor outro viés de análise com base nos elementos estruturais e

simbólicos que permeiam a obra, seguindo alguns elementos da Topoanálise proposto por Ozíris Borges Filho (2005), a simbologia do espelho, dos espaços, dos elementos fantásticos e os desdobramentos do conto moderno diante do experimentalismo de Virginia Woolf. O estudo da narrativa será organizado em quatro partes. Na primeira, um estudo dos objetos e espaços como a sala e o jardim, suas coordenadas espaciais descritos pelo narrador através do reflexo do espelho e seus efeitos de sentido, na segunda a relação destes espaços com a aparição da personagem Isabella Tyson e a visão limitada do narrador em descrevê-la na sua totalidade, na terceira a conclusão do mistério em torno da personagem e nos efeitos gerados pelos espaços, e no quarto as considerações finais de que a estrutura do espaço é essencial para o desenvolvimento do ser fictício nesta narrativa curta, diante das descrições e suposições do narrador. Como embasamento teórico, além de Head (2012) no livro "The modernist short story: A study in theory and practice", serão acrescentados os estudos dos teóricos Ozíris Borges Filho (2005), que trata acerca da Topoanálise, a simbologia dos espaços e objetos por Chevalier (2016), dos elementos fantásticos por Todorov (1981), e escritos de Virginia Woolf.

Espaço e distopia em Androides sonham com ovelhas elétricas?

Juliana Varella Reginato de Almeida (UPM)

Resumo O que há de tão fascinante em cenários pós-apocalípticos e sociedades disfuncionais que nos faz voltar, ano após ano, ao tema da distopia? Um dos elementos pode ser sua percepção tão peculiar do espaço. Manipulado e distorcido de formas que só a ficção científica tem permissão poética para fazer, o espaço nas narrativas distópicas – seja ele uma cidade futurista ou um deserto infértil e hostil – é uma peça-chave, por vezes mais determinante para o sucesso ou fracasso de uma obra do que o enredo ou os personagens. Neste estudo, partiremos de Androides sonham com ovelhas elétricas?, lançado em 1968 por Philip K. Dick, para compreender como a arquitetura e a geografia se organizam em função de uma realidade distópica, ao mesmo tempo refletindo e moldando as relações sociais, além da própria noção de identidade dos protagonistas. Com uma breve análise sobre o vazio, o lixo, o espaço doméstico e a verticalidade (elementos-chaves

na ambientação do livro), pretendemos jogar luz sobre a importância do espaço narrativo na distopia e sobre as diferentes formas como ele é descrito ou percebido – na obra de Dick, por exemplo, o espaço frequentemente assume uma forma surreal, narrado a partir da impressão subjetiva de seus personagens e ligado a sentimentos de isolamento, não-pertencimento ou paranoia. Para apoiar a análise, recorreremos a nomes como Osman Lins, Marc Augé e Fredric Jameson. Lins (1976) traz ferramentas para uma análise mais detalhada do espaço, incluindo conceitos como "espaço social" e "atmosfera". Já Augé (2015) introduz a ideia de "não-lugar", essencial para compreendermos os apartamentos temporariamente ocupados no livro, ou mesmo o abandono e descaso do espaço urbano como um todo. Jameson (1997 e 2007), por sua vez, teoriza a fragmentação pós-moderna que marca toda a obra de Dick, além de refletir de forma mais ampla sobre ficção científica e utopia.

Espaço, memória e ancestralidade no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo

Mônica Maria dos Santos (UFMT)
Bruno Rege Lopes (UFMT)

Resumo As reflexões sobre o lugar/espaço são complexas no âmbito da realidade e da ficção se considerarmos o entendimento de que, a ficção, em certo grau, representa o real e que essa representação tende a ser diversa. Desta forma, os implexos conceitos de espaço aplicam-se aos dois contextos, uma vez que na vida e na arte experimentamos as experiências de: atopia, utopia, distopia ou, em contextos mais complexos, de heterotopia os "lugares diferentes [...] outros lugares" de Foucault (2013, p. 116). O espaço contém história é invólucro cultural, está permeado da existência das coisas e dos seres, não habitamos e nem ficcionamos o vazio. Existimos ou não (quando não temos legitimado nosso lugar de fala) em lugares e os lugares (re)existem em nós. O romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo narra a trajetória de deslocamento espacial de Ponciá que migra da vila Vicêncio para a cidade, esse deslocamento espacial metaforiza uma busca identitária que vai se desenhando a partir do relato e das reflexões das memórias imbricadas nos espaços familiares e

entrelaçadas a elementos da ancestralidade da cultura afro-brasileira. Nesta pesquisa interessa-nos analisar como os espaços do romance se entrelaçam com a memória e a ancestralidade e influenciam as transformações de Ponciá. Trata-se de uma pesquisa básica de caráter qualitativo, com objetivo explicativo que adotará como procedimento a análise literária e a revisão bibliográfica.

Gabriele D'Annunzio e a Paisagem da Feiura

Julia Ferreira Lobão Diniz (UFRJ)

Resumo Gabriele D'Annunzio (1863-1938) foi um dos maiores expoentes do decadentismo italiano e, durante um breve período denominado "fase della bontà", abandonou seu estilo usual e envolveu-se na produção de dois romances sob a influência do formalismo russo do século XIX, dos quais destaca-se Giovanni Episcopo (1891). Com o slogan "rinovarsi o morrire" (renovar-se ou morrer), o autor, através da publicação do romance supracitado, prometeu romper com um conjunto de características que dizem respeito ao seu estilo particular de escrita, também chamado de dannunzianesimo. A respeito desses elementos comuns ao texto dannunziano, destacam-se o esteticismo e o preciosismo linguístico, sempre voltados para o ideal de beleza reforçando o mote decadentista do "viver a vida como uma obra de arte". Tendo em vista que Gabriele D'Annunzio foi acusado de publicar uma obra antidannunziana graças ao afastamento dos seus temas habituais, o objetivo desta comunicação é apresentar a persistência de traços do dannunzianesimo através do romance Giovanni Episcopo sob o viés estético da Paisagem da Feiura. A Paisagem da Feiura é um termo inédito, cunhado a partir da noção de Paisagem Literária (COLLOT, 2013) e do conceito de fealdade (ROSENKRANZ, 1992, ECO, 2007) e implica na ambientação de cenários excessivamente feios ou negativos que se misturam às impressões do sujeito observador. Tenciona-se comprovar que, contrariando as acusações, Giovanni Episcopo revela-se legitimamente dannunziana, pois a essência do autor prevalece mesmo que através da reprodução de cenários feios e personagens negativos.

Limites do si, corporeidades do outro: espaço, pensamento e apagamento em Paul Valéry

Felipe Leal Almeida Resende (UFRJ)

Resumo Escrito sob encomenda na segunda década do século XX, o *Alfabeto* (2009), de Paul Valéry, é uma coletânea de textos poéticos escritos à forma da prosa e cuja proposição inicial era deixar que, à exceção do 'k' e do 'w', cada fragmento textual se iniciasse com uma letra, estando cada uma delas espalhada em sequência entre as vinte e quatro horas do dia e com temática de condução livre. O que se percebe nessa espécie de abecedário poético é um conjunto de induções em que o pensamento se propõe uma mistura com outras espacialidades, sejam elas experimentadas através dos corpos de animais, estejam elas dispersas nas variações de intensidades luminosas e geométricas dos objetos cotidianos, ou mesmo postas em encruzilhadas, de forma que o saber, as corporeidades e as alteridades se confundem para pensar o si. Vislumbrando espaços a partir dos quais a palavra desafia o poder identitário e o silenciamento, bem como a totalidade das possibilidades de dizer, Valéry estipula uma topoanálise de si mesmo por meio de uma virtude de apagamento na qual não há necessidade de localizações históricas ou enunciados precisos sobre certos tempos. Sem constituir, pois, um panorama geográfico onde traços de uma literatura específica possam se localizar como intragenéticos, sem tratar das coisas do mundo como metáforas, aproximações ou influências sobre ou sob as quais se posicionar, o que autor consegue é promover pequenos fluxos afirmativos em que o lugar – tanto do corpo quanto do pensamento, mas também aquele circunvizinho – seja tomado como um acidente, ou mesmo como um acontecimento capaz de gerar questões como: de que maneira o que vemos e o que nos olha disputam o 'si'?; até que ponto o saber se dilui no mundo, a que distância do mundo realmente pode estar um corpo?; e, ainda: como, muito além dos dispositivos literários que destacam espaço e sujeito para avaliar as formas de um sobre o outro, o pensamento não ocupa ele mesmo, também, um espaço?

Mãos ocupadas: viajantes e seus embarques entre trastes, finuras e amontados na literatura e na pintura

Rosana Campos Leite Mendes (ESP/MT)

Resumo O estudo em questão aborda na literatura e na pintura, como viajantes e seus corpos, mais precisamente as mãos ocupadas alojam movimentos de constantes atuações. O que se consente para dentro dos quadros e da literatura, de movimentos distraídos ou divertidos, até as alternativas ligadas ao sobrecarregado e atarefado compõem possibilidades ao ser humano e seus gestos. Com expressões detalhadas em circunstâncias corriqueiras e comuns, para mãos que expressam a uma primeira vista, movimentos em aparente desordem, a história que se mostra como matéria-prima do banal (RANCIÈRE, 2018) nos é dada em imagem. No espaço social, no espaço literário e no espaço pictórico as localizações determinam estruturas espaciais para os corpos. As mudanças e os movimentos de deslocamento espacial podem estar na ordem do sentido transregional e também no sentido transpessoal (ETTE, 2018, p. 64). Logo, as experiências de viajantes e seus deslocamentos consideram, em particular, um olhar transposto em textos, gravuras e pinturas que guardam posições sociais projetadas em artes de séculos anteriores. Nesse sentido, o presente trabalho busca falar dos objetos comuns e de pouca importância que mantém as mãos ativas, distraídas ou sobrecarregadas. No quadro Peregrinação à ilha de Cítera, de Antoine Watteau (1684-1721) e nos quadros de Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) e na escrita de Inocência (1872) de Alfredo Taunay (1843-1899) a representação da figura humana marca distintas épocas e os modelos e gestos rearranjam o corpo. Ao mesmo tempo em que a arte nos apresenta figuras vestidas ou desnudas, também faz escolhas para que viajantes estejam juntos a objetos que reproduzem elementos do real. A extensão do que se oferece a carregar, entre objetos e pessoas, encontra-se em ajustes de práticas sugeridas ao corpo. Propõem-se aqui três expressões distintas e em espacialidades diversas, ressalvadas as diferenças de época, do que se pode observar em demasiado poder de expressão de mãos ocupadas.

Madame Bovary e a construção espacial da narrativa

Renato Barros de Castro (UFRGS)

Resumo Este trabalho dedica-se à análise do espaço na obra "Madame Bovary" (1856), de Gustave Flaubert, no que tange às relações de semelhança, oposição ou hierarquia passíveis de serem estabelecidas entre os lugares em que as cenas são construídas, quais sejam: interior-exterior; aberto-fechado; limite-limiar, alto-baixo, centro-periferia, lugar e entre-lugar. Também serão levadas em conta as relações existentes entre lugares e personagens, bem como considerações concernentes à importância dos espaços sociais e psicológicos na trama, reveladores das características e transformações trazidas pela estética realista, da qual a referida obra é um marco, modificando de forma decisiva toda uma tradição literária. Se a obra é apontada pela crítica como antirromântica, sua protagonista Emma Bovary encarna justamente as aspirações idealizadas do Romantismo: sua morte, ao final da história, não deixa de simbolizar também a morte dessa estética cujas fronteiras Flaubert conseguiu, apoiando-se na construção do espaço narrativo, ultrapassar. O estudo terá como suporte teórico, dentre outros, a obra "A poética do espaço" (1957), de Gaston Bachelard, o ensaio "As categorias da narrativa literária (1966)", de Tzvetan Todorov, e a coletânea "Poéticas do espaço literário" (2009), organizada por Ozíris Borges Filho e Sidney Barbosa.

Modernidade e evocação do passado: uma análise do espaço real e psicológico na obra *The sound and the fury* de William Faulkner

Érika Rangel Curra (UFES)

Resumo William Faulkner, embora tenha centrado sua obra no imaginário condado de Yoknapatawpha, na complexa sociedade do decadente sul dos Estados Unidos, é uma das referências literárias do século XX que mais se deteve nos aspectos sombrios, melancólicos e universais da condição humana. Associado automaticamente à sua terra natal pelo público literário por ser considerado um grande escritor regionalista, Faulkner tornou a sociedade provincial à qual pertenceu em um recurso positivo. O "Deep South", com uma economia

basicamente agrícola, uma vida de fazendas, aldeias e cidades pequenas, conjuntos de valores considerados antiquados e religião ainda vital com seus cultos, credos e normas básicas de conduta, ofereceu a Faulkner um ponto de vista crítico em relação à modernidade e à poderosa cultura metropolitana Utilizando o discurso modernizador como oposição à tradição, a modernidade é capaz de gerar um contraponto entre um passado opulento e um presente decadente para uma antiga classe dominante, inserida em um cenário em que a tradição se encontra irremediavelmente ameaçada e todo um conjunto se desfigura: a paisagem, o homem, os valores, a ordem econômica, a família e as relações afetivas. Na medida em que as obras literárias dialogam com os problemas sociais de sua época, acreditamos ser possível partir de um diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura para resgatar uma leitura social e responder o problema da presente comunicação: de que forma é representado o processo de modernidade no Sul dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX a partir das mudanças espaciais e do fluxo da consciência presentes em *The sound and the fury*?

O Brasil como arquipélago: proposta de um atlas para a ficção de José de Alencar

Romulo Valle Salvino (UnB)

Resumo Em Graphs, Maps, Trees (2005) o crítico literário italiano Franco Moretti defendeu os mapas como diagramas capazes de explicitar relações escondidas na forma literária e apontou, como um dos resultados da abordagem por ele proposta, a possibilidade de reconhecimento de "um mapa da ideologia, que emerge de um mapa da mentalité, que emerge do substrato material do território". O que se pretende, nesta pesquisa, é aplicar as propostas de Moretti à leitura de José de Alencar, na tentativa de desvelar um esforço de territorialização presente em sua obra ficcional. "Territorialização" – ainda um neologismo em português – é compreendida aqui, a partir das ideias de Claude Raffestin, como processo de transformação do espaço (a "prisão original") em uma nova realidade imaginária, cultural e política. Na ficção alencariana, mais que uma paisagem ou um palco previamente dados, o Brasil é um território a ser criado,

por meio de uma arquinarrativa em que uma teoria da literatura e um projeto nacional se cruzam, tendo como vetores ideias expressas em alguns ensaios e paratextos do escritor, entre os quais destacam-se Antiguidade da América, as notas de rodapé de seus romances históricos e o prefácio a Sonhos de Ouro ("Benção paterna"). O mapeamento dos espaços romanescos de Alencar mostra que: a) o afastamento geográfico em relação à capital do Brasil, considerada como centro do país e seu lugar mais moderno, corresponde, via de regra, a um afastamento temporal, como se uma viagem ao interior fosse uma viagem ao passado; b) com exceção de O gaúcho, típico romance de fronteira, a ação de todos os livros não ultrapassa os limites do tratado de Tordesilhas, nem mesmo a de Ubirajara, o mais distante temporal e geograficamente; d) a geografia da ação dos romances confirma a fragmentação de um Brasil com dificuldade de se fazer um todo, um arquipélago em que as partes não conseguem se ligar entre si nem ao centro.

O caráter do espaço contemporâneo na prosa literária de Nuno Ramos

Jorge Andrés Manzi Cembrano (Universidad de Chile)

Resumo Nesta comunicação, baseada na minha atual pesquisa de pós-doutorado, argumentarei que o tipo de espacialidade "contemporânea" implícita na prosa literária de Nuno Ramos não foi derivada da própria tradição literária – p. ex., do tipo de espaço característico da forma romance – mas, principalmente, da noção de espaço que surgiu na arte contemporânea a partir da década de 60 e 70. Considero que não é possível entender a espacialidade de obras em prosa como Cujo [1993], O pão de corvo [2001] e Ó [2008] sem incorporar à nossa reflexão teórico-literária algumas práticas e debates chaves que tiveram lugar no campo das artes plásticas contemporâneas. Tais práticas e debates marcaram profundamente a noção de forma estética que Ramos elaborou, desde a década de 1980, na sua obra plástica. No que refere à literatura, continuando a linha de pesquisa iniciada por críticas como Süssekind e Garramuño, nesta comunicação tentarei mostrar, a partir da análise formal de duas passagens (de Cujo e Ó), a forma singular pela qual Ramos adaptou a espacialidade da

arte contemporânea ao modo da prosa literária. A minha aproximação será elaborada com base na conceptualização do espaço contemporâneo oferecida por L. Steinberg, em "Outros Critérios" [1972], e por A. Tassinari, em "O Espacao Moderno" (2001). Ambos argumentaram que, em lugar de imitar o mundo que um sujeito erguido teria na sua frente (modelo naturalista), e se distanciando de um modernismo definido como simples negação do modelo anterior, o espaço da arte contemporânea funcionaria como uma superfície ou cenário sobre o qual o artista acostumaria imitar, ensaiar, variar e teatralizar um conjunto de "procedimentos operacionais" (Steinberg) ou "formas de fazer" (Tassinari). Tentarei mostrar que a prosa de Ramos é uma via privilegiada para refletir sobre as possibilidades que tal espaço contemporâneo abriria para a prosa numa hora histórica, o presente, em que formas ortodoxas da prosa moderna, como o romance, parecem esgotadas.

O desenraizamento em *A Bagaceira* e *Vinhas da Ira*

Luccas César Bach (UNIOESTE)

Resumo O presente estudo tem por objetivo tecer uma análise, a partir de uma perspectiva comparativa, do espaço que compõe os romances *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e *Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck. Para tanto, utilizaremos como base teórica de nosso trabalho os estudos sobre espaço publicados por Gaston Bachelard, em *La Poétique de l'Espace* (1961), assim como os conceitos propostos sobre desenraizamento e identidade por Hannah Arendt e Simone Weil. Ambos os romances propostos têm como cenário a migração em massa em períodos de crise social ou econômica, e, em decorrência desses acontecimentos notadamente históricos, famílias foram deslocadas de suas comunidades. Essa migração é o que trataremos como um movimento de desenraizamento, entende-se "desenraizamento" como a retirada do indivíduo de seu espaço no mundo – seja essa 'retirada' voluntária, forçada, ou mesmo sazonal –, levando-o à condição de estrangeiro em um novo espaço em que as memórias e a sociedade não lhe são familiares; destruindo, assim, sua percepção de comunidade e identidade.

O espaço na literatura utópica

Almir Gomes de Jesus (UNICAMP)

Resumo O espaço, no arcabouço do gênero utópico e, principalmente, na utopia clássica, é objeto de um profundo trabalho de elaboração imagética pelo qual se converte em elemento essencial para a estruturação da narrativa, já que funciona como elemento que convoca, no narrador e também no leitor, a conformação de expectativas sobre a alteridade. É por esta razão que os primeiros utopistas planejavam a expansão das fronteiras do mundo familiar na vastidão topográfica de sua porção ainda ignorada e, em seguida, arquitetavam uma paisagem citadina calcada no planejamento racional da vida comunitária. Deste modo, a espaço dentro da utopia não pode ser entendido como um fator periférico na construção da imagem de uma sociedade harmoniosa, mas sim como um elemento constitutivo na estruturação narrativa das obras. Consequentemente, para a elaboração dos traços distintivos desses espaços, o esforço descritivo torna-se o responsável por sanar a necessidade de preenchimento de um vazio deixado pela negação de uma dimensão espacial de origem no ato de construção de uma outra, que poderia substituí-la. É neste sentido que, tanto sob a forma do alhures incógnito quanto do lieu de mémoir transfigurado, o espaço assume contornos simbólicos com os quais o utopista deve constituir suas estratégias de ficcionalização. Deste modo, caberia ponderar que o topos literário utópico engendra especificidades com as quais a estrutura do texto ficcional ganha contornos singulares, já que é preciso haver um deslocamento – seja no espaço ou no tempo, escolhas que repercutem diferenças e consequências substanciais para a obra – para que o jogo da alteridade possa se instaurar. Considerando estas características, pretendemos pensar o estatuto do espaço na literatura utópica, principalmente nos dois polos que a sustentam dentro da tradição inglesa, em seu início com a *Utopia* (1516) de Thomas Morus e em seu fim com *Notícias de lugar nenhum* (1890) de William Morris.

O papel do espaço em *Os que bebem como os cães*

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Resumo Consideramos importante o estudo da obra *Os que bebem como os cães* (1975), do escritor piauiense Assis Brasil, uma narrativa que manifesta de forma crítica, temas relativos a um momento de repressão e terror impostos por um governo ditatorial, revelando facetas da identidade de personagens que vivem algemados em celas. A leitura da obra levou-nos a vislumbrar um espaço figurado através da linguagem, revelada pela percepção dos prisioneiros. Propomos, na presente comunicação, a análise do espaço literário, a partir da perspectiva do espaço da identidade, em que homens sem as referências mínimas de onde se encontram, sem as referências quanto à identidade e quantidade dos companheiros e guardas, procuram resgatar sua própria identidade, à medida em que se acostumam aos espaços que lhe são disponibilizados . O espaço da identidade é também fruto das relações humanas estabelecidas na partilha do espaço comum, de modo que pode refletir problemas humanos presentes na obra. Para tanto, realizaremos estudos sobre aspectos teóricos do espaço na literatura, assim como espaço da identidade, além de incursões sobre eventos históricos que constituem o cenário de onde provém a escrita do escritor no romance em estudo. Alguns teóricos participarão dessa discussão: Eagleton (2005), Anderson (2008), Hall (2006), Bhabha (2007), no tocante à identidade. Para a discussão de espaço, contaremos com os estudos de Iser (1996), Lins (1976), Bachelard (2008), Brandão (2005; 2007). Acreditamos que a obra, Os que bebem como os cães, coloca em destaque um sujeito, que vivencia um espaço individual e coletivo, que envolve identidade, alteridade e outras questões do romance pós-moderno e contemporâneo, evidenciando a presença do escritor, Assis Brasil, na discussão de questões em pauta em determinado momento histórico.

O parque Buttes-Chaumont em "Le Paysan de Paris" (1926), de Louis Aragon: do real ao simbólico

Robert Ponge (UFRGS)
Nara Helena Naumann Machado

Resumo Na continuidade de trabalhos anteriores em que estudamos os diálogos entre a literatura e a arquitetura (incluindo o urbanismo e o paisagismo), esta comunicação se debruça sobre o parque Buttes-Chaumont, em Paris, e sua presença em "Le Paysan de Paris" (1926), livro redigido pelo escritor francês Louis Aragon durante seu período surrealista (1919-1932). Nosso trabalho começará situando a construção do parque no âmbito das intensas transformações urbanas vivenciadas pela capital francesa, de 1853 a 1870, sob a chefia do barão Haussmann, durante o Segundo Império. Explicaremos brevemente os motivos e objetivos que nortearam a produção-reconfiguração do espaço urbano parisiense: tanto as profundas e complexas mudanças que reordenaram, reestruturaram e resignificaram o corpo e a imagem da cidade, como a atenção dada à presença, papel e características de áreas verdes públicas (com destaque para o parque Buttes-Chaumont). Depois desta abordagem extrínseca à literatura, passaremos a um exame intrínseco, analisando, no livro de Aragon, a presença, papel e sentido(s) do parque (e do flanar nele), através de um vaivém dialético entre a dimensão real/referencial daquele espaço e sua dimensão simbólica, relacionando esta última com os esforços e embates dos surrealistas para apontar novos modos de pensar, sentir, viver e promover uma beleza moderna. Nossa metodologia é bibliográfica. Nossas referências são, entre outras, Lefebvre (1968, 1974), Baridon (1998), Panerai et alii (2004), Jarrassé (2007) para a reflexão teórica e histórica sobre a produção do espaço, o urbanismo e o paisagismo; Limido (2002), Harvey (2008), Moncan (2012) sobre Haussmann, a remodelação de Paris e o parque Buttes-Chaumont; Bancquart (1973/2004), Meyer (2001), Barbarant (2016) sobre Aragon e seu livro; Baudelaire (1863), Benjamin (1935-1939) e Breton (1924, 1952) sobre o flanar; Baudelaire (1857, 1863), Apollinaire (1918) e Breton (1924, 1952) sobre a busca do novo e da beleza moderna.

Paisagens e vidas de sombra e escuridão no romance *Os servos da morte*, de Adonias Filho

Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Resumo *Os servos da morte* (1946), de Adonias Filho, costuma ser visto como parte da "trilogia do cacau" composta pelo autor. O aspecto regionalista, de tom marcadamente geográfico, no entanto, não é a tônica da obra e questões ligadas à produção cacaueira na Bahia nele aparecem apenas tangencialmente. Coloca-se em primeiro plano o desenrolar sombrio da existência das personagens, ligadas a um fatum intransponível e barbaramente direcionador de suas vidas. No caminho marcado pela violência e pela morte que se impõe à geração dos Duarte não há lugar para o tratamento do espaço a partir de uma perspectiva eminentemente documental e exótica. Dessa maneira, à paisagem não cabe apenas o enquadramento do lugar onde as ações ocorrem e onde se situam as personagens, nem mesmo está a serviço da descrição pormenorizada e referencial da região cacaueira baiana. Como pretendemos mostrar nesse trabalho, Adonias Filho cria em seu romance uma paisagem marcada por uma atmosfera nebulosa, na qual predomina a sombra, a escuridão e o vento, ficando à margem de qualquer descrição objetiva dos lugares. No romance, a paisagem é elemento indissociável do peso trágico que se abate sobre as personagens face ao caráter inexplicável e inexorável da vida e do homem.

Três épicos, um espaço: América Latina em perspectiva na poesia

Éverton de Jesus Santos (UFS)

Resumo O espaço latino-americano figura como pano de fundo em algumas obras literárias, a exemplo de *Toda a América* (1926), de *Ronald de Carvalho*, *Canto general* (1950), de Pablo Neruda, e *Latinomérica* (2001), de Marcus Accioly. O perfil épico de cada uma dessas produções se constrói e se sustenta, na tessitura do plano histórico, no aspecto geográfico, mormente com a menção a localidades da América Latina (países, cidades, povoações, formas de relevo etc.), na busca por elucidar e valorizar o espaço regional. Diante do exposto, este

estudo, com base em revisão bibliográfica e levantamento numérico de alguns referentes contidos nos poemas, tem o objetivo de traçar reflexões sobre a questão da apropriação do espaço latino-americano nos supramencionados épicos, de modo a chegar a um entendimento sobre a geografia do canto épico e da geografia do canto lugar como formas de validar a imbricação entre espaço e literatura. Além disso, será realizada uma breve associação com textos de intelectuais que apontaram para a união da América Latina como um caminho para a fraternidade e o desenvolvimento, com o reconhecimento de características comuns que irmanam essa parte do globo em torno de traços identitários de alguma maneira aproximados, algo que está, também, em maior ou menor grau, no bojo dos poemas em tela como ideário de seus respectivos escritores: a integração dessa parte do continente americano.

Um espaço em trânsito: as dinâmicas do deslocamento em *Dora sem véu*

Manoelle Gabrielle Guerra (UNESP)

Resumo A literatura das últimas décadas tem sido permeada por questões que envolvem a mobilidade, o trânsito de sujeitos e a transposição de fronteiras físicas e culturais. Tais problemáticas resultam em uma reestruturação das relações entre o espaço e o homem a qual engendra representações mais do que pertinentes para pensar o tempo presente, momento em que as tensões humanas estão vinculadas às políticas territoriais, aos deslocamentos e à noção de pertencimento que afeta a identidade dos indivíduos. Nesse contexto, a discussão proposta pelo presente trabalho diz respeito às particularidades do deslocamento presentes no romance *Dora sem véu* (2018), de Ronaldo Correia de Brito, considerando o modo como a viagem realizada pela protagonista viabiliza um repensar das figuras da estrada e do veículo como cronotopos possíveis na narrativa, segundo a conceituação de Bakhtin (1998) para o termo. A diegese, iniciada na viagem de Francisca a Juazeiro do Norte, concentra parte considerável das ações nesse processo de deslocar-se, atravessando o sertão na carroceria de um caminhão, juntamente com outras dezenas de romeiros. Marilia Amorim (2006) caracteriza os veículos,

principalmente o automóvel, como cápsulas de proteção para o indivíduo durante esses deslocamentos, mergulhando-o em um confinamento em relação ao mundo exterior; tal proposição, porém, é quebrada com a opção da protagonista por um pau-de-arara como meio de transporte, pois, devido a suas particularidades, há a imposição de um convívio pautado na coletividade e na negociação de espaços. Além disso, o caminhão vai funcionar, no interior da narrativa, como modelo de representação de todo um universo religioso sertanejo em trânsito, possibilitando a criação de um espaço-tempo próprio da viagem que, aqui, organiza-se na imagem da romaria.

Simpósio 31
Estratégias do feminino: literatura escrita por mulheres e resistência

Anna Faedrich (UFF)
Laura Campos (UERJ)
Silvina Carrizo (UFJF)

Resumo A proposta do simpósio é examinar a manifestação da resistência na literatura produzida por mulheres, de todas as épocas, das mais variadas nacionalidades, tendo em vista as diferentes formas de enfrentar as intempéries da trajetória intelectual e literária feminina. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variadas autoras, cujas obras expressam traumas e/ou dificuldades de existir, enquanto escritoras e mulheres pensantes, em uma sociedade patriarcal e hostil. A repercussão da contribuição literária feminina ensejou reações de escritores – homens – que revelam os jogos de poder e suas implicações sobre a fortuna das carreiras de mulheres no mundo das letras. Virgínia Woolf, em *Um teto todo seu*, anotou que a "indiferença do mundo, que Keats, Flaubert e outros homens geniais achavam tão difícil de suportar, não era, no caso d[a mulher], indiferença, mas hostilidade" (WOOLF, 2014, p. 78). Sendo assim, interessa-nos o estudo dos mecanismos sociais de exclusão da literatura de autoria feminina do cânone literário e das histórias literárias brasileiras e estrangeiras, bem como as estratégias utilizadas pelas escritoras como enfrentamento dos espaços que lhe foram reservados – o doméstico e desvalorizado, para as mulheres; o público e prestigioso, para os homens. É possível identificar estratégias do feminino que se impõem como procedimentos evidentes para adentrar o meio – predominantemente masculino – das letras. Reedições dos romances, poemas e crônicas dessas autoras têm sido realizadas com intenção de facilitar o acesso aos leitores, já que muitas dessas obras se encontram em raras bibliotecas, em situações de deterioração, beirando ao desaparecimento. Uma vez aferidos os valores estéticos das obras de autoria feminina – que em termos literários não ficam aquém das escritas por homens – buscamos compreender os mecanismos sociais de exclusão das escritoras. Após anos de estudos – relembramos o trabalho das pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Trabalho (GT) Mulher e Literatura, que, desde os anos 1980, vêm

contribuindo com os estudos literários, abrindo espaço para análise e consideração de obras escritas por mulheres –, está comprovado que se trata de uma exclusão por viés de gênero. Ao analisar a masculinidade como nobreza, em *A dominação masculina*, Bourdieu esclarece que "a definição de excelência está, em todos os aspectos, carregada de implicações masculinas" (Bourdieu, [1998] 2002, p. 78). O homem como dominante reconhece o seu *modo particular de ser* como *universal*. Um modo que, segundo tal perspectiva, uma mulher jamais atingirá. Ou melhor, um modo de ser que uma mulher jamais terá a chance de atingir. Sem chances de atingir a "nobreza" masculina, as escritoras são vítimas da sofisticação dos mecanismos de exclusão realizada – consciente ou inconscientemente – pelos historiadores e críticos literários, que perpetuam as mesmas listas de eleitos para figurar a História da Literatura. Naturaliza-se essa exclusão no ensino e nas histórias de literatura que alunas e alunos aprendem nas universidades, antes de se tornarem correias de transmissão das mesmas exclusões, nas ementas que organizam para o alunado também das escolas de formação pré-universitária. Este consenso e naturalização devem ser permanentemente questionados, tendo em vista que a relação do campo literário com a literatura de autoria feminina é socialmente construída. Nesse sentido, a produção das escritoras só pode ser devidamente compreendida quando se explicitam as expectativas sociais, em particular as expectativas de escritores homens sobre a escrita literária. Como postulou o sociólogo francês Émile Durkheim (1895), essas expectativas coletivas são usualmente tão naturalizadas que, como uma segunda natureza, sequer são percebidas, exceto quando desafiadas ou quando se lhes tenta alterar o curso. Trata-se de uma coerção doce, porque sua força, embora se exerça de modo permanente, não se percebe. E, sendo coletiva, não é produto de vontades individuais, embora se manifeste nas ações de cada um. A luta da volição individual contra a expectativa do coletivo é desigual. O coletivo dispõe de recursos de coerção de toda sorte, quando vê a norma desafiada. Hoje desafiamos o que nos foi paulatinamente naturalizado, tornando possível a alteração do curso. Embora nosso objeto de estudo seja literário – literatura de autoria feminina –, e não interdisciplinar ou cultural, acredito ser possível dialogar com os estudos culturais, sem abrir mão da teoria literária e do exercício crítico. Se a história da literatura reproduziu seleções arbitrárias, por sua índole essencialmente falonarcísica e patricarcal,

ela também é um instrumento para reconstruir narrativas em novas perspectivas. Tal reconstrução, necessária, é um trabalho literário *e* político. O que se espera é que os trabalhos apresentados no Simpósio "Estratégias do feminino: literatura escrita por mulheres e resistência" abordem questões voltadas tanto para a estética das obras escritas por mulheres, quanto para questões sociológicas pertinentes ao âmbito da teoria feminista para pensar a exclusão das escritoras – segundo uma visão *falo-narcísica* e um *princípio androcêntrico*, para usar os termos de Bourdieu – e as estratégias do feminino no intuito de romper com a expectativa de gênero.

"Mulheres illustres do Brazil", de Ignez Sabino: a escrita de dicionários como forma de resistência

Antonia Rosane Pereira Lima (UEFS)

Resumo O presente estudo trata da literatura de autoria feminina, no Brasil, concentrando-se no período do século XIX, e objetiva investigar a contribuição deixada pela escritora Maria Ignez Sabino Pinho Maia (BA – 1853-1911) no âmbito dos estudos feministas e acadêmicos, com foco na produção literária escrita por mulheres. Para tanto, utiliza-se, como corpus de investigação, a obra "Mulheres illustres do Brazil" (1899), a qual elenca biografias e trechos de textos de dezoito escritoras que colaboraram para as letras brasileiras nos oitocentos. Essa coletânea representa um marco na história literária brasileira por se tratar de um projeto pensado, ainda no século XIX, sobre a importância de tornar os nomes de escritoras lembrados posteriormente, isto é, Ignez Sabino já possuía consciência de que a historiografia literária não daria a devida importância a tais escritos e, por isso, caberia às próprias mulheres tornar-se lembradas. Sobre as escritoras, Sabino tratou de nomes como Nizia Floresta, Maria Benedicta de Borghman (Délia), Rita Joanna de Souza, dentre outras, todas oriundas de diferentes regiões do país. A fim de embasar teoricamente o estudo, foi necessário recorrer a algumas pesquisadoras que versam, principalmente, sobre a exclusão de nomes de escritoras da historiografia literária oficial, questionando-se o apagamento que se fez em torno da literatura produzida por mulheres no século XIX. Algumas delas são: Ívia Alves (2001, 2005, 2012), Maria da Conceição Pinheiro

Araújo (2008), Sinéia Silveira (2014), Zilda Freitas (2002), Norma Telles (1990, 1992, 2017). Desse modo, constatamos o quão significativa foi a contribuição deixada por Ignez Sabino, especialmente por sua obra "Mulheres illustres do Brazil" ter influenciado na organização de outras obras com o mesmo objetivo, isto é, tornar os nomes de muitas escritoras brasileiras lembrados, estudados, divulgados.

A literatura menor de Beatriz Bracher

Regina Lúcia de Faria (UFRRJ)

Resumo A experimentação com a linguagem na obra ficcional de Beatriz Bracher é um dos pontos salientados pela crítica. Verifica-se esse caráter de experimentação na produção de uma prosa "absolutamente sem autoridade", alcançada através do "jogo focal com as pessoas verbais", conforme salientou Flora Süssekind, na irregularidade de acabamento de alguns contos, de acordo com as palavras de Alcir Pécora, no uso do clichê, evidente não apenas no título Meu amor (2009), primeira reunião de contos da autora, mas também nas narrativas que compõem o livro, como, por exemplo, nas palavras da mãe que, ao ver o filho preso, diz "foi uma facada no meu coração", "trabalhei a vida inteira pra não ter que ver filho meu terminar assim" ("João", 2009, p.48). Apesar de serem repetições ouvidas inúmeras vezes, as frases da personagem expressam a intensidade de seu sofrimento e de sua tristeza, percebida pelo filho, que, por sua vez, a rasura com outro clichê – "tenho uma vontade sem fim de morar em outro país, de me chamar Uélinton e não João" (2009, p.50). Por outro lado, a narradora de "Garimpo", conto que dá o título a livro publicado em 2013, anota que deveria um dia escrever mais longamente acerca dos clichês, já que havia percebido como, muitas vezes, "são originais no momento em que são ditos" (2013, p.91). De acordo com Gilles Deleuze e Felix Guattari, uma literatura menor não é aquela produzida numa língua menor, mas aquela que uma minoria faz numa língua maior. Como marcas de uma literatura menor, os filósofos franceses apontam a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo da enunciação. Levando em consideração o conceito de literatura menor configurado pelos filósofos franceses, em nossa comunicação

pretendemos fazer uma leitura de alguns contos de Beatriz Bracher, observando como os recursos anteriormente assinalados se articulam na escrita de risco da autora paulista.

A maternidade, voz e autoria negra como estratégia do feminino

Elisabete Nascimento (UFRJ)

Resumo A presente comunicação tem como tema a maternidade, voz e autoria negra como estratégia de resistência do feminino. Parte-se da ideia de que a maternidade foi tomada como um eficiente mecanismo de controle dos corpos femininos e, como em um círculo vicioso, o controle do corpo feminino permitiu o controle da maternidade. Como se observa, o controle de ambos (corpo e maternidade) permitiu a gestação e a manutenção do Patriarcado. Nesta perspectiva coercitiva, a maternidade é fornecida como uma premissa/atributo, um padrão cognitivo para o "sexo frágil". Este trabalho propõe fundamentar a maternidade como categoria conceitual complexa capaz de interpelar as imagens recorrentes da mãe negra e/ou mãe África e suas especificidades presentes em poemas de autoria feminina e as estratégias de insubordinação do feminino. Buscar-se-á investigar o aspecto paradoxal da maternidade, em especial, do corpo negro feminino que, no Brasil, foi a base da brasilidade, no período da escravidão, como mercadoria e fábrica de novos escravizados. Ou seja, é a maternidade negra compulsória, violenta e traumática que constrói, preponderantemente, o Estado brasileiro. Mas que estratégias se encontram expressas na Literatura? É hipótese dessa abordagem que a maternidade assume uma perspectiva epistemológica, gnosiológica e mnêmica capaz de interpelar os traumas que se impõem, de forma doxal e cristalizada aos corpos femininos expressos numa lírica de maternidade e maternagem, bem como é possível investigar como o poder incide sobre estes corpos para o apagamento e/ou imposição da memória e a capacidade de insubordinação; o que se compreende conceitualmente como maternoparadoxia. Serão operacionalizadas, em uma perspectiva interseccional, contribuições conceituais de Franz Fanon, Bell Hooks e Marimba Any sobre as coerções, imposição do complexo de inferioridade, do trauma imposto aos corpos negros e a capacidade se insubordinarem.

A representação do corpo feminino e a violência contra a mulher em *Sangria*, de Luiza Romão

Andressa dos Santos Vieira (UFES)

Resumo *Sangria* (2017) é um livro composto por poemas, da poeta, atriz e slammer Luiza Romão, que traz um calendário que relata os 28 dias do ciclo menstrual, as certezas e as incertezas que esse período impõe ao corpo e, consequentemente, à vida de uma mulher, pois a cada vez que ele acontece pode representar o estabelecimento de uma gravidez ou a chegada da menstruação e com ela as dores e as alterações físicas e emocionais que costumam fazer parte desse processo. A representatividade do corpo feminino marca presença na escolha da imagem que estampa a capa do livro, foto de uma vagina, na escolha do seu título, composto por um único substantivo feminino, sangria, e nos poemas e imagens que compõem a obra, buscando ilustrar a individualidade e a condição de ser mulher. Pensando nisso, faz-se importante apresentar a forma como o corpo feminino vem representado na obra através da análise de alguns dos poemas que representam os 28 dias referentes ao ciclo menstrual e do diálogo estabelecido entre esses textos, as imagens que ilustram o livro e as questões históricas, políticas e sociais que contribuíram, e ainda contribuem, para a consolidação da condição de subalternidade da figura feminina no seio da sociedade brasileira, pautada pelo patriarcalismo, e que colaboram imensamente para o surgimento e para a manutenção das diferentes formas de submeter as mulheres às situações de opressão e violências.

A resistência ao silenciamento da mulher na poesia de Rupi Kaur e Ryane Leão

Fernanda Barroso e Silva (UFJF)

Resumo Em uma sociedade respaldada por valores historicamente patriarcais, as mulheres, reservadas a espaços de pouca expressão, vislumbram a literatura como instrumento de luta e resistência. Nessa perspectiva, destacam-se as inúmeras rupturas presentes na construção do feminino e de sua identidade, fato que perpassa

âmbitos diversos, ressaltando, assim, a relevância e a necessidade de considerar aspectos sociológicos e culturais ao se analisar a literatura de autoria feminina. É essencial postular que o campo literário, para a crítica feminista Lúcia Zolin (2019), deve ser compreendido como um território contestado: há uma busca por territorialização frente à exclusão histórica vivenciada por esse grupo. Considerando esses pontos, este trabalho tem por objetivo analisar, em diálogo, as obras Outros jeitos de usar a boca, de Rupi Kaur, e Tudo nela brilha e queima, de Ryane Leão, as quais reúnem poemas que apresentam uma linguagem altamente simbólica por meio de palavras e suas materialidades, para proporcionar a leitura de diversos sistemas que se interconectam. Diante de um cenário em que os homens se colocam como figuras dominantes e anulam a mulher, são necessárias estratégias para desenvolver questionamentos acerca dessa coerção e, assim, alcançar autonomia – aspectos presentes nas autoras mencionadas. Desse modo, a riqueza das construções de Kaur e Leão juntamente à valorização da herança de mulheres ancestrais e da identidade feminina resulta não só em reconhecer as dificuldades do 'ser-mulher', como também em um despertar de resistência e luta. Observar como os poemas são construídos permite visualizar o modo como rompem com o constructo patriarcal e como propõem (re)construir novas histórias para as mulheres que conquistam voz e assumem a posição de autoras de suas próprias histórias e vidas.

A resistência nos versos de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento

Fernanda Oliveira da Silva (UFRJ)

Resumo Repensar as posições que as mulheres ocupam em uma sociedade patriarcal e com base colonizadora é a principal reflexão após a leitura dos poemas de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento. Nesse sentido, notou-se que há algo em comum nos versos escritos em Moçambique e nos escritos no Brasil. As escritoras demonstram, através das palavras, a resistência que o corpo negro feminino ainda precisa ter para sair da situação de subserviência que sempre foi imposta e, com suas escritas, quebram a objetificação da mulher feita pela literatura masculina. Pareceu-nos adequado, para este breve

estudo, a ressignificação dada por María Lugones para o conceito de "resistência" no ensaio Rumo a um feminismo decolonial. E, a partir dos diálogos com as teorias de bell hooks, Spivak e Simone de Beauvoir, iniciamos este estudo discutindo a angústia das vozes líricas e o possível vínculo entre a literatura moçambicana e a literatura afro-brasileira. Com o auxílio das teóricas citadas acima, analisamos como a escrita feminina negra denuncia a escravidão, a pobreza, a desigualdade, o racismo e as explorações do corpo da mulher negra.

Da arte como resistência: a mulher que (se) escreve

Tatiana Alves Soares (CEFET-RJ)

Resumo Maria Teresa Horta constitui-se numa das principais vozes da poesia feminina portuguesa do século XX. Com uma produção poética surgida durante a ditadura salazarista – o seu primeiro livro, *Espelho inicial*, data de 1960, sendo seguido por *Tatuagem* (1961), *Minha senhora de mim* (1971), dentre outros –, sua escrita revela-se duplamente transgressora, ao desafiar limites estipulados à mulher por uma sociedade patriarcal e em um contexto ditatorial. Sua participação no Movimento Feminista de Portugal alia-se à publicação, em coautoria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, das *Novas cartas portuguesas*, em 1972, obra de grande repercussão na época. A obra de Maria Teresa Horta traduz-se naquilo que se designa como escrita feminina, aqui entendida como escrita que fala do corpo feminino a partir da recusa à perspectiva masculina e tradicional de abordagem. Escrita marcada pela materialização do corpo feminino, do desejo, e da negação das amarras impostas à mulher. Escrita de feição feminista, o que fez com que o livro *Minha senhora de mim* fosse retirado de circulação, numa perseguição que não se limitou ao cerceamento ideológico: a autora foi brutalmente espancada na rua por três homens, na época, numa indicação do incômodo representado por suas ideias. Relembrar o regime salazarista implica não apenas desvendar o discurso da ditadura, mas também de tudo aquilo que se tentava silenciar. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo uma análise da obra *Minha senhora de mim* à luz da transição da figura feminina de objeto para sujeito do desejo, numa recusa aos valores estabelecidos e ao silenciamento imposto à mulher de então.

De musas a autoras: o processo de ressubjetivação do feminino na poesia de Gilka Machado

Suzane Morais da Veiga Silveira (UFRJ)

Resumo Na mitologia grega, as nove musas representavam deusas irmãs inspiradoras da criação artística, filhas de Mnemosine (Memória). Conforme aponta Brito Broca em As mulheres na literatura brasileira (1953), esse paradigma do feminino como musa ou deusa irreal "inspiradora dos poetas" foi recuperado por movimentos literários oitocentistas (como o Romantismo e o Parnasianismo), simbolizando verdadeiro entrave para a autoria das escritoras na passagem do século XIX para o XX: se, por um lado, aquelas que ousaram escrever tinham que se defrontar com a imagem cristalizada da mulher na literatura, comumente associada a ideais de passividade e de pureza; por outro lado, as autoras travaram uma luta para redescobrir uma voz feminina silenciada sob a imagem da musa distante, muda e impassível. Desse modo, temos como objetivo investigar como a escritora carioca Gilka Machado (1893-1980) empreende, nas primeiras décadas do século XX, um questionamento ao modelo tradicional da musa na poesia por meio de um processo de ressubjetivação do feminino, recorrendo a figuras de mulheres transgressoras presentes no imaginário ocidental e que surgem em seus poemas como metáforas da autoria feminina, destacando-se Lilith, Salomé e Sherazade. Assim, enfatizamos a análise sobre as estratégias textuais de resistência ética e estética utilizadas pela autora perante a deslegitimação da literatura produzida por mulheres, como a atribuição da marca do feminino à voz poética, colocando a mulher como sujeito do ato enunciativo; a exploração da temática da natureza enquanto refúgio poético do feminino, abordando certo sentimento de mal-estar civilizatório das mulheres em uma sociedade profundamente misógina e patriarcal; e a presença de uma sexualidade pulsante, sendo o corpo feminino o locus da criação literária. Para embasar teoricamente a pesquisa utilizamos a contribuição das pesquisadoras Norma Telles em "Autor+a" presente em *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura* (1992) e Shira Wolosky em *Feminist theory across disciplines* (2013).

Desejo e envelhecimento do corpo lésbico nos poemas de Rita Moreira

Carla da Silva Miguelote (UNIRIO)

Resumo O presente trabalho pretende observar como se apresentam o desejo e o envelhecimento do corpo lésbico nos poemas de Rita Moreira. Em diálogo com o pensamento de Audre Lorde, Adrienne Rich e Helène Cixous, trata-se de pensar a relação entre erotismo e escrita de autoria lésbica como uma forma de resistência ao patriarcado e ao falocentrismo. Se, como diz Cixous, as mulheres foram violentamente afastadas tanto da escrita quanto de seus corpos, escrever a experiência erótica torna-se um gesto duplamente potente. Mais conhecida pelo seu trabalho como documentarista, Rita Moreira é também autora de quatro livros de poemas - *Maria morta em mim* (Martins, 1963), *A hora do amor maior* (Martins, 1965), *Perscrutando o papaia* (Brasiliense, 1999) e *Coração de ontem* (RG Editores, 2015). Aos 75 anos, dedica-se, agora, à organização de uma pequena antologia, Poemas sáficos e alguma filosofada, com uma seleção de textos de seus dois últimos livros e mais alguns poemas inéditos. Tendo sido pioneira da abordagem lésbica no audiovisual, sobretudo em seus primeiros vídeos – *Lesbian mothers* (1972) e *Lesbianism-feminism* (1974) –, a autora assume novamente um pioneirismo, ao enfrentar, na escrita poética, o tabu de tratar abertamente da sexualidade e da lesbiandade na terceira idade, como se vê na seguinte estrofe do poema inédito "Não pude te conquistar": "Queres massa muscular / (queridinha, a essa altura?). / Odiei você depilar / logo abaixo da cintura, / mas gostei de me espetar / na sua graminha dura". Militante lésbica e feminista, Rita Moreira está longe de trazer para seus poemas a linguagem panfletária, da austeridade política e das palavras de ordem. A intervenção política aqui é de outra ordem. Com humor e irreverência, a poeta fura três camadas de invisibilização: assume o papel de sujeita do desejo erótico, como mulher, lésbica e idosa.

Em busca de Clarice

Eliane Terezinha do Amaral Campello (FURG)

Resumo Em sua obra, *Vésperas* (2002), a escritora brasileira, Adriana Lunardi (n. 1964), ilumina os momentos que antecedem a morte de nove escritoras de países e de períodos históricos diversos. Lunardi ficcionaliza como elas sentiriam, pensariam e agiriam frente à morte, embora no final do livro ela inclua alguns dados biográficos acerca de cada uma das escritoras. Esses textos híbridos abrangem novos paradigmas, que se entrelaçam com algumas características do Künstlerroman de autoria feminina. Em "Clarice" (p. 65-78), diferentemente dos demais contos, Adriana a desenha por meio do olhar de uma jovem que, em atos de resistência (SCHMIDT, 2012) às "sublimes intenções patriarcais" (p. 71), deseja (per)seguir os passos de Clarice, o que dá sustentação ao sentido simbólico de uma genealogia feminina na arte da écriture.

Eu-louca: loucura e gozo em Carla Diacov e Cláudia R. Sampaio

Otavio Campos Vasconcelos Fajardo (UFMG)

Resumo Na *História da Loucura*, Foucault (2008) afirma que só quem escreve poemas ou enlouqueceu pode chegar à língua, como se conta um segredo. Foucault aponta a relação da loucura com a clínica e as tecnologias de exclusão que propiciaram o surgimento do louco no Ocidente. Além disso, o filósofo pontua como as práticas de excluir o excedente louco da sociedade operam sobre os discursos e a própria língua. O que acontece quando nos deparamos hoje com uma poética que se afirma enquanto encoberta pelo véu da doença mental? Se os processos de exclusão ocorrem também na linguagem, barrando seus excessos, propomos um pensamento a partir do avesso disso. Como pensar uma poética que esteja fundamentada no uso excessivo das linguagens e seus meios? O que é possível ver na língua que se dá a partir do lugar ambíguo da doença mental? São essas perguntas que nos levam a duas poetas atuais: Carla Diacov e Cláudia R. Sampaio. Brasileira e portuguesa, respectivamente, aproximam-se não apenas pela língua, mas pelo fantasma da loucura que irrompe tanto em suas

vidas quanto nas produções artísticas. Ambas estiveram em instituições psiquiátricas, e partem dessa experiência para a construção de seus trabalhos. O "eu" nos poemas, assim, apresenta uma dupla inscrição: constrói a imagem da poeta louca ao mesmo tempo que faz a loucura vibrar textualmente nas obras. Tal partícula, chamada "eu-louca", é o que pretende-se investigar. Além de dupla, outra característica dessa inscrição é ser feminina, independente do gênero de quem a produz, por isso se mostra relevante valermo-nos dos estudos acerca do feminino da linguagem, como os propostos por Branco (1994) e Lacan (1985) para pensarmos tal linguagem, que desestabiliza a ordem e se encontra além, como um gozo a mais.

Indagações Poéticas em "Parindo Poesia" de Cristiane Sobral

Karen Katiúcia Oliveira Leite (UNIMONTES)

Resumo O que se propõe com esse trabalho é uma análise reflexiva do poema Parindo poesia, presente no livro *Não vou mais lavar os pratos* (2010) de Cristiane Sobral, que permite-nos refletir acerca das indagações poéticas acerca do processo de escrita feminina negra. Em se tratando de uma voz que ecoa poeticamente para rasurar e combater tessituras preconceituosas, Cristiane Sobral é uma poeta que não economiza tinta para ferir o machismo e o racismo. Sobral ironiza e é destituída de qualquer pieguice utilizando uma linguagem ousada e motivadora buscando inspirar mulheres a se reconhecerem, se aceitarem e se posicionarem diante do preconceito. Seus textos mesclam a suavidade e a crítica transgredindo as representações estereotipadas, provocando o leitor, e sempre deixando-o com uma reflexão. Em Parindo poesia, Cristiane traz para a cena a mulher negra como mãe da palavra, criadora e dona do seu discurso. A escritora aponta para as travessias do eu-lírico que rompe com os silêncios pré-estabelecidos, se reinventa e abre caminhos, desvelando a força da mulher que é protagonista e dona de si, haja vista a sua figuração no poema como uma mulher inteira e empoderada. Quanto ao aspecto metodológico, este estudo tem como base uma pesquisa bibliográfica, pois sua elaboração é baseada em materiais já elaborados e publicados, como livros e textos críticos. Como suporte teórico, buscou-se os preceitos de Antonio Candido (1981), Zahidé Muzart

(1995), Eduardo de Assis Duarte (2011), Zilá Bernd (1988), Mary del Priore (2015), Regina Dalcastagnè (2005), entre outros. Esta proposta se vincula a uma pesquisa mais ampla, no âmbito do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, onde se investiga a representação da mulher negra na poesia da escritora Cristiane Sobral, buscando refletir acerca da utilização da palavra como um mecanismo de ressignificação, a partir da escrita subjetiva do eu-lírico feminino afro-brasileiro.

Invadindo o corpo negro

Elen Karla Sousa da Silva (UFRGS)

Resumo Este artigo apresenta como objetivo analisar a representação do corpo negro na literatura de Conceição Evaristo. A autora intenciona representar os sujeitos que vivem à margem, sobretudo mulheres negras, de um modo mais realista, pretendendo revelar em suas narrativas a representatividade do outro. Segundo Evaristo, "[...] A visão do corpo negro como 'coisa' desprovida de qualquer subjetividade deixou as suas reminiscências na literatura brasileira. Encontramos ainda textos em que metaforicamente o negro surge aprisionado por um olhar que insiste em considerá-lo como o estranho, o diferente, o Outro. O corpo negro aparece como um simples objeto a ser descrito" (EVARISTO, 2009, p.23). Ao longo da história, as mulheres foram esquecidas, silenciadas e sobre o corpo feminino pesa a função da reprodutividade, além de ser encarado como objeto de desejo, como se fosse um objeto público: "[...] fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade" (PERROT *apud* MATOS, 2003, p. 13). Em Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano, Kilomba (2019) menciona o uso da máscara e nos faz refletir sobre a linguagem e a capacidade de enunciação do negro que foram rompidos pelo processo escravista e permanecem sendo violentados pelo racismo. De acordo com Kilomba (2019), tornar-se muito negra pode ser relacionado à noção de regresso ao primitivo, havendo, desse modo, uma vinculação entre a consciência racial e a descolonização do corpo negro, assim como o

controle do mesmo. No intuito de se distanciar desse controle, mulheres negras se inserem em um processo de branquitude aderindo a padrões "brancos" de beleza, fugindo, assim, de um contexto violento que oprime. Ademais, recorremos da compreensão de Gonzalez (1984) sobre o corpo da mulher negra e como sistematicamente o racismo aflige violenta e particularmente o corpo feminino negro.

Maria Firmina dos Reis: mulher e a resistência no século XIX

Tatiane Carvalho Morais (UFJF)

Resumo Maria Firmina dos Reis viveu num período da história nacional em que não havia uma identidade literária definida como modelo, e sim, uma busca pela formação de um cânone. Encontra-se neste ponto a literatura abolicionista de Maria Firmina, que mesmo diante das limitações fez de sua escrita uma arma política contra o regime escravocrata brasileiro. Ela relatava em sua obra a maneira como escravos e mulheres eram tratados no século XIX. Era a luta das vozes feminina e escrava. Era a voz-liberdade na obra de uma mulher que contra todas as vertentes escrevia. Ao considerarmos os aspectos e particularidades do período, identificamos uma escrita que trata de um processo de luta pela libertação de negros e mulheres através de um olhar de compaixão e irmandade. Através da leitura e análise da obra Firminiana percebe-se uma literatura que se molda pelo movimento de concessão do lugar de voz. A autora retrata e representa a voz e a identidade negra. Trata-se de uma escrita abolicionista em contexto adverso. Neste momento dois contornos se formam: a mulher que expressa sua voz e deixa o lugar de subalternidade; a luta pela abolição que faz da voz feminina de Firmina instrumento de luta e resistência. A reflexão da mudez feminina e escrava dentro da obra de Maria Firmina dos Reis vai além das questões idealistas, trata-se de uma questão de humanidade e de busca por igualdade entre semelhantes. O conto A escrava de 1887, por exemplo pode ser concebido como um efetivo exercício de fala e de reposicionamento da mulher e do negro dentro do espaço social. Neste sentido busca-se neste trabalho a análise da obra de Firmina dos Reis, considerando o percurso do eu literário feminino e os problemas enfrentados pela mulher, especialmente, negra, escritora, e que faz uso de estratégias

para expressão de sua literatura, elevação de sua voz e para fazer-se presente numa sociedade que a coloca as margens.

Memória e resistência combativa frente a violência de gênero: uma análise dos contos de Diez mujeres, de Marcela Serrano

Bruna Stéphane Oliveira Mendes da Silva (UFMG)

Resumo Desde o lugar de silenciadas da história, as mulheres, excluídas do poder hegemônico, tiveram, durante muito tempo, sua escrita marginalizada. O que vem se modificando a partir da literatura produzida por nossas contemporâneas, junto com o crescimento de um vasto campo de discussões sobre as mais diversas questões relacionadas a escrita de autoria feminina. Tema este que por seu destaque relativamente recente oferece ainda várias possibilidades de estudo. Assim, dada a importância e a urgência do assunto, este trabalho se propõe a enveredar-se pelos caminhos da escrita de mulheres, abordando alguns importantes aspectos ainda pouco estudados. A análise consistirá em um estudo dos contos de *Diez mujeres* (2011), da escritora chilena Marcela Serrano, a partir dos conceitos de memória, violência e resistência, discutidos por autores como Aleida Assmann, Jeanne-Marie Gagnebin, Márcio Seligmann-Silva, Jaime Ginzburg, Karl Erik Schøllhammer, Hanna Arendt e Heleieth Saffioti. Pretende-se analisar quais são e sobre quais perspectivas se constroem as identidades femininas nos contos; refletir sobre os possíveis imbricamentos entre violência e relações de poder identificáveis nos textos; pensar o papel da memória como veículo capaz de impedir a repetição do horror; além de verificar se, ao retratar a violência, são adotadas estratégias que a exponham como algo condenável; bem como pensar o lugar da literatura enquanto mecanismo para uma resistência combativa frente a atos violentos. Compreendendo que a perspectiva a partir da qual estas narrativas partem influencia em sua construção, esperamos identificar uma linguagem feminina emancipada do masculino universal; além de conexões entre violência e relações de poder, passando diretamente pelo corpo; um trabalho com a memória disposto não apenas a romper com o silêncio, como também a evitar a repetição do horror; bem como estratégias narrativas que visem esboçar uma resistência combativa frente a violência.

O Bildungsroman escrito por mulheres latino-americanas: *O pardal é um pássaro azul* de Studart e *Estaba la pájara pinta sentada en el verde limón* de Ángel

Juana Sañudo Caicedo (UFSCar)

Resumo Este trabalho é uma proposta comparativa entre dois romances que tratam sobre tempos políticos de exceção: *Estaba la pájara pinta sentada en el verde limón*, da colombiana Albalucía Ángel, e *O pardal é um pássaro azul*, da brasileira Heloneida Studart. Essas obras colocam o lugar do Bildungsroman escrito por mulheres latino-americanas sob circunstâncias de exceção política, ou seja, em ditaduras, ao mesmo tempo em que insistem no papel dos corpos e suas representações como chave para chegar a uma nova conceptualização de romance das torções. Dessa maneira, temos uma volta aos corpos, mostrando a bio-política na qual estão inseridos além da violência e da torção, do trauma e do luto, os locais de onde a Literatura se eleva como luta permanente, como ruína, arquivo e memória para encher as gavetas vazias do esquecimento histórico e também estético.

O desfolhar-se lírico na poesia de Cecília Meireles e Gilka Machado

Bruna de Almeida Pereira (UFF)

Resumo Na cultura ocidental, a natureza é percebida em um patamar de exterioridade para com a vida humana. Assim, delineia-se uma relação hierárquica na qual a vida vegetal é concebida como subjugada à humana. O Sistema da Natureza (1735) compilado por Carl Linné, no qual elabora um sistema de classificação para as plantas até então conhecidas e as ainda não descobertas, contribui para uma tradição que configura a vida vegetal como objeto que demanda a interferência do homem, especificamente dos naturalistas, para sua ordenação. Em concomitância, denota-se que a classificação das plantas deu aporte para outras dominações como as raciais, de gênero e de classe. Portanto, percebe-se a valorização da ciência natural como campo elucidativo e nominativo, que converge na estrutura colonial de poder. Isso posto, propõe-se a discussão da presença

da flora em poemas selecionados de Cecília Meireles (1901 -1964) e Gilka Machado (1893 - 1980), a fim de perceber, a partir de um viés decolonial, a relação entre humano e natureza, assim como a representação do feminino em diálogo com a flora presente nessas poéticas. Conforme posto por Octavio Paz (2012) "O poema é mediação entre a sociedade e aquilo que a funda. [...] nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos. "(p. 49); desse modo, o convite a ser o que somos, na poesia, caracteriza sua força de recriação que nos leva a outra forma de percepção, delineando uma desconstrução linguística que é também desconstrução epistemológica, necessária ao pensamento decolonial para reverter uma ditadura do olhar, instaurada pela figura do naturalista. Para tanto, propõe-se discutir de que forma a vida vegetal, em poemas selecionados das poetas brasileiras Cecília Meireles e Gilka Machado, convidam à percepção da aproximação sensível entre humano e natureza.

O Ulisses Negro de Toni Morrison: a jornada homérica em "Voltar Para Casa"

Lucilia Teodora Villela de Leitgeb Lourenço (UFMS)

Resumo A obra a ser estudada nesse trabalho é o romance assustador *Home*, de Toni Morrison (2012), publicado nos Estados Unidos pela Vintage International. Esse livro trata de uma história; a de retorno à casa depois da guerra da Coreia na década de 1950 sobre uma geração de veteranos e migrantes negros do Sul ao longo de uma década supostamente tranquila. A tradução, *Voltar Para Casa*, feita por José Rubens Siqueira e publicada pela Companhia das Letras em 2016, apresenta a loucura de um veterano da referida guerra, o qual retorna ao lar com graves consequências psicológicas que destroem sua vida. A autora explora as tensões raciais de um país preconceituoso, em que os protagonistas são anti-heróis, cuja loucura na família está associada à guerra. Toni Morrison apresenta uma narrativa perturbadora clássica de discriminação com temáticas de gênero e raça contendo abuso infantil praticado por um dos soldados. É inegável que esse romance detém uma técnica para a exploração do Classicismo de Morrison; é uma crítica à guerra (*Ilíada*) e o pós-guerra (*Odisséia*), em que a autora protesta sobre o trauma oriundo dela, com provisões

inadequadas com veteranos traumatizados e faz alusão à forma legalizada dos anos 1950 como nas décadas anteriores, quando Frank Money reconhece a cidade de Lotus como seu verdadeiro lar e simultaneamente o local de sepultamento de um homem assassinado. A autora retrata ainda o estado da Georgia, a presença do dialeto African American Vernacular English e coloca o referido estado como o mais racista dos Estados Unidos em que cresceu o falecido Denard. As sombras de Aquiles e Heitor, cujo sepultamento encerra a Odisséia homérica, são representadas em *De Volta à Casa* pelo sepultamento de Denard, também encerrando o texto literário. A proposta dessa comunicação é fazer um paralelo com as obras clássicas Ilíada e Odisséia, cujas temáticas se aproximam, denotando um grau de releitura e de recriação das obras homéricas por parte de Morrison.

Os estereótipos de gênero em Mutola, de Paulina Chiziane

Nathália Rangel de Matos (UFRJ)

Resumo Este trabalho tem como objetivo a análise do conto Mutola, de Paulina Chiziane, a partir da figura feminina e o estereótipo construído socialmente sobre o que é ser mulher no espaço em que a personagem está inserida. A autora, através do universo ficcional, nos permite compreender as críticas à sociedade moçambicana com base nas vivências femininas, questiona os espaços destinados às mulheres de Moçambique e evidencia a forma desigual em que vivem em relação aos homens. Paulina Chiziane, a primeira mulher moçambicana a publicar romances, invade um cenário majoritariamente masculino e recebe inúmeras críticas ao abordar temas que não eram tratados, como, por exemplo, os conflitos sociais entre a tradição e a modernidade, a cristianização, lobolo, poligamia, além de questões de gênero, que, denunciam a situação vivida pelas mulheres moçambicanas dentro de um contexto patriarcal e faz críticas à hipocrisia da burguesia de Moçambique. Assim, com o suporte teórico de Simone de Beauvoir, bell hooks e da pesquisa da moçambicana Isabel Casimiro, pretendemos observar de que forma os estereótipos de gênero são construídos e apresentados no conto evidenciando os seus efeitos à vida das mulheres.

Os estereótipos do feminino em *Neighbours*, de Lília Momplé

Nathalia Guedes de Araújo (UFRJ)

Resumo A presente comunicação objetiva apresentar, por meio de uma breve análise das personagens femininas do romance *Neighbours*, da escritora moçambicana Lília Momplé, os estereótipos femininos que são representados na obra. O intuito da abordagem, além de traçar um panorama comparativo das personagens, é promover um debate, voltando o olhar para a composição das figuras femininas em meio ao enredo da obra que tem como pano de fundo a cidade de Maputo de 1985. Nesse período, Moçambique se encontrava sob a influência do Apartheid que se observava fortemente presente na sua "vizinha" África do Sul e é desse contexto que se retira a motivação para o título da obra. Retratando o painel cultural moçambicano, múltiplo, a escritora, no momento em que apresenta ao leitor protagonistas provenientes de realidades diversas, denuncia, nas entrelinhas, que algo em comum as une: a submissão aos estereótipos construídos socialmente. O propósito dessa apresentação é analisar de que forma, na voz da personagem mais nova (Muntaz), Lília vai inserindo um discurso de resistência e consciência do ser feminino sobre si mesmo e, ainda mais, acerca do sistema do qual está inserido, e pelo qual foi construído. Para tecer as observações e guiar nossa análise, contaremos com as reflexões de Simone de Beauvoir, bell hooks, Michelle Perrot, Chimamanda Ngozi, Judith Butler, Paulina Chiziane, Rebecca Solnit, Stuart Hall, Pierre Bourdieu, entre outros.

Realidades e gêneros (in)críveis na poesia

Jucilene Braga Alves Mauricio Nogueira (UFRJ/CEFET-RJ)

Resumo Boa parte da discussão acerca dos estudos de gênero reside na angustiante e necessária instabilidade de suas representações. Butler afirma que o gênero "é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos" (2015). Se os atos performáticos, segundo a autora, conservam em si a estilização de suas representações, chama-nos a atenção a estilização de uma linguagem que já é estilizada,

a poética, na recriação dessa performance. Assim, poderíamos pensar em uma espécie de performatividade lírica realizada não só por elementos linguísticos, mas também pela abordagem que se pretende dar aos temas. Se a repetição dos atos, gestos e desejos contribui para conferir-lhes status substantivo de algo natural, sem genealogia e a paródia ou o pastiche podem ser entendidos como ameaças à estabilidade dessas configurações, como a linguagem poética pode atuar como uma espécie de construção dramática e contingente de significações? Nessa perspectiva, este trabalho buscará estabelecer um diálogo entre a teoria performativa proposta pela autora e uma leitura da poesia contemporânea de autoria feminina que tenha como presença temática o corpo, a sexualidade e as representações de gênero. Em um recorte lírico inicial, traremos poemas selecionados da poeta Angélica Freitas, em sua obra Um útero é do tamanho de um punho (2013). No entanto, pretende-se, ao longo da pesquisa, ampliar esse corpus em busca de uma linha investigativa possível para os estudos contemporâneos.

Representações do corpo nas escritas de autoria feminina no Brasil

Euridice Figueiredo (UFF)

Resumo Pretendo mostrar como as escritoras brasileiras têm enfatizado a representação das vicissitudes do corpo, tanto no sentido de seu funcionamento (menstruação, TPM, envelhecimento) quanto a carga de violência simbólica e física que esse corpo sofre numa sociedade misógina. A partir da minha experiência de leitura de mais de 100 escritoras brasileiras para a elaboração do meu livro Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras, proponho demonstrar que houve transformações importantes no cenário da literatura brasileira.

Serendipidade: ferramenta de resistência para o protagonismo feminino negro

Tais dos Santos Abel (UFRJ)

Resumo A palavra Serendipidade vem lutando por um lugar nas áreas das literaturas, tendo em vista que ela já é bem representada na área científica e jurídica. Saber, a priori, que serendipidade está relacionada a descobertas incríveis que acontecem ao acaso, o presente trabalho possui corpus ficcional pertinente à discussão sobre esta palavra. Trata-se do livro Insubmissas lágrimas das mulheres, da brasileira Conceição Evaristo, e Niketche, da moçambicana Paulina Chiziane. No primeiro livro, algumas personagens femininas passam por grandes descobertas promovidas pelo acaso. Cito como exemplo a personagem Isaltina Campo Belo, cujo conto leva seu nome. Já no segundo livro, a partir de uma situação aparentemente corriqueira, acompanhamos uma radical transformação na vida da protagonista Rami. Tal transformação é vista aqui como resultante da serendipidade, sobretudo, em função do processo de conscientização detonado pelo acaso na vida da personagem.

Uma conversa entre Jane Eyre e Re Jane: feminismo e decolonialidade

Yasmin de Souza Tosta (UFPR)

Resumo Esta comunicação busca promover o encontro do clássico "Jane Eyre", escrito por Charlotte Brontë em 1867, com sua releitura pós-moderna, "Re Jane" de autoria de Patricia Park, 2015. Se por um lado a primeira protagonista insere-se em um contexto protofeminista (FELSKI, 2003), no qual os direitos das mulheres começavam a discutidos na Europa, já a segunda protagonista, essa está submersa em sociedade pautada por discussões de gênero, mas não somente, questões acerca de raça, no segundo, são cruciais. Pensando na terceira onda feminista, e assim, na decolonialidade (LUGONES, 2020), Re Jane é uma personagem que procura sua identidade, coreana-americana, criada no Flushing (Queens), em Nova York, ela vive o dilema de não compreender sua origem e a si mesma. Ela ocupa o que

Bhabha (2013) chama de "entre-lugar". Logo, o encontro entre essas Janes proporciona uma análise comparada da figuração de ambas as personagens (REIS, 2015), ou seja, a composição de cada uma, além da possibilidade de compreender os contextos sociais e históricos que as duas narrativas abordam. Ademais, este estudo comparativo analisa as implicações do original na releitura contemporânea de Patricia Park. O que Re Jane tem a dizer a Jane Eyre, e vice-versa?

Simpósio 32
Estudos do gótico: adaptações, apropriações, intermidialidade e transdisciplinaridade

Claudio Vescia Zanini (UFRGS)
Renata Philippov (UNIFESP/UNESP)

Resumo A transdisciplinaridade, entendida como ruptura entre disciplinas ou áreas do conhecimento estanques, é, segundo Nicolescu (1994, p. 2-3, *apud* SANTOS, 1995, p. 2), "uma atitude rigorosa em relação a tudo o que se encontra no espaço que não pertence a nenhuma disciplina", e, assim, está no cerne da literatura gótica, bem como perpassa toda a sua fortuna crítica. Apenas dessa forma é possível começarmos a compreender as dicotomias nas quais o gótico está calcado: "empírico e transcendental, liberdade e disciplina, espírito e espectro, o eu e o outro, a norma e o monstro, a consciência e o inconsciente, progresso e regressão, mente e corpo, luz e trevas, superfície e profundidade, o mesmo e a diferença." (BOTTING e EDWARDS, 2013, p. 16). O gótico se presta abertamente a articulações de abordagens diversas que se complementam e contradizem, o que corrobora seu caráter marginal, híbrido e complexo. 'Gótico' é um adjetivo pátrio que com o tempo passou a descrever um estilo arquitetônico, uma escola da pintura clássica, um conjunto de diversas obras literárias surgidas desde a segunda metade do século XVIII, e que hoje é empregado em contextos tão múltiplos quanto a música, a moda, os quadrinhos e o cinema. A **estética negativa** (BOTTING, 2004. Grifo nosso) que pauta o gótico opera através de imagens, tropos e esquemas facilmente reconhecíveis e presentes em diversas manifestações artísticas que abarcam *O Castelo de Otranto* de Horace Walpole (1764), *Jane Eyre* (1847) e *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), as obras mais significativas das irmãs Brontë, o cinema de Alfred Hitchcock, as produções da Universal Studios dos anos 30 e da Hammer entre os anos 50 e 70, bandas como Iron Maiden e Exit Dune, as criações do estilista Alexander McQueen (1969-2010), séries de TV tais como *Contos da Cripta* (1989-1996), *American Horror Story* (2011-), *The Walking Dead* (2010-), *Les Revenants* (2012-2015) e *Contos do Edgar* (2013), a turma do Penadinho de Maurício de Souza, o videoclipe de *Thriller*, de Michael Jackson (John Landis, 1982), e a telenovela brasileira, como nos casos de *Vamp* (Antônio Calmon, 1991) e *O Beijo do*

Vampiro (Antônio Calmon, 2002-2003). Se por um lado tal universalidade faz com que parte da *intelligentsia* reduza o gótico por seu caráter dito formulaico e seu inegável apelo popular enquanto cultura de massas, por outro lado ela assegura a fluidez do gótico para as mais diversas mídias e expressões artísticas, o que configura fértil campo para pesquisa e análise. Tal versatilidade contribui para entendermos a sobrevivência do gênero a mudanças sociais, políticas e geográficas, o que se evidencia através de suas inúmeras subdivisões contextuais, tais como o vitoriano, o vitoriano *fin du siècle*, o *Southern American*, o canadense, o tropical (SERRAVALLE DE SÁ, 2010), o *queer*, o *cyber*, o global, além das recentes explorações acerca das diferenças entre o gótico no Brasil e o gótico brasileiro (BARROS, 2016). Não é por acaso que obras exponenciais como *Frankenstein* (1818), *O Médico e o Monstro* (1886) e *Drácula* (1897) tenham se tornado acessíveis até mesmo a quem nunca as leu, com incontáveis processos de adaptação, apropriação, facilitação, pastiche, paródia, referência, farsa, travestismo, transposição, revisão, reescrita e imitação (SANDERS, 2006, p. 18) ao longo das décadas. Portanto, este simpósio pretende acolher propostas que abarquem a complexidade da ficção gótica a partir de perspectivas transdisciplinares através da abordagem comparatista entre textos-fonte e textos de chegada, sejam eles literatura-literatura ou literatura e outras mídias e expressões artísticas (música, artes visuais, dança, quadrinhos, cinema, séries) ou através da articulação de diferentes áreas do conhecimento, tais como a psicanálise, estudos feministas, *queer* e pós-coloniais, historiografia, ou com foco nos processos de adaptação do gótico a contextos geográficos e sociais diversos do europeu, tais como as Américas (sobretudo o Brasil), a Ásia, a África e a Oceania.

A criação da mise en scène paródica em *Orgulho e Preconceito e Zumbis*

Lígia Helena Souza (UFOP)

Resumo Para Ida Lúcia Machado (2005), a paródia é um gênero que funde textos e estilos, transformando, no fim, um texto em outro completamente diferente. Já Linda Hutcheon afirma que a paródia tem qualidades próprias e que nem sempre busca o humor ou pretende

ridicularizar o texto fonte, apesar de usualmente ser conhecido por ter um caráter satírico. Ela é "uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado. (...) é, noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança" (HUTCHEON, 1989, p.17). Partindo dessas teorias, buscamos neste trabalho compreender a transformação de Orgulho e Preconceito (1813) na sua paródia Orgulho e Preconceito e Zumbis (2010). Para isso, utilizamos os procedimentos apontados por Machado como aqueles necessários para a criação de texto paródico. Os procedimentos, que incluem a apropriação de um discurso, a aplicação da ironia, a criação do novo texto e o deslocamento do gênero, são aplicados em um estudo dessas duas obras. Com este trabalho, esperamos ter uma contribuição significativa para uma pesquisa maior sobre a transformação de um clássico de 1813 em um livro sobre um mundo em que "zumbis carregam um poderoso e profano contágio, que se espalha em uma velocidade vertiginosa, e os mortos-vivos ameaçam criar nada menos que o Armagedom global" (DENDLE, 2010, tradução nossa).

De *Fronteira* a Threshold: o Gótico Brasileiro na tradução da obra de Cornélio Penna

Lais Alves de Souza da Silva (UERJ)

Resumo No século XVIII, o Gótico surgiu, difundindo uma visão negativa de mundo e se estabeleceu como uma reação ao pensamento iluminista. Movimento literário fomentador do medo e de suas variantes, a literatura gótica é marcada por uma série de convenções, das quais três se destacam: a presença fantasmagórica do passado, a figuração de personagens monstruosas, e a construção de um locus horribilis. Desde então, a tradição gótica transpôs os limites territoriais europeus, e se espraiou em diversos modos ficcionais para além da literatura e em diferentes contextos culturais. No Brasil, o Gótico manifestou-se ao longo da história literária: das narrativas basilares de nosso Romantismo às formas modernistas que eclodiram no decênio de 1920. No século XX, a obra de Cornélio Penna (1896-1958) está entre aquelas que fazem uso de inúmeras convenções formais e temáticas da narrativa gótica, e seu romance inaugural, Fronteira

(1935), de cunho psicológico e escrita intimista, pode ser considerado como um romance exemplar de uma vertente moderna do Gótico. *Threshold*, a tradução para o inglês do livro de Penna, publicada em 1975 pelo casal de tradutores Edward e Tona Riggio, fornece em seus elementos paratextuais evidências que corroboram a hipótese de que *Fronteira* consistiria em um romance gótico. Logo, um estudo dessa tradução pode ajudar a entender o diálogo do romance de Penna com a tradição gótica, situando-o na categoria do Gótico Brasileiro. Para este fim, o presente trabalho analisa a escolha minuciosa da tradução do título; o texto da orelha da edição, que, nas palavras de seus tradutores, agradaria aos leitores do "romance gótico moderno e do thriller psicológico"; o posfácio, no qual Edward Riggio realiza um esforço interpretativo da obra, elencando elementos formais e temáticos que o aproximam do Gótico, além da menção ao trabalho pictórico de Penna; e a reprodução de duas de suas ilustrações, que ajudariam a indicar a inclinação estranha e misteriosa da mente do autor.

Divergências na adaptação da obra *Interview with the Vampire* de Anne Rice

Patricia Hradec (UPM)

Resumo Atualmente, há um vasto número de obras literárias adaptadas para o cinema ou a televisão. Júlia Kristeva já sinalizava, nos anos 60, a construção de um texto a partir da transformação de um outro texto base, constituindo-se assim um cruzamento de tessituras, o que ela chama de "intertextualidade". O romance publicado em 1976, *Interview with the Vampire* (*Entrevista com o Vampiro*) de Anne Rice, foi adaptado para o cinema em 1994. É o primeiro volume da saga intitulada "Crônicas Vampirescas" que perfazem, até o momento treze obras. Apresenta-nos diversas personagens: o vampiro Louis, que renega sua natureza vampírica e conta toda sua trajetória existencial à um suposto jornalista humano; o vampiro Lestat, que o transformou; Cláudia, a menina vampira, que não aceita sua condição de mulher presa a um corpo de criança; o vampiro Armand, um dos mais velhos vampiros do mundo que almeja a paz humana; além de um grupo de outros vampiros espalhados pelo mundo. O filme homônimo, lançado em 1994, foi dirigido por Neil Jordan, produzido

por David Geffen e Stephen Woolley e, adaptado pela própria Anne Rice. Seu elenco principal é formado por: Tom Cruise como Lestat, Brad Pitt como Louis, Kristen Dunst como Cláudia, Antonio Banderas como Armand e Christian Slater como o suposto jornalista. Tanto o romance quanto o filme têm diversos pontos de contato e algumas divergências, e o objetivo dessa comunicação é apontar essas divergências à luz da teoria literária de Julia Kristeva e de outros teóricos que abarcam o conceito de intertextualidade e do gótico, enquanto subversão das estruturas sociais.

Do castelo à abadia: transformações da espacialidade gótica em Ann Radcliffe e Jane Austen

Gabriele Cristina Borges de Morais (UNESP)

Resumo Em *Northanger Abbey* (1817), Jane Austen homenageia os romances góticos escritos por Ann Radcliffe, ao mesmo tempo em que sua paródia expõe os excessos do gênero e os enganos a que leitores incautos podem ser levados a cometer ao levá-los a sério. Apesar de pertencer a uma tradição literária mais realista, a autora defende as qualidades do romance gótico, a autoria feminina e a escrita de sua contemporânea, ao mesmo tempo em que clama pela união dos autores e leitores de romances – incluindo também os romances de Fanny Burney, que tanto vilipendiou a forma literária em que sua obra estava inclusa. Mais do que a forma romanesca, um elemento central tanto na obra de Radcliffe como na de Austen é o espaço em que se desenvolvem as ações de *The Mysteries of Udolpho* (1794) e de *Northanger Abbey*, tendo em vista que o castelo e a abadia estão inclusos nos títulos. Desta maneira, a presente comunicação pretende analisar como esses espaços góticos influenciam as trajetórias de Emily e Catherine, heroínas dos dois romances, e as transformações que Radcliffe e Austen imprimiram ao gênero ao deslocar o terror do sobrenatural para a realidade material feminina.

Entre Eros e Mefisto: a perspectiva queer/gothic do mito fáustico em Samila Lages

Ingrid Lara de Araújo Utzig (UNESP)

Resumo O objetivo deste artigo é problematizar a fanfiction *A Lenda de Fausto*, da autora amapaense Samila Lages, posteriormente transformada em romance e publicada pela Editora Multifoco em 2011. O centro da discussão se dá a partir da escolha da perspectiva queer/gothic em uma reinterpretação do mito fáustico e os motivos que levaram ao uso contemporâneo de tal temática. Observa-se que o mito, enquanto linguagem universal carregada de símbolos, é sempre vivo e se mantém atualizado em adaptações para diversas mídias; entretanto, tais releituras nunca são neutras, pois são carregadas de posições políticas e discursivas que mostram um ponto de vista definido. Nesse sentido, é possível perceber como Samila institui uma discussão de questionamento dos limites de diferença sexual e de gênero a partir do cânone, e como tais características aproximam o debate da teoria queer ao estilo da ficção gótica. Considerando que o mito revisitado é o mito ressignificado, longe de possuir uma relação de subordinação, *A Lenda de Fausto* retorna ao clássico para depravá-lo, e é exatamente sobre essa prerrogativa que o gótico e o queer se (des) estabilizam: para ser verdadeiramente estranho, deve haver inversão e ambivalência no limiar de algo: fronteiras entre vida e morte, real e sobrenatural, humano e demoníaco, fetiche e violência; movimentos dialéticos que alternam entre si e constroem binarismos híbridos, não-excludentes.

Fantasmas da infância: criança queer e (in)visibilidade

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch (UFRGS)

Resumo "– As pessoas falam, Sandra. Todo mundo sabe que ele não é normal." (KIMMEL, 2012, p. 37). "Maribel cutuca o fantasminha e acha graça de ele ser diferente dela." (MACHADO, 2009, paginação irregular). Esses dois trechos, respectivamente, um diálogo e uma rubrica, são parte das obras analisadas e evidenciam que o filme e a adaptação em livro "Paranorman" e a peça teatral "Pluft, o Fantasminha"

têm como protagonistas crianças que perturbam. A proposta é discutir como os dois personagens, Norman e Pluft, estão localizados entre o mundo e o além-mundo como alegoria para uma infância fora do padrão, identificada aqui como queer, e que, ao longo da narrativa, ambos precisam ser aceitos pelo que compartilham de distinto e não de semelhante, em relação às demais. É possível ler Norman, o menino paranormal, como um ser - por estar em contato permanentemente com os fantasmas e mortos-vivos - "monstrificado" aos olhos da comunidade, que não consegue compreendê-lo, e o próprio fantasma Pluft, dentro de uma ideia do monstro como aquele que revela, nesses casos, o queer, o estranho, o esquisito, pois o monstro "nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural – de uma época, de um sentimento e de um lugar" (COHEN, 2000, p. 26). Entende-se o termo queer como reflexo do comportamento supostamente desviado de uma criança em relação à homogeneização imposta durante a infância, através das classificações de sexo e gênero e de padrões pré-estabelecidos pelo binarismo que excluiu outras subjetividades do sujeito.

Fantasmas e antiquários. Henry James, Cornélio Pena e a possibilidade de um Gótico nacional

Ana Resende (UFF)

Resumo Vários são os estudos críticos sobre a obra do autor Cornélio Pena (1896-1958), desde o pioneiro "O Romance de Cornélio Pena", de Luiz Costa Lima, no qual o estudioso observa que devemos "tomar Cornélio como o raro epígono de alguma corrente precedente – do romance gótico, talvez" (LIMA, 2005, p.56), passando, nos últimos anos, pelos artigos de Fernando Monteiro de Barros e Júlio França, que buscam aprofundar as ligações da obra do autor e, em particular, de seu primeiro romance, "Fronteira" (1935), com a narrativa gótica e, mais especificamente, com o que poderia ser chamado de Gótico brasileiro. Seguindo a proposta de Xavier Aldana Reyes, em "Spanish Gothic. National Identity, Collaboration and Cultural Adaptation", de compreender o Gótico como um "modo verdadeiramente transnacional" (ALDANA REYES, 2017, p.10), e de Júlio França, em "'Gótico no Brasil', 'Gótico Brasileiro': o Caso de 'Fronteira', de Cornélio

Pena", de aproximar "autores distantes entre si, no tempo e no espaço" (FRANÇA, 2018, p.1098) para melhor compreender a sua concepção de mundo e a sua concepção artística, pretendo na presente comunicação aproximar os "romances de fantasmas" de Henry James (1846-1916) e de Cornélio Pena. A meu ver, a escrita "fantasmagórica" de James e Pena, em sua enigmática impalpabilidade, vaga precisão e fascínio com o assombro, o maravilhamento e o horror seriam uma espécie de reação ao impasse de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), que reconhece, em seu "prefácio" ao romance "O Fauno de Mármore [The Marble Faun]" (1859), a dificuldade de escrever uma literatura "Gótica estadunidense", isto é, "nacional", em um lugar onde "não há sombra, nem antiguidade [...], nada além de uma prosperidade banal, em plena luz do dia", mas para quem ao mesmo tempo é quase impossível não ser atraído pelo mistério e pelas sombras. Para finalizar a apresentação, proponho um comentário sobre os capítulos XVI e LII de "Fronteira".

O incômodo como morada: a cidade como convergência entre o Decadentismo, o Gótico e o Weird

Alexander Meireles da Silva (UFCAT)

Resumo Surgida na França em 1834 o Decadentismo entra nos territórios da prosa com a publicação do romance Às avessas, de Joris-Karl Huysmans. Nele, as ideias decadentistas se manifestam no protagonista Des Esseintes, figura decadente par excellence cuja vida é consumida pela maladie fin de siècle. Alguns elementos desta postura encontram sua expressão na personagem Dr. Jekyll/Mr.Hyde em *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), novela de Robert Louis Stevenson. Será na fórmula transformadora de Dr. Jekyll que encontramos um exemplo de como a cidade afeta o ser humano no ambiente finissecular constituindo um ponto de convergência entre o Gótico e o Decadentismo. Apontado por James Laver (1961) como uma das obras que influenciaram o desenvolvimento do romance *O retrato de Dorian Gray* (1891), ao lado de *Às avessas*, de Huysmans, e de "O retrato oval", de Edgar Allan Poe, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr Hyde* evidencia que o Decadentismo encontrou na novela de Stevenson uma ainda tímida manifestação nas ilhas britânicas, vindo a se

constituir como uma importante fonte não apenas para o romance de Wilde, mas também para a temática da ciência gótica através de outras obras como o *O homem invisível* (1897), do escritor inglês H. G. Wells. Nesta obra o chamamento da cidade, que leva Jekyll a invocar o seu Duplo, é o mesmo apelo que faz com que o estudante de medicina Griffin se torne invisível, fazendo com que ele se esvazie de sua presença para se mesclar a cidade. Este terror invisível não localizável da cidade se constitui uma ausência presente que encontra sua expressão na ficção weird. Neste contexto, em que o decadente é a faceta mais evidente do deslocamento sentido pelo ser humano dentro da urbe, esta comunicação visa analisar como a cidade se torna o ser inominado que espreita e oprime o indivíduo finissecular, atuando como um ponto comum entre o Decadentismo, o Gótico e o Weird.

O legado da ficção gótica na composição de personagens ecianas

Xênia Amaral Matos (UFSM)

Resumo Num primeiro olhar, a literatura portuguesa do século XIX parece não apresentar forte gosto pela ficção gótica. Como exposto por Sousa (1979), em O "horror" na literatura portuguesa, apesar de um contexto histórico-cultural propício ao sobrenatural e ao medo, os escritores portugueses preferiram uma aproximação tímida e contida em relação à essa estética ficcional. Por outro lado, segundo Sousa (1979), mesmo associando-se ao realismo, Eça de Queirós beneficiou-se de um diálogo com a ficção gótica, o qual apresenta-se de modo mais explícito em seus primeiros escritos e em forma de diluídas nuances nos seus romances mais consagrados. Em *O crime do Padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), por exemplo, existe um acentuado diálogo com os processos de composição legados pelo gótico, os quais resultam, entre outros aspectos, em personagens monstruosas e com nuances vampíricas. Nesse sentido, este trabalho compõe-se de um estudo sobre como as mencionadas narrativas ecianas dialogam com a ficção gótica especialmente no que tange à composição de personagens monstruosas. Para tal, primeiramente, mapeia-se quais foram as características e procedimentos narrativos encontradas em narrativas góticas, como *Carmilla* (1872), de LeFanu, "O vampiro" (1819), de Polidori, e *Drácula* (1897), de Bram

Stoker; e, na sequência, mostra-se como as personagens ecianas, como Amaro, Juliana e os irmãos Carlos Eduardo e Maria Eduarda, aproximam-se dos processos legados por aquelas. O presente estudo apresenta parte dos resultados obtidos com a tese de doutoramento "O gótico em Eça de Queirós", defendida pela autora em 2019 na UFSM.

Rose Hathaway: a subversão e configuração da dhampira na obra *O Beijo das Sombras*

Luciana Soares dos Santos (UNIFESP)

Resumo Esta comunicação se refere a uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual analisar a construção e configuração da personagem principal, Rosemarie Hathaway, no livro o Beijo das Sombras (2009), de Richelle Mead. A personagem é uma dhampira (meio-humana/meio-vampira) que, de acordo com a autora, tem por base a mitologia romena e balcânica. Desta forma a pesquisa objetiva compreender em que medida a personagem age de acordo com o que é esperado de um vampiro e/ou dhampiro, ao mesmo tempo, como o subverte, por meio de suas atitudes e ações, cometendo transgressões à sua própria raça, humanizando-a. A pesquisa está escorada no gótico ficcional, tendo como base os estudos teóricos de Botting (1996), Punter (2012) e Rossi (2017; 2018), que nos elucidam sobre a estrutura formal à qual este tipo de narrativa está inserida e como o gótico vampírico é desenvolvido na obra. Em relação à construção dos vampiros, são considerados os estudos de Mulvey-Roberts (1998), Hughes (2012) e Whisker (2012), os quais falam da natureza transgressora do vampiro e, portanto, são essenciais para o estudo da humanização de Rose na narrativa. Por fim, quanto à configuração da personagem, levam-se em consideração os estudos de Brait (2010; 2018), Candido (2009) e Reis (2018), que nos permitem compreender como Rose é criada no livro frente a seus iguais e como sua atitude corrobora para a reconfiguração da tradição vampira e também de sua própria raça, a dos dhampiros. Pretende-se, portanto, nesta comunicação, apresentar os resultados parciais da pesquisa em relação à configuração da personagem de Mead, Rosemarie Hathaway.

Simpósio 33
Estudos interdisciplinares sobre Shakespeare

Régis Augustus Bars Closel (UFSM)
Lawrence Pereira Flores (UFSM)
John Milton (USP)

Resumo As obras de Shakespeare continuam a estimular diálogos, questionamentos e estudos. Novas mídias e formas de transmissão de conteúdo colaboram para que outros espaços ao redor do mundo sejam alcançados e a relevância sempre colocada à prova. Ao contrário de um falso senso comum, muito do que se produz atualmente sobre a obra e os tempos de Shakespeare e de seus contemporâneos é composto de ricos materiais que proporcionam novas rotas críticas para se pensar obras praticamente inesgotáveis. É natural que Shakespeare e suas mais de quarenta obras acabem por ser um imã natural para diversas teorias literárias tanto pela relevância quanto pela diversidade do conjunto dramático. Séries especializadas, como "Shakespeare and Theory" (*Arden Shakespeare,* 2015-atual) e a abrangente "Shakespeare Oxford Topics" (*Oxford University Press*, 2001-atual), atestam a flexibilidade de se refletir, questionar e se aproximar do texto shakespeareano. Ambas refletem sobre o que tem sido feito em cada área de concentração especializada e fornecem análises que aplicam o aparato teórico discutido. Este simpósio pretende reunir diversos campos para estimular a troca, sobretudo de linhas teóricas que transitam entre diferentes disciplinas, como história, geografia, emoção, psicanálise, composição textual, adaptação, gênero, história das performances e do texto, tradução, recepção, economia, poesia e cinema. Tanto abordagens emergentes — por exemplo, *ecocriticism, ecofeminism, geocriticism, new economic criticism, attribution studies, post-humanist theory* e *spatial studies* — como linhas teóricas já estabelecidas — como adaptation studies, *translation studies, movies theory, gender studies, textual* studies, *queer studies, psychoanalytic theory, economic criticism, marxist criticism,* (*post-*) *colonial studies, cultural materialism* e *new historicism* — são bem vindas para promover o debate e a reflexão sobre os múltiplos olhares acerca de um objeto comum. A diversidade de encontros de disciplinas e a fluidez de interpretação dos objetos de análise são inerentes à condição de universalidade atribuída às peças de Shakespeare. A última década

testemunhou novas direções na composição do "cânone" (Taylor & Loughnane, 2017) shakespeareano com a publicação da *New Oxford Shakespeare* (2016) e o crescimento de estudos especializados sobre o período do início da idade moderna. Convidamos propostas de comunicações sobre Shakespeare, em qualquer linhagem teórica, para debatermos juntos, ao longo deste simpósio, questões como: Como o crítico (re)constrói o(s) sentido(s) a partir do aparato teórico?; Qual via deve ser utilizada ou evitada em sala de aula?; A existência de diversas teorias auxilia ou dispersa?; A divergência de conclusões é fruto da análise ou da natureza "shakespeareana" do texto?; Uma abordagem específica necessariamente anula/contradiz outra? Cabe ao crítico literário se especializar em uma abordagem ou não?; Quais cruzamentos entre linhas críticas devem ou não ser feitos?; Como deve ser interpretada a variedade de teorias lançadas para uma mesma obra, como um objeto inesgotável, saturado ou uma via segura para se pensar a produção da crítica literária?; Por que algumas teorias são desenvolvidas em língua portuguesa enquanto outras não? Portanto, a partir de uma malha crítica diversificada, este simpósio procura, por meio da diversidade de abordagens, estimular o diálogo entre diversas formas e percursos de se pensar os estudos sobre Shakespeare desenvolvidos tanto no Brasil como no exterior.

Mônica e Cebolinha no mundo de Romeu e Julieta: Shakespeare recriado por Mauricio de Sousa

Tiago Marques Luiz (UFU)

Resumo A obra dramática de Shakespeare tem sido redimensionada para as telas do cinema e da televisão, como também para os palcos, espaço esse que o consagrou como marco de cânone ocidental. Não somente para as telas e os palcos, mas também em espaços semióticos como o balé, as histórias em quadrinhos, a dança, as mídias digitais, as pinturas e as artes plásticas. No entanto, pouca ou quase nenhuma atenção se deu ao público infantil ou infanto-juvenil, dado o fato de que a obra Romeu e Julieta, por exemplo, retrata a história de jovens adolescentes em mundo transtornado em decorrência da desavença de suas famílias. E desde que a Arte imita a Arte, podemos dizer que o ato de parodiar não remete ao ato de

ridicularizar ou tornar derrisório determinado conteúdo, e como a paródia denota um processo tanto de ruptura como de criação, elabora-se como prelúdio desta pesquisa a reformulação do caráter trágico por meio do cômico em um texto que, no momento de sua concepção por Shakespeare, não pensava a criança ou o adolescente como espectador. Ao lado disso, toma-se como perspectiva a análise da estratégia adotada pela paródia ao aproximar duas vozes: a de Shakespeare, que é parodiada, e a de Mauricio de Sousa, responsável por essa subversão. Por tanto, como proposta de comunicação, se elencou um estudo da cena do balcão da peça shakespeariana recriada no espetáculo infantil Mônica e Cebolinha no Mundo de Romeu e Julieta, que se configurou aquilo que Dinda Gorlée (2016) denominou de metacriação. É assim que entendemos o objeto de pesquisa, como uma reescritura e recriação, melhor dizendo, meta-criação, que assevera na criação de uma nova obra, uma nova originalidade, o que permite afirmar que Mauricio de Sousa e sua equipe recriaram Romeu e Julieta numa construção estética, articulada com a Turma da Mônica.

Shakespeare e sua contínua revisitação nas séries: novas relações de produção e recepção do Bardo Inglês

Angélica Tomiello (UFPR)

Resumo Shakespeare já se viu revisitado em diferentes mídias das mais diversas maneiras ao longo dos seus mais de 400 anos de pós-morte. Entre revisitações mais em busca da fidelidade e outras que buscaram uma maior liberdade de criação para com o texto shakespeariano tido como base, observamos, nos períodos mais contemporâneos – mais precisamente a partir do segundo decênio do século XXI, da maneira como aqui propomos – um contínuo trabalho com as obras shakespearianas. Esse trabalho parece se dar de diferentes maneiras, como nos direciona Rajewsky (2012) quando estabelece categorias de intermidialidade em sentido mais restrito: como transposição midiática – talvez o modo mais comum, combinação de mídias e referências intermidiáticas. Além dessas categorias, observamos certas recorrências no trabalho com os textos shakespearianos em diferentes séries e seriados no formato adquirido por essa

mídia na contemporaneidade dos serviços de streaming. Dessa maneira, o presente trabalho possui o objetivo de observar e analisar as recorrências e os modos como o texto shakespeariano tem sido retomado, marcando presença nas produções contemporâneas das séries e seriados veiculados via streaming, possibilitando uma nova relação dialética entre seus devidos contextos de produção e recepção.

Simpósio 34
Estudos retóricos e poéticos

Marcus De Martini (UFSM)
Marcelo Lachat (UNIFESP)
Jean Pierre Chauvin (USP)

Resumo Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica, como os de George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Tradition*s) e Brian Vickers (*In Defense of Rethoric),* seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de retomar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já alertava para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como já se notava em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica em tais domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de escritores emblemáticos das letras luso-brasileiras, como o padre Antônio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento)* são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Também é notório o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira, na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício, realizada por Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos *Autos do Processo* de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII, pela Inquisição de Portugal, e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro. Além deles, caberia mencionar a pesquisa de Ivan Teixeira em torno da poesia encomiástica, produzida no universo luso-brasileiro durante o século XVIII. Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos para o resgate dessas formas de representação, já que apontam para a necessidade de reconstruir "arqueologicamente", nos dizeres de Hansen, textos anteriores ao final do século XVIII,

que, não raro, eram lidos pela crítica sob viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes que vigorasse a concepção dita "moderna" nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII, quando, como se sabe, todo a *forma mentis* e a escrita foram profundamente alteradas e mesmo rompidas. Observam-se, neste sentido, incentivos no mundo editorial, traduzido na publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de livros, bem como estímulos no âmbito da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para se recorrer a dois termos generalizantes, presentes na história literária. Isto posto, a tendência é que os estudos sobre as práticas retóricas e os fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livreiro, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades - domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abralic, dentre outros mecanismos de ação reflexiva. Assim, este Simpósio de "Estudos Retóricos e Poéticos" pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para *corpora* das letras antigas e modernas (até o final do século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação: retórica e poética nas letras clássicas ou antigas; retórica e poética nas letras modernas; manuscritura, história do livro e da cultura letrada; historiografia e teoria da História; relações entre as letras e o discurso da história; retórica e poética e as disciplinas humanísticas; retórica, poética e filosofia; recepção de tratados de retórica e poética; retóricas e poéticas medievais; retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos

séculos XVI, XVII e XVIII. Assim, espera-se que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da "modernidade literária".

Comentários sobre técnica, retórica e poética

Danilo de Carvalho e Frabetti (UnB)

Resumo Em "Contra os retóricos", Sexto Empírico argumenta que a retórica não é uma arte (techné) por diversos motivos, entre eles por não ser útil à cidade, uma vez que pode ir contra aos interesses da lei; por não ser verdadeira, uma vez que pode tornar verossímil aquilo que é falso; que não possui uma finalidade, posto que é inconstante, volátil e cambiável. Sexto cita a defesa que os retóricos fazem dela utilizando-se de uma analogia com a pedra de amolar facas que, mesmo desprovida da capacidade de cortar, é capaz de tornar o metal apto ao corte. Assim, mesmo não sendo bons oradores eles podem transmitir essa capacidade aos outros pela arte, ou conforme nos convém, por técnica (techné). Propomos pensar essa analogia relacionando-a a uma passagem do diálogo "Íon", de Platão, quando diz que o rapsodo não é hábil pela arte, ou pela técnica, mas antes o faz através de inspiração divina das musas. Para exemplificar o argumento, Sócrates utiliza-se da metáfora da pedra magnética que, capaz ela de atrair metais, induz o metal à atração, tornando-o também capaz de semelhante atração desde que submetido aos efeitos de sua influência. Assim o poeta não agiria por "techné", não produziria por conhecimento, mas por inspiração. Nos propomos a pensar as relações entre retórica e poética partindo da leitura dessas duas metáforas que se desenvolvem na reflexão sobre a noção de técnica e, transversalmente, pensar esses conceitos pertinentes ao campo do fazer artístico, tais quais a utilidade, a finalidade, mimesis, repetição e reprodução, tendo como contraponto a teoria sofística de Górgias quando pensa o corpo mínimo do discurso (logos) que é capaz das mais divinas obras.

Simpósio 35
Fronteiras e inter-relações nas literaturas italiana e brasileira

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva (UFRGS)
Égide Guareschi (UTFPR)
Gisele de Oliveira Bosquesi (UFRGS)

Resumo O presente simpósio pretende confluir pesquisas sobre literatura italiana e literatura brasileira que busquem analisar, a partir de uma abordagem transdisciplinar e seguindo linhas de análise diversas, questões relativas às diferentes fronteiras e inter-relações do e no texto literário. Concebemos a Literatura Comparada de modo a não excluir, no trabalho de análise e interpretação dos seus objetos, uma autoconsciência crítica acerca da própria natureza da teoria e seus métodos. A nosso ver, se, por um lado, o estudo comparado pode atuar a partir de recortes convencionais que unificam, por exemplo, literaturas de uma determinada língua ou país, por outro, não objetiva contrapor as literaturas nacionais, mas concorda com aquilo que sugere A. Owen Aldridge (2011) no sentido de ampliar a perspectiva acerca das obras literárias, em busca de uma visão que vá além das fronteiras nacionais para que se consiga, assim, identificar diferentes vertentes e "relações da literatura com as demais esferas da atividade humana" (p. 272). Benedetto Croce (2011) já havia tocado neste ponto quando, ao refletir sobre as diversas definições de Literatura Comparada, convida à observação da gênese da obra literária em seu momento de criação, de modo que o tom comparatista conduza, por meio da investigação de relações e conexões, a uma visão mais plena do objeto. De fato, ao se falar sobre inter-relações passa-se, necessariamente, pelo olhar crítico sobre a própria obra de arte, que muitas vezes tem no diálogo, no hibridismo e na fragmentação sua maior potencialidade interpretativa. Sendo assim, o simpósio tem como objetivo receber propostas que, dentro dessa abordagem, discutam temas trazidos por gêneros literários distintos, como a prosa, a poesia, a prosa poética, o drama e gêneros híbridos contemporâneos, como as histórias em quadrinhos, a partir de uma abordagem transdisciplinar, de acordo com o escopo do evento, que atravessa as seguintes linhas de pensamento e de análise: estudos da tradução, estudos culturais, estética da recepção e literatura e outras artes. Entre os pontos temáticos de confluência possíveis, ressaltamos

a questão da(s) identidade(s), pensadas, segundo Hall (2006), a partir dos diferentes níveis de inserção do sujeito nos diversos contextos sociais e da forma de compreensão das interações nesses espaços. Nesse sentido, sabemos que o papel da Literatura é essencial para a formação das identidades e das alteridades, pois "a narrativa da nação (...) é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular" (HALL, 2006, p. 52). Vemos, então, os entrelugares da linguagem como reveladores não apenas das "linhas de força das literaturas colocadas assim em diálogo" (FIGUEIREDO, 2013, p. 45) mas também dos discursos que atravessam os sujeitos nos seus diversos espaços. Dessa forma, a articulação entre linguagem e identidade cultural, expressa e representada por meio da Literatura, culmina nas transformações que assistimos na caracterização do tempo e espaço das narrativas, bem como de suas personagens, por exemplo. No âmbito da literatura italiana, de Dante Alighieri, enquanto autor e personagem, a Luigi Pirandello, presenciamos a passagem de uma identidade pautada na unificação e centralidade para aquela fragmentária e descontínua. Se, em um primeiro momento, o sujeito sociológico buscou ícones para atribuir valor à sua cultura, o sujeito pós-moderno é permeado pela ruptura, pelo hibridismo, pela diáspora. Igiaba Scego escreve em um de seus contos que "a verdade é que todas aquelas malas escondiam a nossa angústia, o nosso medo" (2005, p. 10, tradução nossa), trecho em que a bagagem pode ser lida como a metáfora dos percursos trilhados por essa sociedade descentrada, para a qual o desafio torna-se converter diferença em alteridade. Além da problematização entre o central e o periférico, o popular e o erudito, o canônico e o transgressor, pensamos também nas fronteiras entre os diversos paradigmas de real, mobilizados pelas narrativas do insólito, como por exemplo as narrativas fantásticas construídas de modo a suscitar um senso de estranhamento – o *unheimlich* freudiano – ou aquelas mais alinhadas ao realismo mágico, como construção que abraça o imaginário maravilhoso e sincrético e cuja leitura em termos de exotismo e autenticidade deixa entrever relações de poder e hegemonia. Tal temática, portanto, também será profícua para que analisemos a obra literária do ponto de vista do diálogo transdisciplinar, uma vez que, segundo Jackson, "O Fantástico traça o não dito e o não visto da cultura: aquilo que foi silenciado, tornado invisível, coberto e transformado em 'ausência'" (2009, p. 6-7, tradução nossa).

A *Commedia* dantesca no Brasil do século XX

Fernanda Moro Cechinel (UFSC)

Resumo A *Commedia* de Dante Alighieri escrita na Itália, por volta do século XIV, atravessou o oceano e chegou ao Brasil, em versão integral e em língua portuguesa, apenas no final do século XIX, por meio da tradução do então médico e político baiano, Barão da Villa da Barra. Mas como a *Commedia* foi apresentada ao leitor brasileiro? Como uma obra de cunho teológico? Ou como uma epopeia pelo mundo dos mortos? O objetivo desta comunicação é traçar um perfil inicial da obra dantesca no Brasil do século XX. A escolha do período justifica-se por estar dentro da delimitação temporal utilizada na pesquisa de doutorado, cujo presente trabalho faz parte. Para alcançar tal intento, analisaremos alguns prefácios selecionados dentre as 45 edições listadas até o momento, todas publicadas ao longo do século XX. Nosso olhar para os prefácios buscará perceber se suas funções de favorecer e guiar o leitor na leitura do texto foram cumpridas. Funções essas baseadas nos estudos de Gérard Genette contidos na obra Paratextos editoriais (2009), bibliografia base da nossa pesquisa.

A mesa posta: reflexões sobre morte e memória

Elena Santi (UFJF)

Resumo O poeta brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968), no seu poema "Consoada", descreve o encontro com "a indesejada das gentes", que chega no fim da jornada de cada um, ou seja, a morte. Nesse texto, Bandeira retrata a forma de recebê-la, ainda que não tenha sido convidada e que, com certeza, não faltará ao encontro. Numa atmosfera que passa do dia para a noite, no crepúsculo da vida, o poeta a acolhe com todos os afazeres domésticos em dia. Entre esses há uma mesa posta, pronta para receber a convidada. O retrato da morte como convivas perpassa pela literatura, desde o mundo clássico até os dias de hoje. Nesse sentido, esse banquete é retratado de várias formas, às vezes colocando em primeiro lugar os aspectos repulsivos e horríveis, outras preferindo uma atmosfera quase maternal e consoladora. É o caso do poeta italiano Giovanni Pascoli (1853-1912),

que, partindo de umas crenças da área de Castelvecchio di Barga, no seu célebre poema "La tovaglia", retrata o gesto de uma moça jovem que deixa, toda noite, a mesa posta para que os mortos possam sentar. O texto pascoliano abre uma série de reverberações do tema no Novecento italiano, que passam por Cesare Pavese, Giorgio Caproni, Giovanni Raboni, Enrico Testa entre outros. Objetivo desta comunicação é refletir a partir de esses elementos poéticos. As mesas postas se configuram como espaço da memória e do encontro. Mas é uma memória lacunosa, esburacada, fruto do esquecimento e marcada pela constatação trágica da impossibilidade do encontro com os próprios mortos. As palavras se fragmentam, se tornam mais evanescentes, beiram a reticência, o silêncio. Nesse sentido, os textos do poeta brasileiro e dos poetas italianos escolhidos, serão colocados em diálogo, criando uma rede de ecos poéticos que propiciem uma reflexão sobre poesia, esquecimento, lembrança e morte na produção dos poetas.

Da coleção "I gettoni" para a edição brasileira: "Il visconte dimezzato" de Italo Calvino

Fabiana Vasconcellos Assini (UFSC)

Resumo Italo Calvino (1923-1985) é um dos narradores mais traduzidos da literatura italiana do século XX. Seu romance de estreia, "Il sentiero dei nidi di ragno" (1947), traz um olhar oblíquo, um realismo que permeia uma espécie de fábula, ambientado nos anos da Resistenza. Poucos anos depois, publica o primeiro volume de sua trilogia "I nostri antenati" na coleção "I gettoni", dirigida por Elio Vittorini, que já havia sido responsável pela revista "Il Politecnico", cujas páginas hospedou escritos de Calvino e de outros escritores seus contemporâneos. Essa coleção, uma das mais significativas do pós-guerra italiano, tinha como foco novos escritores, muitas vezes ainda desconhecidos, e que tivessem em sua narrativa algum elemento experimental. Um manuscrito podia tornar-se parte da coleção tanto por sua inocência (e sua validação documental), quanto por sua força, artificial ou bizarra, mas criativa. Alguns textos publicados nos "Gettoni" foram traduzidos no Brasil, incluindo "Il visconte dimezzato" (1952), que foi traduzido com o título de "O visconde partido ao meio" por Wilma Freitas Ronald de Carvalho e publicado em 1988 pela Editora

Nova Fronteira; posteriormente, foi publicado pela Companhia das Letras, em 1996, com tradução de Nilson Moulin, ganhando algumas reedições. A proposta desta comunicação é, portanto, refletir sobre esse deslocamento por meio de uma leitura crítica que inicia na coleção italiana e chega ao Brasil.

Divina Comédia em debate na década de 1920: Benedetto Croce, Antonio Gramsci e Erich Auerbach

Alexandre Zambarda Leonardi (UFRGS)

Resumo Escrita em torno de setecentos anos atrás, a *Divina Comédia* de Dante Alighieri é um texto de difícil compreensão. O leitor contemporâneo em busca de textos de referência vai se deparar com diferenças significativas em uma miríade de opções. Alguns dos mais citados são de autoria de Benedetto Croce, de Antonio Gramsci e de Erich Auerbach. É surpreendente a disparidade existente em textos redigidos na década de 1920 por estes três críticos dantescos. Croce, em 1921, distingue a poesia da estrutura na Divina Comédia, além de excluir a alegoria. Gramsci no cárcere a partir de 1926 contesta Croce e vê poesia e estrutura inseparáveis em Dante, uma dependendo da outra. Para Auerbach, em livro publicado em 1929, nada que está no mundo é estranho à poesia dantesca, nada no texto é exterior à poesia dantesca. Tal livro receberia um duro questionamento de Croce: "Pode-se afirmar, como muitas vezes faz Auerbach, que em Dante poesia e teologia estão unidas. Mas como demonstrá-lo em teoria? Como demonstrar que a água da poesia e o óleo da teologia se misturam formando um terceiro líquido, que não é nem um nem o outro." Auerbach viria a se manifestar em uma carta a Croce, de forma muito elegante, afirmando que teriam oportunidade de dialogar a respeito numa ocasião em que Auerbach estaria na cidade de Napoli. Ambos voltariam aos temas que foram objeto desta polêmica em textos posteriores. Estava iniciado um debate que se estenderia pelas décadas de 1930 e 1940, até a morte dos autores em tela.

Entre milagres e chumbos: os escritos jornalísticos de Pier Paolo Pasolini e Antonio Callado

Cláudia Tavares Alves (UNICAMP)

Resumo A passagem da década de 60 para 70 foi um momento de significativa efervescência tanto na Itália, quanto no Brasil. Se, por um lado, a segunda metade dos anos 60 assistiu à desaceleração do miracolo economico italiano ocorrido logo após o fim da segunda guerra mundial, por outro, presenciamos no Brasil a ascensão do milagre econômico, com investimentos em infraestrutura e indústrias. Esses anos também foram fortemente marcados, em ambos os países, por uma violência desmedida. Na Itália, viviam-se os anni di piombo, associados aos atentados terroristas de extrema direita e esquerda. Enquanto isso, os anos de chumbo brasileiros tiveram como marco inicial o AI-5 e o endurecimento de repressões e cerceamentos pela ditadura militar. Diante desse cenário, o objetivo dessa comunicação é investigar de que maneira determinados escritores reagiram, em suas respectivas produções, às particularidades dessa época. Essa investigação se dará aqui por meio de um recorte específico, dedicado à produção jornalística de Pier Paolo Pasolini, na Itália, e Antonio Callado, no Brasil. Renomados por suas obras literárias, esses escritores também contribuíram, durante as referidas décadas, com jornais de grande circulação. Sendo assim, a principal motivação dessa análise é discutir como os textos de intervenção pública desses autores foram marcadamente moldados pelos anos em que eles foram escritos. Não há novidade, para os estudos literários, em se pensar literatura e jornalismo como duas atividades que coexistem, entretanto essas publicações, se vistas pela perspectiva da literatura comparada entre Itália e Brasil, podem revelar relações entre a atuação intelectual desses escritores e a indissociabilidade que se estabelece entre seus escritos e a urgência histórica dos anos em que eles foram concebidos. Chegaremos assim a uma reflexão sobre a importância de que literatura e intelectualidade, justamente no ponto em que elas se cruzam, reajam pública e politicamente a retrocessos históricos.

Sobre cinzas e fragmentação: a imagem que queima em Claudio Parmiggiani

Monique Bione Silva (UFSC)

Resumo Este trabalho busca pensar sobre a questão da fragmentação da imagem e do eu ao analisar alguns trabalhos do artista e escritor italiano Claudio Parmiggiani. Busca-se perceber e refletir através da perspectiva do autor e do espectador a obra de arte ao trazer o conceito da imagem que queima do filósofo e crítico literário Georges Didi-Huberman. E, também, como ele cria rizomas entre os seus textos e imagens utilizando como objeto de estudo a arte criada por Parmiggiani. Passagem do tempo, ausência e cinzas são alguns dos elementos que podem ser encontrados nas produções artísticas e poéticas desse intenso autor. O tempo é um vergasto nas memórias de todos e de cada um, ameaçada sempre pelo sopro do esquecimento. Para Didi-Huberman, ao lermos um livro, deveríamos pensar alguns segundos sobre os desafios e obstáculos que enfrentou para que aquele texto passasse entre os nossos dedos e passeassem diante do nosso olhar. Então, as imagens deveriam ter semelhante reflexão e intensa interiorização a partir do nosso olhar sobre elas, sobre como as mesmas impediram o seu próprio desaparecimento.

Simpósio 36
Geopoesia.br: literaturas de campo e passagens pela cultura popular

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)
Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL)
Willi Bolle (USP)

Resumo Geopoesia.br desponta como um grande mapa para congregar poéticas de *brasis liminares*. Vozes do Sertão, da Amazônia, do Cerrado, da Caatinga, dos Pampas compõem polifonia ético-estética em um país de dimensões continentais. Neste simpósio, busca-se constituir e ampliar as literaturas de campo, distantes do mar, reveladoras de *brasis* sertanejo, caipira, indígena, quilombola, centroestino, "do mato", "da floresta", da palavra viva. Evidentemente, fazemos ecoar a compreensão de Willi Bolle, expressa em *grandesertão.br*, de que a obra-prima de Guimarães Rosa significa "romance de formação do Brasil" (BOLLE, 2004). Nossos palcos são "grandes sertões" (cerrado, caatinga, pampa, Amazônia...), as veredas, varedas, vãos, vales e espaços vitais de formação dos interiores. Realizaremos, neste encontro, etnocartografia de territórios literários e territorialidades reveladoras de *etnoflâneurs* e andarilhos, *flâneurs* e ambulantes. Nossos passos respondem à travessia dos viajantes Spix e Martius, empreendida em 1818. Atravessando e contando sobre os sertões de Minas Gerais ao Maranhão, os alemães contribuíram para o desenvolvimento de uma tradição literária que congrega Euclides da Cunha e Guimarães Rosa (BOLLE; KUPFER, 2019). Para seguir nos *ermos e gerais* da cultura brasileira, acionamos, ainda, os trabalhos do etnógrafo Theodor Koch-Grünberg, com seus relatos sobre o mito Macunaíma/Makunaimã. Depois, chegamos a um conceito de Nietzsche, revelado em *Humano, Demasiado humano* (1878), que opera em assonância com a noção benjaminiana de *flâneur* – o andarilho. Dialogando com sua própria sombra, o andarilho se ocupa não de horizontes ou metas, mas de caminhos e passagens. Nas idas e vindas de errante, figura como personagem da Literatura de campo. Por veredas que se bifurcam, também agregamos elementos de Bakhtin, pensador dos discursos, da cultura carnavalizada, e Flusser, teórico da comunicação e *filósofo do diabo*. Em processo de respondibilidade, formulamos crítica *in progress* que quer mover a geopoesia de *pontos.br* em que

cada participante acrescenta uma *vereda* ao painel crítico proposto, contribuindo para análise dos *caminhos e descaminhos* da geopoesia – fazer literário proveniente do interior do país, desde o período colonial até os nossos dias. Evocamos trabalhos que comunguem poemas e canções, prosas e dramas, relatos e arquivos que de *tão longe vêm vindo*. Munidos da premissa de inacabamento, entendemos que há várias passagens de um Brasil sempre em formação. Os estudos de cultura popular aqui desenvolvidos estabelecem diálogos com investigadores brasileiros, tais como Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, Vicente Cecim, Paulo Bezerra, dentre outros que nos conduzem na consecução de uma teoria carnavalizada da literatura. A crítica polifônica arranja-se com fazedores do cotidiano, como os goianos/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes – sempre ameaçadas –, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos, Graciliano Ramos, Bernardo Élis, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum, Cristino Wapichana, dentre outros. Além de cantores e versistas populares, narrativas quilombolas e indígenas, centroestinas e norte-nordestinas apagadas pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações de festejos. Surge a proposta de reescrever essa história – contada oralmente, experimentada performaticamente, continuada por leitores e autores de *brasis liminares*. O literário, com suas vozes, autores, leitores, críticos e pensadores, *andarilhos e etnoflâneurs*, recusa a última palavra. E a geopoesia deambula por grandes, imensos *sertões.* Enfim, pesquisas e inquietações que abordem manifestações da literatura oral e escrita no campo da poesia, da prosa, do teatro, da performance, do cinema literário e de vocalidades várias são convidadas a compor e a ampliar este Simpósio.

"A hora e a vez de Augusto Matraga": o imbricamento do erudito e do popular

Sophie Céline Sylvie Guérin Mateus (UnB)

Resumo Dentre os escritores brasileiros, João Guimarães Rosa se destaca pela relevância que deu ao Sertão em suas obras, mas também pelo aspecto metafísico destas. A linguagem rosiana é outra característica marcante de sua produção literária, sabidamente por se

assemelhar à linguagem sertaneja sem, contudo, atuar como mera imitação desta, posto que ele a retrabalha de forma poética. Assim, o que caracteriza a obra de Guimarães Rosa é um imbricamento da cultura escrita e da cultura oral, da tradição popular e da tradição erudita, umas servindo às outras para alcançar o objetivo de acessar verdades invisíveis e renovar o mundo. De fato, para o autor mineiro esse objetivo está no cerne da missão dos escritores. Em "A hora e a vez de Augusto Matraga", a cultura sertaneja é representada pelas diversas personagens, seu modo de viver e suas crenças, assim como pelos elementos da flora e fauna regionais descritos pelo autor. A cultura erudita está representada por questões metafísicas presentes no texto: o percurso iniciático do Augusto que morre, renasce e se transforma, numa lógica cristã de pecado, penitência e redenção; assim como pela luta do bem contra o mal. Ademais, a própria linguagem rosiana imbrica o popular e o erudito ao empregar elementos linguísticos próprios da fala, mas lançando mão de recursos de poesia e retórica para lhes dar força poética.

"Viver é muito perigoso", as diferentes noções de justiça em *Grande Sertão: Veredas*

Vinícius Victor Araújo Barros (UFG)

Resumo Esta comunicação propõe um recorte da dissertação, de mesmo título, defendida para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Especificamente, nos interessa a análise de diferentes noções de justiça postas em movimento no romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (1956), bem como as tensões daí decorrentes. Por justiça entendemos o conjunto de leis, normas e códigos que, ao menos em tese, asseguram a isonomia dos trâmites sociais e compõem uma relativa ética de conduta. Defendemos a hipótese de que essas noções de justiça obedecem à lógica base do romance - que responde também pelo conjunto de sua estruturação formal, temas, motivos e linguagem - assentada sobre um núcleo em contínuo movimento. Para tal objetivo propomos brevemente o diálogo com os estudos de Antonio Candido (1957, 1970), Walnice Nogueira Galvão (1972), Davi Arrigucci Jr. (1994) e José Antonio Pasta Júnior (1999) que

se debruçam sobre as peculiaridades formais e temáticas da narrativa. Em seguida, discutimos como experiência literária e percepção social se cruzam e se articulam delineando uma imagem de nação dilacerada, conforme sugere Willi Bolle (2004). A concluirmos este debate esperamos demonstrar que a aproximação do romance de Rosa, por vias indiretas e ficcionais, com a realidade brasileira compõe um breve estudo cujo objeto de fundo é o passado e o presente de nossas instituições democráticas, seus limites e desafios.

A literatura de cordel em Goiás: um olhar sobre a obra de Paulo Nunes Batista

Gláucia Mendes da Silva (UFU)

Resumo Por ser expressão da cultura de um povo, a arte literária acompanha os movimentos sociais e se configura a partir das experiências e vivências históricas, políticas e culturais da sociedade. O poder de abrangência da literatura é imensurável quando se considera sua natureza de representação da realidade através da palavra, seja a palavra falada, cantada ou escrita, seja em prosa ou em versos, seja no âmbito erudito ou no âmbito popular, ou ainda na junção de todos esses elementos. É nesta forma de evento linguístico advindo da vivência de um povo que a poesia de cordel constitui-se como forma artística feita pelo povo para o povo, oriunda da tradição oral, com toda as propriedades de cultura popular configurada em uma linguagem poética de riqueza singular. Introduzida no Brasil pelos portugueses, a literatura de cordel possui em suas raízes o caráter migratório, pois fora importada de Portugal para cá, tendo como locus inicial a região nordeste do Brasil em virtude do processo de colonização e, por esta razão, angariado patamar de elemento tradicional da cultura popular nordestina. A partir do ano de 1920, com o aumento considerável de tipografias no nordeste, os folhetos de cordel começaram a ser comercializados em diversos pontos de venda (feiras, mercados, etc.) e também através do envio pelos correios, em um processo de popularização por todo o país, como um tipo de migração do gênero através da abrangência de circulação. Neste panorama, investigar a evolução da poesia de cordel neste processo de migração da cultura nordestina para a região Centro-Oeste, mais

precisamente para o estado de Goiás, a partir da obra em cordel do poeta e cordelista Paulo Nunes Batista é o objetivo geral desta proposta de estudo aqui apresentada. Objetiva-se realizar um estudo das obras em cordel oriundas do estado de Goiás, tendo como corpus inicial as obras do poeta Paulo Nunes Batista, buscando compreender o modo como as nuances regionalistas desta produção se apresenta.

A pluralidade do liminar em Wahrhaftige Historia de Hans Staden

Andreja Bole Maia (USP)

Resumo A "Wahrhaftige Historia" de Hans Staden não é literatura de campo; pelo contrário, é o campo que se tornou literatura. A "verdadeira história" sobre as duas viagens ao Brasil resultou em um relato de viagem pioneiro em vários aspectos. A presente comunicação focará na pluralidade do liminar, mostrando o pré-Brasil, ou seja, o liminar no sentido de "inicial", "prévio" em extensão temporária, que simultaneamente foi fixado na sua dimensão espacial como o liminar „posicionado num local limítrofe". A relação ambígua dos europeus com os povos indígenas do Brasil, traçada na literatura de viagem europeia, mostra a fascinação com o suposto paraíso terrestre e a rejeição das práticas antropofágicas dos povos indígenas, que mesmo sendo naturais do Brasil foram localizados no liminar pelo olhar europeu. A comunicação vai avaliar a posição de Hans Staden na pluralidade dos liminares do texto "Wahrhaftige Historia", considerando o liminar do narrador próprio, que diariamente corria o risco de vida como preso dos Tupinambás e, por outro lado, o papel dele como porta-voz do Brasil indígena liminar no olhar europeu do século XVI.

As vozes e a letra, em *Essa terra*, um romance de Antônio Torres

Joana Luiza Muylaert de Araujo (UFU)

Resumo Em meio às múltiplas vozes que sustentam a labiríntica arquitetura do romance de Antônio Torres, ressoa, em tom mais alto e decisivo, a voz da terra. E ela quem parece comandar os destinos

dos personagens e do narrador-escritor, que, sobrevivente, toma a pena e a palavra para tentar alinhavar os pontos cegos de uma história passada no sertão da Bahia, no "vagaroso e solitário Junco", "lugar esquecido nos confins do tempo, por onde sequer Lampião teria passado", conforme nos descreve Totonhim. Sobre a questão das "vozes" que tecem a narrativa em Essa terra e sua relação com o tempo da memória e o espaço geográfico/ ficcional é que pretendo tratar na presente comunicação.

Caminhada, memória e literatura: indagações sobre pesquisa de campo em estudos literários

Alan Osmo (UNICAMP)

Resumo A proposta para este trabalho partiu de experiências de caminhada que me fizeram olhar de outra forma tanto para obras literárias quanto para espaços de memória. A primeira foi o "Caminho do Sertão", uma caminhada no norte de Minas Gerais, inspirada em Guimarães Rosa e em locais reais presentes em sua obra. A segunda foi a "Caminhada dos Umbuzeiros", realizada na região de Canudos-BA, cujo trajeto passa por locais da guerra ocorrida na região há mais de cem anos. A terceira foi a "Volta negra", uma caminhada no centro de São Paulo que tem como objetivo conhecer espaços marcantes da história da escravidão na cidade. Estas experiências despertaram em mim um questionamento sobre formas de pesquisa na área dos estudos literários que envolvem um "sair a campo" e na sua relação com espaços de memória. Se obras como Os sertões, de Euclides da Cunha (2016), cumprem um papel fundamental na memória de episódios significativos, como o do massacre dos sertanejos em Canudos, conhecer os locais palcos desses acontecimentos propicia um contato que a simples leitura de um texto escrito não consegue transmitir. Assmann (2011) auxilia a pensar a relação da literatura com locais "portadores de recordação", retomando a citação de Cícero: "Grande é a força da memória que reside no interior dos locais". É característico no Brasil um esforço recorrente de se tentar negar e esconder sua história de violência como, por exemplo, a cidade de Canudos inundada por um açude, ou o apagamento de locais ligados à história da escravidão. Acredito que experiências de caminhada

como as citadas ajudam a expandir a reflexão sobre obras literárias e espaços de memória no Brasil, de modo que podemos defender uma "pesquisa de campo" para os estudos literários.

Camisa fora, sangue dentro: a roda do mal necessário e a vingança hereditária na tradução coletiva em *Abril Despedaçado*

Marlus Regis Alvarenga (UnB)

Resumo O traço de sangue, a amarelar na camisa branca fora da casa que aguarda a hora derradeira, marca a premissa de dor e vingança na narrativa fílmica de Abril Despedaçado (2001). Na tradução coletiva de obra literária homônima do albanês Ismail Kadare (Prilli i Thyer, 1978) concebida sob a direção de Walter Salles revela-se, à narração Menino/ Pacu (Ravi Ramos Lacerda), um nordeste hostil, isolado e violento, no qual as marcas de uma vingança irreversível precisam ser desafiadas. No contexto da universalidade desse espaço melancólico, interiorizado pelo imaginário de brasis liminares em formação, a arte busca e encontra uma saída. Nesta comunicação, dialogamos com as pluralidades bakhtinianas sobre a cultura popular e os modos polifônicos de retratá-la. No olho por olho dessas vidas secas e a obrigatoriedade de executar o inimigo, onde Tonho (Rodrigo Santoro) cobra o espólio da morte, encontra-se espaço dialógico para os caminhos de uma geopoesia (SILVA JR, 2013) que compõe o Brasil em pedaços: a necessidade da mudança entre o que "se é" para a "aparência do mundo". Um sentimento de força humana, demasiado humana se quara nietzschianamente como um mal necessário. A marca de sangue no tecido de óbito é o princípio unificador entre os irmãos. Para além da imagem, eles urgem o questionamento da vingança como rixa, incitando um elemento do pecado. Pecado entendido como revolução que, em diálogo com Flusser, reside na essencialidade da luxúria na roda da vida, na bolandeira engenhosa do tempo.

Cinema e surdez: um olhar dialógico na construção das personagens surdas sob um enlace de afetividade, música e ambiente

Amanda Melo da Silva Lima (UnB)

Resumo Existem inúmeros trabalhos de análise fílmica voltados para o cinema ouvinte e expressão majoritária da cultura, porém, a análise relativa às produções surdas ainda é escassa. A Língua de Sinais inaugura aspectos específicos na elaboração cinematográfica, criando algo distinto das produções ouvintes, exprimindo vivências do cotidiano do surdo. Assim, se a língua é diferente e produz identidade e cultura singulares, nesse caso por se tratar de uma língua espaço-visual, logo a estética dos filmes produzidos também será outra. Para esse trabalho de pesquisa, selecionamos, dois curta-metragens: Ana (Direção: Mariana Magnavita, 2004. 11 minutos e 54 segundos) e Tamara (Direção: Craig kitzmann/ Jason Marino, 2013. 4 minutos e 36 segundos). O primeiro, produção brasileira, conta a história de uma menina surda do semi-árido nordestino que vivencia uma experiência para além do ambiente onde reside. O segundo curta-metragem, produção americana, é uma animação que também possui uma menina surda como personagem principal, o enredo mostra o desejo de Tamara em se tornar uma bailarina, num espaço urbano. Duas histórias distintas, porém com marcas comuns, como a relação entre filha e mãe, evidenciando a musicalidade e arte presentes - emolduradas sob espaço a que cada uma pertence. A partir dessa seleção, pretendemos desenvolver uma discussão que possibilite a reflexão teórica e crítica dos produtos culturais surdos, verificando aspectos dialógicos presentes nos filmes, entre a representação da linguagem cinematográfica utilizada e aspectos identitários e culturais.

Experiência fotográfica de flâneur no Quilombo Poços do Lunga

Francisco Jadir Lima Pereira (UFAL)

Resumo Este trabalho é um relato da produção de um ensaio fotográfico autoral a partir de narrativas de artesãos e artesãs quilombolas, buscando como abordagem o conceito de “Erfahrung” como

"uma experiência coletiva", portanto, temos como foco "uma organização social comunitária centrada no artesanato" (GANEGBIN, 1994, p. 9), uma vez que "este caráter de comunidade entre vida e palavra apoia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho, em especial, na atividade artesanal" (GANEGBIN, p. 10). Como espaço de nossa peregrinação, escolhemos a região conhecida como Quilombo Poços do Lunga, localizada na zona rural da cidade de Taquarana (AL), distante 135 km da capital alagoana. Nesta comunidade residem em torno de 45 famílias quilombolas que vivem, quase exclusivamente, da arte da cerâmica, do bordado e da manufatura da farinha. Registro a "ligação secular entre mão e voz, entre o gesto e palavra (...) os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma" (IDEM, p. 10). Trabalhamos com a metodologia de gravação da voz dos sujeitos fotografados e a técnica de antigos retratistas cujas "imagens de grupo os personagens conservam ainda uma forma alada de estarem juntos" (BENJAMIN, 1994, p. 99). Por último, coloco-me na posição de pesquisador, fotógrafo, andarilho, etnoflâneur que analisa seus próprios rastros em alusão ao trecho "o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?" (BENJAMIN, 1994, p. 107).

Geopoesia e dramaturgia em tempo de autoexílio: uma análise de *A sentença*, de Fernando Guimarães

Adair de Oliveira Júnior (UnB)

Resumo Um assassinato. Uma juíza. Uma sala de jurados. Dez pessoas decidem sobre a inocência ou a culpabilidade de um réu. O espetáculo teatral com livre adaptação a partir do filme 12 homens e uma sentença, do diretor Sidney Lumet, mergulha na realidade brasileira ao abordar as injustiças geradas pelo preconceito e discursos totalitaristas. Em texto inspirado em casos reais, ocorridos em vários locais do mundo, em que pessoas são acusadas, condenadas à morte e executadas sem provas cabais de suas culpas, A sentença, de Fernando Guimarães, 2019, discute a relação entre alteridade e os destinos humanos. A peça apresenta as discussões de um júri, formado por dez personagens, sobre a culpa de um jovem de dezoito anos,

acusado de ter assassinado sua mãe em um crime bárbaro. Em poucas horas, os jurados, num sistema muito dialógico, deverão decidir o futuro do jovem a partir das provas. A dramaturgia presente nesta obra ressalta os elementos que precedem a execução de um prisioneiro. Uma morte anunciada, que acontece quando nos mantemos alheios ao outro e, principalmente, quando votamos de modo impensado. Este é o terceiro trabalho consecutivo do diretor, Fernando Guimarães, que lida com o tema das violências diárias: espraiadas por brasis liminares e que encetam agressões físicas, financeiras, psicológicas e midiáticas. Pensando na montagem em Brasília, pretendemos, numa espécie de compreensão dramatúrgica da geopoesia, discutir não só a banalização da violência e do mal mas, para ficar com Walter Benjamin, a ascensão de situações que desejam calar "narradores, atores, plateias" em tempos de desassossego. A sentença, nesse caso, não trata apenas da violência, mas de uma espécie da autoexílio das pessoas frente à realidade (GUIMARÃES, 2020).

Geopoesia e Flânerie em Machado de Assis: a ótica do transeunte no *Memorial de Aires*

Marcos Eustáquio de Paula Neto (UnB)

Resumo Esta proposta apresenta uma leitura do romance *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis. Movimenta-se em torno da geopoesia (SILVA JUNIOR, 2015) na escrita do diário como uma condição do transeunte, da flânerie e do diplomata defunto – Conselheiro Aires. Para o alcance dessa proposição, entendemos Aires como um Flâneur, andante e observador, marcado por certa "embriaguez anamnéstica" (BENJAMIN, 1989, p. 186). Essa embriaguez do olhar é responsável pela composição das "passagens" diárias, registradas sempre por intermédio "da memória ou da reflexão" (MACHADO, 1997, p. 67). Suas peregrinações (autorais) irrompem-se de vários polos: da morte à vida – se pensarmos nas imagens primeiras do cemitério inerte com o voo dos pássaros; da velhice à juventude – do casal Aguiar e seus afilhados, Fidélia e Tristão; do festivo convívio familiar à triste solidão dos idosos, da Europa ao Rio de Janeiro e, enfim, das rodas ao redor de seu quarto aos espaços públicos e privados que frequentava com outros. Trata-se, portanto, de passamentos

incessantes que assumem, na pena do flânerie, a função histórica de retirar do silêncio "a massa anônima" (VOVELLE, 1996). Mover na escrita diária os testemunhos daqueles que "vão mais depressa que os mortos" (MACHADO, 1997, p. 154), a saber: os velhos, os escravos, os trabalhadores que ergueram e movimentam as cidades, em síntese, as contradições humanas. Desta forma, visamos entender como o uso da geopoesia nos cadernos que compõem a prosa do Memorial repercute em uma ótica atenta e itinerante empreendida pelo diplomata sexagenário.

Narrativas do sertão à luz de conceitos de Walter Benjamin

Rosa Amélia Pereira da Silva (USP/IFB)

Resumo Esta reflexão se propõe a discutir a ideia de Walter Benjamin em relação ao grande narrador de estórias e histórias exemplares. Segundo o filósofo, esse narrador está em vias de extinção por inúmeras razões, entre elas, destacamos a falta de escuta. Por meio de um resgate de narrativas, da compilação delas e da organização de material recolhido por meio de registro oral, escrito e imagético, colocamo-nos no papel de ouvintes e conseguimos registrar a presença desses narradores no sertão mineiro. Focalizando a região central do enredo do romance Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa, o nosso trabalho de campo foi realizado, onde ainda sobrevivem autênticas narrativas populares. A relevância do projeto está em demonstrar a importância desses narradores populares como fonte de conhecimento e sabedoria, uma vez que aquele que conta, conforme esclarece Benjamin, sempre tem algo a ensinar, pois as narrativas apresentam valores e saberes, ensinamentos morais e conselhos para a vida prática. As narrativas, que apresentam um caráter popular, apesar de pouco reconhecidas atualmente, ainda existem. Por isso, diante do cenário altamente informativo em que vivemos, as narrativas populares, junto com o seu rico legado, merecem ser resgatadas. Nosso objetivo é demonstrar um pouco desse resgate e a ausência do ouvinte na relação narrador/narratário.

O espaço dialético e intertextual de *Os homens de barro*, de Ariano Suassuna

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch (PUCSP)

Resumo O presente estudo concentra-se na tragédia de Ariano Suassuna *Os homens de barro* (2003), que estabelece um diálogo entre as culturas popular e erudita. Tal preocupação do autor aparece no conjunto de sua obra e é defendida na década de 1970 no Movimento Armorial. O diálogo entre o erudito e o popular aparece na obra suassuniana marcado profundamente pela intertextualidade. São retomados gêneros, temáticas, citações, motes e outros elementos, tanto de autores clássicos, dos cânones universal e nacional, como de autores populares brasileiros. Tania Franco Carvalhal, em seu livro Literatura Comparada (2004), elucida o conceito de "intertextualidade" como relacionado à produtividade do texto literário, o qual absorve e transforma outros textos. Com isso, deixamos de falar em influências e passamos a abordar transformações e assimilações. Na peça *Os homens de barro*, o jogo intertextual acontece pelas referências bíblicas, epígrafes, nomenclatura das personagens, elementos da cultura popular brasileira presentes nos folguedos tradicionais, inserção de outros textos, e, sobretudo, pelo próprio cenário da peça, o conjunto de lajedos da Pedra do Reino, que de fato existe no sertão pernambucano e foi em grande parte esculpido pelo artista popular Arnaldo Barbosa, a pedido de Ariano Suassuna. As duas pedras maiores são formações da natureza e compõem uma referência intratextual, intertextual e histórica, remetendo-nos ao movimento sebastianista que se deu nesse espaço, resultando em conflitos semelhantes aos de Canudos, narrados por Euclides da Cunha em sua obra *Os sertões*. Suassuna reinscreve todos esses elementos em outro contexto. Além disso, lê a tradição literária, ora prolongando-a, ora subvertendo-a, ou seja, revitalizando-a. Este processo de releitura dos textos antecessores, segundo Carvalhal (2004), propicia uma interação dialética e permanente do presente com o passado, de modo a renová-lo.

Passagens de *Meu tio Roseno, a cavalo*, de Wilson Bueno: compondo limiares

Eliza da Silva Martins Peron (UFMS)

Resumo Ao pensarmos no espaço delineado por passagens, na obra *Meu tio Roseno*, a cavalo (2000), observamos de que forma a travessia do personagem principal revela caminhos de um sertão bifurcado. Nas paragens, Wilson Bueno desponta personagens do cotidiano imersos em problemáticas de um sertão imaginado e erigido a partir da mescla entre ficção e realidade, recurso propício a enviesar a exploração das terras, do latifúndio, e o mito propagado pelo governo de terras devolutas e/ou desabitadas. Nesses espaços entre o real e a ficção, mesclam-se culturas, migrantes, brancos, índios, presságios, mitos e lendas e revelam um cotidiano ao mesmo tempo cruel e singelo, um espaço recriado, expondo a singularidade de locais os quais não se inscrevem em apenas uma fronteira. Assim propomos analisar essa nova senda de que ainda há tantos outros sertões para além dos consolidados. Para representar esses lugares inóspitos ainda intocados, Bueno recorre à uma memória imaginada, mas percorrida pelo tio do narrador e que são reveladoras da cultura popular, personagens travestidas da oralidade, da crença em mitos, nas lendas de lobisomem, nas sinas e presságios, delineando pessoas "sertanejas", índias velhas e sábias que veem o que ninguém mais vê. Vozes esquecidas que exprimem diferentes culturas, particularidades, opressões, lutas, costumes os quais o autor recria para que seja possível recontar: perfazer em poesia os veios labirínticos de uma geografia e de histórias que vão se delineando por meio dos diferentes recursos literários, dentre eles, a mescla de línguas e a metáfora derivada do misto de prosa e poesia emanada da narrativa enquanto o tio atravessa os limiares, compondo os sertões e as línguas entre as diferentes fronteiras.

Poéticas olfativas na geopoesia de Goiás: imagens gourmands em "O prato azul-pombinho", de Cora Coralina

Lemuel da Cruz Gandara (IFG)

Resumo As poéticas olfativas revisitam os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (2003) e de Silva Jr. e Gandara (2013) no âmbito dos aromas e perfumes. Tal visada tem a ver com a resposta criativa em que artistas acrescentam seus excedentes de visão a livros, filmes e pinturas a partir de elementos abstraídos de experiências sensoriais vinculadas diretamente ao olfato e/ou intermediadas por ele, caso da gastronomia e da enologia. Ela também se aplica a qualquer outro objeto ou entendimento em que se possa ressignificar um valor já atribuído, dando a ele novos sentidos fundamentados na memória aromática, não importa qual a classificação qualitativa. Com isso em vista, neste trabalho, nos debruçamos sobre o livro "O prato azul-pombinho" (2011), escrito pela goiana Cora Coralina, e as ilustrações de Lúcia Hiratsuka feitas para o texto. Consideramos que as autoras realizam uma tradução coletiva de imagens olfativas vinculadas ao universo popular das doceiras da Cidade de Goiás (GO) no horizonte da geoposia, perspectiva teórica vislumbrada por Silva Jr. e Marques (2016). Assim, lançamos nosso olhar às fragrâncias gourmands (cujas notas e acordes contêm ingredientes próprios da culinária, especialmente doces e confeitarias em que encontramos baunilha, cravo, canela, caramelo, chocolate, amêndoas, café etc.) exaladas pelas palavras e pelos desenhos na obra da poetisa vilaboense.

Visões de uma etnoflâneur aprendiz em territórios literários de Minas

Maria Cecilia Marks

Resumo A proposta desta comunicação é relatar a experiência de contato presencial com a paisagem do cerrado, buscando identificar imagens da obra de Guimarães Rosa e apontar passagens de Grande Sertão: Veredas em que o narrador apresente transformações desse bioma em decorrência de fatores econômicos. Nesse sentido, a inspiração vem dos ensaios Maquinação do Mundo – Drummond e a

Mineração (2018), de José Miguel Wisnik, e A Dupla Noite das Tílias - História e Natureza no Fausto de Goethe (2019), de Marcus Vinicius Mazzari, ambos dedicados a revelar, nas obras e na relação desses autores com o mundo em que viveram, os seus respectivos posicionamentos perante a ação capitalista que implica em destruição sistemática da natureza e de culturas ancestrais. Tais ensaios constituem importantes pontos de contato do fazer acadêmico com a realidade do momento, uma vez que conectam a reflexão sobre a obra de arte literária com recentes desastres de enormes proporções – o rompimento de barragens em Minas Gerais e os incêndios na floresta amazônica –, crimes que resultaram em mortes de pessoas e do meio ambiente. Em diálogo com esses escritos contemporâneos, coloco o também atual texto de Ailton Krenak Ideias para Adiar o Fim do Mundo, no qual esse pensador indígena expõe dois princípios equivocados defendidos pelo mundo ocidental hegemônico: o conceito monológico de humanidade e a visão de natureza como algo que se diferencia do humano, como se o homem não fosse parte de um amplo ecossistema em que o rio e a montanha são seus irmãos – assim consideram os povos originários e também o onceiro de Meu tio o Iauaretê, que se descobre parente do bicho.

Simpósio 37 - História da literatura brasileira: exclusão e revisão

Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Sílvia Maria Azevedo(UNESP)

Resumo Ao longo das últimas décadas, observa-se uma tendência de recusa às posições essencialistas no que se refere à concepção do cânone e de seus critérios. Durante muito tempo, a discussão teórica sobre a formação do cânone negligenciou a historicidade dos critérios utilizados, representada pelo componente de exclusão, ou seja, "os traços de violência inerentes a todo gesto de escolha e seleção estética" (KLEIN, 2013, p. 113). A tomada de consciência do potencial de violência inerente às estratégias de composição canônica tem levado ao exercício de revisão do cânone, pautado pelo que foi chamado de "política da memória", a implicar decisões sobre "o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido." (GUINSBURG, 2008, p.105). Essas questões dizem respeito às mutações que os conceitos e as formulações teóricas vêm sofrendo ao longo do tempo, em função das concepções e normas que regem a constituição do sistema literário. Ao mesmo tempo que essas concepções orientam a construção do arranjo discursivo conhecido como literatura, interferem também na avaliação e na organização desse mesmo arranjo. Diferentemente, portanto, do historiador do passado, o historiador (narrador) do presente envolve-se com uma série de questionamentos que comprova a fertilidade das reflexões teóricas sobre a literatura e sobre a história da literatura, em particular, atingindo a formação do cânone, entre outros aspectos. Nesse sentido, questionam-se os períodos históricos, os diferentes gêneros literários e até mesmo o conceito de literatura. Esse novo paradigma mostra que a história da literatura não está assentada sobre um discurso unívoco em torno de uma unidade nacional, mas é formada por diferentes vozes, provenientes de estratos variados. A discussão sobre a história da literatura (e da história da literatura brasileira, em especial) recai sobre o alargamento de conceitos como história, literatura, gêneros, cânone; sobre a intervenção ou a ausência das instâncias de recepção que provocam efeitos no discurso historiográfico; o papel dos sujeitos responsáveis pela escrita do discurso da história da literatura. Entende-se, portanto, que estamos em um terreno sujeito a alterações, em mutação e passível de múltiplas leituras, o que comprova a dinamicidade

desse campo dos estudos literários. No que se refere à literatura brasileira, por conta desse movimento revisionista, vem ocorrendo nos últimos tempos o resgate de autores e obras literárias que ficaram à margem do cânone, assim também de crônicas, cartas, diários, autobiografias, histórias literárias, quer na forma de estudos e pesquisas, quer na forma de reedição de textos inéditos. Uma vez que o exercício de revisão implica muito mais do que a substituição e agregação de autores e obras marginalizados, o objetivo do simpósio é abrir espaço para a discussão dos critérios de exclusão e revisão na constituição da história literária brasileira.

"A Família Agulha": representações na prosa de ficção oitocentista de Luís Guimarães Júnior

Rogério Perreira Borcem (UFPA)

Resumo Nesta pesquisa, buscamos estabelecer o estudo crítico acerca da prosa de ficção oitocentista "A família Agulha, de Luís Guimarães Jr., publicada entre 21 de janeiro e 26 de abril de 1870 em folhetim no "Diário do Rio de Janeiro", e em livro nesse mesmo ano, sendo sua segunda edição datada de 1900. Nesse sentido, este estudo se trata de uma pesquisa em andamento a qual buscará compreender os aspectos referentes às singularidades da escrita de Guimarães Jr., importante homem de letras no século XIX, contemporâneo de grandes nomes da literatura brasileira como: Machado de Assis e José de Alencar. Sua produção é versada por uma escrita peculiar, uma vez que, no romance, percebemos inúmeras descrições, representações e críticas às instituições sociais, assim como traços típicos da construção dos romances cômicos existentes no contexto em que a referida obra foi composta e publicada. Desse modo, buscamos evidenciar que essa produção literária, assim como o referido autor precisam de um estudo crítico minucioso que busque entender tanto o lugar de Guimarães Jr. no contexto literário e social carioca da segunda metade do século XIX, quanto aspectos relacionados ao próprio romance no contexto evidenciado, isto é, a recepção crítica, a circulação, bem como os recursos cômicos utilizados como elemento central da narrativa.

A História da Literatura como matéria romanesca

Marilene Weinhardt (UFPR)

Resumo A apropriação de escritores pela ficção é traço marcante da produção das últimas décadas. Em estudos já publicados, procuramos realizar o levantamento dos títulos e apreender os traços marcantes do conjunto (WEINHARDT, 1998; 2010). Em três lançamentos recentes, nos deparamos com a ficcionalização de escritores canônicos por excelência: Ana Miranda, em Semíramis (2014), apropria-se de José de Alencar; Silviano Santiago é direto desde o título, Machado (2016); José Roberto Walker refigura Oswald de Andrade, em Neve na manhã de São Paulo (2017). Entretanto, o peso desses nomes na história literária não condiciona visada que reforce seus aspectos mais conhecidos, sejam biográficos, seja das obras que asseguram seus lugares nesse panteão. Chama a atenção a insistência em procedimentos que inscrevem as personagens na paisagem geográfica e no cenário social que lhes foi dado viver. Daí resulta, além do óbvio efeito do recurso - dotar as personagens de dimensão humana - ênfase na inscrição na vida literária da época, revisitada sob luz que não é costumeira na História Literária. O que se pretende investigar é que conceitos de história da literatura aparecem em cada instância narrativa, seja pela explicitação assumida, seja pela seleção e organização dos materiais disponíveis, tanto provenientes da produção dos escritores como da história literária e da fortuna crítica.

A imprensa feminina piauiense nos séculos XIX e XX: Rastros e Memórias

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)
Erika Ruth Melo Ciarlini (UESPI)

Resumo A imprensa feminina piauiense nos séculos XIX e XX: Rastros e Memórias A Literatura de autoria feminina no Piauí encontra-se, em sua maioria, nas atuações de escritoras em jornais e revistas, que compõem um corpus de periódicos datados de 1880 a 1930. Neste trabalho, delineiam-se historicamente os dados, à luz do que defenderam Dulcília Buitoni (1990) e Constância Duarte (2016), acerca

da imprensa feminina no Brasil, assim como observam-se os locais de enunciação dos suportes e das escritoras, estes pelo que defendeu Pierre Bourdieu (2008), em seus estudos da dominação masculina, bem como pelos conceitos de memória e esquecimento adotados por Paul Ricouer (2000). Assim, este estudo conduz os dados a partir de suas características, na organização de um cronograma: atuações esparsas, uso de pseudônimos, grêmios literários e jornais de/para mulheres. Até 1930, as que saíram da imprensa para os romances foram a poetisa Luíza Amélia de Queiroz e a romancista Amélia de Freitas Beviláqua; as atitudes anônimas daquelas que publicavam nos jornais da província revelaram-se dos anos de 1850 a 1880; e, quanto às que ousavam utilizar seus nomes assinaram-nos de 1880 até a primeira metade do século XX. O uso dos pseudônimos também registra-se, desde 1870, sumindo com a chegada de 1900. As primeiras mulheres a escrever em território piauiense o fizeram em ato de resistência. Por meio de cartas e poemas comunicavam-se umas com as outras, devido proibições dos maridos e pais de que saíssem das casas. A única forma de manterem contato com irmãs e amigas, em meio ao isolamento territorial e a uma sociedade que as obrigava viver presas às cozinhas, era por meio da escrita, correspondendo-se e/ou dedicando-se poemas. O jornal, nascente no Piauí em 1837, cujo primeiro veículo, O Piauiense, saiu na cidade de Oeiras, antiga capital, com finalidades políticas, foi o que inaugurou a possibilidade de comunicação às longas distâncias naque

As personagens femininas nas narrativas de Valesca de Assis

Ariane Luisa Nedel (PUCRS)

Resumo Tratar do mundo feminino é um dos cernes das obras de Valesca de Assis, que, assim como suas histórias, procura denunciar aos seus leitores que a mulher é um sujeito que, impreterivelmente, pretende ocupar o espaço que lhe é por direito constituído em qualquer comunidade. As obras "A valsa da medusa" (1989), "A colheita dos dias" (1991), "Harmonia das esferas" (2000) e "A ponta do silêncio" (2016) são narrativas incrivelmente engendradas pela autora para provocar questionamentos importantes na literatura brasileira contemporânea: que espaço uma mulher gaúcha e escritora vem

ocupando no mundo das letras? com o enfoque em personagens femininas, com que relevância suas histórias têm sido narradas, transparecendo suas dores e dilemas? a história da literatura brasileira tem contemplado, de fato, a genialidade das mulheres escreventes? Uma escritora gaúcha, de Santa Cruz do Sul, em um território dominado por obras literárias escritas por homens. Esse é o panorama que Valesca de Assis enfrenta com bravura quando escreve e publica seus livros. Estima-se, que em um total de 933 autores de livros literários mapeados no Rio Grande do Sul, 339 deles são mulheres (ALMEIDA; WEISSHEIMER, 2018, p. 461). O número pequeno do público feminino na literatura representa uma esfera de barreiras que qualquer mulher escritora gaúcha pretende ultrapassar, mesmo que a temática de suas obras não esteja diretamente ligada ao eixo das teorias feministas. Dentro dessa perspectiva, a contribuição que as narrativas de Valesca de Assis estabelecem é de extrema importância para enobrecer o horizonte literário feminino no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Conhecendo o outro lado da historiografia da literatura surda no Brasil

Diogo Souza Madeira (FURG)

Resumo O presente trabalho apresenta as características da historiografia da literatura surda exploradas pela investigação em textos acadêmicos que discutem efetivamente o conceito de literatura surda. O objetivo é buscar compreender como o acervo da literatura surda atende o público leitor surdo bem como o ouvinte com conhecimento mínimo da experiência linguística e visual da surdez se de uma maneira diferente ao passo que se questiona se o mesmo realmente resiste a novas abordagens estéticas. Este intuito coloca as ideias da literatura surda como uma necessidade para revisão. Nos dias de hoje, o tema encontra-se em aberto para agregação de novos olhares de pesquisadores por ter surgido no começo do século XXI no panorama acadêmico brasileiro. Os resultados iniciais sugerem o tema a ser explorado em restrição a duas áreas, de Educação e Estudos da Tradução, e a análise dos critérios do acervo da literatura surda que considerariam produções literárias em Língua de Sinais. Em termos de orientação, para buscar compreender a ideia de como se

desenha o outro lado da historiografia da literatura surda sem interferir no ritmo de suas atividades de acordo com tais critérios, esta pesquisa mesmo em andamento, recorre à revisão da literatura de autores que consolidam seus territórios conceituais ligados a memória, acervo, literatura, arquivo e educação de surdos e à análise de textos acadêmicos que se preocupam em qualificar a literatura surda.

Machado, a insustentável cura do Bruxo do Cosme Velho: o quando do romance

Martina da Silva Schaedler (PUCRS)

Resumo A arquitetura da obra *Machado*, de Silviano Santiago, é como o teto de uma catedral, arma-se diante de nós e merece um tempo de contemplação, e um tempo de compreensão. Abre com a tela Transfiguração, de Rafael, que corresponde ao título do último capítulo. Todos os capítulos são intitulados com epígrafes, tecendo um emaranhado de intertextualidades. Silviano Santiago não faz, como muitos escritores, uma nota ou um prólogo que ambiente ou que conduza a leitura, que tome o leitor pela mão, fazendo um trilhado. Tem-se apenas as orelhas, não assinadas, que dão o contexto: "Machado é um triste viúvo solitário que sofre com dores e crises nervosas enquanto testemunha a modernização da cidade pelo governo republicano". Explicita a interlocução, por correspondência, com Mário de Alencar, e questiona, sem responder: "Qual será a conexão entre as convulsões de Machado e sua escrita genial?". Ao falar de Santiago, aloca sua escrita entre fronteiras dissolvidas, "entre pesquisa biográfica, romance e ensaio". Portanto, o pacto de leitura vai acontecer, se acontecer, na leitura da obra, desde as epígrafes, como se tivéssemos um pacto dentro do pacto, o narrador enquanto leitor afirma seu pacto de leitura das cartas, e o leitor lê esse pacto. O narrador leitor alça discursivamente mão da criação e da leitura das cartas passa a um narrador transfigurado, manejando outra esfera discursiva, e o leitor pactua na transfiguração desse discurso. Estabeleço e amarro meu recorte de análise, minha hipótese, jogo de acasos, expressão do narrador, a construção de um narrador leitor para alçar mão da criação e assim transfigurar-se, refletindo a noção de romance. O tempo da velhice é tempo de criação. Embora este romance seja um exemplo caro aos

estudos literários, em que a história e ficção acontecem em tensão, dedico-me a pensá-lo, neste momento, no ponto sensível da potência da criação enquanto sobrevivência.

Marcelo Gama na "Revista de Erechim"

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Resumo Em pesquisa iniciada recentemente, tenho a intenção de analisar a vida e a obra de Marcelo Gama, pseudônimo de Possidônio Cezimbra Machado, poeta sul-rio-grandense nascido em Mostardas, cidade localizada no litoral sul do Rio Grande do Sul, em 3 de março de 1878, e falecido no Rio de Janeiro, em 7 de março de 1915. Além de poeta, foi dramaturgo, conferencista, jornalista e cronista. Apesar de ser um autor que marcou a historiografia literária sulina como o iniciador do Simbolismo no Estado, em especial com o livro "Via sacra", de 1902, sua obra, pouco extensa, está esgotada, não circulando entre os leitores desde 1944, quando foi publicado "Via sacra e outros poemas", no Rio de Janeiro, pela Sociedade Felipe d'Oliveira. Depois desta data, não mais foi editado em volume de grande circulação, embora sendo continue citado por outros poetas, como em crônica de Carlos Drummond de Andrade, ou nas histórias da literatura brasileira ou sul-rio-grandense, até com certo destaque. Em dois números da "Revista de Erechim", de agosto e setembro de 1953, o pesquisador e professor Walter Spalding publicou várias páginas em que repassa informações sobre o escritor, com a reprodução de poemas, alguns inéditos. É sobre esse material que a comunicação se debruçará, tentando apontar caminhos que serão futuramente desenvolvidos por este trabalho investigativo sobre Marcelo Gama que ora se inicia.

República, povo e identidade nacional em *Os Sertões*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *A Conquista*: questões para a história da literatura

Adeítalo Manoel Pinho (UEFS)

Resumo Questões graves como esquecimento e consagração perseguem tenazmente a história da literatura. Uma das questões para a ilustre senhora é qual seria o maior evento da história do Brasil. Noutras oportunidades de investigação de obras e autores, percebi que as melhores chances giram em torno da Abolição da Escravatura (1888) e da Proclamação da República (1889). Sendo assim, dando seguimento à pesquisa, este estudo examina aspectos de três obras da literatura brasileira (*Os Sertões*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *A Conquista*) sob o olhar de um intérprete do Brasil, numa obra fundamental: *A América Latina* (1903), de Manuel Bonfim. Do mesmo modo que o país foi dividido em duas sociedades separadas e opostas, povo e elites (CARVALHO, 2014) a literatura também fez as suas escolhas sobre como tais mundos deveriam se representar e legitimar. Lidos ou esquecidos, livros e personagens da literatura foram determinantes para a configuração da sociedade brasileira. Desejo crer e debater que o assunto pertence plenamente ao espaço dos estudos literários assim como é excelente oportunidade da história da literatura, a partir de seu campo, responder sobre narrativa, memória, ideologia e cultura. Faço referência a ideias críticas de Antonio Candido, Silviano Santiago, José Murilo de Carvalho e outros para fundamentar a argumentação.

Tuiatã: as cores e as aventuras de uma mulher, a saga de uma família e a (re)constituição do sul gaúcho

Gisele Thiel Della Cruz (UNIDOMBOSCO)

Resumo Com frequência, os pesquisadores que estudam e trabalham as questões e relações de gênero reconhecem, na produção intelectual e literária, não apenas brasileira, uma significativa ausência da voz feminina. As personagens criadas pela literatura, ao longo do tempo, seriam o resultado de um processo discursivo de homens,

seus criadores. A mulher, de acordo com os estudos de gênero – compreendido enquanto categoria de análise - é fruto da construção cultural do desejo de dominação patriarcal. Essas imagens femininas produzem significações estéticas e políticas. Tais discursos revelam sua pouca neutralidade e retratam sistemas de valores específicos de uma época e cultura. O presente trabalho analisa, do ponto de vista literário e historiográfico, as estratégias de atuação e afirmação social das mulheres na composição do território do Rio Grande. Em Tuiatã, de Hilda Simões Lopes, a figura da cigana Isabel encontra o alívio e o amor em terras distantes. É da composição de uma genealogia reconfigurada, que leva ao escritor Simões Lopes Neto, que se trata a obra ficcional. Nela se pode reconhecer os conflitos armados entre as estruturas institucionais e a sobrevivência de uma gente excluída: os ciganos. Para além dos sons, cheiros e gestos velados, estão os conflitos vivenciados entre a instituição patriarcal e a insurgência da emancipação feminina. As protagonistas Isabel, Isabel Dorothea e as demais mulheres daquela família recompõem o papel de donas de casa, de mães, de companheiras e de mulheres da guerra. Em uma terra crivada de conflitos de fronteiras, de peleias políticas e batalhas nas cercanias, suas presenças foram muito mais do que ausências (tão propagadas nos discursos oficiais). Assim, tomar a obra de H. S. Lopes como ponto de análise é trazer para as discussões sobre a atual "missão" da literatura, a compreensão do que extrapola cânone e que, nesse sentido, está, também, na leitura da representação da mulher ou na escrita feminina nas últimas quatro décadas.

Simpósio 39
Literatura comparada, artes visuais e epistemologia(s) queer/cuir

Anselmo Peres Alós (UFSM)
Carlos Henrique de Lucas (UFOB)
Rosângela Fachel de Medeiros (UFPEL)

Resumo O presente simpósio alinha-se ao *modus operandi* e às recentes discussões promovidas pelo *Comparative Gender Studies Research Committee,* sob os auspícios da *International Comparative Literature Association*. Interessam a este simpósio – bem como àquelxs que o organizam – propostas de comunicação que apresentem discussões, pesquisas e projetos que partam de um lugar epistêmico preocupado com questões de gênero e sexualidade, teoria *queer*/cuir e estudos transvestigêneres, travestis (WAYAR), transexuais, transgêneros e não-bináries – em perspectiva comparada. Compreende-se aqui "perspectiva comparada" em seu sentido mais amplo, isto é, como uma abordagem investigativa da literatura e da cultura que inclua: "a) análises comparatistas que atravessem simultaneamente fronteiras linguísticas/nacionais, e as de gênero e/ou sexualidade; b) análises comparatistas que cruzem contextos históricos, pós-coloniais e transnacionais e privilegiem o gênero e a sexualidade; e c) discussões e problematizações que se utilizem do gênero e da sexualidade como *loci* de comparação *per se* ou em intersecção com categorias de raça e etnia, classe, nacionalidade, religiosidade ou outros *loci* de alteridade" (*GGSRC website*, 2020). Interessam aqui, também, as investigações em torno das políticas textuais, culturais, midiáticas e tradutórias que se ocupem de temáticas, abordagens e/ou perspectivas *queer*/cuir, tais como as apresentadas por FLOTOW (2011), HAYES, HIGONNET e SPURLIN (2010), RICHARD (2018), PRECIADO (2011, 2019), DOMÍNGUEZ-RUVALCABA (2018), LUCAS LIMA (2017), ALÓS (2017a, 2017b), MEDEIROS (2018, 2019), e pelo periódico *Whatever*. Compreende-se aqui o comparatismo *queer*/cuir como um gesto de leitura e como um posicionamento epistêmico concomitantemente de(s)coloniais, contra-hegemônicos e interseccionais, tal como já se insinuava nas primeiras problematizações ao redor do *queer*/cuir: *"queer* é, por definição, qualquer coisa que subverta os regimes de normalidade, de legitimidade, de hegemonia [*dominance*]. Não há nada

em particular a que o termo necessariamente se refira. Ele designa uma identidade sem essência" (HALPERIN, 1995, p. 62); "*queer* não designa uma classe de patologias ou perversões já designadas; ao invés disso, *queer* descreve um horizonte de possibilidades cujo escopo, extenso e heterogêneo, não pode ser delimitado antecipadamente" (HALPERIN, 1995, p. 62); "muito do que há de mais excitante em torno da noção de *queer* gira em torno do fato de que o termo remete a dimensões que não podem ser subsumidas pelas categorias de gênero ou sexualidade [...]. O impulso desnaturalizante do *queer* pode encontrar uma articulação precisamente dentro daqueles contextos em que têm sido julgados indiferentes [...]. Pela recusa à cristalização em uma forma, qualquer que seja, o *queer* sustenta uma relação de resistência a toda e qualquer constituição de regimes de normalidade" (SEDGWICK, 1993, p. 9); "é necessário afirmar a contingência do termo [*queer*], permitir que ele seja derrotado por aquelxs que são excluídos pelo termo mas que, justificadamente, esperam ser representados por ele; permitir que ele se aposse de sentidos que não podem ser antecipados pela geração jovem cujo vocabulário político pode bem carregar um conjunto radicalmente diferente de investimentos" (BUTLER, 1993, p. 230). Que tipo de afiliação a(s) epistemologia(s) *queer/cuir* podem desenvolver quando articuladas com o feminismo, com as perspectivas de(s)coloniais e antirracistas, com as estratégias de leitura desconstrutiva e com os dispositivos de análise historicamente já consagrados, tais como nos estudos de raça, classe e etnia? No contexto latino-americano, há a preocupação de que "a academicização estadunidense das tendências *queer* termine apagando os marcos do debate crítico e dos contextos históricos, sociais e políticos dos quais se libertaram as lutas feministas e homossexuais" (RICHARDS, 2018, p. 32). Essa suspeita de colonização epistêmica coloca em discussão a própria natureza do *queer* enquanto instrumento cultural e discursivo de descolonização, que perturba a lógica dos sistemas gênero-cultural nacionais (DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, 2018). Haveria de 'des-anglofonizar' o *queer*, 'cuirizar' o *queer* para colocar seus dispositivos analíticos a serviço dos interesses de uma 'epistemologia do Sul/Sur global'? Traduzir o *queer* ao contexto latino-americano é um processo político que implica reconhecer as margens, as exclusões, as abjeções e as opressões aos corpos desviantes (DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, 2018). A teoria *queer* na América Latina é "*un método localizado que se dirige a conocer los problemas*

de los cuerpos en su propio contexto. Su significado se enriquece gracias a una interseccionalidad compleja en la que expresiones sexuales y de género no pueden separarse de los determinantes económicos, de las restricciones religiosas y legales, de las exclusiones de raza, de clase y de nacionalidad, o de las disputas políticas" (DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, 2018, p. 21). São bem-vindas a este simpósio propostas de comunicações que se debruçam a aprofundar as modalidades de apropriação do *queer*/cuir e de suas estratégias retóricas e políticas, bem como de suas categorias analíticas pelos campos da literatura comparada, dos estudos culturais, midiáticos e (trans)área, bem como trabalhos crítico-analíticos que se proponham a discutir produções culturais, midiáticas, literárias, artísticas, fílmicas e audiovisuais advindas dos mais variados espaços geográficos e temporalidades históricas.

Gênero, identidade Queer e subcultura gótica em *Lost Souls*, de Poppy Z. Brite

Andrio J. R. dos Santos (UFSM)

Resumo Na primavera de 1992, a autora Dunja Brill (2008) teve o primeiro contato com a subcultura gótica. No Ballhaus, um bar subterrâneo no centro de Bonn, na Alemanha, ela recorda ter ouvido estranhos sons de guitarras e vocais baixos e roucos em meio à névoa de gelo seco que se insinuava pelo lugar. Na pista de dança, figuras em veludo, capas, maquiagens elaboradas e penteados chamativos. Em particular, uma garota em maquiagem pálida e batom preto, esguia, dançando em meio às brumas. Levou mais de um minuto para que Brill percebesse que ela era, na verdade, ele. Autores como Punter (1996), mencionam que uma das principais características da ficção gótica se encontra em sua capacidade de renderizar ansiedades sócias, sobretudo em relação a corpo, gênero e sexualidade. Na Subcultura gótica, a ficção encontra a música, dando origem a identidades essencialmente queer — que desafiam noções hegemônicas sobre papéis de gênero, sexualidade, identidade. Na subcultura gótica, a performance se apresenta no centro de uma identidade que carrega um quê de teatral e de subversiva, cuja construção bebe tanto da música quando da literatura reclamada por essa subcultura. Este é o caso do romance *Lost Souls* (1992), do autor estadunidense transgênero

Poppy Z. Brite. Apesar de ser um gótico sulista tratando do tema do vampiro, o elemento principal em relação às questões de gênero na obra se relacionam ao fato dos protagonistas, Nothing, Zillah, Twig e Molochai, integrarem a subcultura gótica. Nesta comunicação, pretendo realizar uma análise comparatista para discutir os interstícios entre o gótico (a ficção, a música e a subcultura) e a teoria queer em relação aos personagens de Brite.

Nem isto nem aquilo: masculinidades diversas nas autobiografias *A queda para o alto* de Anderson Herzer e *Erro de pessoa: Joana ou João?* de João W. Nery

Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa (USP)

Resumo Propomos um estudo comparado entre as expressões identitárias masculinas presentes nas autobiografias de Anderson Herzer, A queda para o alto (1982), e de João W. Nery, *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984). Frequentemente expressões identitárias e literárias trans são tidas como relatos de pessoas que sofrem desacordos entre suas mentes e seus corpos, como sujeitos cindidos em conflitos disfóricos, ou seja, de recusa de seus próprios corpos. Esse modelo de leitura tem raízes no discurso médico da segunda metade do século XX e tornou-se um estereótipo que, por vezes, apaga expressões identitárias diversas e complexidades que estas podem apresentar. Veremos como a masculinidade de Herzer é desenvolvida em seus poemas e em seus relatos de experiências dentro da FEBEM de modo a não apresentar proximidade com categorizações médicas de disforia ou com nomeações transexuais. Em seguida, veremos como o caso de Nery parte de definições médicas da transexualidade, que marcam sua narrativa ao reconhecer-se como alguém que nasceu no corpo errado e que através de transformações corporais pode aproximar-se de quem verdadeiramente era. Tanto Herzer quanto Nery apresentam masculinidades não reconhecidas e não permitidas pela sociedade à sua volta, mas o contexto e as expressões de Herzer parecem quebrar certos padrões do discurso médico da transexualidade que Nery, por sua vez, reitera. Nosso objetivo será alargar os pontos de vista sobre as transmasculinidades e propor que as nomeações de gênero em literatura sejam usadas de maneira localizada, ou seja, que

cada expressão seja lida em seu contexto para que suas particularidades de sexo/gênero não sejam apagadas. Esta proposta é um desdobramento de um projeto de mestrado em andamento no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP.

Pigmentos multicromáticos: poesia de autoria indígena LGBTQI+

Jupiter Koroá Lima Cunha (UnB)

Resumo A comunicação se dará a respeito da representação dos corpos indígenas LGBTQI+ no Brasil, nos poemas "As Américas São um Arco-Íris de Tinta", de Diego Puri, e "Genocídio desenhado", de Laís Maxakali. Em análise comparada com documentos históricos coloniais e pesquisas científicas da contemporaneidade, propõe-se discutir as potências narrativas e reverberações dessas obras poéticas. Com enfoque nas múltiplas possibilidades de vivência de gêneros e sexualidades dentre etnias indígenas, documentadas desde a invasão europeia até hoje, evidencia-se a existência de estruturas sócio-político-culturais outras e diversas, para além do modelo heterocisnormativo. No processo de impor a heterossexualidade e cisgeneridade enquanto normas sociais, o sujeito europeu se utiliza das ferramentas de perseguição, medo, culpa, condenação e penitência - por vias político-religiosas - implicando no fenômeno etnocida do apagamento da memória das diversidades sexuais e de gêneros em povos originários no Brasil. A situação de invisibilidade dessas diversidades, como parte de um projeto colonial de dominação, requer então, em contrapartida, o trabalho de resgate dessas memórias e presenças. O poeta Puri e a poeta Maxakali fazem parte da juventude do movimento de resistência indígena no Brasil, e, a partir de suas obras literárias, colocam em discussão a história do país brasileiro e os efeitos da colonialidade, questionando a perspectiva branca e manifestando suas histórias. Através da análise dos poemas, em conjunto com pesquisa histórica e antropológica, aponta-se o caráter anticolonial da produção literária de autoria indígena LGBTQI+ no Brasil, investigando a heterocisnorma enquanto uma faceta significativa do genocídio e etnocídio indígena, e a literatura poética enquanto luta.

Simpósio 40
Literatura e (con)figurações nas Amazônias

Márcio Araújo de Melo (UFT)
Alexandre Silva dos Santos Filho (UNIFESSPA)
Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)

Resumo O simpósio "Literatura e (con)figurações nas Amazônias" propõe reunir pesquisas e trabalhos que pretendem discutir a compreensão a respeito de processos complexos e diversos que envolvem questões de natureza contextual, olhares e sentidos produzidos sobre e nas Amazônias. Para isso, articula saberes que se integram na interface de estudos das Literaturas e das Artes. A análise de diferentes práticas de linguagem (produção literária e artística), mobilizando pressupostos teóricos e metodológicos advindos dessas diferentes áreas de interesse, se entrecruzam sob um viés transdisciplinar. Na confluência de diferentes campos de conhecimentos se atravessam distintos domínios para a apreensão de configurações literárias e artísticas na/das Amazônias. O material empírico de análises também pode ser múltiplo, uma vez que constituído de produtos decorrentes da cultura popular e/ou tradicional, da cultura erudita, das mídias e novas manifestações artísticos-literárias em distintos contextos e suportes. No campo dos estudos literários e artísticos pretende mobilizar a análise das configurações das/nas e sobre as Amazônias em construções discursivas diversas – literatura, relatos autobiográficos, crônicas de viagem, narrativas orais e escritas, narrativas míticas, artes visuais, performances, de modo a compreender sentidos em funcionamento sobre o repertório produzido na e sobre a vasta região, numa perspectiva intercultural e interdisciplinar. Os objetos de interesse dos estudos literários e artísticos serão a base para a compreensão de como as diferenças culturais e os desafios regionais perpassam o campo ficcional, poético, artístico, performático, midiático. Assim, o tema da diversidade literária e artística, cultural e étnica se apresenta nas práticas de múltiplas semioses e diferentes suportes. Contrária a uma perspectiva essencializada de cultura e identidade (MAHER, 2007), buscamos reunir pesquisas que rasuram o modelo epistemológico consensual que desconsidera a diferença e naturaliza relações assimétricas no âmbito do simbólico e também no eixo epistemológico, tendo em vista que "a descolonização já não

é um projeto de libertação das colônias, com vista à formação de Estados-nação independentes, mas sim o processo de descolonização epistêmica e de socialização do conhecimento" (MIGNOLO, 2004, p. 668). A problematização dessas concepções petrificadas de cultura e identidade aponta para a possibilidade de desconstrução ou contraposição a discursos nacionais e internacionais produzidos sobre a identidade cultural das Amazônias. A construção de contradiscursos apresenta ainda a possibilidade de indagar, discutir e problematizar elementos discursivos que nem sempre aparecem na superfície dos textos, mas que dominam ou determinam internamente as concepções que formam pontos de vista fundamentais sobre a cultura. Com esse propósito desviante, o conceito de hibridismo é mobilizado enquanto uma categoria epistemológica e metodológica fundamental, a qual prevê, necessariamente, a relação com a alteridade fora da ordem da assimetria e da subalternidade. O conceito de híbrido, na perspectiva adotada, não pressupõe uma harmonia ou homogeneidade entre as partes, mas evidencia a alteridade, tudo aquilo que é diverso, múltiplo e heterogêneo. Essa perspectiva teórica torna-se imprescindível no contexto de pesquisas voltadas à produção de culturas nas Amazônias, pondo em questão a naturalização das concepções e distinções que definem o que é hegemônico e o que é subalterno, entre alta cultura e cultura de massa ou cultura popular, entre centro e periferia/margem, investindo nos trânsitos, negociações e relações com o outro (LANDOWSKI, 2002). Nesse sentido, o conceito de híbrido tem contribuído para a desorganização de coleções e deslocamentos de doxas petrificadas. Em vez de águas serenas, de sínteses "coerentes" e organizadas dentro de uma lógica racionalizante, o híbrido provoca o contato direto com a impureza, o instável e o ambíguo ou ainda como o resultado complexo e movente do que se constitui apenas pela relação não dicotômica entre eu e outro. Sob essa perspectiva, o simpósio assume a rejeição a concepções de identidade cultural essencializadas, assumindo abordagens teóricas que concebem a região Amazônica como espaço de trocas culturais, mas também de conflitos, tensões, negociações e disputa (SILVA; MELO, 2015). Além da voz indígena, do ribeirinho, do homem da floresta, aparecem na Amazônia plural e heterogênea formas de representação do migrante, do desterritorializado, do que está em movimento, do imigrante, do nômade, formando um "burburinho de vozes" que sugerem processos complexos de identificação (PENALVA, 2012). Em

vez de corroborar com projetos que procuram pensar a Amazônia de forma homogênea, a partir de ideias fixas, regulares e estáveis de sua identidade cultural, o simpósio filia-se a concepções literárias, linguísticas e culturais contemporâneas, ou pós-coloniais que preveem alterações nas formas tradicionais de olhar e refletir sobre a cultura. Por isso mesmo, assume-se aqui o substantivo próprio no plural, visando a problematizar a heterogeneidade, o imaginário, a diferença.

Do pedagógico ao performativo: duas percepções sobre Belém do Grão Pará de Dalcídio Jurandir

Ariadna Ferreira Galvão (UFPA)

Resumo Busca-se discorrer sobre a conceituação da Amazônia criada pelo homem branco ocidental, no caso o colonizador europeu. Pretende-se discutir alguns pontos abordados por Márcio Souza (1994) em Breve História da Amazônia, o qual discute a história do conquistador na região amazônica, o qual aniquilou os moradores nativos e silencia sua identidade substituindo pelos conceitos de Amazônia por ele criado. Tais considerações se relacionam-se com os estudos de Jacques Derrida (1991), em Margens da Filosofia, a tratar sobre o discurso homogêneo criado pelo homem ocidental, a chamar de mitologia branca. A partir disso, usam-se as teorias de Homi Bhabha (1998), em O local da cultura, a respeito de uma concepção única de nação. Essa nação representa apenas um grupo dominante, um único discurso e um único tempo, não dando espaço para minorias sociais. Surge então a modernidade para transformar essa perspectiva, a mostrar duas formas de discurso, o pedagógico, como homogêneo, e o performativo, que considera várias representações. Com isso, pretende-se analisar a obra Belém do Grão Pará, romance do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1960), a levar em consideração o trabalho de Ivone Veloso (2007), Marajó dalcidiano: para além do documental e do etnográfico, a qual retrata as obras de Jurandir sendo contra o discurso homogêneo da Amazônia. Portanto, visa-se discutir as representações de Belém no romance através da visão da personagem Alfredo, o qual muda sua acepção sobre a cidade de Belém, primeiramente considerada de forma única e depois por uma multiplicidade de identidades e sentidos, a mostrar a visão pedagógica e performativa.

Figurações da Amazônia na graphic novel *Castanha do Pará*

Ellen Aline da Silva de Sousa (UFPA)
Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)

Resumo *Castanha do* Pará (2018), de Gidalti Moura Jr., apresenta a narrativa do menino-urubu Castanha, representado com cabeça de urubu e corpo humano, um personagem animalizado que vive nas ruas do mercado Ver-o-Peso na cidade de Belém do Pará. Sendo assim, pautando-se nos pressupostos metodológicos da literatura comparada em Machado & Pageaux (2001) e Carvalhal (2006), esta pesquisa propõe-se a analisar as figurações de um personagem amazônico através da graphic novel *Castanha do Pará*, isto é, busca-se compreender no que se difere o gênero literário em questão de outras linguagens, a partir da experiência literária que se atenta para o contraste em diferentes suportes literários (ROCHA, 2012). Vale ressaltar que a fisionomia grotesca e a situação de rua do menino-urubu não causam estranheza dentro da narrativa, já faz parte do cenário do mercado, desse modo a linguagem da graphic novel vale-se da experiência visual comum entre autor e leitor, ou seja, usufruem de códigos reconhecíveis para ambos, o que tornam essas figuras comuns no âmbito da narrativa. Ademais, no gênero imagético-verbal o corpo humano ganha destaque, sobretudo, as expressões faciais constituem maior relevância para a construção do personagem, dando significado ao texto escrito (EISNER, 1989), por conseguinte, a figura animalizada está relacionada com o próprio gênero literário. Diante disso, *Castanha do Pará* integra um conjunto de graphic novels que figuram a Amazônia a partir do imagético, como visto em Veropeixe e sua turma (1988), Belém Imaginária (2004), etc. nesse sentido, Castanha representa outros tantos meninos em condição de rua nas metrópoles brasileiras, no entanto, seus traços o particularizam no meio social amazônico, em que é naturalizado no cenário do Ver-o-Peso, dado a recorrência da figura do urubu em músicas e outras narrativas.

O agir do sujeito no mundo e seu horizonte de visão: relações éticas e estéticas entre Bruno de Menezes e Fialho D'Almeida

Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de Aquino (UFRA)

Resumo A literatura produzida por Bruno de Menezes é processo e produto de sua vivência nos mais diversos círculos, cujo contato direto com a cultura popular é a fonte de conhecimento necessária para a tessitura de seus discursos e a consolidação de sua obra enquanto um dos intérpretes da Amazônia, conjugando seu posicionamento ético e sua arquitetônica estética na construção identitária da Literatura Amazônica produzida no Pará (AQUINO, 2014). O agir no mundo do escritor Bruno de Menezes pode ser percebido em diferentes momentos, um deles é a própria escolha dos gêneros discursivos novela e romance, também escritos por ele, gêneros esses que passaram a fazer parte do agir dele no mundo, visto que estava acostumado a transitar apenas pelas veredas dos versos, mas a instituição discursiva propiciou essa nova faceta de suas obras, visto ser o momento de configuração de uma nova identidade amazônica com o advento da estética modernista. São justamente esses aspectos que serão apresentados nesta pesquisa, com o objetivo de explicitar a vontade discursiva e o projeto enunciativo do autor-criador Bruno de Menezes, na construção de uma de suas obras em prosa, Maria Dagmar, aqui analisada e relacionada com o agir de outro sujeito, o autor português Fialho D'Almeida, a partir da relação intertextual com a obra A Ruiva. Para a ancoragem teórica que sustente a análise, os conceitos bakhtinianos (Bakhtin, 2010) que serão utilizados são os que se referem diretamente aos "gêneros do discurso" como "tema", "forma" e "estilo", visto que, se é através do gênero que se estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social, é a partir dessa concepção dos gêneros do discurso, que serão depreendidas as imagens de Bruno de Menezes. Na pesquisa são apresentadas as vinculações de Bruno de Menezes a grupos literários, dentre eles a Academia do Peixe Frito, como símbolo da linguagem-estilo do autor-criador de "divulgador da cultura local".

Simpósio 41
Literatura e dissonância

André Dias (UFF)
Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)
Felipe Gonçalves Figueira (IFF)

Resumo A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica, na existencial ou na estética. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio **Literatura e Dissonância** discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, dos costumes, da economia, da cultura, da tecnologia, etc. Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: "o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação." (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática **Literatura e Dissonância**, temos CLAREZA de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que "o *autor-artista pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente" (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras

palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: "como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro" (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises. O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e dos diálogos transdisciplinares. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação. Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação e dos sentidos construídos a partir da literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes. Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações

na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

"History is about to crack open": o anjo do apocalipse e a fantasmagoria em *Angels in America* de Tony Kushner

Vanessa Cianconi (UERJ)

Resumo A fantasmagoria marxista de Jacques Derrida e a ideia do fantasma como hospitalidade (ou o acolhimento do fantasma) de David Coghlan se aproximam quando Tony Kushner tenta, de alguma maneira, ressuscitar Marx e transformar suas ideias em discutíveis mais uma vez. *Angels in America*, peça de 1991, traz para o palco personagens metafísicos que ligam o passado, o presente e o futuro. Esses personagens fantasmagóricos são a representação de um passado que não pode ser esquecido. O anjo, ou o Poder Supremo Continental da América, é a representação do que Dan Vogel chamou de "mobilidade ascendente" como uma marca do caráter americano. Antonio Negri em "Specter's Smile" discute o texto "Specters of Marx" de Derrida e nele, o pensador estadunidense corrobora a ideia de que este texto é a nova mudança paradigmática da pósmodernidade, produzindo uma nova teoria do espectro correspondendo a uma experiência comum: uma experiência de massa, flexível, imaterial e espectral. Essa nova espectralidade está ao alcance de uma ilusão real. Para Negri: "Não existe mais um lado de fora, nem um lado de fora nostálgico, nem um mítico, nem alguma urgência para a razão nos desconectar da espectralilidade do real". Somente um radical "Unheimlich" permanece e nele estamos inseridos. O anjo da história de Walter Benjamin, o anjo apocalíptico de Kushner, os fantasmas que vêm, assim como o pai de Hamlet, para vingar o passado com profundas repercussões no presente trazem para o palco um passado cheio de detritos, que se repete trazendo o que mais assusta o estadunidense: a barbaridade do passado como presente constante. Este texto, então, pretende resignificar esse anjo como o anjo da morte, mesmo em um momento de esperança.

A arte e o artista na escrita de Aldo Palazzeschi

Eric da Silva Santiago (UFRJ)

Resumo Este trabalho busca apresentar uma análise de algumas das figuras cômicas de Aldo Palazzeschi. Nascido em 1885 em Florença, pseudônimo de Aldo Giurliani, o autor começa a publicar em 1905, com a obra I cavalli Bianchi, ainda participando do crepuscolarismo. Já em 1910, se embrenhou pelo futurismo com a publicação da obra L'incendiario, e já no início de 1914 se desliga do movimento. Entretanto, em todos estes momentos, e movimentos, literários, uma de suas marcas mais importantes era a grande ligação com o cômico. Levando em conta os pressupostos de rigidez e flexibilidade de Henry Bergson para a explicação das mecânicas do riso, perceberemos que o cômico palazzeschiano é (des)construtivo, já que, ao mesmo tempo em que busca a destruição dos significados, oferece novos. Neste trabalho pretendemos analisar como o autor interpreta em diversos momentos de sua escrita a figura do artista e a própria arte e para tal, utilizaremos os conceitos de cômico de D'Angeli e Paduano (2007), Borsellino (1989) e Minois (2003), de humorismo de Pirandello (1993). Buscaremos então demonstrar como Palazzeschi, autor que atravessa toda a movimentação artística e cultura italiana do início do século XX, se relaciona com a figura do artista, da arte, e o papel de ambos.

A crise do eu burguês. Felisberto Hernández e sua inquietude estética frente às mudanças sociopolíticas uruguaias da época batllista

María Pape (University Of Pennsylvania)

Resumo Felisberto Hernández é conhecido por sua estética experimental singular que, segundo a crítica canônica da obra dele, foge das questões sociopolíticas (por exemplo, Díaz 1999). No entanto, nos seus primeiros contos, que são significativamente menos estudados que os famosos contos tardios, encontramos um trabalho claro sobre o regime político e as mudanças sociais. Esta comunicação estudará como Felisberto Hernández se posiciona com respeito a estas

questões através das suas decisões estéticas nos primeiros contos. Mais especificamente se analisará seu característico 'tremor ontológico' e como este reflete sobre e intervém na situação política da época batllista, um período marcado pela construção de uma democracia de massas, com sua expansão radical do eleitorado e da participação política. A primeira prosa se caracteriza por um desencontro com o mundo produzido por uma desestabilização da concepção kantiana do sujeito e das coisas como objetos inertes. Este tipo de desestabilização é política na sua essência, como argumenta Roberto Esposito (2014), e mediante a imagem do corpo político em "La envenenada", Hernández relaciona este tremor ontológico com a situação social do Uruguai. Hernández, deste modo, manifesta a sua inquietude frente às mudanças sociopolíticas e uma cuidadosa leitura destes primeiros contos não só nós permite compreender outra dimensão destes, mas também matizar os estudos dos textos tardios dele.

A formação (não) humanística na obra *2666* de Roberto Bolaño

Talita Jordina Rodrigues (UNICAMP)

Resumo Ao estabelecer um diálogo com Heidegger, o filósofo alemão contemporâneo Peter Sloterdijk fala sobre o fim da formação humanística na sociedade e sua substituição por outras formas de construção do sujeito, chamadas por ele de "impulsos bestializadores". Nesse contexto, a formação que se baseava na cultura letrada, ainda que tenha sido protuberante durante um determinado período da humanidade e para determinado grupo social, já teria perdido o embate travado contra os meios midiáticos e espetaculosos que hoje dominam praticamente todos os âmbitos formativos. Estes meios estão na contramão do efeito domesticador que era proporcionado pelo humanismo, promovendo atualmente uma formação da e para a violência e a animalidade. Tal constatação pode ser apreendida na literatura a partir de um dos principais personagens criados pelo escritor Roberto Bolaño e presente em sua obra-prima, o romance *2666*. Na última parte da obra, narra-se a vida de Benno von Archimboldi, um escritor que embora seja muito prestigiado no meio intelectual não teve necessariamente uma formação letrada ou humanística assim como a maioria de seus pares. Numa espécie de "bildungsroman

às avessas", Bolaño apresenta e discute aspectos da formação de Archimboldi, expondo também os caminhos e descaminhos desse novo processo formador ou – por que não? – deformador.

A natureza colaborativa da criação poética em Luís Carlos Patraquim

Carina Marques Duarte (UFMS)

Resumo Em Gramáticas da criação, George Steiner (2003) defende a natureza colaborativa da poesia, que diz respeito às presenças eleitas construídas pelos escritores no interior das suas obras, ou seja, todas as vozes que murmuram sob as suas, conferindo "até ao mais complexamente solitário e inovador dos atos criativos a experiência de uma trama compartilhada e coletiva". O objetivo desta comunicação é demonstrar o funcionamento da natureza colaborativa da criação poética na obra do moçambicano Luís Carlos Patraquim, especialmente no poema "Metamorfose", que integra o livro Monção, publicado em 1980. Para tanto, analisaremos o texto, identificaremos o diálogo do autor com outros poetas e os sentidos dele decorrentes. Em "Metamorfose", o eu lírico toma por interlocutor o grande poeta de Moçambique, José Craveirinha, a quem, aliás, a composição é dedicada. Reportando-se à infância, época em que "o medo puxava lustro à cidade", o sujeito poético aponta para a inconsciência em relação às mazelas da pátria. Entretanto, a partir daí, elabora poeticamente distintos momentos da história de Moçambique: o período colonial, a guerra contra a metrópole e a independência. Dialogando com José Craveirinha, Carlos Drummond de Andrade e Luís Vaz de Camões, Patraquim, como sugere o título do poema, alude à transformação da colônia em país independente; mas aponta, também, para as mudanças nos homens, entre os quais está o poeta, que, primeiro, é o menino inconsciente, em seguida, descobre a metáfora e, por fim, se converte no último insone, cuja tarefa, nesta ocasião favorável, é – com o legado de Craveirinha, o anunciador da liberdade – povoar a noite de pensamentos grávidos. Além das formulações acerca da intertextualidade e do papel da tradição literária, utilizaremos como pressupostos teóricos os trabalhos de Frantz Fanon (1968), Homi K. Bhabha (1998) e Edward W. Said (2011).

A performance gestual das personagens como ruptura narrativa em Franz Kafka: reflexões acerca das ideias de gesto de Walter Benjamin

Luísa Osório Rizzatti (UFRGS)

Resumo Diante de diversas possibilidades de interpretações críticas, Franz Kafka pode ser visto como um autor extremamente político e dissonante, não só por suas temáticas que rodeiam o mundo da burocracia, do trabalho e da família, mas também pela sua construção estética. Por exemplo, uma característica muito marcante de sua obra é a frequente ausência de progresso narrativo, de modo que suas histórias não se constroem de acordo com uma lógica tradicional de um enredo com começo, meio e fim. Pelo contrário, em vez de se pensar na tradicional linearidade, percebe-se um desenvolvimento circular. Essa maneira de organizar a narrativa é bastante similar à lógica do mito, em que o tempo é sempre igual, sem transformação: é o tempo do eterno retorno. À primeira vista, as obras do autor tcheco poderiam ser julgadas como um retorno à forma mítica, mas a hipótese é de que, na verdade, Kafka subverte o mito a partir de recursos que se repetem em várias de suas narrativas, como a problemática sonora e a performance gestual das personagens. Para explorar a lógica mítica, trabalharemos com textos de Walter Benjamin (2012) e de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985). A ideia do trabalho é escolher uma dessas repetições, no caso, o elemento gestual, e analisar como ela é trabalhada em Um relatório para uma academia (2011) e O veredicto (2011). Não só observarei como o desenvolvimento gestual pode contribuir para uma ruptura na condição mítica pré-estabelecida, mas também como o gesto pode atuar como um elemento cênico dissonante e até subversivo, capaz de mudar o rumo narrativo. O célebre ensaio de Benjamin (1994) sobre Kafka iluminará a questão gestual na obra do escritor.

A vereda polimática até Thomas Pynchon

Felipe de Medeiros Pacheco (UFRJ)

Resumo A presente comunicação apresentará, brevemente, as conclusões do primeiro capítulo da tese acerca do romance como uma forma de saber em Contra o dia, de Thomas Pynchon. Nele, buscou-se analisar como determinados autores, alguns mais estudados pela crítica (como Dante e Rabelais) outros menos (como Marcel Schwob e Emília Freitas), organizaram os saberes na composição de suas obras. Começou-se com a écfrase do escudo de Aquiles, no canto XVI, da Ilíada, na qual se desenvolveu a ideia de um rasgo heféstico que permitiria à épica extrapolar seus próprios limites. Seguiu-se com análise de semelhante caráter das obras de Petrônio, Dante, Rabelais, Cyrano de Bergerac, Marcel Schwob, Emília Freitas e James Joyce. De cada autor, buscou-se discriminar um conceito que fosse fundamental para a compreensão do método basilar de criação de uma obra que albergue saberes os mais diversos. Visto tratarem-se de obras de grande fôlego, cada uma das quais merecendo uma pesquisa por si só, mostrou-se necessário abordar cada obra através de uma determinada metodologia: buscar momentos aparentemente mínimos a partir dos quais ficasse evidente o modus operandi do autor defrontar-se com os saberes. Com tal delimitação, foi possível esboçar uma espécie de quadro, repleto de tensão, do que se denominou, na tese, tendência polimática, objetivando não assinalar uma evolução histórica, mas a singularidade de cada autor. Evidentemente, a tese não pôde abordar mais autores consagrados pelo enciclopedismo (como Macróbio ou Robert Burton), mas crê-se oportuna a constituição deste quadro para uma primeira abordagem do assunto-chave da tese: compreender a obra de Thomas Pynchon dentro de uma história que também seja literária, vendo em Contra o dia, seu sexto livro, lançado em 2006, o momento auge, até agora e neste aspecto, de sua carreira literária, no qual mais foi expressa o desejo de abarcar um grande número de saberes dentro de uma obra.

Apagamentos da memória e lugares do pensamento: lembrar, pensar o mundo com Tchékhov

Susana Carneiro Fuentes (UERJ)

Resumo Pensar o mundo, o espaço que se habita, na obra de Tchékhov frestas, fissuras, dissonâncias que informam novas subjetividades. Na peça A Gaivota de Anton Tchékhov (1860-1904), a gaivota como personagem, e como símbolo. Nos nossos caminhos e trajetos na cidade, construir sobre vestígios. Os sítios da memória, seguir sobre ruínas, organizar o caos e o esquecimento. No ato da leitura, manter viva, no dizer de Bakhtin, a obra literária, no movimento de receber sobre si o que já foi dito e o que se percebe na tensão de tempos diversos em recepção sempre renovada. Com Tchékhov, perceber territórios e vozes plurais na discussão entre local e global. Considerando a importância da tradução no tráfego cultural entre literaturas, a recepção do autor russo no Brasil ganha tessitura com as traduções de Boris Schnaiderman, cuja "atividade ensaística e tradutória constitui o ponto nevrálgico no nosso contato com a multifacetada experiência russa." (GOMIDE) Com as traduções de Rubens Figueiredo vêm à cena matizes de Tchékhov em contos inéditos e em sua viagem à Ilha de Sacalina, onde conheceu de perto aqueles seres invisíveis da sociedade. Escrever para não esquecer. Levar o outro a ver. Pensar e lembrar, como escreve Hannah Arendt, "é o modo humano de deitar raízes, de cada um tomar seu lugar no mundo a que todos chegamos como estranhos". A gaivota como símbolo em reflexões que surgem a partir dos lugares de memória que correm o risco de se perder. Uma carta até nós, através dos séculos. Em nome dos silenciados – devolver a palavra. Para que se façam falar as vozes de um território de apagamento onde tudo se esquece muito rápido e, como conta Tchékhov da ilha de Sacalina localizada fora do continente, os destinos são resolvidos por telégrafo, e "acima de tudo, não existe a terra natal." A importância da memória para constituir o político como dimensão do humano, o perigo de "perder essa capacidade muito comum de pensar e lembrar." (ARENDT)

As faces da opressão e do autoritarismo em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*

Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)
João Batista Cardoso (UFG)

Resumo Deve-se conceber o texto literário como um produto da linguagem, histórica e socialmente constituído, originado no trabalho humano em sociedade e testemunho material, não apenas do esforço de criação individual, mas também dos condicionamentos sociais, das dimensões culturais, das condições econômicas, dos conflitos éticos e das contradições políticas que configuram o espaço e o tempo em que foi gerado e publicado, como nos ilumina Octavio Paz em O arco e a lira (1982). Portanto, toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo, configurando, assim, o aspecto da representação na obra literária. Assim, esta comunicação propõe refletir acerca dos romances *A noite da espera* (2016) e *Pontos de fuga* (2019), da trilogia *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum, pelo viés das relações instauradas entre Literatura, História, Política e Sociedade e acepções de memória e identidade, apresentadas por estudiosos como: Abdala Júnior (2007); Bosi (2013); Cardoso (2016), Le Goff (2003); Ferreira e Pereira (2012); Hall (2006); Ricoeur (2007); Said (2003). As narrativas selecionadas acolhem a temática social em sua configuração textual para transformá-la em ficção, porém não basta conceber o romance apenas como denúncia, é preciso perceber como esta visão crítica se constrói sem prejuízos à estética. Hatoum ultrapassa as particularidades de um romance-denúncia da Ditadura Militar, atentando para a reflexão sobre as cicatrizes que ficaram daquele período sombrio, que reabrem a cada lembrança e/ou menção do retorno de fatos que não se consegue sepultar, memórias que devem ser ativadas para que não se repita. Ao discutir a ficcionalização e o tratamento estético dado ao material histórico-social, deve-se enfatizar a importância da memória no processo de (de)formação da identidade da juventude brasileira das décadas de 1960 e 1970, reconstituído nas narrativas em discussão.

As vozes em Vésperas: um estudo da intertextualidade e da referencialidade no conto Clarice

Sara Gonçalves Rabelo (UFU)

Resumo No livro Vésperas, escrito por Adriana Lunardi em 2002, a autora ficcionaliza grandes autoras da literatura mundial e cria contos baseados no que foi relatado na época de suas mortes, dentre elas Virginia Woolf, Dorothy Parker, Clarice Lispector, Ana Cristina César, Sidonie Gabrielle Colette, Katherine Mansfield, Sylvia Plath, Zelda Fitzgerald e Júlia da Costa. Entretanto, em quatro dos oito contos não ocorre a exata ficcionalização dos momentos finais das autoras - Ana C, Clarice, Victoria e Kass – pois as autoras são personagens de histórias alheias às suas. Assim, ocorre uma mistura entre ficção e realidade nos contos, o que mostra a necessidade de conhecer o papel de suas mortes na vida das personagens criadas, além das narrativas escritas por elas, uma vez que, em alguns contos, estas são a base para o entendimento do texto. Com base nisso, este trabalho propõe a exposição de alguns aspectos do conto Clarice, com o intuito de compreender os detalhes da obra enquanto fruto do enlace entre ficção e realidade para diferenciar o que realmente foi criação de Clarice Lispector e o que foi criado por Adriana Lunardi. Para tanto, será necessária a retomada de conhecimentos pressupostos e, por meio deles, serão feitas inferências com o intuito de retomar acontecimentos que ocorreram no passado e que darão sentido ao texto. Para tal análise, serão usados como aporte teórico Genette (1987, 1989), Jenny (1979), Kristeva (1978) e Samoyault (2008), no que concerne à intertextualidade. Será abordada, ainda, a questão da referencialidade abstrata e implícita na obra, tratada por Reis (1995).

Contos dissonantes: Lima Barreto e seu projeto ético e estético

Renata Aguiar Nunes (UFC)

Resumo A crítica acerca da obra de Lima Barreto tem crescido consideravelmente nas últimas décadas, de modo a superar o ponto de vista sob o qual sua produção havia sido compreendida até meados do século XX. Com um projeto criador dissonante dos modelos estéticos

e ideológicos preconizados à sua época, o escritor foi, não raras vezes, rechaçado pela crítica do período, a qual considerava seu distanciamento em relação aos padrões literários cultuados pela Bélle Époque como defeitos de seus romances. Apenas a partir dos anos 70, estudos desenvolvidos por Antonio Arnoni Prado, Osman Lins e Antonio Candido passaram a apresentar critérios de análise mais flexíveis e coerentes para avaliar os procedimentos literários e a matéria adotada pelo escritor, promovendo uma compreensão mais precisa de sua obra e de sua personalidade literária. Dessa forma, recursos antes considerados defeitos das narrativas barretianas, sob a alegação de prejudicarem a unidade dos seus textos, desvincularam-se do caráter de erro que lhes era conferido e passaram a ser entendidos sob uma nova perspectiva. Se, para o gênero romanesco, esses elementos poderiam representar um entrave na constituição de uma forma literária válida, para o conto, a questão seria ainda mais complexa. Grande parte de seus contos apresenta uma concepção de forma caracterizada por abrangência de assuntos, digressões, encadeamento frouxo, além de profusão de personagens, cenários e situações, promovendo uma ruptura com os pressupostos defendidos pelos principais teóricos do gênero. Sabe-se que a escolha por esses elementos está ligada às concepções ideológicas, literárias e à postura sócio-histórica do escritor, evidenciando-se, assim, seu projeto ético e estético para o conhecimento crítico das contradições sociais, políticas e literárias do momento. Nesse sentido, pretende-se analisar a relação entre procedimentos literários, matéria adotada e efeitos visados nos contos de Lima Barreto.

Eu sou Graciliano / Graciliano sou eu: impressões gracilianas na interpretação de Carlos Vereza e de Silviano Santiago

Gabriela Rocha Rodrigues (UFRGS)

Resumo Esta pesquisa busca analisar as impressões gracilianas na interpretação do ator Carlos Vereza no filme Memórias do Cárcere (1984), de Nelson Pereira dos Santos, e na ficção Em liberdade (1981), de Silviano Santiago. Para buscar respostas aos questionamentos que guiaram esta pesquisa, recorremos à obra Mal de Arquivo: uma impressão freudiana (2001), de Jacques Derrida. Numa visão

desconstrucionista, o arquivo não é um repositório fechado, fichário inerte, mas o contrário, é abertura, movimento e porvir. Nesse sentido, a partir das reflexões de Derrida, criamos o termo "impressão graciliana" a fim de buscar os traços, rastros e marcas deixados por Graciliano Ramos nos seguintes arquivos: a atuação de Carlos Vereza na adaptação cinematográfica, a ficção de Silviano Santiago e as entrevistas concedidas por eles no ano de 2015 e 2016, em diálogo com o "arquivo matriz" *Memórias do Cárcere* (1953). Verificamos que as impressões gracilianas, em ambos os arquivos vivos, Carlos Vereza e Silviano Santiago, apresentam-se como: impressão enquanto marca grafada no corpo – o cárcere; impressão enquanto escritura – o mal de arquivo; impressão enquanto herança – o papel do intelectual. Tais impressões gracilianas revelam-se de maneiras distintas: Carlos Vereza fundamenta sua interpretação num movimento de incorporação da figura de Graciliano; Silviano Santiago assume o lugar do Outro para falar de si. Ambos traçam uma reflexão profunda sobre os mecanismos de poder que fundamentaram períodos históricos importantes de nosso país e respondem a Graciliano Ramos, à sua herança, às impressões deixadas nele e por ele, aliando-se às suas reflexões quanto ao compromisso social do artista num país onde a desigualdade impera.

Interpretação dialética marxista de ¿Para cuándo son las reclamaciones diplomáticas? de Valle-Inclán

Gustavo Rodrigues da Silva (UFSCar)

Resumo Ramón del Valle-Inclán (1866-1936) é considerado por muitos teóricos e críticos literários como o maior dramaturgo espanhol do século XX. Também, esses pesquisadores consideram os esperpentos como o ápice de sua poética. Esse escritor espanhol possui cinco esperpentos: Luces de bohemia (1920), Los cuernos de don Friolera (1921), ¿Para cuándo son las reclamaciones diplomáticas? (1922), Las galas del difunto (1926) e La hija del capitán (1927). As principais características esperpênticas valle-inclanianas são discutidas por vários autores como Rodolfo Cardona e Anthony Zahareas em Visión del esperpento – Teoría y práctica en los esperpentos de Valle-Inclán (1987). Ei-las: o uso de um estilo grotesco, os três níveis de relação

do autor com as suas personagens, a metáfora do espelho côncavo e as críticas históricas espanholas. No estilo grotesco, os esperpentos valle-inclanianos apresentam tragédias com personagens cômicas. Na relação do autor com as suas personagens, Valle-Inclán se coloca como um Deus literário e manipula-as deliberadamente. Esse autor propõe a metáfora do espelho presente em A república (380 a. C.) de Platão, porém o espelho é côncavo, porque, para Valle-Inclán, a Espanha é uma deformação grotesca da civilização europeia. O autor critica a história espanhola de 1898, quando há o fim do império colonial espanhol à 1930, quando termina a ditadura de Miguel Primo de Rivera. Na pesquisa acadêmica esperpêntica valle-inclaniana, encontramos dois aspectos dissonantes em relação ao contexto geral dessa pesquisa. A nossa comunicação tratará de ambos. O primeiro é a esparsa pesquisa sobre o esperpento valle-inclaniano ¿Para cuándo son las reclamaciones diplomáticas? em comparação com os outros quatro. O segundo é a pequena quantidade de interpretações desse esperpento que usam o arcabouço teórico da crítica literária dialética marxista. Esse arcabouço teórico nos parece pertinente porque o argumento principal desse esperpento valle-inclaniano é a política.

Os 3 pontos da poesia em "Estas Estórias": "Bicho Mau"

Joao Paulo Santos Silva (UFS)

Resumo Quando explica ao seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri seu projeto literário, Guimarães Rosa (1908-1967) confere à poesia, numa escala de 1 a 4, o valor de 3 pontos, o que denuncia a presença marcante do lirismo na sua prosa de ficção. Com efeito, em "Estas Estórias" (1969), obra póstuma, há narrativas que podem ser compreendidas como resultado dessa concepção literária. Esta, vista na sua relação com a compreensão heideggeriana da linguagem enquanto afirmação autêntica do ser, passa a ser entendida como meio precípuo de realização poética da prosa. Assim, a leitura desafiadora de "Estas Estórias", aliada ao fato de haver ainda hoje poucos estudos, se comparado às demais obras do autor, dedicados a destrinchar os meandros dessas narrativas, constitui a força motriz deste trabalho, que pretende lançar luz ao conto "Bicho Mau", bem como inseri-lo no rol da travessia poética operada pelo autor mineiro na sua ficção.

Partiremos do embasamento teórico acerca do lirismo, a saber, Staiger (1977), Friedrich (1978), Hamburguer (2007), Berardinelli (2007), Moisés (2012), Heidegger (2003), Rosenfeld (2015), além dos estudiosos da obra rosiana, tais como Galvão (2000), Leonel (2000), Bosi (2007), Xisto (1991) a fim de analisar o conto supracitado na busca da presença da poesia e seu impacto na prosa, que nas mãos do autor mineiro emerge como ficção dissonante na moderna literatura brasileira, porque tinge o regionalismo de transcendental e devolve à palavra prosaica sua poética.

Pedra Bonita e *Cangaceiros* de José Lins do Rego: a saga de uma família proletária nordestina e as revisões críticas atuais sobre a gênese da subcidadania no Brasil

Victor Hugo Adler Pereira (UERJ)

Resumo Essas duas obras de ficção, embora publicadas com uma distância de quinze anos, em 1938 e 1953, acompanham a trajetória de uma mesma família pobre de pequenos proprietários rurais marcada por suas relações com o cangaço e um importante movimento messiânico. Ambas têm como eixo central do enredo o destino do filho caçula. Entregue por sua mãe aos cuidados do vigário de uma cidade pequena, esse protagonista mantém distanciamento crítico do círculo familiar, da região onde nasceu – mal vista pelas manifestações de fanatismo religioso - e do acanhado centro urbano, preconceituoso e agressivo, em que auxilia nas atividades religiosas. Em sua trajetória de amadurecimento, os conflitos, motivados pela sua condição social limítrofe, apesar de se situarem nas primeiras décadas do século XX, trazem à tona questões levantadas na atualidade, nas Ciências Humanas, sobre a gênese e a manutenção das desigualdades e da subcidadania no Brasil. Estudos atuais, como os do sociólogo Jessé Souza, destacam a construção de identidades subalternas como elemento fundamental para a manutenção das desigualdades sociais no país. Essa perspectiva motivou-me a colocá-los em diálogo, nesse trabalho, com o enfoque adotado por Lins do Rego diante dos empecilhos colocados para os jovens da família que protagoniza essa saga conseguirem romper as barreiras da miséria e encontrar abrigo contra as diversas formas de opressão no sertão nordestino.

Como buscarei demonstrar, contribui para enriquecer esse diálogo o destaque concedido, na trajetória de construção de subjetividades dos jovens personagens masculinos, à necessidade imperativa de posicionamento diante da violência e do misticismo – com a atração exercida pelo cangaço e pelos movimentos messiânicos – e, em contrapartida, o ódio diante do arbítrio encarnado pela autoriautoridade policial e as possibilidades de subserviência e atrelamento aos interesses dos mandões locais, os coroneis.

Subjetividades do eu contemporâneo: poética da desrazão no romance *Teatro*, de Bernardo Carvalho

Elizabeth Cardoso (PUCSP)

Resumo O trabalho investiga as marcas da desrazão humana como constituintes do romance *Teatro* (1998), de Bernardo Carvalho. Tal leitura se dá nas confluências entre literatura e psicanálise. Objetiva-se aprofundar seu percurso poético pela subjetividade humana marcada pela ambiguidade da linguagem, que mais se diz do que é dita, revelando a ignorância e o conhecimento do humano sobre si. Teatro prima pelo fragmento, as duas partes da narrativa são constantemente confrontadas, negadas e revistas. A primeira traz o relato de um policial aposentado sobre atentados terroristas no País das Maravilhas, terra natal do narrador, que foge, exila-se e decide narrar sua história. No entanto, o narrador da segunda parte revela que o autor é Ana C., personagem que na primeira parte é amante do narrador – que agora é um famoso ator pornô e escritor medíocre. O texto que compõe a primeira parte do livro seria sua melhor obra. Sua legião de fãs chega à loucura clínica e alguns expressam o fanatismo usando seu nome para assinar textos. O que torna a identidade do "verdadeiro" autor impossível e joga o leitor em um processo de mise-en-abîme. Interessa aqui ressaltar que a dissonância se dá também na própria estrutura textual. A construção da experiência da contemporaneidade é articulada por personagens e vozes marcadas por um não pertencimento que nega e afirma o desejo de narrar – de que modo? Questão central para Carvalho. Freud (Cinco ensaios sobre a psicanálise; Sobre a psicopatologia da vida cotidiana), Lacan (Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise),

Foucault (História da loucura na Idade Clássica) e suas reflexões imbricando a linguagem na constituição da subjetividade auxiliam a leitura. Ressalta-se que o literário e suas teorias mantêm a primazia. Trata-se de abordagem interdisciplinar para compor uma perspectiva capaz de interpretar a subjetividade e seus desdobramentos na literatura contemporânea.

Um parasita de longa data

Iasmim Santos Ferreira (UFS)

Resumo Machado de Assis retrata os principais tipos parasitários no Brasil do século XIX em suas "Aquarelas", um conjunto composto por cinco crônicas, publicado no jornal O Espelho, RJ (1859). Dentre os tipos, aparece o empregado público aposentado, um espécime que desperta interesse, pois em parte há uma dissonância com os demais parasitas já que este possuiu vínculo empregatício, ao passo que os demais nunca trabalharam. No entanto, o empregado público se iguala aos outros quatro parasitas pela política de favores que perdura mesmo depois de aposentado, revelando-se um verdadeiro parasita de longa data. Este trabalho volta-se à crônica "O empregado público aposentado" a fim de analisar o comportamento desse parasita e os sentidos engendrados pelas "Aquarelas" do jovem Machado. Para tanto, os estudos de Aires (2008), Bergson (2007), Brandão (2001), Brayner (1982), Lukács (1965), Sá Rego (1989), Schwarz (2012), Schopenhauer (2015) subsidiam nossa análise.

Simpósio 42
Literatura e ensino da teoria à prática: desafios do professor-pesquisador na educação básica

Erica Cristina Bispo (IFRJ)
Cristiane Felipe Cortês (CEFET-MG)
Adauto Locatelli Taufer (UFRGS)

Resumo Este simpósio surge da necessidade de pensar a especificidade do ensino de literatura nas escolas de educação básica e tecnológica do país, pois o profissional que assume o cargo de docente é, necessariamente, também pesquisador. Configura-se a simbiose desejada, mas rara, do professor de educação básica e produtor de conhecimento acadêmico, obtendo-se a concretização do que fora preconizado por Paulo Freire, "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" (FREIRE, 1996, p. 14). Entretanto, a conjunção dos papéis de professor e pesquisador enfrenta desafios e entraves. No âmbito acadêmico, a ocupação de professor da educação básica é vista, geralmente, como menor, o que fica provado na exclusão do docente da lista de concessão de bolsas, no ingresso aos Programas de Pós-Graduação das IES ou na identificação do professor da educação básica como pesquisador, para solicitação de fomento, por exemplo. Nas escolas técnicas, o professor das disciplinas propedêuticas, dentre elas a Literatura, invariavelmente, fica relegado ao grupo de conhecimentos menores, já que não se dedicam ao "ensinar a fazer". Ademais, ao professor-pesquisador, está patente o anacronismo existente entre o currículo de literatura e as discussões e pesquisas relacionadas à teoria literária, por exemplo, desencadeando um abismo entre a pesquisa acadêmica e a prática educacional. A lei 11.892/08 se erige como possibilidade de ponte entre a academia e o "chão da escola". Em 2008, a lei 11.892/08 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica o que viabilizou um espaço pedagógico que se configura hoje como significativa possibilidade para atrelar resultados de pesquisas acadêmicas à prática de sala de aula. Isso porque os Institutos Federais de Educação e os Colégios de Aplicação têm em sua gênese a vocação do Ensino, além da obrigatoriedade na promoção da Pesquisa e da Extensão em seus campi. Contudo, não se pode negar que o ensino técnico brasileiro surgiu a partir de três pilares que vão de encontro às disciplinas subjetivas

e reflexivas: o treinamento das classes mais pobres para o mundo do trabalho, as influências do modelo tecnicista americano associada à repressão vivenciada durante o regime militar e a visão capitalista que reforça a submissão da classe subalterna à classe dominante (MARTINS, 2000, p. 105). Os pilares identificados por Martins (2000) revelam que "a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra" (CANDIDO, 1995, p. 173). Essa lógica alienante segue na contramão do que Antonio Candido aponta como função da literatura em seu caráter humanizador (cf. Ibidem, p. 176). Ou seja, o espaço que deveria possibilitar o enlace da teoria da pesquisa com a prática de sala de aula, por vezes, não consegue se estabelecer. Ao se considerar o estudo da literatura, atesta-se a necessidade de se educar para o pensar. Entretanto, a respeito do ensino de literatura, Rildo Cosson (2016, p. 20) afirma que "o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis", apontando à "falência do ensino da literatura" (COSSON, 2016, p. 23), já Benedito Antunes destaca a tendência dos professores da educação básica reproduzirem "na sua atuação profissional aquilo que receberam na universidade" (ANTUNES, 2015, p. 16). Na formação técnica, amplia-se para uma reflexão sobre o capitalismo, a globalização e a revolução tecnológica; o que exige a atenção dos profissionais envolvidos com a educação e evidencia o desafio da profissão, já que a "literatura pode incutir em cada um de nós um sentimento de urgência de tais problemas" (Ibidem, p. 184). A despeito dos desafios presentes no sistema educacional brasileiro, cresce o interesse pelos debates acerca do ensino de literatura, haja vista a grande procura por simpósios e mesas-redondas em congressos cujo tema seja esse. Dessa maneira, este simpósio visa promover reflexões qualificadas, relatos, projetos, programas e propostas que, partindo da reflexão acadêmica, atravessem a ponte e rompam as fronteiras do espaço acadêmico aportando na prática em sala de aula. Nesse sentido, serão bem vindos trabalhos que discutam: **a)** implementação de pesquisas acadêmicas nas práticas de sala de aula; **b)** pesquisas sobre modificações e/ou questionamentos do currículo de literatura, para incorporar as pesquisas acadêmicas; **c)** desenvolvimento de pesquisas com estudantes da educação básica, no modelo de iniciação científica, por exemplo; **d)** atividades de extensão que promovam, na comunidade, a difusão da produção acadêmica e projetos que estimulem a

formação do leitor; **f)** apresentação de projetos, grupos, linhas de pesquisa e programas que se dedicam ao ensino da literatura na EBTT; **g)** projetos que usem o texto literário como meio para debater gênero e etnia na escola; **i)** problematização das questões relacionadas à literatura, ao ensino e à formação de professores; **j)** reflexões/relatos sobre o distanciamento entre teorias literárias e ensino de literatura; **l)** reflexões/relatos sobre a seleção e escolha de textos literários para o trabalho educativo no espaço das EBTTs.

A articulação do professor na formação de leitores dentro e fora da educação básica

Rosalina Albuquerque Henrique (UFPA)
Fábio Matos Carneiro (UFPA)

Resumo No Brasil, a formação e a prática docente na Educação Básica são desafios reais, além dos entraves, à composição de uma escola que acate às demandas educacionais na contemporaneidade e, sobretudo, quando se refere à formação de leitores (PNE); sem perder de vista, a maior preocupação, os alunos, que carecem de professores que façam do ensino um lugar de constantes pesquisas, pois, a leitura é uma das ações mais proativas e humanizadoras (CANDIDO, 2011). A criança, dentro e fora da escola, passa a ser objeto de maiores cuidados de programas de acesso ao livro, pelo fato, "de um lado, do papel potencial que desempenha no mercado consumidor; de outro, de sua sadia formação intelectual e afetiva ser uma das preocupações centrais da sociedade, da família e da escola" (ZILBERMAN, 2012, p. 14). Zilberman e Silva (2008, p. 24) dizem que "o exercício da leitura é o ponto de partida para o acercamento à literatura", assim, a vivência literária deve ser incentivada e habitada pelos professores. Ela nos oferece um meio "de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida (COMPAGNON, 2009, p. 47)". O objetivo é refletir sobre as diferentes formas de apresentar uma obra literária aos alunos, considerando os encaminhamentos e os propósitos de leitura desenvolvidas em turmas do CFI (1º-3ºano), da rede municipal de Belém (PA), com crianças na Alfabetização e letramento. Pois, quando o conhecimento é feito pela pesquisa, o

aluno deve ser provocado à investigação científica por uma prática gerenciada e orientada pelo professor ou pela curiosidade do próprio docente. Logo, escolhemos a fundamentação teórica da estética da recepção (JAUSS, 1994) que fomenta a participação do leitor na interpretação do texto literário, que ao ler vivencia não só os aspectos vinculados ao prazer, bem como formas de ressignificar o mundo, suas ações, suas experiências em relação ao outro e a si mesmo.

A leitura literária na sala de aula: pesquisa, prática e inquietações de uma docente

Caroline Valada Becker (CAp-UFRGS)

Resumo Desde o momento em que definimos uma leitura a ser realizada até o momento em que, após executar atividades, avaliamos com criticidade nossas ações, vivemos a inquietação. Docente-pesquisadxs (nomeação redundante) são incitadxs pela dúvida e pela reflexão. Se estamos a elaborar um projeto de leitura a ser vivenciado nas séries finais do Ensino Fundamental, cada uma das escolhas definidas emerge de ponderações acerca de conceitos estruturantes: Quais definições de leitura e de literatura orientam minhas escolhas? O que penso sobre a leitura literária na Educação Básica? De que modo proponho o ato de ler a jovens estudantes? Em outras palavras, quais filiações teóricas tornam-se meu paradigma? Esse cenário é inerente à prática docente, contudo, acentua-se para professorxs atuantes em Colégios de Aplicação, uma vez que, nessas instituições, temos compromisso com Pesquisa e Extensão. Eu, docente do CAp-UFRGS desde 2018, por meio da pesquisa "O livro é um convite", tenho refletido sobre práticas de sala de aula que trazem a leitura literária como protagonista. As indagações que me acompanham são incontáveis: como "desescolarizar" a leitura (Cf. BAJOUR, 2012), isto é, como dissociar a leitura literária da obrigatoriedade, da repetição e da avaliação? Como incitar a organização de "comunidades de leitores" (Cf. COLOMER, 2007)? Por meio do trabalho aqui apresentado, compartilho minha trajetória de docente-pesquisadora. Por meio de projetos de leitura (espécie de metodologia) ou, ainda, de "mapas de percurso" (Cf. BAJOUR, 2012, p. 60), implementei (6º e 7º anos) práticas de sala de aula que trouxeram o ato de ler literatura como eixo

estruturante. Realizadas (e realizando) essas ações, pergunto: enquanto pesquisadora, como mensurar a efetividade dos projetos de leitura? Além de apresentar a pesquisa desenvolvida, os projetos de leitura implementados (e o conceito de "projeto"), compartilho esta inquietação: avaliar minha prática docente para, então, qualificá-la?

Da leitura da palavra para a leitura do mundo: relato sobre a prática de rodas de conversa nas aulas de literatura

Ana Cláudia de Oliveira da Silva (IFFar)

Resumo O baixo índice de leitura do brasileiro – em média dois livros inteiros por ano –, somado a crescente desvalorização da leitura de textos literários durante a formação escolar dos nossos estudantes, demonstra o quanto o país precisa avançar em termos de valorização do ato de ler. Nesse sentido, cabe à escola e, de modo específico, aos professores da área de linguagens buscarem alternativas para incentivar, priorizar e ressignificar a leitura de textos literários em sala de aula. Com base nisso, o presente trabalho objetiva relatar uma prática pedagógica realizada no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus São Vicente do Sul, com turmas dos terceiros do Ensino Médio, com vistas a formar um leitor crítico e competente literariamente. Tal prática pautou-se pelo caráter humanista, social, cultural e ético da literatura, com enfoque na relação intrínseca entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, ou seja, com a relação que o texto estabelece com a vida mesma do aluno. A metodologia de trabalho utilizada buscou aliar a discussão de livros em sala de aula por meio de rodas de conversa, o levantamento de temáticas atuais proporcionadas pela leitura e a subsequente produção de textos dissertativo-argumentativos. Como resultado, o livro Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto, possibilitou, por exemplo, a discussão sobre temáticas variadas, como meritocracia, sistema político, preconceito racial e criação de notícias falsas, as quais foram reelaboradas pelos estudantes em suas produções textuais; já a discussão sobre Vidas Secas, de Graciliano Ramos, gerou um amplo debate sobre a exploração econômica das camadas mais carentes da população, a crise hídrica e a dificuldade de acesso à educação. Dessa forma, acreditamos que o

aluno aprende a ler o texto literário de forma extensiva e qualitativa, pois amplia sua visão do mundo ao ativar sua sensibilidade, imaginação e senso crítico.

Ensino de literatura e educação literária na formação docente de professores de espanhol da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais: análises e considerações multidisciplinares

Italo Oscar Riccardi León (UNIFAL)

Resumo Em geral, a formação e a prática docente do professor de línguas estrangeiras e suas respectivas literaturas requerem, em seu constante aperfeiçoamento profissional, de estudos permanentes, subsídios e instrumentos de caráter cognitivo, linguístico, cultural, textual, material etc. Deste modo, conhecer e aprender outra língua – em nosso caso o espanhol e as literaturas hispânicas – tem o significado de deparar-se com a necessidade de compreender a construção dos significados nessa língua, isto é, uma maneira diferente de escrever, de falar, de expressar e/ou de enxergar e interpretar o mundo nessa língua estrangeira, segunda língua e/ou língua adicional, assim como de ter acesso, principalmente, ao conhecimento da literatura produzida nessa língua. A literatura, segundo Cosson (2006, p.17) é uma experiência a ser realizada e um conhecimento a ser reelaborado; a experiência literária, na visão desse autor, não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Portanto, partimos do pressuposto que a inserção da literatura nas aulas de língua estrangeira se torna algo imprescindível na formação docente, assim como o sustenta Antônio Cândido (2011, p. 177) quando afirma que a literatura parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Nesse sentido, a proposta desta comunicação tem como finalidade compartilhar reflexões docentes e experiências curriculares desenvolvidas pelo autor desta proposta de comunicação na Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, assinalando questões importantes que se devem considerar na formação do professor de língua e literatura estrangeiras na educação básica, que inclui o ensino médio, possibilitando uma aproximação de caráter dialógico entre a literatura, o ensino de línguas

e a educação literária (MIRETTI, 2009), a partir de uma perspectiva multidisciplinar ampla.

Literatura afro-brasileira e teoria pós-colonial: Uma proposta de educação para as relações étnico-raciais

Andreia Lívia de Jesus Leão (IFB)

Resumo Este projeto de pesquisa teve como objetivo desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica que visava a educação para as relações étnico-raciais e o incentivo à discussão e à produção de textos dissertativos-argumentativos sobre os problemas pós-coloniais presentes na literatura brasileira. Em 2019 foi ministrada uma disciplina sobre obras cânones e não cânones - Literatura afro-brasileira - do século XIX ao XXI aos graduandos de Letras Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), com base na teoria dos polissistemas, teoria pós-colonial, estudos históricos e sociológicos e sobre a literatura afro-brasileira, que estimularam a reflexão e o debate sobre como a linguagem literária e as produções estéticas podem ser poderosos instrumentos para revelar o olhar que diferentes autores, em épocas distintas, tiveram ou têm sobre a influência do processo escravista na produção literária brasileira. Esse trabalho se torna relevante porque se verifica a necessidade de realizar novas tendências no ensino de literatura em que priorizem o debate entre docentes e alunos e promovam discussões de temáticas atuais, como a constituição da nacionalidade, o racismo, a dupla colonização da mulher, a hegemonia branca europeia, a educação como um processo de conscientização, a voz e os mecanismos de resistência, a revisão histórica e resposta a história oficial, no contexto de educação para as relações étnico-raciais na formação inicial de professores, em consonância com a Lei nº 10.639/03. Do ponto de vista metodológico, realizou-se uma pesquisa qualitativa fundamentada na pesquisa-ação em que a docente/pesquisadora desenvolveu uma disciplina de 75hs, composta por uma sequência didática inspirada na proposta de Cosson (2012). Para a coleta de registros, foram utilizados questionário semiestruturado com questões dissertativas-argumentativas, produção textual de dois textos dissertativos-argumentativos e registro de áudio do grupo de discussão.

O diálogo possível: contribuições da filosofia enunciativo-discursiva para o ensino de literatura sob perspectiva pedagógica histórico-crítica

Sâmella Priscila Ferreira Almeida (UFES)
Maria Amélia Dalvi (UFES)

Resumo Nos últimos anos presenciamos um significativo avanço do neoliberalismo e do conservadorismo a ele atrelado no Brasil e no mundo. Em 2018 esse processo se cristalizou com as eleições presidenciais no país e significou sucessivos ataques à educação brasileira. Em contextos como esse, a educação escolar da classe trabalhadora tende a se restringir a uma concepção pragmática e alienante de conhecimento e de vida humana. Como enfrentamento a essa realidade, nossa pesquisa busca relacionar contribuições da pedagogia histórico-crítica e da filosofia enunciativo-discursiva, no intuito de refletir sobre o ensino de literatura no atual contexto de precarização da educação pública e desvalorização de áreas do conhecimento como as artes e as humanidades. Para esta pesquisa, são postulados como base os pressupostos teóricos e metodológicos do materialismo histórico-dialético, a partir dos quais buscaremos compreender as especificidades do ato educativo, especialmente no que diz respeito à educação escolar, bem como procuraremos aprofundar nossa compreensão do funcionamento da linguagem e, em especial, da literatura, com o objetivo de compreender de que maneiras pode se dar o ensino de literatura na escola. Para isso, objetivamos apreender os pressupostos teóricos, metodológicos e didáticos da pedagogia histórico-crítica, buscando, em sequência, verificar quais avanços já se produziram no campo desta pedagogia acerca do ensino de literatura. Posteriormente, procuraremos investigar as principais contribuições teóricas para o campo da linguagem e da literatura produzidas pela filosofia enunciativo-discursiva, objetivando conjugar tais contribuições aos pressupostos da pedagogia histórico-crítica. A partir de revisão bibliográfica, trataremos do ensino de literatura do ponto de vista da socialização dos conhecimentos sistematizados acumulados historicamente, compreendendo que tais conhecimentos singularizam a espécie humana e são necessários ao desenvolvimento da humanidade singular em cada indivíduo, processo que passa

necessariamente pela mediação e pela linguagem, posto que os sujeitos constroem-se discursivamente.

O ensino de Literatura na BNCC na etapa do ensino médio: caminhos e descaminhos

Micheline Madureira Lage (IFG)

Resumo O objeto de análise da pesquisa foi avaliar em que medida os objetivos de aprendizagem elencados no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2ª versão) para o componente da Língua Portuguesa contribuem ou não para a formação de um leitor de literatura mais crítico. O propósito maior foi experimentar, em formato de oficinas, aulas cujo eixo fosse a leitura de textos literários, em uma perspectiva dialógica, assumindo a formação de leitores literários como um direito (Candido). Também foi realizada leitura do item que trata da organização do componente Língua Portuguesa e de seus objetivos de aprendizagem concernentes ao estudo da Literatura Brasileira constantes na 2ª versão e na versão definitiva da BNCC. O universo final da pesquisa contou com a participação de 23 alunos do Ensino médio Técnico Tecnológico dos 1ºs anos do IFG (campus de Senador Canedo – GO). Trabalhou-se com esse número de participantes a fim de se averiguar a eficácia das proposições reunidas nos objetivos definidos pela Base acerca dos estudos literários no Ensino médio (2ª versão). Para realizar a análise, a pesquisa empregou abordagens quantitativa e qualitativa, indo-se a campo com proposta intervencionista. Os resultados apontaram que a metodologia foi exitosa, principalmente pelo fato de partir-se sempre de textos mais próximos da realidade dos jovens, em diálogo com outros textos mais distantes no tempo (Jauss, Bakhtin), além do cotejo da literatura com outras artes (fotografia, pintura, canção etc.). Foi unanimidade a avaliação positiva do diálogo estabelecido entre a literatura e outras manifestações artísticas. Quanto à comparação entre as oficinas ministradas e as aulas tradicionais propostas pelo livro didático, 88% dos jovens avaliou que as oficinas foram mais atraentes. Como etapa final, foi realizado evento com a presença dos pais/familiares dos alunos participantes da pesquisa, em que se discutiu o tema "A importância da leitura literária para os jovens". Foi feita a sugestão

para que projetos dessa natureza tivessem continuidade, revelando a importância da aproximação escola/família pela via da cultura (Bourdieu). Os estudos apontam para a necessidade de continuação da pesquisa, ampliando-se o universo analisado. Entretanto, no que concerne ao documento final da BNCC, percebe-se modificação substancial nos parâmetros para a organização/progressão curricular em que se estabelece o ensino de Literatura dentro do componente da Língua Portuguesa e no campo artístico-literário, sinalizando para a importância da leitura do último documento em cursos de formação de professores de Letras.

O que é literatura? Reflexões das noções de literatura presente nos livros didáticos

Camila Gomes Varela (UFC)

Resumo Definir com precisão o que é literatura é uma tarefa inevitavelmente parcial, pois qualquer tentativa de definição desse objeto desanda para uma atitude que revela uma seleção (exclusão) de obras, autores e tipos textuais, portanto, revela uma escolha ideológica. Nesse sentido, este trabalho pretende analisar as escolhas de definições e conceitos apresentados pelos livros didáticos específicos da disciplina de Literatura trabalhados nas escolas de ensino médio no Brasil, tendo em vista que essas definições revelam a ideologia e a forma como a Literatura vem sendo estudada no ensino básico brasileiro. Como há um número grande de livros atuantes no ensino médio, houve a necessidade de realizar uma seleção, para isso, selecionamos duas coleções de editoras representativas do mercado editorial dos livros didáticos no Brasil, são elas: Português: Contexto, Interlocução e Sentido, da Editora Moderna, e 360º Literatura em Contexto: a arte literária luso-brasileira, da Editora FTD. Ressalta-se também que, para fins de análise, foram considerados apenas os capítulos iniciais das coleções, porque são justamente esses os utilizados para definir o objeto literário e sua função no mundo. Assim, o trabalho avalia como essas duas coleções, utilizadas em todo Brasil, formularam conceitos sobre a definição de Literatura e as consequências dessas definições empregadas para o ensino. Como resultados, podemos perceber que as definições apresentadas nas coleções

trazem conceitualizações literárias problemáticas e revelam que o ensino de Literatura no nível básico ainda possui muitas problemáticas e desafios a serem enfrentados.

Um experimento com *Hamlet*, em uma escola pública de Santa Maria/RS

João Pedro Wizniewsky Amaral (UFSM)

Resumo Esse trabalho é uma proposta didática experimental com base em A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca, peça mais conhecida de William Shakespeare. Considerando que acreditamos que é possível, embora haja certa resistência, trabalhar com um texto dramático e clássico na atual realidade da escola pública brasileira, elaboramos um experimento com uma turma de terceiro ano de ensino médio de uma escola estadual de Santa Maria-RS. Nessa pesquisa-ação, os alunos trabalharam com a tragédia shakespeariana durante todo o ano letivo de 2018, dinamizando atividades referentes à pré-leitura, leitura, interpretação e análise da peça, além de criarem a própria adaptação para ser, por fim, encenada na escola. Para fundamentar nosso trabalho, elaboramos também uma pesquisa teórica sobre o autor, seu tempo e sua obra, focando, em especial, em Hamlet. Como alguns dos resultados preliminares, notamos nos alunos uma melhora na capacidade de leitura tanto individual quanto em voz alta, o desenvolvimento de sensibilização de uma leitura literária, a promoção de saberes eruditos, da alteridade, da desinibição e do trabalho em equipe, impactando o desempenho em outras disciplinas. Nesse processo, identificamos alguns problemas da realidade escolar, como uma extrema dificuldade de leitura de textos literários, falta de carga de leitura, lacuna prática de leitura em voz alta e problemas em decorar falas e em pensar como personagens na encenação.

Simpósio 43
Literatura e memória: processos criativos e traduções das escritas de si

Elizamari Rodrigues Becker (UFRGS)
Luciana Wrege Rassier (UFSC)

Resumo A literatura memorialista, também chamada de confessional (REMÉDIOS, 1997; SANTOS, 1998), tem pretensões de estandarte do testemunho, de guardadora do registro, de homologadora da veracidade da narração, mas seu caráter intimista, seu endereçamento aparentemente restrito ou pouco insinuado, seu frequente aspecto fragmentário e suas lacunas convidativas a tornam menos documental e retilínea, aspectos esses que talvez possam ser aclarados a partir do aparelhamento interpretativo oferecido pela crítica genética (PASSOS, 2011; SALLES, 2006). Se as temáticas dessa "estética dos vestígios memoriais" (BERND, 2013) variam bastante, permanece, sempre renovado, o jogo entre o revelar e o esconder, entre o lembrar e o esquecer, entre o acreditar e o desconfiar que envolve o leitor no intricado jogo interpretativo das Escritas de Si. Conhecidas como um gênero proteiforme – das missivas e epistolários, dos diários, das cronologias, dos depoimentos de variados tipos e graus de formalidade –, atualmente, na era da tecnocultura, elas vêm ganhado contornos ainda mais amplos e surpreendentes. Ao refletirmos sobre o contemporâneo não como uma delimitação temporal, mas como uma prática estética (AUDET, 2009), vale citar tanto o caso de romances cujos paratextos apresentam elementos que "indiciam uma escrita de cunho autobiográfico ou uma autoficção" (FIGUEIREDO, 2013) quanto o caso das narrativas de filiação, caracterizadas por um grau de parentesco ou familiaridade, e das narrativas de afiliação, configuradas por relações de identificação, de reconhecimento ou de aproximação. Também merecem destaque as tipologias textuais surgidas da criação de conteúdos para plataformas digitais (MARCUSCHI, 2004), algumas das quais acabam se transformando em macro relatos e publicações de escritores nada prováveis e que desafiam, muitas vezes, as noções de cultura e subcultura, aproximando radicalmente as funções de "armazenamento" e de "apagamento" (ASSMANN, 2011). Nas malhas dos processos de criação, as temáticas memorialistas podem tanto representar a expressão das experiências

muito pessoais e biográficas de seus autores/narradores – como depoimentos, viagens, carreira e cárcere – como circular em torno de relatos do vivido de um grupo de indivíduos mais amplo, como guerra, diáspora, exílio e eventos que tenham afetado uma coletividade (ROMANELLI, 2016). Os eventos do 11 de setembro, por exemplo, que foram transmitidos ao vivo através do mundo em 2001, são abordados em criações que, apesar de baseadas em fatos reais, adentram as sendas do ficcional e do memorialismo. Essas criações vão desde narrativas como *Além das explosões* de Adriana Maluendas e *A última sobrevivente* de Genelle Guzmán-Macmillan, a coletânea *Le 11 septembre des poètes du Québec,* romances como *Onze* de Annie Dulong e *Un onze septembre* de André Ferron, documentários como *Farhenheit 9/11*, dirigido e narrado por Michael Moore, e o polêmico *The woman who wasn't there*, sobre a impostora Tania Head, filmes como *World Trade Center* de Oliver Stone e *Estado de Guerra* de Kathryn Bigelow, até músicas, como *Freedom* de Paul MacCartney e *The rising* de Bruce Springsteen, ou ainda o espetáculo musical *Come from Away* de Irene Sankoff et David Hein, só para citar alguns exemplos. A maioria dessas obras foram originalmente escritas ou produzidas em inglês ou francês e traduzidas, legendadas, dubladas para outras línguas. Se as narrativas confessionais aspiram a ser transmissão, testamento, legado, e aspiram a um destinatário a quem possam interessar, a tradução ganha em importância. O processo de tradução de narrativas memorialistas é como o do papel de boa gramatura, que fica descansando para a umidade assentar até que o aquarelista siga adicionando um pouco mais de cor aqui, mais uma pincelada de água ali, aguardando que seque pelo tempo necessário para adicionar tudo novamente e ver aderir outra camada, de sobreposição em sobreposição, partindo de muita luz para progressivamente construir sombra em pontos específicos, jogos de luz que proporcionem ao olhar a noção mais realística possível. Como a água na aquarela, que se torna insurgente aos propósitos do aquarelista, a literatura memorialista teima em ser um pouco diferente das notas primordiais, dos rascunhos ou dos croquis que lhe deram origem, se expande de um jeito incontido e se mescla em tons e cores um tanto imprevisíveis, o que a torna um gênero bastante desafiador para aqueles que fazem sua transposição para outras línguas ou linguagens. Especificamente do tradutor, essa literatura exige um processo de leitura e interpretação bastante apurado, capaz de encontrar as máscaras, sem, contudo,

removê-las, repintando a aquarela sem encharcar o papel e sem saturar as cores pois, como sublinha Freddie Plessard (2007), toda a leitura é co-enunciação, mas a tradução é uma re-enunciação. Assim, neste simpósio, interessa-nos pôr em relação trabalhos que contribuam para o debate sobre as Escritas de Si, interessando-se por seus processos de criação ou por especificidades de sua tradução, a partir – preferencialmente, mas não exclusivamente – de um corpus de literatura memorialista produzida no continente americano.

A escrita como memória e ressignificação de si em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende e *Mar Azul*, de Paloma Vidal

Bruna Santiago dos Reis (UFRGS)

Resumo A memória é um aspecto marcante na velhice, visto que há uma abordagem comum nas representações literárias, cinematográficas e artísticas em geral de idosos que apresentam falhas de memórias pessoais. A partir disso, ao analisar os processos de escrita da personagem inominada de *Mar Azul*, da escritora Paloma Vidal e da personagem Alice da obra *Quarenta Dias*, da Maria Valéria Rezende, verificam-se um receio da falha da memória e uma solução para o diálogo interno a fim de visualizar anseios e construir experiências e, também, uma possibilidade de (re)escrita da própria jornada. Para que a memória seja efetivada, é relevante abordar as ausências e presenças das pessoas com quem as personagens construíram ou tentaram construir um vínculo, seja a amiga desaparecida, o pai fugitivo, a filha que tira a autonomia da mãe idosa, o ex-namorado violento, assim como os espaços trilhados - Brasil e Argentina (principalmente em tempos de Ditadura), João Pessoa e Porto Alegre na contemporaneidade. Logo, as narrativas, mesmo com suas particularidades, fundem-se para reforçar o pertencimento de si. Considerando as reflexões de Motta (2011), Beauvoir (1990), entre outras e outros, o intuito é destacar o impacto das memórias nas narrativas mencionadas, as quais moldam a trajetória e a identidade das personagens e evidenciam o enfrentamento do esquecimento e da solidão.

A escrita dos rituais performáticos: pequenas frestas entre o transe no terreiro de candomblé e a vertigem do corpo que dança

Renata Borges de Azevedo (PUC – Rio)

Resumo O projeto de pesquisa tem como objetivo observar as percepções físicas no processo de transe dos membros da comunidade já iniciados no candomblé após uma pesquisa de campo realizada entre 2018 e 2019 em uma perspectiva comparativa com a vertigem do corpo durante a criação de uma performance. Este trabalho situa-se numa fronteira entre o ensaio acadêmico e novos cenários da escrita, ao questionar a aproximação entre as alterações físicas de quem entra em transe no ritual, e as percepções alteradas de quem se encontra em estado de vertigem e exaustão durante o processo de composição de uma perfmance. Busca-se compreender o transe como um possível laboratório estético para a composição do movimento, no qual interesso-me, assim, pelo limiar entre os códigos corporais de quem performa e de quem vivencia o ritual. Ao mesmo tempo, propõe-se uma discussão sobre os ataques violentos e preconceituosos que as religiões afro-brasileiras enfrentam, possibilitando, a partir de um olhar sobre a performance que se inspira nas práticas do candomblé, um espaço público de reflexão e ao mesmo tempo de fruição estética. Este trabalho implica a escrita de minhas memórias sobre o candomblé desdea infância, de narrativas produzidas a partir de vivências e conversas anotadas em meu caderno de campo durante as visitas aos terreiros e durante ensaios numa residência artística do Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro. Propõe-se a observação dos códigos tradicionais reproduzidos nos rituais como um método de composição da performance "Transe", e sobretudo, a produção de uma escrita poética a partir desse lugar de afeto, construção política e experiência.

A relação entre performance e autoficção em *Não Escrever*, de Paloma Vidal

Katerina Blasques Kaspar (USP)

Resumo Aproximando os conceitos de autoficção e de performance, adentraremos o projeto *Não Escrever*, de Paloma Vidal, que ocorre em formato de performance e de livro-cartonero, manifestações que convivem no processo criativo da escritora. Na narrativa, uma escritora-pesquisadora viaja à França para investigar Vita Nova de Roland Barthes, um projeto de livro não concluído em função de sua morte. A coincidência entre as figuras da narradora e da escritora fica evidenciada por exemplo pela atuação de Vidal na performance, em que há a constituição de uma persona. Traremos a reflexão de Renato Cohen, que afasta personagem de persona, esta última estando muito mais colada ao performer, se originando pela extrojeção de traços do sujeito mesmo que atua. Pensaremos o conceito de performance como um dos elementos centrais para elaboração da autoficção, a partir justamente da elaboração de uma persona, como discute Diana Klinger. Ainda na narrativa de Não Escrever, imaginamos junto com a narradora como teria sido a visita de Barthes ao Brasil, evento que nunca ocorreu, não por falta de reiterados convites de Leyla Perrone-Moisés. Conhecemos fragmentos de cartas efetivamente trocadas entre os dois, em parte publicadas pela crítica brasileira em Com Roland Barthes. A convivência entre materiais de arquivo e a narrativa ficcional bem como entre a performance e o livro-cartonero nos convidará a pensar na discussão de Diana Taylor sobre arquivo e repertório, em que se confronta tudo aquilo que pertence à ordem material, supostamente perene, com tudo aquilo que pertence à ordem da experiência, a princípio efêmero. Problematizaremos a soberania de arquivo sobre repertório, que se justificaria pela ideia de que a memória estaria apenas garantida quando registrada em arquivo. Sugeriremos também que o conceito de tradução intersemiótica, a partir das discussões de Jakobson e de Derrida, colabora a compreender o processo criativo da escritora para este projeto específico.

A violência traduzida em palavras: *La vie sans fard* [A vida sem maquiagem] (2012), uma autobiografia de Maryse Condé

Kelley Duarte (FURG)

Resumo "A vida sem maquiagem" (2012) de Maryse Condé é uma obra declaradamente autobiográfica, embora tenha sido construída na contramão de um gênero literário que tradicionalmente exaltaria a personalidade dessa consagrada escritora da francofonia. Respeitando o sentido mais profundo da "confissão", M. Condé dedica mais da metade de sua obra ao relato de experiências marcadas, sobretudo, pelos desencantos ideológicos frente à descoberta de uma África ambivalente. Paralelo a isso, e não menos importante, a produção de M. Condé se apresenta como uma arqueologia íntima da violência de gênero e de raça. Escrita da culpa, do abandono e do preconceito – ambos sob diferentes formas – e da maternidade mal sucedida, M. Condé expõe toda "a verdade da natureza" de uma mulher que sobreviveu às imposições da condição feminina de sua época, da condição de ser negra e estrangeira, deixando, em segundo plano – e tardiamente em sua vida – a dedicação à escrita profissional. A leitura da autobiografia de M. Condé segue um direcionamento teórico que percorre o estudo contemporâneo das escritas de si, tais como o de L. Arfuch (2010) e estabelece um contraponto comparativista com narrativas de ampla circulação (oral e midiática) que expõem a violência contra a mulher. Nesta comunicação, apresentaremos as semelhanças entre essas vozes com o intuito de comprovar que a persistente condição de violência também se expressa como manifesto e denúncia no espaço literário.

De Santiago de Compostela a Montevidéu com o coração; a outros mundos em tradução: comentários à tradução de Relatos de um emigrante, de Manuel Losa, ao português brasileiro

Andrea Cristiane Kahmann (UFPel)

Resumo Encerrada a guerra civil (1936 – 1939), à Espanha restaria um saldo estimado em 400 mil mortos, perseguições aos derrotados e o temor de que a proximidade de Franco com outros fascistas

conduzisse a uma nova guerra. Aí se ambienta o primeiro capítulo da vida de Manuel Losa, autor de "Relato de un emigrante: de Santiago de Compostela a Montevideo", apresentado como Testimonial / Autobiográfico, e que me propus a traduzir ao português brasileiro a partir do espanhol uruguaio, com que passou a conviver a família Losa desde que, em 1953, partiu rumo à "Suíça da América" em busca de melhores condições. Esta comunicação propõe comentários ao projeto escolhido para essa tradução, comprometido com a preservação das interferências do galego no idioma espanhol e com a conservação de itens culturais-específicos (AIXELÁ, 2013), além de comentar os desafios de traduzir uma escrita memorialística, a pedido de e sob a supervisão do autor, em processo permeado por intensa troca de e-mails, pesquisa histórica e passeios virtuais pelos locais descritos na narrativa a fim de suprir lacunas e compreender significados. Eis uma tradução que foi construída como um processo de crítica ao vivo (CAMPOS, 2015, p. 14) do original, às vezes recriando efeitos estéticos; em outras, detendo-se estritamente aos testemunhos da história, com suas experiências traumáticas e a saudade, que também corrói os corações que se expressam em idiomas que desconhecem esse vocábulo.

Diários de Maria Isabel Silveira (1880–1965): rastros do pensamento em ação

Mariana Diniz Mendes (USP)

Resumo Pretende-se abordar nesta comunicação os variados aspectos dos 65 diários da memorialista paulistana Maria Isabel Silveira (1880-1965). Essa documentação testemunhal inédita constitui um espaço de construção narrativa que mobiliza um diálogo com diversos saberes — gênero, literatura, arquivística e história social, apontando o caráter multidisciplinar da pesquisa de mestrado em andamento: "Diários de Maria Isabel Silveira: rastros do pensamento em ação". Os diários de Maria Isabel integram o Fundo pessoal do escritor Valdomiro Silveira (1873-1941), no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). O primeiro caderno exibe, no registro inaugural, a data 24 de dezembro de 1908; a última entrada foi produzida em 12 de junho de 1965. Os

cadernos percorrem 57 anos (1908-1965) da vida de Maria Isabel. Neles lê-se o registro regular do dia a dia da casa e dos moradores, a rotina com os filhos e empregados, a vida social e política do casal, minúcias relativas a gastos e custos despendidos, relatos de doenças e receitas caseiras para curá-las. O volume de cadernos preenchidos à mão revela o gosto de Maria Isabel pela escrita. A presente comunicação promoverá a discussão sobre a escrita íntima de mulheres, o interesse feminino em relação ao arquivo de si (o cuidado na conservação dos escritos pessoais e suas modalidades de uso), a partir das lentes de Philippe Lejeune (2014) , Françoise Simonet-Tenant (2004) e de outros estudiosos do diário. Neste trabalho, a ideia de filiação de gênero será explorada desembocando nos problemas privilegiados pela história das mulheres, refletindo sobre as relações entre "artefafo" e "gênero", para recuperar as indagações de Vânia Carneiro de Carvalho (2008).

Escrita de si, escrita da memória na literatura anglófona de Kazuo Ishiguro

Tiago Ferreira Pereira (UFSM)

Resumo Kazuo Ishiguro é um escritor de origem japonesa, mas que teve que abandonar sua terra natal para residir na Inglaterra aos 6 anos de idade, permanecendo no país até o momento presente, de onde escreve em língua inglesa. Dessa forma, o autor tornou-se um dos escritores mais celebrados da literatura britânica contemporânea, alcançando reconhecimento notório após receber o Prêmio Man Booker, em 1989, pela escrita de 'The Remains of the Day', e o Prêmio Nobel de Literatura, em 2017, por sua produção cultural no geral. Esse romance de cunho memorialístico procura reconstruir uma experiência privada - ao mesmo tempo que também coletiva. Busca produzir um retrato do período entre Guerras através do olhar metódico de um mordomo inglês viajando pelo Oeste da Inglaterra. Partindo desses pressupostos, esse trabalho busca analisar e refletir sobre as configurações/formatações da memória que representadas na escrita do "si" na obra de Kazuo Ishiguro, visto que todos os seis romances já publicados pelo escritor parecem estar intimamente conectados por essa temática: a memória. A memória é vista aqui como um

olhar para o ontem de uma perspectiva presente, sempre como uma REconstrução e não como reflexo do passado. O romance analisado é 'The Remains of the Day', publicado em 1989 e traduzido para o português brasileiro como 'Os Vestígios do Dia'. O referencial teórico para analise conta com autores que dialogam com a temática da memória cultural: Ian & Aleida Assmann, Joël Candau, Astrid Erll, Birgit Neumann, dentre outros nomes.

Legados da ficção e da memória: Boris Schnaiderman e a escrita de si

Evelina de Carvalho Sa Hoisel (UFBA)

Resumo Um dos capítulos do Caderno italiano, de Boris Schnaiderman (2015), intitula-se "Legados da ficção e da memória". Pela produtividade dessa expressão para pensar as questões propostas por este simpósio, dela me aproprio com o objetivo de desenvolver algumas reflexões sobre "literatura e memória e os processos criativos e traduções das escritas de si". No Caderno italiano, Schnaiderman reúne experiências pessoais e relatos vividos com os soldados brasileiros durante a Segunda Guerra, na Itália, recuperando dos arquivos da memória a sua participação na Força Expedicionária Brasileira – FEB. Interessa verificar em que medida a narrativa do Caderno, enquanto relato autobiográfico de um sujeito, resgata os fatos da história política do Brasil naquele período, registrando em seus fragmentos um dos perfis de um intelectual entre fronteiras. Objetiva-se investigar também a pluralidade de escritas e de estilos que compõem o relato do Caderno italiano, onde o narrador está constantemente a fazer referências à sua dificuldade de traduzir em palavras a sua perplexidade diante dos traumáticos acontecimentos vividos a nível pessoal e coletivo. Pretende-se ainda ler comparativamente o texto memorialístico Caderno italiano (2015) com a ficção Guerra em surdina (SCHNAIDERMAN, 1964) uma vez que ambos recortam a mesma temática – participação de Boris Schnaiderman na Força Expedicionária Brasileira: o de 2015, assumindo-se como um texto memorialístico, o de 1964, como ficção. Em ambos, podem ser encontradas questões que possibilitam traçar vertentes variadas das escritas de si.

Marguerite Duras e uma (re)construção de memórias

Isabela Magalhães Bosi (PUCSP)

Resumo As atrocidades vividas na Segunda Guerra deixaram marcas profundas na escritora Marguerite Duras, transformando sua obra de forma radical, na qual passa a incorporar, de forma indiscriminada, testemunhos e relatos autobiográficos. Sem perder de vista que "o horizonte do testemunho nunca é o da completude do uno, senão o da hiância" (ANTELO, 2009), compreendemos que a escrita de Duras se arma justo nesse intervalo, em que retoma memórias íntimas de um período impossível de ser narrado – e, no entanto, escreve-se. Se "o passado é 'contemporâneo' do presente que ele foi" e toda memória é um somatório de tempos (DELEUZE, 1999), Duras parece reintegrar esse passado-presente, evocando memórias individuais e, assim, contribuindo também para a (re)construção de uma memória coletiva. A partir de uma leitura de sua obra, em especial de textos oriundos de sua experiência com a guerra, como Aurélia Steiner (Melbourne) e A Dor, pretendemos analisar a potência da literatura de Duras como dispositivo para uma (re)construção de memórias.

Marguerite Duras: a escrita de si em *O Amante*, *A Dor* e *O Amante da China do Norte*

Maria Cristina Vianna Kuntz (USP)

Resumo Marguerite Duras é considerada, hoje, uma das mais importantes escritoras francesas da segunda metade do século XX. Nos anos 1980, na última fase de sua vida, após uma década dedicada ao teatro e ao cinema, tendo superado uma crise de saúde profunda, Duras retorna à literatura e mergulha nas lembranças da infância em sua obra-prima – O Amante (1984)–, pelo qual recebe o insigne Prix Goncourt. Resgatando as anotações de sua vivência à época da Ocupação alemã na França, durante a Segunda Guerra Mundial, em A Dor (1985), narra, seu testemunho como "tomada reflexiva do passado" (GAGNEBIN, 2006). As «memórias traumáticas» fazem parte do conceito de «memória cultural» que influencia definitivamente nas transformações das sociedades (BERND, 2018). Finalmente, em

1991, Duras retoma a história do amante chinês e de sua infância e reescreve suas memórias – O Amante da China do Norte - como um roteiro de cinema. Ricoeur destaca a efetiva marca (tupos) dos choques e traumas que se imprime na alma como « um anel sobre a cera » e de que maneira produzem sua representação (RICOEUR, 2000, p. 16). Nas três obras há a coincidência entre autor, narrador e personagem, e ainda uma espécie de pacto com o leitor (LEJEUNE 1975, ap. NORONHA, 2014). Contudo, diferem em sua natureza, às vezes aproximando-se da autoficção (DOUBROVSKI, 1988) como em O Amante, ou até do diário e da ficção (A dor). Sabe-se que a obra durassiana é sempre fruto das relações entre « memória e esquecimento » (BORGOMANO, 2009). Portanto, estas três obras constituem escritas de si, primordiais e plurais em sua natureza. Nesta intervenção, mostraremos de que maneira Duras expressa nelas sua própria dor e a do mundo em diferentes fases de sua vida.

Memória e política na tradução brasileira de "Animal Farm", de George Orwell

Lara Giselle Guardiano (UNESP)

Resumo O viés essencialmente político por trás da escrita orwelliana foi, em diversas ocasiões, expressamente declarado pelo próprio autor, que, munido da acidez que lhe era característica, nunca fez questão de esconder a insatisfação que sentia em relação à configuração geopolítica de sua época. As pistas mais evidentes desse intento moram, literalmente, ao lado de suas narrativas: nos prefácios autorais, que, no caso de Orwell, possuem um caráter essencialmente autobiográfico. Tais textos, por se tratarem de "escritas de si", registram os acontecimentos individuais e sociais que motivaram o autor a escrever suas mais célebres obras, além de demonstrar sua perspectiva política e de esclarecer a verdadeira intenção de seu trabalho. Ocorre que seus escritos foram e ainda são alvo de intensa subversão ideológica. Nesse aspecto, a análise da tradução de sua obra ganha interessante relevo, uma vez que o tradutor possui a capacidade de moldar o sentido textual de acordo com sua conveniência e a do público que pretende atingir. É o que ocorre com "A revolução dos bichos", que teria chegado ao Brasil na década de sessenta,

especificamente em 1964. Coincidentemente - ou não, o ano de impressão da primeira edição traduzida para o português brasileiro é compatível com o do golpe militar. O título original da obra, "Animal Farm", se traduzido ao pé-da-letra, formaria algo como "Fazenda dos animais". Todavia, o tradutor da referida edição preferiu usar o termo "Revolução", dando ensejo à construção da perspectiva política que se pretendia instituir no país. Por sua vez, a palavra "animal" ganhou conotação pejorativa ao ser substituída por "bichos", cujo significado, na época da tradução, estava diretamente relacionado a grupos sociais específicos. Assim como ocorre com o título, outros aspectos da obra, como nomes de determinados personagens, carregam consigo tendenciosas traduções. Sob essa ótica, o objetivo do presente trabalho é confrontar a primeira tradução brasileira da referida narrativa com as pistas deixadas pelos prefácios autorais de Orwell, apontando as divergências entre elas. Dessa forma, será possível evidenciar aspectos semânticos que indiquem subversões ideológicas intentadas pelo tradutor, rememorando o percurso da obra orwelliana no Brasil.

Memória popular de Evita na Argentina

Rosa Maria da Silva Faria (UFRJ)

Resumo Eva Duarte Perón, promoveu mudanças significativas na realidade de trabalhadores, mulheres e pobres, na Argentina. Como primeira-dama, uniu-se às classes populares atingindo notoriedade e magnitude no imaginário popular. A imagem de Evita foi construída pelo governo peronista para tornar-se um mito, pois Juan Domingo Perón usou a personalidade passional de Evita como combustível para seduzir as massas e impulsionar seu projeto político, considerando que antes de ser uma ideologia, antes de ser um sistema de ideias, o peronismo foi uma identificação. A literatura e o cinema diversificaram as representações sobre o mito de Evita. Os múltiplos olhares expoem a complexidade dessa mulher, pois o mito de seu personagem público assim como de sua pessoa, foram o combustível que confirma sua permanência na memória nacional. Serge Gruzinski em La guerra de las imágenes, destaca que "con el mismo derecho que la palabra y la escritura, la imagen puede ser el vehículo de todos los

poderes y de todas las vivencias. Aunque lo sea de su propia manera" (GRUZISNKI, 1994, p. 13). O objetivo desta apresentação consiste em suscitar reflexões acerca da construção da memória popular de Eva Perón, cuja imagem segue sendo reivindicada positivamente por grupos sociais e políticos. Evita, como era e é reconhecida popularmente, tem sido relida e inserida em debates narrativos e culturais desde sua morte em 1952. A memória popular de Evita constituiu-se como um permanente emblema de lutas por reconhecimento de classe, gênero, direitos laborais e amparo social. Seu corpo se converteu em símbolo de reinvindicação de igualdade de direitos para as classes populares, mulheres e postergados sociais. Segundo Maurice Halbwachs, a lembrança é produto de um processo coletivo inserido num contexto social determinado. Por meio do reconhecimento e da reconstrução, as lembranças retomam, não só, relações sociais, mas também ideias e sentimentos compartilhados. Para Halbwachs a função primordial da memória enquanto imagem partilhada do passado é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo.

Memórias desdobradas em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar e *O meu canto de amor a Jequié* de Pacífico Ribeiro

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

Resumo A escrita memorialística tem sido motivo de atenção em diferentes áreas do conhecimento dada à revalorização da subjetividade. É uma escrita que envolve um eu diante de sua própria história e se desenvolve a partir de uma postura retrospectiva. Assim, este trabalho objetiva analisar o processo de rememoração em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar e *O meu canto de amor a Jequié*, de Pacífico Ribeiro, poetas maranhense e baiano, respectivamente. Para fundamentar as discussões, serão adotadas as visões de Henri Bergson (1999), Maurice Halbwachs (2006), Ecléa Bosi (2003), Leonor Arfur (2013), dentre outras. A escrita memorialística, ao ser tomada como escrita de si, expõe experiências e vivências que se entrelaçam com a história do próprio autor, porém não se trata de acontecimentos que se sucedem cronologicamente de forma literal, mas se tornam evidentes em fragmentos, rasuras, rascunhos. No texto literário, no poema

em particular, esses aspectos são reconhecidos nas marcas de vida dos poetas, que se mesclam com elementos próprios do discurso literário. Entende-se, portanto, que é inviável reviver acontecimentos como de fato sucederam, isso porque tudo é perpassado pela subjetividade e pelas impressões do sujeito sobre si mesmo e sobre os acontecimentos. Em *Poema sujo* e *Meu canto de amor a Jequié* os sujeitos-autores que afirmam ser os mesmos eus que agem, tendem a ser influenciados pela restrição da verdade, parte de suas subjetividades não estão isentas de esquecimentos, omissões e de influências do imaginário. Os anseios pelo relato de si se deparam com os limites da linguagem, que impedem a representação do real. É através da linguagem e da inserção de um eu que se pronuncia, que o leitor aceita o pacto autobiográfico que se lhe apresenta.

Narrativas autobiográficas: uma análise comparativa entre a obra literária *Hospício é Deus: diário I* (1975) e o documentário audiovisual *Santiago* (2007)

Tamiris Tinti Volcean (USP)

Resumo Maura Lopes Cançado, uma escritora de carreira breve, publicou, em 1965, sua primeira obra, Hospício é Deus: diário I, um diário autobiográfico sobre seus dias de clausura em instituições psiquiátricas, dando ênfase para as críticas ao sistema manicomial. Por outro lado, João Moreira Salles, em 2007, lançou o documentário Santiago, no qual revisita a própria história por meio das lembranças do mordomo que trabalhou para os Moreira Salles por mais de três décadas. As duas obras em questão, *Hospício é Deus: diário I* (1965) e *Santiago* (2007) foram selecionadas para compor o corpus das análises comparativas desta pesquisa, uma vez que se constituem como narrativas singulares com traços autobiográficos a partir da perspectiva de Vapereau (1876) e Leonor Arfuch (2002), autores que ampliam as definições do gênero, chamando de autobiografia todo discurso cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar trechos ou partes inteiras de sua vida. Intenciona-se, portanto, partindo da perspectiva comparativa destes discursos autobiográficos construídos a partir de sistemas sígnicos distintos, promover uma reflexão acerca dos limites normativos deste gênero do discurso, assim como

uma ponderação sobre a conceituação tradicionalista proposta por Lejeune (1975) e as implicações da necessidade restritiva de um pacto para posicionar um discurso no espaço biográfico que reúne as narrativas do eu. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se conceitos discursivos e enunciativos propostos por Mikhail Bakhtin e Michel Foucault como principais referências teóricas. Em relação à discussão voltada à autobiografia enquanto gênero do discurso, fez-se uso dos conceitos postulados por Philippe Lejeune, mais especificamente contidos em sua obra Le pacte autobiographique (1965), e daqueles contextualizados contemporaneamente por Leonor Arfuch em sua obra O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea (2010).

Por entre lugares, identidades e memórias: a escrita de Igiaba Scego

Helena Bressan Carminati (UFSC)

Resumo Dentro dos estudos literários, tem-se aberto cada vez mais espaços possíveis de diálogos que envolvam novas temáticas e problematizações. Nesse contexto, podemos falar em uma produção literária que tem se atentado às margens, ao que não é dito e não se quer ver. Ao pensarmos nesse tipo de literatura – que parece se fazer mais urgente ao longo dos anos – nos deparamos com escritas que falam de si e do outro, que tratam de processos construtores de identidades, subjetividades e contatos, isto é, um movimento de migrações (não somente físicas) e consequentemente de tensões. Permeada por esses processos, encontra-se a escritora italiana de origem somali Igiaba Scego (1974). Problematizando a ideia de uma identidade que deve ser única, a autora publica na Itália "Minha casa é onde estou" (2010), obra que acaba antecipando em seu próprio título algumas das questões tratadas, e que atravessa os mares, chegando aos leitores brasileiros em 2018, pela tradução cuidadosa de Francesca Cricelli. Fazendo uso do verbo "estar", a autora acaba por "sacudir" a noção que se tem de casa, palavra que é pensada, na maioria das vezes, como algo seguro e estático. Com essa escolha lexical, Igiaba cria um deslocamento e sugere um movimento – que se relaciona com sua própria memória –, para esse sentimento de pertencimento que diz respeito

ao termo "casa". E através disso, de movimentos fluídos e por vezes truncados, lacunosos que a narrativa se desenrola. Tecendo, assim, uma escrita que fala de sua própria construção enquanto mulher italiana de origem somali, Scego escreve sobre si, não deixando de tocar num coletivo. Sua história é criada em palavras por meio da memória compartilhada entre ela e seus irmãos, logo nas primeiras páginas do livro, quando tentam recriar um mapa de sua cidade natal, Mogadíscio. A partir daí, Igiaba passa a se colocar em um outro lugar – ou ainda em um entre-lugar –, não mais como somali, mas como uma italiana residente de Roma, recriando sua origem através da capital italiana. Pensando, portanto, nesses deslocamentos e no processo de escrita de uma narrativa que se faz autobiográfica, mas que ao mesmo tempo, evoca temas partilhados como a imigração e a memória, esta proposta de comunicação pretende refletir sobre "Minha casa é onde estou", considerando as fragmentações do sujeito que se fazem mais presentes desde o século passado e também a importância da memória para a criação desse tipo de literatura, sem deixar de pensar nas tessituras dos confrontos vividos pela autora ao ter de escrever sobre si mesma em sua própria narrativa.

Retratos de uma mulher em *Querido Diego, te abraza Quiela* de E. Poniatowska

Solange do Carmo Vidal Rodrigues (FURG)

Resumo O foco desta pesquisa é examinar a abordagem à protagonista do romance de Elena Poniatowska *Querido Diego, te abraza Quiela* (1978). O estudo concernente à Quiela – como voz narrativa, na condição de personagem feminina –, remete à leitura contrastiva entre o romance de Poniatowska com The Fabulous life of Diego Rivera (2000) – biografia do pintor mexicano feita por Bertram Wolfe, com Memorias – livro de autoria da pintora russa Angelina Beloff (2000) e também com Diego Rivera, *My art, My life: An Autobiography* (1991) – composta pelo próprio muralista com a colaboração de Gladys Marsh. Querido Diego, te abraza Quiela trata-se de uma obra curta, contendo doze cartas fictícias que a pintora e gravurista Angelina Beloff (1879-1969) escreve, entre outubro de 1921 e julho de 1922, ao artista mexicano Diego Rivera (1886-1957). BRESCIA (2008,

p. 59), escreve: "En ella se narra una historia de amor que comunica los vaivenes emocionales de la protagonista junto a las circunstancias históricas de su existencia". O sujeito apaixonado percebe o outro como um Tudo: "e, ao mesmo tempo, esse Tudo parece comportar um resto que não pode ser dito. É o outro tudo que produz nele uma visão estética: ele gaba a sua perfeição, se vangloria de tê-lo escolhido perfeito; imagina que o outro quer ser amado como ele próprio gostaria de sê-lo" (BARTHES, 1981, p. 14). O aporte teórico elencado ao examinar as abordagens a Angelina (Quiela) abarca, entre outros, os estudos de Bourdieu, (2006), Shwob (1980), Arfuch (2010), Bolaños (2002). O foco repousa, principalmente, na observação de Angelina na condição de personagem concebida pela imaginação criativa da escritora mexicana Elena Poniatowska; dela enquanto mulher descrita por biógrafo de ex-marido e também pelo próprio ex-marido e, por fim, Angelina por ela mesma, através de passagens destacadas de suas Memórias.

Ricardo Lísias: a memória como vetor de intervenção performática

Felipe Garzon Sut (UERJ)

Resumo Esta comunicação se debruça sobre alguns aspectos da obra do escritor paulistano Ricardo Lísias. Concentro a análise nos romances Céu dos Suicidas (2012) e Divórcio (2013), em vista do uso pelo autor de seu nome próprio em ficção, procedimento que o afina à chamada autoficção. Cada um dos romances está ligado a um grande acontecimento na vida do escritor (o suicídio de um grande amigo; um processo tortuoso de divórcio), o que suscita a seguinte questão: como o tratamento ficcional dado a um acontecimento "não ficcional" se relaciona com uma discussão em torno do estatuto da memória, já que aqui não se trata bem de uma reconstituição de fatos, mas antes de um jogo que os envolve, uma força de transformação, um devir, e não bem uma lembrança, como o salientam Deleuze e Guattari (1997). Mais recentemente, o autor tem se dedicado a obras ensaísticas que tratam da conjuntura brasileira, especificamente sobre dois acontecimentos: Sem título – uma performance contra Sérgio Moro (2018) analisa e postula o efeito performático do

pedido de habeas corpus feito pelo desembargador Rogério Favreto para a tentativa de soltura do ex-presidente Lula, então preso; Diário da Catástrofe Brasileira (2019) work in progress que faz análises estético-políticas da conjuntura a partir do resultado das eleições presidenciais de 2018. Creio ser possível dizer que há, em contato com acontecimentos disruptivos, duas escalas de memória, individual e coletiva, que constituem motivos em sua obra, sobretudo quanto ao seu caráter de intervenção (caráter reivindicado pelo próprio autor). Julgo interessante, assim, levantar a hipótese de uma memória em devir como intervenção performática.

Um diálogo entre 'Fantasmas', de Calle e Auster

Gabriela Semensato Ferreira (UFRGS)

Resumo Escrever para esquecer, ou escrever para lembrar? A leitura de "Fedro, ou da beleza" (c. 370 a.C.), de Platão, a qual trata, entre outras coisas, da memória, leva a pensar nessa questão, que também retorna, de modo diferente, na literatura dos séculos XX e XXI. No diálogo platônico, Fedro conta a Sócrates sobre um discurso de Lísias, porém revela-se incapaz de repetir de cor o que foi dito por ele e acaba tendo de apoiar-se na escrita para contar o que ouviu. Logo, a escrita é tomada não apenas como cópia de segunda ordem do discurso vivo, mas também, como argumenta Jacques Derrida, em "A farmácia de Platão" (2005), como um phármakon, um remédio para a rememoração. Para Platão, a escrita apresenta o risco de tornar os homens mais esquecidos, por deixarem de exercitar a memória. Segundo Derrida, nessa tradição a escritura não tem um valor em si mesma, a não ser que seja estimada pela autoridade (seja rei, pai ou capital). Se ela existe independentemente do falante, porém, leva em conta uma certa ausência e um desejo (de subversão); pode não reconhecer suas origens e abrir possibilidade ao falsificado, ao equívoco. Chega-se dessa forma à difícil situação das artes contemporâneas. Rejeitando a simples oposição entre ficção e fato, a autoficção, em especial, é duplamente difícil de categorizar e pode embaralhar ainda mais as fronteiras entre essas dimensões. A partir de referências da área, como Eurídice Figueiredo (2013), este trabalho apresentará esta problemática a partir de um diálogo entre a obra de Sophie

Calle, “Fantômes”, e de Paul Auster, “Ghosts”, cuja tradução compartilham: “Fantasmas”. Esses textos serão analisados a partir das misturas que realizam, entre imagem e palavra; memória, esquecimento, ou perda, e invenção; e das noções de articulação (DERRIDA, 1981; DELEUZE, GUATTARI, 1995) e disjunção (DERRIDA, 1987). São poéticas da busca por algo que sempre escapa, ou que está ausente. A busca pela palavra, pela memória, ou por objetos de desejo.

Simpósio 44
Literatura e música: teoria, história e crítica

Dennys Silva-Reis (UFAC)
Marcelo Alves Brum (UFAC)
Rita de Cássia Domingues dos Santos (UFMT)

Resumo Relações entre literatura e música são constituídas por um campo de diálogos e convergências estudadas pela Estética. No Ocidente, as primeiras manifestações dessa confluência foram as epopeias homéricas (PARRY, 1987). Essa indissociabilidade entre a poesia e a música fez com que as primeiras definições de poesia partissem de noções musicais. Concepção hegemônica durante a Idade Média, Platão (2002) definiu a harmonia e o ritmo como os elementos distintivos da poesia, antes de Aristóteles (2015) circunscrever à imitação o domínio do poético. Desde o início da modernidade até as vanguardas do século XX, o lirismo desenvolveu uma relação entre a poesia e a música (DARBEAU, 2004, MORAES, 1983), fortemente baseada em uma concepção musical da própria linguagem poética. Aqui, a noção de literatura não deve ser entendida apenas em sentido estrito, como uma modalidade prestigiada de escrita surgida na modernidade europeia, mas também, em sentido amplo, em sua relação intrínseca com as formas da linguagem, inclusive aquelas próprias de culturas inteira ou fortemente marcadas pela oralidade. Dessa perspectiva, a própria distinção entre a literatura e a música pode se mostrar problemática, dada a necessária importância da dimensão sonora da linguagem. Os Estudos Performáticos e os Estudos Orais mostraram a importância de outra ramificação da interseção entre Literatura e Música: literaturas orais, narrativas folclóricas, sujeito cancioneiro e contação de histórias (FERNANDES, 2007; ZUMTHOR, 2014). Todas essas linhas de estudos eram, até pouco tempo, subalternizadas, e, hoje, são matéria bruta de um campo híbrido que traz para a Academia textos como, por exemplo, as chamadas textualidades indígenas (MATOS, 2007). Com a Narratologia (REIS, LOPES, 1988), uma parte significativa da literatura pôde ser vista como narração. Por outro lado, a música também buscou métodos de narrativizar os sons, as melodias e o próprio silêncio, como evidencia a existência de uma área inteira dedicada a esta arte: a Sonoplastia (CHION, 2010). Já a Música Programática se ocupa da representação

de uma cena e da evocação, em música, de imagens extramusicais ou estados de ânimo muitas vezes advindos da literatura. (GROUT, PALISCA, 1997) Merecem destaque, também, as ainda pouco estudadas Obras para Instrumento(s) e Narrador, como são os casos de composições de Schubert, Schumann, Liszt, Massenet e R. Strauss. A Tematologia (BRUNEL, PICHOIS, ROUSSEAU, 1995) é uma das linhas teóricas que oferece contribuições para a compreensão e apreciação de temas, conteúdos, personagens, ações e arquétipos artísticos partilhados por músicos e escritores (OLIVEIRA, JOST, 2016). Somado a isso, a repetição ou a permanência de um tema pode contribuir significativamente para a reflexão das artes ou da própria sociedade. No âmbito dos estudos transdisciplinares, a respeito de poéticas contemporâneas, as pesquisas sobre Literatura e Música evocam o substrato teórico da Teoria da Paródia, que define a paródia como imitação com diferença crítica (HUTCHEON, 1985). Característico da paródia é o uso do conhecido, do esperado, num contexto diferente, como a utilização de um recurso da literatura ou da música para gerar uma expectativa que depois se contradiz, apenas para ilustrar uma possibilidade intermidiática entre tantas (SANTOS, 2019; EVERETT, 2004). Da comunicação, a vertente da Intermedialidade traz à tona o modo pelo qual a materialidade de uma arte pode ser transfigurada em outra (DINIZ, VIEIRA, 2012; DINIZ, 2012). Este campo, além de trabalhar as influências, as intertextualidades, interdiscursividades, bem como as questões semióticas, considera as relações entre a corporeidade da Música e a Literatura. As questões sentimentais e as oriundas da percepção recebem particular destaque neste tipo de estudo (MOSER, 2006). Cabe mencionar que a perspectiva da Melopoética ganhou impulso nas últimas décadas (OLIVEIRA, 2002, 2012). O estudo semântico dos sentidos, somado aos recursos musicais, também constitui uma metodologia de estudo híbrida entre música e literatura, em que letra e melodia são indissociáveis, formando um só texto ou obra artística a ser analisada (BARBE, 2011; LYRA, 2010; REIS, 2001). Nesta direção, surgem os estudos da canção, da tradução musical e da associação da melopoética a outras poéticas artísticas (OLIVEIRA, RENNÓ, FREIRE, AMORIM, ROCHA, 2003), como o estudo da construção de Libretos de óperas (e operetas, oratórios, cantatas e teatro musical) (ROSMARIN, 1999). A partir do exposto, este simpósio pretende reunir pesquisas voltadas para a compreensão das múltiplas relações entre a literatura e a música, segundo diferentes

perspectivas teóricas, históricas e críticas. São esperados trabalhos que (1) relacionem, singularizem ou circunscrevam as relações entre as duas artes; (2) apresentem agentes artísticos que transitem entre a música e a literatura; (3) proponham formas de otimizar essa relação no ensino de literatura e música; (4) salientem determinados gêneros (musicais ou textuais) propícios ao hibridismo das duas artes; (5) tragam novas propostas teóricas e metodológicas para este domínio; (6) discutam ou revisem a história e a crítica musical-literária brasileira ou estrangeira; e (7) investiguem o potencial musical-literário de obras nos âmbitos político, social ou cultural.

"Nada é de ninguém" – o recado da Nova MPB

Pedro Bustamante Teixeira (UFJF)

Resumo O momento atual confirma o que já se apontava como mitologia pelos estudiosos pós-coloniais: não há democracia racial no Brasil e, definitivamente, não somos cordiais. A MPB naufragou de mãos dadas ao Mito Brasil. Nos anos 80, o rock nacional, sem romper com o modelo de canção do século XX, já questionava a MPB e a sua utopia de Brasil, mas é o Rap dos Racionais que evidencia uma nova perspectiva e a derrocada dos mitos identitários do modernismo brasileiro. Como disse Chico Buarque em uma famosa entrevista publicada no jornal Folha de São Paulo em 2004, "talvez tenha razão quem disse que a canção, como a conhecemos, é um fenômeno próprio do século passado". Desde o fim desse ciclo, já chamado de "Seculo da Canção" (TATIT, 2008) ou de Século do Disco (MAMMI, 2017), a canção crítica brasileira (NAVES, 2010), para além da crise da indústria fonográfica, do anuncio do "fim da canção", do avanço do Rap, que como também diz Buarque, "é de certa forma uma negação da canção tal como a conhecemos", e da música eletrônica; precisou ir além da forma e do ideário sustentado pela MPB para prosseguir no novo milênio. Diante desse contexto, o presente trabalho busca compreender o fenômeno da "Nova MPB" que, sem buscar restaurar a grandeza da MPB, traz a canção brasileira para o século XXI, se apresentando como uma cena entre tantas outras em um cenário plural e multifacetado.

"Sem lei nem rei": três transfigurações da tragédia brasileira nas escrituras e vocalidades de Campos, Suassuna e Capiba

Célia Patrícia Sampaio Bandeira (UFRJ)
Celso Garcia de Araújo Ramalho (UFRJ)

Resumo Pensar o entrelaçamento das obras de Maximiano Campos, Lourenço da Fonseca Barbosa (Capiba) e Ariano Suassuna como teoria da cultura desde o corpus produtivo em que habitam; ressaltando o que é próprio do fazer cultural como movimento das experiências fundadoras de sentido. Denominaremos Musarmorial a poética fundada pelo pensamento e obra de Suassuna e do grupo de artistas abrigados sob a égide do Movimento Armorial, que transgridem as escrituras dos tecidos que as circunscrevem como obras acabadas e estáticas pois fazem irromper o saber da cultura brasileira em sua origem reunidora como música; performatizando-se em canto do sertão, em dança folgazã, em contos de estrada e castelo, em desafios de viola e voz, em brilho e sombra da unidade Ilumiara — vocalidades transpassadas em vias e veredas nos limites desmedidos e dimensionados pelo destino trágico da existência sertaneja, para além ou aquém da literatura e partituras que as representam como suportes escritos. Teremos nosso exemplo paradigmático desde o mote-motivo "Sem lei nem rei" recolhido como romance, soneto e sonata nas obras de Campos, Suassuna e Capiba. Do pensamento poético e poesia-música em movimento sinalizado pelo próprio aedo armorial: transfigurar não seria captar uma realidade externa à obra para torná-la narrativa "suportável" na literatura como representação do real; mas sim "transfigurar" o real em outro real concreto, em real poético, transmutação de formas em condições espaço-temporais que se configuram num lugar para performance, essencialmente musical.

A literatura como veículo de crítica musical: as "narrativas musicais" de E.T.A. Hoffmann

Beatriz Terreri Stervid (USP)

Resumo Embora mais conhecido por seus textos literários, em especial pelos contos fantásticos, E.T.A. Hoffmann (1776-1822) atuou

como compositor, regente e crítico musical: entre 1808 e 1814, paralelamente à atividade de regência, publicou por volta de trinta resenhas no periódico musical "Allgemeine musikalische Zeitung", destacando-se pela qualidade das análises e pela relevância de suas reflexões estéticas, como em sua célebre resenha à "Quinta Sinfonia" de Beethoven. Foi nesse período que Hoffmann deu início a sua carreira literária, por meio da publicação de textos ficcionais que apresentam reflexões sobre música. Visto que suas primeiras "narrativas musicais" foram publicadas no mesmo periódico de suas resenhas, elas pressupunham leitores que igualmente acompanhavam as discussões acerca da estética musical e da situação da música na época. Assim, muitas das questões discutidas em suas resenhas e ensaios críticos foram também trabalhadas em seus textos literários. Nesta comunicação, trataremos dos principais aspectos de crítica musical presentes nos contos "Ritter Gluck" (1809), "Don Juan" (1813) e no ciclo de textos "Kreisleriana" (1810-1814), evidenciando sua relação com a crítica musical realizada em resenhas do autor, escritas no mesmo período.

Considerações sobre a paródia na música de Gustav Mahler

João Felipe Gremski (UFPR)

Resumo A comunicação em questão procura estabelecer uma relação entre o conceito de paródia proposto por Linda Hutcheon no seu canônico Uma Teoria da Paródia (1985) e a música, mais especificamente a música composta por Gustav Mahler. A obra de Mahler é conhecida pelos seus contrastes: podemos ter uma melodia harmoniosa e lírica sendo subitamente interrompida por uma outra de sonoridade bem diferente, como por exemplo danças populares, fanfarras e marchas militares; inversamente, podemos ter também um mesmo tema que nos surpreende pela sua aparente banalidade, mas que se transforma, bruscamente, em uma melodia solene e de ares sombrios e misteriosos. No seu estudo, Hutcheon, ao tratar sobre o texto literário, afirma que a concatenação advinda da paródia deve ser tratada de maneira formal e pragmática, e a paródia seria vista mais como ativa do que passiva, atuando no sujeito que usufrui a obra através de um processo de descodificação das estruturas paródicas – estruturas estas que foram codificadas pelo autor do texto. Na presente

comunicação, aplicamos tal raciocínio à música tendo como base a obra de Mahler para a discussão. O texto de Linda Hutcheon, bem como os estudos realizados por Andrey Denisov, José Borges Neto e Mihailo Antovíc foram fundamentais para demonstrar que, seja de forma intrínseca na música – estritamente na estrutura da composição –, seja fruto do diálogo mantido, por exemplo, com uma obra literária, com outra composição musical e assim por diante, a paródia é um meio de tentar comunicar algo de maneira "distorcida", ou melhor, de maneira a deformar uma realidade teoricamente estável.

Manicônio, Música, e Mito Moderno: revelações lítero-musicais

Sidney Barbosa (UnB)
Sidnei Sousa Costa (UnB)

Resumo Os escritos de Lima Barreto fornecem ao leitor uma rica variedade imagética da cidade do Rio de Janeiro. Dentre elas, destaca-se a descrição de sua passagem pelo Hospício Pedro II, o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro, criado em 1841. Enclausurado aí, Lima Barreto aproveita recortes de papel para elaborar seu diário e o seu romance. Deste modo, publica Diário do Hospício e O Cemitério dos Vivos. Um século depois, essa obra literária remete-nos à letra da canção interpretada por Luiz Melodia, Que loucura, cuja base poética é o mesmo espaço do bairro Engenho de Dentro, onde se localizava o hospital, à época. Luiz Melodia, compositor, intérprete e um dos mais destacados inovadores da música popular brasileira, coloca-se frente aos mesmos temas sociais e literários que envolvem aquele manicômio e o seu contexto. Nesta comunicação, pretendemos apontar a existência de um diálogo entre essa canção e os textos literários de Lima Barreto. Trata-se de uma interlocução interartística marcada pelo eixo da memória e pelo diálogo entre dois homens que tratam da palavra e do espaço referentes à cidade do Rio de Janeiro. Para atingir nossos objetivos, nos apoiaremos na abordagem de Tania Franco Carvalhal (2017) e seus estudos que abordam o intercâmbio analítico entre a Literatura e a Música tomados como ampliação dos estudos da Literatura Comparada e no olhar crítico e inovador de Roberto Corrêa e Zeny Rosendhal (2008) deitado sobre a espacialidade da cidade, nos termos da geografia cultural, ambos

construindo uma nova referência tanto para os dois discursos poético-musicais quanto aos dois romances.

Pathos pop em "You were right"

Lauro Iglesias Quadrado (UFBA)

Resumo Esta comunicação sugere uma conversa sobre a música "You were right", inserida no álbum Keep it like a secret (1999), de autoria da banda estadunidense Built to Spill. Minha proposição se baseia na discussão de sua letra e estrutura de composição, levando em conta contextos histórico-sociais e processos de recepção que consideram os estatutos da canção pop e da obra literária escrita. Em "You were right", as palavras cantadas pela voz narrativa reúnem citações parodiais de passagens célebres da música pop (de nomes como Bob Marley, Bob Dylan, Pink Floyd), revelando seu pathos e pondo em xeque a efetiva relevância social e permeabilidade semântica de canções conhecidas e que, sobretudo, vêm sendo consumidas através de décadas por públicos massivos. O desenvolvimento paradoxal de sensações em relação à canção pop, proposto pelas imagens contraditórias da letra de "You were right" é, neste trabalho, considerado lado a lado com relatos de experiências de observação por parte do público frente a uma obra literária ou a uma composição musical, em contextos de leitura e/ou de sala de aula formal em disciplinas universitárias de literatura. Nesse contexto se faz necessário reconhecer conceitos como a melopoética de Solange Ribeiro de Oliveira e a filosofia do pop de Mark Greif como práticas teórico-críticas educacionais para o desenvolvimento da apreciação da arte, já que abordam a leitura de livros e músicas de maneira plurissensorial ao mesmo tempo em que consideram os subcódigos da canção como gênero. Linda Hutcheon oferece aporte para a construção de paródia e do contraditório nas palavras do Built to Spill, e recorro a Steven Hyden como autor que se ocupa da interferência social e interpessoal mediada pela música popular. Finalizo com breve análise dos caminhos e das imprevisíveis formas de assimilação da canção pop, que vão desde a cultura de fãs até a criação de novas obras em diferentes plataformas e códigos.

Tradução via música: os cantos de Marie Tudor e Ruy Blas

Mateus Roman Pamboukian (USP)

Resumo Este comunicação, baseada em trabalho ainda inédito, discutirá a relação entre derivação textual e música a partir de cinco traduções em português (feitas por Rozendo Muniz, Amália Figueiroa, Félix da Cunha, João de Deus e Rozendo Muniz) de trechos de duas peças de Victor Hugo: Marie Tudor e Ruy Blas. Segundo nossa hipótese, levantada em nossa pesquisa de mestrado e atualmente desenvolvida em nossa pesquisa de doutorado, os dois excertos dramáticos parecem ter se tornado conhecidos em virtude de versões musicadas pelos compositores franceses Charles Gounod e Victor Massé. A seguir, discutir-se-á a contradição entre o aparente desapreço pessoal de Victor Hugo pela música (tema bem conhecido na fortuna crítica sobre o autor) e o frequente recurso à canção em suas peças e romances. Também se discutirá a grande quantidade de adaptações para teatro musical da obra de Victor Hugo, outro fato que parece entrar em contradição com sua suposta antimusicalidade. Por fim, serão abordadas as perspectivas de nossa pesquisa em andamento.

Transgredir, transformar, transcriar a música: Aplicabilidade da teoria da transcriação de Haroldo de Campos na Performance musical

Susana Castro Gil (UFMG)

Resumo Este trabalho defende a aplicabilidade da teoria da transcriação de Haroldo de Campos na performance musical com o fim de considerar esta última como um ato transcriativo quando o intérprete assume uma postura ativa perante a obra musical. Isto a partir de dois pressupostos: no primeiro assume-se que é possível estabelecer paralelos entre a prática do tradutor e do performer, ao reconhecer que a tradução e performance musical ocidental são práticas de mediação fundamentalmente texto-centradas em que a ocasião de performance/tradução é diferente do momento em que acontecem os processos de significação, recepção e interpretação (UNES, 1998). Considerando que a ação do performer e do tradutor está subordinada

à visão ontológica da obra, o segundo pressuposto considera a obra como um todo orgânico que não é estático, mas dinâmico e conflituoso, cuja interpretação é marcada pela tensão interna dos seus componentes (ASSIS, 2018; PAREYSON, 1997). Deste modo, é abordada a performance de música acadêmica ocidental desde a perspectiva da transcriação de Haroldo de Campos (2011), o que implica inverter o propósito servil do performer/transcreador quando este reconhece na obra a função poético/musical intra-inter semiótica, reapresentando a obra a partir da sua dimensão estética e redefinindo a função da partitura -componente parcial da obra- ao destacar a interferência do tempo presente na leitura do texto assíncrono, assim como expor os processos que desencadearam a emergência do texto. Finalmente, conceber a performance musical como prática transcriadora implica uma mudança na sua filosofia com implicações no componente prático, contribuindo ao empoderamento do performer musical que se desempenha no acionar transgressor de fronteiras entre diferentes agentes musicais (compositor-partitura-instrumentista), tornando-o artífice de uma criação paramétrica -na terminologia de Campos – da obra musical.

Um estudo sobre a canção "Porque", de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Francisco Fernandes

Karoline da Rosa Pereira (UFRGS)

Resumo O trabalho apresenta um estudo sobre a relação entre literatura e música, para discutir, em uma abordagem estética e comparativa, a presença da literatura na música. O objetivo é estabelecer um paralelismo entre as duas artes, elencando os aspectos comuns que possibilitam transformar um poema lírico em canção. A proposta de investigação tem como corpus a canção "Porque", extraída do LP intitulado "Canções da Cidade Nova" (1970), do cantor português Francisco Fanhais. A canção tem a letra do poema "Porque", retirado do livro "Mar novo" (1958), da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. O texto lírico da autora portuguesa foi musicado por Francisco Fernandes durante o período de Estado Novo em Portugal. Francisco Fanhais, intérprete da canção portuguesa de intervenção, ao gravar esta canção em sua produção cultural, usufrui de

uma condição privilegiada, visto ter em sua obra artística uma mistura de gêneros, exemplificando o conceito de poesia na pós-modernidade, da comunidade descentralizada, no paradigma das artes. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Piva (1990), de Oliveira (2002) e da fortuna crítica de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Simpósio 45
Literatura e outras artes: provocações miméticas e metaficcionais

Pedro Felipe Martins Pone (UFERSA)
Sarah Maria Forte Diogo (UECE)
Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva (UFERSA)

Resumo Este simpósio aceita comunicações que se propõem a tecer um diálogo teórico e/ou comparado entre o texto literário e demais artes como, por exemplo, cinema, televisão, música, pintura, histórias em quadrinhos, entre outras e que se norteiem, em termos de conceitos-chaves, pelas ideias de imitação e de metaficção. A ideia de imitação aqui empegada engloba trabalhos que contemplem o panorama tradicional sobre a mimese, como os dos clássicos *A República*, de Platão e *A Arte Poética*, de Aristóteles, mas possui foco em leituras com aderência na teoria mimética do pensador francês René Girard – *Mentira Romântica, Verdade Romanesca* (2009) –, com interesse especial na questão da violência, do sacrifício e do mecanismo do bode expiatório – *O Bode Expiatório* (2004); *A Violência e o Sagrado* (2008). Para Girard, a mimese não se dá como imitação de ações ou de pessoas. Ela acontece em uma elaborada relação triangulada, na qual um sujeito desejador se relaciona com o objeto desejado não por sua vontade de obtê-lo, mas porque um terceiro elemento, o mediador, se coloca no caminho. Ao partir da percepção girardiana de que a literatura é uma confirmação das manifestações de desejo e de violência de uma dada época, ou seja, que "no contexto das representações verossímeis, a inverossimilhança das outras [representações da mesma época] nem sempre pode porvir de uma 'função fabuladora' que seria gratuitamente exercida pelo prazer ficcional de inventar" (GIRARD, 2004, p. 12), pensamos que a teoria do desejo mimético pode servir para analisar não apenas os objetos literários, mas, também, mídias outras que dão voz às manifestações de inveja e sacrifício na contemporaneidade, confirmando, portanto, a existência de uma violência fundacional de caráter intrínseco ao ser humano. Considerando que às relações interartes subjazem questões sobre a representação artística, é possível pensar em um possível caráter autoconsciente do contato entre o texto literário e outras artes. A longevidade desse diálogo traz à tona, dessa forma, a tendência à perscrutação das formas

pelas quais esse processo se realiza. Sendo compreendido por meio de condutas que problematizam procedimentos miméticos diversos, o fenômeno metaficcional, por sua vez, expõe os artifícios de composição artística, incorporando-os à ficção. A discussão acerca das potencialidades de representação da realidade na literatura remete, como se sabe, à questão da mímese, formulação presente na *Poética* de Aristóteles, texto fundador da teoria literária, cujas considerações exercem influência sobre a atividade crítica de épocas distintas. A metaficção, por consequência, implica em uma reavaliação da ideia de mímese e na reconsideração da forma pela qual essa concepção é tradicionalmente abordada. Estratégias de autorreflexividade, autorrepresentação e autoconsciência que sustentam a metaficcionalidade provocam não apenas alterações nas formas de produção, recepção e significação do texto, mas também na maneira como se concebe a questão da representação da realidade pela arte. Ao manipular provocativamente os elementos semânticos e estéticos de forma a chamar a atenção para o modo como são empregados no texto e como se mobilizam na produção da narrativa, a metaficção assumiria um posicionamento de embate ao realismo formal, expondo sua natureza artificial. Os procedimentos metaficcionais, portanto, operam a transgressão dessa conduta tradicionalmente aceita e, por vezes, considerada como critério qualitativo da obra de arte: a metaficcionalidade emerge de um amálgama de referências, apropriações, subversões e críticas relacionadas aos textos do passado, sendo alguns de seus procedimentos estéticos frutos dessas relações. Sendo, portanto, definida em linhas gerais como "escrita ficcional que, de forma autoconsciente e sistemática, chama atenção para seu status de artefato a fim de propor questionamentos sobre a relação entre ficção e realidade" (HUTCHEON, 1984), a metaficção e/ou recursos autorreflexivos de desnudamento do trabalho artístico se irradiam para distintas manifestações artísticas. De acordo com Linda Hutcheon (2011), em *Uma teoria da adaptação*, o fenômeno – considerado em seu sentido amplo – é presença constante na dinâmica de criação artística, configurando-se como uma prática fundamental à cultura ocidental, traduzindo, assim, o truísmo de que "a arte deriva de outra arte; as histórias nascem de outras histórias". O objetivo desse simpósio é reunir trabalhos que pensem a questão da representação – sob as perspectivas girardianas, ou dos estudos metaficcionais – e de que forma esse aspecto se delineia ou afeta a relação entre literatura e as outras artes.

Entre laços e lanças: a construção da identidade feminina através da metaficção histórica em *O retrato do rei*

Cristina Reis Maia (UERJ)

Resumo O presente trabalho tem como foco problematizar a construção da identidade feminina na realidade brasileira a partir do romance O retrato do rei (MIRANDA, 1991). Fazendo uso da metafição historiográfica (HUTCHEON, 1991) para o suprimento de lacunas e trabalhando com as diferentes versões históricas (WHITE, 1991) sobre descrições metapicturais de iconotextos (LOUVEL, 2012), a obra reproduz uma diversidade de contextos, tornando-se pano de fundo para expressar a construção de papéis sociais (HALL, 1999) que delineiam a identidade feminina. Esta construção viabiliza suprir lacunas e propor versões, propiciando a (re)contação da história e a ressignificação do cotidiano, de modo que as representações sociais emergidas são ressaltadas, atravessadas por um novo olhar que permite visibilizar as transformações ocorridas ao longo do tempo e/ou sua recorrência até os dias atuais. Aberta a perspectivas variadas – inclusive, atravessando a fronteira interartes (CLÜVER, 2006) –, sua narrativa enseja múltiplas possibilidades interpretativas. Nessa relação de limites tênues, explorar através da literatura a construção da identidade feminina em suas manifestações mais singulares, constitui um importante instrumento para o desvelamento da História e um significativo estímulo para uma análise crítica da realidade.

Esaú e Jacó: rivais para sempre

Rosiléa Ribeiro do Amaral Ferreira (UFF)

Resumo Nosso trabalho aborda o romance de Machado de Assis, Esaú e Jacó, segundo a perspectiva da teoria romanesca de René Girard. A história da rivalidade entre os personagens gêmeos, Paulo e Pedro, pode nos revelar o caráter mimético do desejo metafísico, exposto na obra Mentira Romântica e Verdade Romanesca (2009) de Girard. O foco será a mediação interna, que é uma das formas de apropriação do objeto desejado sugeridas pelo teórico francês. Ela se dá quando o sujeito desejante está próximo e a alcance de seu mediador.

E por estarem assim tão próximos, a violência engendrada pelo desejo mimético pode ser impulsionada. Tal violência é sustentada pela inveja do sujeito desejante e por sua tentativa de usurpar o lugar do mediador. O teórico francês esclarece: "Quanto mais o mediador se aproximar do sujeito desejante, mais as possibilidades dos dois rivais tendem a se confundir e mais o obstáculo que eles opõem um ao outro se torna intransponível" (GIRARD, 2009). No romance de Machado, os gêmeos lutam para ocupar o lugar de modelo um do outro, travando uma disputa sem fim sobre quem é o melhor, ou antes, quem escolhe o que é melhor. O desejo segundo o outro é a hipótese girardiana para o comportamento que gera violência geração após geração, e a descoberta do poder da mediação interna, bem como do mimetismo que ela provoca quando um modelo a ser copiado ilumina um objeto, é uma discussão que não pode ficar de fora das pesquisas sobre o desejo triangular. Nesse sentido, o filme Amor por contrato, dirigido por Derrick Borte, enriquece a nossa pesquisa: um romance de 1904 e um filme de 2009.

Quem deixou o monstro entrar? Reflexões acerca da identidade da família na Irlanda da Fênix Celta – Analisando o filme The Canal (2014), de Ivan Kavanagh

Sanio Santos da Silva (UFBA)

Resumo A família está entre os símbolos ideológicos mais apreciados pelos irlandeses, sendo um dos pilares da edificação da identidade nacional. Segundo Joseph Lee e Gearoid O'Tuathaigh (1982), nenhuma outra sociedade na Europa exaltou tanto os ideais familiares quanto a Irlanda. Tal afirmação pode estar ligada à posição privilegiada da família na Constituição do país: uma unidade fundamental para a sociedade e detentora de direitos inalienáveis, imprescritíveis e superiores à própria lei. Contudo, o desenvolvimento econômico das últimas décadas e a influência capitalista convocaram irlandeses a repensar, ou até mesmo redefinir, a identidade local. Assim, é possível que valores familiares sejam fragilizados e inquietações do ambiente doméstico sejam explicitadas. Esse fenômeno, que ocorre em meio à euforia econômica batizada Fênix Celta (2014-), pode estar sendo representado em obras fílmicas do gênero terror, nas quais

monstros recorrentemente fazem parte do núcleo familiar. Em The Canal (2014), de Ivan Kavanagh, uma família é ameaçada por um fantasma assassino que, na verdade, é produto de delírios do pai. Isabel Pinedo (2016) aponta que, nos filmes de terror pós-modernos, as fronteiras entre bem e mal são rompidas e pode ser difícil distinguir o monstro de outros personagens. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: como a identidade da família irlandesa está sendo associada a narrativas de terror e representada em produções fílmicas? The Canal (2014) será uma amostragem e ponto de partida desta pesquisa, que tem como objetivo geral mapear e compreender as características das produções do cinema de terror na Irlanda da Fênix Celta. A metodologia adotada para o trabalho é a análise de conteúdo. A justificativa está relacionada à intensão de ampliar o diálogo multicultural no Brasil, onde produções irlandesas são pouco exploradas. Ademais, a presente pesquisa pode auxiliar a entender como determinados valores, ou a ausência destes, afeta o comportamento humano.

Simpósio 46
Literatura e religiosidade

João Leonel (UPM)
Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP)
Ana Claudia da Silva (UnB).

Resumo No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que constantemente suscita debates acalorados por sua expansão e diversidade nas principais esferas da vida social. Sensíveis ao impacto moral, político e, mais precisamente, às formas de produção das subjetividades modernas e das identidades pessoais e coletivas, as áreas de humanidades (a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, as artes em suas múltiplas linguagens, além da própria ciência da religião) fazem da religiosidade um dos seus focos de pesquisa, construindo no ambiente acadêmico certa acumulação crítica, que se traduz na constância de alguns núcleos temáticos e na estabilidade de um aparato conceitual para a análise do fenômeno. No século XX, com a suposta autonomia de um campo específico dos estudos literários, alguns críticos e intelectuais se dedicaram à compreensão do fenômeno religioso na sua interface com os diversos gêneros literários. Mas, em geral, a regra tem sido um silêncio obsequioso ou, paradoxalmente, uma tolerância à diferença sem a pesquisa vigorosa do que é irredutível e comum aos dois "objetos". No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante, tanto na literatura mundial, quanto nas literaturas de língua portuguesa. As raízes da própria ideia de literatura, tal como a conhecemos hoje, se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas, se não considerarmos suas relações com o imaginário religioso em seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Góngora; o teatro de Shakespeare; a épica tardia de Camões, em *Os Lusíadas*; a prosa extraordinária de James Joyce; o universo mítico africano recriado por Mia Couto ou os contos sedutores de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa relação instigante. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos o diálogo fecundo entre poesia, representação ficcional e

religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, nas práticas letradas de um José de Anchieta e Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, o romantismo e o realismo, com especial destaque, neste último, para a obra de Machado de Assis. Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados. Relegados da academia com a pecha de literatura marginal, queremos incluir nessa vertente de estudos também os romances mediúnicos, cuja tradição teve no Brasil seu maior representante na pessoa do médium Francisco Cândido Xavier. Além de mobilizar um público leitor qualificado, essa literatura apresenta desafios singulares para o campo literário, no que diz respeito, por exemplo, aos conceitos de autoria, de realismo e de valor literário. Considerando, pois, o desafio teórico e crítico para a constituição de um campo interdisciplinar nas relações entre literatura e religião, ou entre literatura e espiritualidade, este Simpósio discutirá as seguintes questões: (1) de que modo se manifesta e como é representada a experiência religiosa nas obras literárias; (2) como se estabelecem as relações intertextuais entre poesia, romance, conto, drama e textos religiosos; (3) como se estabelecem as relações intertextuais entre textos literários de diferentes tradições; (4) em que medida as manifestações poéticas do sagrado são uma reserva semântica para a crítica à modernidade; (5) as políticas de identidade, que discutem raça e gênero, estabelecem que pactos hermenêuticos com a religião e a literatura, (6) que questões teóricas devem ser repensadas para abarcar o estudo desses objetos; (7) como elementos advindos do campo literário, externos às obras, modificam ou condicionam a publicação dessas obras e, por fim, (8) qual o estatuto da memória em textos religiosos e literários. A abordagem proposta não se inscreve diretamente nas áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege o tema da religiosidade e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo. Todavia, o alcance crítico e especulativo desse campo se amplia e se consolida no diálogo vigoroso com as humanidades.

Ética e sacrifício na contemporaneidade portuguesa

Ana Cristina Joaquim (UNICAMP)

Resumo Trata-se de uma abordagem que conjuga a obra do poeta português Herberto Helder (1930-2015) e do escultor português Rui Chafes (1966-), cujo foco de interesse reside em pensar de que modo a ideia de sacrifício e de violência (na intersecção entre vida e obra) impulsiona uma discussão sobre ética. Tendo-se em vista as formalizações de poeta e de artista metafiguradas textualmente - conforme as inscrições que tanto Herberto Helder quanto Rui Chafes nos oferecem "acopladas" às respectivas obras -, acredito que seja possível pensar a ideia de sacrifício numa intersecção criativo/religiosa. De acordo com Georges Bataille, a conduta sacrificial é uma postura que apresenta um fato elementar e de relevância propriamente ética: a alteração radical da vítima, que pode ser associada a qualquer outra alteração que se dê na vida coletiva. Essa passagem do indivíduo ao coletivo – além de uma crítica à modernidade em que a ideia de sagrado seja recuperada – me parece possibilitar o avanço de uma discussão ética na contemporaneidade.

"No Epicentro das Trevas": Emblemas do Anticristo no romance "Voyage to Alpha Centauri" de Michael David O'Brien

Victor Hugo P. de Oliveira (UnB)

Resumo Pretende-se, com a presente pesquisa, investigar a maneira como as figuras do Anticristo fazem-se manifestas na urdidura literária de "Voyage to Alpha Centauri" (2013), romance escrito pelo escritor, pintor e iconógrafo canadense Michael David O'Brien. A obra contemplada neste trabalho é composto de elementos próprios da ficção científica, de princípios da distopia tecnológica e política, e de reflexões filosóficas e teológicas que abordam diversos tópicos como a natureza humana, a linguagem, a liberdade, a moralidade e os aspectos concernentes a Deus. "Voyage to Alpha Centauri" traz, de forma metanarrativa, o diário de bordo, nomeado como A Viagem, escrito pelo doutor em física Neil Benigno Ruiz de Hoyos, que mereceu dois prêmios Nobel por causa de suas experimentações científicas

que tornaram possível a construção de uma sofisticada nave espacial, a Kosmos. A leitura do romance revela que Neil se alistara na viagem de forma a tentar escapar de um governo disfarçadamente totalitário que se instaurara na Terra. No entanto, ele logo percebera que havia uma extensão deste mesmo governo na Kosmos. Sendo assim, pretende-se investigar como estas formas de totalitarismo presentes no romance "Voyage to Alpha Centauri" configuram-se como emblemas do Anticristo, tendo em vista as descrições alegóricas das suas ações na Bíblia e nos comentários desenvolvidos pelos principais teólogos da Cristandade. Ademais, este trabalho contará com as reflexões produzidas por, principalmente, Northrop Frye e Vladimir Soloviev. As palavras escritas por Frye em seu livro sobre a relação entre a Bíblia e a Literatura serão cruciais para a compreensão da descrição do Anticristo, enquanto as profundamente originais reflexões produzidas por Soloviev acerca do Anticristo servirão para uma análise mais detalhada das ressonâncias dos emblemas do Homem do Pecado, como ele é nomeado pelos grandes teólogos, no romance "Voyage to Alpha Centauri" de Michael David O'Brien.

A contribuição literária da genealogia de Jesus para o discurso do evangelho de Mateus

Ricardo Cesar Toniolo (UPM)

Resumo Tendo em vista que leitores do Evangelho de Mateus tendem a desconsiderar a genealogia de Jesus no início do livro, pesquisa-se sobre a relação que ela tem com o restante do Evangelho, a fim de conhecer qual a sua contribuição literária como abertura da obra. Para tanto, é necessário saber de que forma as genealogias são usadas no cânon bíblico, quais as características da genealogia de Jesus em Mateus e se há uma relação entre ela e o discurso apresentado no Evangelho. Realiza-se, então, uma análise do papel das principais genealogias bíblicas dentro dos enredos dos quais fazem parte, comparando-as com o comportamento da genealogia em Mateus na relação com seu enredo, procurando reconhecer ligações temáticas entre a genealogia e os episódios do Evangelho. A base para tal procedimento é a teoria de Boris Uspensky dos pontos de vista ideológico e fraseológico. Diante disso, verifica-se que as genealogias sempre

têm relevância no enredo onde estão inseridas, que a expressão "filho de Davi" ocorre diversas outras vezes na voz de personagens relacionadas a algumas figuras da genealogia e que elas são figuras chave para influenciar o leitor a reconhecer Jesus como o rei prometido. Isso impõe a constatação de que a genealogia dá uma direção à leitura e serve para introduzir o tema do Rei Messiânico que será desenvolvido em todo o Evangelho.

A mística do fenômeno saturado em *A paixão segundo G.H.*

Valentina Thibes Dalfovo (UFPR)

Resumo Clarice Lispector publicou diversos títulos com conotações filosóficas, questionadoras e abstratas. Quando em se tratando do seu romance *A paixão segundo G.H.* (2014), mais especificamente, ganham destaque a mística e a filosofia existencialista e fenomenológica. Afinal, nesse seu romance publicado em 1964, Clarice Lispector entrega aos críticos e leitores uma experiência de encontro de uma única personagem, vivida em um dia e narrada a posteriori em primeira pessoa, em que a personagem ao deparar-se com imagens e uma barata em um cômodo, realiza sua "arqueologia da alma" (ROSENBAUM, 2002). Ao pensar nesses termos, portanto, acreditamos ser importante ter em vista as obras de Clarice Lispector com uma vocação à fenomenologia existencialista, e mais especificamente no romance acima mencionado, à uma fenomenologia em conversa com a mística para expressar uma experiência algo indizível. Assim, nos propomos com este trabalho a apresentar uma análise de *A paixão segundo G.H.* a partir da filosofia fenomenológica de Jean Luc-Marion (2002) e suas quatro categorias do fenômeno saturado que parecem se aplicar bem à obra em questão por tratar de uma experiência dada enquanto intuição, sem conceituações prévias e nem possíveis a partir de sua apresentação. Esmiuçar, portanto, de que maneira o evento, a carne, o ídolo e o ícone, essas subdivisões do fenômeno saturado, podem ajudar a organizar a experiência de difícil relato da personagem, bem como compreender a saturação da experiência vivida por ela, sintomaticamente concluída com "E então adoro" - uma possível união das subcategorias em uma quinta e maior delas que é sua reunião: a revelação.

As representações do sagrado e das tecelãs em poemas de Dora Ferreira da Silva e Natália Correia

Ana Maria Ferreira Côrtes (UNICAMP)

Resumo Dora Ferreira da Silva e Natália Correia são dois nomes importantes no panorama literário lusófono da segunda metade do século XX. Apesar de pertencerem a tradições culturais distintas (aquela, no Brasil, e esta, em Portugal) e de não terem se conhecido ou se correspondido, é possível traçar paralelos entre as obras das duas poetas. Os diálogos entre elas se iniciam a partir do conceito de sagrado, elemento constante e central na obra de ambas. Diz-se, por exemplo, de Silva, que sua poesia é "uma expressão religiosa" (FLUSSER, 1999, p. 422) e, de Correia, que a poeta é "o sacerdote da verdade oculta e sagrada" (NOBRE, 2015, s/p). Nesse contexto, uma das principais representações associadas ao sagrado que aparece nas poéticas de Silva e de Correia é a das tecelãs ou fiandeiras. Este trabalho se propõe, então, a investigar, em poemas de Correia e Silva, a relação entre a imagem do fiar ou tecer e a esfera do sagrado. Norteiam este estudo as investigações sobre o modo como se articulam o arquétipo das tecelãs e o sagrado da poesia nas obras dessas escritoras e sobre o sentido específico que essa imagem adquire nas suas poéticas. Nosso objetivo é compreender se é possível afirmar que, para ambas, a criação poética é responsável por garantir à poesia seu estatuto sagrado, com base no tear-poetar da palavra. Com esse propósito, analisaremos as imagens da fiandeira presentes na obra das autoras, em suas diferentes representações míticas e arquetípicas, e o que elas entendem pelo termo "sagrado". O trabalho será desenvolvido a partir da leitura, análise e comparação de poemas de Sonetos Românticos (1990), de Correia, e Andanças (1970), de Silva. Consideraremos, também, a fortuna crítica das autoras e textos teóricos e críticos sobre poesia moderna e contemporânea em Portugal e no Brasil. Nossa hipótese é que, na obra das autoras, há uma crença na poesia e em seu poder de religar o homem ao mundo, presente no gesto de tecer a palavra e na imagem das fiandeiras.

Entre a vida e a morte, as labirínticas veredas no imaginário religioso do universo rosiano em Páramo

Edna Tarabori Calobrezi (UNIP)

Resumo Este artigo consiste em demonstrar como o imaginário religioso manifesta-se e é representado em "Páramo" (Estas estórias), gerando e intensificando pensamentos e conduzindo o comportamento da personagem. Dentre os textos constantes do volume, o conto destaca-se especialmente pela singularidade do enredo no que concerne a uma lógica apoiada em crenças místicas e filosofias várias. A esse posicionamento eclético, conjugam-se poderes extranaturais, mistérios, mitos, coincidências, intuições, premonições e aceitação de um Destino inexorável. Tais influências além de questionar o livre-arbítrio da personagem, sugerem e, em certos momentos, direcionam possíveis interpretações místicas. A análise suscita pontuar a relevância da religiosidade na estória, especialmente no que diz respeito à angústia do narrador-protagonista que se sente perseguido por um homem-cadáver, o qual tanto pode ser considerado um duplo em que se espelha, como um tipo de obsessor, característico da doutrina espiritualista, que lhe faz sentir culpa, expiação e sensação de morte. O referencial teórico utilizado neste trabalho, apoia-se principalmente em Eliade (1972, 1993), na fortuna crítica do autor: Covizzi (1978), Sperber (1982). Sobre o duplo em Otto Rank (1932) e Freud (1917, 1926, 1980) e no que se refere à espiritualidade, em Kardec (2000, 2001). A temática da vida e sua transcendência (a morte) aparece na poética de Guimarães Rosa, na busca da revelação de verdades (in)suspeitas nos enigmáticos percursos da existência, nem sempre atingidos pelo racional e o lógico da ciência; pois, nesta vida de fato o que importa mesmo é o homem humano, travessia...

O "Apocalipse Mínimo" de Noemi Jaffe

Josilene Moreira Silveira (UFMS)

Resumo A primeira obra publicada por Noemi Jaffe, Todas as coisas pequenas (2005), reúne trinta poemas, com temática que variam de temas bíblicos a questões cotidianas, fundamentados na premissa

de que tudo pode tornar-se literatura. Dentre estes textos, "Apocalipse Mínimo" serve como uma introdução a dez textos sequenciais em que se revela uma concepção singular de Deus. A palavra "apocalipse" tem sua origem no grego e significa revelação. Apesar de ter adquirido sentido negativo, obscuro, essa conotação como revelação parece ser o sentido mais coerente para esses poemas, pois são uma forma de manifestação do imaginário da escritora sobre Deus e religiosidade. O termo aparece acompanhado ainda do adjetivo "mínimo", dessa maneira os poemas constituem a "pequena revelação" de Noemi Jaffe sobre um assunto tão caro à escritora que é a religião judaica, os textos bíblicos e o conceito de Deus. Há uma tentativa de tirar a aura sagrada de Deus e torná-lo mais próximo da dimensão terrena, seja lhe atribuindo características (e mesmo falhas de caráter) humanas e colocando-o em situações inusitadas e cômicas. Assim, numa relação intertextual com os textos bíblicos, a escritora apropria-se dessa escrita, alude ao tom sentencioso do discurso bíblico, intervém nessa tradição subvertendo narrativas e eliminando tudo que lhe pareça opressor. A sacralidade dá lugar ainda ao humor e a situações inusitadas e jocosas. Essa dessacralização da figura de Deus é também uma forma espirituosa de abordar a temática da religião, ao mesmo tempo, em que questiona a imposição de uma tradição por meio do humor, uma arma crítica, cujo alvo quase sempre é o próprio judeu, suas crenças e costumes.

O antiprofeta bíblico: relações intertextuais entre o livro de Jonas e a sátira menipeia

Lucas Alamino Iglesias Martins (UNASP)

Resumo Uma das principais características do discurso profético no Antigo Testamento é a ironia militante. Por meio de uma poesia permeada pelo grotesco e o absurdo, lemos sobre profetas bíblicos que exortam seus alvos a uma transformação. Acontece que, em algumas situações, no próprio texto bíblico, alguns profetas são retratados como vítimas desse tipo de ironia. O livro de Jonas é o principal exemplo. Embora sejam apresentadas declarações proferidas por Jonas, a ironia que se manifesta na história é sobre o profeta. Por meio de uma narrativa artisticamente elaborada, encontramos um

personagem que não é ironista, mas sim, vítima/alvo da ironia. Seguindo a definição proposta por Northrop Frye (2014, p. 369) de que a sátira é uma ironia militante, o presente artigo tem como objetivo identificar relações intertextuais entre o livro de Jonas e as peculiaridades do gênero satírico. Em especial, como a obra dialoga com as principais características da sátira menipeia evidenciadas por Bakhtin em seu livro Problemas da poética de Dostoiévski (2015). Entre os ingredientes elementares na composição de uma sátira em prosa, constatamos em Jonas a presença de mescla de estilos, situações fantásticas, distorção, simbolismo, ridicularização, paródia e humor. Além disso, considerando os pontos de vista adotados pelo personagem principal, o livro de Jonas parece ser uma obra dialógica por excelência. Duas visões são constantemente confrontadas, a de Deus, e a do profeta. Se no capítulo 3 temos a impressão de que Jonas adota o ponto de vista divino (ele vai para Nínive), no fim do capítulo 4 percebemos que a harmonia entre os dois pontos de vista (o divino e o do profeta) é ilusória. A expectativa do leitor é frustrada pelo livro não ter um fim. O problema em relação às duas perspectivas contraditórias nunca é solucionado.

O dilema moral na religiosidade da obra "O Missionário"

Camila Maiara Costa Oliveira Prado (IFPA)

Resumo Inglês de Sousa foi o introdutor do Naturalismo no Brasil, tornou-se conhecido com O missionário (1891), nele descreve com fidelidade a vida numa pequena cidade do Pará, revelando agudo espírito de observação, amor à natureza, fidelidade a cenas regionais. A perfeição e detalhamento que o escritor faz da região torna a leitura lenta e em alguns momentos dispersa a atenção dos leitores, todavia, tenta demonstrar uma tese, na qual a personagem é envolvida pelas circunstâncias, que a levam a um determinado desfecho. Ou seja, tenta demonstrar que é o destino quem determina o futuro das pessoas, subestimando, deste modo, as capacidades e os dramas interiores. O Missionário não é apenas um documento sócio-político da região amazônica, da época, como também a história do embate entre o homem e a natureza selvagem, humano e divino, inocência e pecado, fé e ciência (representado pela figura do vigário Antônio

de Morais e Chico Fidêncio), "da malícia e das consequências do pecado venial". O Realismo se tingirá de Naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das 'leis naturais' que a ciência da época julgava ter codificado, sintetiza Bosi. Desta forma a obra nos prende lentamente em seu enredo, pois queremos saber em que parte será revelada a verdadeira identidade do vigário, até onde chega a realização do seu discurso inflamado ou onde fica claro a presença do discurso sofista – de quem busca a realização dos seus desejos, da manutenção do poder pela fé. O que move o interesse pela análise da obra pelo viés religioso é estarmos diante de uma pesquisa com raras análises publicadas sobre o discurso religioso, o seu impacto nas pessoas e a corporificação da fé no Vigário Antônio, no seu sacristão Macário e a forma como a vida os conduz pelo viés humano. A crença em um missionário, que representa a autoridade divina na terra, aquele que serve como intermediário dos pecadores, segundo os preceitos do catolicismo.

Simpósio 47
Literatura e tecnologia – futuros (im)possíveis

Vinícius Carvalho Pereira (UFMT)
Andréa Catrópa da Silva (UAM/UFU)

Resumo As discussões sobre literatura e tecnologia têm crescido em todo o mundo, ainda que mais lentamente no Brasil do que no Hemisfério Norte ou em outros países latino-americanos. A longa história da aproximação entre esses dois campos do saber já foi retraçada em publicações acadêmicas sobre o tema, as quais retomam a ambiguidade do termo *tékhne* no pensamento aristotélico, que designa o artificial ou técnico em oposição à *physis*. É comum que os primeiros gêneros elencados como significativos dessa ambiguidade sejam as narrativas utópicas ou distópicas sobre a relação homem-máquina, produzidas desde o Renascimento. Posteriormente a ficção científica passa a se destacar nesse âmbito, especialmente nos sistemas literários inglês e estadunidense a partir do século XIX. A discussão das imbricações entre literatura e tecnologia pode também – entre tantos outros percursos distintos – partir dessa literatura *sobre* a máquina para uma análise da literatura *como* máquina, no que ganham destaque os movimentos de vanguarda e neovanguarda do século XX, como a escrita automática surrealista, os jogos tipográficos concretistas, ou a linguagem como potência algorítmica do grupo Oulipo. Sob a superfície variada desses experimentalismos, observa-se um vetor comum que aproxima a arte verbal de uma certa *engenharia* da palavra, em associação ou não com a imagem, favorecendo projetos artísticos de rigor formalista ou algebrismos insuspeitos. Também as relações entre a literatura e a tecnologia podem ser mapeadas a partir dos suportes em que os signos são produzidos, circulados ou consumidos. Nesse âmbito, observa-se a evolução das materialidades da literatura – com destaque para a invenção do livro – para os processos de escritura *com* ou *para* os aparatos eletro-eletrônicos, nos séculos XX e XXI, sejam as máquinas de escrever elétricas, os softwares editores de texto, ou os dispositivos digitais de leitura (*e-readers*), entre tantos outros que vêm se multiplicando nos últimos anos. Ainda nesse contexto, cumpre destacar o espaço crescente da "literatura eletrônica", "literatura cibernética/ciberliteratura" ou "literatura digital". Muito embora se reconheça que cada um desses adjetivos

atrelados ao substantivo "literatura" denota a especificidade do campo por uma associação particular (respectivamente, ao eletrônico, em oposição ao elétrico; ao cibernético, por referência à comunicação entre máquinas; e ao digital, em oposição ao analógico), o conjunto de obras recobertas pelos três termos é praticamente o mesmo, o que justifica seu uso intercambiável neste contexto. Para fins de clareza, pode-se utilizar, porém, a definição de literatura eletrônica postulada pela *Electronic Literature Organization* (maior grupo mundial de estudos sobre o tema): textos que contêm "um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede" (HAYLES, 2009, p. 21). No entanto, essa definição recobre um universo demasiado vasto de formas artísticas. Assim, para torná-la mais específica, muitos pesquisadores levam em consideração o grau em que as potencialidades da mídia digital são exploradas em cada obra para classificá-las em subgêneros da *e-lit*. Autores como Hayles (2009), Rettberg (2019) e Funkhouser (2012) elencam, entre outras modalidades da literatura eletrônica, a hipertextual – que apresenta arquitetura multilinear, distribuída em lexias conectadas por links; a generativa – que consiste em processos (semi)automáticos de produção textual por meio da combinatória de elementos por ação de algoritmos sobre bancos de dados; e a hipermídia – que concatena elementos verbais e não verbais, escritos e sonoros, estáticos e dinâmicos, em interfaces computacionais. Note-se, contudo, que muitas obras transitam entre diferentes subgêneros, considerando a convergência semiótica e técnica cara às tecnologias digitais (JENKINS, 2009). Há que se destacar, por fim, que nenhum dos eventos que pontuam a história das associações entre literatura e tecnologia pode ser compreendido de forma dissociada dos fenômenos sociais, políticos e econômicos da modernidade e da contemporaneidade. Devem, pois, ser entendidos como parte de um processo maior de mudança social, e não como produto de um determinismo tecnológico ou estético, o qual alienaria o código de sua função precípua: a expressão humana. Nesse contexto, propomos o presente simpósio com vistas a congregar estudos sobre as relações que podem ser estabelecidas entre os campos da literatura e da tecnologia, atentando para os pontos mencionados ao longo deste resumo, ou para outros que possam se mostrar pertinentes à temática. Nosso objetivo é fomentar discussões sobre esse campo, relevante não só pelo rendimento estético dos produtos literários que

o integram, mas também pelas provocações que ele coloca, sobretudo no que diz respeito às definições de escrita, texto, autoria, leitura – isto é, alguns dos pilares sobre os quais se assenta o entendimento do fenômeno literário.

A presença no jogo da voz: o audiolivro de *Paranoia*, de Roberto Piva

Rodrigo Fernandes Ferreira Brito (UFMT)

Resumo Publicada pela primeira vez em 1963 pelos trabalhos editoriais de Massao Ohno em formato de livro cartão-postal, ao longo dos anos a obra Paranoia passou por transposições midiáticas diversas, entre as quais se destacam, no contexto deste trabalho, as que envolvem material fonográfico. Durante a campanha de financiamento coletivo para a Biblioteca Roberto Piva, uma possibilidade de recompensa para os doadores do projeto seria um CD de declamações de poemas contidos no livro. Segundo informações no encarte, trata-se de um "projeto informal atribuído a Toninho Mendes, que gravou no fim dos anos 1990 o poeta Roberto Piva declamando seus próprios poemas ao som de jazz". Diante desse contexto, o presente artigo considera tal trabalho multimídia como um audiolivro, objeto que questiona a compreensão de texto literário apenas como uma semiose visual. O CD com as gravações do poeta é aqui tomado, pois, como objeto poético. Rafael de Oliveira (2014), ao referenciar Chartier, afirma que não se trata de considerar o livro falado igual ao livro escrito, "mas de pensar esse conjunto de ações (que podem ser específicos ou não da leitura de um audiolivro) por parte do ouvinte no encontro com as coerções do texto e de sua materialidade para produzir sentido" (2014, p. 26). A combinação da voz de Piva com o Jazz seria um geno-canto, espaço onde a materialidade da comunicação ganha novos sentidos e explora os jogos poéticos de um autor cuja dicção trabalha os sons e significantes da ausência presentificada de um corpo que não ocupa mais um espaço físico entre os vivos. Nesta comunicação, pretende-se analisar em que medida esse gesto ambíguo de Piva pode dialogar com a afirmativa de Barthes sobre o grão da voz: "sua significância define-se melhor através do próprio contato da música com outra coisa, que é a língua (e não a mensagem). O

canto deve falar, ou melhor, escrever, pois o que é produzido ao nível do geno-canto é, em suma, escritura" (BARTHES, 1990, p. 242).

A formulação da linguagem de ficção científica na condição humana de "O aquário"

Graziela Campana Drago (UFRJ)

Resumo A renúncia da linguagem cotidiana e da percepção sensória para o desenvolvimento da ciência moderna (ARENDT, 2016: 326-44) coincide com o experimentalismo artístico na busca de novos parâmetros e perspectivas a partir do contexto histórico de extremas transformações culturais e políticas que reconfiguraram a humanidade em novas concepções de trabalho, arte e saber. A separação entre ficção e realidade torna-se mais tênue e desvenda-se através da linguagem que desafia os limites da tradição e do sentido a partir da forma. Considerando a relevância do gênero cujo imaginário é capaz de adiantar tecnologias posteriores e consequentes problemas políticos, "a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica" (HARAWAY; KUNZRU, 2000: 36). Assim, apresentaremos a análise da linguagem experimental em O aquário (1963), de Alice Sampaio, por meio de neologismos que agem na narrativa como uma forma de especulação da humanidade condicionada pela convivência com seres de inteligência artificial, em possíveis acepções e formulações filosóficas sobre tal futuro, ressignificando "morte", "liberdade" e "pão", entre outras ideias. A estruturação da linguagem na obra dispõe-se de forma poética e inebriante, privilegiando a sensação ao sentido, a cogitação sobre a lógica, e assinala a imaginação como a grande característica da humanidade em contraste com as formas artificiais, ressaltando o "prazer-de-existir" diante da "angústia" do aprisionamento tecnológico de uma sociedade pós-moderna, sendo uma representação do próprio experimentalismo narrativo a suscitar leituras criativas.

A máquina cibernética literária: As Cosmicômicas, de Italo Calvino

Guilherme de Figueiredo Preger (UERJ)

Resumo Em *Cibernética e Fantasmas* (Notas sobre a narrativa como processo combinatório)[1964], o escritor Italo Calvino formula a hipótese de que de que a literatura seja uma "arte combinatória" e assim uma "máquina automática" possa substituir o escritor de literatura ficcional. Em sua perspectiva, a literatura é uma arte de permutações e combinações em que o escritor procura fórmulas ainda não articuladas, na fronteira entre o dizível e o indizível. Tal máquina seria capaz de produzir "entropia", de realizar desarranjos nas formas convencionais, guiada por um "inconsciente coletivo" que se sustenta pelo interdito ou pela proibição já esquecidos. Pois, o que ainda não foi articulado não é apenas o que não se sabe, mas o que não se pode dizer. Essa ideia de que a literatura se produz num limite se aproxima da experiência formalista do OULIPO, grupo literário do qual o escritor fez parte. Nesse ensaio, Calvino também estabelece uma relação dialética entre a fábula e o mito. A fábula é o processo de composição combinatória da linguagem, enquanto o mito é o inconsciente linguístico que funciona através do recalque. Sua obra As *Cosmicômicas* (1965) é escrita nesse período de aproximações entre ciência e literatura, sempre estimuladas por Italo Calvino. O protagonista desta obra, Qfwfq, de nome impronunciável, é um personagem metamórfico que atravessa tempos e espaços do universo para testemunhar e fabular diversas hipóteses científicas, frustradas ou não, que são enunciadas no início de cada um dos contos. Esta obra de Calvino é composta de contos que experimentam as fronteiras porosas entre os experimentos mentais científicos e a prosa fabuladora. Ela é antes exemplos do modo literário da fabulação especulativa, conceito do crítico americano Robert Scholes [1975], que representa a aproximação entre os discursos da ciência e da literatura, e é um modo narrativo de produzir mundos possíveis e futuros alteritários.

As influências de subgêneros de literatura eletrônica na constituição do formato visual novel

Pedro de Souza Melo (Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo Originado a partir dos jogos digitais de aventura japoneses produzidos nos anos 80, o formato visual novel cresceu com o passar das décadas até chegar no ocidente a partir dos anos 2000. Neste formato de literatura eletrônica, histórias são narradas textualmente com o apoio de recursos audiovisuais e hipertextuais e influências estéticas da cultura pop, como os animes, mangás e games. Verificamos que, apesar desse crescimento, houve poucas pesquisas acadêmicas sobre o visual novel, haja visto que trata-se de uma configuração recente. Assim, submetemos essa comunicação que propõe uma breve análise sobre esse formato em relação às principais formas de literatura eletrônica. Como suporte teórico, utilizamos o panorama tecno-histórico-cultural proposto por Scott Rettberg (2019), Simon Egenfeldt-Nielsen, Jonas Heide Smith e Susana Pajares Tosca (2016) e Hayles (2009). Como exemplo de obra disposta nesse formato trabalharemos com Doki Doki Literature Club! (2017, Team Salvato), que, por sua proposta metanarrativa em relação ao suporte digital e ao visual novel, põe em evidência as características mais notáveis desse formato digital. Concluímos que, ainda que o visual novel tenha um tronco em comum com outras expressões de literatura eletrônica, seu desenvolvimento e seus processos de leitura e escrita possuem uma identidade própria que dialoga com processos culturais contemporâneos e contribui para a popularização e desenvolvimento das textualidades digitais.

Corpos indestrutíveis: o corpo humano como produto customizável na ficção científica do século XXI

Francisco Magno Soares da Silva (UERJ)

Resumo As novas descobertas na ciência e tecnologia fornecem à humanidade as ferramentas para desvendar os mistérios do ambiente o qual habita, e, também, explorar o próprio ser humano. Com o progresso do intelecto humano, tanto o mundo quanto o Homem

são desmistificados, fazendo com que antes era associado a instâncias sobrenaturais ou divinas, ficasse explícito e sujeito a alteração. A cada avanço no ramo da biotecnologia, o corpo humano se torna o espaço da intervenção técnica, cujo objetivo é melhorar e prolongar nossa existência biológica. Novos dispositivos tecnológicos, próteses, engenharia genética e fármacos otimizam e expandem nossas habilidades e sentidos, passando do paradigma terapêutico da biomedicina, cujo objetivo é remediar e consertar os males físicos, para o paradigma do aprimoramento e da performance, que visa extrapolar os limites do humano. Todas essas novidades nos instigam a imaginar sobre o nosso futuro enquanto espécie. Quais serão os impactos da interação entre humanos e tecnologia? Como as futuras gerações serão afetadas se as promessas de aprimoramento do corpo humano de fato se concretizarem? O que significará ser humano ao final do século XXI? O presente trabalho tem como objetivo utilizar obras como o romance Homem-máquina (2011) de Max Barry e o filme Upgrade (2018) para analisar como a ficção científica tem representado a relação entre a humanidade e a tecnologia no século XXI, dando atenção especial as representações do corpo humano enquanto receptáculo das novidades da inovação técnica, sendo modificado, manipulado, manufaturado e decodificado pelo próprio humano em narrativas especulativas.

Distopia e trabalho cultural: da ficção científica às plataformas digitais

André Carvalho (UFSC)

Resumo Em 1909, E.M. Forster publica "The Machine Stops" ("A máquina para"), conto de ficção científica em que seres humanos vivem isolados em seus apartamentos, recebendo tudo de que necessitam em pacotes entregues a domicílio. Eles interagem virtualmente em tempo real através de uma rede planetária e são instados a produzir pequenas palestras de poucos minutos e a consumir vídeos. Forster já prevê uma das contradições da modernidade: de um lado, a superação da escassez, de outro, a captação da atenção pelo trabalho virtual/imaterial e a profunda transformação da subjetividade, do corpo e das relações sociais. Nesta comunicação, pretendemos

apresentar possibilidades de questionamento e de investigação desse tema a partir dos escritos de Jonathan Beller, Franco Berardi, Dallas Smythe, Bernard Stiegler, entre outros, que discutem a relação entre os meios de comunicação, o trabalho e a subjetividade. Esses autores estão particularmente interessados na complexa relação entre consumo e produção cultural. Com a dinâmica das novas formas de trabalho embutidas na troca midiática, surge a chamada "teoria do público como mercadoria", um problema conhecido desde o surgimento de revistas, do rádio e da televisão, e que deve ser revisitado para a compreendermos plataformas como o YouTube, que capitalizam com a produção descentralizada. Contra a visão otimista de uma sociedade em rede, cujo maior exponente é, sem dúvida, Manuel Castells, novos teóricos estão seguindo perseguindo as dúvidas como as de Forster, e procurando descrever os impactos da hiper-conexão na cognição, na sociabilidade e nas possibilidades de atuação política dos indivíduos. O que acontece quando a cultura da máquina, do código e de estados discretos de informação prevalecem sobre todas as outras formas de relações humanas? Analisando o conto de 1909 e conteúdos recentes de plataformas digitais, esperamos delinear pontos salientes da discussão, examinar seus limites e possíveis consequências.

Poesia e tecnologia: o livro *Grão*, de Álvaro Andrade Garcia

Carmélia Daniel dos Santos (PUC-MG)

Resumo A literatura em tempos digitais, além de possuir estrutura capaz de gerar conteúdo para a convergência em diversas mídias, incentiva a participação de um público leitor que vive na era digital em contato com jogos, filmes, séries, compras, etc.; dessa maneira, a escrita do poeta e artista digital, Álvaro Andrade Garcia também acompanha essa expansão de acessibilidade que as mídias digitais possibilitam, a exemplo é o livro *Grão* (2013), que é um pendrive com livro eletrônico composto de poemas em movimento. Nesse livro o autor apresenta uma prática poética que expande o espaço do poema para outras mídias, incluindo a instalação e os exercícios sonoros, como vocábulos, expressões orais e ritmos diversos, incluindo aqui, o ruído. Portanto, o presente trabalho pretende apresentar

e analisar o livro Grão, abordando os diversos meios de expansão da poesia a partir da sua interlocução com outras artes e discussões acerca do livro impresso e digital. Nossa pesquisa está ancorada nos estudos sobre a poesia digital, seus novos suportes, a poesia e o computador. Consideramos relevantes os referenciais teóricos de autores Santaella (2005), Antonio (2008), Machado (1988), publicações institucionais entre outros.

Possibilidades narrativas em meio digital: literatura eletrônica e quadrinhos se encontram

Maiara Alvim de Almeida (IFRJ)

Resumo Com o advento das tecnologias digitais, um leque de possibilidades abre-se para a produção, publicação e fruição de narrativas. Nesse contexto de forte convergência midiática e de diálogo entre linguagens e artes, os novos suportes digitais, contrariando a velha crença de que estariam tomando o lugar de mídias mais antigas, aparecem como uma alternativa para autores e leitores. As narrativas hipertextuais encontradas em meio digital desafiam a noção estruturalista de que artes e gêneros narrativos seriam categorias fixas, produzindo obras híbridas . Nesse contexto, merecem destaque os quadrinhos eletrônicos. O diálogo entre literatura e quadrinhos impressos já é abordado há um tempo por diversos setores da academia; no meio digital, no entanto, tal diálogo amplia-se e passa a englobar as possibilidades hipertextuais do meio. Com tais considerações em mente, abordaremos, no escopo deste trabalho, a hibridez de obras produzidas em contexto digital, a fim de analisar como promovem diálogos e convergências entre literatura, narrativas gráficas e jogos. Para tanto, analisaremos brevemente os casos das narrativas "O diário de Virgínia" (2010-2016), de Cátia Ana, e Homestuck (2009 - 2016), de Andrew Hussie. Utilizaremos em nossa discussão considerações de Lévy (1999), Landow (1997), Murray (2003) e Franco (2013).

Reflexiones sobre archivo, preservación y literatura digital en Latinoamérica

Carolina Gainza Cortes (UDP)

Resumo ¿Cuáles son las complejidades y desafíos que presentan el archivo y preservación de obras digitales? En las últimas dos décadas hemos visto proliferar escrituras literarias creadas para ser leídas en la pantalla de dispositivos electrónicos o que son producto del trabajo con el lenguaje algorítmico. En el campo de la literatura digital latinoamericana las escrituras digitales han aumentado en los últimos diez años. Sin embargo, a nivel global, el campo de estudios se encuentra dominado por literaturas y teorías desarrolladas principalmente en Estados Unidos y Europa, cuyos mapas invisibilizan las creatividades surgidas en otros territorios. Esto exige que las nuevas literaturas de la era digital sean cartografiadas críticamente desde sus propias condiciones de existencia y lugares de desarrollo. En esta presentación daremos a conocer un mapa de la literatura digital latinoamericana el cual se ha desarrollado en el proyecto de investigación "Cartografía de la literatura digital latinoamericana", a cargo de las investigadoras Carolina Gainza y Carolina Zúñiga (UDP, Chile), en colaboración con la investigadora Rejane Rocha (UFSCar, Brasil). Este proyecto tiene dos objetivos principales: dar cuenta de las características de la producción literaria digital latinoamericana, a través del uso de metodologías de visualización de datos, y preservar estas creaciones constantemente amenazadas por las condiciones de producción de las tecnologías que las soportan. De esta forma, en la presentación se discutirán los problemas que se enfrentaron en este proceso, las decisiones tomadas y las preguntas surgidas a partir de la recolección de material y el diseño del mapa, todos elementos íntimamente relacionados con la materialidad digital de las obras.

Tecnologia e Afrofuturismo: um estudo de Midnight Robber e O caçador cibernético da Rua Treze

Fernanda Sousa Carvalho

Resumo Desde meados do século XX, o Afrofuturismo vem promovendo uma revisão da história de comunidades negras para inseri-las em um futuro imaginado em que elas exercem um protagonismo fundamental. Como tal futuro alternativo tende a se contrapor tanto à história oficial quanto à realidade presente de comunidades afro-diaspóricas, as narrativas afrofuturistas estão engajadas em criar novos papeis para pessoas que têm sido historicamente silenciadas e marginalizadas, denunciando e criticando o racismo. Este trabalho aborda a caracterização da tecnologia em obras do Afrofuturismo literário, indicando como ela se mistura a elementos das religiões, mitologias e práticas culturais de matriz africana na criação de um futuro negro imaginário. A tecnologia é reinventada nessas narrativas sob a perspectiva de comunidades negras, contribuindo para a própria caracterização de um futuro mais promissor para elas. Escritores afrofuturistas promovem então experimentos literários que vão desde a criação de uma linguagem tecnológica com base em dialetos africanos até a invenção de aparatos tecnológicos cuja funcionalidade remete aos poderes de entidades de religiões de matriz africana. É o que se pretende ilustrar neste trabalho com uma análise dos romances Midnight Robber, da Jamaicana-Canadense Nalo Hopkinson, e O caçador cibernético da Rua Treze, do brasileiro Fábio Kabral. Argumenta-se aqui que tais obras, ao incorporar elementos de culturas africanas e afro-diaspóricas a elementos tecnológicos, questionam o próprio papel reservado aos negros na criação e no acesso à tecnologia na experiência cotidiana.

Simpósio 48
Literatura e testemunho: teorias, limites, exemplos

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)
Wilberth Salgueiro (UFES)

Resumo Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada "literatura do Holocausto", como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalámov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos voltados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC's. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este "gênero", como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; vínculo estreito com a história; etc. A ideia é, portanto, "manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um 'martírio' pode testemunhar" (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que "testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro" (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a existência da "literatura de testemunho", na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo "subalternizado" depõe e se expõe

não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que "o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão" (GINZBURG, 2012, p. 52). O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito primordialmente ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem ou provoquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011, em Curitiba, este Simpósio teve a sua primeira edição. Desde então mantém sua regularidade nos congressos da Abralic: teve a sua segunda edição em 2013, em Campina Grande; a terceira em 2015, em Belém; a quarta em 2017, no Rio de Janeiro; a quinta em Uberlândia, em 2018; e a sexta em Brasília, em 2019. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Élis, Bernardo Kucinski, Boris Schnaiderman, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Eduardo Galeano, Ferréz, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lucinda, Ferréz, Franz Kafka, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Antônio, Kaka Werá Jecupé, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Manuel Alegre, Mario Benedetti, Miron Białoszewski, Noemi Jaffe, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Tierra, Pierre Seel, Primo Levi, Racionais MC's, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksiévitch,

Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

"Um livro em forma de lápide": testemunho e luto em *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski

Izabel Maria Fonseca Vieira Sá (CEFET-MG)

Resumo Os Yizkerbikher são livros de memória nos quais são gravados os martírios vivenciados pelo povo judeu. Seligmann-Silva (2003, p.79), ao discorrer sobre o papel desses livros no pós-segunda guerra, observa que eles "transformam o passado perdido em traços de uma escritura que tem o valor de cemitério para aqueles que não puderam ser enterrados". Para o autor, essa é uma modalidade do testemunho que merece maior atenção. Neste trabalho, propomos estabelecer uma relação entre *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski e essa tradição memorialística. No livro, o autor ficcionaliza a história do sequestro e assassinato de sua irmã Ana Rosa Kucinski pelo regime da ditadura militar brasileira (1964-1985). O enredo consiste na busca infrutífera do escritor judeu e professor de iídiche, K., (que espelha Meir Kucinski, pai do autor) por sua filha A. O corpo de Ana Rosa, assim como o da personagem A., nunca foi encontrado. Desse modo, consideramos o livro um trabalho de luto com valor de cemitério para o corpo ausente da irmã de Kucinski. Vale recordar a origem comum das palavras "túmulo" e "signo", vindas do grego sèma, apontadas por Gagnebin (2006, p.45). A narrativa se torna "uma lápide em forma de livro", como a personagem K. define o "livro in memoriam" que escreve para substituir o túmulo que fora negado à filha.

A linguagem do trauma

Maria Isolina de Castro Soares (IFES)

Resumo Os inúmeros genocídios ocorridos no século XX exigem, nas obras literárias, a reinvenção da linguagem para significar a tensão

que é lidar com aquilo que muitas vezes não quer se mostrar porque escapa ao entendimento. Nessa perspectiva, é inevitável reportar-se a Adorno, para quem a forma estética torna-se o elemento antibárbaro da arte, porque é através dela, forma, que a obra de arte pode elaborar a crítica ao próprio sistema em que é gestada. Há, assim, na forma da obra de arte, uma situação paradoxal, que é fazer parte da indústria cultural e ao mesmo tempo ter a responsabilidade de fazer a crítica a essa indústria. Nesta comunicação, abordam-se alguns recursos formais que foram trabalhados em K.: relato de uma busca (2014), de Bernardo Kucinski, romance que reconstrói a árdua busca de um pai pela filha, desaparecida no início do governo do general Ernesto Geisel. Ana Rosa Kucinski, professora de Química na Universidade de São Paulo, desaparece misteriosamente em 22 de abril de 1974, e nenhum mecanismo utilizado pelo pai consegue êxito a respeito do paradeiro da filha, nem mesmo para uma simples informação sobre o que poderia ter ocorrido. Nesse romance, o sentido emerge de construções que tentam dizer o indizível, de mecanismos formais que traduzem a dor de lidar com os horrores da ditadura militar instalada no Brasil em 1964.

A ocupação do terreno autobiográfico por pessoas trans como política de memória

Leocádia Chaves (UNB)

Resumo As identidades reconhecidas como dissidentes do padrão cisheteronormativador em nosso país têm sido historicamente alvo de extermínio; de modo particular, como demostra Jaqueline Gomes de Jesus (2013), a população transgênera. No entanto, historicamente essas pessoas individual e/ou coletivamente também têm criado estratégias de (re) existência. Como me ajuda a pensar Judith Butler (2018), não há um "estado letárgico de nudez" para aqueles que não sucumbem à realidade de extermínio, pois, ainda que se trate de vidas reconhecidas como destituídas de direitos, ainda se trata de vidas que estão dentro da esfera do político, portanto, não reduzidas à mera existência, mas, com frequência, enraivecidas indignadas e revoltadas, opondo resistência. Dentre essas estratégias de resistência, discuto aqui, a produção de narrativas autobiográficas por essas

pessoas, que no estudo em desenvolvimento, é reconhecida como testemunho de sobreviventes. Isso se deve porque se trata de vozes de quem "subsiste além de" um regime genocida; "alguém que se mantém no fato" aí presente e decide "dizer" aos moldes discutidos por Márcio Seligmann-Silva (2008, 2010). Um conjunto de quatorze obras publicadas entre 1982 a 2019; dentre elas duas como resultado de organização coletiva. Uma produção reconhecida neste estudo como biopotente como me permite pensar Peter Pal Pelbart (2011), pois além de "dar a saber" os horrores de um regime de exceção identitário também se afirmam pela vida. Quanto a essa última potência, destaco nesta abordagem dois aspectos : essa produção ser reconhecida como um "lugar de memória" sobre o regime de exceção cisheteronormativador e simultaneamente abrigo para uma comunidade por vir. Perspectiva que vem ao encontro de uma urgência em nosso país, a da defesa de políticas de memória decolonizadas para as minorias identitária e os seus possíveis usos como interpelação neste mundo mal.

Des/reterritorialização em Deleuze e Guattari e a literatura de testemunho latino-americana

Liana Marcia Gonçalves Mafra (UFPA/IFMA)

Resumo A presente proposta de comunicação é parte da pesquisa inicial e em andamento, desenvolvida no doutoramento em Letras na UFPA, e objetiva apresentar discussões preliminares dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização desenvolvidos por Deleuze e Guattari, relacionando-os à presença acentuada da Literatura de Testemunho no contexto das ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul da América Latina, que provocou desterritorialização dentro do espaço latino-americano e concomitantemente reterritorializado em exílios, insílios, desexílios, em processo de fuga e ruptura geográfica e do pensamento. Nesta elaboração des/reterritorializada tem-se uma narrativa literária atingida pelo social, histórico, estético de um determinado espaço-tempo. Desse modo, partindo da concepção de movimentos de desterritorialização e reterritorialização, postulados por Deleuze e Guattari, exploraremos os conceitos como vetores de abandono e construção de um novo território,

como processos indissociáveis, que podem se dar no próprio socius ou no pensamento, em diálogo com as narrativas testemunhais latino-americanas, como uma estética nova, que subverte fronteiras, e marginal em relação ao estabelecido como cânone literário.

Experiências da infância no Brasil e no exílio à época da ditadura militar: uma análise da narrativa testemunhal "Adotados pela revolução cubana", de Virgílio Gomes da Silva Filho e da narrativa ficcional "Meninos sem pátria", de Luiz Puntel

Ladyana dos Santos Lobato (UFPA)

Resumo Analisamos, neste trabalho, o testemunho de filhos de perseguidos, desaparecidos e mortos políticos da Ditadura Militar de 1964, que reporta à experiência da infância no Brasil e no exílio e a forma com essa experiência fora representada na produção literária. Para isso, selecionamos dois objetos de estudo. O primeiro é a narrativa testemunhal publicada, em 2014, na obra Infância Roubada, intitulada: Adotados pela Revolução Cubana, de Virgílio Gomes da Silva Filho. O segundo é a novela intitulada Meninos sem Pátria, de Luiz Puntel, publicada em 1988, pela Coleção Vaga-lume. Utilizamos como referencial teórico os estudos sobre exílio (AGAMBEN, 1996; SAID, 2003; Maren Viñar e Marcelo Vinãr, 1992; ROLLEMBERG, 1999, 2007); estado de exceção (AGAMBEN, 2004); testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2003, 2005, 2013; VILELA, 2000; SALGUEIRO, 2012); memória (SARLO, 2007); sobrevivência (PELBART, 2008, 2013) e Utopia (SZACHI, 1972). Nesta pesquisa, verificamos que, no contexto de uma experiência de violência (em que o exílio tem papel fundamental por dar visibilidade ao mal-estar), a presença de um discurso utópico surge como um dispositivo de resistência frente à realidade vivida pelos filhos dos ex-militantes políticos à época da Ditadura Militar. Além disso, o discurso utópico permanece no testemunho dos filhos dos ex-militantes políticos, até os dias de hoje, por meio da denúncia, desejo de justiça e manutenção da memória para que experiências como esta não se repitam, e para que, no futuro, o Brasil seja um lugar melhor para se viver.

Manifestações, perseguição política, vozes do cárcere: uma análise de A pequena prisão, de Igor Mendes

Ana Luísa de Castro Soares (UFES)

Resumo Em 2013, aconteceram no Brasil manifestações com grande participação popular, conhecidas como Jornadas de Junho. Embora em menor escala, após aquele junho de 2013 outros movimentos continuaram acontecendo, tendo os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 recebido especial atenção da grande imprensa. A resposta do poder público às manifestações daqueles anos de 2013 e 2014 foi a criminalização dos protestos e a perseguição aos manifestantes em uma abrangência ainda maior do que já era costumeiro no país, e que culminou com a prisão de 21 ativistas na véspera da final da Copa do Mundo de 2014, além da decretação de prisão de outros nove. Embora a operação tenha tido a clara intenção de impedir a realização de mobilizações contestatórias no dia da final da Copa, tanto os presos quanto alguns dos que haviam tido mandados de prisão expedidos receberam medidas cautelares, totalizando vinte e três processados – dentre eles, Igor Mendes, então estudante de Geografia da Uerj. Preso em dezembro de 2014 por infringir medida cautelar que o impedia de participar de manifestações, Mendes passou 204 dias encarcerado no presídio de Gericinó (localizado no bairro de Bangu, no Rio de Janeiro). Sua experiência foi narrada em A pequena prisão, lançado em 2017. Neste trabalho, procuro examinar a obra de Mendes pela ótica da literatura de testemunho. Analiso como A pequena prisão se configura como importante documento acerca da repressão e da perseguição política do período que a obra de Mendes aborda e que se têm acirrado em nosso cenário atual. O depoimento do autor constitui também um significativo e recente relato da terrível situação carcerária no país. Esta comunicação apresenta os resultados parciais de minha pesquisa de mestrado.

Reflexões sobre a relação entre o testemunho literário e as "comunidades imaginadas"

Christian Marie Victor Simon Dutilleux (UFRRJ)

Resumo Segundo a historiadora francesa Annette Wieviorka, o processo de Eichmann em Jerusalém em 1961 é o marco inicial de uma "era do testemunho" no Ocidente. Desde então, foram publicadas (ou republicadas) centenas de obras literárias consideradas pelos seus autores e pela crítica como relatos testemunhais da história recente. Estas obras foram agrupadas em categorias temáticas como o "testemunho judeu" (depois de Auschwitz), o "testimonio latino-americano", "testemunho de guerrilha", "testemunho pós-ditadura" entre outros. Elas mobilizaram autores, editores, críticos e públicos de vários países. Cada categoria de testemunho ecoou em línguas diferentes, mobilizou discussões específicas em círculos acadêmicos distintos, criando laços transfronteiriços, desenvolvidos num espaço próprio. Neste contexto, queremos propor algumas reflexões sobre a criação e o desenvolvimento destas redes oriundas do testemunho literário e discutir em que medida elas podem ser apreendidas a partir do conceito de "comunidades imaginadas", de Benedict Anderson, tomando os exemplos da evolução do testimonio latino-americano e do testemunho judeu.

Século XXI e literatura de cárcere no Brasil: O testemunho de Igor Mendes em "A Pequena prisão"

Guilherme Henrique Ferreira Pimentel (UFPE)

Resumo Vivemos num Estado que, apesar de democrático, sinaliza características de um Estado de exceção. Assim, utiliza as diretrizes do fazer democrático para que a marginalização de minorias se torne uma regra. A proposta de comunicação tem como fim discutir, dentro do contexto da literatura de testemunho e de cárcere, o livro "A pequena prisão" (2017), escrito por Igor Mendes. No dia 3 de dezembro de 2014, o graduando em geografia pela UERJ e ativista político Igor Mendes, foi preso por participar de manifestações durante a Copa do Mundo de 2014. A prisão é um dos espaços onde a alteridade pode

ser constantemente colocada em questão. Para Goffman (2007, p. 24), as instituições totais promovem a "mortificação do eu". Esta mortificação pode ser pensada como um dos principais fatores de invisibilidade dos apenados, visto que são jogados nesses porões da sociedade e vão aos poucos perdendo suas identidades pessoais. Durante os 7 meses que ficou apenado no Complexo Penitenciário de Gericinó, no Rio de Janeiro, Igor lançou mão da literatura para servir não apenas de testemunho dos traumas vividos, mas como um modo de não "mortificar" sua identidade. A literatura de testemunho é a narrativa do trauma (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.48) e é neste sentido que a proposta de comunicação pretende seguir seu norte, associando a forma literária à formação social: num processo de rememoração literária que ocorre a partir do sujeito. Para Candido (1989), tanto o conteúdo, a forma e o estilo discursivo, quanto o contexto social e cultural em que o texto literário é produzido, são elementos importantes para serem analisados numa obra. Diante do exposto, faz-se necessário deslindar que, para sustentar nossa discussão, recorremos aos pressupostos teóricos e críticos de Ginzburg (2011) sobre ética e estética, Foucault (1977) sobre disciplina e regulação dos comportamentos, Gagnebin (2006) sobre rememoração do passado, Benjamin (1984) sobre a experiência da representação, entre outros.

Testemunho e Memória: o limiar da obra de Luisa Carnés

Ana Paula Cabrera (UFSM)

Resumo O conceito de testemunho implica tanto uma proximidade, com o "evento" como a capacidade de julgar. Desde a antiguidade vincula-se a testemunha à visão. Quando dizemos: "não acredito no que vejo", a pessoa sente que nela coexistem dois seres – o ser sensível, uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o outro que realmente não viu, mas que outrora pudesse ter visto e provavelmente formou uma opinião com base no testemunho de outros. Selligman –Silva (2008, p.65), explica que existem dois termos para representar a palavra testemunha. O primeiro, "testis"aquele que se põe como terceiro, e o segundo "supérstite", que representa aquele que atravessou um evento até o fim e pode dar um testemunho do que viveu. Neste trabalho vamos apresentar a perspectiva

de testemunho e memória através da obra de Luisa Carnés (Madrid, 1905-México,1964), uma jovem jornalista e escritora madrilena, que desde 1928 se ocupava em escrever contos e romances na Espanha. Sua escassa formação e sua condição de autodidata representam um exemplo atípico de escritora na literatura espanhola do período de 1930. Considerada uma das Sinsombreros, Luisa Carnés mostra interesse pelos temas sociais que terminam por fixar-se em sua obra literária. Durante a Guerra Civil e no exílio mexicano, sua posição em defesa da mulher e da causa trabalhadora, bem como da legalidade republicana, se reafirmam. Exilada e totalmente silenciada pelo franquismo, Carnés é em todos os sentidos, "supérstite", uma vez que ela expõe sua percepção da guerra, bem como, sua participação na contenda. Na obra inédita De Barcelona a la Bretaña Francesa (1939), descreve uma viagem incerta,com um tom de esperança de regressar à pátria que se perdeu, e essa perspectiva de retorno mantém acessa a luz da vida. Os contos do livro apresentam o testemunho pessoal da autora e apontam um tema fundamental para nos aproximarmos da realidade das mulheres espanholas do começo do século XX. Neste livro, temos uma obra que representa um documento introdutório sobre a experiência do exílio republicano, onde a autora trata dos últimos meses da Guerra Civil na Catalunha e da sua prisão na França, até ser levada para o México junto com outros refugiados.Neste livro, temos uma obra que representa um documento introdutório sobre a experiência do exílio republicano, onde a autora trata dos últimos meses da Guerra Civil na Catalunha e da sua prisão na França, até ser levada para o México junto com outros refugiados.Neste livro, temos uma obra que representa um documento introdutório sobre a experiência do exílio republicano, onde a autora trata dos últimos meses da Guerra Civil na Catalunha e da sua prisão na França, até ser levada para o México junto com outros refugiados.

Simpósio 49
Literatura e tradução em diálogos transdisciplinares

Anna Palma (UFMG)
Germana Henrique Pereira (UnB)
Rony Márcio Cardoso Ferreira (UFMS)

Resumo As relações entre literatura e tradução parecem explícitas sobretudo quando nos lembramos dos empreendimentos tradutórios (tanto no âmbito linguístico, literário e estético, quanto no histórico, ideológico e cultural) inerentes à criação literária. Se, por um lado, a existência de tradutores ao longo da história é um fato incontestе, por outro, o estudo das produções desses intelectuais suscita ainda muitas discussões. Devido à longa predominância de paradigmas que tomaram o trabalho do tradutor como atividade de segundo plano no mundo das letras, a tradução foi obliquamente vista como tarefa menor e, por conseguinte, inferior às produções ditas "originais". Essas questões intensificam-se na medida em que observamos a existência de uma tradição de escritores que foram tradutores e agentes responsáveis pela inserção de obras, autores e tendências em alguns contextos culturais. Basta apenas nos lembrarmos dos empreendimentos tradutórios de Wolfgang Goethe, Friedrich Hölderlin, August Schlegel, Paul Valéry, Ezra Pound, Paul Celan, Jorge L. Borges, Octavio Paz, Haroldo de Campos, entre outros, para percebermos que a relação da literatura com a tradução caracteriza-se na esfera da reciprocidade (BERMAN, 2002, p. 329). Tais escritores, ressalvadas as possíveis diferenças e peculiaridades, tiveram a tradução como constante dever em seus projetos, a qual, muitas vezes, funcionou como ponto de partida para questões que seriam desenvolvidas posteriormente em suas próprias obras ou como local de problematização crítica das demandas advindas de suas produções literárias, uma vez que "toda obra, quão longe possamos recuar, já é, em diversos graus, um tecido de traduções ou uma criação que tem alguma coisa a ver com a operação tradutória" (BERMAN, 2002, p. 329). Enquanto intelectuais envolvidos por uma ética da tradução, muitos tradutores estabeleceram um contato profícuo com o outro, por meio de relações que se prestavam a acolher literaturas, projetos e culturas "no albergue do longínquo" (BERMAN, 2013, p. 97). Foi nesse sentido que Haroldo de Campos entendeu a tradução enquanto atividade crítica que

pode também nutrir o impulso criador de escritores de determinada literatura quando tradutores (CAMPOS, 2010, p. 42). Em outras palavras, a tarefa da tradução pode disseminar novas orientações estéticas a partir de seu princípio de "hospitalidade" (DERRIDA, 2003, p. 117), além de potencializar procedimentos criativos em contextos de recepção. Não foi à toa que Jacques Derrida declarou sua "admiração por aqueles e aquelas que considero[u] os únicos a saber ler e escrever: as tradutoras e [os] tradutores" (DERRIDA, 2000, p. 14). Então, tratar da tradução em múltiplos contextos é, em amplo sentido, uma forma de falar sobre o mundo e a linguagem, o homem e as suas produções, já que ele não deixa ser um sujeito em tradução, constituído em um processo contínuo, um "vaivém incessante, de dentro para fora, da violência à consciência: a produção do sujeito ético" (SPIVAK, 2005, p. 44), que dá vida a um idioma cultural, permitindo a performance do que se chama teatro, literatura, arte, cultura e até mesmo teoria. Nessa perspectiva, os Estudos da Tradução passaram a considerar a perspectiva do tradutor (sujeito produtor de linguagem em contextos sociais, históricos e culturais); a relevância da noção de hibridismo, transculturação e transferência; a associação do ato tradutório à circulação material de pessoas em contextos diaspóricos; a tradução como atividade que questiona as fronteiras estabelecidas (PYM, 2017, p. 273). Em virtude de tais proposições sumárias, a tradução e o papel dos tradutores passaram a integrar o rol de interesse de diversas áreas do conhecimento, tornando-se matéria de perspectivas literárias, filosóficas, sociológicas, históricas, antropológicas, psicanalíticas, entre outras, as quais, assim como a própria literatura comparada, encontram-se revigoradas por contribuições e reformulações propostas pelos Estudos da Tradução (BASSNETT, 2003, p. XVI). Por isso, o pensamento contemporâneo das humanidades preza pelo estabelecimento de parcerias epistemológicas e conceituais, afastando uma espécie de isolamento que, na esfera da ilusão, valorizou a segregação dos campos do saber e dos objetos de análise. Sob essa égide, o presente simpósio visa a reunir estudos sobre a tradução literária, voltando-se, preferencialmente, aos seguintes temas: história, crítica e teoria da tradução; literatura canônica e marginal em contexto tradutório; tradução e formação da literatura brasileira; escritores-tradutores e constituição de seus projetos estéticos; perfil de tradutor; literatura brasileira traduzida; literatura estrangeira traduzida no Brasil; abordagens transdisciplinares sobre

tradução literária. Serão da mesma forma acolhidos trabalhos sobre prática de tradução de textos literários, teóricos e ensaísticos; paratextos editoriais de obras traduzidas; crítica literária e crítica de tradução no cenário brasileiro.

"Antígona" de Brecht a Malina

Roberta Cantarela (UnB)

Resumo Em 1961, a "Antigone" de Bertold Brecht chega às mãos de Judith Malina (1927-2013), cofundadora do grupo performático de teatro "The Living Theatre". Desse contato, surge um dos trabalhos mais significativos de Malina como tradutora – além de escritora, Malina sempre participou das traduções, adaptações e criações das peças encenadas pelo "Living". No entanto, uma das peças que Malina carregou como uma representação de si foi "Antígona". Por mais de meia década, Malina se debruçou em estudar a peça para levá-la para os palcos em 1967. No percurso de quase meio século, a peça a acompanhou e, em meados de 1990, Malina publica a sua tradução de "Antigone" de Brecht. A partir dessa tradução e de outros escritos sobre o seu trabalho com o texto de Brecht, como Vannucci (2015), Biner (1976) e Tytell (1995), esta pesquisa pretende apresentar especificidades do trabalho de tradução de Malina sobre o peça de Brecht e sua tradução para os palcos.

As Tendências Deformadoras, de Antoine Berman, aplicadas na tradução da obra *Rouge Brésil*, de Jean-Chriostophe Rufin, para o português

Laís Crepaldi Henriques (USP)

Resumo Diversos são os estudos sobre a maneira como uma tradução deve ser feita ou sobre qual é o seu papel. Antoine Berman (1991) defende a ideia das Tendências Deformadoras, que acontecem principalmente em traduções "etnocêntricas" e "hipertextuais". Uma tradução etnocêntrica encaixa a tradução na cultura de chegada, ignorando a cultura fonte, enquanto o hipertextual não é nada mais que

"qualquer texto gerado por imitação" (2012, p. 40), mais uma vez ignorando a cultura e o estilo do texto fonte. E, durante muitos anos, foram justamente traduções hipertextuais e etnocêntricas as predominantes na traduções de romances, especialmente na França, que ainda mantém o conceito das "belles infidèles". Quando uma tradução é feita com o objetivo principal de se adequar à língua alvo, ela é deformada e muito da obra original acaba sendo perdido. Então, Berman propôs treze tendências deformatórias para explicar o processo de "destruição" de uma obra original quando é traduzida. De todas as treze, algumas das mais discutidas são a racionalização, clarificação, alongamento e destruição dos ritmos. Fazendo uma reflexão sobre essas tendências e colocando-as em prática, o presente trabalho fará uma exposição sobre a obra *Rouge Brésil*, de Rufin (2001), traduzida por Adalgisa Campos da Silva e publicada pela editora Objetiva, analisando e identificando as tendências deformatórias presentes, fazendo uma breve reflexão se, de fato, muito da obra original se perdeu na prática de traduzir.

Branca de Neve de Roald Dahl e a tradução de Luciano Vieira Machado: um diálogo

Valquiria Pereira Alcantara (USP)

Resumo Christiane Nord, na perspectiva funcionalista dos Estudos da Tradução, apresenta um conjunto de questões que permitem não só ao tradutor analisar seu objeto de trabalho, como também a um analista observar um texto traduzido. A tradução de literatura infantil requer a observância de aspectos específicos, tais como os apontados e analisados por Zohar Shavit. Neste trabalho, propõe-se o cotejo da versão dahliana de "Branca de Neve e os sete anões", em língua inglesa, com a tradução brasileira de Luciano Vieira Machado e a versão tradicional dos Irmãos Grimm buscando a compreensão do diálogo que se estabelece entre os textos e como a aproximação do conto com o mundo real possibilita a elaboração do efeito cômico presente no texto dahliano. Como fundamentação para a análise levam-se em conta as especificidades da tradução de textos direcionados ao público infantil segundo o ponto de vista de Zohar Shavit. A autora reconhece que o aspecto didático da literatura infantil é um fator relevante,

mas aponta que a adequação do texto para a compreensão da criança, bem como a adequação do texto do ponto de vista ideológico no âmbito da cultura de chegada são aspectos igualmente preponderantes. Assim, os textos de partida e de chegada são analisados usando as questões propostas por Christiane Nord e observando, principalmente, as escolhas lexicais que possam revelar as estratégias adotadas durante o processo tradutório. Acredita-se que com a observação das estratégias de tradução adotadas e a adequação do texto de partida às normas vigentes do sistema literário infantil da cultura de chegada seja possível compreender como o tradutor possibilitou ao público da cultura alvo a fruição do efeito cômico presente no texto fonte. Conclui-se que a análise por meio de cotejo do texto de partida com o de chegada possibilite a compreensão do diálogo que se dá entre os textos e entre os sistemas culturais envolvidos.

Sobre *The Purple Land*, de Guillermo/William Hudson: questões de língua, identidade nacional e tradução

Leila Cristina de Melo Darin (PUC-SP)

Resumo Nascido na Argentina em 1841 de pais estadunidenses, Guillermo Enrique Hudson embarcou para a Inglaterra aos 33 anos, onde adotou o nome de William Henry Hudson, com o qual assinou sua produção literária, toda ela escrita em língua inglesa. Seu romance inaugural, *The Purple Land that England Lost* (1885), após reedição pelo autor em 1904, foi considerado como expressão única da literatura nacional crioula e aqueceu o debate intelectual na Argentina na década de 1920. Narrado em inglês e ambientado no Uruguai (Banda Oriental) entre 1860-70, durante a guerra civil entre blancos e colorados, o romance retrata a cultura local, inclusive a fala hispano-crioula, típica da região. O narrador protagonista é Richard Lamb, jovem inglês que participa da guerra e passa a conviver nos pampas com os gauchos -- experiência que o leva a mudar sua visão sobre estes. Na Argentina, como fora do país, The Purple Land foi recebida com críticas elogiosas de escritores como Jorge L. Borges, Martínez Estrada, Cunninghame Graham e Joseph Conrad. O debate sobre a posição dessa obra na literatura gauchesca é relevante para a reflexão sobre as traduções realizadas para o espanhol por Eduardo

Hillman (1928) e Idea Vilariño (1992). Como obra linguística e culturalmente híbrida, produzida por um escritor que se situa no espaço entre essas duas línguas-culturas, Purple Land nos instiga a refletir sobre as relações entre língua, literatura, tradução, identidade nacional, cultura e poder -- o faremos a partir das ideias postuladas por Derrida (1996/2001), Berman (2002), Cordery (2005), Johnson (1998) e Andrade (2013).

Temas, contexto e fontes para uma tradução transdiciplinar da obra de Girolamo Fracastoro (1476 ou 1478 -1553) para o português brasileiro

Karine Simoni (UFSC)

Resumo Os anos 1492-1494 foram palco de pelo menos dois acontecimentos relevantes para a história da humanidade: o achamento da América pela excursão coordenada por Cristóvão Colombo, e uma grande epidemia de sífilis na Europa que, segundo hipóteses da época, teria se difundido após a queda de Granada (1492), quando milhares de mouros advindos da África e judeus foram obrigados a deixar a Espanha e migrar para outros lugares da Europa. As consequências foram várias: a culpabilização dos mouros e judeus, a chegada da doença à América, a associação do problema à prostituição e às mulheres, a fundação dos primeiros hospitais para doenças incuráveis, a ampliação dos estudos sobre a doença e o contágio. Nesse último cenário, destaca-se o trabalho do poeta, filósofo e médico Girolamo Fracastoro (1476 ou 1478 -1553) que trata da questão em duas de suas obras: no poema Syphilis sive de morbo gallico [Sífilis, ou o mal francês] (1530) e no tratado *De contagione, contagiosis morbis et eorum curatione* [Sobre o contágio e sobre as doenças contagiosas e sua cura] (1543). Refletir sobre as especificidades da tradução de tais textos para o português brasileiro, que incluem antes de tudo o estudo dos temas e das fontes históricas e literárias para compreender a obra, é a proposta desta comunicação, que, pelos motivos expostos, pretende ser um estudo transdisciplinar. Embora dispersa e confusa, para usar o conceito de Paul Ricoeur, a tradução provavelmente seja a mais forte militância em prol da fraternidade universal (RICOEUR, 2011, p. 42) entre línguas e culturas.

Tradução e romantismo na França do século XIX

Lia Araujo Miranda de Lima (UnB)

Resumo Esta comunicação relaciona as discussões em torno da tradução durante as três primeiras décadas do século XIX francês aos debates que se travaram entre românticos e classicistas naquele mesmo período. O advento do romantismo, ao mesmo tempo em que se nutriu da literatura estrangeira, apresentou novas formas de traduzir que se opunham às clássicas Belas Infiéis. Três textos chaves revelam a estima pela inspiração estrangeira e, consequentemente, pela tradução, que tinham os autores que se colocaram em prol da renovação estética que recebeu o nome de romantismo: Da Alemanha (De l'Allemagne, 1813-1814), de Mme de Staël; Racine e Shakespeare (Racine et Shakespeare, 1823-24), de Stendhal, e o Prefácio aos Estudos franceses e estrangeiros (Préface des études françaises et étrangères, 1828), de Émile Deschamps. Percebe-se, por exemplo, a forma como a difusão do teatro de Shakespeare renovou a dramaturgia, ou como as traduções de poetas alemães revigoraram a lírica francesa. Adota-se uma perspectiva histórica que considera o lugar da tradução no desenvolvimento do romantismo na França e, ao mesmo tempo, o papel da renovação estética da literatura no questionamento de formas convencionais de traduzir.

Traduzindo o Brasil: Giuseppe Ungaretti e sua coletânea "Pau Brasil"

Amanda Bruno de Mello (UFMG)

Resumo O poeta italiano Giuseppe Ungaretti morou em São Paulo e foi professor da USP de 1937 a 1942. A cátedra de literatura foi, para ele, não só uma oportunidade para o estudo mais sistemático da literatura italiana, mas também para o contato com escritores, intelectuais e artistas brasileiros (MASSI, 1996). Não é surpreendente que, após o seu retorno, ele tenha atuado como divulgador da literatura brasileira na Itália: traduziu prosa e poesia, escreveu prefácios de obras de escritores brasileiros e organizou até mesmo um programa radiofônico sobre o Brasil. Entre essas atividades, a mais

interessante parece ser a elaboração da coletânea "Pau Brasil", publicada em Il deserto e dopo (1961), o livro que reúne relatos de viagens nas obras completas do autor. "Pau Brasil" é composto por sete partes, uma para cada poeta (ou tradição) traduzido. Na ordem em que aparecem no livro, são: Oswald de Andrade, Lendas indígenas da Gênese, Canto popular sertanejo, José de Anchieta, Tomás Antônio Gonzaga, Antônio Gonçalves Dias e Mário de Andrade. Essas traduções ganham o status de uma antologia que pretende representar todo um país. O objetivo deste trabalho é, justamente, investigar que imagem do país e, principalmente, da literatura brasileira, transparecem nas traduções de Ungaretti, seja na seleção e organização de textos, seja nas escolhas tradutórias e nos comentários de nota de rodapé. Com as contribuições de Cunha (2003), Fabris (1998) e Wataghin (1998) sobre o tema, é possível perceber que o esforço crítico empreendido por Ungaretti em suas traduções não se limita ao Brasil, mas volta-se para a poesia do próprio autor e para a investigação (e invenção) de suas próprias origens. A tradução, portanto, para Ungaretti, se mostra não apenas uma forma de divulgação de uma literatura estrangeira, mas como forma de convivência, memória, crítica, reflexão e criação.

Traduzindo William Carlos Williams: cortes que abrem novas possibilidades de leitura

Amarílis Lage de Macedo (PUC-Rio)

Resumo A expressão "verso livre" é bastante controversa; não por acaso, dois dos principais poetas normalmente associados a essa categoria a rejeitavam enfaticamente. Refiro-me aos modernistas T. S. Eliot (1888-1965) e William Carlos Williams (1883-1963). Para ambos, a terminologia fazia alusão à ausência de forma, e seus poemas, embora não sigam modelos tradicionais (como o soneto), muitas vezes apresentam estruturas formais bastante claras. Além disso, há outro problema: mesmo quando os elementos formais de um poema em verso livre são identificados, pode-se ter a impressão de que as soluções adotadas variam tanto que é inviável qualquer tentativa de categorização. Tudo isso traz, naturalmente, uma série de questões para o processo tradutório. Que elementos formais estão presentes naquele

poema? Quais priorizar? Nesse trabalho, pretendo abordar os desafios e as soluções que encontrei ao traduzir poemas de William Carlos Williams, cuja obra é caracterizada, entre outros fatores, pelo uso constante de enjambements, ou seja, cortes abruptos ao fim de cada verso. As reflexões de Paulo Henriques Britto, Haroldo de Campos, Charles Hartman e Henri Meschonnic foram cruciais ao longo desse processo. Em Charles Hartman, por exemplo, busco o conceito de contraponto, que mostra como esses cortes promovem um descompasso entre a camada sonora e a camada visual do texto. Desse vão, emergem vários efeitos poéticos. Em alguns casos, o enjambement amplia o caráter polissêmico de uma palavra. Em outros, promove uma ambiguidade na construção sintática. O corte pode, ainda, trazer um efeito de câmera lenta para o poema, contribuindo para o suspense em torno de uma ação, ou resultar em uma mancha gráfica que dialoga com o campo semântico do texto. Ao elencar alguns dos efeitos poéticos gerados pelo enjambement nos poemas de Williams, espero contribuir para que outros tradutores e pesquisadores, diante desses cortes abruptos, também busquem neles novas possibilidades de leitura.

Un étrange affaire: a tradução francesa do conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa

Elvis Borges Machado (UFPA)
André Luiz Moraes Simões (UFPA)

Resumo A presente comunicação é uma breve análise da tradução francesas do conto "A terceira margem do rio", de João Guimarães Rosa, com a intenção de verificar como a versão de Maria José Frias ("Le troisième rive du fleuve"), traduzida em 1962 e publicada na revista Planète, procura recuperar, na língua francesa, a poética da obra rosiana. Diz-nos Mathieu Dosse (2007): "Traduire Guimarães Rosa est un étrange affaire en vérité, bien different de tout autre type de traduction". Isso porque a prosa rosiana envolve dificuldades tradutórias que vão muito além de uma tautologia da palavra. Guimarães Rosa denuncia as aparentes impossibilidades da língua e do pensamento, ao revolucionar sintaxe e semântica, realçando expressões populares, potencializando vocábulos e desracionalizando

a língua portuguesa com particularidades sintáticas. Em razão desse empreendimento rosiano, sobram expressões que ultrapassam a comparação filológica. Vê-se, por exemplo, que a frase de "A terceira margem do rio", "a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos" foi traduzida por Maria José Frias de forma analítica e explicativa: "et si nous cessions parfois, pour un temps, c'était pour y penser de nouveau, comme on s'éveille, parfois, d'un court sommeil" (p. 114). A opção por "de um curto sono" parafraseia o "verso" rosiano e prejudica sua potência subjetiva, que se queria imprecisa, pois revela um sentimento do filho em meio aos "resíduos" de uma lembrança de seu pai que, volta e meia, o atormenta. Logo, esse "despertar" não precisava ser racionalizado com um exemplo, como se quisesse a tradutora restaurar uma linha de raciocínio prejudicada. Nesse contexto de comparação, a obra de Guimarães Rosa permanece estratégica para os estudos tradutórios, pois, ao fugir de um racionalismo da palavra, instiga o tradutor a abandonar a segurança de uma tendência cartesiana da língua para correr o risco do discurso (MESCHONNIC, 1999).

Simpósio 50
Literatura e violência de gênero

Marlise Vaz Bridi (USP)
Nicia Petreceli Zucolo (UFAM)

Resumo A literatura como manifestação cultural elabora representações sobre o posicionamento de um grupo social, uma época, pela voz paradoxalmente singular e coletiva da autoria. As práticas de sujeitos envoltos em situação de opressão e violência, representadas em diversas manifestações culturais, inscrevem-se na construção simbólica dos corpos e da arte como uma materialidade, um corpo. A subjetividade e identidade são afetadas pelas manifestações várias de violência de um sistema patriarcal hegemônico, preso às tradições (em seu sentido negativo), em situações usuais em que as relações se dão a partir das relações de poder e de dominação. Michel Foucault, em seu primeiro volume da *História da sexualidade*, afirma que

> [a] sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2005, p. 100).

Tomemos a fala de Foucault como ponto de partida para entender que a sexualidade transcende questões de gênero e desejo. Entendamos a sexualidade como um mecanismo de controle, uma maneira de educar os corpos, singularizá-los de modo a "desencorpar" o indivíduo, tentando revesti-los de uma igualdade normalizadora, que – ao mesmo tempo em que diz reconhecê-lo individualmente – apaga sua identidade, transferindo-a para o grupo, onde é mais fácil o controle (SCOTT, 2005). Nesse sentido, manifestações culturais, dentre elas a literatura, com obras que problematizam questões de gênero, sexualidade, poder, violência e identidade de modo amplo, são fundamentais como alerta (na falta de outra palavra) para essa situação. Pensar em Stela Manhattan, de Silviano Santiago, Lory Lamb, de Hilda Hilst, Rami e Delfina, de Paulina Chiziane, Fernando Seixas, de José de Alencar, Bento Santiago, de Machado de Assis,

a narradora inominada de *A manta do soldado*, Myra, de Maria Velho da Costa, Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, Constança H, de Maria Teresa Horta, é perceber como o controle é sutil, normatizando comportamentos e criando espaços de exclusão e de violência institucionalizada. O modo como os papéis sociais precisam ser definidos conforme o que é determinado desvela a necessidade de se buscar a resistência pela literatura ou por outras manifestações culturais, como cinema e música, por exemplo. O domínio do cânone pelo discurso hegemônico masculino ainda é uma realidade, entretanto a abertura para discussão em espaços tradicionalmente masculinos, como a academia e a produção literária, possibilita olhares de diferentes ângulos sobre a construção de papéis sociais de homens e mulheres e seus exercícios de sexualidade e identidade. A literatura e a produção de obras que abordem a performance de corpos considerados abjetos, de identidades desviantes, são cruciais para o enfrentamento de um cânone literário que espelha uma sociedade misógina e homofóbica. As diversas transformações nos papéis sociais de gênero e sexualidade historicamente vivenciados pela nossa sociedade são uma realidade, e como tal ecoam na literatura e nas produções artísticas, levantando algumas questões como: será que a representação da mulher e do homem assume aspectos distintos a partir da autoria feminina? Será que a sororidade (entendida como resistência ao patriarcado, tida como relação de união, colaboração, apoio e empoderamento entre mulheres) se faz presente no discurso ficcional de autoria feminina? Será que os escritores pensam as personagens femininas a partir de estereótipos, permitindo às masculinas uma maior mobilidade? A relação corpo-desejo-identidade é problematizada tanto por homens quanto por mulheres? Como e por quem é representada a abjeção e a violência? O poder e a violência são representados igualmente por autores e autoras? O grupo de pesquisa *Relações de gênero, poder e violência em literaturas de língua portuguesa* espera para este simpósio trabalhos que problematizem questões de gênero (do feminino, do homossexual, do queer, das novas masculinidades, do corpo, do abjeto), trabalhos que investiguem as relações de poder e violência, a cisão – ou não – do poder patriarcal na contemporaneidade, tomando como base o texto literário, erudito ou popular, consagrado ou não canônico, ou outras produções culturais, como as advindas do cinema e/ou da música.

"Matres": narrativas do abandono, da dor e da traição em *A paixão segundo Constança H.* e em *Meninas*, de Maria Teresa Horta

Maria Luiza Germano De Souza (UnB)

Resumo Nos contos da primeira parte do livro *Meninas* (2014), há desdobramentos temáticos do livro *A paixão segundo Constança H.* (2010), ambos de Maria Teresa Horta. O tema que atravessa as duas narrativas tem o seguinte mote: o abandono/traição da mãe quando saiu de casa deixando todos para trás: a menina, o pai, as irmãs e a avó. Na impossibilidade de lidar com a saída da mãe de casa, é que Constança H. não conseguirá suportar a traição do marido Henrique H. As batalhas empreendidas para a descoberta e/ou entendimento de si, em Meninas e em A paixão segundo Constança H. passam pelo ontem, a partir do acesso à memória, pois tudo está no passado, no conhecimento de outras mulheres, nos seus corpos e nas violências sofridas pelas heranças do patriarcado: "para me entender hoje tenho de me repensar ontem. Para me entender no presente tenho de compreender o passado." (HORTA, 2010, p. 199). No passado, estão a mãe e os conflitos pelos quais passou por ser mãe e mulher em constructo social que coube somente os homens. A pergunta a ser feita sobre as meninas dos contos de Meninas e a do romance A paixão segundo Constança H. é: quem é a mãe dessas crianças, responsável por deixá-las com marcas tão profundas a ponto de desejarem a sua morte? "Mais valia que ela tivesse morrido" (HORTA, 2010, p. 298; 2014 p. 92); "devia tê-la morto. Devia tê-la afogada no banho" (HORTA, 2014, p. 129). Assim, a proposta do trabalho é examinar de que modo a subjetividade das meninas foi construída com base no entendimento de quem são as mães representadas e do quanto isso é importante para se discutir como as personagens lidam com a traição, o abandono e a rejeição. O corpus teórico basear-se-á em Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado (2009); Laços do desejo (2009), de Marilena Chaui; Microfísica do Poder (1979), de Michel Foucault; Gênero, patriarcado e violência (2015), de Heleieth Saffioti; A memória, a história, o esquecimento, de Paul Ricoeur.

A atração pelo abismo: Marcelina, K e Letícia sob o signo do autoaniquilamento

Manuela Rodrigues Santos (UnB)

Resumo A sociedade pós-moderna caracteriza-se pela consolidação de uma sociedade do desempenho em que o sujeito é colocado o tempo inteiro como único responsável por seu lugar no mundo. Isso o tem levado a uma sensação de esgotamento e de desgaste que ganha proporções gigantescas quando essa sociedade faz promessas de felicidade, tentando nos conduzir a certos objetos que circulam como bens sociais. Buscamos, pois, tais objetos, que ao proporcionarem felicidade, preenchem nosso vazio existencial ao mesmo tempo em que emergem como elementos prioritários em nossas vidas. Mas, como pensar o lugar da mulher nesse contexto? Além de diretamente inserida nessa sociedade do cansaço, ela é marcada pelas promessas de felicidade cujas bases são sustentadas pelo patriarcado, pelo machismo, pela matriz da heterossexualidade compulsória e pela cisgeneridade. Uma série de opressões que atravessam não só os processos de construção e compreensão de si, mas também sua forma de estar no mundo e as lutas empreendidas nesse lugar. Sendo assim, o que acontece com as mulheres que não se sentem felizes diante dos objetos catalogados pela sociedade como veículos de bem-estar ou de felicidade? Partindo desse problema, o presente trabalho se debruça sobre os romances: Dama de paus (2019), de Eliana Cardoso, A inevitável história de Letícia Diniz (2006), de Marcelo Pedreira e o conto Botinas pertencente ao livro Amora (2015), de Natália Borges Polesso, com o objetivo de analisar como o absurdo da existência numa sociedade do desempenho e do cansaço, marcada pelas promessas de felicidade e pelas diversas opressões presentes no universo das mulheres levam Marcelina, K e Letícia a ver o suicídio como mecanismo para aplacar o vazio, o isolamento, a angústia de não se conformar com os objetos que, segundo a sociedade, as fariam felizes. Para tanto, a pesquisa tem como aporte teórico as reflexões de Sara Ahmed, Byung-Chul Han, Guacira Lopes Louro, Judith Butler e Albert Camus.

A figura feminina e a violência contra a mulher em *Garotas Mortas*, de Selva Almada

Patrini Viero Ferreira (UFSM)

Resumo *Garotas Mortas* é um livro de não-ficção, da autora argentina Selva Almada, publicado no Brasil pela primeira vez em 2018, pela editora Todavia. Nele, a autora se debruça sobre três casos de assassinatos ocorridos nos anos 1980 no inteiro argentino e ainda não solucionados. No decorrer do percurso investigativo, episódios de machismo e violência unem-se às experiências da própria narradora no entrelaçamento da trama. Com isso em mente, o objetivo deste estudo é identificar de que maneira a violência de gênero, mais especificamente a violência contra a mulher, é representada dentro da obra, assim como o contexto no qual a narrativa está imersa e as implicações deste conjunto social para a disseminação das agressões. Para alcançar este intento, utilizou-se de análise de trechos selecionados do livro de Almada, associados a teorias propostas por nomes como Heleieth Saffioti, Marilena Chauí, Yves Michaud e Jacques Derrida. Constatou-se, ao final do trabalho, que a violência é uma temática presente ao longo de toda a narrativa de Garotas Mortas, sendo responsável por estruturar as relações de gêneros dentro do contexto do livro.

A fratura da subjetividade em "A vida invisível de Eurídice Gusmão", de Karim Aïnouz, e "Como nossos pais", de Laís Bodanzky

Giseli Cristina Tordin (Yale)

Resumo O cinema brasileiro mais recente tem apresentado uma perspectiva que se opõe à representação da mulher do cinema da Retomada (período que tem como marco inicial o filme de Carla Camurati, "Carlota Joaquina, a princesa do Brazil", de 1995), cuja tendência era a de abordar a mulher como vítima. Nos filmes, "Como nossos pais" (2017), dirigido por Laís Bodanzky, e "A vida invisível de Eurídice Gusmão" (2019), de Karim Aïnouz, adaptado do romance homônimo de Martha Batalha, as personagens femininas não apenas são protagonistas. Ao escapar do processo de vitimização e do lema

da mulher como heroína, desvelam as estratégias de um discurso de poder que historicamente se apropriou da diferença de gêneros para naturalizar um lugar de fala que atribuía a figuras masculinas uma autoridade imanente. No filme de Bodansky, a protagonista é a mulher contemporânea. No de Aïnouz, são as mulheres dos anos de 1940 e 1950 de um já desenvolvido centro urbano do Rio de Janeiro. Enquanto o espectador observa em "A vida invisível de Eurídice Gusmão" as matrizes normativas da ordem patriarcal que limita a vida da mulher influenciando em seu destino, em "Como nossos pais", essas estruturas são menos explícitas de modo que a protagonista observa que a autonomia desejada sobre seu destino lhe escapa. Em ambas histórias há um sofrimento similar. Este trabalho dedica-se a analisar de modo comparado como a linguagem cinematográfica é capaz de mostrar a ontologia deste sofrimento, mal-estar e violência, que pode ser menos visível na clínica psicanalítica ou na literatura, lugares em que supostamente haveria a possibilidade mais evidente de apreensão de sua forma constitutiva e narrativa.

A periferia tem dois gêneros: sexismo e cultura do estupro em *Capão Pecado*

Ariel Oliveira Leite de Souza (FURG)
Giulia Guadagnini Barbosa (FURG)

Resumo O presente ensaio tem como objetivo discutir o sexismo presente no romance *Capão Pecado* (2000), de Ferréz. Para isso, analisamos a construção das personagens femininas, apontando sua redução a um modelo dicotômico de feminidade que as divide entre santas e putas, através da comparação das personagens Dona Maria e Paula, a mãe e a namorada do protagonista, Rael. Dona Maria representa um estereótipo de maternidade, ligada ao sacrifício e a abnegação. É ela quem prepara o almoço do filho, quem o cobre à noite, mesmo que isso signifique ceder o único cobertor que tem para se proteger do frio. Sua personagem só existe em relação à Rael, nada sabemos dela a não ser aquilo que nos é narrado por ele. Já Paula é um corpo, desde a sua primeira aparição no romance ela é descrita pelo desejo sexual que incita no protagonista. Sua voluptuosidade é a principal marca de sua personalidade que, enquanto está a serviço do

prazer de Rael, é bem-vinda. Entretanto, no momento em que sente prazer no exercício dessa sexualidade, há um deslocamento do seu papel enquanto objeto de satisfação masculina, e ela é punida com o estupro. A presença da cultura do estupro é outro elemento que destacamos no romance, para isso comparamos duas cenas de estupro, a fim de ilustrar os ideais patriarcais que regem sua construção. Ao fim dessa discussão, concluímos que, embora o romance de Ferréz se proponha a representar a periferia em suas múltiplas facetas, as mulheres ocupam uma posição marginal dentro dele.

A proscrição dos monstros sociais: as violências sofridas pelos casais lésbicos em *Exílio*, de Lya Luft, e *American Horror Story (Asylum)*, de Ryan Murphy e Brad Falchuk

André Pereira Feitosa (Unifei)
Ronara Cristina Bozi dos Reis (Unifei)

Resumo Os estudiosos do grotesco nas artes e na literatura, como Geoffrey Harpham, Margaret Miles e Ewa Kuryluk, convergem em suas análises que as pessoas são percebidas como monstros quando estas subvertem os princípios de normalidade pré-estabelecidos por suas sociedades. Sob essa óptica, *Exílio*, de Lya Luft, e *American Horror Story (Asylum)*, de Ryan Murphy e Brad Falchuk, apresentam casais lésbicos que, devido a suas orientações sexuais, são relegados à margem do convívio social. A narrativa de Luft apresenta um casal lésbico que se encontra exilado na Casa Vermelha, uma pensão que abriga pessoas que destoam das normas de perfeição ditadas pela sociedade. Referenciadas como a Moça Loura e a Moça Morena, refugiam-se neste local em busca de proteção daqueles que não toleram seres desviantes. Já a segunda temporada de *American Horror Story, Asylum*, apresenta um casal lésbico no qual uma é repórter, Lana Winters, e a outra, Wendy Peyser, é professora. Winters deseja entrevistar o assassino Bloody Face, que ela suspeita estar internado no manicômio católico Briarcliff, localizado ao norte de Massachusetts, no qual, de forma semelhante à Casa Vermelha Luftiana, abriga pessoas indesejadas pela sociedade. Para retaliar o atrevimento da repórter que inevitavelmente irá expor as irregularidades da instituição, como maus-tratos e experimentos científicos ilegais em seus internos,

a diretora da instituição, Irmã Jude Martin, ameaça Peyser tornar pública sua relação homoafetiva, caso ela não assine os documentos de internação compulsória de Winters, vedando, assim, qualquer possibilidade de a repórter divulgar os crimes ocorridos na instituição. Neste estudo comparativo, percebe-se que estas personagens sofrem violências físicas e psicológicas devido a suas orientações sexuais e, por este motivo, são relegadas às margens de suas sociedades como seres desviantes, monstruosos e grotescos.

A representação do trans em *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron

Lilian Greice Dos Santos Ortiz Da Silveira (FURG)

Resumo O presente estudo tem como objetivo analisar a apresentação da personagem trans Cleópatra de *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron. Para tanto, discutir-se-á a forma como as diversas sexualidades são entendidas dentro de uma sociedade ainda pautada pela heteronormatividade e que entende como estáveis as posições ocupadas pelos gêneros. Contudo, esse entendimento pode ser questionado, uma vez que "[...] o gênero é uma identidade tenuemente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos." (BUTLER, 2016, p. 242). Nesse sentido, existe a tentativa da sociedade de impor regras para a expressão da sexualidade, ainda que não seja possível assegurar o apagamento do não-normativo. Sendo assim, podemos afirmar que existe um modelo que acaba suprimindo a possibilidade de pluralidade de expressão de desejos. Conforme Foucault (2018), as identidades sexuais são pautadas pelas relações de poder de uma sociedade. Tal poder influencia no comportamento dos indivíduos e também nos relacionamentos afetivos estabelecidos. Dentro da matriz heterossexual, o trans seria visto como desvio a norma e, por isso, condenável e muitas vezes alvo de violências. Diante disso, interessa pensar como Joca Reiners Terron constrói uma personagem trans em sua literatura e se sua escrita contribui para corroborar estereótipos que circulam socialmente ou os questiona. Ainda em relação a isso, é possível afirmar que a temática trans é pouco abordada dentro da literatura. Portanto, é relevante pontuar o destaque ainda necessário para obras

que apresentem o olhar da sociedade perante uma identidade trans. Assim, interessa pensar como questões de gênero são retratadas na obra selecionada e questionar as violências sofridas pela personagem Cleópatra ao longo do seu processo de reconhecimento identitário.

A sororidade em *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis (2016): uma análise feminista das personagens femininas

Jaísa Girardi Morais (PUC-RS)

Resumo Este trabalho tem por objetivo analisar a relação estabelecida entre duas personagens mulheres Marga e Cirlene, do romance de Valesca de Assis, *A ponta do silêncio* (2016). Ambas as personagens sofrem alguma forma de violência de seus respectivos maridos, sendo que Marga é acusada pela morte de seu marido, Rudy, enquanto que Cirlene não consegue fugir de sua realidade, porém, embora as personagens tenham destinos diferentes há uma conexão entre essas mulheres que nas palavras de bell hooks (2019) pode ser considerada sororidade, uma vez que suas atividades estão fundamentadas no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, mesmo que a seus próprios modos. Com isso, discorre-se sobre o que tem sido propagado sobre sororidade nos movimentos feministas e como a literatura está representando a realidade de mulheres que se compreendem e não mais que se julgam ou que brigam para ficar com um homem ou até mesmo mais bonita que a outra. Para tanto, utilizou-se, além de bell hooks (2019), outras autoras para conceituar o que é o feminismo, bem como o que é a sororidade na prática e na literatura.

A violência presente na ficção histórica *Kindred – laços de sangue* de Octavia Butler

Camile Fernandes Borba (UFPE)

Resumo A literatura funciona, também, como um veículo de discursos e símbolos; no que se refere à construção do que seria a mulher negra, estes discursos tendem a ser negativos. Em *Kindred – laços de*

sangue – Dana, uma mulher negra, contemporânea dos anos de 1970 viaja, involuntariamente, no tempo até uma Maryland do século 19 e, com olhos modernos, vivencia e observa a escravidão. Ao colocar a protagonista no lugar de subalternidade de seus antepassados, a autora norte-americana Octavia Butler propõe a ruptura e redescriação de certo imaginário relativo aos escravizados que ainda reverbera culturalmente. Dana sofre violências chocantes, mas não surpreendentes: seu corpo sintetiza a violência guardada para a mulher negra, no passado e ainda no presente. Quando volta no tempo, a protagonista encarna claramente o corpo que Evaristo (2009) descreve como "só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor" (p. 23)", mas, não só ela. As outras mulheres negras do romance são constantemente vítimas de violência que deixam clara a falta de agência e poder que elas possuem sobre seus corpos; além de serem punidas e trabalharem tanto quanto os homens escravizados, a mulher negra escravizada ainda sofria violências sexuais recorrentes. Os estupros, entretanto, eram menos sobre desejo sexual e mais sobre punição, poder e dominação, Davis (2006) diz: "O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (p.20)". Partindo das ideias de Davis (2006), hooks (2019), Evaristo (2009),entre outros, este trabalho objetiva analisar como a violência de gênero recai sobre as personagens femininas do romance e como isso se relaciona com a ausência de poder da mulher negra na sociedade e na literatura, uma herança do passado que reverbera até o presente.

As cores profundas dos cativeiros sociais

Letícia Mendes Perez Reche (UFRGS)

Resumo Esta apresentação tem como objetivo analisar as personagens femininas da obra As doze cores do vermelho (1998), da autora baiana Helena Parente Cunha, a partir da perspectiva das diferentes violências enfrentadas no universo ficcional do romance, que se apresentam como um modo de performar a sociedade patriarcal brasileira. Para refletir sobre as variadas amarras nas quais encontram-se

essas mulheres imaginárias, que apontam a realidade de tantas outras, será utilizada a categorização dos cativeiros sociais das mulheres, criada pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de Los Ríos em sua obra Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas (2005). Assim, são identificados os espaços de opressão, que supostamente deveriam ser acolhedores às mulheres, como: a casa, a escola, o trabalho; e quem são os maiores algozes, aqueles cujas figuras são estreitamente relacionadas a elas: o pai, os profissionais da escola, o marido, o chefe, entre outros. Por fim, mais uma questão muito relevante é a arte apresentada como uma possibilidade de libertação do domínio masculino, sendo uma manifestação que se repete em outro romance da mesma autora. Este estudo apoia-se no referencial teórico sustentado por Marcela Lagarde y de Los Ríos, Constância Lima Duarte, Linda Nochlin, entre outros.

Clara-Homem e Luzia dos Anjos: uma leitura indisciplinada do assédio sexual na literatura brasileira

Karine Mathias Döll (UFRGS)

Resumo Esta comunicação explorará os conceitos de "defloramento" e "sedução" a partir dos textos de Lima Barreto e Domingos Olímpio, cotejando-os com o discurso jurídico e associando-os à noção contemporânea de assédio sexual. Para tanto, será considerada a reformulação do Código Penal brasileiro de 1890, que trouxe consigo alguns desacordos entre os juristas da época, principalmente no que diz respeito à definição dos crimes contra a honra. Segundo Caulfield (2000), "os conceitos tradicionais sobre honra e moralidade ocuparam um lugar central no novo documento, e a defesa da honra da família ganhou ainda mais destaque" (2000, p. 73). Sabe-se, contudo, que o estabelecimento de atributos tais como "honrado" ou "honesto" revelam formações discursivas forçosamente generificadas. Enquanto "um homem honesto era aquele considerado um bom trabalhador, respeitável e leal" (CAULFIELD, 2000, p. 77), "a mulher virtuosa foi durante séculos a pura, a casta, ou a fiel ao marido, e portanto honrada" (ALGRANTI, 1991, p. 112). À luz desta divergência, o narrador do romance Luzia-Homem afirma sobre a protagonista: "Não era mulher como as outras, (...) para abandonar a família, o lar, a honra, por

um momento de ventura efêmera, escravizando-se ao homem amado" (OLÍMPIO, 1984 [1903], p. 80); ao passo que o desfecho dado ao romance Clara dos Anjos à personagem homônima, desdobra-se da seguinte forma: "A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente..." (BARRETO, 2012 [1904], p. 293). A presente análise consolidar-se-á ainda pela ótica da retórica do estupro (SIELKE, 2002), bem como pelos modos como narrativas de estupro estão encerradas no discurso ficcional do início do século XX, entendendo estas "como qualquer [narrativa] em que uma ameaça sexual é articulada" (CATTY, 1999, p. 23).

Dulcíssima Maria, irmã de Leonor: a via-crúcis de D. Maria de Almeida Portugal em *As Luzes de Leonor*, de Maria Teresa Horta

Elisangela Aneli Ramos de Freitas (USP)

Resumo É notória a imponente presença da luz de D. Leonor de Almeida Portugal, a Marquesa de Alorna, no romance *As Luzes de Leonor* (2011), de Maria Teresa Horta, no qual é protagonista. Além da figura ilustre que foi a Marquesa de Alorna, e pela qual poderia se tornar a heroína dileta de qualquer escritor, Maria Teresa Horta também iluminou, neste romance, a dolorosa vida de sua irmã caçula, Maria. Confinada juntamente com a irmã e sua mãe, Maria permaneceu dezoito anos no Convento de Chelas, suscetível à tirania do Marquês de Pombal e ao duro regime das religiosas do convento. Ao sair de lá, diferentemente de sua irmã que se rebelou contra a vontade do pai de casá-la com D. Brás da Silveira, Maria recebeu, docilmente, a tarefa de se casar com o Conde da Ribeira Grande, nas mãos do qual sofreu até os últimos instantes de sua breve vida, em 1786. Sendo assim, ao ceder à submissão diante da vontade do pai, Maria passou a pertencer ao marido, sob o qual sofria cotidianamente com sua violência, que se julgava, diante do contrato estabelecido e do silêncio anuente de toda a família, autorizado a agredir fisicamente a esposa que lhe foi "dada". No romance, a autora mostra, com um lirismo típico em seus romances, a dor pungente de Maria, trazendo aos seus leitores toda a humilhação e anulação de seu ser através de uma escrita

de extrema sensibilidade e clareza, ao mesmo tempo explicitando o tratamento da normalização da violência contra a mulher. Ao expor a dor de Maria e conduzir os seus leitores no vislumbrar do absurdo, ela também nos recorda, a cada palavra, da atualidade da violência contra a mulher, testemunhada cotidianamente, nesta eterna tentativa (e efetivação) do controle de corpos e desejos, que é, ao fim a ao cabo, a eterna luta pela conservação dos lugares de poder e controle da sociedade.

Intimidade e cidadania em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Valerie Osorio-Restrepo (The University of Texas at Austin)

Resumo A contemporaneidade tem permitido a concepção da intimidade em uma relação muito mais evidente e complexa com a dimensão pública. Nesse contexto atual, proponho uma leitura do romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, a partir da relação entre intimidade e cidadania, perguntando-me como o corpo feminino negro é outro espaço de luta na consideração da representação da sua intimidade. O conteúdo íntimo das introspecções da personagem Ponciá tem uma correspondência com questões sociais: conectam a personagem com a história da escravidão e com uma situação de violência doméstica. De acordo com esta relação entre o privado e o público, afirmo que a representação do mundo interior e afetivo de Ponciá Vicêncio permite inserir a intimidade na dimensão dos direitos humanos, da consideração coletiva, do reclamo: da posse de infraestruturas com as quais o sujeito constrói sua subjetividade. O foco da análise para o desenvolvimento da tese é o tipo de relações que estabelecem os personagens com os espaços onde se movem, com seus próprios corpos e com corpos alheios e com as emoções como evidências do curso da história. O marco teórico sobre o qual proponho a consideração política da intimidade em Ponciá Vicêncio é a teoria dos afetos e os estudos afro-feministas. O ato de representar a intimidade do corpo negro significa pensá-lo como fenômeno social, significa a visualização do seu conteúdo político e da sua relação direta com a obsolescência do termo "cidadania" para nomear os sujeitos negros no século XXI.

Leontina das Dores, uma "bicha" e "bambina", em Macau

Mônica Muniz de Souza Simas (USP)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo analisar a representação da orfandade, na rede que o império português formou, através de um estudo de caso em suas relações com a macrossociologia histórica. Parte-se do romance Os dores, de Henrique de Senna Fernandes obra inacabada e publicada em 2012, no qual a protagonista órfã, Leontina das Dores, enfrenta uma infinidade de obstáculos em seus processos de formação identitária – para interrogar algumas representações dos processos de formação da identidade macaense. A comunicação pretende discutir, principalmente, como os estereótipos utilizados para designar as meninas órfãs em Macau ajudaram a naturalizar a condição subalterna dessas meninas/mulheres na história de Macau. Metodologicamente, na análise literária, o estereótipo será usado como "suplemento", tal qual Joan Scott define este termo em História das mulheres, ou seja, um termo suplementar que pode desestabilizar o discurso oficial e perturbar visões consagradas. Dessa forma, discutir a representação desses seres à margem do poder significa ultrapassar o viés de um novo objeto temático, evidenciando, sobretudo, dificuldades da pesquisa como problemas de abordagem e de fontes.

Luto irrealizável em Rútilo nada, de Hilda Hilst – restos de uma encruzilhada que, no Peloponeso, faz barreira a Tebas

Wallace Byll Pinto Monteiro Jr (UFG)

Resumo A presente proposta de comunicação pretende discutir a violência em *Rútilo nada* e a construção dos personagens masculinos como efeito significante da falência da função paterna, impossibilitando o trabalho de luto. A história começa sendo contada em primeira pessoa pelo personagem Lucius Kod, de 35 anos, que se vê diante da morte do amante Lucas, muito mais jovem, que era também namorado da filha de Lucius. A personagem feminina não tem nome nem falas, sendo apenas mencionada brevemente. Rútilo nada é uma história só de homens – não leva em conta o feminino, a alteridade

ou a diferença; e a violência é a sua marca: a sedução, o estupro, a enganação, o suicídio, em suma, a fantasia de onipotência de sujeitos que se constroem numa masculinidade que sonha com uma coisa apenas e se move na realidade com uma única assunção: a de que seus atos não trarão consequências, ou seja, de que a Lei não existe e que, portanto, não há Pai. Os personagens de Hilst falam, escrevem e vivem a angústia de conflitos que não podem ser resolvidos senão numa arena de perda e luto. É na dissolução, derrelição, que um porvir poderia se apresentar. *Rútilo nada,* no entanto, já começa avisando, no seu caso específico, da ineficácia da palavra. Em Hamlet por Lacan, o psicanalista diz: "o objeto é reconquistado ao preço do luto e da morte" (LACAN, 1986, p. 64). O que é que possibilita, segundo a psicanálise, a incorporação do objeto como ato (e a isso dando o nome de luto), e que está interdito a Lucius Kod, para além do momento da morte do amado? A violência que enreda os fatos narrados está menos nos fatos em si do que em sua causação significante, sua rede simbólica, que aponta uma série de homens,cujo maior representante é o pai de Lucius, que negam a castração. Como no mito grego que envolve Laio, Pélops e Crísipo, a estruturação do masculino diante da ética está em jogo e a negação da perda e da parcialidade do sujeito se traduz em violência e onipotência.

Representações de violência contra a mulher no romance "Meu marido", de Lívia Garcia-Roza

Aline Teixeira da Silva Lima (UnB)

Resumo Este estudo problematiza a representação da violência doméstica contra a mulher na literatura contemporânea. De acordo com Denise Jodelet (2001), a cultura é a categoria que proporciona a matéria-prima para a construção das representações e é, também, a cultura que constitui o espaço onde circulam as representações sociais, consequentemente, as produções literárias representam o tema aqui em consideração, estimuladas pelos valores e ações violentas contra a mulher encontrados na ordem social. Independentemente da sua roupagem, a violência de gênero expõe o desequilíbrio social da sociedade, demonstrando a relação de poder e de dominação do homem e de submissão da mulher. Esses papéis impostos de maneira

tão arbitrária a ambos os sexos são consolidados ao longo da história e reforçados pela ideologia, como atenta Pierre Bourdieu (2016), ao afirmar que as relações de gênero são, na verdade, relações de poder. Dessa forma, analisar-se-á o romance Meu marido (2006), da escritora brasileira Livia Garcia-Roza, com o objetivo de refletirmos a respeito das manifestações de violência contra a protagonista em razão de seu gênero. Além disso, observar-se-á como a escritora retrata a violência doméstica em sua produção e se, ao abordar essa temática, instiga questionamentos e ponderações sobre estruturas de dominação, as quais ainda vigoram na sociedade atual, e que, geralmente, legitimam uma naturalização da violência contra a mulher.

Repressão e resistência: As figurações da cidade em 'E se eu fosse puta', de Amara Moira - considerações finais de pesquisa

Leandro Souza Borges Silva (UESC)

Resumo A presente discussão tem como objetivo problematizar a narrativa de Amara Moira por meio dos enfoques concernentes aos estudos de gênero, notabilizando a discussão proposta por Judith Butler (2003), Guacira Lopes Louro (2004) e Berenice Bento (2006). O propósito é analisar de que maneira o espaço urbano é representado em 'E se eu fosse puta' (2016), narrativa de cunho autobiográfico escrito por Moira. Além disso, ao intentar articular preceitos acerca de escritas de si e cidade, são mobilizados conceitos apropriados à análise do corpus literário em questão. Nesse sentido, ao fundamentar-se em pesquisa bibliográfica, são abordadas também as postulações de Espaço Biográfico, de Leonor Arfuch (2010), e Espaço Urbano, discutida por Renato Cordeiro Gomes (1999) e Sandra Jatahy Pesavento (2002), que compreende a apropriação da urbe como prática articulatória de signos, na qual identidades sociais culturalmente construídas encontram-se em constante processo de significação. Assim, considera-se pertinente destacar perspectivas a contrapelo, problematizando, por meio da abordagem literária, a democratização dos espaços e o diálogo com alteridades sexualmente dissidentes. Como resultado, constata-se que o espaço urbano, ao se estabelecer como lugar do conflito e da repressão às sexualidades subalternizadas, também se efetua como espaço de resistência e legitimação identitária.

Simpósio 51
Literatura em tradução e adaptação: perspectivas contemporâneas

Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)
Lauro Maia Amorim (UNESP)
John Milton (USP)

Resumo As relações entre literatura, tradução e adaptação permanecem há anos como tema relevante no âmbito da pesquisa acadêmica mundial. Isso acontece porque muitas obras literárias revelam um universo de possibilidades e questões linguísticas, estilísticas, filosóficas, culturais, políticas, semióticas, sociais, políticas e etc. que se tornam visíveis aos olhos dos tradutores e de pesquisadores ligados aos Estudos de Tradução e de Adaptação, com foco em literatura. Assim, percebemos na literatura traduzida e também na adaptada uma fonte inesgotável de temas para pesquisas baseadas nessas situações e que interessam a este simpósio. A publicação de obras acadêmicas recentes sobre literatura traduzida e adaptada reforça essa tese, conforme exemplificaremos a seguir. Trataremos primeiramente da tradução literária, citando o trabalho de Chantal Wright (2016) sobre o contexto que envolve esse tema, passando por questões ideológicas que determinam as obras que serão publicadas, até as formas de leitura de um texto literário traduzido. Nesse sentido, a tradução poderá ser condicionada por aspectos que se materializam nos valores simbólicos que obras e autores traduzidos podem assumir no mercado editorial. Vale ressaltar a importância de distinções como as que o sociólogo Pierre Bourdieu (2001) faz entre o campo de produção cultural restrito, em que se traduzem obras literárias canônicas e prestigiadas, com alto capital simbólico, e o campo de produção cultural de larga escala, em que se comercializam os *best-sellers* ficcionais de entretenimento, geralmente com reduzido capital simbólico/literário. Aventa-se a hipótese de que seriam dois domínios com caracterizações possivelmente diferentes para o tratamento, nas traduções, da representação da **variação linguística** e de **marcas de oralidade**. No entanto, na atualidade, já se discute (SWIRSKI & VANHANEN, 2017), ao lado de categorias culturais hierárquicas, como *highbrow* e *lowbrow*, a emergência de uma nova categoria, o chamado *nobrow*, combinando sucesso comercial e de público com alguma forma de

prestígio literário. Teriam essas diferentes categorias alguma influência na textualidade tradutória, incluindo a variação linguística? Prosseguimos: fatores políticos também influenciam as traduções literárias, conforme pode ser percebido na interessante pesquisa de Natalia Kamovnikova (2019) sobre a experiência de alguns tradutores em plena União Soviética no contexto da Guerra Fria. Aliás, muitas pesquisas no escopo da tradução literária são baseadas em relatos de tradutores sobre suas experiências de tradução: análise de prefácios das obras traduzidas e de entrevistas, produzindo resultados relevantes para os Estudos de Tradução. O diálogo entre os Estudos de Tradução e outras áreas do conhecimento é outro ponto que merece destaque, uma vez que se apresenta como tendência na contemporaneidade, vide obra de Clive Scott (2018) em que o autor tenta estabelecer uma filosofia da tradução a partir de suas reflexões sobre o ofício do tradutor literário sob nova abordagem. Também nos chama atenção o trabalho de Roy Youdale (2020), que relaciona a linguística de corpus com a estilística dos textos literários traduzidos. Neste simpósio trataremos ainda da literatura adaptada, citando o estudo mais recente de Edwin Gentzler (2017) em que o autor resgata o conceito de **reescrita** de Lefevere (1992) e o equipara ao de adaptação para tratar de releituras de obras literárias em tradução no contexto da atualidade e em diversos países e línguas. Inicialmente trabalha com a ideia de adaptação de Laurence Raw (2012) no contexto das literaturas traduzidas, o que nos remete aos Estudos da Tradução. Raw percebe certo nível de reescrita nas traduções literárias como algo intrínseco e sugere que os tradutores literários não temam adaptar textos literários em um novo contexto onde isso se faça necessário. Assim, destaca traduções literárias que sofreram adaptações e diz que os processos de reescrita e de adaptação ajudam a quebrar barreiras linguísticas e culturais. Em seguida, Gentzler retoma o conceito de **adaptação** de Linda Hutcheon (2006), uma das precursoras na tentativa de teorizar a respeito de reescritas derivadas de obras literárias e uma das pesquisadoras responsáveis pela consolidação e reconhecimento dos Estudos de Adaptação. Vale ressaltar que Hutcheon estuda a adaptação como produto (obras artísticas adaptadas de obras literárias em formatos diversos) e também como processo, já que diversos fatores, abordagens e profissionais influenciam a adaptação de uma obra literária. Em uma adaptação fílmica, por exemplo, diretor, roteirista, atores, iluminadores e figurinistas (dentre outros) atuam como

adaptadores na criação da obra adaptada. Nesse contexto, Gentzler diz que os estudos de Hutcheon apontam para uma abertura dessa pesquisadora aos processos criativos e colaborativos que envolvem a reescrita e a adaptação de obras literárias. Enfim, este simpósio se apresenta como um espaço de discussão sobre temas relacionados à tradução literária em contextos variados e também à adaptação de obras literárias para os formatos mais diversos. Assim, serão recebidos recortes de pesquisas que envolvam obras literárias em tradução e adaptação e que, de alguma forma, dialoguem com a atualidade.

A tradução da obra *Água Viva* (1973) para o inglês: aspectos ideológicos da literatura clariceana no exterior

Yasmin Maria Macedo Torres Galindo (UFPE)

Resumo Esta pesquisa traz uma investigação acerca da imagem de Clarice Lispector enquanto escritora no exterior, tomando como ponto de partida a obra *Água Viva* (1973) e suas duas traduções para o inglês: *The Stream of Life* (1989), traduzida por Earl Fitz e Elizabeth Lowe e prefaciada por Hélène Cixous; e *Água Viva* (2012), traduzida por Estefan Tobler e prefaciada e editada por Benjamin Moser. Assim, construímos paralelos que distinguem essas duas imagens sobre a escrita de Clarice Lispector construídas em países de língua inglesa, sendo a primeira criada pela filósofa Cixous e a segunda pelo biógrafo Moser. Também analisamos a questão da inserção de *Água Viva* em novos sistemas literários e os ecos relacionados à recepção e repercussão desses movimentos no Brasil. Trabalhamos com o conceito de engajamento (engagement) de tradutores de Maria Tymoczko (2000) em uma tentativa de compreender os partidarismos envolvidos nesse processo. As ideologias dos tradutores e editores desta obra constroem imagens distintas da literatura clariceana e revelam movimentos atrelados ao poder. As primeiras conclusões apontam para um movimento de engajamento político inerente às figuras de Clarice Lispector tanto por Hélène Cixous quanto por Benjamin Moser, que servem aos projetos ideológicos de suas respectivas correntes e guiam as duas traduções. A primeira imagem de Clarice por Cixous é de uma escritora notadamente feminista. Já para Moser, Clarice precisa ser compreendida como uma estrangeira. De toda forma, Clarice Lispector

segue sendo apresentada no exterior como escritora por tradutores e editores que parecem negligenciar o trabalho de críticos brasileiros como Benedito Nunes (1976) e Nádia Gotlib (2013) sobre a escrita clariceana. Esses pesquisadores falam da linguagem híbrida presente na literatura de Lispector, não só nos sentidos que evoca, mas nas quebras estruturais, como ocorre em *Água Viva*. Essa ideia se opõe aos posicionamentos de Cixous e Moser.

Adaptação fílmica da novela *La ciudad y los perros* do escritor Mario Vargas Llosa

Rocio Del Carmen Celis Lozano (UnB)

Resumo O presente trabalho intitulado Adaptação fílmica da novela *La ciudad y los perros* do escritor Mario Vargas Llosa trata da análise da adaptação de uma novela hispano-americana que foi escrita nos inícios da década de sessenta pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa. A obra foi levada à sétima arte somente em 1985 conservando o mesmo nome. O trabalho tem como objetivo fazer uma analise comparativa desta adaptação, mostrando a cronologia e adaptação fílmica, linear, que fizeram da novela. Na base teórica para fundamentar sobre a literatura e o boom hispano-americano da qual pertence a novela temos os autores: Cedomil Goic (1972), Donald Shaw (1999), René Jara e Fernando Moreno (1972). Fizeram parte da base teórica também os autores peruanos Sergio Vilela e Luis Alberto Sánchez. O estudo minucioso do pesquisador Sergio Vilela no livro *El cadete Vargas Llosa* (2011) ajudou a encontrarmos o motivo pelo qual Vargas Llosa narra vivencias das personagens, adolescentes alunos do Colégio Militar Leoncio Prado, este espaço literário no filme chama-se Colégio Militar de Lima. Vilela investiga com os próprios colegas de turma do escritor para conhecer as aproximações das personagens com as historias que os alunos passaram no colégio militar. O autor Luis Alberto Sánchez no livro: *El Perú: retrato de um país adolescente* (1983) nos iluminou sobre a época em que se passa a novela, no momento estavam sob um governo militar. Os principais personagens da obra são os alunos de ensino médio internos em um Colégio Militar, narrando suas vivencias, travessuras, os severos castigos militares e o sofrimento com o abuso de poder. A adaptação fílmica da

novela ocorre com uma narração cronológica retirando trechos da imaginação e das recordações das personagens.

Adaptação, tradução e apropriação antropofágica: novas politizações de Shakespeare

Renato Gonçalves Lopes (PUC-Campinas)

Resumo Shakespeare, ainda colocado na centralidade do cânone da literatura ocidental, é importante fonte de adaptações, traduções e, mais radicalmente, de um processo antropofágico de apropriação – a apoderação consciente de conteúdo por interesses sociais, materiais e culturais, assim particularizados nas novas conjunturas da margem do capital. Diferenciando-a da adaptação, tal atitude (tradutória e de apropriação) busca um produto, da leitura, em renovadas tensões decoloniais. Em um momento presente que tende à restrição a alternativas políticas e culturais, é com sentidos extraídos do cânone que se poderão igualmente construir diálogos com o leitor-espectador apassivado por usos e sentidos tradicionais de discursos literários, passivo ante retrocessos e o avanço reacionário da sociedade. Sob tal perspectiva, apropriações são inevitáveis tanto quanto a diversidade de contextos, com o que também se conseguem radicalidades ressaltadas, atualizadas por tradutores, escritores, leitores e espectadores, que articulam texto e sociedade, criam e tomam significados para si. Assim, propõe-se uma reflexão sobre apropriação antropofágica do texto shakespeariano, um texto de reverência, como um acesso renovado a um bem cultural em contextos contemporâneos, de censura e opressão. Para tanto, se verificarão algumas (das poucas) traduções brasileiras de As You Like It (encenação provável no início do século XVII), como as tão diferentes entre si, mas bem estabelecidas: a tradução acessível no meio livreiro, Como Gostais, de Beatriz Viégas-Faria (editora L&PM, 2009), e a já tradicional de Barbara Heliodora, Como quiserem (editora Nova Aguilar, 2009), para, enfim, indicar como parte de um projeto novas práticas para essa comédia shakespeariana. Ao termos o texto As You Like It traduzido, apropriado e exposto em cenário como o brasileiro, novos significados políticos são negociados e articulados por "antropófagos da bardolatria", à parte das adaptações convencionais, mantenedoras da

seleção e exclusão de possíveis consumidores de literatura e teatro. Um diálogo esperado da recriação do texto, nunca mais um original.

O alienista em *graphic novel*: uma tradução fidedigna da experiência do texto original?

Jeferson de Moraes Jacques (PUC-RS)

Resumo O termo *graphic novel*, utilizado para diferenciar histórias em quadrinhos com temáticas adultas das demais encontradas nas bancas, foi popularizado por Will Eisner na década de 1970, e hoje possui certo prestígio. O ministério da Educação, desde 2006, incorporou as adaptações de textos literários para o formato graphic novel em seus editais para seleção de obras a serem distribuídas nas escolas. Porém, não há garantias de que uma adaptação obterá êxito ao traduzir para sua própria linguagem determinados efeitos próprios Do texto literário. O objetivo desta comunicação é apresentar resultados da análise da adaptação de O alienista, de Machado de Assis, para o formato *graphic novel*, por Fábio Moon e Gabriel Bá, e distribuída nas escolas em âmbito nacional, e verificar, com base em Linda Hutcheon (2013), o quanto esta obra consegue preservar da experiência de leitura do texto original, mesmo com as necessárias modificações da adaptação.

Reflexões sobre a posição da tradução no polissistema de Tolkien

Isabella Aparecida Nogueira Leite (UFJF)

Resumo A presente comunicação faz parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em estudos literários, e tem o intuito de problematizar a questão do texto-fonte versus texto-alvo nas obras de J.R.R. Tolkien a partir de dois eixos fundamentais: a postura do autor/tradutor e o polissistema de suas obras. Primeiramente, temos o fato de que Tolkien era tradutor e se tornou um autor amplamente traduzido. Dessa forma, ele buscou influenciar o processo de reescrita de seus livros, com diretrizes e recomendações. Desta realidade, surge o questionamento da análise do texto-fonte por parte do tradutor.

Seriam os tradutores contemporâneos de Tolkien mais propensos a ignorarem as sistematizações do autor, ou manteriam a proposta inicial, por reverência profissional e apreço ao autor? A segunda questão surge do amplo sistema (Even-Zohar, 2010) formado pelas obras adaptadas. Após traduções intersemióticas para o cinema, teatro e jogos, ainda seria possível localizar os romances como textos-fonte das traduções contemporâneas? Para respondermos tais questionamentos, lidaremos, ainda, com os conceitos de tradução, manipulação e reescrita de André Lefevere (1992).

Simpósio 52
Literatura infantil/juvenil: teorias e práticas em diálogos

Beatriz dos Santos Feres (UFF)
Regina Michelli (UERJ)

Resumo A Literatura Infantil/Juvenil vem conquistando espaços em diferentes âmbitos, especialmente o acadêmico, o que lhe garante visibilidade em meio a pesquisas ligadas a teorias e práticas de diferentes saberes e atuações. A obra literária passível de ser lida por e para crianças e por jovens é alvo de estudos em vários campos do saber, como Letras, Pedagogia, Psicologia, Psicanálise, Comunicação e Cinema, Artes Visuais, por exemplo. Nas áreas de Letras, há pesquisas no âmbito da literatura e suas teorias, da linguística e da análise do discurso, da referenciação verbo-visual, dentre outras abordagens. O texto literário potencialmente destinado a crianças e jovens articula múltiplas linguagens imagéticas, verbais e não verbais, que permeiam a literária e seus recursos poéticos, linguísticos, semióticos, abarcando diferentes gêneros literários a artísticos, como a poesia, a narrativa, o teatro, o livro de imagens, as ilustrações e o design, a história em quadrinhos, a animação, a narrativa ficcional cinematográfica, além da apropriação da narrativa literária por outras mídias, como os livros digitais, e a hipermídia. Sob este aspecto, a Literatura Infantil/Juvenil caracteriza-se como um campo de estudos apto a ser visitado por olhares interdisciplinares e multissemióticos, amplamente comparatistas, por aglutinar textos em diferentes linguagens e teorias de diversas ciências, ligadas a pesquisas no âmbito teórico e prático, destacando-se ainda perspectivas relacionadas a produção, à circulação das obras, à mediação e recepção. O olhar que se volta para essa literatura pode abranger questões relacionadas à autoria e à editoração, envolvendo o diálogo entre texto, ilustração e design do livro, emergindo produções em que se verifica a composição artística de qualidade ímpar. Relativizando a noção do público leitor, há pesquisas em torno do endereçamento, observando especificidades relativas a textos originalmente direcionados a adultos e que passam a ser produzidos para crianças e jovens, a partir de novos projetos gráficos. A circulação das obras, até chegar a seu público leitor, assinala ainda uma gama de interrelações que envolve, principalmente,

a família, a escola, a biblioteca, o mercado editorial. Por outro lado, a recepção de alguns textos vem instaurando polêmicas nas mídias sociais, com mensagens que tentam consolidar uma leitura unívoca, por vezes superficial, execrando obras cujo valor literário e possibilidade de contribuir para a formação emancipadora de seus leitores estão consagrados na crítica e, por vezes, no tempo. Outro aspecto a se considerar, consoante as teorias do século XX e início deste milênio, diz respeito ao atravessamento dos textos literários por outras produções que lhe são anteriores, estabelecendo uma trama intertextual dialógica e polifônica. Nesse sentido, avulta a apropriação de narrativas literárias da tradição, ou mesmo consideradas como integrantes do cânone, e o processo de adaptação/recriação que as envolve nesse diálogo intertextual, gerador de novas obras literárias, impressas ou publicadas em outras linguagens e mídias. As releituras por vezes reelaboram estereótipos e representações sociais, como as teorias do revisionismo, bem como estratégias discursivas e hipermidiáticas que exigem novas habilidades e competências dos leitores. Como asseguram Graça Paulino, Ivete Walty e Maria Zilda Cury, a construção das redes de sentido de cada texto "se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário. Este último é um interlocutor ativo no processo e significação, na medida em que participa do jogo intertextual tanto quanto o autor" (1995, p.15). Além disso, temáticas fraturantes contemporâneas, anteriormente consideradas tabus, colocam a nu as feridas da sociedade urbana atual. Analisando as *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude,* Ana Margarida Ramos destaca, além da reescrita da tradição oral com a reinvenção do maravilhoso e a valorização dos afetos e dos universos familiares e cotidianos, a inserção de questões como "os problemas ambientais e a ecologia, o multiculturalismo e a interculturalidade, o racismo e a xenofobia [...], a guerra e a violência, o sofrimento e a morte ou a sexualidade, episódios históricos controversos e questões políticas." (2012, p.34). Considerando ainda que vários fatores sócio-histórico-culturais propiciam mudanças na natureza dos próprios textos, nas temáticas abordadas, nas concepções teóricas que se voltam para esses textos da tradição ou contemporâneos, nas propostas de ensino e, em decorrência, nas práticas pedagógicas para sua difusão e mediação em diferentes espaços, este simpósio acolhe propostas que objetivem contribuir para os estudos da Literatura potencialmente produzida para crianças e jovens, em perspectiva dialógica

com outros saberes e artes, incluindo-se as variadas representações de leitores e de práticas de leitura literária, de forma a propiciar um debate fecundo entre seus participantes.

"Nossos lábios se encontraram": o que as cenas de beijo revelam nas distopias juvenis

Cássia Farias Oliveira dos Santos (UFF)

Resumo Distopias podem ser entendidas como sociedades ficcionais que devem ser percebidas por seus leitores contemporâneos como sendo consideravelmente piores do que a sociedade em que ele vive (SARGENT, 1994). É recorrente, na construção desses mundos, o uso de recursos comuns a outros gêneros. No que diz respeito especificamente às distopias juvenis, chama atenção a convergência de convenções do romance romântico (romance, em inglês), uma tendência comumente atribuída a questões mercadológicas (BUGGY, 2015). A presença dessas convenções, em especial a do triângulo amoroso, são motivo de crítica quando vistas como elemento que ofusca temáticas mais sérias contidas nas obras. Em muitas das obras, porém, a questão do romance se encontra imbricada com as dinâmicas de funcionamento da sociedade distópica. A presente comunicação pretende trabalhar essa relação usando as séries Jogos Vorazes (2008-2010) de Suzanne Collins, a série Starters (2012), de Lisa Price e a trilogia original da série Feios (2005-2006) de Scott Westerfeld. Para tal, parte-se de um elemento importante para toda narrativa de amor: as cenas de beijos. Tais cenas tendem a indicar momentos importantes, sendo inclusive pontos de mudança para a narrativa, estimulando ou representando uma guinada do conformismo em direção à resistência. Ainda é possível observar que também apontam para o papel central que o sentimento tem nessas obras, bem como para alguns valores que parecem ser reforçados pelas narrativas.

A brétema: a literatura infantil galega e a luta contra o apagamento cultural

Thayane Gaspar Jorge (UFRJ)

Resumo A fundadora da literatura infantil e juvenil na Galícia, María Victoria Moreno, reflete a cerca dos debates sobre língua e resistência cultural na qual a literatura galega direcionada para crianças está inserida em A bretéma (1985). Neste conto, destacam-se dois elementos relevantes da cultura galega: a brétema e a figura da velha. A brétema, fenômeno meteorológico característico na região da Galícia, assume o papel identitário desta comunidade na qual a paisagem é protagonista na sua história e construção imagética. A velha, figura tomada pelos nacionalistas do século XX, é transformada numa metáfora para representar a Galícia explorada, silenciada e marginalizada desde o seu declínio no fim do Reino da Gallaecia, momento a partir do qual o galego-português, uma vez língua da nobreza, passa séculos confinado no ambiente doméstico e luta, desde o século XIX, pela sua sobrevivência, manutenção e redignificação. A velha, imagem evocada pelo autor expoente do nacionalismo irlandês, William Butler Yeats, em Catlheen Ni Houlihan (1902), é manipulada pelos galegos para descrever a realidade de uma Galícia assolada pelo colonialismo interno imposto pelo centralismo espanhol, representado por Castela. Esta personagem arquetípica está presente em muitos contos destinados ao público infantil e juvenil, e na literatura para crianças na Galícia esta figura assume características que rememoram o movimento nacionalista galego, que muito deve ao modelo e à inspiração do movimento Celtic Revival irlandês. Nesta obra em questão, levanta-se o debate sobre um possível apagamento identitário, cultural, histórico e lingüístico simbolizado pela brétema e o papel fulcral desempenhado pela literatura infantil e juvenil, personificada pela velha, único instrumento capaz de garantir e certificar a manutenção de uma língua minoritária cujo futuro encontra-se ameaçado.

A colcha de João como um espaço transicional: um estudo de João por um fio

Luciana Borges Conti Tavares (PUC-Rio)

Resumo Esse trabalho se propõe a atravessar a narrativa do livro-ilustrado João por um fio, do autor e ilustrador brasileiro Roger Mello, promovendo um diálogo com os conceitos de objeto e campo transicional do psicanalista Donald W. Winnicott. João é um menino que brinca com o sono e sonha, mas poderia ser também uma criança que está a iniciar-se no mundo, experimentando na linguagem vazios e novas possibilidades para reconhecer e nomear as coisas que o cercam. Uma experimentação visível na dupla natureza da palavra, presente tanto no texto, com o significado, quanto na ilustração, com a mancha gráfica. As ilustrações do livro são compostas, muitas vezes, de um ajuntamento de imagens e de palavras que faz lembrar poemas concretos, jogos de caça palavras e palavras cruzadas. Palavra e o desenho se misturam no sonho de João, no seu despertar e nas páginas do livro como se não houvesse fronteira entre palavra e imagem, como se elas fossem um único corpo, como sendo ambas fruto do pensamento do protagonista da narrativa. Um pensamento que se constitui no intervalo criado entre João e sua colcha. Um intervalo que dilui a ansiedade do menino na magia da brincadeira. João brinca para dormir e, nesse campo intermediário, sonha e experimenta o mundo de forma mágica. Nele atravessa um território movente, composto por cordilheiras, vales, oceanos, lagos, rios que se movem em seu sonho. Um território que, na obra de Roger Mello, é ampliado tanto geograficamente, quanto culturalmente.

A língua que a paixão fala: estilística do amor na literatura infantil

Samira dos Santos Ramos (IFMT)

Resumo O amor na literatura infantil, para além da abordagem direta enquanto tema, representa na trama do texto para crianças o motivo, o desvio, a dissidência e a transcendência no encadeamento da narrativa. No entanto, essas figuras do enamorado (BARTHES,

2018) que transparecem no discurso amoroso se destacam através do reconhecimento consequente de sua delimitação e de sua qualidade memorável, adquiridas através das leituras, escutas e vivências dos leitores mais experientes. Se cabe às produções culturais fundarem o amor enquanto código linguístico (LUHMANN, 1991), e a produção para criança é um primeiro contato com esses códigos, é de nosso interesse compreender como ocorre na literatura infantil o diálogo entre as crianças-leitoras e o código amor-paixão, já que este é dependente de um sistema sofisticado de linguagem para delimitar suas figuras no texto. Neste trabalho, através da análise estilística, propomo-nos a compreender a que ponto as figuras do enamorado e as indeterminações do texto (HUNT, 2010) convertem para a superficialidade da linguagem, assumindo o comando da narrativa, controlando o pensamento e resultando em clichês, bem como se é possível que um texto para crianças se afaste destas restrições simplificadoras ao codificar o amor na literatura.

Configurações dos monstros na obra infantil de Madame Chrysanthéme

Alexandre de Castro Gomes (UERJ)

Resumo Desde o início dos tempos, os homens contam histórias uns para os outros. Algumas eram contadas para passar o tempo. Outras, para alertar sobre perigos. Quanto mais poderoso era o inimigo, maior o feito. Assim derrotaram lobos, ursos, animais selvagens de toda espécie, exércitos inimigos, demônios e monstros. São estes últimos que eu pretendo abordar aqui. Este trabalho propõe a análise do uso dos monstros na obra, direcionada ao público infantil, de Madame Chrysanthéme, pseudônimo da autora Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. Em Contos para crianças (1906), há duas histórias que apresentam os dois primeiros monstros criados para a infância brasileira: o príncipe dragão e o Urubucaru. A capa desse livro traz ainda uma enorme serpente cuspidora de fogo ilustrada por Julião Machado. O livro fazia parte de uma coleção infantil e era o único com capa diferenciada. As histórias contadas por Cecilia Vasconcelos tinham fortes influências européia e religiosa. Muitas giravam em torno de reis e princesas, algumas facilmente identificadas

com contos de fadas clássicos. Este artigo tem como objetivo analisar os diferentes papéis que tais monstros desempenharam na literatura infantil brasileira do início do século XX, na obra em pauta. A aparência desses seres é determinante para que sejam considerados na pesquisa. A proposta é analisar o monstro que causa repulsa e terror essencialmente pela forma e, em paralelo, pelo conteúdo, ou nível de maldade. Seriam as configurações dos monstros na literatura infantil brasileira do início do século passado um reflexo do momento social em que vivíamos? Entre os pesquisadores que darão sustentação para a abordagem dos monstros no artigo, estão Nelly Novaes Coelho, Bruno Bettelheim, Claude Kappler, Júlio Jeha e Jean Cohen.

Contos de fadas feministas: uma análise das princesas dos estúdios Disney ao longo dos anos

Bruna Vieira Dorneles (UFRGS)

Resumo Este trabalho é uma análise das princesas das animações dos estúdios Disney em relação às mudanças ocorridas nos papéis das protagonistas ao longo do tempo. A hipótese da pesquisa considera que, com o advento das teorias feministas, há uma nova concepção social do que é ser mulher, o que se refletiu na produção dos longas-metragens aqui analisados. Para a análise, as personagens foram divididas em três grupos, os quais consideram o contexto de produção das obras e o desfecho dos enredos. São eles: princesas que são salvas por príncipes (1937-1959), princesas que saem de casa e buscam a resolução de um conflito com a ajuda de um príncipe (1989-2009) e princesas que resolvem o conflito sem a ajuda da figura masculina (2012-2020). Portanto, o estudo buscou caracterizar as personagens do corpus de acordo com as ondas do feminismo e seus reflexos na mudança do papel da mulher na sociedade – como o ingresso no mercado de trabalho e a desconstrução da obrigatoriedade do casamento. Desse modo, considera-se que o protagonismo da figura feminina está presente desde a primeira princesa dos estúdios Disney, em 1937, com "Branca de Neve e os Sete Anões". Porém, no último longa-metragem lançado até o momento, "Frozen 2", é possível perceber que as pautas feministas estão, cada vez mais, sendo consideradas para o desfecho das narrativas.

Do "era uma vez" ao "não é não": imaginários e educação sexual

Vívian Lúcia Xavier Pereira (UFF)
Roberta Viegas Noronha (UFF)

Resumo Esta investigação se debruça sobre a imortal história da Chapeuzinho Vermelho. O clássico conto de fadas, amplamente difundido pelos Irmãos Grimm, é protagonizado por uma menina ingênua que usa um capuz vermelho. Ao sair de casa para visitar a avó, desobedece a mãe e é seduzida por um lobo encontrado na floresta. O conto, que pode ser rastreado em inúmeros países e diferentes culturas, com variadas adaptações, releituras, admissões de intertextualidades, mantém, contudo, a moral da história cristalizada: alertar, especialmente, crianças e adolescentes do gênero feminino para ficarem mais atentas diante de estranhos. A metáfora do lobo mostra que docilidade, generosidade e sutileza são as principais máscaras utilizadas, inicialmente, na prática do assédio, sobretudo, na infância. O "lobo" é cortês, educado, não rosna e não assusta, todavia, é uma das criaturas mais perigosas da floresta. Objetiva-se mostrar mais uma forma de representar o conto nas práticas pedagógicas. O recorte da pesquisa é um texto verbo-visual, em que a personagem encara o possível perigo. Considerando que textos verbo-visuais podem explorar temáticas sociais e (re)produzir imaginários e estereótipos, analisaremos a atitude da "presa" ao reagir aos ataques do "predador" utilizando a frase "não é não". Essa tautologia nasce no carnaval do ano de 2018, a partir de importunações geradas por homens sobre os corpos de mulheres. Busca-se, aqui, a partir dos estudos de estereótipos (LYSARDO-DIAS, 2007; FERRÉS, 1998), das representações sociais (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001) e dos imaginários sociodiscursivos, ancorados na Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso, postulada por Patrick Charaudeau (2008; 2013), associar a literatura infantil/juvenil ao ensino de educação sexual, através do levante de vozes femininas, em busca da diminuição dos índices de feminicídios.

Não se assuste: um olhar para a experiência de leitura em um livro infantil de poesia e ilustrações

Sabrine Amalia Antunes Schneider (UPF)

Resumo Ao refletir sobre as formas de abordagem ao mediar a leitura, nos toca estabelecer ideais antes considerados por teóricos ao apresentar um livro para uma criança. Pensando em caracterizar as formas que podem efetivar-se durante a mediação de leitura, surgiu-se a ideia de utilizar um livro que, apesar da profundidade do tema, trata com a poesia e os traços desenhistas um tanto quanto infantis e brutos os medos que podem fundar o imaginário infantil a ponto de transformar os temores em angústias mais profundas. Ao tratar a temática com leveza e utilizar como embasamento os teóricos Michelle Pétit, Jorge Larrosa, além de considerações acerca dos estudos bakhtinianos, juntamente com estudiosos de mediação de leitura em cima de livros com imagens e poesias, o presente artigo procurou equiparar tais teorias para ancorar-se na elaboração de uma proposta de trabalho com o poema de Maya Angelou, apresentado através do livro *A vida não me assusta* (2018), editado recentemente pela Editora Darkside Books. Assim, ao final do desenvolvimento teórico, uma mediação de leitura pode vir a efetivar-se por meio da sugestão proposta.

O desenvolvimento feminino em contos de fadas com personagens transfigurados: animalização em *A Bela e a Fera* e *Pele de asno*

Karen Cristina Schuler da Silva (UERJ)

Resumo O presente estudo, ainda em andamento, tem como foco a abordagem da literatura no âmbito dos contos de fadas, tendo em vista que eles ainda fascinam crianças, jovens e adultos na atualidade, mesmo depois de milhares de anos desde seu surgimento. Vale lembrar que originalmente tais contos não eram escritos para crianças, ou melhor, não eram narrados para os infantes, já que surgiram no berço mítico da tradição oral. Uma hipótese para a fascinação que ainda exercem é a de que os contos de fadas possuem em sua estrutura algo que os torna únicos. Tal estrutura se manteria a

mesma independente do lugar do mundo onde surgiram. Daí o fato do mesmo conto ter diferentes versões dependendo de onde apareceu, ainda que mantivessem uma mesma essência. A proposta, então, é trabalhar com a versão que mais se aproxima da original de dois contos de fadas nos quais há personagens que se transfiguram ou metamorfoseiam. A saber: *A Bela e A Fera* e *Pele de Asno*. Nos contos escolhidos, é possível a análise do desenvolvimento feminino por dois prismas diferentes. Em *A Bela e A Fera*, a ponte para redenção e metamorfose do personagem masculino está na figura feminina. Já em *Pele de Asno*, é a própria personagem feminina que se transfigura para fugir do destino que seu pai lhe impõe. A figura feminina é a central em ambos, assim como no mito de Eros e Psiquê, conforme a narração que consta em O Asno de Ouro de Apuleio e a análise de Neumann (2017). Observa-se, então, que a análise da metamorfose dos personagens em questão permite o aprofundamento acerca do papel e do desenvolvimento feminino. Além disso, muito se pode aferir sobre características humanas a partir da análise da animalização de personagens.

Os sentidos do maravilhoso em *A Chegada*, de Shaun Tan

Gisele Gemmi Chiari (USP)

Resumo *A chegada* (2006), de Shaun Tan, é um romance gráfico, um livro-imagem, em que numa sequência de quadros uma narrativa é contada. Vale ressaltar, que, no caso específico da obra de Tan, há vários relatos que se intercruzam sobre um mesmo tema e em um mesmo espaço, causando um efeito polifônico. Em entrevista à Revista Ilustrar (nº. 18), o autor esclarece que a obra narra a história de imigrantes anônimos que, por conta de mudanças políticas e sociais, precisam deixar o seu país de origem. A história remete às grandes ondas de imigração que ocorreram nos anos 1900 . A narrativa visual, que explora a diversidade das dimensões dos quadros, cores e traçados, dá ao leitor a sensação de estar acompanhando uma sequência de eventos no tempo e no espaço, bem como infunde efeitos de subjetividade. As imagens perfazem-se em metáforas para que o leitor as explore, como no caso da presença dos elementos fantásticos que permeiam o romance gráfico (TAN, 2010, p. 15-23). Embora o autor

tenha se baseado em relatos, documentos e imagens do século XIX e início do século XX, os impactos e desafios da experiência da diáspora permanece um tema contemporâneo, que expõe questões políticas e sociais ainda não solucionadas pela sociedade. Em Shaun Tan, os imigrantes encontram em uma terra exótica e surreal, uma oportunidade de recomeçar depois de sofrer os traumas da violência, ocasionadas por figuras descomunais e monstruosas em suas terras de origem. O lugar de chegada configura-se como um local multicultural e de acolhimento, apesar das dificuldades de comunicação e das características fantásticas da arquitetura urbana, da paisagem e dos animais. O maravilhoso, no entanto, parece não se restringir ao imagético, mas também no sentido onírico e utópico que o espaço assume (GANGÓ, 2017, p. 173-182).

Pela lente do cinema: uma análise do livro "A maior flor do mundo"

Juliana Pádua Silva Medeiros (UPM)

Resumo Os livros para infância, especialmente a partir do último quartil do século XX, destacam-se pela concentração de linguagens de natureza variada em sua tessitura. Esse novo objeto, cuja materialidade extrapola o invólucro físico tradicional dos exemplares literários, solicita um olhar multissensível capaz de descortinar leituras plurais devido ao imbricamento de vários códigos. Diante disso, sob a perspectiva dos estudos comparados, esta comunicação tem por objetivo analisar como as diferentes linguagens, que se articulam em um rico e complexo tecido de significações, apropriam-se dos recursos técnico-expressivos do cinema para a construção dos sentidos no livro "A maior flor do mundo", escrito por José Saramago e ilustrado por João Caetano. Para tanto, à luz das contribuições teóricas de Carvalhal (2006), Ferrara (1999), Góes (2003), Souza (1992), Walty (2006), entre outros, propõe-se explorar: 1. o conceito de "objeto novo"; 2. a relação entre palavra e imagem; 3. os elementos cinematográficos e grafotipográficos; 4. os diálogos intertextuais, e 5. os discursos para além das fronteiras do verbal.

Presença do maravilhoso na obra de Rosana Rios

Flávia Côrtes de Alencar (UERJ)

Resumo Os contos de fadas, entendidos como narrativas em que avulta o maravilhoso, datam de tempos muito longínquos, encontrando suas raízes no antigo Egito e na Mitologia Grega. No entanto, permanecem atuais ainda hoje por tratarem de questões que afligem a todo ser humano, independentemente de sua cultura, conhecimento ou classe social. Esta pesquisa tem como proposta analisar a representação do maravilhoso na literatura de Rosana Rios, mais especificamente em três de suas obras: os livros infantis Medonho e Escolha seu dragão e o romance juvenil Olhos de Lobo. Como uma das escritoras contemporâneas de maior notoriedade, Rosana Rios tem um currículo que impressiona. Com muitos prêmios no currículo, a escritora paulista é a atual Presidente da AEILIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil), no biênio 2019-2020, com mais de 160 títulos publicados e diversas obras selecionadas para o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Rosana é reconhecida por ser uma escritora especializada em literatura fantástica e muitos de seus livros tratam de criaturas como monstros, dragões e lobisomens. No presente trabalho, será traçado um contraponto com as narrativas da tradição ao analisar o quanto as mesmas influenciaram a referida autora e qual a sua função em cada uma dessas obras. Serão analisadas ainda as principais diferenças entre as narrativas maravilhosas de ontem e de hoje, o que especificamente caracteriza o maravilhoso moderno, quais os estilos e estratégias de que a autora se utiliza e até que ponto a escrita moderna resgata ou reconstrói a tradição. Com base no exposto, a pesquisa seguirá a orientação teórico-metodológica de pesquisadores de renome, tais como Jacques Le Goff, Tzvetan Todorov, Regina Michelli, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Adrienne Rich, Maria Cristina Martins, Bruno Bettelheim, dentre outros.

Princesas Feministas? Um estudo acerca do contrato comunicativo nos livros infantis e juvenis

Raquel Monteiro de Rezende (UFF)
Janayna Rocha da Silva (UFF)

Resumo O feminismo vem alcançando, a cada dia, mais espaço em algumas camadas da sociedade brasileira. Seja nas redes sociais, seja em programas de grande apelo nacional, as pautas preconizadas pela agenda feminista estão sendo propagadas. Por vivermos em uma sociedade cuja ideologia capitalista é a dominante, há, muitas vezes, uma cooptação mercadológica dessa pauta que é essencialmente social. Assim, encontramos bonecas, roupas, acessórios, livros, etc. que se vendem como 'feministas'. Este trabalho, portanto, pretende refletir acerca, especificamente, dos livros voltados para o público infantil e juvenil que apresentam princesas modernas e/ou feministas. Seria uma estratégia estritamente mercadológica ou tais obras reverberam, de fato, um discurso progressista acerca da identidade de gênero? A análise do presente trabalho será baseada, primordialmente, na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso postulada pelo professor Patrick Charaudeau. Ao destacar a relevância dos interlocutores no processo de comunicação, Charaudeau aponta que todo ato de linguagem é apresentado como uma encenação discursiva realizada por sujeitos que interagem entre si, em um determinado contexto situacional, regidos por um contrato. Pretendemos, dessa forma, investigar de que forma foi realizado o contrato comunicativo (CHARAUDEAU, 2008) de duas obras, voltadas para o público infantil e juvenil, que se apresentam como modernas e/ou feministas. Além disso, buscamos compreender quais estratégias discursivas (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016) são utilizadas a fim de captar o público leitor. Pensando a leitura como uma prática social que participa da construção da subjetividade de meninos e meninas, o presente trabalho tem o objetivo de contribuir para a reflexão acerca do impacto de obras ditas progressistas voltadas para o público infantil e juvenil a partir das intencionalidades discursivas que sustentam o contrato comunicativo dos títulos em questão.

Ricardo Azevedo no ensino médio da Rede Estadual de São Paulo

Dayse Oliveira Barbosa (USP)

Resumo Este trabalho consistiu na análise das possibilidades intertextuais apresentadas na narrativa juvenil Fragosas brenhas do mataréu (2013), de Ricardo Azevedo, com outros períodos literários, como Classicismo, Barroco e Modernismo. Cabe mencionar que essa narrativa integra o PNLD Literário e, desde 2019, está disponível nas salas de leitura das escolas da rede estadual de São Paulo. O trabalho foi realizado com alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual do Jardim Paulista, localizada no município de Barueri, pertencente à Rede Estadual de São Paulo, com o objetivo de desenvolver nos estudantes concluintes do ensino médio estratégias de leitura que os conduzissem à compreensão da construção intertextual apresentada por meio do trabalho estético e literário em Fragosas brenhas do mataréu. Para isso, os alunos leram integralmente a obra elaborando o levantamento dos índices textuais e dos recursos estéticos empregados na obra, observando como o narrador dialoga implicitamente com autores de outros períodos literários. Partindo dessa observação, realizou-se um breve estudo desses autores, a fim de ampliar o repertório e potencializar a construção de sentido dos estudantes ao longo da leitura da narrativa. No final desse estudo, em grupos, os estudantes produziram contos em diálogo com trechos de Fragosas brenhas do mataréu, por meio do qual foi possível aos alunos desenvolver a escrita criativa e, paralelamente, evidenciar o repertório construído por meio da narrativa juvenil. Para esse estudo foram consideradas as contribuições teóricas de Ingedore Koch (2003), Irandé Antunes (2010) Neide Luzia de Rezende (2013), além Currículo do Estado de São Paulo (2014) e da Base Nacional Comum Curricular (2019). Conclui-se que essa atividade foi essencial para enfatizar aos concluintes da educação básica a importância do estudo literário, inclusive, da literatura juvenil, para a ampliação de repertório e construção de sentido nas obras literárias.

Transtextualidade e reflexões na dramaturgia infantojuvenil de Oscar von Pfuhl

Cláudia de Andrade Souto (UNIMONTES)

Resumo Oscar von Pfuhl constrói uma arte para o teatro, aproveitando-se de elementos das fábulas, diluindo as fronteiras entre esses gêneros literários, promovendo reflexões sobre igualdade social e de gênero, liberdade e respeito às diferenças raciais, socioculturais e econômicas. Em Romão e Julinha (1982), a paz e a guerra e os preconceitos raciais são obstáculos à felicidade e ao amor. Pfuhl nega ironicamente a alusão a Shakespeare. Entretanto, a partir do título da peça infantil, já se estabelece o processo transtextual. Inimizade e rivalidade também existem entre os gatos amarelos e os brancos, representantes do povo e seus governantes, o que desencadeia todo o conflito em uma luta de classes pelo poder. Romão e Julinha, o gato pardo e a gatinha branca, pertencentes a grupos oponentes, se amam. Sobrevivem a esse conflito, casam-se e unem as raças. Romeu e Julieta, de Shakespeare, de famílias rivais, se apaixonam e acabam cometendo suicídio. Mas é a tragédia da morte dos dois que une suas famílias. O dramaturgo inglês deixou suas pegadas registradas em uma correlação que altera nossa compreensão do que é parte da história, como alterará novas criações. Nas emoções e criações, entre o antigo e o novo, o leitor de Seis bichos à procura de uma história (1982), caso tenha conhecimento da obra Seis personagens à procura de um autor (1921), de autoria do italiano Luigi Pirandello, certamente fará uma alusão à mesma. Situação semelhante acontecerá entre Dom Chicote Mula Manca (1982) e Dom Quichote de la Mancha (1605), de Cervantes. A literatura do passado é aproveitada em épocas posteriores, como fonte para (re-) criação. Hutcheon (1985) considera a paródia como uma forma de se chegar a acordo com textos que fazem parte do legado do passado. O metateatro nestas peças de Pfuhl diverte mas também denuncia. Imita a vida e nos convoca a uma reflexão moral e conscientizadora. HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Capa de Edições 70, 1985.

Wish e Xar: performance de gênero em The Wizards of Once

Páscoa Maria Pereira Duarte (UFRGS)

Resumo Este artigo propõe uma análise dos protagonistas Wish e Xar, do primeiro livro da série The wizards of once, de Cressida Cowell, a partir da teoria da performance de gênero elaborada pela teórica norte-americana Judith Butler. Cressida Cowell é uma escritora inglesa que nasceu em 15 de abril de 1966 e cresceu entre Londres e uma ilha pouco habitada no oeste da Escócia. É autora e ilustradora das séries de livros How to train your dragon e The wizards of once, categorizados como literatura infantojuvenil. O livro corpus desse artigo possui dois protagonistas: uma menina guerreira, Wish, e um menino mago, Xar, com sua primeira edição na língua original lançada em 19 de setembro de 2017 e sua tradução para o português feita por Marina Vargas é de 13 de abril de 2018, sendo uma obra recente e por isso pouquíssimo estudada. Uma protagonista feminina em uma história de aventura e ainda não ocupando o tradicional papel de princesa a espera do príncipe encantado merece atenção pelo seu valor para a variedade de representações de gênero. Além disso, o protagonista masculino sustenta uma aparente postura confiante e impulsiva que, na realidade, esconde seu temor em falhar e não corresponder às expectativas, fornecendo elementos para uma confrontação dos papéis e cobranças feitas ao sexo masculino. Conforme a professora e pesquisadora brasileira Rita Schmidt, em Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista, "a literatura absorve, sedimenta e molda estruturas de referencialidade que remetem a modos de pensar e a padrões de comportamentos que, de uma maneira ou outra, responde às sobredeterminações histórico-sociais dos diferentes contextos geoculturais em que é produzida. [...] nenhuma convenção é neutra, puramente mimética ou estética, e que valores artísticos são sempre valores sociais." (2017, p. 402). A heroína e o herói da narrativa, portanto, revelam interessantes perspectivas de análise sobre performances feminina e masculina, utilizando-se como quadro teórico principal os textos de Judith Butler, Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory e Gender trouble: feminism and the subversion of identity.

Simpósio 53
Literatura, cultura e identidade na/da Amazônia: diálogos transdisciplinares

Roberto Mibielli (UFRR)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões (UFPA)

Resumo Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 11 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva, quatro livros (o quarto, referente a 2019, está no prelo) e vários artigos nos anais do evento resultaram. O primeiro livro, *Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia*, foi lançado em 2014. O segundo, *Traços e Laços da Amazônia*, foi lançado também pela Letra capital em 2016, o terceiro, homônimo ao simpósio, em formato digital, organizado a partir das discussões tanto de 2016 quanto de 2017, foi publicado em 2018. A cada ano temos visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos também crescer a ignorância popular sobre ela. É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído transdisciplinarmente. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange as culturas urbanas. Não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar. A imagem que prevalece, via de regra, é a de um "lugar periférico", subdesenvolvido ao extremo ("primitivo", para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*. No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamaremos senso comum) construiu e mantém a equivocada ideia de que além de una, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Este fenômeno é mais visível quando observamos os *spans* e *fakenews* que circulam na internet e que alimentam, à custa de mentes menos esclarecidas, a paranoia de que querem tomar-nos a Amazônia e internacionalizá-la. Mas além de abranger vastas áreas urbanas, como

Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada), a Amazônia já é internacional. Basta verificar a existência das outras amazônias fronteiriças: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana... O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la, pô-la em discussão. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos de temática Amazônica, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/áreas do conhecimento/pesquisadores. Nesse sentido, este simpósio objetiva a discussão acerca dos limites, das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins, buscando a transdisciplinarização), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão delas frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, das migrações e a construção diaspórica que se apresenta nesses contextos, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo. Nosso simpósio pretende privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos. Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no habitat, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre

a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região ou dos textos teóricos oriundos das diversas áreas do conhecimento postas em diálogo transdisciplinar. Neste sentido, reunir-se-ão, inicialmente, professores pesquisadores das IFES de Roraima, do Acre e do Pará, bem como, vêm se somando a esses, nos últimos dez anos de reuniões nacionais e internacionais da ABRALIC, pesquisadores dos demais estados amazônicos, bem como de outras paragens, interessados em temas e textos literários oriundos desta, ou sobre a Região.

Cultura e identidade na terra onde florescem as seringueiras: Uma leitura da letra da música Rimadeira de Álamo Kário

Saide Feitosa da Silva (UFRJ)
Willianice Soares Maia (UFRJ)

Resumo: O trabalho tem como foco o estudo da música de Álamo Kário, Rimadeira, buscando situar a cidade de Rio Branco nas representações dos bairros citados na canção, enfatizando intelecções de aspectos identitários do Acriano e a relação com conformação paisagística dos ambientes simbólicos que delineiam a estrutura daquela urbe e sua conexão com o delineamento dos rios acrianos. A rima oferecida a amada é o percurso do observador compositor, melodiando a cidade, enfatizando o lugar, a terra, a identidade, a cultura e a paisagem que precisa ser cantado para assim ser lembrado, não só pela citadina, mas também pelos que representaram a luta pela terra, como os personagens citados na canção. A identidade da cidade de Rio Branco, está entrelaçada nas diversas culturas dos que ali chegavam trazendo cor e dor, fazendo florescer a seringueira que antes pouco valor tinha, transformando-a em criadora do ouro negro que sustentou economicamente o Brasil por mais de uma década, o que motivou o interesse do país por aquelas terras. A metodologia utilizada nesse trabalho será o recorte da canção associando-os a acontecimentos históricos na região norte, especificamente no Acre, para enfatizar os protagonistas que construíram e inventaram o Acre. Dentre os autores que embasará este texto nos ateremos aqueles que discursam sobre linguagem, cultura e identidade, como: BAKHTIN,

BAUMAN, BHABHA, CAUQUELIN, HALL, entre outros autores, assim como os que produziram sobre o Acre, ou até mesmo acrianos, dentre os principais citaremos Ranzi, Souza e Tocantins. Ao final dessa apresentação busca-se identificar a intencionalidade melodiada em Rimadeira, para construir no leitor uma paisagem que foi tão significativa por aqueles que ali passaram, passam ou passarão e que seja sempre recordada nessa canção.

Simpósio 54
Literatura portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas

Gabriela Silva (URI)
Inara de Oliveira Rodrigues (UESC)
Ilse Maria Vivian (UFSM)

Resumo O simpósio **Literatura Portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas** contempla a literatura portuguesa a partir da diversidade de modos de representar a história (afastando-se ou aproximando-se dela) e das diferentes vozes que expressam suas visões de mundo. As construções literárias levantam a representação da cultura portuguesa em proximidade ou distanciamento com os temas históricos e as questões identitárias, questionando a concepção do **sujeito português** decorrente de uma literatura que busca a revisitação de seus temas, para além da permanente reavaliação histórica (ainda hoje pertinente nos estudos literários por se tratarem de vozes de extrema importância como contraponto e sustentação do não esgotamento dos referidos temas). Pensar a literatura portuguesa contemporânea é perceber todas as modificações advindas da contemporaneidade: um novo sujeito emerge das construções literárias deslocando-se em relação à sua própria cultura. Nesse recorte temporal, as modificações têm sido demarcadas e estudadas sob diversos focalizadores numa tentativa de construir poéticas singulares na literatura portuguesa. Se a ficção, por um lado, potencializa o real, transgredindo a temporalidade e permitindo analogias, intertextualidades e outras maneiras de integração entre momentos históricos e condições do sujeito nestes contextos, é justamente a dinâmica dessas representações, seus enquadramentos e perspectivas que se iluminam, assim como os diferentes diálogos que se estabelecem entre si e com outras obras. É primordial, portanto, o espaço para discussão e apresentação das ideias dessa literatura, numa multiplicidade de focos que cresce em novas formas de perceber as modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura portuguesa. Sendo esse o ponto de partida, este simpósio recebe propostas de comunicação que visem à discussão da atualização de temas em obras literárias produzidas em Portugal da segunda metade do século XX ao século XXI sob os pontos de vista da intertextualidade,

do cânone, da experimentação e do comparatismo. No âmbito de pesquisas concernentes ao universo da ficção contemporânea que compreende deslocamentos de estruturas, paródias e revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento. É importante salientar que este simpósio recebe trabalhos que apresentem reflexões a respeito da poesia, da narrativa, teatro e ensaísmo crítico.

Espectros do salazarismo na ficção de António Lobo Antunes

Leonardo von Pfeil Rommel (UFRGS)

Resumo A Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de Abril de 1974, assinala, em Portugal, a queda do Estado Novo, o mais longo regime autoritário do Ocidente, com uma duração de mais de quatro décadas ininterruptas. Baseado em uma ideologia colonialista com forte viés nacionalista, o regime, comandado pela paradigmática figura de António de Oliveira Salazar, foi uma ditadura responsável pela repressão das individualidades e das vozes sociais, pelo isolamento nacional e, acima de tudo, pelo apagamento do espaço público. Os 41 anos de repressão ao pensamento e de bloqueio da democracia foram encerrados com o processo revolucionário, que instaurou em Portugal um tempo de transição entre o passado imperialista e um futuro democrático, ligado à independência dos territórios ultramarinos e à progressiva aproximação de Portugal dos demais países da Europa. Como regime de opressão, o salazarismo inscreve-se na identidade portuguesa como um período traumático que, mesmo após a redemocratização, ainda deixou suas marcas no tecido social português. No romance Caminho como uma casa em chamas, publicado em 2014, ano que marca os 40 anos da Revolução dos Cravos e da queda do Estado Novo, António Lobo Antunes recupera, através da ficção, os espectros do salazarismo que ainda sobrevivem e assombram a sociedade portuguesa contemporânea. Através de uma narrativa polifônica que resgata vozes e ecos do passado de

diversos personagens que viveram o período da ditadura, Lobo Antunes constrói um mosaico que busca, por meio da literatura, efetuar a criação de uma memória histórica que ajude a evitar o esquecimento do conturbado passado recente de Portugal.

Tradição feminina e descontinuidades genealógicas na poesia de Adília Lopes

Erica Martinelli Munhoz (UNICAMP)

Resumo Como demonstra Anna Klobucka (2003), a poesia de Adília Lopes retoma de maneira original e inteligente os investimentos da "ginocrítica" dos anos 70, ou seja, a busca de retomada das "mães literárias" e reconstrução de uma suposta tradição feminina. Porém, Adília não repete o gesto idealizador da primeira geração da crítica literária feminista. Associando o título do livro "Florbela Espanca Espanca" a um conflito direto ("Adília espanca Florbela Espanca"), Silvestre (2001) reduz a relação da poeta com a sua predecessora à simples negação. Para Klobucka (2003), Adília cria uma "(des)continuidade genealógica" que transcende tanto o gesto feminista já datado de retomada de tradição feminina, como a relação com Espanca como herança inegável mas inassimilável. Partindo dos argumentos de Klobucka, e de conceitos como "revisionist myth-making", de Alicia Ostriker (1982) e "reparative reading" de Eve Kosofsky-Sedgwick (2002), analisaremos alguns poemas de Lopes à luz de uma retomada problematizadora da noção de tradição feminina, que põe em cheque os modos de relação com o passado literário e as próprias noções de identidade nacional e de gênero, seja na referência a predecessoras reais como ficcionais (como é o caso dos usos da figura de Mariana Alcoforado). No livro Clube da Poetisa Morta (1997), além de citar autoras de língua portuguesa, e fazer referência a nomes míticos e históricos de mulheres, Adília discute tradição e atrela à contemporaneidade a ambivalência do protagonismo feminino, por exemplo no seguinte verso de um poema dedicado a Fiama Hasse Paes Brandão: "de ódio de cisne e de ócio de Fiama/ se faz a literatura portuguesa/ minha contemporânea." (LOPES, 2014, p.288).

Simpósio 55
literaturas interartes: multimídia, mixed-media, intermídia

Carolina Alves Magaldi (UFJF)
Juliana Steil (UFPel)
Otávio Guimarães Tavares (UFPA)

Resumo Em seu ensaio "Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos", Clüver (1997, p. 37) identifica como um dos objetivos principais dos estudos interartes contemporâneos "a investigação das inter-relações entre as 'artes'", que envolve "questões de representação, intertextualidade, combinação e fusão de códigos, *ekphrasis*, transposição intersemiótica, adaptação e o papel do leitor". O termo "artes" indicado entre aspas já no início do ensaio aponta a variabilidade conceitual do referido termo, considerando a condição de construto cultural do objeto que ele nomeia, e também sinaliza o argumento sobre a (im) possibilidade de existência de uma arte pura, um desenvolvimento teórico que não deixa de acompanhar as transformações e correntes da produção artística recente. Higgins, em 1965, propôs o termo "intermídia" para tratar do fenômeno de obras "entre mídias" (entre a música e a escultura; entre a música, a colagem e o teatro etc) que observou ser "muito comum no final dos anos 1950 e início dos anos 1960" (HIGGINS, 2012, p. 49), como era o caso, por exemplo, da poesia concreta. Para Portela (FARIA & JOVIANO, 2013), os poetas concretos e "outros poetas experimentais dos anos 1960, 1970 e 1980 (no Brasil e noutras partes do mundo) exponenciaram a consciência da materialidade das operações de produção de sentido herdadas dos primeiros modernismos", e a exploração da "potencialidade material dos novos média" estaria ligada às mudanças nas tecnologias de comunicação. Follain (2010, p. 36), por sua vez, afirma que "Cada vez mais a ideia de uma obra prima acabada (...) cede espaço para a do texto em contínua reelaboração, que se quer flexível, de modo a facilitar o deslizamento por diferentes meios e suportes". O próprio Higgins ressalta que a intermidialidade não é um traço exclusivo de um período, permanecendo como uma possibilidade criativa em qualquer época e onde quer tenha havido ou haja interesse em fundir duas ou mais mídias (HIGGINS, 2012, p. 48); de todo modo, há uma forte percepção de que na arte do nosso tempo predominam obras que

incorporam diferentes meios e sistemas semióticos (CLÜVER, 1997, p. 53; CLÜVER, 2001, 359; PEDROSO JR, 2011, p. 254; ARVIDSON et al., 2016, p. 13). Tomando como ponto de concentração o texto literário, este simpósio pretende reunir reflexões sobre as inter-relações entre as artes, em especial sobre textos multimídia, *mixed-media* e intermídia. Como exemplo de texto multimídia – "combinações de textos separáveis e separadamente coerentes, compostos em média diferentes" (CLÜVER, 2001, p. 141), – é possível citar o movimento das *Bachianas Brasileiras* nº. 2 de Villa-Lobos conhecido como "O Trenzinho do Caipira" em sua a conjunção com o excerto do *Poema Sujo* de Ferreira Gullar funcionando como letra de canção, em que elementos de diferentes meios, incluindo a dimensão performativa da interpretação, participam de um encontro entre música erudita, poesia e música popular. Como texto *mixed-media* – que "contém signos complexos em média diferentes que não alcançariam coerência ou auto-suficiência fora daquele contexto" (CLÜVER, 2001, p. 141) –, pode-se pensar na obra *Gongora WordToys* de Belén Gache, que propõe uma reescrita experimental de Góngora relacionando literatura, desenho, trilha sonora, videogame, entre outros elementos articulados com recursos eletrônicos, ou em o *Amor de Clarice* de Rui Torres, que se apropria do conto de Lispector para criar uma obra interativa em que o leitor deve construir materialmente o texto diante de um emaranhado fílmico e sonoro. A característica intermídia ou intersemiótica – presente no texto que "recorre a dois ou mais sistema de signos e/ou média de uma forma tal que os aspectos visuais e/ou musicais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis" (CLÜVER, 2001, p. 141) – pode ser encontrada, por exemplo, nos livros iluminados de William Blake, que apresentam uma fusão entre poesia, pintura e gravura, ou no livro-objeto *Nox* de Anne Carson, que transita entre fotografias, recortes de diários e desenhos dentro de uma tentativa de traduzir o poema 101 de Catulo e performar o luto para o irmão morto; atualmente, a valorização da natureza intermídia de tais livros intensifica-se com os novos meios de reprodução e edição digital, refletindo o contexto da "digitalização do mundo" e da "digitalização do sujeito" de que fala Portela (FARIA & JOVIANO, 2013). Embora não seja incontroversa, esta tipologia textual (multimídia, *mixed-media*, intermídia) ajuda a ilustrar as possibilidades de discussão exploratória sugeridas pelo simpósio. Adotando a perspectiva transdisciplinar dos Estudos Interartes, a chamada

deste simpósio incentiva a proposta de trabalhos realizados sob diferentes orientações teóricas, de modo que ele possa configurar-se como um espaço representativo, em algum grau, da própria diversidade dos objetos investigados no paradigma. Espera-se que o conjunto dos trabalhos do simpósio possa contribuir, em alguma medida, para a compreensão do acentuado interesse contemporâneo em torno de poéticas híbridas, bem como para a reflexão sobre as transformações no modo de produção e de leitura do texto dito literário que estão em andamento ou que tenham ocorrido no passado recente.

"Edições AKANA": criações intermídia a partir da Literatura expandida de "Aka Ana", de Antoine d'Agata

Maruzia de Almeida Dultra (UFBA)

Resumo Este trabalho situa-se nos Estudos Interartes, abordando a Literatura expandida, na qual são limiares as demarcações dos diversos gêneros literários, meios e suportes de exploração da palavra, além de ultrapassar o alfabeto na criação de imagens e objetos. Com o objetivo de discutir as relações transmidiáticas entre o filme "Aka Ana" (França, 2008), de Antoine d'Agata, e a série de livros de artista "Edições AKANA" (produção poética de pesquisa pós-doutoral em curso), é apresentado o processo crítico-criativo de transposição do primeiro texto em seus desdobramentos. A narrativa de "Aka Ana", filmada nas noites de Tóquio, é costurada pelas vozes e corpos de sete prostitutas japonesas que leem suas cartas escritas ao fotógrafo francês e se relacionam sexualmente com ele em cena. Os livros artesanais então derivados possuem dobraduras, cortes e encadernação japonesa, além de formatos diversos de apresentação do que é narrado no filme, desde a variação de línguas à materialidade da escrita (carimbada, caligrafada, datilografada, pirografada, etc). Constitui-se, portanto, na tradução de um texto intermídia (então considerado como Literatura expandida), gerando outras intermídias que valorizam a palavra também em seus aspectos plástico-visuais, através da arte de fazer livro. Ao esposar as palavras do filme em páginas, é como se as "Edições AKANA" conferissem-nas o estatuto de Literatura na forma física tradicional – a bibliográfica. Porém o livro não está em jogo como mero suporte. Através do gênero "livro

de artista", as tiragens únicas de AKANAs recobram a dimensão cinematográfica de "Aka Ana", já que "(...) o tal 'suporte' deixa de suportar depósitos gráficos para ser uma superfície extensiva, folhas 'quase cinema', um campo de aterrissagem para sinais transitivos, com alta voltagem poética."

A crítica literária frente à obra de Gustavo Piqueira: uma investida de "remediação" no objeto livro

Luis Carlos Girão (PUC-SP)

Resumo Nestas primeiras duas décadas do século XXI, a produção literária, a níveis local e internacional, vem registrando uma produção experimental, em grande parte, possibilitada pelas mudanças em contextos sócio-culturais resultantes do advento do que se tem chamado "era digital", ou "pós-impresso", sem deixar de ser herdeira de uma tradição estética que perpassou todo o século XX, com destaque para as provocações artísticas próprias às décadas de 1960 e 1970. Dentro desse cenário, o mercado editorial também passou por suas mutações e resulta numa produção "fora do lugar comum", mais independente, que inclui autorias distintas em colaborações, antes, inusitadas. A figura do designer gráfico, hoje, assume um papel de protagonismo equivalente ao escritor e ao ilustrador no que tange a composição poética de uma literatura que reflete tanto a pós-modernidade quanto o pós-humano ao pensar todas as linguagens envolvidas na estruturação sintático-semântica de uma textualidade sensível - não mais o verbal e o visual apenas, como também aspectos gráficos e táteis do objeto livro. Por sua vez, o crítico literário vive sua própria metamorfose frente a essas obras, as quais fizeram Kiene Brillenburg Wurth (2018) apontar uma "virada material" nos estudos literários. Isto exposto, o objetivo principal da presente proposta de comunicação é fazer uma reflexão que dê conta, a um só e mesmo tempo, de ver, ler e sentir criticamente a obra polissêmica do brasileiro Gustavo Piqueira, um dos principais expoentes na literatura contemporânea que vem explorando as possibilidades no objeto livro não apenas como suporte de inscrição textual mas como forma significante em si, o que dialoga com as reflexões de Julio Plaza (1982) e Johanna Drucker (1995) sobre o livro como forma de arte.

Esse "olhar com outros olhos" para o livro enquanto mídia ressignificada eco ainda o que Jay David Bolter e Richard Grusin (2000) definem por "remediação". Em suma: como ler essas obras onde o livro vem à tona?

A Meia-Realidade em Ficção Interativa: Lotro, uma intermídia a partir da literatura

Lis Yana de Lima Martinez (UFRGS)

Resumo Com o início dos anos 2000 e todas as descobertas digitais, passou a ser possível o processo de remidiação de obras literárias para jogos online denominados de Massively Multiplayer Online Role-Playing Game (MMORPG ou MMO). Os MMOs equalizam a ficção interativa (FI) dos jogos de RPG – em que os jogadores imergem em um mundo definido como personagem dele – com a possibilidade de interação em larga escala não apenas com o software, mas com inúmeros outros jogadores de vários países. O presente trabalho trata do diálogo intermídia que constitui a Ficção Interativa a partir da literatura no modo Massively Multiplayer Online Role-Playing Game da mídia videointerativa. Intento compreender como as FIs se constituem e o que as diferencia das narrativas literárias. Para tanto, trago os postulados por McLuhan (1964), Higgins (1962), Boler & Grusin (2000) e Jesper Juul (2011) e os aplico à mídia videointerativa *The Lord of The Rings Online*, cuja Ficção Interativa insurge das obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, John Ronald Reuel Tolkien.

A produção multimidiática de Lourenço Mutarelli: Relações intermidiáticas em *Miguel e os demônios* (2009)

Cláudia Erthal (UFSM)

Resumo Essa pesquisa propõe a análise da narrativa literária "Miguel e os demônios" de Lourenço Mutarelli a partir do "quê" ela representa, relacionando ao "como" essa representação se dá, focando em seus elementos discursivos e estruturais e nas personagens. Em *Miguel e os demônios* (2009), o discurso narrativo se apresenta de

forma híbrida com o roteiro cinematográfico, a linguagem dos quadrinhos e o texto dramático, nesse sentido busca-se observar como se dá essa simbiose com elementos discursivos de outras mídias. Sobre a discussão sobre o imbricamento entre o discurso literário, o roteiro e elementos imagéticos, partiremos dos pressupostos de Bakhtin (2014) a respeito da capacidade do romance de absorver outros gêneros, seu "plurilinguismo" e seu potencial "dialógico". Metodologicamente, a investigação será interdisciplinar e comparativa, pois trata das relações entre narrativa literária e outras mídias ou gêneros bem como com o contexto social extraliterário; nesse sentido, insere-se também em uma perspectiva dialética e sociológica de análise. Além disso, compartilhamos da ideia de que o texto imagético, bem como o horizonte cultural da cultura midiática, desenvolvem novas formas de percepção no leitor, conforme já percebido por Benjamin (2012), Rosenfield (1976) e Pellegrini (2003), enfatizando a importância de pensar a relação entre literatura e outras mídias.

Diálogos interartísticos em *Mirleos*, de João Miguel Fernandes Jorge

Nathália Primo Patrício (UFF)

Resumo A comunicação parte do projeto de mestrado, ainda em andamento, intitulado "Modos de ver: A poética de João Miguel Fernandes Jorge", que vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF/CNPq). Elabora-se em torno de algumas meditações sobre o diálogo interartes presente na poética de João Miguel Fernandes Jorge, poeta e crítico de arte que começa a publicar poesia a partir da década de 1970, em Portugal, e permanece atualmente em intensa atividade de publicação, somando mais de quarenta títulos a sua bibliografia que engloba, além de poesia, ficção com arte e crítica de arte. A poética de Fernandes Jorge, desde o princípio, apresenta sólida relação com as artes visuais, sobretudo com as artes plásticas e com a fotografia, convidando para uma leitura intermedial de suas obras. Para refletir sobre esse aspecto, convocamos a obra Mirleos (2015), constituída quase inteiramente de poemas que referenciam objetos artísticos do Museu Nacional Machado de Castro, localizado

em Coimbra, como pinturas, esculturas, calcários, entre muitos outros. Além dos poemas, o livro apresenta fotografias de alguns desses objetos artísticos e, por isso, interessa-nos realizar a leitura desta obra à luz do conceito de intermedialidade pensando o evidente diálogo interartístico presente na referida obra.

Um microcosmo revelador: a audição musical nos romances *Em Busca Do Tempo Perdido* de Marcel Proust e *Il piacere* de Gabriele D'Annunzio

Elena Gallorini (UFRGS)

Resumo A intermidialidade é uma característica inerente à criação artística da modernidade. Desde o começo de século XX assiste-se a uma multiplicação de obras de artes em que o cruzamento de diversas disciplinas tem um papel fundamental. Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a relação entre música e literatura na produção do romance na virada do século XIX. Em particular, propõe-se a conduzir uma análise da interação musico-literária a partir da comparação de dois textos publicados entre o final do século XIX e o começo do século XX: o primeiro é Em busca do tempo perdido (1913), do autor francês Marcel Proust, e o segundo é Il piacere (1889) do escritor italiano Gabriele D'Annunzio. Demostraremos que não apenas a música desempenha um papel decisivo na vida dos dois artistas, mas que tal relevância se traduz também na adoção de alguns elementos do código musical na composição narrativa e na formação do sentido da obra. Ambos os protagonistas dos textos escolhidos, o dandy romano Andrea Sperelli na obra de D'Annunzio, e o esteta hebreu Charles Swann, figura central do primeiro volume do romance proustiano, Do lado de Swann, começam a idealizar e amar uma mulher graça à escuta de uma sonata e à associação entre o sentimento experimentado pelo coração e as sensações despertadas pela música. Influenciados pelo conceito wagneriano de fusão das artes, os dois escritores transformam em símbolo o despertar amoroso associado à audição musical, para circunscrever em poucos instantes o sentido macrocósmico da obra.

Simpósio 56
Literaturas, africanidades descolonização: reflexões sobre escrevivências

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ)
Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)
Paulo Dutra (UNM)

Resumo Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui *leitmotif* de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA *et al.,* 2016). O fenômeno, já descrito como "genocídio negro", expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas

que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial "recriam" a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura. Nesta edição, acolheremos trabalhos que dialoguem com o conceito de "escrevivências", elaborado por Conceição Evaristo em diversos de seus textos teóricos.

"Meu canto é um canto de exílio": ao rufar dos tambores, a fuga de Ruanda e o retorno à África em Cœur tambour, de Scholastique Mukasonga

João Marcos Reis de Faria (UERJ)

Resumo Parte de um projeto de pesquisa sobre o conjunto da obra de Scholastique Mukasonga, o trabalho tem como objeto o romance Cœur tambour (2016). Essa obra polifônica simula a publicação póstuma das memórias de juventude da ruandesa Prisca, que, após fugir da repressão do regime pró-hutus de seu país natal, integra, como cantora, um trio de percussionistas formado em Nova Iorque que havia empreendido uma viagem de retorno à África em busca das "raízes profundas de sua africanidade" (MUKASONGA, 2016, p.23). Desde a infância, Prisca se vê abordada por Nyabingui, o espírito da lendária rainha Kitami, de quem a cantora empresta seu nome artístico. Temido na profundamente cristianizada cultura ruandesa, esse espírito se manifesta na protagonista ao toque de tambores tradicionais por meio de um canto e de performances associados a uma espécie de transe. Mais tarde, tendo conhecido as barreiras impostas pelo regime aos tutsis, a perseguição a práticas associadas à antiga hegemonia desse grupo e sob acusações de bruxaria por sua relação com Nyabingui, Prisca decide tomar o caminho do exílio. O encontro com os percussionistas – cada qual especializado no toque de tambores ligados às suas respectivas culturas de origem, portadores de valores como ancestralidade, religiosidade e resistência – é marcado por sucessivas negociações de sentido que abrangem as heranças do colonialismo no Caribe e em Ruanda, a diáspora negra e os processos de mercantilização de elementos culturais. O trabalho tratará, assim,

da confluência dos movimentos de fuga da jovem tutsi e de retorno à África empreendido pelos músicos sob influência do pan-africanismo de Marcus Garvey e do etiopianismo de um ramo do movimento rastafári. Além disso, o trabalho explorará como o romance se relaciona com outras obras de Mukasonga, incorpora elementos da biografia da autora e reverbera a compreensão de que o Genocídio dos tutsis de Ruanda (1994) é o ápice de um processo histórico que remonta à colonização e se intensifica a partir da independência do país (1962).

"Eu virei fúria": reflexões sobre o livro *Compaixão* de Toni Morrison como romance decolonial de formação

Natalino da Silva de Oliveira (IF SUDESTE MG)

Resumo Compaixão é um romance lançado em 2008 e com ele, Toni Morrison retoma o tema da escravidão apresentado em Amada. O romance retrata o ano de 1960, a pequena Florens, uma garotinha negra de sete ou oito anos que não consegue andar sem usar sapatos, é entregue como forma de quitar uma dívida de seu antigo proprietário para com o senhor Jacob Vaark. Ela é oferecida pela própria mãe com forma de proteger o bebê que ainda estava carregando no colo. Sendo assim, ela é afastada do amor materno e vive com a incômoda sensação de ter sido rejeitada. Levada para a fazenda de Vaark, ela encontra o núcleo de personagens principais: Rebekka, a esposa de Vaark; Lina, uma escrava de origem indígena sobrevivente da varíola; Sorrow, escrava negra que é retratada como infeliz (o próprio nome significa tristeza, diria que seria "desgraça" mesmo). As ações giram em torno estas quatro sofridas mulheres chefiadas até o momento da morte pelo Senhor Vaark. O objetivo deste artigo é fazer a análise do desenvolvimento da personalidade de Florens enquanto protagonista de Compaixão. O estudo estará voltado para as características desenvolvidas por Florens e que justifiquem uma leitura decolonial da narrativa. O estudo seguirá o pensamento de Bell Hooks (1995), Mignolo (2003), Quijano (2005), Boaventura de Sousa Santos (2009) e Grosfoguel (2012) buscando "ler" Compaixão como um romance decolonial de formação (Bildungsroman) e como se dá o processo de escrevivência empreendido por Toni Morrison.

A oralitura de Patrick Chamoiseau em Solibo Magnifique: escrevivência no contexto antilhano

Jéssica de Souza Pozzi (UFRGS)

Resumo A obra de Patrick Chamoiseau analisada neste trabalho reúne os elementos daquilo que os autores antilhanos têm descrito como poética crioula ou oralitura, ou seja, uma literatura que assimila elementos da cultural oral antilhana. Mesmo escrita em língua francesa, de acordo com Ludwig (2010), essa literatura reflete a vida nas ex-colônias francesas através da inserção do leitor ao misticismo do vodu, ao ritmo circular da narrativa, à recusa da redução da vivência complexa desses autores em suas sociedades a valores analíticos enciclopédicos. De acordo com Ralph Ludwig ainda, se desde o século de Voltaire e de Diderot a luz encarna a metáfora chave do pensamento analítico veiculado pela escrita, investindo mesmo em um processo de "iluminação" da África negra e das Antilhas através da colonização e da alfabetização dessas populações e língua francesa, a noite abre espaço para a palavra crioula e a toda complexidade que essa língua oral carrega consigo. Assim, sendo o escritor antilhano moderno o herdeiro do mundo crioulo, busca-se preservar em sua escrita a "palavra da noite", ou seja, a vivência do sujeito crioulo através da oralidade e de seus rituais de contação de histórias. Este trabalho, portanto, busca analisar a obra de Chamoiseau – que se afirma como marqueur de paroles, visto sua função de compilação e armazenamento do imaginário crioulo, antes destinado ao conteur, tido como maître de la parole que, infelizmente, vem perdendo espaço nas ilhas caribenhas – a partir de um olhar descolonial, negando a imposição do universal europeu e utilizando-se das próprias teorias antilhanas e latino-americanas para, enfim, investigar a escrevivência produzida em língua francesa nas Américas.

A tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas: o encontro da brasileira Carolina Maria de Jesus com a martinicana Françoise Ega

Samanta Siqueira (UFRGS)

Resumo A presente comunicação apresenta e examina o encontro entre a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) e a escritora martinicana Françoise Ega (1920 – 1976) buscando lançar uma discussão sobre a tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas e periféricas. Com a publicação de "Quarto de despejo: diário de uma favelada", a escritora negra, favelada e catadora de papel Carolina Maria de Jesus revolucionou sua época. "Quarto de despejo" foi traduzido para 14 línguas diferentes. Uma dessas traduções, mais precisamente um pequeno resumo de "Quarto de despejo" traduzido para o francês, chega às mãos de Françoise Ega, uma martinicana que emigrou para a França durante a segunda Guerra Mundial. É a partir desse contato que Ega não somente se identifica nas palavras da escritora brasileira, como enxerga também o dia a dia de muitas de suas companheiras imigrantes antilhanas ali. Dessa maneira, ela decide escrever um livro em formato de cartas endereçadas a Carolina Maria de Jesus para contar a sua irmã brasileira como suas histórias se pareciam. E assim nasce "Lettres à une noire", publicado em 1978, após a morte de Françoise e também de Carolina. Entendendo que Carolina Maria de Jesus é fruto de um contexto político-social específico e propício para seu surgimento e sucesso, a presente comunicação estabelecerá o contato com a obra da escritora martinicana a fim de mostrar que Carolina não é um feito singular, mas sim plural. Sob uma perspectiva que não dissocia literatura e sociedade e que considera a história específica de socialização de mulheres diaspóricas afrodescendentes, propõe-se uma revisão formal das obras e a defesa de que que o sucesso da brasileira serve como pontapé inicial para o nascimento de uma ramificação literária, para usar os termos do crítico italiano Franco Moretti (2008), bastante específica: de mulheres, negras, periféricas e diaspóricas.

Conceição Evaristo: uma escritora popular na vida literária brasileira do século XXI

Vagner da Rosa Amaro (PUC-Rio)

Resumo Relaciona elementos que compõem a vida literária brasileira do século XXI com a ampliação da recepção da obra da escritora Conceição Evaristo. Baseia-se na relação literatura e sociedade para buscar outros olhares para o estudo da obra da autora, que é composta por romances, contos, poemas e artigos. Compreende que a ideia de escrevivência, formulada por Evaristo (2009), aponta caminhos para um estudo em que as mediações realizadas nos segmentos do campo literário, Bourdieu (1996) e/ou sistema literário, Candido (1961) promovem a divulgação da obra e sua fruição literária. Recupera o conceito de vida literária, utilizado por Brito Broca na publicação A vida literária no Brasil, com inspiração em André Billy, diretor de *Histoire de la Vie Littéraire*. Considerando que as movimentações da escritora partem das margens da sociedade, dos povos excluídos e vulneráveis socialmente, quais as condições que possibilitaram a ampliação da recepção da sua obra entre mediadores, professores, clubes de leitura, livrarias, bibliotecas, livros didáticos, influenciadores de leitura, clubes de assinaturas de livros, programas televisivos, matérias de jornais impressos e online? A comunicação tem como objetivo apresentar investigação sobre a seguinte questão: como em um país marcadamente excludente, por questões sociais, raciais e de gênero, as mediações, que compõem a vida literária deste tempo, ampliaram os diálogos entre a autora, sua obra e o público leitor?

Conotopos e Escrevivências em "Inundação" de Mia Couto

Vania Maria Colaço Silva (UPM)

Resumo Este estudo sugere a aplicação do conceito de cronotopo, segundo Mikhail Bakhtin, por meio de uma breve análise do conto Inundação de Mia Couto. O cronotopo é o motivo literário que marcará e materializará determinado tempo e espaço do sujeito, sendo fundamental para conhecer a personagem, podendo funcionar como a oportunidade do sujeito de se transformar. Além disso, o próprio

conto, em si, transporta o leitor ao imaginário fantástico do autor moçambicano, repleto de identidade e pertencimento onde cada palavra carrega sentidos, possibilitando, assim, reflexões sobre africanidades e escrevivências. Como metáfora central da história temos o rio que representa o tempo; o rio que tem sido fomento em diversos trabalhos do autor. Couto brinca com as palavras, incluindo vários elementos que nos remetem à sinestesia e à uma sonoridade delicada. Ainda no campo semântico, o autor investe em neologismos que o auxiliam na composição, porém, que, ao mesmo tempo, podem lançar duplos sentidos que inquietarão o leitor. Mediante a marcação inerente do tempo-espaço, sendo o tempo o condutor (de forma linear ou cíclica), serão destacados, em meio às diversas metáforas utilizadas no conto, os cronotopos da soleira (o limiar / fronteira que separa o dentro do de fora), e da estrada, considerado o local onde os acontecimentos se realizam, onde tempo e espaço fluem formando caminhos.

Escrevivência e memória cultural em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (UFPI)

Resumo *Água de barrela,* romance publicado em 2016 por Eliana Alves Cruz, traz a história de Damiana e seus familiares, levando ao leitor a trajetória de sua família desde o início da segunda metade do século XIX, narrando o sequestro e a travessia entre África e América; aos anos finais do século XX, na comemoração do aniversário de cem anos de Damiana, em 1988. Neste recorte, é possível conhecer outras personagens e contextos ambientados entre o período da escravização no Brasil e os primeiros cem anos da industrialização do país após a abolição. Tudo é narrado desde as experiências de mulheres negras que compõem a família central do romance, opondo-se ao apagamento da história da população negra a partir da literatura, sendo Eliana Alves Cruz também a voz que conduz a narrativa sobre a reconstrução da história de sua própria família. Nesse sentido, busca-se analisar a obra a partir de duas perspectivas: a) a escrevivência como operador teórico na compreensão da escrita de autoria feminina negra contemporânea, na construção de um "agenciamento

coletivo de enunciação" (SOUZA, 2018, p. 25), sendo Água de barrela um romance que restaura não apenas a história específica da autora, mas, sim, da própria formação do país; b) a presença da memória e da história da população negra no Brasil nas fotos, objetos e contextos apresentados no decurso narrativo. Para a construção das análises, dialogamos com estudos de Lívia Natália de Souza (2018), Conceição Evaristo (2007; 2009), Patrícia Hill Collins (2019), Aleida Assmann (2011), entre outras, que auxiliam na reflexão da obra literária como manifestação política e meio enunciativo de vozes negras na construção de uma literatura contemporânea diversa, mas também de um país que reflita sobre seu passado e formação histórico-social.

Escreviver: o verbo resistência de Conceição e de Chimamanda Adichie

Telma Borges da Silva (UFMG)

Resumo A escrita de si tem longa trajetória na história da literatura. Santo Agostinho, Montaigne, Rousseau são alguns dos expoentes dessa tendência. Teoricamente, a ideia recebeu bastante atenção de estudiosos, como Roland Barthes (biografema), Michel Foucault (escrita de si), Philippe Lejeune (autobiografia), Serge Doubrovky (autoficção), dentre outros. A essa discussão pretendo acrescentar o conceito de escrevivência para, no tensionamento entre eles, fazer emergir a escrevivência como poética de resistência negra tomando como base Conceição Evaristo, criadora do termo, em Insubmissas lágrimas de mulheres, e Chimamanda Adichie, em Hibisco roxo. Ao narrar em primeira pessoa, essas autoras realizam um processo que tenho nomeado de descolonização da voz narrativa, tematizando experiências em ambientes marcados pela violência ao corpo feminino e a superação através da escrevivência. Nos contos de Evaristo, a escritora dá voz a 13 mulheres que relatam suas histórias, as quais são transformadas em estórias pela autora, ao se valer dos recursos da maka e do missosso, recursos da tradição oral angolana. Numa analogia, a maka está para a história, assim como o missosso está para a estória. Minha hipótese é a de que os procedimentos estéticos manuseados por Conceição Evaristo evidenciam não somente uma preocupação com a "griotização" da expressão narrativa, recuperando

na escrita os procedimentos característicos da oralidade, mas também um procedimento de meta-autoficção, uma vez que o conjunto de histórias que compõem o livro discute o próprio ato de criação literária. Kambili, por sua vez, narradora de Hibisco roxo, quebra o silêncio familiar imposto pelo pai e faz da palavra não somente objeto de denúncia de um mundo binário que põe em risco a pluralidade da existência humana. Escreviver é sua forma de resistir.

Literatura e oralidade em "Verre Cassé", de Alain Mabanckou

Rayza Giardini Fonseca (UNESP)

Resumo O objetivo da pesquisa é analisar o romance Verre Cassé, do escritor congolês Alain Mabanckou, a partir da perspectiva da reflexão sobre oralidade, apoiando-nos em obras teóricas de autores como Paul Zumthor, Walter J. Ong e Jacques Chèvrier. A imposição da língua francesa sob línguas nacionais nas colônias francesas na África foi um componente importante para o desenvolvimento de uma literatura de característica oral em tensão com uma cultura letrada. O que se poderia chamar de "oralidade" é um aspecto importante de parte dessa tradição literária, que evidencia o fato de línguas africanas carecerem de registro escrito. Trata-se, por outro lado, de uma espécie de permeabilidade da oralidade ou de uma voz na escrita, conforme indicou Zumthor: "Uma simbiose pode instaurar-se, ao menos certa harmonia: o oral se escreve, o escrito se quer uma imagem do oral; de todo o modo, faz-se referência à autoridade de uma voz. (1993, p. 154)"

O lirismo romântico de Luiz Gama nas poesias "Minha Mãe" e "Teu Nome"

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (UEFS)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o lirismo romântico da obra Primeiras trovas burlescas (2000) do poeta Luiz Gonzaga Pinto da Gama, edição organizada por Lígia Ferreira Fonseca, a qual reúne poemas da primeira e segunda edição da

obra, lançadas em 1859 na cidade de São Paulo e 1861 no Rio de Janeiro pelo autor, esta é composta de sessenta e três poemas líricos e satíricos. Nessa edição também estão os poemas escritos por Luiz Gama na imprensa paulistana (1865-1876) e outros escritos por José Bonifácio, o moço. Os poemas que compõe a obra citada são carregados de sentimentalismo de alguém que viveu na pele as amarguras da escravidão, mas que soube com destreza fazer uso das letras para superar todo o sofrimento vivido e denunciar destemidamente as injustiças sociais do seu tempo. Além disso, os poemas líricos do autor trazem a valorização da mulher negra, características até então desvalorizados pelos poetas do Romantismo brasileiro. No decorrer de toda a obra em estudo, nos deparamos com um Luiz Gama que jamais renegou a sua origem, este em todo o tempo insiste em afirmar a sua identidade negra, a fim de que esta seja valorizada e reconhecida. Além disso, como forma de afirmação e valorização da identidade, Gama é o primeiro poeta da literatura brasileira a exaltar em seus versos a sensualidade e a beleza da mulher negra. Por ser um poeta da terceira geração do romântica, mesmo não tendo sido reconhecido pelos críticos da sua época, sua poesia deixa transparecer signos comuns aos românticos, no que diz respeito à inacessibilidade da mulher amada e a presença do amor sentimental totalmente antagônico ao carnal. São trazidos para o debate, os poemas, "Minha mãe" e "Teu Nome" de Luís Gama, extraídos da sua única obra Primeiras trovas burlescas de Getulino (2000), sob a ótica crítica de Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Lígia Fonseca Ferreira, Nazareth Fonseca, Zilá Bernd e outros.

Paulina Chiziane: a escrita literária como estratégia política de reconstrução da sua própria história

Márcia Neide dos Santos Costa (UEFS)

Resumo Este trabalho gira em torno dos seguintes questionamentos: De que forma a escrita literária da autora moçambicana Paulina Chiziane produz diferença histórica, contrapondo os discursos oficiais eurocêntricos? De que maneira Chiziane consegue narrar a sua própria história na obra Niketche - Uma história de poligamia (2004)? Esses questionamentos serão discutidos a partir desse

romance, Niketche, que tem como protagonista uma mulher negra, Rami, casada com Tony. Esta obra traz, dentre outros aspectos, a voz feminina que há muito foi silenciada. Falaremos sobre como essa voz ecoa na obra e consegue desconstruir saberes estabelecidos como verdades. Tomaremos como referências, teorias pós-coloniais que revisitam o passado e traz para o presente, discursos que devem ser reavaliados, repensados. Teóricos como Thomas Bonnici (2005), Anthony Appiah (1997), Inocência Mata (2014), entre outros, contribuem para essas discussões. Neste trabalho analisaremos ainda, o texto de Chiziane como uma escrita negra de combate, enfrentamento e ocupação de espaço na História e no âmbito literário. Os objetivos desse trabalho são: Pensar sobre a escrita literária negra moçambicana como reconstrução da sua história e produção intelectual de enfrentamento social; Refletir sobre a linguagem literária de Paulina Chiziane na obra Niketche - Uma história de poligamia, pensando na desconstrução dos discursos históricos. Paulina Chiziane nasceu no Sul de Moçambique, no ano de 1955, participou de movimentos sociais em prol das causas femininas como a OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas); participou também da FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana). Chiziane vivenciou o período de colonização, lutas, guerras e libertação de Moçambique. Essas experiências fizeram com que a escritora ganhasse ainda mais força para continuar escrevendo e se fazendo presente na sociedade, através da literatura.

Simpósio 57
Machado de Assis, crítico da cultura brasileira

Juracy Assmann Saraiva (FEEVALE)
Marcelo Diego (UFRJ)

Resumo O texto literário, produto e produtor da realidade social que lhe serve de referência, apresenta, ora explícitos, ora implícitos, traços dessa realidade, os quais o escritor reelabora poeticamente e criticamente. Assim como as demais artes, a literatura situa-se entre as realizações humanas cujas legitimidade e interesse não residem necessariamente na correspondência com o real, mas na forma como o texto representa o real e no modo como o escritor seleciona e retoma convenções artísticas, reelaborando-as e nelas projetando expectativas de seu tempo e aspirações de futuro. No âmbito da produção literária, inexistem, pois, fronteiras nítidas, visto que a ficção se expressa como um cronótopo, em que o discurso histórico e o estético se cruzam, dinâmica que permite analisar as correlações recíprocas das obras tanto com a realidade que lhes dá referência quanto com o sistema artístico que lhes dá forma. O contexto sócio-histórico-cultural do momento da produção torna-se, assim, tema de obras literárias que reinterpretam a realidade de construções culturais e de sujeitos sociais, sintetizando acontecimentos e anseios coletivos e dramas individuais. O presente simpósio visa a discutir o posicionamento crítico que Machado de Assis expressa em sua obra, ao nela instituir a representação da cultura brasileira, processo que realiza tendo o cenário do Segundo Império e do início da República por base e o diálogo com a tradição literária como fundamento. O simpósio reafirma, assim, a natureza mimética da literatura, sua finalidade social e metacrítica, uma vez que a recriação da experiência fenomenológica da realidade, sobre a qual a ficção se funda, decorre de uma postura reflexiva, em que o escritor observa criticamente o seu entorno e exercita sua vocação estética, dialogando com a herança literária, seja para assimilá-la, seja para transformá-la. Em si mesmos fenômenos de linguagem, a organização social e política do Brasil, seus eventos históricos, ritos sociais e privados, funções públicas e exercícios profissionais, manifestações da cultura erudita e popular, formas de comunicação, crenças e valores da sociedade brasileira do século XIX e do início do século XX – particularmente a fluminense

– constituem o tecido em que Machado de Assis trama seus textos ficcionais, poéticos, dramáticos e ensaísticos, neles infiltrando sua crítica da cultura, expressando suas convicções políticas, éticas e estéticas. A partir de sua composição – em que a ambiguidade significativa se instala –, os textos machadianos transformam o leitor em cúmplice da sua escrita híbrida, na qual a realidade referenciada demanda formas próprias de representação. Consequentemente, o simpósio, orientado pela interdisciplinaridade e pela transdisciplinaridade, acolhe comunicações que refletem sobre a obra machadiana enquanto processo de representação que se posiciona criticamente sobre o contexto sócio-histórico-cultural e sobre o próprio sistema artístico, em especial, o literário. O simpósio abre-se, portanto, para estudos de base sociocultural, filosófica, multiculturalista, comparatista, poética e narratológica, entre outras, valorizando, também, pesquisas que tratem dos processos de recepção da obra do escritor brasileiro. A pluralidade de enfoques enseja que sejam elucidados, nos *corpora* selecionados para análise, reflexões que Machado de Assis realiza sobre circunstâncias humanas e sobre o fazer artístico da cultura de que faz parte. A partir desse eixo central, as comunicações podem optar, como *corpus* de análise, pelo romance, pelo conto, pelo teatro, pela poesia, pela crônica, pela crítica, pela ensaística e pela correspondência machadianas. Dessa forma, entre outros aspectos, podem tratar da produção metafórica e alegórica que, frequentemente, tematiza aspectos históricos, na obra do escritor; podem restabelecer diálogos de textos machadianos com outros textos literários e com elementos do teatro lírico e dramático, da música e da dança, das artes visuais, da arquitetura e da geografia, de todas as artes e ofícios que o escritor incorpora às suas criações; podem deter-se nas manifestações do cotidiano e em elementos da cultura popular que o olhar do escritor privilegia; podem enfocar as crônicas como espaço de denúncia social ou de avaliação de eventos culturais. A crítica que se inscreve nos textos, a partir da qual Machado compõe a ficcionalização de uma teoria do fazer poético, também tem espaço no âmbito do simpósio, que abrange, igualmente, os vínculos entre Machado e o público leitor do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e da primeira década do século XX. Em síntese, o simpósio contribui para a divulgação de estudos que exploram a obra de Machado de Assis em sua relação com o momento sócio-histórico-cultural de sua produção e de sua recepção e que, por extensão,

enfatizam a necessidade de sua atualização no âmbito acadêmico e no sistema educacional brasileiro.

A escrita da escuta de Machado de Assis

Luciana Antonini Schoeps (USP)

Resumo Esta comunicação pretende apresentar um aspecto de nossa pesquisa de pós-doutorado, na qual analisamos as problematizações em torno da questão da voz da literatura em Machado de Assis, a partir das noções de auditividade e de oralidade, de Luiz Costa Lima e Henri Meschonnic, respectivamente, com especial atenção para o manuscrito e a primeira edição do romance Esaú e Jacó. Uma outra reflexão, contudo, concerne à presença do que se poderia chamar de "escrita de ouvido", partindo-se dos trabalhos teóricos de Marília Librandi-Rocha, para quem os aspectos sonoro e acústico são relevantes no que respeita à configuração da literatura brasileira. Esta seria caracterizada por uma importância marcante do ouvir, da escuta, como motor da própria escrita, dentro de uma compreensão que prevê o vocal, o falado, como inerente à escrita tanto no âmbito da produção, como no da recepção. Tendo em mente esses pressupostos, trarei à tona algumas passagens de Esaú e Jacó que ilustram essa proeminência de uma "escrita de ouvido", mostrando que haveria uma escrita da escuta, ou antes uma escrita atenta à escuta, visto que o romance constantemente coloca em relevo o campo semântico da escuta, ao comentar e ficcionalizar na narrativa momentos em que as personagens e/ou o narrador escutam (ou não escutam), apontando-se para uma representação na escrita do oral, da escrita de ouvido. Assim, palavras como ouvir, ouvido, falar, falado, escutar, escuta, surdo, orelhas, entre outras, serão inquiridas a fim de contextualizar a ficcionalização do universo da escuta. Dessa forma, pretende-se melhor compreender as relações entre os universos da escrita e do oral na ficção machadiana, desenvolvida dentro de uma cultura oriunda do entrecruzamento do oral e do escrito que enformou os hábitos de pensar de nossa cultura brasileira.

A loucura na obra machadiana: um diagnóstico do liberalismo à brasileira

Elisana (Lisa) Dias Borges (UFRJ)

Resumo O objetivo deste trabalho é entender um pouco melhor as estruturas sociais e sua movimentação no Brasil do século XIX a partir da análise de O alienista (1882) e Quincas Borba (1891 – versão definitiva) – ambos os textos de Machado de Assis. Escritos no último quartel do século, no período que se convencionou chamar de "a segunda fase" do autor, os dois trabalhos retratam, respectivamente, o fim do XVIII e meados do XIX. E ao lançar luzes sobre esses momentos, já com os olhos de quem presenciou uma série de acontecimentos decisivos para o país, Machado nos apresenta algumas das personagens mais complexas e emblemáticas da literatura. Aqui, três delas são fundamentais: Simão Bacamarte, Rubião e Quincas Borba. Essa aproximação forçada não se dá ao acaso: o modo como Machado trata da loucura em sua obra quer me parecer muito próximo da maneira como ele lê a sociedade, introduzindo, inclusive – ainda que sem o rigor da ciência –, algumas das categorias psíquicas que só seriam realmente estruturadas pela psicanálise a partir de Sigmund Freud. É sabido que o entendimento dessa doença – se é que assim se pode chamá-la – varia significativamente ao longo da história. Aliás, a mudança se dá não apenas na observação da loucura, mas nos papéis desempenhados pelo médico, pelo louco, pela medicina e, num movimento dialético, pela sociedade em seu conjunto. Se o ascetismo protestante, embora não tenha nascido para tanto, como afirma Max Weber, molda os corpos e mentes à serviço do capitalismo, na periferia do mudo, de inspiração católica e ainda assentada em bases escravocratas, a ideia de alienação – com toda sua abrangência – parece fazer as vezes, segundo a obra machadiana, de seu correspondente comportamental.

As Americanas e a colonização da cultura brasileira

Maria da Glória Bordini (UFRGS)

Resumo Assim como os românticos Alencar ou Gonçalves Dias, Machado de Assis engajou-se na luta pela afirmação nacional. Nos poemas de Americanas, os temas românticos do indianismo e da história são veiculados por uma poética incipientemente parnasiana, implicando uma homologia entre a época contraditória vivida pelo autor, que passava da monarquia à república, sem uma efetiva emancipação do povo. Vistas sob a lente das teorias pós-coloniais, as Americanas atestam sua condição de colonialidade, por mais que o poeta se desvie das idealizações de seus predecessores ao acentuar o martírio e a violência, a mulher vitimada e o epos em oposição ao lírico, numa inclinação já realista.

Entre Pombinha e Arminda: a mulher pode ser protagonista das histórias/da História?

Christini Roman de Lima (UFRGS)

Resumo Quem pode ser protagonista das histórias e da História é o questionamento que recobrirá as análises de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis. Depreende-se, a partir do exame das duas obras, a posição da mulher por meio das personagens Pombinha e Arminda, como individualidades em sujeição: tem-se, de um lado, o percurso até a independência do corpo e do prazer femininos – independência essa, no entanto, ainda restrita à marginalidade – e, de outro, a total subjugação que exclui o indivíduo de sua condição humana em função da posição social que exerce, ou seja, a escravidão.

O intérprete do intérprete: a transposição fílmica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis

Márcia Rohr Welter (Universidade Feevale)

Resumo Machado de Assis, em sua produção literária, posiciona-se de forma crítica perante o contexto sociocultural do Rio de Janeiro do século XIX e o reconstitui em sua obra. O diálogo com práticas culturais e com processos de institucionalização da literatura está presente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cuja transposição para a linguagem fílmica, exigiu um processo interpretativo por parte do diretor. Nessa perspectiva, André Klotzel, em *Memórias Póstumas* (2001), concebe uma narração instigante para a narrativa post mortem, dividindo esse processo entre dois narradores, o grande imagista e o subnarrador. No presente artigo, analisa-se o modo como ambos estão inscritos na narrativa cinematográfica a partir dos enquadramentos e dos planos fílmicos, bem como a instalação de significados provenientes de tal escolha. Para isso, adota-se um método indutivo, com uma revisão bibliográfica que conta com os estudos de André Gaudreault e François Jost (2009), Juracy Assmann Saraiva (2003), René Gardies (2006) e Jacques Aumont e Michel Marie (2013), a respeito da narrativa fílmica e, em especial, a respeito dos planos e dos enquadramentos da imagem fílmica. A partir da análise do filme de André Klotzel, calcada nesses pressupostos, é possível perceber que os enquadramentos e os planos fílmicos fazem parte da construção dos significados e que o grande imagista e o subnarrador conduzem, de modo compartilhado, a narrativa em *Memórias Póstumas* (2001), o que comprova o processo criativo de seu diretor, com o qual ele atualiza a obra machadiana.

O primeiro Machado e sua atuação jornalística

Luiza Helena Damiani Aguilar (USP)

Resumo Essa comunicação tem por objetivo olhar para os primeiros anos de Machado de Assis, focando especialmente sua atuação jornalística em folhas como a *Marmota Fluminense* (1852-1857), o *Paraíba* (1857-1859), *O Espelho* (1859-1860) e, principalmente, o *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1870). Na visão do jovem Machado, a publicação periódica dava ao povo uma possibilidade de abalar as estruturas que regiam socialmente o Brasil do século XIX, já que o viés democrático do jornal contrastava com a "organização desigual e sinuosa da sociedade", como comenta em seu "A Reforma pelo Jornal", publicado em 1859 n'*O Espelho*. Machado, portanto, utilizou os espaços a que tinha acesso nas folhas não só para desenvolver características literárias que depois viria a aproveitar de diferentes formas em sua prosa, mas também para fazer comentários políticos de tom satírico em relação à sociedade em que vivia. Ao compor suas crônicas para as folhas da corte, Machado usava de ironia para tratar de figuras políticas de peso e acontecimentos importantes da capital brasileira, misturando o comezinho do cotidiano carioca com referências bibliográficas que vão de Platão a Molière, elemento que será amplamente retrabalhado posteriormente em sua literatura.

Quixotismos machadianos

Márcia Denise da Rocha Collinge (IFPA)

Resumo Quando Cide Hamete Benengeli encerra o contar de sua história com o fim das aventuras de Dom Quixote como cavaleiro, compreendemos que "tudo é artifício e máquina" (DQ II, p. 200), porquanto o desencantamento da história é o desengano da ficção. Esse desencantamento está presente também na obra machadiana, porquanto as reescrituras do irônico e sagaz escritor brasileiro se filiam à segunda e mais complexa recepção do clássico espanhol, a recepção dura. As aventuras do cavaleiro manchego que inspiram da compaixão ao riso, atingem a obra do "mestre da arte de escrever" (MONTELLO, 1972, p. 29) que abre, uma das mais "sólidas e brilhantes

páginas da nossa vida brasileira" (ASSIS, 1962, p. 926) ao fundar a Academia Brasileira de Letras. Tal comparação é destacada pela homenagem de Carlos Fuentes (1928-2012) intitulada Machado de La Mancha (2001), na qual identifica Machado de Assis como um "milagre" (p. 7) que retoma, pela primeira vez na América espanhola, a tradição do primeiro romance moderno. Esta comunicação edifica a ideia de que o Bruxo do Cosme Velho, lúcido e brincalhão, apercebera-se da presença de Dom Quixote na construção da singular identidade brasileira e buscou soluções inovadoras para envolver a imagem do louco entressachado, cheio de lúcidos intervalos na universalidade de seus escritos, construindo uma obra glocal — a qual nos permite encontrar as mensagens atemporais do emissário justiceiro de La Mancha mescladas à cor local do Brasil do século XIX. Para tanto, aplicamos à pesquisa conceitos de teóricos como Harold Bloom (1930) em A ansiedade da influência (1973); Gilberto Freire (1900-1987) em O brasileiro entre os outros hispanos (1975), Carlos Fuentes (1928-2012) em Machado de La Mancha (2001) e Kenneth Jackson em Machado de Assis: A Literary Life (2015) para debater como o milagre brasileiro, pela via da comicidade e da melancolia, é pioneiro em retomar a tradição de La Mancha na América hispânica e destacar o brasileiro entre outros hispânicos.

Sobre roupas e jornais: o conto machadiano na Gazeta de Noticias

Bruna da Silva Nunes (UFRGS)

Resumo Dos prováveis duzentos e dezoito contos publicados por Machado de Assis, cerca de duzentos e dez foram lançados em veículos da imprensa antes de ganharem versão em livro – sejam livros organizados pelo próprio autor, sejam edições póstumas. Dentre os periódicos em que colaborou, encontramos uma variedade de linhas editoriais, com enfoques diversos, como moda, política e cultura. Ao estudarmos os contos machadianos levando em consideração as fontes primárias, isto é, os periódicos nos quais ele publicava seus textos, notamos um trabalho de adequação formal e de conteúdo em relação aos veículos, mas, ao mesmo tempo, também é possível perceber aspectos autorais que percorrem a produção de Machado como

um todo. Partindo dessa premissa, proponho analisar, neste trabalho, referências à moda e ao vestuário nos contos de Machado de Assis publicados na Gazeta de Noticias. Tal periódico, considerado noticioso, de cunho político e abolicionista, possuía um público leitor predominantemente masculino. Em uma primeira leitura, a Gazeta não abarcaria, portanto, menções à moda, visto que o assunto era considerado, muitas vezes, "mundano" e pertencente ao universo feminino. Contudo, as alusões a itens do vestuário são bastante presentes, e os contos de Machado de Assis publicados no periódico estão repletos desses registros. Sendo assim, este trabalho se organiza a partir de três questões centrais: como se dão as referências à moda e à indumentária nos contos de Machado de Assis publicados na Gazeta de Noticias? Quais são as funções que essas referências assumem nas narrativas? E, por fim, como tais referências se relacionam com a linha editorial da Gazeta? Como aparato teórico, destaco as obras Machado de Assis – antes do livro, o jornal, de Lúcia Granja (2018), e O espírito das roupas, de Gilda de Mello e Souza (1987).

Uma sociedade de medalhões refletida nos espelhos machadianos: proposta de leitura para o Ensino Médio

Débora Bender

Resumo O acesso à Literatura, considerada patrimônio cultural da humanidade, deveria ser garantido aos indivíduos desde a mais tenra idade, visto que a leitura de textos literários contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, do senso estético e da imaginação, amplia o conhecimento acerca de diferentes contextos históricos e culturais, além de aprimorar a capacidade cognitiva e linguística dos leitores. Contudo, o direito à Literatura (CANDIDO, 1995) é, frequentemente, dificultado por abordagens pedagógicas insuficientemente estimulantes e pouco provocadoras, que se concentram em aspectos extrínsecos ao texto, como a época em que o autor o produziu, as características estéticas do período, sem propor a leitura integral da obra nem sua compreensão e interpretação. A leitura de textos literários deve propiciar a identificação do leitor para que ele migre da significação textual para a descoberta de sentidos, promovendo novas maneiras de ser, de refletir sobre a realidade e de nela

atuar, de modo que aprenda não só sobre o que está lendo, mas, sobretudo, sobre si mesmo. Paralelamente, a escola deve oferecer ao aluno a oportunidade de constituir sua formação literária, o que inclui a leitura de autores canônicos, como Machado de Assis, a partir de enfoques metodológicos relevantes. Considerando a necessidade de interferir na prática pedagógica da leitura de textos literários, este trabalho aplica a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito (JAUSS, 1994, 2002; ISER, 1996, 2002) aos contos machadianos "O espelho" e "Teoria do Medalhão". Publicadas na obra "Papéis avulsos", de 1882, as narrativas contêm críticas implícitas à sociedade carioca, as quais ainda desenham o perfil do brasileiro dos dias atuais. Por meio da visualização da leitura como prática social e como exercício crítico-interpretativo, pretende-se demonstrar, mediante uma proposta de leitura, que a participação efetiva do aluno na construção do texto, no caso, de contos de Machado de Assis, é possível.

Simpósio 58
Manifestações da religiosidade na literatura: transdisciplinaridade e representações identitárias

Evaldo Balbino (UFMG)
Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG)
Tereza Ramos de Carvalho (UFMT/CUA)

Resumo Nossa proposta é acolher trabalhos que contribuam para uma discussão transdisciplinar da presença da religiosidade em expressões literárias diversas e que venham a colaborar para a nossa compreensão da formação identitária dos sujeitos a partir da expressão literária, tanto no campo da produção e da recepção quanto da crítica e da exegese literária. A literatura, por seu aspecto mimético, poético, lúdico, linguístico, catártico e participativo, apresenta-se como uma das mais interdisciplinares e transdisciplinares atividades humanas, como o são outras manifestações artísticas. Por meio da literatura, todas as áreas do pensamento e da expressão humanos podem ser revisitadas de modo simbólico, metafórico e mimético. As expressões das diversas formas de religiosidade são contempladas em obras literárias dos mais variados gêneros, tendo em vista que é por meio da linguagem que os registros fundamentais das manifestações religiosas foram preservados e recriados. Isso se dá porque toda vez que nos expressamos religiosamente, também alcançamos experimentar os mais diversos campos dos saberes, visto que a expressão religiosa se dá com o humano em sua complexidade histórica, filosófica, sociológica, científica, etc. Se a totalidade é inerente às divindades e deidades, é dessa totalidade que surgem as particularidades das identidades individuais e coletivas de um grupo religioso ou de uma pessoa. Muitas vezes, independente das vontades de quem escreve, o vínculo a uma religiosidade pode transparecer, como também pode haver uma intencionalidade latente e clara do escritor em sua obra por meio das personagens que ele cria ou devido a projetos como o do Romantismo ou em função de reações como as do Barroco, por exemplo. É perceptível, portanto, que textos preservados como a *Ilíada*, a *Odisseia*, a *Eneida*, a *Divina Comédia*, por exemplo, bem como muitas das tragédias do século de Péricles, legaram ao ocidente modelos narrativos que envolvem o sagrado, o maravilhoso, o sobrenatural, o divino vivenciado pelos humanos, numa tentativa clara de

vincular nossa existência a um plano superior além da carnalidade terrestre, criando, dessa forma, um modelo arquetípico revisitado e recriado constantemente, seja pelas representações das fragilidades humanas diante do Supremo, seja pela tentativa de configuração do invisível (céu, inferno, santos, anjos, demônios, deuses, ninfas e todo o conjunto de seres sobrenaturais), seja pela tentativa de encontrar uma explicação, um sentido para a passagem do homem pela terra, os mistérios do surgimento, do nascimento, da vida e da morte. Não é raro que a estrutura de textos religiosos ressoe nas arquiteturas de textos literários, numa fusão entre o sagrado e o profano com vistas a desvendar o humano em sua complexidade, a partir da rememoração do sagrado vivificado no humano. A máxima de Santo Agostinho (1973) de que só encontramos Deus em nós mesmos deve, assim, ser entendida em termos de busca interior, mas sempre em relação ao mundo em que vivemos. Afinal nossas representações – e a literatura aí se enquadra – perfazem-se a partir de nossas relações histórico-sociais. Nesse viés, os discursos literários que construímos dialogam com (espelhando e refutando, criando e recriando) as estruturas sociais que erigimos e das quais participamos (CANDIDO, 1973). Nos estudos de Mircea Eliade (1999) que buscam a essência das religiões (e de fatos elas têm pontos em comum entre si), verificamos que das relações entre o profano e o sagrado vão se construindo representações várias, atravessadas pelas experiências e concepções dos diferentes sujeitos. O historiador Ronaldo Vainfas (1992), por exemplo, cônscio das relações entre nossas vivências sociais e históricas e as representações que fazemos do mundo, de nós mesmos e do grande Outro, verifica pertinentes diálogos entre o casamento, o amor e o desejo no ocidente cristão. Assim procede Miguel de Unamuno (1966) quando, em análise dos místicos espanhóis do século XVI, mormente Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz, não deixa de analisar as constrições sociais que permeiam as vozes dos dois autores. Felipe Fortuna (1987) aponta, analisando o caso da escritora mineira Adélia Prado, o que ele chama de "as contradições de Deus", e isso porque, deduzimos, todo discurso humano, mesmo falando do grande Outro, desdobra esse Outro nas fragmentações do próprio discurso que são as do próprio sujeito que o constrói. Nesse sentido cabe-nos falar em termos de locais de cultura, de acordo com as teorias de Homi Bhabha (1998). Cada sujeito diz dos lugares que ocupa, e isso até mesmo quando vive e representa o sagrado. Por todo o exposto,

as identidades, todas elas, só podem ser vistas e analisadas como um palimpsesto, uma sobreposição de valores que elas constroem e que as atravessam, daí falarmos em termos de identidades culturais carregadoras de valores arquetípicos e, ao mesmo tempo, móveis, no tempo e no espaço (HALL, 1997;1999). Analisando, portanto, discursos literários que fazem diferentes representações do sagrado ou da religiosidade, vemos neles traços do que, polifonicamente, encontramos em quaisquer discursos (BAKHTIN, 1997).

A encruzilhada entre o popular e o erudito no mito fáustico de *Grande sertão: veredas*

Lucas Silveira Fantini da Silva (UNESP)

Resumo É consenso da crítica especializada que a produção literária de João Guimarães Rosa acontece no entrecruzamento de vasta erudição linguística, literária e filosófica com o conhecimento íntimo de crenças e costumes da cultura popular sertaneja. Luiz Roncari (2004) afirma que o texto rosiano estrutura-se, fundamentalmente, em duas camadas: uma regional, popular e brasileira, e outra universal, erudita e de pretensão mítica. Vislumbrando esse "bidimensionamento", Antonio Candido (1967) demonstra ser problemático o enquadramento de Rosa no modernismo regionalista, já que sua obra transcende o substrato regional em que se ambienta ao abordar conflitos de ordem universal, subjacentes à condição humana. Logo, Candido considera o trabalho de Rosa como "regionalismo universalizante", pois, numa obra como o romance "Grande sertão: veredas" (1956), o sertão torna-se metonímia do mundo e os grandes dilemas da humanidade iluminam as particularidades do homem sertanejo. Um projeto literário assim, que parte do que é nacional e próprio para abarcar o globo inteiro e vice-versa, foi delineado por Goethe no início do séc. XIX, que preconizava, no que ele chamou de "Weltliteratur", a sincronização de manifestações literárias com o destino e os dilemas comuns a toda a humanidade, independentemente de qual fosse o seu lugar de produção originário (Cf. HEISE, 2007). O autor de "Fausto", usa uma lenda popular alemã para, num dos níveis de análise da obra, reconstruir a experiência da modernidade, radical e trágica, sofrida pelo homem do seu tempo. O pacto com o diabo do

mito fáustico, imortalizado por Goethe, reverbera também como um dos grandes motivos de "Grande sertão". Com embasamento principal em Leonardo Arroyo (1984) e Jerusa P. Ferreira (1995), este trabalho, enfim, tem a pretensão de salientar alguns ecos goethianos no projeto literário de Guimarães Rosa e de destacar as marcas da cultura e da religiosidade popular por meio das quais o autor mineiro constrói seu próprio Fausto.

Hábito e escrita: literatura conventual nos séculos XVI e XVII

Amanda Luzia da Silva (UNICAMP)

Resumo Esta pesquisa propõe um estudo sobre a literatura produzida em conventos femininos nos séculos XVI e XVII, a partir de um recorte que permita situar, na tradição retórica da arte da memória, os espaços narrativos e alegóricos presentes nos textos escritos por religiosas. Tal abordagem abre a indagações sobre a maneira como o convento, tanto como instituição social como na sua estrutura física, se torna um espaço paradoxal para entender a posição das mulheres como produtoras de conhecimento. Entre o regime de confinamento e a liberdade de não ter de servir a um marido e às demandas familiares, as religiosas encontraram formas de expressão que muitas mulheres casadas jamais lograriam. A rotina comunitária e as regras institucionais ao mesmo tempo em que controlavam as ações das monjas, também possibilitavam um momento diário para o estudo, fato que se observa em diversos aspectos da literatura conventual: do incentivo à alfabetização à prática da leitura de textos em latim em muitos conventos. Além disso, a escrita de memórias era um gênero apreciado e extensivamente recomendado por membros do clero, muito embora os textos produzidos pelas religiosas tenham sido utilizados como mais uma estratégia para exercer controle sobre os espaços internos e inacessíveis do convento. Não surpreende o fato de que muitas freiras terem tido seus manuscritos queimados por clérigos (MORUJÃO, 2011) e, em casos mais extremos, como o de Teresa de Jesús, terem sofrido perseguição direta da Inquisição. Nesse sentido, os trabalhos de Frances Yates (1966) e Mary Carruthers (1995), sobre a Arte da Memória, assumem um lugar privilegiado nesta pesquisa. Os aspectos imagéticos e espaciais constitutivos da memória são

postos em evidência no contexto controlado dessa instituição total – nomenclatura sugerida por Erving Goffman (1961) – cheia de particularidades e, portanto, pode despontar ressonâncias frutíferas na área de estudos de gênero e de religião.

Religiosidade e transdisciplinaridade canônica na formação da identidade do brasileiro

Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG)
Rosanna Cinthya dos Santos Oliveira (CEFET-MG)

Resumo O cânone literário brasileiro, configurado durante o Romantismo, apresenta desejos e anseios de nossos intelectuais no século XIX que, diante das condições de avanços do Brasil como país independente e sede da Corte, traçaram o aspecto ideológico do povo brasileiro e do Estado Nacional. Uma equipe transdisciplinar e multidisciplinar foi mobilizada com o intuito de registrar o solo brasileiro, realizando um registro amplo e detalhado do território, de suas riquezas e de seu povo, para conhecimento geral. O desejo crescente de autonomia do Brasil, a necessidade de criação de uma identidade nacional própria, a imitação de modelos da Europa, origem de vários artistas e pesquisadores e onde estudavam os brasileiros, contribuíram para a formação do olhar de homens cultos, de diversas áreas do saber e do conhecimento, criadores, organizadores, membros e gestores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, órgão importante na modelagem da nossa identidade literária, cuja Revista contribuiu na divulgação dos interesses, mentalidades e ideário do grupo. A ampla diversidade e alto nível de formação desses agentes, a proximidade com a Família Real e a relação com a nobreza conferiam poder e intencionalidade nas escolhas do modelo de cânone na coleta e arquivo de obras e autores até o sec. XIX. Ideologicamente se destaca o cristianismo como inerente ao projeto de nação e se estabelece um protótipo ideal para nosso cânone que se caracteriza como católico, apostólico, romano, judaico cristão, moldado através de perspectivas e olhares inter e transdisciplinares. Assim, nosso cânone literário apresenta contaminação religiosa em seu pressuposto de Pátria, Nação e Povo configurando um ideário de valores que perpassam o imaginário e as identidades das diversas gerações desde então. Nosso

interesse, é revisitar a presença da religiosidade na produção literária brasileira e compreender o comprometimento da nossa formação identitária num Estado democrático e laico.

Simpósio 60
Narrar Portugal: a ficção portuguesa contemporânea

Mauro Dunder (UFRN)
Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUCRS)
Profa. Dra. Raquel Trentin Oliveira (UFSM)

Resumo Abril de 1974 trouxe cravos, o último suspiro do império português e o retorno para casa de quem dela saiu ou de quem nunca nela havia estado: emigrantes chegados de países europeus, soldados sobreviventes da guerra colonial, exilados regressando do estrangeiro, colonos retornados, muitos que nasceram em África. "Uma aventura histórica mal terminada com aparência de bem terminada", avisa-nos Eduardo Lourenço (2014, 186). Esse "movimento de regresso das margens, a que assistimos no pós-25 de Abril, não só de África, mas de todas as outras partes marginais que formavam o Portugal salazarista", fomenta "uma multiplicidade de respostas dadas pelas várias narrativas surgidas" e pela "multiplicidade de vozes ou pontos de vista que se registra no interior de cada uma" (RIBEIRO, 2004, p. 235). Sem Áfricas e Brasil, como sublinha Margarida Calafate Ribeiro, Portugal precisa repensar-se do tamanho de si mesmo, o retângulo na ponta da Europa: "fica a imagem de um Portugal em acelerado processo de fragmentação e esvaziamento, o que explica a tematização obsessiva da sua identidade, num exercício de reencontrar o seu rosto e o sujeito português, face a um ambiente pleno de signos de violenta ruptura física, psicológica e social" (2006, p.45.). Os ossos de um mal enterrado colonialismo, portanto, rompem as estruturas pretensamente apaziguadas, e essa ruptura também se dá em nível ficcional, em obras que investem sobremaneira na subversão dos modelos clássicos. Assim, a ficção portuguesa, dos anos 70 em diante, conforme bem mapeia o professor Carlos Reis (2005) na sua apresentação dessa fase, incorpora uma série de inovações: "a tendência para rearticular, não raro de forma paródica e provocatória, gêneros narrativos recuperados do passado ou de zonas, antes, entendidas como subliterárias"; "a enunciação de discursos de índole assumidamente intertextual"; "a elaboração de engenhosas construções metadiscursivas e metaficcionais", "a concepção da narrativa como campo propício à problematização ou mesmo à deslegitimação de

narrativas dfundadoras ou identitárias"; "a reescrita da História" em clave ficcional ou mesmo alegórica, assumindo "indagações de orientação post-colonial" (REIS, 2005, p. 296). Tudo isso refletido no tratamento do discurso narrativo, que não raro rompe a forma de apresentação convencional das suas categorias (personagem, narrador, tempo, espaço, focalização, enredo), valorizando a fragmentação, a polifonia, a dispersão e o inacabamento. Enquadrado em tal panorama, este simpósio receberá trabalhos que vinculem os estudos narrativos a uma abordagem pós-colonial, para analisar obras da literatura portuguesa contemporânea. Por estudos narrativos, entendemos aqueles interessados na compreensão do sistema operatório da narrativa e orientados por três princípios básicos: a interdisciplinaridade, a transnarratividade e a contextualidade (REIS, 2018, p. 122-123). Os estudos pós-coloniais – campo de pensamento de difícil conceituação pela heterogeneidade de suas linhas e pontos de vista – são caracterizados por Boaventura de Sousa Santos, como um "conjunto de práticas e de discursos que descontroem a narrativa colonial", usando "privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários" (2010, p.233-234). É justamente esse exercício crítico pós-colonial, baseado inclusive nas reflexões do referido sociólogo sobre as diferenças e as especificidades do colonialismo português, que constatamos em obras como *Uma história de regressos* (2004), de Margarida Calafate Ribeiro, e *A excepção Atlântica* (2010), de Roberto Vecchi, ambos voltados para a exegese da ficção portuguesa contemporânea. A partir dessas reflexões e desses referenciais teóricos, sem contudo limitar-se a eles, este simpósio convoca leituras e análises comparativas entre obras da ficção literária portuguesa pós-1974; entre essas obras e narrativas apresentadas em outras mídias e gêneros; entre a narrativa ficcional contemporânea e a tradição literária portuguesa anterior; ou mesmo entre a ficção narrativa produzida em Portugal e a produzida nas ex-colônias portuguesas, na contemporaneidade. Narrativas, enfim, em que se cruzem diferentes vozes, construções identitárias, vieses ideológicos, ou outros elementos, entre os quais se possa estabelecer comparações, com vistas a discutir a contribuição da ficção lusitana contemporânea para a "descolonização da imaginação imperial" (SANTOS, 2010, p.230) que definiu o colonialismo português.

"O vento assobiando nas gruas": o horror colonial, em Lídia Jorge, e a necropolítica, em Achille Mbembe

Dilma Beatriz Rocha Juliano (UNISUL)

Resumo Na literatura contemporânea produzida em Portugal tem grande importância a revisão histórica que protagoniza as narrativas de ficção. São as narrativas literárias assumindo a tarefa de (re) escrever a história colonial à contrapelo, desde a retirada de Portugal do lugar de soberania na afirmação das conquistas, a partir de 1975. Elege-se, aqui, Lídia Jorge, uma das autoras portuguesas que operam nessa chave reflexiva. Trata-se, pois, de colocar em discussão dois pensamentos pós-colonialistas expressos, um, pela narrativa literária, e, outro, sob a forma ensaística. Se em "O vento assobiando nas gruas" (2004), de Lídia Jorge, a presença dos "colonizados" na metrópole é inevitável e real, mas ainda aciona o horror à "mistura"; em "Necropolítica" (2018), de Achille Mbembe, o racismo é insuperável como ódio primevo à diferença. Na ficção, os encontros e desencontros entre colonizados e colonizadores acontecem na metrópole, tendo como arquitetura, material e simbólica, uma desativada fábrica de conservas. A fábrica é o lugar do (des)encontro entre a decadência do burguês branco português e os sonhos de progresso da família caboverdiana que ali se instala e faz local de moradia. Num presente de transformações econômicas e sociais que lida com o passado mais opressor, a ficção retoma a biologia desde a raiz da invenção da raça como separação entre "brancos" e "negros", mostrando sua atualidade. De maneiras diversas, tanto Lídia Jorge quando Achille Mbembe mostram a contemporaneidade do pensamento colonizador num jogo de forças, ambos a partir da crítica pós-colonialista. A "soberania" branca, em ambos, aparece como ameaça constante no risco de morte, na definição de quem deve viver e quem deve morrer, no racismo expresso no direito de matar. Ler a ficção de Lídia Jorge a partir de Mbembe (devir-negro do mundo) e suas referências em Hannah Arendt (condição humana), Foucault (biopoder) e Agamben (poder soberano) é o que se propõe a refletir nesse texto.

A relativização da verdade e suas possibilidades narrativas em "O vento assobiando nas gruas", de Lídia Jorge

Esther Costa Faria (UFSM)

Resumo Tradicionalmente, os relatos históricos são considerados verdades absolutas, registros de narrativas que se pretendem universais a fim de consolidar as conquistas de grandes nações. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, a tendência pós-moderna abre caminhos para narrativas diferentes daquelas que constam nos relatos oficiais justamente para questionar a verdade implicada nestes discursos. A guerra colonial de 25 de abril de 1974, que deu fim ao regime ditatorial de António de Oliveira Salazar, modificou o contexto sócio-político português e possibilitou "a liberdade de expressão e a descolonização [que] permitiram rever ficcionalmente os dramas individuais e coletivos da guerra colonial" (REIS, 2006, p. 287). É nesse contexto que se insere o romance "O vento assobiando nas gruas" (2007), de Lídia Jorge, que reconstitui a história de Milene Leandro. Herdeira de uma família tradicional portuguesa em decadência, Milene se aproxima de uma família de cabo-verdianos que reside na já abandonada Fábrica de Conservas Leandro. A forma testemunhal de narrar procura relativizar a verdade ao mesmo tempo em que possibilita perspectivas variadas, uma vez que a consciência sobre o pensamento das personagens, a variação de perspectiva e a mudança de voz narrativa entre primeira e terceira pessoa (OLIVEIRA, 2011) revelam uma multiplicidade de pontos de vista sobre os fatos. Assim, a temática da descolonização e da oposição étnico-racial entre eu/outro serão os fios condutores de uma crítica social que se estende não somente à família Leandro, mas a um Portugal conservador e em processo de modernização.

Do silêncio e do grito: As cartas de António Lobo Antunes em Angola

Camila Savegnago (UFSM)

Resumo O escritor português António Lobo Antunes participou do final da Guerra Colonial Portuguesa em Angola, de janeiro de 1971 a

março de 1973. Durante esse período de conflito, o então médico tinha por função acompanhar o batalhão português para o qual fora designado e também ajudar a população angolana nas aldeias. As cartas e aerogramas enviados, quase diariamente de Angola, por Lobo Antunes para sua esposa Maria José em Portugal, foram compiladas e publicadas em formato de livro, em 2005, por suas duas filhas mais velhas, Maria José e Joana Lobo Antunes. Ambas assinam o prefácio do livro intitulado *D'este viver aqui neste papel descripto: Cartas da guerra*, que, em 2016, tornou-se filme pelas mãos do cineasta português Ivo Ferreira. As correspondências versam sobre o cotidiano permeado por conflitos nos acampamentos militares em Angola, sobre suas leituras e suas produções escritas e, por fim, e mais recorrentemente, sobre seus afetos e sua relação com a esposa. Norberto do Vale Cardoso, em importante estudo sobre as representações da guerra colonial em António Lobo Antunes, menciona as cartas da guerra como um 'proto-romance' (CARDOSO, 2011, p. 23), no sentido de nelas ser possível visualizar o que seria uma preparação para os romances posteriores do autor. É como se ali já se encontrasse, em potência, o escritor que Lobo Antunes se tornaria. As cartas podem ser consideradas uma linha de força dentro do universo antuniano, uma linha ainda oscilante, mas amplificadora de determinada experiência de guerra que envolve afastamentos, rupturas de relações e de afetos, as mais diversas perdas, silenciamento e, logo, a desestabilização existencial do sujeito envolvido. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é observar de que modo essas cartas de Lobo Antunes se relacionam com o restante da sua obra, especialmente com aqueles textos em que as questões coloniais, pós-coloniais estão mais evidentes.

Entre o visível e invisível: uma vida que se instala

Andreia Scheeren (PUCRS)

Resumo Ao nascer uma obra no cenário cultural, instaura-se o risco do novo. Imediatamente, a crítica literária pergunta-se se esse texto expõe um traçado inédito, diferenciado dos seus predecessores, ou se seu percurso os repete. O livro A coleção privada de Acácio Nobre, de Patrícia Portella, aglutina e negocia o valor da arte em forma de instalação, inovando ora como materialização do passado que sobrevive

- ou que se intensifica (Acácio, objeto da exposição do livro-espólio, é figura relegada e perseguida pela política salazarista) - ora como individuação, busca por traços latentes ao autor (quem é o autor?). Nesse ambiente linguístico, o novo se instala como dinâmica evolutiva histórico-social e como cisão em relação à forma, aos temas e à própria função do literário. Patrícia faz parte de um grupo de autores portugueses que, pós-ditadura salazarista, se identifica com uma ampla gama estética baseada em experiências narrativas que vislumbram o estranhamento - escrita que lança novas perspectivas temáticas e técnicas à literatura contemporânea. O princípio de montagem do texto-espólio reflete, na fragmentação do discurso, a crise pós-colonial (afasta-se de um projeto heroico, mítico, idealizado de nação ou identidade) e aceita os desafios nas formas de narrar não mais circunscritas ao espaço territorial português. Essa investigação objetiva analisar como esta obra de Portela, enquanto processo de experimentação formal instigador dos limites do literário no hibridismo de gêneros, permite a reunião de várias formas de expressão capazes de criar múltiplas e simultâneas semioses. É nesse cenário que a artista assume-se narradora-curadora e produz um olhar crítico sobre o ato criativo e sobre a história de Portugal, cujo potencial é capaz de desestabilizar limites entre literatura e história, ficção e verdade, verossímil e documental. As reflexões de Boaventura de Souza Santos, Carlos Reis, Eduardo Lourenço embasam esta investigação.

História do cerco de Lisboa, de Saramago, e *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela: subversão de modelos clássicos como representação de uma narrativa pós-colonial

Ana Maria Coelho Silva Wertheimer (PUCRS)

Resumo Alegando dar maior fluidez ao "grande rio que é a linguagem do romance" (AGUILERA, 2010, p. 229), Saramago rompe com as regras de pontuação e firma com o leitor novas convenções para o uso da vírgula e do ponto final, dispensando, no discurso direto, o uso de aspas ou travessão, o que o faz com que se pareça com o discurso indireto livre. As inovações do texto saramaguiano não se limitam à estrutura linguística, mas estendem-se ao narrador heterodiegético que dialoga com o leitor em uma dimensão metadiscursiva e

metaficcional. Em História do cerco de Lisboa, publicado em 1989, Saramago apresenta mais uma inovação: por meio da técnica do encaixe de narrativas (mise en abyme), introduz uma narrativa pretensamente histórica em meio a uma narrativa literária, apresentando temas e personagens que se refletem (ou se reptem) em um jogo de espelhos. Ainda que com efeitos e motivações distintas, recurso semelhante é usado por Pepetela em romance publicado em 2016. Este trabalho, portanto, tem por objetivo analisar a construção estética dos romances História do cerco de Lisboa, de Saramago, e Se o passado não tivesse asas, de Pepetela, como romances que representam uma literatura pós-colonial. Estima-se que este estudo aponte, para além de uma ruptura com os modelos clássicos, a construção da uma narrativa pós-colonial.

O romance com a China: sobre *Nocturno em Macau*, de Maria Ondina Braga

Gerson Luiz Roani (UFV)

Resumo Em 20 de dezembro de 1999, Portugal transferia definitivamente para o governo de Pequim o controle sobre o território de Macau. Encerrava-se, na história portuguesa, o "Ciclo do Império", estabelecendo-se um conjunto de ações políticas, culturais e linguísticas concentradas na absorção pela China dessa região singular, na qual a língua portuguesa está presente desde o século XVI. Nessa perspectiva, a literatura feita em língua portuguesa sobre esse enclave lusófono impõe-se como elemento privilegiado da interlocução entre Portugal e a China, pois esta literatura sempre demonstrou um acentuado interesse de leitores e autores pelas culturas do Oriente, principalmente por aquelas criações ficcionais que transfiguram a presença lusitana na Índia, China e Japão. Este olhar sobre trocas culturais marcadas pela aproximação, diferença ou indiferença consiste numa espécie de pauta sobre a qual Maria Ondina Braga realiza a produção das suas narrativas ficcionais. Trata-se de um "percurso amoroso", no qual a China é um elemento indelével. Com base nesses elementos, o romance *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga transfigura a decadência imperial portuguesa numa visada que privilegia a perspectiva feminina na leitura desse processo. A trama

romanesca se circunscreve à história portuguesa dos anos sessenta do século XX, marcados pela integração de Goa à Índia, pela obstinação sangrenta em manter as colônias africanas e pela transferência da administração lusitana de Macau para o governo de Pequim. Romance do fim do império, *Nocturno em Macau* é também uma narrativa sobre as complexas relações socioculturais marcadas por esta perspectiva, no âmbito das quais a mulher ganha destaque. Do ponto de vista das interações entre línguas e culturas, o romance enfatiza as ações de três personagens femininas, docentes no Colégio Santa Fé de Macau: Ester, Ganghora e Xiao Hé Huá.

Processos de figuração da personagem em *Casas Pardas*, de Maria Velho da Costa

Gisele Seeger (PUCRS)

Resumo Maria Velho da Costa é um dos expoentes da eclosão experimentada pela ficção portuguesa em fins dos anos 1960 e 1970. Disseminada em romance, conto, crônica, teatro e lírica até os anos 2000, a obra da autora é marcada pela excentricidade formal e pelo empenhamento ideológico. Sua narrativa envolve temas fundamentais, como a vivência do Estado Novo, o colonialismo, a identidade portuguesa e a condição feminina. Mas, como quer Maria José Carneiro Dias (2013, p. 2-3), é ao nível da tessitura textual e das opções discursivas que Maria Velho da Costa se constitui escritora singular". Sua escrita, por "frequentemente imbricada e íngreme", "tem vindo a limitar o seu público a uma estreita faixa de leitores treinados ou a um núcleo de estudiosos/críticos literários que nos seus textos encontram amplo terreno de análise". No entanto, embora o conjunto de sua obra seja marcado por um apurado trabalho formal, nem todos os seus romances partilham da mesma complexidade estrutural de *Casas Pardas* (1977), complexidade que deriva, para mencionar apenas alguns aspectos, da variedade de vozes enunciativas, da fragmentação e das lacunas semânticas, da instituição de nexos temporais e espaciais, de uma aguda exploração das capacidades sensoriais das personagens e da mistura de gêneros. É, no entanto, ao nível da construção das personagens que Casas Pardas mais demonstra sua acuidade linguístico-formal. Apoiada em contribuições dos atuais

estudos narrativos, nesta comunicação pretendo demonstrar, em linhas gerais, a especificidade da figuração das personagens de Casas Pardas, aproximando-me, para isso, das estratégias de figuração empregadas em outros romances da autora.

Rastros da dominação colonial em *Vermelho*, de Mafalda Ivo Cruz, e *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Samla Borges Canilha (PUCRS)

Resumo O colonialismo português em África oferece diversos aspectos de discussão. Entre eles, as consequências nos sujeitos que a viveram – especialmente os colonizados, submetidos a uma situação de violência atravessada pela questão sócio-racial. A literatura produzida atualmente, tanto na metrópole quanto nas ex-colônias, acaba, assim, inevitavelmente trazendo esses sujeitos como uma forma de lançar um novo olhar à dominação que Portugal vendia como grandiosa. Dar lugar a diferentes vozes, em especial às marginalizadas, é inclusive um dos traços da literatura portuguesa mais recente, servindo esse recurso como uma forma de revisitar criticamente a história nacional. Partindo dessas ideias, analiso, nesta comunicação, como a violência entre colono e colonizado continua a atravessar as relações mesmo após o encerramento da dominação colonial. Para tanto, trago um paralelo entre as complexas relações familiares em *Vermelho*, de Mafalda Ivo Cruz, cuja origem está em uma abusiva relação entre o tataravô do protagonista – um colono português em África – e uma das escravas negras de sua fazenda, e a situação de pai e filho angolanos que buscam tratamento de saúde em Portugal nos anos 1980, em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida. O que se percebe é que a marginalização dos que originam dos territórios antes dominados não é apenas uma questão social e política, como atesta a marginalidade em que se encontram os protagonistas de Djaimilia, mas atravessa de forma mais sutil – ainda assim agressiva – também as famílias que derivam dos grandes colonos.

Um romance histórico sobre 1974: Crónica do cruzado Osb., de Agustina Bessa-Luís

Marcos Vinicius Caetano da Silva (UnB)

Resumo Esse trabalho tem o intuito de analisar o romance histórico português "Crónica do Cruzado Osb" (1986), escrito por Agustina Bessa-Luís. De acordo com György Lukács (2011), a forma do romance histórico figura o movimento da história de maneira a registrar seus principais momentos de mudança. No caso do livro de Bessa-Luís, os personagens participantes de três famílias de Portugal, os Jeremias, os Aurelianos e os Silvas, são retratados nos momentos que antecedem e sucedem a revolução de 1974, que extinguiu o império colonial português e o regime ditatorial de Salazar. O documento que dá nome ao romance, originalmente um marco de quando Lisboa fora tomada dos mouros, também é nome do romance homônimo que o personagem e jornalista Josué Silva deseja escrever. A incontornável comparação à própria obra de Agustina permite revelar profundas relações entre a história e a literatura. Com base na teoria do "Romance Histórico", pretende-se discutir aspectos relativos à história portuguesa, no tocante à obra, e a conexão entre o império colonial e à nação portugueses. Há eficácia estética na obra, se tratando da complexidade histórica em pauta? O passado glorioso e idealizado possui pontos de contato com o presente no qual a nação portuguesa tenta se reencontrar? Para isso, a centralidade na obra de Agustina e na influência do romancista Camilo Castelo Branco são relevantes para uma análise da obra em seus mínimos detalhes. A teoria do romance histórico de matriz lukacsiana é capaz de realinhar o passado ficcionalizado e compará-lo com as linhas indefinidas de um presente resultante de sucessivas ações humanas. Sendo assim, é apontado um processo de dessacralização do passado mítico de Portugal, algo que vai além da herança literária nacional e configura a posição do país em nível global.

Simpósio 61
Naturalismo/naturalismos

Leonardo Mendes (UERJ)
Haroldo Ceravolo Sereza (UFSCar)

Resumo O propósito desse Simpósio é discutir os princípios da estética naturalista e debater suas principais manifestações literárias, de qualquer nacionalidade, tanto no século XIX, quanto nos séculos XX e XXI. As propostas introduzidas por este movimento estético democrático, que ousava nos temas e apresentava procedimentos discursivos específicos, garantiu sua difusão pelo mundo (Becker & Dufief, 2018), atraindo escritores de diversos países que adotavam o naturalismo como uma forma de se alinhar à modernidade numa geografia específica que não cabia nas fronteiras das literaturas nacionais. Tal força de representação ultrapassou igualmente seu período histórico e sobrevive até hoje, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas dos campos literários (CASANOVA, 1999). O princípio naturalista fundamental é retratar "a vida como ela é", estudando personagens de diversas classes sociais em seus cotidianos, mesmo quando desprezíveis ou abjetos. Este método de observação e de criação deu origem a uma infinidade de críticas tanto à brutalidade e à imoralidade do naturalismo quanto à pretensão ingênua de representar fielmente a realidade. Entretanto, ingênua era a acusação de que os escritores naturalistas eram ingênuos, pois em vários textos-chave da estética, como o prefácio da segunda edição de *Thérèse Raquin* (1868) e o ensaio *O romance experimental* (1880), Émile Zola esclarece que o objetivo era criar uma "ilusão" da realidade, pois se o romance naturalista adotava procedimentos científicos para reagir contra um romantismo gasto então muito em voga, cabia a cada artista em seu "temperamento" individual o ato da criação. Daí que não se deva falar de "escola" e em "discípulos", pois cada escritor tomou os princípios da estética e os moldou à sua maneira – o que nos permite hoje falar de "naturalismos" (BECKER & DUFIEF, 2017). Destacamos esse mal-entendido como um entre vários reducionismos impingidos ao naturalismo, retratado pela historiografia tradicional como uma estética menor, falsa e ingenuamente científica, muitas vezes reduzida a um clichê. Estudos recentes em vários países vêm desvendando um quadro mais sofisticado e complexo, capaz de acomodar uma

gama de vertentes naturalistas no século XIX e XX, em suas relações com o gótico, o decadentismo, a literatura licenciosa, elegendo ora a representação trágica da existência, ora uma exploração dos enredos repetitivos e da desilusão (BAGULEY, 1995). Na literatura brasileira oitocentista esses desdobramentos parecem capazes de abarcar uma gama bem maior de autores e textos do que a historiografia tradicional conseguiu identificar. A onda naturalista do século XIX deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram retomadas por escritores ao longo dos séculos XX e XXI. A forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra servirá a pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela, que nela verão um modo legítimo de se falar sobre o mundo e as sociedades. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro do século XX, refere-se às vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970. Também aponta, nos temas tratados na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, nos anos 2000, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo. O desejo de expressar dimensões pouco atraentes da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da diversidade sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos vistos como subalternos constituem elementos do pacto naturalista de leitura que se renova e se reproduz na contemporaneidade. O leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações quotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica ou jornalística. Rancière (2010) aponta que, ao abolir hierarquias e criar obras que não respeitavam a organização até então vigente, o naturalismo do século XIX criou, por meio do "efeito de realidade", o "efeito de igualdade", que está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens. Rancière dirá ainda que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o "aristocrático emprego da ação" seja "bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens". Com a perspectiva renovada de um naturalismo democrático, múltiplo e desordenado, reconhecível nos séculos XIX, XX e XXI, convidamos pesquisadores a enviar propostas de trabalho que incorporem novas questões de pesquisa e estudos de caso ao debate sobre o naturalismo.

"Alma em delírio": um romance naturalista esquecido

Rodrigo Donizeti Mingotti (UNESP)

Resumo O Naturalismo que tardiamente chegou ao Brasil, nas décadas finais do século XIX, mesmo tendo uma passagem efêmera pelo país, deixou textos representantes do movimento como "O cortiço" (1890), de Aluísio Azevedo, "A Normalista" (1893), de Adolfo Caminha, "O Missionário" (1891), de Inglês de Souza, entre outros, que se configuraram os destaques da escola. Entretanto, ainda no século XX, mesmo diante da decadência do movimento, é publicado "Alma em delírio", em 1909, romance do jornalista e escritor Pedro de Castro do Canto e Mello, cujo enredo é atrelado aos preceitos do Naturalismo. No romance, a presença do determinismo em torno do vício (alcoolismo) e da loucura configura-se um texto de cunho cientificista e experimental, aos modos de "L'Assommoir" (1877), de Émile Zola. A presença do álcool, os distúrbios associados a esse vício e o meio histórico-social dos últimos decênios do século XIX, espaço temporal em que se situa "Alma em delírio", foram determinantes para a observação de um sujeito – Rogério Duarte, ex-soldado – inserido nesse processo de experimentação. Sendo assim, esta comunicação visa apresentar o romance de Canto e Mello, já relegado ao esquecimento, de modo a divulgar sua obra e propor novas discussões em torno do Naturalismo que se propagou no Brasil, aos modos estrangeiros, como afirmam muitos críticos, mas que foi ressignificado por aqui através do contexto local com o qual o romancista trabalhou. Há de se entender que parte dos romancistas naturalistas brasileiros utilizaram-se do método experimental como fonte primária para suas produções, porém em contexto sócio-histórico nacional. O mesmo pode ser exemplificado através de "Alma em delírio", onde Canto e Mello explora o problema do alcoolismo e da loucura consequente, mas em decorrência de assuntos e acontecimentos sociais do fim do século XIX no Brasil.

A estética do sublime na narrativa naturalista

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez (USP)

Resumo Importa não somente contrapor naturalistas e românticos, mas entender alguns processos de continuidade estética entre estas escolas. É discutido que o romantismo brasileiro foi determinantemente mais belo do que sublime, nos caminhos de criação da identidade brasileira, na composição dos imaginários de paisagem, etc. Iracema (1869), de Gonçalves Dias, o idílio da terra e o heróico caráter do nativo. Entretanto, Aluísio de Azevedo como Bernardo Guimarães deixaram o macabro, a degustação do horror em Noites na Taverna (1855) e Lendas e tradições (1871). Primeiramente, deve-se pensar que a tradição helenística latejou no romantismo brasileiro a maior parte do tempo, imitando alguns temas e cacoetes do romantismo francês e, apenas mais tarde, assimilou a fração romântica de Byron, Goethe e Leopardi. O que se pretende investigar é a continuidade do sublime já dentro da chave romântica, herança do tratado de Longino, o entendimento do sublime natural "as emoções tradicionais religiosas foram deslocadas da Divindade e associaram-se primeiro à imensidão do espaço e, segundo, aos fenômenos naturais (oceanos, montanhas) que pareciam aproximar-se daquela imensidão" (WEISKEL, 1994, p. 30-31) e seus desdobramentos, como a lógica do terror do sublime negativo. Nos contos "Demônios" (1893), de Aluísio de Azevedo; "A feiticeira" (1893), de Inglês de Sousa; e por último, "O boto" (1886) de José Veríssimo pode-se debater a composição descritiva das paisagens, das personagens, dos conflitos "supra-reais" em consonância à tradição dos sublimes romântico.

A poligrafia de Pedro Rabelo

Riane Avelino Dias (UERJ)

Resumo Este trabalho propõe a divulgação do escritor Pedro Rabelo (1868-1905), fundador da cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, como um autor polígrafo a partir da leitura de poligrafia proposta por Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra em seu livro Adolfo Caminha: Um polígrafo na literatura brasileira do Século XIX (2009):

"A poligrafia como um possível modo de inserção no sistema literário requeria que o autor estivesse em todos os lugares, o que significa dizer em diálogo com o maior tipo possível de textos e de suportes" (BEZERRA, 2009. p. 31). Rabelo publicou sete obras literárias e diversos textos em estilos distintos, com destaque para a ficção naturalista, na coletânea de contos A alma alheia (1895). O escritor compunha junto a amigos célebres a primeira geração de literatos brasileiros a viver profissionalmente da escrita (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 1994). Colaborou com periódicos cariocas, com destaque para a Gazeta de Notícias tanto em sessões humorísticas como em uma coluna de vulgarização científica. Seus escritos costumeiramente eram publicados nos jornais antes de verterem-se na obra final proporcionando o "diálogo" proposto por Bezerra. Portanto, há subsídios para o argumento de uma produção literária polígrafa do autor de A alma alheia (1895). Para tal, a pesquisa de fontes primárias na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN se mostra essencial para delinear os entrelaçamentos de seus escritos e a sua poligrafia.

Feminino e herança patriarcal no romance naturalista *Dona Guidinha do Poço*

Gabriela Ramos Souza (UFC)
Roseli Barros Cunha (UFC)

Resumo O presente trabalho pretende observar de que forma a classe social da protagonista do romance *Dona Guidinha do Poço* (1993 [1952]), do escritor Manuel de Oliveira Paiva, relativiza, em alguns aspectos, o papel da mulher no sertão nordestino do século XIX quando herdeira patriarcal. Para isso, consideramos patriarcado como questão estruturante, com base em Heleieth Saffioti (2015). Depois, tratamos sobre o lugar do feminino na organização da sociedade do período a partir da historiadora Miridan Knox Falci (1997). Para a análise literária, nos apoiamos nas considerações de Tânia Pellegrini (2007) sobre o realismo como postura e método, com o intuito de detalhar as classes sociais das personagens; e de Flora Süssekind (1984), que denomina a protagonista como "donzela-guerreira", em sua crítica sobre personagens femininas do romance naturalista brasileiro. Por fim, discutimos o projeto de literatura brasileira de Oliveira Paiva por

meio dos dois ensaios sobre naturalismo publicados no periódico A Quinzena (1888), a fim de perceber como suas concepções se expressam, de alguma forma, na construção da personagem. Assim, é possível refletir sobre a posição ambígua da protagonista: mulher rica e herdeira de bens materiais e de valores patriarcais, mas que não se realiza ao tomar atitudes consideradas masculinas, submetida ao jugo da sociedade patriarcal nordestina.

Os poemas em prosa de estética naturalista em Camille Lemonnier e Joris-Karl Huysmans

Rubens Vinícius Marinho Pedrosa (UFRJ)

Resumo É comum nos estudos literários apontar Le Spleen de Paris (1869) de Charles Baudelaire (1821-1867) como a obra que fez com que o poema em prosa fosse reconhecido como um gênero literário. Não obstante, as origens desse gênero em língua francesa remontam ao final do século XVIII, quando escritores expressam um descontentamento com a rigidez da métrica do verso francês. Além disso, na primeira metade do século XIX, surge uma forma em prosa que se afirmava como poética, como demonstram, por exemplo, o texto que abre a recolha de poemas *Vapeurs; ni vers, ni prose* (1838), de Xavier Forneret (1809-1884), e *Gaspard de la nuit* (1842), volume de poemas em prosa de Aloysius Bertrand (1807-1841). Considerando essas obras como precursoras, é possível estimar que o poema em prosa teve origem em uma estética pré-romântica ou mesmo romântica. Além disso, o gênero foi apropriado pelos simbolistas no final do século XIX e também praticado por escritores naturalistas, entre os quais destacamos o belga Camille Lemonnier (1844-1913) e o francês Joris-Karl Huysmans (1848-1907). Os dois escritores apostaram predominantemente no gênero romance, porém, lançaram, cada um, dois volumes contendo poemas em prosa: Lemonnier publicou *Nos Flamands* (1869) e *Croquis d'automne* (1870) e Huysmans *Le Drageoir aux épices* (1874) e *Croquis parisiens* (1880). Os poemas em prosa de Lemonnier e de Huysmans, em muitos aspectos, partilham de seus projetos estéticos desenvolvidos em seus romances e também em outros gêneros praticados por eles, como o conto e a crítica de arte. Isso nos conduz a pensar em uma participação dos poemas em prosa destes

escritores em seus respectivos projetos de literatura naturalista. Além dos poemas em prosa de estética romântica e simbolista, existiriam também aqueles de estética naturalista. O presente trabalho pretende então discutir a construção desses poemas em prosa de estética naturalista nas obras de Camille Lemonnier e Joris-Karl Huysmans.

Rodolfo Teófilo: um desafio para pensar o Naturalismo

Adriana de Paula Moraes (USP)

Resumo As classificações literárias são importantes, mas artificiais. Daí a dificuldade em trabalhar com as obras literárias brasileiras compreendidas entre o "fim" do Romantismo o "início" do Modernismo. Tome-se por exemplo Rodolfo Teófilo, homem nascido em 1853, estudante da Faculdade de Medicina da Bahia durante os agitados anos 70 – um clássico homem de letras da belle époque brasileira, confiante na ciência e comprometido com o impulso de intervir na sociedade por meio da escrita: com uma obra vasta, Teófilo dedica a década de 90 para o romance e compõe *A fome* (1890), *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897) e *O Paroara* (1899). Vários críticos localizam Teófilo como naturalista, com algumas ressalvas que procuram explicar a peculiaridade desses textos. Para os estudos cearenses, A fome inaugura o Naturalismo no Ceará. Mesmo assim, não é consenso afirmar que este seja um romance naturalista. A fome narra episódios da seca de 77-79. A primeira parte do romance narra a migração de uma família pelo sertão perigoso; a segunda mostra o contexto urbano durante a seca, com todos os problemas sociais advindos principalmente da incompetência do poder público; a terceira parte une as duas realidades: a família chega a Fortaleza e precisa sobreviver. O narrador onisciente em terceira pessoa narra a partir da perspectiva de Freitas, o herói, contaminando o personagem de todo o saber que o detém, claramente identificável como um homem de ciências e racional. Assim, o romance é naturalista no tema, na abordagem e na linguagem fortemente cientificista, no emprego de recursos como zoomorfização e crueza nas descrições. Há preocupação em plasmar no romance dados reais da população dos flagelados. Entretanto, é no paroxismo do checklist naturalista que A fome desafia: de tanta verdade torna-se fantástico, de tanta clareza

torna-se confuso. Que forma é essa que Rodolfo Teófilo compôs? Talvez uma das primeiras medidas para lidar com esse objeto seja o que será chamado de naturalismo.

Sobre o capital literário de Émile Zola no Caso Dreyfus

Eduarda Araújo da Silva Martins (UFRJ)

Resumo Em 1898, o escritor naturalista francês Émile Zola (1860-1902) publica J'accuse!, uma carta aberta que acusava peritos e militares de terem cometido graves erros no processo que condenara à prisão perpétua, por traição à pátria, o capitão do exército francês Alfred Dreyfus (1859-1935). Em poucas horas, 300 mil exemplares do jornal *L'Aurore* foram vendidos na França e, nos dias seguintes, devido às intensas trocas culturais entre países e continentes (ABREU, 2011; JURT, 2007), jornais do Brasil já noticiavam a intrépida atitude de Zola. Dentre as consequências mais imediatas causadas pela publicação de J'accuse! está a divisão da França entre aqueles que apoiavam aqueles que rejeitavam a revisão do processo. Percebe-se, no entanto, que as implicações causadas pela carta aberta não são apenas resultado de seu conteúdo, mas se devem também ao grande volume de capital simbólico (BOURDIEU, 1992) acumulado paulatinamente por Zola com sua literatura e suas campanhas literárias (BECKER, 1996), desde a década de 1860. Zola tinha total consciência de que somente ele poderia intervir no caso Dreyfus (PAGÈS, 2016). Essa consciência estaria articulada à sua atuação no campo literário enquanto escritor consagrado, mas também enquanto crítico severo e defensor de escritores e artistas. Os artigos de combate de Zola mostram-se como a extensão de sua literatura (AYNIÉ in GUERMES, 2018) e trazem os princípios de sua concepção de literatura naturalista: a busca pela verdade e pela justiça - termos que se tornarão o leitmotiv de sua defesa do capitão Dreyfus. Nesse sentido, buscaremos refletir sobre a posição de Zola no campo literário francês no momento de publicação de *J'accuse*!, apontando exemplos na imprensa brasileira de como seu reconhecimento como grande expoente da literatura naturalista (BAGULEY, 1995) dentro dos campos literários francês e brasileiro foi fundamental para a adesão de parte da população à causa de Dreyfus e à defesa do escritor.

Um naturalismo para o século XIX: Serotonina, de Michel Houellebecq

Lucas Bandeira de Melo Carvalho (UFRJ)

Resumo Muitos críticos têm usado o termo "neonaturalismo" para definir romances contemporâneos que empregam estilemas herdados das correntes naturalistas do século XIX e XX (Flora Süssekind, 1984 e 2014; Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, 2013, 2014 e 2016; Jorge Wolff, 2013; Karl Erik Schøllhammer, 2000). Nesta comunicação, pretendemos buscar algum traço específico desse "neonaturalismo" por meio da análise do "novo romance experimental" (Rabosseau, 2007) do francês Michel Houellebecq. O leitor do romancista percebe a constância de seu projeto literário "naturalista": romances narrados em primeira pessoa por personagens pessimistas que empregam diversos discursos científicos – principalmente o discurso biológico-farmacêutico e a economia neoliberal – para analisar o mundo contemporâneo enquanto tentam manter algum espaço para uma subjetividade cinicamente romântica. Além disso, os romances costumam tematizar (no sentido dado por Jameson, 2004) questões contemporâneas, seja o turismo sexual, a relação entre migração e identidade religiosa, a indústria farmacêutica ou a crise dos setores econômicos europeus menos qualificados. Vamos nos concentrar em *Serotonina* (2019), em que o narrador afirma que viver seria fazer "apostas vitais", cujos resultados (bons ou ruins) colheríamos no futuro. A partir desse primeiro momento de escolha, o resultado dependeria mais dos movimentos do mercado mundial do que de nossas decisões posteriores. Essa imagem é uma boa síntese da visão de Houellebecq da relação entre vontade e destino (isto é, entre subjetividade e determinismo) e de seu projeto literário, que junta, por um lado, a preocupação com as questões do presente e a crítica ao capitalismo mundial e, por outro, certa nostalgia por um passado mais estável para as classes médias francesas. Essa combinação resulta em algo que poderíamos chamar de naturalismo cínico, em que a potência política do naturalismo zoliano talvez seja neutralizada pelo gozo apocalíptico do narrador.

Simpósio 62
Pertinência e operalidade da noção de fonte na área dos estudos literários

Roberto Acízelo de Souza (UERJ)
Constantino Luz de Medeiros (UFMG)

Resumo O simpósio tem por objetivo discutir a pertinência e a operacionalidade, no campo dos estudos literários, da noção de *fonte*, proveniente do campo da história. Para o historiador uma fonte pode ser um texto, mas também incontáveis artefatos que constituem indícios de ações humanas, desde uma pedra lascada ou um caco de cerâmica até uma garrafa de plástico ou um disquete de computador. As fontes são, portanto, não propriamente fatos ou provas, mas documentos que, submetidos a interpretações, permitem ao historiador determinada reconstrução dos eventos passados. Usualmente, classificam-se as fontes em primárias e secundárias, sendo as primeiras, *grosso modo*, documentos diretamente ligados ao evento que se pretende reconstituir, e as segundas, interpretações desses documentos. A questão do simpósio será o uso que se pode fazer dessas noções na área dos estudos literários, no âmbito das disciplinas que o compõem – literatura comparada, teoria da literatura, histórias literárias nacionais, filologia –, a partir de reflexões dos participantes sobre pesquisas concretas e especificas, em curso ou concluídas, dedicadas a, entre outras possibilidades: identificação e sistematização de fontes primárias; retorno a fontes primárias; inventário de fortunas críticas de obras ou autores; estabelecimento e edições de textos raros; organização de arquivos de interesse para os estudos literários; traduções de textos seminais.

Os prefácios de Paulo Rónai para obras literárias brasileiras: o caso de *Brazilia Üzen (Mensagem do Brasil)* – 1939

Andreia Carla Lopes Aredes (UNESP)

Resumo Paulo Rónai (1908-1992), intelectual europeu, natural de Budapeste (Hungria), exilado no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, teve sua vida profissional marcada por uma atividade intelectual

intensa e diversificada nos dois países em que viveu. Assim, a crítica literária se manifestou, no conjunto de sua obra, de várias formas, pois Paulo Rónai publicou seus textos críticos em jornais, revistas, anais, livros e também como prefácios. São, portanto, inúmeros os casos de resenhas e ensaios publicados na imprensa e que, posteriormente, foram recuperados como parte de seus livros de ensaios e como prefácios dos livros analisados, tornando evidente uma das principais funções da instância prefacial, que é a de agregar à obra literária um discurso favorável de uma reconhecida "autoridade", garantindo relativa qualidade tanto à obra quanto ao seu autor. Mesmo que a produção de prefácios não seja a causa ou a motivação de uma carreira sólida na crítica literária, ela pode ser uma consequência e foi o que aconteceu no caso de Paulo Rónai. Após consultas realizadas em diversos acervos, incluindo a biblioteca do próprio autor, localizada em Nova Friburgo – RJ, foi possível localizar mais de trinta paratextos produzidos por Paulo Rónai para obras literárias brasileiras. O primeiro deles foi a Introdução de *Brazilia Üzen: Mai Brazil Költök* (Mensagem do Brasil: poemas brasileiros de hoje), uma coletânea de poemas de autores brasileiros que ele mesmo traduziu diretamente do português para o húngaro, publicada em 1939 em Budapeste, quando o autor residia na Hungria e nem imaginava toda a mudança que estaria por vir. Posto isso, a presente proposta de comunicação tem por objetivo apresentar uma análise da visão da Literatura Brasileira que o tradutor e crítico europeu apresentou aos seus conterrâneos húngaros. Para a sistematização e análise dos paratextos em questão, a obra Paratextos editoriais, de Gérard Genette (2009), é uma das principais referências.

Simpósio 63
Poesia e transgressão

André Cechinel (UNESC)
Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer. O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de *Paulicéia* tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir. Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse simpósio colocar em

questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas. Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o *status quo* da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura. Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordoado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica...Enfim, o que entrelaça esses poetas todos na mesma carne, ou campo, é o fato de não terem deixado estabilizar algo (estético ou ideológico). Isso também o faz quem se exprime em outras linguagens (Miró lido por João Cabral). Por isso queremos com esse simpósio não apenas homenagear os que já o fizeram, mas também ver posto em movimento obras e leituras que nos permitam

debater novamente com quais dialéticas queremos nos comprometer em cenários tão ideologicamente estanques.

A poesia participante de Haroldo de Campos

Raquel Bernardes Campos (UnB)

Resumo O salto participante dado pela poesia concreta na década de 1960 marcou a poesia de Haroldo de Campos, assim como foi um marco de seu próprio engajamento político e social, que o acompanhou durante as próximas décadas. Seu engajamento político, demonstrado em muitos de seus poemas, não comprometeu a preocupação, comum nos concretistas, com a estrutura poética, igualando-a a seu conteúdo, segundo a máxima de Maiakóvski. Houve uma rápida evolução de conteúdo e forma do primeiro livro de Haroldo, *O Auto do Possesso*, publicado em 1950, para as publicações seguintes na Revista *Noigandres* (organizada por ele e seu irmão Augusto, além de Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald) e o importante *Servidão de Passagem*, de 1961. A linguagem poética atua, nesta última obra haroldiana, como instrumento a serviço da exposição dos problemas e mazelas sociais, mas não de maneira representativa. Haroldo mantém a síntese vocabular e a substantivação paratática, priorizando a equivalência entre forma e conteúdo defendida pelo movimento concretista. Isso, no entanto, não diminui a importância política que esses poemas tiveram, especialmente numa época marcada por desilusões utópicas, culminando posteriormente no que o poeta chamaria de "pós-utópico". O presente trabalho busca analisar o impacto da poesia participante de Haroldo na década de 1960, que acabou moldando sua maneira de resistência por meio da linguagem poética. Os poemas analisados reverberaram no cenário literário da época e continuam reverberando até hoje.

A transgressão do corpo e da palavra em *Cantares*, de Hilda Hilst

Karen Mayuri Okuda (UNESP)

Resumo A autossuficiência da poesia é uma das características da lírica moderna, como propõe Hugo Friedrich em A estrutura da lírica moderna (1978), em que trata a poesia como fim em si mesma. Hilda Hilst em sua obra poética Cantares (2004), traz como uma das principais temáticas o amor erótico em que imagens como batalhas, armaduras, sangue, tigres, leões, leopardos e entre tantas outras imagens, configuram a relação erótica entre os amantes. Para tanto, foram utilizadas as obras de George Bataille (1987) e Octavio Paz (1994) para tratar do erotismo, a sua relação com a poesia e a transgressão. Segundo Paz, o erotismo é uma atividade autossuficiente e um fim em si mesma em que se cessa a reprodução, tornando-se um rito; ao passo que a poesia interrompe a comunicação, processo natural da linguagem, e torna-se autônoma, ganhando sua própria forma de expressão. O erotismo se liberta, portanto, da sexualidade orgânica, assim como a poesia se liberta da comunicação imediata; desse modo, o erotismo seria uma espécie de poética do corpo, enquanto que a poesia, uma erótica da palavra (PAZ, 1994). Em comum entre o erotismo e a poesia está não apenas o debruçar-se sobre si próprios como experiência autossuficiente, mas também sugerir, seja pelo êxtase erótico ou pela abertura da poesia à outras formas de reflexões, vias para se alcançar uma realidade superior. Neste sentido, busca-se discutir, dentro de *Cantares* de Hilda Hilst, a aproximação do erotismo e da poesia sob o viés da transgressão proposto por Bataille em relação ao erotismo, ao mesmo tempo que tratar a poesia como transgressão a medida que ela rompe com a linguagem tradicional, ou seja, o da comunicação.

Ana Cristina César: na contramão

Camila Nakamura Vieira (UEL)

Resumo O terreno da literatura – palco fértil e recheado de vozes diversas – oferece a oportunidade de transgredir os moldes e princípios pré estabelecidos ou impostos pela convenção e perpetuados pela

cultura canônica. O não "rimar" com o mundo em que se encontra é a tônica desajustada e incompreendida de muitos poetas. Não é necessário revisitar as vanguardas europeias do século XX para pensar em transgressão poética – estética ou ideológica. Pensando na propriedade aparentemente natural que a poesia possui de se revelar transgressora, inovadora e irreverente, é interesse deste trabalho discursar sobre a constante transgressão e desterritorialização na obra da carioca Ana Cristina César. Andando lado a lado aos marginais dos anos 70, Ana Cristina participa da retomada à preceitos do modernismo de 22, como a incorporação da coloquialidade na poesia, por exemplo. Entretanto, nas palavras de Armando Freitas Filho (2013, p.8), Ana Cristina estava "como que andando na contramão da sua geração, de braço dado com ela em alguns costumes, mas escrevendo com mão diferente (...)". Nesse sentido, essa comunicação busca apresentar a poeta carioca em suas transgressões estéticas e formais para além de sua semelhança aos companheiros marginais. Segundo Ítalo Moriconi (1996, p.8), "a crítica literária contemporânea é unânime em classificar o texto de Ana Cristina como excêntrico em relação ao tipo de poesia que notabilizou sua geração (...)". Baseando-se nessa linha crítica, esse trabalho pretende demonstrar em quais aspectos a dicção poética de Ana Cristina mostra-se desviante.

As imagens poéticas do surrealismo como principal instrumento de transgressão dos surrealistas portugueses

Clelio Toffoli Júnior (PUC-Rio)

Resumo A presente comunicação é uma amostra da pesquisa que culminou com a dissertação para a obtenção do grau de mestre no programa de literatura, cultura e contemporaneidade da PUC-Rio. O que se quer aqui é dissecar a poesia surrealista portuguesa através da análise de suas imagens poéticas. Será Mário Cesariny quem vai tutelar a pesquisa, a partir de uma nota encontrada entre seus papéis guardados na Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, onde em duas colunas em oposição, ele declara seus pressupostos imagéticos: "Poiesis, Imagem Livre, Invenção / Mimesis, Imagem presa pelos pés a outras imagens, Metáfora, Analogia". Está sintetizado nessa nota de Cesariny tudo o que a poesia surrealista quer ser,

na primeira coluna e tudo o que rejeita, na segunda. Seguindo o caminho preconizado por Rimbaud e sua imagem "sem fios", o que se vê aqui é justamente o primado da imagem livre, sem as amarras da metáfora que lhe dá sempre e ao final um arremate racional e lógico, sem a prisão da mimese e sua rigidez formal, sem as cordas (fios) que as amarram, para soltá-las no poema a vagar livremente, associando e comparando imagens desconexas, sem rumo e sem concatenação lógica, para ao final entregar-se ao todo surreal. Não há lugar para a normatividade da língua e nem para o essencialmente discursivo dentro do surrealismo, não existe narrativa desprovida de imagens que a embaralhem, e a linguagem serve apenas de indutor dessa surrealidade. A imagem poética surrealista é também devedora das características que definem o surrealismo, que ao fim e ao cabo vão constitui-lo de sentido. Ainda que presentes a imagem sem fio e a comparação sem similaridade, não haveria que se falar em poesia surrealista sem a presença de suas balizas literárias. São seis eixos temáticos principais em que o surrealismo se sustenta: o amor; a liberdade; o humor; o onírico; o abjeto e) o mágico. É com base na justaposição das imagens com essas características que se norteia o presente trabalho.

Florbela Espanca: a pantera enjaulada

Iracema Goor (PUCSP)

Resumo A proposta deste trabalho é traçar um paralelo entre as figurações da mulher propostas pela portuguesa Florbela Espanca (1894-1930) em seus poemas e o arquétipo da mulher selvagem proposto por Clarissa Pinkola Estés, no livro Mulheres que dançam com os lobos. Historicamente, a mulher foi rotulada e marginalizada nas áreas do conhecimento e aquelas que ousavam se entregar ou vivenciar esse desejo, pelo que é selvagem, eram denominadas como transgressoras. No entanto, o corpo da mulher, desde o Renascimento traz uma posição bastante vulnerável, tendo os pincéis e holofotes voltados para seus dotes físicos e o seu corpo nu, não dando importância a sua força interior, característica fundamental da mulher selvagem. A poeta Florbela Espanca, muitas vezes, se auto denomina "a pantera enjaulada", seus poemas figuram um espírito

livre, que vê o esmagamento do feminino, a sua natureza instintiva ser relegada e saqueada para as regiões mais submersas do ser. A transgressão surge pelo risco de extinção dessa mulher que não encontra o seu lugar no mundo. Dessa forma, focaremos a análise de alguns poemas, dando ênfase a força da mulher selvagem que está em conexão com o universo instintivo, e a percepção ampliada presente nos poetas.

Liberdade e transgressão na poesia de Nascimento Morais Filho

Natércia Moraes Garrido (PUCSP)

Resumo O presente trabalho visa analisar os temas de liberdade e transgressão à luz da filosofia sartreana nos poemas que integram o livro "Clamor da hora presente" do poeta maranhense Nascimento Morais Filho, quais sejam: "Evocação", "Apocalipse social", "Clamor do petróleo" e "Clamor da hora presente". Esta é sua obra de estreia e foi originalmente publicada em 1955. Morais Filho (1922-2009) é um autor pertencente ao tardio início do Modernismo da literatura maranhense, movimento este que se manifesta a partir da década de 1940 neste estado e do qual ele é um dos fundadores. Os poemas analisados nesta obra se caracterizam pelas seguintes transgressões: a) o eu lírico expressa-se em uma linguagem vigorosa, exclamatória e comprometida com os problemas sociais da época, apelando para a consciência e luta do povo; b) os poemas se estruturam de forma longa e narrativa, com perfil declamatório pois são poemas engajados, feitos para serem verbalizados em praça pública, mostrando a força da palavra e do pensamento; c) transgressão, liberdade, consciência, povo e luta são temas que encontramos em toda a obra e que se metaforizam de forma recorrente aos olhos do leitor. Buscamos analisar os poemas à luz da filosofia existencialista de Sartre pois esta contém um conceito interessante sobre a liberdade do indivíduo: é por meio dela que o homem pode agir e lutar contra padrões e forças dominantes sociais pré estabelecidos. A liberdade precede a essência humana e quando o homem adquire consciência, para Sartre, ele precisa romper com seu passado e assumir sua liberdade de ação para transcender-se na sociedade. Entendemos, portanto, que a ideia da transgressão existe a partir do momento que o homem adquire

consciência e age contra o status quo social pré determinado, e isso é revelado pelo eu lírico dos poemas em questão.

Luiz Bacellar e o mundo poético contido nos frutos

Fabio Fadul de Moura (UNESP)

Resumo A pesquisa que se apresenta é resultado parcial das investigações de doutorado sobre a poesia de Luiz Bacellar. Iniciando sua obra com Frauta de barro (1963), o poeta ofereceu uma colaboração sólida à literatura brasileira. Dez anos mais tarde, publicou Sol de feira (1973), o qual pode ser compreendido como uma extensão da atividade poética encetada na coleção encontrada no primeiro livro. No atual recorte, o olhar crítico recairá sobre o modo como o poeta apresenta os frutos, produtos poéticos pautados em um cruzamento entre racionalidade e emoção, assim como a concentração da potência poética que compõe o corpo de sua poesia. Considerando o encontro de elementos que antes eram lidos como opostos, Sol de feira elabora um lugar em que a poesia torna possível a convivência de materiais inconciliáveis fora dela. Com isso, o jogo poético desse livro corresponde a um jogo com frutos. Nesse sentido, o autor dialoga em certa medida com atitude de Terceira feira, de João Cabral de Melo Neto, como já foi destacado por Benedito Nunes (2005), mas não deixa de apontar o limite e a recontextualização de seu gesto. É com esse ir e vir em relação à tradição que Luiz Bacellar compõe o seu verso, ao passo que oferece ao leitor um mundo poético contido em seus frutos.

Metafísica da palavra: travessia poética em Guimarães Rosa

Marcos Roberto Pinho Palheta (UFPA/NIK)

Resumo A pesquisa que apresentamos propõe uma leitura questionante da obra poética de Guimarães Rosa, tendo como pano de fundo a ação poética da palavra no interior da hermenêutica ontológica das questões, na qual, queremos investigar a vigência metafísica pelo trânsito desconcertante e finito da palavra. Defendemos, nessa

investigação, que a "metafísica da língua" dá-se como travessia poética no núcleo tensional da palavra, que recua para o silêncio em sua tendência nadificante, e que, tal tendência se expõe no esforço do poeta-pensador em se deixar trair pela experiência da graça da palavra em seu gracejo cômico. Diante disso, nos perguntamos se há, na obra poética de Guimaraes Rosa, um percurso da palavra que realize o rumor originário do logos? É esse percurso mesmo um programa metafísico pelo fio condutor da linguagem? Como, nesse percurso, a palavra cria e recria o mundo em seu agir poético? Essas perguntas emergem quando o mundo se faz obra de arte, e ressoam, em dissonante consonância, no homem aberto para disposição poética. Deste modo, Guimarães Rosa mostra que a arte é necessária à realização humana no mundo, exatamente porque a linguagem que ele pretende experenciar é dimensão ontológica de realização do real. Nela o humano tece a vida com toda a riqueza de possibilidades, pois, cabe a ele existir plenamente, já que, se dizendo todo em diálogo, existe no tempo da origem do dizer, quando a palavra é geratriz do mundo; quando a palavra é re-volução na re-volta do mundo; quando e onde a palavra (parabállein) enlaça o mundo e o homem na tarefa de obrar-se e de fazer-se humano-travessia.

Não se deixar paralisar pelos esquemas paralisantes: a escrita de Cacaso em jornais

Maria Fernanda dos Santos (UFPR)

Resumo O poeta Cacaso escolheu escrever de forma lírica em tempos sombrios, isto é, durante a ditadura militar no Brasil. Com efeito, o lirismo, nos versos do poeta mineiro, aparecem não apenas como uma maneira de resistência, mas também como um processo de politização do cotidiano, pois resultam numa poética que "[...] troca o mofo e o esquecimento das estantes por uma participação mais viva na cena cultural, uma poesia que sai para as ruas, que se vale das formas de sobrevivência as mais variadas e sugestivas" (BRITO, 1997, p. 19). No entanto, o enfoque dessa pesquisa será destacar que além de poemas líricos, Cacaso também escreveu para dois jornais reativos ao regime militar, sendo eles: Jornal Opinião (1972-1977) e Jornal Movimento, que se encontram reunidos no livro Não Quero Prosa,

organizado por Vilma Arêas (1997). Esses textos revelam que Cacaso tinha uma escrita ativa em jornais, tendo espaço para construir uma posição crítica. O conteúdo presente nesses jornais versa sobre cultura, arte, política, música, literatura e principalmente sobre o movimento de Poesia Marginal e de que forma a publicação à margem das editoras é um processo de resistência. Essas variadas formas de "sobrevivência" no mercado editorial da época são uma maneira de resistência diante de um cenário cultural opressor que exige autonomia de escritores e poetas, os quais contam apenas com seus próprios recursos. E assim o poeta "[...] é levado a imaginar saídas, desenvolve suas iniciativas, experimenta procedimentos, amplia seus contatos, fica mais inventivo. Disso passa a depender sua sobrevivência cultural, de agora em diante crescentemente associada à assimilação de atitudes críticas" (BRITO, 1997, p. 19). Para Cacaso essa atitude se torna uma "[...] necessidade vital de retomar a criação, de não se deixar paralisar pelos esquemas paralisantes, de resistir" (BRITO, 1997, p. 54).

Nada se perde, tudo se transforma (em Marília Garcia)

Rayi Kena Ferraz da Cunha de Souza Teixeira (UFRJ)

Resumo O presente trabalho, resultado de uma recente dissertação de mestrado, visa apresentar uma leitura crítica do poema "O poema no tubo de ensaio" publicado no livro Parque das Ruínas (Luna Parque, 2018) da autora Marília Garcia a partir de uma perspectiva cerrada de leitura, do close reading (mas não só). Acreditamos que a poeta carioca para operar largamente a metatextualidade e a conceptualização de seus textos se vale da repetição obsessiva e da reiteração reflexiva enquanto instrumentos não só de escrita, mas de sua própria percepção de mundo. A repetição parece superar o caráter eminentemente linguístico e estilístico da figura de linguagem e alcança um extrato de meio de expressão em si, inclusive, como meio de expressão em suas performances literárias. Para nossa fundamentação teórica partimos de estilistas brasileiros, como Gilberto Mendonça Teles (1979); de pensadores sobre o campo experimental da literatura, como os argentinos Gonzalo Aguilar e Mario Cámara (2017); passando também pelas professoras brasileiras Ana Maria de

Alencar e Ana Lúcia Moraes que pensam a escrita restritiva e a escrita "oficinal" na tradição literária, coisas que dialogam bastante com a poética de Marília Garcia. Apostamos que ao nos valermos de uma leitura cerrada do texto não estamos abandonando características do poema, pelo contrário, estamos buscando construir uma análise que conheça e reconheça a materialidade do texto poético e possa desenvolver-se conjuntamente a tal matéria.

Orides Fontela: por uma "semântica da proximidade"

Nathaly Felipe Ferreira Alves (UNICAMP)

Resumo O objetivo desta comunicação é examinar, no poema "POUSO (II)" (Alba, 1983) de Orides Fontela, o processo de desarticulação de sua subjetividade lírica, regida por uma estrutura de horizonte instauradora, por sua vez, do que sugerimos denominar por "semântica da proximidade". Tal processo de mobilização do "eu" operaria por meio da inter-relação estabelecida entre o sujeito lírico e os dados objetivos do real, de maneira que essas duas instâncias se experimentem mutuamente, em um processo de construção/desconstrução do sujeito lírico "fora de si", sempre "atento a". Deste movimento duplo e de caráter reversível, advém a nossa hipótese: a escritura de Orides Fontela se aproximaria ao que denominamos como "lirismo objetivo". Tal categoria lírica, aparentemente contraditória (e, por que não, transgressora, em certa medida), poderia realizar-se justamente por meio do tenso convívio entre o "eu" e os "dados objetivos" instaurados nos poemas, indiciado pela "semântica da proximidade", proposta que aproximamos ao conceito de estrutura de horizonte (conceito amparado pelos estudos da fenomenologia, tendo sido lavrado por Husserl e trabalhado por Merleau-Ponty), e sua consequente apropriação realizada por Michel Collot, estudioso do qual nos valemos para abalizar nossas suposições sobre a potência de criação da linguagem poética, do deslocamento do eu lírico "fora de si", da "estrutura de horizonte" e do "lirismo objetivo", por meio dos estudos "O sujeito lírico fora de si" (2004) e dos livros *La poésie moderne et la structure d'horizon* (1989) e *La matière-émotion* (1997).

Passagem das horas e dos lugares em Fernando Pessoa

Annita Costa Malufe (PUCSP)
Karen Cristina Teixeira Pellegrini (PUCSP)

Resumo Esta comunicação propõe-se a observar, na poética de Fernando Pessoa, movimentos que nos levem a refletir acerca dos deslocamentos subjetivos e existenciais proporcionados pelas experiências mais radicais da poesia. Para tanto, pretende-se partir do conceito de ritornelo – e de território e desterritorialização nele implicados – de Gilles Deleuze e Félix Guattari (*Mil platôs*), enquanto modo de nos aproximarmos de procedimentos presentes no poema de Pessoa "Passagem das horas". Sabemos que Pessoa é o poeta da desconstrução do sujeito único – unificado, essencial, igual a si mesmo. É o poeta que é todo mundo, que quer ser todos e ser de todos os lugares. É o poeta viajante. Que diz não ter raízes e não ligar para a pátria. Que viaja, a partir das sensações, através de todas as possibilidades de modos de ser e, portanto, não tem morada fixa, território fixo. Ele performa nos poemas uma errância subjetiva, um devir incessante, e, ao mesmo tempo, o desassossego que convive com isso. Como aponta José Gil, em Cansaço, tédio, desassossego, o desassossego pode ser visto como esse movimento de deriva ininterrupto, que é o responsável pela criação literária. No poema "Passagem das horas" surgem imagens emblemáticas acerca da instabilidade dos territórios. Note-se que esses em Pessoa são sempre territórios existenciais, como se ele não separasse os lugares – externos, exteriores, empíricos, concretos – e os lugares da subjetividade, do íntimo, do corpo, das sensações. Falar em território em Pessoa é já conceber um território que indistingue exterior e interior, dentro e fora. É um território em primeiro lugar híbrido e que nos propõe experiências que desconsertam a ordem estabelecida do cotidiano. O *Livro do Desassossego*, bem como outras reflexões do próprio poeta, também serão fonte de diálogo em nossa análise que buscará sobretudo os modos de desterritorialização, de abalo dos lugares estáveis, propostos por Pessoa nesse poema que é o foco do presente estudo.

Por uma epigênese poética em H. Dobal: corpo-e mente-experiência em semiose

Josivan Antonio do Nascimento (UFPI)

Resumo Neste ensaio discuto algumas das características que apontam para uma epigênese poética a partir da obra A província deserta (2007), do poeta piauiense Hindemburgo Dobal (1927-2008). Esse estudo é um recorte da minha tese de Doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob orientação do Prof. Dr. Luizir de Oliveira. A palavra epigênese tem origem etimológica do Grego e é formada a partir do prefixo epi- (algo que está sobre, além de, perto de...) + o substantivo gênese (ALLABY, 2013; LACKIE, 2007). No âmbito da Biologia a palavra epigênese, em contraste com a teoria da pré-formação, é usada para descrever o desenvolvimento gradual de células em estruturas complexas a partir de uma forma não definida (LACKIE, 2007; MAI et al. 2005). Na Geologia, por seu turno, a epigênese corresponde à alteração mineral de rochas causada por influências externas (MCGRAW-HILL, 2003). A partir da variação semântica de epigênese nessas duas áreas e dos conceitos de semiose, obsistência e transuasão baseados na filosofia de Charles Peirce (2010), observei que o poder de cognoscibilidade da poesia constitui um modo similar de epigênese desde a criação até a recepção. Então comecei a desenvolver a tese da epigênese poética que, segundo os resultados neste ensaio, constitui dois modos de semiose: a genuína (volição singular do autor-empírico-metafórico) e a degenerada (volição que o leitor-empírico-metafórico deve desenvolver em obsistência com o poema em transuasão com o mundo para se aproximar da genuína). A poesia de H. Dobal mostra que a epigênese poética torna o poema cognoscível e faz do leitor um autor da volição poética constituída no poema. Essa intersemiose do eu-metafórico também em transuasão com o mundo classifica a volição em corpo-experiência (e experiência-corpo) e mente-experiência (e experiência-mente). Então a epigênese poética faz-se o tempo de ser-estar do verbo em transuasão com o do leitor.

Simpósio 64
Poesia: leitura, performance, endereçamento e circuitos

André Luiz de Freitas Dias (UniFOA)
Leonardo Davino de Oliveira (UERJ)
Marcelo dos Santos (UNIRIO)

Resumo O objetivo principal desse Simpósio é promover a reflexão sobre o universo estético e cultural da poesia, associando linguagens e instrumentos teóricos de diversas áreas disciplinares – articulando elementos que transpassam entre, além e através das disciplinas e dos suportes: impressos, cartas, vocoperformances, vídeo, internet e corpo do artista –, a fim de iluminar a atualidade da leitura de poesia. De modo mais evidente e em maior quantidade, tais recursos para além do papel vem sendo trabalhados pelos poetas a partir do início do século XX, com o acelerado desenvolvimento das tecnologias e mídias audiovisuais. E tomam corpo (o corpo do poeta, inclusive) a partir da década de 1960, no Brasil, em especial, a partir da Tropicália, com sua abertura às possibilidades de relação antropofágica entre as diversas perspectivas estético-artística-filosóficas. Para Enzo Minarelli (2010), "a voz em performance é a essência de muitas vozes: é a voz autêntica, arquétipo, xamã oriundo das profundezas do corpo, de um corpo além, voz metafísica, ontológica, uma voz sempre dialética, uma voz crítica em sua entidade social, eletrônica em sua intermedialidade, natural e artificial, sopro bucal regenerador e deformador, voz aleijada, fluxo fonético como fala divina, aceita sem contestação, voz régia, voz superior, em sua singularidade, voz vital, força utópica". Com relação à leitura como performance, para Roberto Correa dos Santos (2002) "há muito, nós – os leitores que escrevem suas leituras – não temos exercido essa atividade, tendo como foco de interesse a poesia. E nós, tais leitores, sabemos ser inteiramente diversa a compreensão de algo, se pensado, se dito, se posto em texto. Escrever sobre o que se lê é ir tornando seu e do outro aquilo antes apenas pressentido, mas sem força de existência, de uso ou de intercâmbio. O pensamento, unicamente no interior da câmara mental, sem o emprego de uma máquina de expressão qualquer - e a escrita é, das máquinas de expressão, a mais poderosa - tende ao amorfo, ao difuso, ao letal estado do ainda e para sempre 'porvir'"; já para Flora Sussekind (2010) "fabricam-se nomes e títulos vendáveis, vende-se,

sobretudo o nome das editoras, e sua capacidade de descobrir 'novos talentos' semestralmente, ao sabor das feiras literárias. E, nesse sentido, formas dissentâneas de percepção, como a crítica, se mostram particularmente incômodas. Formas personalistas e estabilizadoras, ao contrário, se esvaziadas, parecem continuar benvindas". A autora reivindica "condições reais de intervenção, formulação de questões relevantes e expansão do mínimo espaço público" a fim de que "o exercício crítico que não se confunda inteiramente com busca de prestígio ou com um guia de consumo"; baseados nessas posições tensionadas, pretendemos reunir pesquisadores que abordem estas e outras nervuras da reflexão sobre poesia no presente. Interessa-nos investigar essa abertura tanto no circuito de afetos que, ao mesmo tempo em que, direta ou indiretamente, levam alguns leitores a considerarem a poesia "hermética e sisuda", por outro lado possibilitam uma coleção como a *Ciranda de Poesia* (EdUERJ), com poetas exercitando a leitura de poetas seus contemporâneos, num jogo de endereçamentos; tanto como na performance da escrita em práticas e suportes variados. Por exemplo, "falar um poema não se confunde com expor um pensamento; falar um poema é já escrevê-lo, no espaço, contando com o ar, com a propagação das ondas" (SANTOS, 2010). Entre o "me dê um cigarro" modernista de Oswald de Andrade e o "me segura que eu vou dar um troço" marginal (desbundado) de Wally Salomão, há o desenvolvimento ético e estético do conceito verbivocovisual dos concretos, que leva à poesia procedimentos feitos por precursores, tais como Sousândrade. Deste modo, certa poética dos ruídos, metalinguagem, performances, endereçamentos e circuitos são topos que problematizam a própria divisão entre arte e não-arte, poesia e não poesia, assim como a leitura encomendada, direcionada, engajada que segue as leis de mercado criam impasses críticos e leituras diversificadas. Portanto, esperamos reunir pesquisadores em torno da poesia feita no presente recente, sabendo que este presente é e está expandido. São bem-vindas as propostas de comunicações que versem sobre a tentativa de estesia, performance, circuitos e leitura da poesia, esta "arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas" (ZUMTHOR, 2007). A proposta é tornar este espaço um ambiente aberto às investigações das mais diversas e sutis abordagens do fazer poético, a fim de desautomatizar e dar visibilidade à arte da palavra, na Academia, no ensino e no

cotidiano, construindo "uma pedagogia amorosa, fina, culta e densa, destinada à expansão dos bens do entendimento" (SANTOS, 2010).

É para você que escrevo ou a poesia dialógica de Ana Martins Marques

Daniel Aparecido Veneri (UFRJ)

Resumo A poesia de Ana Martins Marques tem o tema do endereçamento como máxima, trava diálogos não apenas com os mitos como é o caso da série de poemas intitulados Penélope, mas com todo um passado literário, o que faz dos poemas da autora verdadeiros palimpsestos que o leitor vai desvelando no manejar das páginas. As múltiplas camadas desse pergaminho, no entanto, não desautorizam a entrada do leitor, mas antes aguçam seu interesse e o incitam a desbravar, não só o poema, mas as tramas e caminhos que o conduziram até o presente momento. AMM volta o olhar e se detém em alguns poetas e artistas plásticos – brasileiros e estrangeiros – não apenas como modo de citação, mas recriando novas possibilidades de leituras da própria obra dos autores que ela relê e reinterpreta e, por conseguinte, sua própria obra também se ilumina já que alia perfeitamente a "memória lida" com a "experiência do vivido" irradiando assim uma aparente proximidade com sua poesia do aqui, mas também uma proximidade com a poesia de outrora que já encenava os indícios ou até mesmo o drama que nos perpassa até hoje. E assim poeta e leitor caminham por entre o passado e o presente num ambíguo jogo, já que, a poeta se mune em sua poética dos dêiticos como, por exemplo, "você", para interpelar, acolher e lançar o leitor no abismo. Contudo, Ana não se utiliza desses artistas como "muleta", mas sim para por a poesia em movimento, em diálogo com outras perspectivas possíveis, para aproximar a poesia do leitor, que se emaranha pelos fios atemporais da obra. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é mapear esses endereçamentos – tanto como temática quanto procedimento formal – nas obras de AMM para, em seguida, verificar o modo pelo qual essa poeta transita entre as estâncias da tradição literária e seus próprios contemporâneos, além de conseguir o grande feito de ancorar o leitor com essa "alguma coisa sobre a poesia" que a poeta diz ter aprendido com Ana C. "que tem a ver com destinação, desejo e drama".

A metalinguagem expandida e a insistência do real em "O real resiste" de Arnaldo Antunes

Glauber Mizumoto Pimentel (UERJ)

Resumo Dentro da perspectiva das literaturas postautónomas, seguindo Josefina Ludmer (2006), uma literatura de significação ambivalente, propõe-se, aqui, uma reavaliação do conceito de metalinguagem para que consigamos reconhecer uma concepção que não restrinja a literatura a um campo autônomo, tanto no âmbito da leitura ou da sua produção. Nesse caso, a relação entre o eu e o outro, a fundir-se num "eutro" (ANTUNES, 2010), assim como se fundem, contemporaneamente, tempo(s), coisas e espaço(s), a poética de Arnaldo Antunes propõe um instrumental crítico para que possamos interagir, interpretar e reler o mundo, esta aldeia global, ou (por que não?) esta Babel semiótica. Para o aprofundamento desta discussão a letra/música, e o videoclipe de "O Real Resiste" – canção do disco homônimo de Arnaldo Antunes (2020) - nos propõe uma reflexão não só acerca da metalinguagem, que se expande conceitualmente nos suportes/formas que perfilam e sustentam a literatura contemporânea, como também nos faz pensar sobre o próprio conceito do real no contemporâneo. O real e a palavra no contemporâneo, de acordo com a proposta teórica de Josefina Ludmer (2006) fazem parte de uma "pura experiencia verbal [de la lengua: la lengua se hace en ellas recurso natural e industria subjetivapública de la realidadficción del presente en una isla urbana latinoamericana". O trabalho de Arnaldo Antunes, seguindo a reflexão teórica de Ludmer, estabelece um trânsito entre as possibilidades de uma "pura experiência verbal", "subjetivapublica", em que a linguagem se faz como um "um espaço de potência diante do mundo [...]" (ANTUNES, 2006).

A poesia que transborda: O corpo atravessado de desejos de Ricardo Domeneck

Samuel Ramos de Macedo (UERJ)

Resumo Com a capacidade de suscitar momentos sublimes de apreciação da beleza da vida, a arte da poesia atravessa nossa relação

automatizada com o cotidiano, fornecendo-nos outras perspectivas acerca de fragmentos do mundo e, por conseguinte, colocando-nos em contato com outras realidades. Isso é possível, porque são ecoadas vozes da alteridade. Nas palavras de Ítalo Moriconi, afecção, língua, subjetivação se apresentam como três conexões importantes para a compreensão da poesia contemporânea frente aos meios virtuais de publicação/divulgação. Acrescentando, ainda, porosidade, fricção, multilinguíssimo à combinação daqueles primeiros termos, construímos - talvez - um pensar. (MORICONI, 2006, p. 127). Para tanto, conforme as palavras de Mallarmé de que "todo pensamento emite um lance de dados", este trabalho pretende, primeiro, refletir sobre o caráter arbitrário do que se convencionou como "pensar". Nesse movimento de aposta, uma aposta de sentido num mundo sem plano transcendente, marcado embora pelo desejo do "Mistério", teatro espiritual para a encenação da ideia? Nessa relação entre poesia contemporânea e pensamento, queremos pensar o efeito entre silêncio – comum a uma reação de estranhamento – e os mecanismos mais primários de enunciação e do fazer poético: a voz. Sendo assim, como objeto de análise, debruçamo-nos sobre as performances vocais de Ricardo Domeneck, cuja língua sem limites funcionaria como um caleidoscópio poético, repleto de imagens visuais e sonoras, comuns à oralidade e à vocalização. A partir desta leitura vocalizada, a poesia entendida pela multiplicidade de vozes, que interagem de forma ativa em uma leitura, passará a reverberar não apenas sua materialização gráfica – como uma intertextualidade (KRISTEVA, 2015), por exemplo – mas também na sua oralização (CAVARERO, 2016), visto que essa transposição da palavra escrita para a falada sempre se realizará por meio de ruídos, sejam eles produzidos, mecânica ou corporalmente, pela fala humana.

A voz que emudece o mito

Hilda dos Santos Silva (UERJ)

Resumo Partindo da reflexão de Cavarero (2015) sobre a "desvocalização do logos" e sobre como, na pós-modernidade, a oralidade é deixada à margem, tem-se o objetivo principal de apresentar uma leitura acerca do mito de Orfeu, reapropriado na peça teatral *Orfeu*

da Conceição, por Vinicius de Moraes, e no CD *Que falta você me faz* (2005), de Bethânia. Em especial, no corpus deste trabalho analisar-se-á a narrativa feita por ela ao selecionar canções e alguns trechos declamados. Abandonar-se-á parcialmente, neste estudo, o fato de a peça de Vinícius ter representado um marco de valor histórico, uma vez que, em 1956, foi um trabalho cujo elenco totalmente negro estreava no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Isso porque, na leitura aqui pretendida, será feito um contraponto entre a personagem Eurídice e a intérprete Maria Bethânia, salientando, assim, uma análise para dois símbolos comuns ao mito, à peça e ao trabalho musical da cantora baiana: olhar e voz. Se, por um lado, na peça, as mudanças de que o poeta trata estão no âmbito de crítica social, impondo, com isso, certa inovação no enredo do mito, em Bethânia, há a subversão do corpo e da voz, ou seja, da linguagem e do procedimento com ela. Nesse caso, a artista toma o lugar de trovador, não mais Orfeu. Logo, supõe-se que a sedução não estaria mais no corpo da personagem Eurídice, mas na voz ritualizada no cd. O ocultamento da visualidade para qual foi feita a peça. Nisso, os olhos do expectador se fecham, dando vez aos ouvidos. Não se precisa ver pra sentir. Com este trabalho, perceber-se-ão as camadas comuns às vicissitudes em cada fazer artístico, reenaltecendo o valor da tradição oral. Para Cavarero, "O ouvido ligado a uma única dimensão temporal, percebe sons distintos em sucessão dinâmica: a melodia não é gerada por uma sequência, é uma sequência." (2015, p.44)

Bordar é verbo destinatário: o avesso do gesto do poema

Marina Baltazar Mattos (UFMG)

Resumo A partir de reflexões que têm aflorado na crítica contemporânea, elaborando transformações e questionamentos dos sentidos e dos limites da noção tradicional de literatura, pretende-se atuar, mapeando, na produção brasileira do presente, outros espaços de criação e inserção da literatura, as emergências de novas textualidades, da poesia em particular. Essas novas abordagens e tentativas de compreensão têm recebido nomes como arte e escritura expandidas (SANTOS; REZENDE, 2011) e "literatura fora de si" (GARRAMUÑO, 2014, p.43), para citar apenas dois exemplos que pensam os

alargamentos das fronteiras da experiência literária, passando a se consolidar em gestos e suportes que se dão para além das formas e dos lugares convencionalmente associados à poesia. Roland Barthes, ao se voltar para o sentido manual da palavra, desvela-nos o gesto, a possibilidade do rompimento da oposição binária entre escrita e oralidade, bem como novas formas da própria realização escriturária que fazem da atividade da escrita um percurso entre campos heterogêneos e discursivos distintos: "o corpo do ledor não é o corpo do escrevedor: um vira o outro; talvez esteja aí a regra secreta de todas as escritas: a "comunicação" passa por um avesso" (BARTHES, 2004, p.248). É pelo avesso, também, que interessa pensar como os circuitos da poesia, hoje, encontram-se atravessados por outras formas manuais, como é o caso dos bordados e das instalações, que, de forma cada vez mais latente, vêm incorporando a palavra escrita: do manto de Arthur Bispo do Rosário, passando pelos voils de José Leonilson, até as flâmulas de Julia Panadés. A trajetória, aqui, também não é linear e muito menos acabada: a constelação parte daquilo que leram, da forma que incorporaram aos seus trabalhos suas leituras, e como são lidos, no gesto sem fim de Penélope, ao performar, de dia, a costura da mortalha, para, à noite, desfazê-la, deixando-nos a tarefa árdua e contínua da escrita e da leitura, sucessiva e infinitamente.

Fabulação do fabuloso Cossan: quando "A personagem" é ruído de uma escrita performática de si

Rodrigo Ségges Ferreira Barros (UERJ)

Resumo Com imagem poética baudelaireana de o poeta moderno ser aquele cuja áurea cai numa poça de lama em meio a um cenário urbano caótico, surge-nos, não só a imposição de um tema, mas a constituição de um procedimento quando pensamos a experiência de contemporaneidade da arte. Desde meados do século XIX, tem havido expansão do alcance das mais diversas linguagens artísticas cuja culminância gerou, hoje, um cenário de convívio. Nele, a realidade é percebida como produção discursiva e estética. Logo, localizamos a produção e a circulação de algumas expressões cujo formato ainda permite a denominação literária de poema, como nos experimentos de Roberto Cossan. Nosso trabalho tem como objeto de estudo parte

de um conjunto de poemas divulgados por Cossan no perfil pessoal do Facebook, numa série intitulada "A personagem". Esse nome protagoniza, nos experimentos de Cossan, como força imanente do impessoal, numa variação do "todo mundo/ ninguém" de Gil Vicente. Esse lugar vicário pode ser ocupado pela enunciação de quem escreve, lê ou faz uma performance vocal. Tal corpus se atrela ao fato de, como uma performance de escrita, no estatuto do testemunho versus a elaboração artística, fazer erigir, por meio da fabulação criadora (DELEUZE, 2010) potências semipessoais com as quais, numa extrema contiguidade entre realidade empírica e a experiência, seriam desfeitas fronteiras entre percepções, afecções e opiniões. Com isso, queremos demonstrar como a escrita performática de Cossan funcionaria não só como uma gagueira dentro da língua, mas sim como dobra da língua dentro de um novo conjunto de códigos: a efemeridade discursiva e pseudodialógica entre público/crítica de poesia das páginas virtuais. Para tanto, é conveniente recorrermos aos conceitos de Garramuño (2012) sobre experiência, sujeito e poéticas do real, assim como às discussões sobre o contemporâneo e o retorno do autor como escrita de si (PEDROSA, 2018) e ao gesto emergencial do escritor como artista (LADAGGA, 2006).

Freitas Filho, da poesia ao cinema

Cesar Augusto Garcia Lima (UERJ)

Resumo No documentário "Manter a linha da cordilheira sem o desmaio da planície", dirigido e roteirizado por Walter Carvalho (2016), o poeta carioca Armando Freitas Filho expõe seu processo criativo como personagem de sua própria obra, em um relato que, mesmo público e derivado da arte industrial, se revela pessoal e particular. Ao resgatar elementos da conversa, tão cara a modernistas como Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade em sua vasta correspondência (SANTIAGO, 2002), o recurso da entrevista midiática ganha contornos indistintos de biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho (ARFUCH, 2010). Nesta comunicação, o objetivo é investigar como Freitas Filho, 80 anos, passa a ser narrador de sua própria experiência em um filme pouco convencional e que flerta com o Cinema Direto para refletir sobre o

contemporâneo. Sigo assim o caminho de Beatriz Sarlo (2005), ao retomar a perspectiva sobre o esgotamento da experiência em Walter Benjamin, quando a autora indaga "se o relato da experiência está em condições de evadir a contradição entre o que está fixado no discurso e a mobilidade do vivido?" Nesse filme digital, o próprio poeta se torna crítico e testemunha de sua literatura, em uma série de falas na qual suas referências são explicitadas.

Modos de habitar, modos de reabitar: Ana Martins Marques e os jardins que medram entre a tradição portuguesa e argentina

Natália Barcelos Natalino (UERJ)

Resumo Partindo do último livro publicado por Ana Martins Marques, *O livro dos jardins* (2019), pretende-se pensar pressupostos de um possível diálogo crescente entre a tradição de poesia lírica – e, por vezes, antilírica – brasileira, portuguesa e argentina, buscando afinidades entre algumas linhas de força da poesia desses três países. A atenção às dedicatórias, epígrafes, menções, alusões, citações diretas ou indiretas permite aproximar Marques de tantas e tantos outros poetas, em especial, a meu ver, Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) e Alejandra Pizarnik (1936-1972). Para além dessas "formas de intertextualidade", o corpo que anuncia esses poemas ensaia um vínculo com aquilo que Antonie Compagnon (1996) consagrou como "o trabalho da citação", que remete privativamente à colagem infantil ou ao texto citado enquanto um órgão a ser transplantado e que, portanto, pode ser rejeitado pelo corpo (texto) que receberá o transplante – "algumas plantas pegam e outras não" (Marques, 2019: 24). A partir da análise de um conjunto de poemas luso-argentino-brasileiro, discutiremos os efeitos de circulação e recepção da poesia entre os três países – tão próximos e tão distantes. Abarcaremos, particularmente, a apropriação da poesia de Andresen e Pizarnik pela poesia de Marques, no gesto de "cultivar no jardim o espaço entre as plantas". Em O livro dos jardins, cada poeta é um jardim. Nessa apropriação – para usar o termo de Leonardo Villa-Forte (2019) –, Marques escreve justamente no espaço entre esses jardins, isto é, uma poesia que medra entre muitas tradições. Para aprofundamento de tais questões, recorreremos à noção de "endereçamento", que, como

dirá Célia Pedrosa (2015: 68), "aponta assim para mais um significado da noção de poesia caminhante, agora como busca de seus destinos e destinatários". Reivindicaremos, por fim, que a dimensão desses poemas, em consonância a essas questões, perpasse os traços da enunciação e aponte para uma rede de relações ainda mais ampla.

Nas ruínas da representação: écfrase e metaficção em Clarice Lispector

Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro (UNICAMP)

Resumo "Quero pôr em palavras mas sem descrição a existência da gruta que faz algum tempo pintei – e não sei como." (LISPECTOR, 1998, p.15), diz a narradora no início de Água viva. Ao localizar-se como escritora-pintora, a voz narrativa põe em jogo dois aspectos que ao mesmo tempo marcam o romance e são dissolvidos ao longo do texto: metaficção e écfrase. Entendendo a écfrase como "a representação verbal da representação visual" (HEFFERNAN, 2004), e a metaficção como "uma ficção fundada na elaboração de ficções" (GASS, 1971), este trabalho pretende investigar como esses conceitos implodem diante da falibilidade da linguagem. Se, com Barthes, concordamos que "a tarefa do escritor é inexprimir o exprimível" (1970, p. 22), que questionamentos são suscitados diante de uma fenda aberta nessa "mimesis dupla" (RIFFATERRE, 2000) do texto sobre a imagem? E se, como afirma Roberto Corrêa dos Santos (2012), em Clarice "a narração dos fatos mostra-se quase sempre em ruína", portanto "o contar é um esforço", entendemos que a falibilidade da tentativa de dizer vai encontrar seu avesso no processo desejante de perguntar. Seguindo o exemplo da escritura clariceana, em que tudo se transforma em uma questão, perguntemos.

Palavra gravada: fixação da performance, expansão do texto poético

Enio Bernardes de Andrade (UFU)

Resumo Se a palavra cantada nos remete a uma tradição milenar, a fixação desta em suporte gravado constitui fenômeno recente. Quando passa a ser produzida e reproduzida neste contexto, a canção popular instaura uma nova e própria tradição, diante das especificidades estéticas e socioculturais que a gravação e difusão em mídias propicia, e em decorrência da enorme exposição que passa a gozar por meio do rádio, do disco, da televisão, da internet. No Brasil, se percebemos a Bossa Nova e a Tropicália como gestos de modernização, é preciso observar que desde os tempos de Noel Rosa se faz canção para registro e veiculação em vias tecnológicas. Neste sentido, a linguagem cancional com a qual lidamos, a partir do século XX, configura-se no contexto da "obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", na acepção de Benjamim (2017), materializando-se como "oralidade midiatizada", como aponta Zumthor (2010). Compreendendo a canção como uma amálgama intermidial indissolúvel entre música, texto poético e performance, observamos, nas gravações, uma série de peculiaridades: diferente da tradição da oralidade cantada, o texto está fixado, como em um livro; ao contrário do silêncio do livro, a palavra aqui é matéria sonora vocalizada; tal vocalização vai além do mero registro de uma composição, constituindo-se como gesto performático que perpetua o efêmero, e que faz de cada fonograma uma obra estética singular. A popularização da canção a partir do século passado, dada sua difusão midiática, leva a palavra poética para um múltiplo campo de expansão: do escrito para a voz, do restrito para o massivo. Este trabalho pretende chamar a atenção para estes aspectos do estudo da linguagem cancional, que, na tensão entre obra artística e produto comercial decorrente do desenvolvimento tecnológico, expande o potencial de alcance da comunicação poética, e nosso próprio entendimento sobre as artes da palavra.

Poesia, voz e corpo: o Poetry Slam no Brasil

Fabiana Oliveira de Souza (UFRJ)

Resumo Este trabalho tem como objetivo apresentar um panorama inicial do Poetry Slam no Brasil, uma manifestação poética característica da cena literária contemporânea e que tem como marca essencial a primazia da oralidade como forma de expressão. Isso se concretiza pela relação intrínseca estabelecida entre a poesia e a voz do(a) poeta que a declama: a voz protagoniza a ação porque não se pode usar cenário, figurino ou qualquer auxílio de sonoplastia durante a apresentação. Consequentemente, o(a) poeta explora ao máximo sua voz e seu corpo, transformando-se em performer e, neste caso específico, em slammer. Assim como na polipoesia proposta por Enzo Minarelli, em seu Manifesto della Polipoesia, o Poetry Slam (ou slam de poesia) é uma forma de intervenção poética "concebida e realizada para o espetáculo ao vivo" (MINARELLI, 1996, s. p.) e, para que façam sentido, as performances dependem da recepção e interação do público, da mesma forma como "um texto só existe, verdadeiramente, na medida em que há leitores" (ZUMTHOR, 2014, p. 26). Além disso, no caso brasileiro, os(as) slammers que mais se destacam são oriundos(as) de territórios periféricos e as temáticas predominantes em seus textos dizem respeito a inquietações muito peculiares à nossa realidade, seja a nível nacional ou local. Eles(as) atuam não só como participantes de um evento, mas também como idealizadores(as) e organizadores(as), sempre incentivando outros sujeitos a se integrarem ao movimento, fazendo ecoar seus discursos. Desse modo, os poetas envolvidos nessa prática de poesia performática contribuem para a criação das ágoras contemporâneas ao executá-la em lugares públicos e de forma aberta e gratuita, sem discriminar ou hierarquizar os interessados em participar, além de ser um espaço de propagação das vozes das periferias brasileiras.

Theadoro Theodor: ou a poesia dentro de envelopes

Ana Cristina de Rezende Chiara (UERJ)

Resumo A alusão aos versos "Inventei, por exemplo o verbo teadorar/Intransitivo;/Teadoro, Teodora" do poema Neologismo de Manuel Bandeira, insinuando que a linguagem comum não dá conta dos sentimentos e da sensibilidade, consta do título do pequeno livro-poema Theadoro, Theodor, de Laura Erber. Livro preciosamente incrustado na fronteira da pesquisa em arquivos, da escrita ensaística e da escrita da poesia propriamente dita. A escrita e a leitura de poesia, na atualidade do século XXI, ao mesmo tempo que nos demandam novos posicionamentos perante à linguagem (o que á a poesia?), sempre sendo esta aquilo que não está em presença evidente, também nos conectam com um hipertexto em contínuo desdobramento (como se de cada envelope-imagem pudéssemos retirar outros envelopes como lemos no poema)desenhando uma cartografia de detalhes. Se as referências se encontram dentro de envelopes no mundo perene do arquivo referido no texto de Theadoro Theodor, cabe ao poeta abrir os envelopes que formam o arquivo e dispô-las em novos arranjos, endereçamentos, cruzamentos, por meio de uma escrita performática, movida pelas sensações, afetividade, emoção, indiciadas desde início pelo neologismo teadorar. Foram estas questões que me despertaram na leitura deste livro, escrito em 2010, quando Laura Erber residia em Copenhague e realizava pesquisas nos arquivos de Carl Theodor Dreyer, (1889 —1968), importante cineasta dinamarquês que criou um novo tipo de drama histórico, usando os grandes primeiros planos (close-ups) para explorar as revelações de cada mudança fisionômica e estabelecer íntima relação entre personagens e plateia. São a partir da pesquisa no arquivo de Dreyer, organizado em caixas com envelopes, que Laura Erber estabelece conexões temporais e espaciais inusitadas. Se para o crítico e poeta Roberto Correa dos Santos, "falar um poema não se confunde com expor um pensamento; falar um poema é já escrevê-lo, no espaço, contando com o ar, com a propagação das ondas" (SANTOS, 2010).

Simpósio 65
Poética da emulação e anacronismo

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)
Valdir Prigol (UFFS)

Resumo Desde a publicação de Machado de Assis: por uma poética da emulação (ROCHA, 2013), João Cezar de Castro Rocha tem proposto um novo quadro teórico, a fim de entender as formas de relacionamento literário, artístico e cultural que ocorrem em contextos de marcada assimetria. Nesse caso, a poética da emulação é uma estratégia empregada pelos que se encontram no lado menos favorecido das trocas; trata-se, assim, de uma forma de lidar com conteúdos inicialmente impostos por uma força hegemônica, mas que precisam ser transformados de acordo com a circunstância não hegemônica. Na sequência da pesquisa, o conceito de circunstância não hegemônica foi aperfeiçoado (ROCHA, 2017). O propósito é caracterizar um quadro mais amplo que inclui os seguintes elementos: compressão dos tempos históricos, tradução como eixo da tradição, leitura como ato primário, escrita como resultado da leitura, e, por fim, a adoção do método do anacronismo deliberado de Jorge Luis Borges. O conjunto desses elementos estrutura a poética da emulação: o fenômeno da compressão dos tempos históricos e, daí, o exercício do anacronismo deliberado; o primado da invenção sobre a criação, portanto, a centralidade da tradução; a precedência da leitura em lugar da escrita. Vale a pena recuperar a distinção entre dois verbos que atualmente costumam ser empregados como sinônimos. *Criar*, do latim *creare*, implica produzir o novo no instante mesmo da criação: a utópica *creatio ex nihilo*; criar a partir do nada, ou, em vocabulário romântico, a partir exclusivamente de si mesmo. *Inventar*, pelo contrário, do latim *invenire*, supõe um ato mais modesto, pois significa *encontrar*, *descobrir*, e, muitas vezes, fazê-lo casualmente. Portanto, *inventar* sugere a existência de elementos prévios, que devem ser combinados em novos arranjos e relações. É como se a *inventio* sempre armasse um novo jogo, tirando partido das peças que já se encontram no tabuleiro, no retorno do xadrez de palavras característico da *aemulatio*. Além disso, a sutil diferença semântica entre os dois verbos estimula perfis igualmente distintos. De um lado, ao conceber a originalidade como *creatio*, o autor segue o modelo romântico, ou seja, imagina-se

autêntico demiurgo. De outro, ao conceber a originalidade como *inventio*, o autor se metamorfoseia em leitor agudo da tradição, através de reciclagens e ruminações, que levam à celebração das "filiações", no espírito oswaldiano, pois elas asseguram o ingresso no circuito da tradição. A invenção, assim compreendida, é procedimento fundamental da poética da emulação, já que seu corolário permite valorizar a anterioridade da leitura em relação à escrita e, como vimos, no caso das culturas não hegemônicas, a centralidade da tradução no desenvolvimento da própria tradição. A reflexão de Saulo Neiva acerca do potencial criador do anacronismo permite um diálogo enriquecedor com a hipótese da poética da emulação. O diálogo entre as épocas se assemelha a um diálogo de surdos; surdos loquazes, por certo, mas sempre surdos. Uma leitura possível desse dilema negaria o exercício hermenêutico, já que tudo se transforma em pretexto para as obsessões do intérprete. Nesse sentido, tudo se passa como se o crítico literário recusasse a possibilidade da literatura no instante em que paradoxalmente abrisse o livro. Afinal, ele somente buscaria confirmar hipóteses previamente formuladas. Nessa alquimia fracassada, porque sempre exitosa, resta uma alternativa: tornar-se anacrônico em relação a si próprio, e, como o repórter do filme, denunciar a ilusão da resposta única, definitiva. O anacronismo, portanto, não é apenas uma ruína autocentrada, mas a base das ações humanas: nenhuma época histórica foi (ou é) exclusivamente contemporânea a si mesma. Saulo Neiva e Alan Montadon ampliaram a noção de anacronismo criador com base na pesquisa histórica transnacional da *caducité des genres littéraires*, demonstrando os efeitos estéticos da recepção no resgate de gêneros literários em contextos históricos muito diversos do momento de seu auge no sistema literário (NEIVA e MONTANDON, 2014). Essa perspectiva permite pensar em alguns temas para este Simpósio: 1. Apropriações deliberadamente anacrônicas de gêneros literários em desuso; 2. Formas de emulação em contextos assimétricos; 3. A centralidade da tradução; 4. A figura do autor-leitor; 5. Relações assimétricas e subversões do cânone; 6. Emulação e Anacronismo como formas de estratégia cultural.

"Elementar, meu caro Adso": Umberto Eco leitor de Arthur Conan Doyle

Lilian Monteiro de Castro (UnB)

Resumo Esta proposta de comunicação se baseia nas relações intertextuais de emulação entre o romance O nome da rosa, do escritor italiano Umberto Eco e as aventuras de Sherlock Holmes, o famoso detetive personagem de Arthur Conan Doyle. Em sua obra Pós-escrito a O nome da rosa, Eco revela alguns de seus modelos hipotextuais – terminologia utilizada por Gerard Genette em Palimpsestos: a literatura de segunda mão – e assume que redescobriu "o que outros escritores sempre souberam (e que tantas vezes nos repetiram): os livros falam sempre de outros livros e cada história conta uma história já contada. Homero sabia disso, Ariosto sabia disso, para não falar em Rabelais ou Cervantes" (ECO, 2015, p. 536) e que a matéria sobre a qual um escritor trabalha "traz consigo a lembrança da cultura que carrega (o eco da intertextualidade)" (ECO, 2015, p. 533). Àqueles que como Umberto Eco também se debruçaram sobre os escritos de Doyle fica evidente a natureza "policial" do romance quando o narrador Adso de Melk apresenta seu mestre Guilherme de Baskerville, uma referência direta ao romance O cão dos Baskerville de Doyle. Ainda a descrição física dos protagonistas e a tendência ao uso de substâncias entorpecentes coincidem de maneira pontual. Apesar dos "freios" desenvolvidos por Umberto Eco para minorar os anacronismos, limitando a investigação de Guilherme a uma semiose e conhecimentos científicos muito incipientes, ainda é possível perceber a evocação clara de textos de Doyle como Um estudo em vermelho, Um caso de identidade, A banda pintada, Os cinco caroços de laranja e O sinal dos quatro.

A historicidade do ciúme em "Ciúme e dúvida póstuma [*Dom Casmurro*, de Machado de Assis]", de João Cezar de Castro Rocha

Roselaine de Lima Cordeiro (UFFS)

Resumo Em "Ciúme e dúvida póstuma", João Cezar de Castro Rocha propõe uma leitura de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a partir do ciúme. Há, nesse percurso de leitura da crítica, um certo modo de ler essa obra machadiana, que podemos compreender a partir de três movimentos. O primeiro que enfatiza o ciúme como possibilidade de leitura da história de Capitu e Bentinho, aproximando leitor e texto literário a partir da descrição de momentos do enredo da obra; o segundo que traça uma historicidade para o ciúme em direção à exterioridade desse escrito machadiano, passando pelo dicionário, pela literatura e dois de seus grandes clássicos e pelo leitor; e o terceiro que compara a literatura ao ciúme, propondo uma teoria ao literário nesse caminho de leitura. Nesta pesquisa, investigamos esse modo de ler, destacando, neste trabalho, especialmente, o segundo movimento do texto de crítica, ou seja, momento em que Rocha (2015) produz uma leitura anacrônica do ciúme, considerando o dicionário Houaiss; a literatura, tendo em vista a capacidade poderosa de imaginação do ciumento; Hipólito, de Eurípides, em semelhanças com o enredo da história de Teseu e Fedra; Otelo, de William Shakespeare, e a saga de Desdêmona, acusada pelo mouro, por meio de artimanhas de Iago; e, por fim, o leitor, "malicioso leitor machadiano" (ROCHA, 2015), que, em nossa análise, é peça fundamental dessa leitura pelo ciúme proposta à obra. Rocha (2015) lê Dom Casmurro pelo ciúme e, ao passo que a leitura avança, lembra de outros textos literários em que também há ciumentos que imaginam e produzem "fantasias de adultério" (ROCHA, 2015). Essa leitura anacrônica da história de Capitu e Bentinho pelo ciúme permite que outras obras literárias, de diferentes períodos históricos, sejam mobilizadas. Nesse sentido, compreendemos esse modo de ler pelo ciúme como mediação de leitura entre leitor e obra, movimento que instiga leitores à leitura.

Anacronismos, poética da emulação e *roman à clef* no romance *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães

José Victor Neto (UERJ)

Resumo Este trabalho visa analisar o romance *Chibé* (1964), à luz do anacronismo, segundo Saulo Neiva (2018), e da poética da emulação, conforme Casto Rocha (2017). Chibé é um roman à clef escrito em Castanhal-PA, no qual figuram como personagens pessoas reais bastante conhecidas no contexto local, o que trouxe revezes ao autor, como ameaças de morte, destruição de exemplares do romance e um escândalo que justifica seu o atual desconhecimento. *Roman à clef*, ou "romance à chave" é um gênero de aparência exclusivamente ficcional, mas que traz em seu bojo pessoas reais retratadas como personagens ficcionais. Surgido na Europa do século XVI, alcançou seu apogeu entre os séculos XVII e XVIII, e entrou em decadência no século XIX, a partir da consolidação do romance ficcional, passando a ser considerado um gênero inferior ou mesmo não-literário. Embora a decadência de status não tenha impedido que o gênero continuasse a ser produzido, a escolha de escrever um *roman à clef* atualmente pode trazer como implicações o descrédito quanto às qualidades literárias da obra. Tratamos a escolha de Raimundo Holanda Guimarães, um autor contemporâneo, de produzir seu romance em forma de *roman à clef* como fruto da adoção de um anacronismo deliberado enquanto estratégia de criação, visto o anátema que marca o gênero desde o século *XIX*. Consideramos a importância de *Gabriela, cravo e canela* (1958) de Jorge Amado (também um *roman à clef*), como modelo adotado por Holanda Guimarães para a construção de seu romance Chibé, como um exemplo de aplicação da poética da emulação. As escolhas feitas pelo autor têm relação com o complexo de fatores extraliterários que o atravessam, perfazendo o que aqui trataremos a partir do conceito de contexto de emulação. Esperamos agregar esforços de análise aos poucos estudos hoje realizados no Brasil sobre o gênero *roman à clef*, bem como oferecer modesto contributo aos estudos do anacronismo e da poética da emulação como métodos de criação literária.

Paratextualidade fictícia e o medieval revisitado em "A folha de hera: romance bilíngue", de Reinaldo Santos Neves

Eduardo Costa Madeira (UnB)

Resumo Em A crônica de Malemort (1978), ambientado na Idade Média, Reinaldo Santos Neves se submeteu a um rigoroso processo de pesquisa com fontes medievais, com o objetivo de recuperar a mentalidade a a sintaxe do prosador medieval, incorporando inclusive erros como triplas negativas, anacolutos e formas verbais estranhas, além de vocábulos que caíram em desuso. A narrativa, assumida em tom confessional por um monge cisterciense, contrapõe eventos fictícios a eventos históricos como A Peste Negra e A Guerra dos Cem Anos. A partir da década de 1990, Santos Neves começou um processo de tradução do próprio romance para o inglês médio, com os mesmo critérios de verossimilhança retórica, mas desta vez com obras em inglês (especialmente Crônicas de Froissart, traduzidas do francês por Lord Berners). O texto cresceu muito em tamanho e episódios, e depois foi retraduzido para o português, desta vez contemporâneo. Esse é o caso de A folha de hera: romance bilíngue (2011). Para justificar academicamente tal processo, foram criados paratextos fictícios que dão conta da saga do manuscrito, cuja única versão sobrevivente seria uma tradução para o inglês no século XV, lançado como edição crítica por uma professora medievalista da década de 1950. Por se tratar de um caso especial em vários sentidos (primeiro, por ser não um livro bilíngue, mas mesmo um romance bilíngue por incorporar o bilinguismo como parte da trama de falsas atribuições, depois pela colagem intertextual que se quer a tradução de um original que não existe e pelo complexo jogo de paratextos fictícios), a comunicação que aqui se propõe tem por objetivo expor a questões de falsas atribuições, metaficção, tradição e intertexto no romance A folha de hera: romance bilíngue (2011), de Reinaldo Santos Neves.

Paz leitor de Nietzsche: preliminares à tese sobre os primeiros escritos de Octavio Paz

Cristiano Egito Santiago Ramos (UNICAMP)

Resumo Octavio Paz segue como um dos autores mais citados em pesquisas que tratam de modernidade literária, identidade cultural, cânone e assimilação das tradições, entre outros temas relacionados. Recortes de pesquisas em redor desses topoi costumam abarcar seus mais notórios ensaios, textos veiculados em livros como *El laberinto de la soledad* (1950) e *Los hijos del limo* (1974). Nem mesmo os cem anos de nascimento do escritor mexicano alteraram este significativo dado de sua fortuna crítica: poucos estudos são dedicados à sua fase primeva, à prosa crítica publicada entre 1931 e 1943; ou seja, da publicação de "Ética del artista", artigo em que apaixonadamente defendia a postura ideal diante das questões de seu tempo, ao "Poesía de soledad y poesia de comunión", conferência na qual já é possível reconhecer com nitidez direções e formulações essenciais às obras posteriores e mais conhecidas do autor. As produções daquele jovem poeta-crítico se apresentam, no entanto, como riquíssimas oportunidades para investigar e refletir sobre interpretação dos tempos históricos, relações assimétricas, leituras, apropriações etc. Se os primeiros escritos pazeanos expõem um intelectual ainda em formação – inconstante, contraditório, controverso, tateando modos de lidar com suas demandas e conflitos –, tal condição não compromete as possibilidades do objeto. Bem pelo contrário, mostra-se duplamente oportuna, ao oferecer não só literatura sobre os assuntos em questão, como também vestígios biográficos de um pensador hispano-americano em conturbado contexto pós-colonial, não hegemônico, de sempre acidentada busca por identidade, autonomia, invenção. A comunicação "Paz leitor de Nietzsche: preliminares à tese sobre os primeiros escritos de Octavio Paz" traz apontamentos originados na tese de doutoramento em Teoria e História Literária (Unicamp), seleta de reflexões que dialogam de forma mais direta com o simpósio "Poética da emulação e Anacronismo" (Abralic/2020).

Reflexões sobre emulação em *Esaú e Jacó*

Pedro Armando de Almeida Magalhaes (UERJ)

Resumo A partir de estudo sobre poética de emulação (2013) do Prof. João Cezar de Castro Rocha e de considerações sobre emulação de Michel Foucault em As palavras e as coisas (1966), pretendemos discutir brevemente o caráter metaliterário de Esaú e Jacó de Machado de Assis, romance aparentemente "insondável", cujo hermetismo surpreende, ao tratar da passagem de regime governamental no final do século XIX no Brasil. Na narrativa destaca-se a personagem Flora. Esta, considerada "inexplicável" pelo diplomata Aires, fica diante de um dilema, a escolha impossível entre dois gêmeos idênticos que cismam em discordar, divergir. Flora, por não conseguir decidir, diante do impossível, morre. Além das referências explícitas a Fausto de Goethe, em capítulo que trata dos sentimentos amorosos de Flora, o romance, que joga com oposições em diferentes níveis, poderia remeter a curto texto de Schiller tratando da história de dois jovens irmãos apaixonados por uma mesma mulher, intitulado "Eine grossmütige Handlung", se vinculando assim de forma inequívoca à tradição literária do classicismo alemão. Esaú e Jacó, ressignificando semelhanças profundas mascaradas por distinções aparentes, poderia talvez configurar o grande tratado da emulação, a grande metáfora da arte poética machadiana? Tentaremos abordar assim a poética da emulação como chave que, vinculada a textos de autores da época de ouro da literatura alemã, permitiria melhor elucidar diferentes camadas discursivas que reverberam no romance Esaú e Jacó.

Roman à clef e anacronismo deliberado em *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto

Daniela Corrêa Siqueira (UERJ)

Resumo Neste trabalho pretendemos realizar uma leitura de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto, um roman à clef do início do século XX, a partir das teorias sobre o anacronismo, de acordo com conceituação desenvolvida por Saulo Neiva (2019). O *roman à clef* é um gênero de romance no qual pessoas reais aparecem

disfarçadas por personagens aparentemente ficcionais, dando assim liberdade para que o autor relate casos íntimos e segredos inconfessáveis dos mesmos. Esse tipo de romance está geralmente associado a polêmicas, e o Recordações do escrivão Isaías Caminha de Lima Barreto não seria uma exceção. Nele Barreto denuncia a hipocrisia do meio intelectual e jornalístico daquela época, criticando indiretamente figuras de grande renome no cenário das letras. Atacado pelos críticos de sua época, Lima Barreto e seu romance foram ignorados pelos jornais, o que muito atrapalhou o início da trajetória literária do autor. O principal argumento usado pelos críticos para depreciar o Recordações do escrivão Isaias Caminha foi o fato de ele ser um *roman à clef*, gênero esse bastante malvisto já naquela época, considerado como um tipo inferior de literatura. A escolha de Lima Barreto de usar o *roman à clef* para escrever seu romance em um momento em que o gênero já era considerado inferior e ultrapassado constitui um caso de "anacronismo deliberado" por parte do autor, visto que o gênero atendia aos seus interesses de denunciar as desigualdades que caracterizavam a sociedade da Primeira República. Refletir sobre o uso do "anacronismo deliberado" como processo de criação literária de Lima Barreto ao adotar o *roman à clef* para denunciar as injustiças sociais de sua época pode fornecer uma contribuição compreensão do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Tradução literária historicamente informada

Caetano Waldrigues Galindo (UFPR)

Resumo A ideia deste trabalho é investigar o aparente (e instigante) anacronismo envolvido nas propostas de tradução de obras literárias em que entre original e tradução há décadas (ou séculos) de distância; trata-se de projetos em que o tempo do autor (e de seu público) se vê de várias maneiras sobreposto pela temporalidade do tradutor e seus leitores, que não pode no entanto apagar completamente as marcas dessa distância sem questionar a própria concepção consuetudinária da tradução, e seu estatuto no sistema literário, mas também não pode destacar demasiadamente esse afastamento, sob pena de trair parte central de seu desiderato mais básico: aproximar autor e novos leitores. Esse paradoxo será investigado a partir dos conceitos

de “estrangeirização/domesticação” e “perda/ganho”, com recurso a um paralelo com o movimento de “Performance historicamente informada” no domínio da música erudita.

Simpósio 66
Poéticas da contenção: entre arte, palavras e silêncios

Deborah Walter de Moura Castro (Unifal)
Paulo Henrique Caetano (UFSJ)

Resumo No poema "Silêncio", da poeta americana Marianne Moore (1887-1972), há dois versos que dizem "O sentimento mais profundo sempre se mostra no silêncio;/ não em silêncio, mas em contenção." Neste trecho entendemos que os significados mais obscuros, e talvez mais complexos, são expostos não em uma escrita hemorrágica, mas quando guardam-se as palavras. Segundo George Steiner, em *Linguagem e Silêncio*, "o mais elevado e puro grau do ato contemplativo é aquele em que se aprendeu a abandonar a linguagem" (1988, p. 30). Steiner diz que o Apóstolo nos contou que o começo era o verbo e que aceitamos essa realidade sem discussão. "É a raiz e o córtex de nossa experiência e não podemos transportar facilmente nossa imaginação para fora dele. Vivemos no interior do ato do discurso" (1988, p. 30). Mas ele admite que "existem atividades do espírito enraizadas no silêncio", conjurando na nossa consciência uma lacuna existente "entre a nova compreensão de realidade psicológica e as antigas modalidades de manifestação retórica e poética" (1988, p. 30). O silêncio é praticamente um postulado filosófico. Falar do silêncio é como lidar com um enigma e falar em uma literatura do silêncio soa como um paradoxo. Mas o silêncio reveza com as palavras a árdua tarefa de comunicar. Ele está presente mesmo quando está também a palavra, e por isso ele é uma entidade que coexiste com a linguagem verbal, faz parte dela (ORLANDI, 2007). Mesmo quando o sujeito não estabelece um laço evidente com o silêncio, "quanto mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem ainda a dizer" (ORLANDI, 2007, p. 69), como um princípio da polissemia, como um ponto que a palavra não atinge. Manoel de Barros já dizia, em "O apanhador de sonhos", que "as palavras são usadas para compor silêncios".Também o silêncio não é ausência. O 'vazio' sempre adquire a proporção de alguma coisa – ou de qualquer coisa. Ao nos aproximarmos de uma escrita silenciosa, admitimos a insuficiência das palavras em querer dizer. Uma poética da contenção se aproxima mais de um desafio criativo, como o desafio dos dadaistas em criar uma linguagem que transcendesse a

razão; ou "Nudism", o livro de páginas em branco do poeta Cégeste, no filme "Orfeu" (Orphée, 1950), de Jean Cocteau. Pode ser também, segundo Susan Sontag, no ensaio "A estética do silêncio", uma forma de transformação da arte, uma relutância em se comunicar dentro dos padrões. "O mais comum é que continue a falar, mas de uma maneira que o público não pode ouvir" (SONTAG, 1987, p. 15). A artista e poeta sueca Cia Rinne (1973 -) escreve em um de seus versos para *Notes for soloists* "*cut out from books/ important words/ destroy the book./ (diagonal reading)/ And then someone will notice*." Rinne afirma que sua preocupação é reduzir as palavras ao mínimo possível para visualizar um pensamento ou uma ideia. Segundo ela, a simplicidade ou o minimalismo, tanto na literatura quanto nas artes visuais, é também um movimento contra o excesso de informação e desperdício de materiais no mundo contemporâneo. O silêncio pode também não ser um desejo dos autores. Na obra *Farenheit 451*, de Ray Bradbury, o personagem Guy Montag é um bombeiro que queima livros a 451 graus farenheit - temperatura de queima do papel. A história se passa em um futuro em que livros são proibidos, dentre os quais obras de autores clássicos como William Faulkner e Walt Whitman. Também na obra *A biblioteca desaparecida*: histórias de biblioteca de Alexandria, de Luciano Canfora, testemunhamos o desaparecimento da Biblioteca de Alexandria, referência em uma cidade conhecida então como capital cultural do oriente. Pensando nas diversas formas como o silêncio pode ser tangenciado, seja pela obliteração de palavras, rasura, minimalismo, ou na página em branco, o interesse deste simpósio é reunir trabalhos que tragam possibilidades de poéticas que margeiam o silêncio de forma a chegar perto da ilegibilidade. O objetivo é colocar em debate também as possibilidades de leitura de textos literários e artísticos que acomodem uma poética silenciosa e sua projeção para além do texto. O silêncio, devido à impossibilidade de ser atingido em sua plenitude, deve apresentar características que sustentem a leitura dos poemas/obras nos limites do que é perceptível uma vez que são muitos os caminhos, as entradas e os desvios. Uma leitura que tem como objetivo o silêncio já antecipa que seu fim é apenas o começo. O professor e poeta americano Craig Dworkin, porém, em seu livro *Reading the illegible*, diz que independentemente do signo presente, seja o silêncio, o nada ou a ausência, qualquer trabalho pode ser conceitualizado e lido ativamente. Ele afirma que a questão não é entre presença ou ausência,

mas de que todo significante é um signo, ou seja, "apagamentos obliteram, mas também revelam" (2003, p. 9).

Água viva: a palavra como medida do silêncio

Flávia Lins e Silva (CEFET-MG)

Resumo *Água viva*, de Clarice Lispector, publicado em 1973, é um livro que escapa de definições de gêneros literários. Chamado pela autora de "ficção", era ainda em sua versão inicial, cujo título seria Objeto gritante, considerado um "anti-livro". O texto fragmentado, a escrita elíptica que não apresenta enredo e que recusa as tradicionais categorias ficcionais, parece guiado pelo nascimento da palavra em sua concretude, perdendo seu caráter utilitário e mimético, para ganhar autonomia, na medida em que busca declaradamente tornar-se a criação literária, em homologia a outras manifestações artísticas, mais próxima das sensações e ideias que se pretende abarcar. Em busca do "inominável", do "é da coisa", do "indizível" – espécie de contato com a essência, com a verdade da existência, que só se efetua na despersonalização – o livro aponta e concretiza um projeto literário no qual a modificação da escrita é necessária e uma outra organização textual possa corroer a palavra, desgastar a expressão, e assim aproximá-la justamente do silêncio. A narradora de *Água viva* afirma: "Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio". Dessa forma, se a palavra fracassa por natureza, seu fracasso torna-se uma vitória, a única maneira de tangenciar aquilo que permanece indizível.

A "desescrita" de Leila Danziger

Thiago Grisolia Fernandes (UFF)

Resumo Há, na obra da artista-poeta carioca Leila Danziger, um procedimento-chave, que atravessou boa parte de seus trabalhos e constituiu matéria fundamental de sua investigação artística. Trata-se do gesto quase obsessivo de "depilar" folhas de jornal, colando

fitas adesivas sobre a folha e retirando-as em seguida, apagando assim sua camada mais superficial. Este gesto funciona como uma operação plástica que produz uma espécie de alegoria formal da noção de apagamento, revelando, de saída, pela via da forma, alguns dos temas sobre os quais seu trabalho parece querer se debruçar: a memória em relação ao esquecimento, as possibilidades e impossibilidades da linguagem diante da história e seus eventos traumáticos e a forte dimensão plástica, material da escrita poética. De saída, podemos observar, como efeito deste procedimento, a subtração da palavra. Mas não se trata, no caso de Leila, de uma subtração completa, absoluta; não se trata de um abandono que implica em um déficit ou em uma falta. Pois, quando apagadas, as folhas de jornal de Danizger – de que são compostos os trabalhos "Lembrar | Esquecer", de 2006, a série "Viagem histórica e pitoresca ao Brasil", de 2008 e a série "Vanitas" , de 2010, para citar apenas alguns exemplos – revelam o verso da folha de jornal, a folha de trás, a face oculta da comunicação, o avesso do procedimento de escritura do mundo. A este avesso temos chamado, em nossa pesquisa, "desescrita"; trata-se de um conceito que vai sendo construído a partir de trabalhos, de artistas e poetas contemporâneos, que operam desde uma imbricação entre palavra, imagem e silêncio, a partir de um repertório teórico em artes visuais e teoria literária. Neste trabalho, procuraremos contribuir para o desenvolvimento da ideia de "desescrita", lançando um olhar sobre o trabalho de Leila Danziger (tanto sua produção visual quanto sua poesia), trazendo, para tanto, autores como Celan, Derrida e Nancy.

A língua como linha: ruído e imagem na poética de Ana Hatherly

Clarissa Xavier Pereira (UFMG)

Resumo Ana Hatherly, poeta artista plástica e pesquisadora portuguesa, foi uma das fundadoras do grupo da revista Poesia Experimental, em atividade nos anos 1960. Sua obra é composta por um vasto repertório de técnicas e linguagens que produzem experimentações no campo da poesia, das artes visuais e dos denominados "textos-imagens". A poesia visual de Hatherly contempla trabalhos que mesclam a linguagem verbal e a composição de figuras, formando imagens que se utilizam da plasticidade presente na escrita e rasuram as

relações entre o som e o sentido que fundamentam a leitura. A autora investiga as fronteiras da ilegibilidade em seus textos teóricos ao pensar a escritura como um meio originário das práticas pictóricas, desassociando o texto das marcações fonéticas e aproximando-o, em um mesmo movimento, ao gesto que detém o rastro dos hieróglifos, ideogramas e demais alfabetos constituídos por uma prática semelhante àquela encontrada na pintura. Ao afastar, de tal modo, a palavra do som a ela equivalente, construindo no texto a primazia de uma leitura inaudível, a poesia visual aqui explorada apresenta, pela imagem, o silêncio. De acordo com Hatherly, em "A reinvenção da leitura" (1981, p. 150): "O poema visual – texto-visual, texto-imagem – é literal e literalmente silencioso". O silêncio se torna, então, matéria constitutiva da criação poética, que busca alargar as fronteiras da linguagem - e, consequentemente, do imaginário - ao incorporá-lo não apenas como tema, mas sobretudo como forma, às práticas que guiam as experimentações literárias e artísticas.

A palavra única: exercícios de contenção na arte contemporânea

Paula Cristina Luersen (UFRGS)

Resumo O artigo passeia por alguns trabalhos de artistas contemporâneos a fim de investigar como a palavra, em exercício de contenção, anuncia silêncios. Em contraposição às elaborações verborrágicas de discurso e obra, os artistas citados no artigo se valem da palavra única para alcançar um modo de afecção. Inserida no encontro, a palavra desloca objetos de seu sentido ordinário, num exercício que, pelo menos desde o modernismo, vem sendo explorado dentro das artes visuais. Se as palavras são sempre insuficientes em querer dizer, elas usam aqui o suporte dos objetos comuns para que digam com elas e, assim, saibam nos provocar. A partir daí criam-se trabalhos que, para roubar uma expressão de Marianne Moore (1991), gostam da solidão e nos condicionam à fala furtada. Obras como Phosphorus (2015) de Elida Tessler, Ninguém (1992) de Leonilson, Objetos arbitrários (1979) de Luis Camnitzer, Talvez (1999) de Armando Queiroz e Só (ou cartas acrescidas de vento) (2017-atual) de Renata Job são, então, percorridas no artigo para mostrar como objetos e palavras mínimas nos emprestam seu espírito de contenção e, no dizer

de Wislawa Szymborska (1996), sabem deixar-nos em silêncio, com paciência, à espera de nós mesmos.

Idea Vilariño: seus nãos, nadas e nuncas

Denise Rogenski Raizel (UFSC)

Resumo A leitura da poesia de Idea Vilariño (1920-2009), delineia-se entre espaços de vazios, frutos de seus nãos, nadas e nuncas. Raul Zurita disse de uma poesia "instalada na margem do dizível" e Alicia Torres defendeu que por sua pulsão a negar a si própria, Idea candidata-se aos escritores do não de Enrique Vila-Matas, em referência ao seu livro Bartleby e Companhia. A leitura dos poemas de Idea permite pensá-la entre os escritores que deliberadamente optam por uma escrita negativa, uma literatura, que como dito acima, nega a si mesma, para nessa contradição criar-se. Os seus nadas, nãos e nuncas, assim como suas variações- a ausência, a espera, a memória -são palavras-efeito ou imagens essenciais no desenvolvimento do meu pensamento sobre a poesia de Idea Vilariño como não temerária aos labirintos do não, assumindo sua pulsão negativa ao criar espaços vazios nos quais o poema existe naquele que o lê. Partindo do conceito derridiano de envio (Envoi) nesse trabalho proponho pensar os artifícios poéticos de Idea Vilariño para se opor ao excesso ruidoso do mundo, já que ao não totalizar a experiência, permite à poesia a possibilidade de flutuar, desdobrar, ramificar em direções desconhecidas e inesperadas, permitindo a construção de uma ficção própria pelo outro, que por seu caráter subjetivo e único se opõe por necessidade a qualquer caráter totalizante. Penso o envio e o silêncio como formas de materialização literária que através de certos procedimentos ou estratégias possibilitam a poeta, através da passagem da linguagem em ato, evidenciar a impossibilidade do re-presente-ar-se, e torna evidente a fratura com o outro. Daí a potência do alcance do sentido poético, quando compartilhado em comunidade, já que descaracterizado o sentido único, inverte-se a lógica da comunhão de sentidos, fazendo valer que o passível de ser compartilhado é a multiplicidade. A comunidade pela diferença.

Simpósio 67
Polêmicas intelectuais na América Latina entre os séculos XIX e XX: retórica, cultura e história

Joana de Fatima Rodrigues (UNIFESP)
Marina Silva Ruivo (UNIR)
Sílvia Maria Azevedo (UNESP)

Resumo Fenômenos da cultura de âmbito mundial que se registram em diferentes períodos da história, as polêmicas intelectuais configuraram-se, entre os séculos XIX e XX, como um dos traços marcantes da vida político-cultural na América Latina. A exemplo do que aconteceu no Brasil, em muitos dos países do continente os debates usualmente resultaram do trânsito de seus autores em redações, editoras e gabinetes de homens influentes. A presença de interesses alheios, e até certo ponto escusos, acompanharam as contendas nas várias formas pelas quais elas se configuraram e sob suas múltiplas vozes. Articuladas em veículos e gêneros variados – como manifestos, ensaios, correspondências, suplementos literários, revistas, entrevistas, debates e folhetos de cordel –, as polêmicas arregimentaram grande parte da intelectualidade, tanto da elite considerada letrada (jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos), quanto da esfera dita popular (repentistas, cantadores e cordelistas). Como formas de intervenção discursiva que combinam as palavras escritas à imagética de seu tempo, as polêmicas intelectuais na América Latina percorreram esses dois últimos séculos com alarde e sem descanso, tendo a participação de profissionais de diversos setores e se constituindo em meio às singularidades históricas, políticas e culturais de cada tempo e país. Em sua configuração, os debates obedeciam a determinados protocolos retóricos, tendo em vista a consagração dos próprios atores envolvidos junto aos diversos auditórios. Com o aval dos veículos – fossem eles de pequena, média ou grande tiragem –, a disseminação da palavra muitas vezes foi processada mediante a legitimação dos pares, envolvendo interesses de personagens que, com frequência, estavam diretamente envolvidos nas disputas ligadas às várias instâncias do poder. Naturalmente, os registros de textos de natureza antagônica revelam algumas dubiedades, o que interessa particularmente às Letras, tanto no âmbito dos estudos linguísticos como dos literários, já que a fatura do texto não

apenas segue alguns expedientes discursivos pré-moldados, mas permite apontar o caráter muitas vezes artificial e postiço da polêmica em si. Ao lado de algum refinamento na linguagem, a contagiar também os modos e tons de dizer, uma coisa e outra não impediram o elemento ruidoso, multiplicando-se entre opiniões e réplicas. A razão parece clara: quase sempre os autores exprimiam-se de determinado modo também como tentativa de ostentar sua habilidade em tecer argumentos contra um alvo em particular, convocando simultaneamente a adesão do público leitor. Dessa maneira, objetivando localizar e analisar certas marcas de conteúdo, forma e expressão que aproximam os protagonistas de tais contendas de âmbito político e cultural, o simpósio se propõe a acolher trabalhos que discutam tais questões de forma e fundo, abrindo-se para o debate acerca de pontos como os que seguem: 1. Em que medida as polêmicas envolvendo os intelectuais estariam mais ou menos ligadas a figuras públicas e/ou instituições de poder, nos seus países de origem? 2. Sob que aspectos as divergências no campo das ideias poderiam revelar o caráter personalista das figuras que se converteram em autênticos focos irradiadores dos debates? 3. De que modo se pode relacionar o teor e a qualidade das discussões a problemáticas relacionadas ao contexto sócio-histórico dos debates em marcha? 4. Afinal, o que se entende por "polêmica intelectual", especialmente naqueles países onde a produção de cultura, e o acesso por parte dos pares, bem como dos leitores em geral, é tímido? 5. Como avaliar o efetivo alcance de determinados debates, considerando a circulação de textos e imagens nos veículos disponíveis, a partir de meados do século XIX? 6. Seria a polêmica, em si, uma maneira apelativa e institucionalizada de clamar pela maior atenção de um público rarefeito e ainda em fase de constituição? Tendo em vista discutir aspectos como esses, o simpósio busca reunir pesquisadores de múltiplas áreas de conhecimento, pretendendo percorrer uma vasta relação de polemistas, nos contexto brasileiro e latino-americano, cujas ideias e nomes ressoaram nos veículos de comunicação de seu tempo. O resgate das discussões sobre temas aderentes à cultura de cada país de nosso continente pode lançar novas luzes sobre a canonização da própria crítica, cujos efeitos podemos sentir ainda hoje. E pode, também, ajudar a pensar as formas, sentidos e manifestações das atuais configurações das polêmicas intelectuais, em tempos de redes sociais e instantaneidade midiática. Como elas se conformam em nossos dias? Em que medida o

lugar de destaque dos veículos tradicionais da imprensa se mantém? E as relações com as instâncias de poder, como se constroem? Essas são algumas das interrogações que esperamos alimentar e discutir com mais uma edição deste simpósio.

Antonio Candido e a crítica latino-americana nos anos 1960

Gabriel Cordeiro dos Santos Lima (USP)

Resumo A comunicação, vinculada a pesquisa de doutorado em andamento, se propõe a reler o ensaio "Literatura e Subdesenvolvimento" (1970) de Antonio Candido, localizando-o em seu respectivo contexto histórico e estabelecendo linhas de concordância e divergência em relação a outros críticos do período. Para tal, discutiremos a teoria candidiana do "superregionalismo", segundo a qual as obras de autores como Juan Rulfo, João Guimarães Rosa, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez configurariam uma narrativa de novo tipo, nutrida de elementos temáticos locais e de técnicas modernistas importadas, sintuando-se acima da controvérsia entre "regionalismo" e "modernismo" que então polarizava o debate na América Latina. Em seguida, discutiremos a ambivalência desse modelo em se opor simultaneamente à obra de intelectuais altamente formalistas e contrários ao engajamento (como o uruguaio Rodríguez Monegal) e intelectuais xenófobos contrários ao uso de técnicas importadas (como o venezuelano Manuel Pedro González). Argumentaremos que essa dicotomia crítica, representada pelos dois hispano-americanos, respondia ao contexto da Guerra Fria, com a clara clivagem entre uma linha crítica esteticista fomentada por organismos internacionais americanos (como o Council for Cultural Freedom) e a chamada linha da "frente popular" impulsionada por ideólogos culturais da então União Soviética. Buscaremos, portanto, demonstrar como Antonio Candido se posicionou em relação à questão, oferecendo uma saída inteligente para a teoria literária e desenvolvendo um caminho teórico sólido que mais tarde influenciaria intelectuais como Ángel Rama (e seu conhecido esquema da "transculturação").

Simpósio 68
Políticas de ensino/educação literária: matrizes, matizes, diretrizes

Wellington Furtado Ramos (UFMS)
Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)
Ana Crélia Penha Dias (UFRJ)

Resumo Na última década, impulsionados substancialmente pela reflexão sobre as literaturas infantil e juvenil, os estudos sobre ensino de literatura se expandiram e se diversificaram, por meio de produções científicas que refletem, sobretudo, sobre o contexto formal de seu ensino na Educação Básica, mas também no Ensino Superior e em contextos extraescolares. Inúmeras têm sido as publicações sobre o tema em periódicos e livros, bem como a organização de pesquisadores em projetos, grupos e linhas de pesquisa que se fazem notar nos eventos da área, por meio de simpósios e correlatos. É neste contexto que se insere a proposta deste Simpósio, promovido pelo GT Literatura e Ensino da ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em letras e Linguística), buscando congregar pesquisadores, professores da Educação Básica, professores universitários e acadêmicos de pós-graduação das mais variadas origens, para refletir sobre as práticas de leitura literária e sua conversão (ou não) em políticas de leitura literária em diferentes eixos e contextos. O primeiro deles discutirá o binômio "ensino de literatura" e "educação literária", buscando congregar trabalhos que residam na tensão dialética entre as noções de "educação" e de "ensino" e suas implicações para o campo, tanto do ponto de vista teórico quanto de seu impacto nas práxis. O segundo agrupará trabalhos que se dediquem à revisão (crítica) dos postulados teóricos sobre o ensino de literatura em contexto escolar e suas diversas implicações, tais como: abordagens metodológicas, questões de historiografia e cânone literário, representações de grupos, sujeito e temas, seleção de textos e autores, tradições vernáculas e estrangeiras e cultura "de massa" e cultura popular. Por fim, o terceiro eixo abrangerá trabalhos que busquem depreender das experiências reflexões aprofundadas sobre o sentido da leitura literária na contemporaneidade, seu papel no cotidiano, sua inserção no ambiente escolar e não-escolar, bem como o mapeamento de diretrizes e estratégias bem-sucedidas (ou não)

para a fixação ou diversidade de modelos de ensino e de educação literária. Desta feita, o Simpósio visa a reunir vozes dissonantes sobre o tema "Literatura e Ensino", colocando em tensão as proposições mais diversas, não com vistas a um discurso totalizante, mas com o anseio de, na diversidade, reunir uma amostra do pensamento e da produção contemporâneas sobre a questão, objetivando fomentar o debate e subsidiar a atuação pedagógica e política do GT Literatura e Ensino, buscando problematizar questões de pesquisa como as que seguem: o que tem sido pesquisado quando o assunto é Literatura e Ensino? Sob quais perspectivas teórico-metodológicas? Quais resultados têm sido produzidos? Como esses resultados têm sido socializados? Como têm impactado as ações nas escolas e universidades (ou outros espaços de educação literária) no País? Quem no Brasil está estudando as relações entre Literatura e Educação? O que e como tem estudado? Quem financia esses trabalhos? Quais os resultados dessas atividades? Como as contribuições e reverberações, de um lado, da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético, da Teoria Crítica, da Desconstrução e dos Culturalismos e, de outro, da Pedagogia Tradicional, da Pedagogia Histórico-Crítica, do Construtivismo, da Pedagogia Histórico-Cultural e das teorias do Letramento se dão a ver nas relações entre Literatura e Educação, no âmbito das políticas públicas e das ações em espaços do fazer educativo (principalmente, creches, escolas e universidades)? No que tange às implicações terminológicas de diferentes nomenclaturas (ensino de literatura, educação literária, formação literária), quais são as diferenças e especificidades no uso de cada uma dessas terminologias? Há uma marcação teórico-metodológica nos estudos que lançam mão dessas diferentes expressões? Se sim, quais? Sobre a constituição de histórias (local, regional e nacional) do ensino de literatura, como, ao longo dos períodos (colonial, republicano, ditatorial e contemporâneo), a literatura foi ensinada nas escolas e universidades (ou em outros espaços do fazer educacional)? Há/havia regulamentação do Estado e dos estados a esse ensino? Quem ensina(va), como ensina(va), com que materiais e métodos, como e para que avalia(va)? Como as novas leis para o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena (não) têm impactado a história do ensino de literatura? Sobre a seleção de textos literários para o trabalho educativo (escolar e não escolar), sua correlação com prêmios literários, com políticas públicas para o livro e a leitura e com a didatização da leitura e da

escrita literária, como se constituem repertórios de textos a serem lidos nos processos de educação escolar e não escolar? Como são trabalhados, do ponto de vista da leitura, da escrita e da oralidade, os gêneros literários na escola? Quais os espaços e tempo da leitura literária? Como se delineia um cânone literário escolar? Como os materiais pedagógicos para leitura e escrita literárias são utilizados nas práticas educacionais (em escolas e em oficinas, por exemplo) em literatura? Que visão de literatura e de educação literária é possível inferir a partir da análise de documentos, livros e registros de práticas? Que visões de literatura e que visões de mundo ou de realidade se legitimam nesse processo?

A leitura entre mutações e permanências: por uma educação literária na ubiquidade

Luís Fernando Portela (UFRGS)

Resumo Este trabalho se propõe a compreender quais são desafios e potencialidades promissoras do atual contexto cultural midiático do digital, em sua liquidez, hipermobilidade e ubiquidade (SANTAELLA, 2013, p. 13-22), no que diz respeito à leitura literária na escola, com desdobramentos de caráter pedagógico. A discussão aqui proposta será desenvolvida com base na ideia da tensão entre mutações e permanências e valer-se-á de contribuições provenientes do campo da história da leitura, como a reflexão de Roger Chartier (1999, p. 153), que propõe a necessária convivência da "biblioteca sem muros" com a "biblioteca material", sem apelar-se a um evolucionismo raso das formas de ler, e os aportes dos estudos em comunicação e cultura de Lúcia Santaella, além de sua proposição dos diferentes tipos de leitores: o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo (2013, p. 265-283). Compreendendo esses diferentes tipos de leitores como "facetas do ato de ler" que se complementam, sem substituírem-se umas às outras (SANTAELLA, 2016, p. 104), impõe-se o desafio de pensar uma educação literária realmente significativa e apta a formar um leitor capaz de lidar com as complexidades da hipermobilidade e ubiquidade contemporâneas, ao mesmo tempo que circula pelos demais comportamentos de leitura. Para isso são elencadas algumas reflexões pedagógicas de distintos matizes – sumariamente,

as alternativas metodológicas propostas por Bordini e Aguiar (1988), a proposta de Horn e Staker (2015) de educação pela inovação disruptiva, e um apelo às concepções pedagógicas e de leitura freireanas (1996, 2006) –, que, porém, confluem no sentido de dar respostas aos desafios impostos na busca por uma metodologia de trabalho com a literatura na escola, nem utópica, nem catastrófica quanto ao contexto tecnológico, mas capaz de atuar de maneira frutífera entre as mutações e permanências que se impõem.

Aspectos sobre o ensino de literatura no Distrito Federal

Gabriel Gomes Vieira (UnB)

Resumo A comunicação proposta aborda aspectos teóricos e metodológicos relacionados ao ensino de literaturas em Língua Portuguesa (LSELP) em escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal (DF), bem como a influência da formação docente e do cânone literário nesse processo. Essa proposta tem como principal foco discutir a situação do ensino de literaturas em Língua Portuguesa na Educação Básica e traçar o perfil do professor de literatura do DF a partir de análise feita a partir de dados obtidos por meio de pesquisa por mim realizada em escolas. É objetivo dessa comunicação, portanto, debater em que medida a formação acadêmica e a utilização dos materiais didáticos – livros didáticos, compêndios, entre outros –, refletem o ensino de LSELP no Distrito Federal. Também é intuito discorrer sobre o perfil da formação de leitores literários nas escolas investigadas e de que forma esses leitores, alunos e professores, entram em contato com a diversidade literária em Língua Portuguesa na Educação Básica. Essa proposta de comunicação baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, quando se pensa questões teóricas ligadas ao ensino e leitura literária na escola, e em uma pesquisa de campo, ao delimitar o perfil dos professores e a utilização dos materiais de apoio didático que ensejam o ensino de LSELP nas escolas investigadas.

BNCC e leitura literária: poucas matrizes, muitas diretrizes

Débora Ventura Klayn Nascimento (UFRJ)

Resumo O trabalho problematiza políticas para a prática da leitura literária no Ensino Fundamental II. Tem como foco dois recursos comumente presentes na prática docente: documento oficial norteador de ensino e livro didático. Assim, a primeira parte investiga a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, busca conhecer quais as matrizes do conceito de leitura literária no documento e como ele é apresentado aos professores. Os resultados apontam para uma ausência de esclarecimentos sobre o conceito de leitura literária na BNCC, junto a muitos comandos que preconizam sua presença nas salas de aula. Logo, o professor idealizado pelo documento parece ser aquele que não precisa de um embasamento consistente a respeito de suas práticas, mas precisa ser capaz de dar conta de uma extensa gama de comandos que direcionam seus fazeres: um professor que não questiona, mas cumpre! A segunda parte analisa um livro didático do sexto ano, da coleção Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem, aprovada pelo PNLD 2020 e que já se enquadra nas diretrizes da BNCC. Nessa análise, verificam-se gêneros, autores e textos utilizados nas seções de leitura, bem como exemplos de abordagens do texto literário. Os resultados ratificam a forte presença do texto literário nas aulas do Ensino Fundamental e a ênfase na leitura dentro da perspectiva do ensino de língua portuguesa e não em uma perspectiva literária. A exigência de atendimento às diretrizes da BNCC se mostra perceptível em algumas atividades, nas quais já são notórias as relações com as orientações do documento.

Considerações sobre transformações no ensino de literatura e currículo escolar

Daniele Gualtieri Rodrigues (UFRGS)

Resumo A análise da constituição e da institucionalização das disciplinas favorece seu entendimento e sua "desnaturalização", podendo essas serem entendidas como produtos da criação humana, em determinado tempo e espaço. Conforme Venturini e Gatti Júnior (2004), "a

evolução de uma disciplina pode ser entendida como produto das contradições e transformações internas e externas da área disciplinar". Ao tratar do ensino de literatura, hoje inserido na disciplina Língua Portuguesa, entendemos que o acesso à leitura é resultado de uma ação da escola decorrente de motivações sociais e políticas, (ZILBERMAN, 2017). No Brasil, o ensino de língua materna – ao menos em seus pressupostos teórico-metodológicos e em propostas curriculares – vem apresentando uma mudança significativa. Cada vez mais, coloca-se em xeque o que historicamente se configurou como "aula de literatura": explanações sobre movimentos literários, em que se inserem autores e obras considerados canônicos. Questiona-se o quanto estas práticas têm contribuído, na escola, para a formação de leitores literários, uma vez que não visa à dinâmica interação entre texto, autor e leitor. Partindo de deslocamentos nos conceitos de literatura e de cultura literária, Rouxel (2013) pontua a necessidade de se refletir sobre o que e para que se ensina. Como todo objeto de ensino ou disciplina escolar, a literatura não deve ser reduzida a um "conteúdo" estático, neutro e imutável, mas compreendida como uma construção histórica, sujeita às transformações da contemporaneidade.

Ensino de literaturas e culturas africanas e afro-brasileira na educação básica e superior

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo O ensino das literaturas e culturas africanas e afro-brasileira na educação básica e superior encontra-se em fase de maturação no Estado de Mato Grosso, apresentando, ainda, diversas fragilidades. Nessa direção, é preciso sistematizar propostas urgentes que consolidem o trabalho com essas temáticas, reavaliando os currículos escolares e redimensionando os Projetos Pedagógicos, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e demais legislações vigentes. Desde a promulgação da Lei Federal nº 10.639/03, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatória a inclusão, no currículo dos níveis fundamental e médio, do ensino de culturas africanas e afro-brasileira, até a alteração feita pela Lei nº 11.645/08, que tornou obrigatório o estudo da história da África e dos africanos, bem como a luta dos negros e dos

povos indígenas no Brasil, suas culturas, história e contribuições ao país, muito já se avançou nesse campo, mas ainda há muito que avançar, em termos de políticas objetivas para a divulgação e a valorização do legado dos povos africanos e indígenas à cultura brasileira. Nas últimas décadas, vivemos o auge da globalização e do desenvolvimento da ciência e tecnologia, campos que se tornaram fundamentais na articulação das diferentes culturas e sociedades; diante disso, torna-se necessário reafirmar as conquistas sociais e econômicas, a fim de diminuir as assimetrias sociais, reconhecer as culturas híbridas e as múltiplas identidades que gradativamente se formaram. A área de letras, por meio das disciplinas de literatura, pode apresentar propostas significativas que contribuam na disseminação de autores e obras das literaturas africanas, promovendo a circulação dos livros e textos e, fundamentalmente, da cultura brasileira e africana.

Literatura e ensino: perspectivas dos documentos oficiais no ensino médio para a formação do leitor

Danielle F. Souza (UNIMONTES)

Resumo Devido às diferenças e desigualdades no que se refere ao nível de proficiência educacional, a Constituição Brasileira de 1988 prescreve orientações que garantem um conhecimento básico para toda a nação. Assim, os órgãos oficiais que gestam a educação, setores representativos da sociedade e profissionais da educação têm discutido e criado políticas educacionais que atendam ao que está previsto na Constituição Federal. Em 1996 foi promulgada a Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação–LDB que garante direitos mínimos a todos os brasileiros no sentido de oferecer igualdade no ensino e na aprendizagem. Em 1998, com base nessa lei nacional foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais–PCN que passou a orientar os programas de ensino das escolas em todo Brasil. Em 2002, como resultado do amadurecimento na execução dos PCN surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais–DCN, documento que representa um avanço nas políticas educacionais, visto que elas complementam as políticas propostas nos PCN. As DCN além de tratar das diretrizes educacionais para a Educação Básica norteiam as políticas para a formação de professores para a o Ensino Fundamental

e Médio, ou seja, elas procuram dar coerência entre o que se ensina nas escolas e o que se ensina nos cursos superiores que preparam professores para atuar na Educação Básica. Em 2017, é aprovada a Base Nacional Curricular Comum–BNCC que dialoga com todas as experiências vividas pelos PCN e DCN, apresentando uma proposta mais consolidada de educação. Diante do exposto, discutiremos como as orientações foram construídas gradativamente a partir da LDB com foco nas diretrizes para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, principalmente no que tange às propostas para a Literatura. Uma questão importante que deve ser enfatizada é a reflexão sobre o significado que o aprendizado de Literatura tem para a escola (professores e alunos) e de sua importância na formação do sujeito acompanhando-o ao longo da vida.

O teatro no contexto da BNCC e do DRC/MT: um olhar para as abordagens possíveis em sala de aula

Sidnei Boz (CEFAPRO)

Resumo A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) e o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso – DRC/MT (2018) trouxeram novas perspectivas para a educação básica, que são frutos de debate, participação coletiva e estudo de especialistas definindo um importante marco da política educacional em âmbito nacional e estadual respectivamente. No ensino fundamental, em que a implementação dos documentos já começou a se efetivar na perspectiva escolar em 2019, o teatro é visto de diferentes formas, especialmente dentro da área de Linguagens, permitindo o desenvolvimento de habilidades e competências. Neste contexto, procura-se apresentar um panorama de como os dois documentos trazem o teatro como arte, literatura e metodologia de ensino explorando as diversidades didático-pedagógicas oportunizadas pelo teatro. Assim, perpassando pela progressão em nível de complexidade e adequação aos anos de ensino nos componentes curriculares pretende-se analisar o teatro tecendo um paralelo de semelhanças, diferenças e diálogos entre os textos ao abordarem o teatro em um contexto nacional – BNCC, e estadual – DRC-MT, bem como o possível desenvolvimento deste enquanto objeto do conhecimento em sala de aula.

Simpósio 69
(Pro)ferimentos literários: o texto, o escritor e o intelectual

Fernanda Boarin Boechat (UFPA)
Daniel Martineschen (UFSC)

Resumo A relação literatura e vida, ou ainda, a tensão entre ficção e realidade, ocupa lugar central em diferentes debates no âmbito da Teoria da Literatura. Tal dicotomia, contudo, também pode ser tomada a partir de uma perspectiva conciliatória, de modo que se destaca certa complexidade presente no tecer e no tecido da obra literária. Assim, compreendemos como ponto de partida interseções entre literatura e vida, também entre ficção e realidade, em diálogo com a abordagem do romanista alemão Ottmar Ette, que reconhece na literatura um caráter transareal. Ette, nesse sentido, destaca que na literatura

> [...] origina-se um campo de tensão não entre ficção e realidade, mas muito mais entre texto e vida. Já que a literatura [...] não é uma realidade representada, mas a representação literária de realidades vividas e vivenciadas que não podem ser reduzidas, como sempre, a uma realidade construída. Ou de outro modo: literatura é, porque ela é mais do que ela é". Ainda em diálogo com Ette (2011, p. 50-51), vale destacar o texto literário como "meio de armazenamento interativo e produtivo de conhecimento de vida capaz de se fazer útil à multiplicidade fundamental de ilha-mundos e mundos insulares [...] cunhada por uma estruturação e orquestração polilógica" (2012, p. 160).

As dinâmicas discursivas que configuram o texto literário, também graças à tensão realidade e ficção, seriam capazes de construir pontes de comunicação, de concretizar um espaço de debate pacífico, baseado em uma forma especial (estética) da racionalidade argumentativa. O debate na cena literária, por outro lado, em consideração ao texto em si, mas também à recepção e atuação dos escritores, não raro se concretizou como embate, em especial por meio da prática da censura clara ou de articulações políticas que resultaram em apagamentos de textos e esquecimento de autores e intelectuais. No contexto de concepção e recepção dos textos literários, portanto, temos uma rede de associações, termo do francês Bruno Latour (2012),

em que os atores não são somente os escritores, mas também as próprias obras. Trata-se de objetos/atores considerados como mediadores, ou seja, instâncias que não somente transportam significados em um social construído de associações, mas como instâncias que podem transformar, traduzir, modificar e até distorcer significados em uma "rede em trabalho" ou, como Latour (2012, p. 65) menciona, uma *worknet*. A obra e seu caráter polilógico, dessa forma, é capaz de movimentar discursos não somente por meio da recepção do leitor, mas é vista como ator de uma rede que atua inclusive em prol da configuração do espaço do escritor e de sua construção como intelectual atuante no espaço público. Como menciona Edward Said (2005, p. 21) – em diálogo com a obra de Antonio Gramsci – os verdadeiros intelectuais são "aqueles cuja atividade não é essencialmente a busca de objetivos práticos, ou seja, todos os que procuram sua satisfação no exercício de uma arte ou ciência ou da especulação metafísica, em suma, na posse de vantagens não materiais, daí de certo modo dizerem: 'meu reino não é deste mundo'." O intelectual que atua à la Zola, com base nos princípios universais, como a liberdade e a justiça, encontraria na literatura e por meio dela um espaço de debate pacífico, ao passo que também graças à obra e sua recepção seria possível construir um espaço político que abrigaria a voz do escritor no espaço público, a exemplo da atuação de diversos escritores ao longo da história que primeiramente ganharam destaque por conta de sua produção literária. Em vista dos apontamentos aqui brevemente reunidos, propõe-se no presente simpósio trazer à tona as possibilidades discursivas a partir do texto literário, com destaque para o escritor e sua atuação como intelectual dentro da comunidade em que está inserido. Pretende-se observar como a literatura seria capaz de (pro)ferir em debates que se dão no espaço social humano e de promover novas configurações nessa "rede em trabalho". O debate que aqui se deseja, por fim, vai ao encontro do que Édouard Glissant menciona quando responde a pergunta sobre se haveria um lugar nas sociedades atuais para se ouvir o escritor:

> Penso que sim. É bem verdade que houve um declínio da literatura com o aparecimento dos efeitos de saturação midiáticos. Mas retornaremos a ela. Da mesma forma como é recuperada a idéia de que existe algo a limpar no planeta, retomaremos a idéia de que é necessário, ainda, ouvir a voz dos escritores. Isso não lhes confere

> nenhum status especial, nenhuma vantagem quanto à sua função, mas cria deveres – como se diz – deveres novos, que são – unicamente – deveres da literatura. (GLISSANT, 2005, P. 170)

A aula-espetáculo como autobiografia cômica de Ariano Suassuna

Orleni Cunha Torres (UNIRIO)

Resumo A comunicação pretende refletir as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna como solos autobiográficos cômicos. Para Leite (2017) o caráter autobiográfico na performance pode ser evidenciado na forma textual, como depoimento ou algo parecido e a partir da experiência vivida. Em Ariano Suassuna e suas aulas-espetáculo, é possível encontrar vestígios destas 3 ocorrências: forma textual (Suassuna era escritor) e insere nas suas obras dramatúrgicas sua visão de mundo, suas reminiscências, locais onde viveu, nomes, tipos etc.; é um depoimento, uma vez que reforça e emite sua opinião sobre diversos assuntos atuais e também através do relato da experiência vivida. Segundo Carlson (1996) a identidade criada pela performance autobiográfica foi descoberta para já ser um papel, um personagem, seguindo roteiros não controlados pelo performer, mas pela cultura como um todo – que se dá pela empatia do público pelo que é contado ou narrado. O papel que o ator Ariano Suassuna performa é reivindicado como ele próprio, mas mesmo assim, é um papel/personagem que está envolvido com a encenação tradicional da mimesis e representação. A ação de relatar a si mesmo adquire forma narrativa que não depende somente da capacidade de quem relata transmitir diversos eventos em sequência, requer voz e a autoridade narrativa, que se direciona a um público com o objetivo de persuadir. "A capacidade narrativa é a precondição para fazermos um relato de nós mesmos e assumirmos responsabilidade por nossas ações através desse meio" (BUTLER, 2015, p.22). A performance de Ariano Suassuna nas aulas-espetáculo se dá a partir de mecanismos de comicidade, advindos das influências que o Romanceiro Popular Nordestino, espetáculos populares e o circo trouxeram para suas obras mais conhecidas. O trabalho se baseia no discurso suassuniano proferido em três aulas-espetáculo, em entrevistas com ex-alunos e produtores do artista, e em bibliografia específica.

Além da ficção, aquém do documento: o romance como textualidade coextensiva

Igor Ximenes Graciano (UNILAB)

Resumo O debate contemporâneo sobre a articulação entre realidade histórica e ficção tem longa tradição nos estudos literários (para não dizer que é sua discussão central). Nas últimas décadas, contudo, esse debate tem ganhado ainda mais força em razão de uma produção romanesca que desestabiliza o estatuto moderno da recepção literária segunda a qual a confusão entre o biográfico e o ficcional denotam uma leitura ingênua, "bovarista". A produção crítica em torno dos neologismos autoficção e escrevivência, assim como o que Josefina Ludmer (2007) denomina como pós-autonomia do texto romanesco, provocação teórica de grande impacto no contexto da crítica literária latino-americana, são indicadores desse cenário. Considerando a prosa de autores como César Aira, W. G. Sebald, Maggie Nelson, Silviano Santiago, Conceição Evaristo entre outros, percebe-se que a vida deixa de ser um substrato alheio ao espaço romanesco, compondo antes um texto entre textos na elaboração romanesca. A isso chamamos de textualidade coextensiva (GRACIANO, 2019), quando o romance torna-se um lugar de articulação de textos de diferentes naturezas – a carta, o jornalismo, o documento histórico, o ensaio, a (auto)biografia etc. –, de maneira que a voz autoral se integra à voz do narrador, o que relativiza não somente a dualidade vida x romance, como recoloca o escritor no debate público desde uma nova configuração da escrita e da recepção literárias.

Considerações acerca da prática intelectual no presente: explorando novas estratégias discursivas

Jefferson Expedito Santos Neves (UFBA)

Resumo A pesquisa busca refletir acerca da figura do intelectual e o espaço que ocupa na contemporaneidade, a fim de problematizar a função tradicionalmente lhe atribuída como detentor e mediador do saber, sobretudo, numa sociedade caracterizada pelo avanço das novas tecnologias e o advento da internet. Propõe-se, ainda, repensar

o discurso acadêmico frequentemente manuseado pela intelectualidade e explorar estratégias diversificadas, uma vez que almejam promover um diálogo com outras audiências, isto é, para além dos muros da universidade. Investiga-se também, a força do ensaio nas produções veiculadas, consoante as peculiaridades do gênero pontuadas por Theodor Adorno (2003), Denilson Lopes (2009) e Rachel Lima (2002). Nesse sentido, serão levadas em consideração as discussões empreendidas por Ana Chiara (2008), Evelina Hoisel (2017), Diana Klinger (2014), João Cezar de Castro Rocha (2013), Eneida Souza (2002); (2011), Silviano Santiago (2004), dentre outros, no que tange inclusive a possiveis reconfigurações acerca da função intelectual hoje, bem com a multiplicidade de atuações no cenário cultural no qual transitam, uma vez que são ficcionistas, teóricos, críticos e docentes.

Considerações sobre a figura do intelectual em Abdias: discurso e ação crítica na narrativa de Cyro dos Anjos

Raul Gomes da Silva (UFMS)

Resumo O papel do intelectual específico é o de assumir atitudes críticas e responsabilidades políticas em sociedade, visto que está situado em espaços estratégicos que favorecem um olhar analítico para os discursos que se acolhem e que passam a funcionar como verdadeiros no tecido social (FOUCAULT, 2004). Como sujeito que articula uma mensagem, um ponto de vista e uma atitude crítica, ele possui consciência ética a respeito das lutas e dos problemas gerados pelos grandes aparelhos políticos e econômicos, tornando-se figura elementar no processo de reelaboração de enunciados que favoreçam a construção de novos regimes institucionais de produção de discursos. Ao enfraquecer os estados de dominação por meio da argumentação crítica, o intelectual cria possibilidades de resistência ao poder, em razão da articulação dos saberes que detêm, com vistas a atrelá-los à verdade nas lutas políticas (FOUCAULT, 2004). Desse plano conceitual, pretende-se, por meio deste trabalho, trazer à tona tal discussão, a partir do estudo do romance Abdias (2008), de Cyro dos Anjos, objetivando analisar as representações do intelectual na narrativa cyriana, a fim de verificar as posturas dessa figura em relação aos problemas que afetam a dinâmica do grupo, bem como

promover reflexões acerca da ação crítica e do papel do intelectual na vida pública e coletiva, observando-se, ainda, o compromisso e o empenho na recusa de formulações afáveis entre os detentores do poder, os quais inviabilizam a transformação social (SAID, 2005). Trata-se, portanto, de, ficcionalmente, fazer uma leitura do romance de Cyro dos Anjos com vistas a verificar a permanência de escritores, de homens e de mulheres envolvidos com o sentido das pautas públicas e posicionados à margem ou com distância crítica em relação à tradição e aos sistemas de domínio da subjetividade. Para efetivar esse objetivo, utiliza-se os trabalhos de Michel Foucault (2004), Edward W. Said (2005), Sergio Miceli (2001), Noberto Bobbio (1997).

Considerações sobre a relação entre literatura e vida, ficção e realidade em *L'Insurgé* (1886), de Jules Vallès

Karol Garcia (UFRGS)

Resumo Este trabalho visa a refletir sobre a relação entre literatura, ficção, vida e realidade em *L'Insurgé* (1886), de Jules Vallès. Origina-se na tese doutoral de Karol Garcia (orientada por Robert Ponge, na UFRGS) que estuda o romance. Jules Vallès (1832–1885) foi jornalista, escritor e ativo participante dos movimentos sociais. Intelectual engajado, atuou na imprensa, na literatura, na vida, na luta e nos levantes sociais (1848 e Comuna de Paris). Em *L'Insurgé*, personagens reais e fictícios ocupam espaços identificáveis na Paris do século XIX, em período histórico e político reconhecível (anos 1870–1871), tendo a Comuna como assunto central. O trânsito entre ficção, realidade e vida, característico da produção de Vallès, conforma e plasma o tecido e substância do romance. Não por acaso, este se apresenta na estrutura de um diário e o personagem fictício Jacques Vingtras possui as mesmas iniciais do autor. Por isso, escolhemos, neste trabalho, examinar tal relação, centrando na análise do referido protagonista. Para tanto, propomos uma comunicação dividida em três partes. Primeiramente, apresentamos Vallès e sua obra. Após, descrevemos brevemente os principais eventos do período, na França. Por fim, estudamos o personagem-narrador, considerando suas características físicas, morais, intelectuais e políticas, buscando desvendar a intima relação dialética de tensão, conciliação e interseções que

Vallès constrói entre literatura e vida, ficção e realidade no romance. A metodologia deste trabalho é bibliográfica. As referências são, entre outras, Renardet (1999) e Bellet (2007) sobre Vallès e *L'Insurgé*; Sartre (1948), Denis (2000) e Diaz (2010) sobre o intelectual, o engajamento e a literatura engajada; Duby (1977) e Balmand (1999) sobre a história da França na época mencionada; Reuter (1991), Brait (1993) e Cândido et alii (1995) sobre a análise de personagens.

Gide, Perec e a literatura em xeque

Renata Lopes Araujo (UFPA)

Resumo O século XX é marcado, de modo geral, pela chamada "era da suspeita". Por conta de eventos como as duas guerras mundiais, muitas das certezas do mundo ocidental são postas em xeque, e a literatura não ficou de fora desse questionamento geral. Nesse contextos surgem várias obras nas quais indagações sobre o papel da literatura, da narração, do autor e especialmente do leitor fazem parte da trama. É o caso dos livros *Isabelle* e *Le voyage d'hiver*, escritos respectivamente por André Gide e Georges Perec, nos quais os protagonistas descobrem, através de suas leituras, que suas crenças precisam ser revistas e, ao mesmo tempo, como a literatura pode ser uma fonte de engano.

Osamu Dazai, Ango Sakaguchi e Taijiro Tamura: o movimento intelectual da decadência no Japão pós-guerra

André Luiz Rodrigues Marinho (UFRN)

Resumo O impacto causado pela derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial gerou um vazio na vida dos japoneses, com todas as certezas e convicções abaladas. Nesse momento histórico, surgiu uma escola literária chamada Buraiha ("irresponsáveis"), com uma literatura considerada "depravada" que foi alvo de críticas e censura. A Buraiha surgiu quando o vazio enfrentado no Japão demandava expressar, através da literatura, a falta de sentido e a crise de identidade vividos povo japonês, visando motivá-los a recomeçar suas vidas.

Entre os escritores dessa escola literária estão Taijiro Tamura (1911 – 1982), Ango Sakaguchi (1906 – 1955) e Osamu Dazai (1909 – 1948). Sakaguchi é considerado uma das figuras centrais na tendência intelectual pós-guerra com seus dois ensaios sobre a decadência. Tamura, por sua vez, criou a "literatura da carne" com suas obras literárias e seu ensaio "Nikutai no ron" ("teoria da carne"). Dazai foi crítico do establishment, do nacionalismo e da soberba dos intelectuais da época, e retratou com maestria sentimentos humanos em suas obras literárias, sendo a mais conhecida do período pós-guerra "Ningen shikkaku" ("Declínio de um homem"). Neste trabalho, estudamos as vozes desses três autores da Buraiha como uma ação coletiva de intelectuais na sociedade japonesa pós-guerra. Como base para este estudo, lançamos mão do pensamento de Pierre Bourdieu sobre os artistas enquanto intelectuais. Cada autor teve uma obra analisada de forma contextualizada e comparada com a de seus contemporâneos, em paralelo com seus respectivos ensaios, sendo suas obras literárias "Ningen shikkaku" ("Declínio de um homem", de Osamu Dazai), "Nikutai no mon" ("Portal da carne", de Taijiro Tamura) e "Sensou to hitori no onna" ("A guerra e uma mulher", de Ango Sakaguchi). Para entender o pensamento de cada autor dentro de seu contexto histórico-social, recorremos a estudos de pesquisadores da literatura japonesa decadentista, como Slaymaker, Kerkham, Amano, Wolfe e Shields.

Verdade e ficção na obra de Elena Ferrante

Annalice Del Vecchio de Lima (UFPR)

Resumo Em réplica à reclamação de um leitor sobre sua ausência como pessoa pública, a autora italiana sob o pseudônimo Elena Ferrante rebate que "A personalidade de quem escreve histórias está toda na virtualidade dos livros. Olha lá dentro e encontrará, os olhos, o sexo, o estilo de vida, a classe social e a voz do id" (FERRANTE, 2017, p. 223). Para além de sua ficção, Ferrante se debruça sob sua literatura no livro Frantumaglia – os caminhos de uma escritora (2017), que reúne cartas, bilhetes, entrevistas, ensaios e trechos não publicados escritos entre 1991 a 2016 nos quais reflete sobre processos de escrita, memória, temas que a perseguem, entre outras questões ligadas à sua ficção. Nesses textos, revela-se sem nunca se revelar de fato,

em um jogo de autoficção que provoca o leitor a refletir não apenas sobre a questão da autoria, mas, de modo mais amplo, sobre as relações entre ficção e realidade/verdade. No entanto, como escreve o pesquisador Maurício Santana Dias, uma questão deve ser considerada por quem lê Frantumaglia procurando rastros da vida da autora: "[...] que estatuto se deve atribuir a um livro que flerta com o memorialismo de uma autora de quem não se conhece nem o nome? Como abordar esse paradoxo?" (DIAS, 2017, p. 22). Ao reunir esses textos, Elena Ferrante apresenta um conjunto de valores nos quais acredita e que estão expressos em sua literatura ficcional. Nesse sentido, não é relevante se os fatos narrados coadunam ou não com a realidade, pois a literatura é justamente "um mundo autônomo, feito de palavras que procuram dizer a verdade de quem escreve" (FERRANTE, 2017, p. 264). Relacionados à sua obra ficcional, eles nos permitem analisar os posicionamentos da autora sobre questões que a desafiam ou incomodam – e que fazem referência à própria literatura e ao ofício do escritor (funções, processos de escrita, responsabilidades).

Simpósio 70
Representações das mulheres nas literaturas de língua portuguesa a partir do século XIX: diálogos com outros campos do saber

Viviane da Silva Vasconcelos (UERJ)
Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)
Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ)

Resumo Segundo Roger Chartier (1990), o conceito de representação se pauta em duas realidades distintas, mas que se interpenetram. Uma diz respeito às identidades coletivas, aos ritos, aos modos que fundamentam as instituições sociais. A outra se refere à identidade do sujeito, às formas de exibição individual e à avaliação desse indivíduo pelo grupo. Ainda de acordo com o historiador, fundam-se padrões, crenças e valores, muitos deles marcados pela transitoriedade, pela instabilidade, pela fluidez, mas todos relacionados a questões estéticas, morais, religiosas, filosóficas, políticas e econômicas, sustentando relações de poder, de dominação e de resistência. A literatura como instrumento de construção, de interpretação, de disseminação e de questionamento das representações dominantes, obviamente, também projetava, mantinha e subvertia identidades individuais e coletivas. Se representar significa dar visibilidade ao outro, como aponta Chartier (1990), também pode, historicamente, silenciar o outro. Indivíduos ou grupos dominantes, legitimados por instâncias sociais, desqualificavam, desautorizavam ou inviabilizavam discursos das minorias marginalizadas, sobretudo se fossem dissonantes. Segundo Michelle Perrot (2013), no século XIX e em boa parte do XX, não era adequado à mulher falar abertamente sobre o corpo. A honra feminina era diretamente relacionada ao recato, à submissão e ao silêncio. Contudo, paradoxalmente, o corpo da mulher estava presente, de maneira quase obsessiva, no discurso religioso, nos tratados médicos e nas pinturas, nas esculturas, nos poemas e nos romances. Todos os seguimentos sociais falavam dele, que permanecia "calado": "As mulheres não falav[am], não dev[iam] falar dele. O pudor que encobr[ia] seus membros ou lhes cerra[va] os lábios era a própria marca da feminilidade (PERROT, 2013, p.13). Georges Duby e Michelle Perrot (1992), em *Imagem da mulher*, comprovam que, ao longo dos séculos, muitas representações do feminino

foram afirmadas e questionadas por uma avalanche de imagens, literárias ou plásticas, que, na maioria das vezes, eram produzidas por homens. Essa abundância revela as alterações e permanências da representação da figura feminina e dos papéis sociais determinados às mulheres, mas, praticamente, até o século XIX, ignorava-se, quase sempre, o que elas viam ou sentiam, como viviam suas imagens, se as aceitavam ou as recusavam, se se aproveitavam delas ou as amaldiçoavam, se as subvertiam ou se eram dominadas. Nos Oitocentos, a defesa da educação feminina e a difusão de textos promovida imprensa periódica foram decisivas para o aumento e a manutenção de um público leitor feminino. Muitas foram as pinturas, gravuras e passagens de textos dedicadas às leitoras; igualmente numerosas foram as cenas em que se retratava ou se discutia a leitura das mulheres. Essa presença constante da leitora ficcional nos romances da época permite inferir que um novo horizonte de leitura para as mulheres começava a se formar e a se disseminar no cotidiano. Numerosos foram os jornais e as revistas destinados, redigidos e dirigidos por mulheres. A imprensa também foi determinante para que as escritoras pudessem publicar seus textos, salvando muitas preciosidades do derradeiro fundo das gavetas, sendo uma possibilidade de expressão, visibilidade e inserção na vida pública. Como afirma Maria de Fátima Outeirinho, a mulher era "um objecto sobre o qual o folhetinista se debruça, destinatário da produção folhetinesca e, não menos importante, criadora e agente na escrita publicada no rodapé do jornal" (2013, p. 167). A autorrepresentação feminina começou a permitir às mulheres recusar o papel de espectadoras. A consolidação da importância feminina no campo cultural ao longo do século XIX resultou na participação de muitas dessas mulheres em associações femininas e feministas nas primeiras décadas do século XX, movimentos que começariam a mudar a feição da representação da mulher. O aumento, a valorização e a consolidação da produção literária de autoria feminina, garantidos pelas lutas feministas, resultaram em uma multiplicidade de imagens, de identidades e de representações das mulheres. Este simpósio busca, portanto, reunir trabalhos e pesquisas de diferentes reflexões críticas e teóricas e de múltiplas áreas do conhecimento que dialogam com as representações das mulheres nas Literaturas de Língua Portuguesa a partir do século XIX.

"A caça ao marido é uma instituição" (?): mulheres em (des)conformidade com o casamento na ficção queirosiana

Tatiana Prevedello (IFFar)

Resumo No século XIX o casamento, desde muito cedo, comprometia o futuro das mulheres, uma vez que a sua educação era quase exclusivamente direcionada à vida matrimonial. Em análise dedicada às figuras femininas da sociedade portuguesa, cuja projeção estendeu-se para a representação ficcional em seus romances, Eça de Queirós discorre sobre as "técnicas" que configuravam o "treino" ao qual as jovens eram submetidas para "capturarem" um marido e conseguirem uma posição valiosa na sociedade: "A caça ao marido é uma instituição. Levam-se as meninas aos teatros, aos bailes, aos passeios, para as mostrar, para as lançar a busca. Faz-se com maior simplicidade esse ato simplesmente monstruoso" (QUEIRÓS, 2000, p. 676). Embora a institucionalização matrimonial, alicerçada em valores de âmbito sócio-político, econômico, religioso e moral, tenha sido a norma vigente entre as classes que maior usufruíam de prestígio social no século XIX, observa-se, na ficção queirosiana, subjacente às críticas tecidas pelo autor, a não conformidade de suas personagens diante do modelo idealizado de casamento. Para tanto, objetivamos analisar como esse posicionamento se expressa nos romances *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888). Nas respectivas narrativas a construção da maioria das personagens centrais, embora esteja condicionada pelas projeções da (não) vivência matrimonial pautada na execução dos protocolos sociais e dos valores predominantes na época, revela, por intermédio da forma como naufragam as relações conjugais, profundas críticas à normatização social e ao modelo de educação feminina oitocentista.

A representação feminina sob orientação da linguagem do sublime em Cecília Meireles: das femmes fatales às mulheres anônimas

Sheila Juliana Aparecida Dálio Batista (UNESP)

Resumo A representação feminina ditada pela perspectiva musculina, grosso modo, distancia a visão sobre a mulher de sua realidade histórica. Resultam daí arquétipos polarizados entre os postos da submissão e da ameaça: seja como mãe sagrada, a donzela distante ou demônio sedutor, a mulher imaginária parece antes materializar anseios e temores patriarcais que uma identidade autossuficiente. Nesse contexto, difundem-se temas como o eterno feminino e a femme fatale que cingem a figura feminina com a aura sublime de elementos tais como a transcendência, a redenção, a morte e a tragédia. O livro de estreia de Cecília Meireles, *Espectros* (1919), por sofrer influxos da poesia simbolista, parece ter herdado do século XIX essa associação da mulher aos aspectos cósmicos ligados ao sublime. Com efeito, o apelo do mistério, da grandeza escondida por trás dos fenômenos rotineiros, que marcará toda a poesia de Cecília Meireles parece provir desse complexo de imagens iniciais, contudo, o desenvolvimento desse elemento de sua lírica denota uma evolução na qual a imagem sublime feminina se afasta dos lugares-comuns da tradição para se aproximar do cotidiano e abrir caminho para explicitação do protagonismo da mulher. Desse modo, nesse estudo, propomos a investigação das relações entre a representação feminina e a linguagem do sublime, por meio da comparação entre dois momentos da poesia de Cecília Meireles: sua obra inaugural, *Espectros* (1919), e sua produção madura, aqui representada pelo livro *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945). Nosso enfoque defende que a dicção sublime de Cecília não espiritualiza a experiência feminina, mas tinge de experiência autêntica e concreta, a dimensão da grandeza e dos mistérios cósmicos. No que tange ao desenvolvendo da cosmovisão que enfeixa a poesia de Cecília Meireles, o sublime a serviço da representação feminina parece, gradativamente, ceder terreno à experiência comum.

Aspectos da velhice feminina em *As Centenárias*

Julio Cesar Larroyd de Barros (UFRGS)

Resumo A presente comunicação tenciona apresentar o resultado da análise do texto dramatúrgico de Newton Moreno, As Centenárias. Primeiramente, apresentar-se-á um recorte de como a velhice feminina é retratada na dramaturgia brasileira do século XXI. Em seguida, a análise das protagonistas de As Centenárias, mulheres do sertão nordestino que, embora distantes do discurso acadêmico e do empoderamento feminino teórico, encontraram maneiras próprias de romper com a opressão social, tornando-se agentes de seus destinos. A investigação pretende apontar modificações, ou permanências, de espaços atribuídos pela estrutura social patriarcal a personagens femininas velhas na dramaturgia.

Considerações sobre as personagens femininas em "A mulher e os espelhos", de João do Rio

Sabrina Ferraz Fraccari (UFSM)

Resumo João do Rio, escritor carioca do início do século XX, em seu livro A mulher e os espelhos, publicado originalmente em 1919, apresenta uma reflexão acerca da figura feminina. No conto "Carta-oferta", que abre o volume, o narrador reflete acerca de quem é a mulher e a elenca junto às divindades que o homem – aqui como marca do masculino – criou por não compreender. Diante disso, uma das conclusões a que chega o narrador consiste no fato de todas as perspectivas acerca da mulher resultarem de uma visão masculina, que a trata como um espelho. No entanto, como pontua Irigaray (2017), o espelho, mais do que refletir, serve para separar um e outro, apagando as individualidades. Desta forma, a mulher é tomada como o "outro", refletido pelo espelho que faz dela a imagem que desejar. Pelo fato de nunca ser definida a partir de sua própria percepção, mas sempre de acordo com um olhar masculino, podemos encaixar a mulher na categoria de Outro, apresentada por Beauvoir (2016). Por ser justamente este "outro", espera-se reconhecer nela certos comportamentos (LIPOVETSKY, 1999), reforçados pela atmosfera de fortes

pressões acerca da figura feminina no contexto brasileiro da Primeira República (ARAÚJO, 1993; SOIHET, 2017). Assim sendo, objetiva-se, com este trabalho, apresentar e discutir os olhares que caracterizam as personagens femininas retratadas por João do Rio nos contos que compõem o livro A mulher e os espelhos. Percebe-se que, quando observadas por perspectivas masculinas, as personagens femininas apresentam comportamentos que diferem do esperado. Entretanto, quando as tomamos a partir de suas próprias percepções, elas refletem e questionam-se acerca de suas trajetórias previamente determinadas, evidenciando certa lucidez. Tal questionamento, ainda que superficial, junto à não observância dos comportamentos esperados pelas personagens masculinas, demonstra certa perturbação das perspectivas previamente definidas sobre os papéis que as mulheres deveriam ocupar na sociedade.

Ismália, Joaninha, Ondina e Antônia: trajetórias Carés

Elisiane da Silva Quevedo (USP)

Resumo Na trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor gaúcho Érico Veríssimo, os personagens de sobrenome Caré são representantes de uma classe de indivíduos espoliados presentes nas três partes do romance: O continente, O retrato e O arquipélago. Ladeando o enredo principal, quase despercebidos do leitor, os Carés contrapõem-se aos protagonistas, os representantes da aristocracia. São sujeitos livres, mas "sem eira nem beira", desvalidos, que vivem, inicialmente, errantes, e que, posteriormente, passam a viver nas franjas da grande propriedade, dependentes da solidariedade dos poderosos. Cumprindo-se o exercício hipotético de retirar os Carés de *O Tempo e o Vento*, buscando entender em que medida a ausência desses personagens implicaria na economia narrativa, constatou-se que as mulheres Carés são mais imprescindíveis ao enredo do que os homens. Aos homens cabe a função de mão de obra da estância e de soldados nas guerras, ações também realizadas por outros personagens que não pertencem à linhagem dos Carés; em contrapartida, a dimensão sexual representada pelas mulheres Carés é única, mesmo havendo prostitutas e outras personagens que também se prestavam a amantes. A cultura machista e belicista destacada por Erico, que já

é cruel com as mulheres de posses (como com Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria), é ainda mais com as miseráveis moças Carés. Em vários episódios, elas são forçadas ao sexo, quase sempre no mato (a cama, para as esposas), com os estancieiros tomando-as como quem domina vacas em rodeio. Elas até tentam se desvencilhar, mas é inútil diante de homens fortes e poderosos como os componentes da família do Sobrado. Assim, só resta às jovens Carés submeterem-se ao ato violento em silêncio (ocasionalmente interrompido por soluços). Terminada a selvageria, somada ao preconceito por serem mulheres muito pobres, elas terão de conviver ainda com os olhares enviesados que a sociedade – especialmente as mulheres de família – dirige às moças desonradas.

O combate cético e solitário das mulheres casadas na obra queirosiana

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)
Lucas do Prado Freitas (UEL)

Resumo Em Assim falou Zaratustra, o "andarilho", "sombra de Zaratustra", se põe a cantar uma canção em que diz: "[...] venho da Europa,/ Que é mais cética do que todas as mulheres casadas". Em Humano, demasiado humano, Nietzsche, que considerava os céticos como "o único tipo respeitável" entre os filósofos, apresenta-nos o próprio Pirro – fundador do ceticismo filosófico –, não apenas como "o mestre da desconfiança em relação à verdade", mas "da desconfiança tal como ela nunca existiu no mundo, da desconfiança de tudo e de todos", o que, segundo Nietzsche, seria "a única via para a verdade". A partir desses dois trechos, podemos concluir que, para Nietzsche, a mulher casada do seu tempo é aquela que "desconfia de tudo e de todos", e que essa desconfiança radical seria a sua "única via para a verdade", e isto em uma Europa finissecular que testemunhava o colapso de seus principais fundamentos metafísicos. O jovem Eça de Queirós também estava atento ao processo de falência dos antigos ideais, quando, num folhetim inacabado intitulado "O réu Tadeu", nos apresenta a seguinte fala do personagem Stanislau, acerca da condição da mulher no casamento: "É um combate. De um lado está a família, com o trabalho, a maternidade, a pureza, os encantos dos

filhos, o dever, a justiça, a religião, o amor, Deus; elas estão sós do outro, e esmagam tudo isso". Numa instigante coincidência, o narrador encerra a seção em que esse discurso é enunciado com o seguinte fecho: "Assim falava Stanislau". Colocando em fricção as visões do "andarilho" de Nietzsche e do Stanislau de Eça, temos uma representação da mulher casada que, sozinha, esmagava os mais altos ideais da Europa burguesa, porque "desconfiava de tudo e de todos". Neste trabalho, tentaremos propor o ceticismo como elemento estruturante das principais personagens femininas casadas representadas na obra queirosiana, sobretudo em sua relação com os falidos ideais sustentadores da sociedade burguesa oitocentista.

Pepa: a menina e moça de Maria Peregrina de Sousa

Ana Cristina Comandulli (UNIRIO/RGPL/FLUL)

Resumo Maria Peregrina de Sousa, escritora portuense publicou, ao longo de sua vida, nos dois lados do Atlântico. Essa escreveu no periódico "Íris" um texto provocativo intitulado "Pepa". Em uma sociedade na qual as mulheres eram restringidas ao lar, ao pouco (ou nenhum) conhecimento, Peregrina apresenta ao público um texto provocativo sobre a forma feminina o que André Gide cunhou como "mis-en-abyme". A proposta para essa comunicação é, por meio da evocação de "Pepa", verificar se estamos lidando com uma maneira redentora da escrita feminina oitocentista.

Representações femininas em Riacho Doce, de José Lins do Rego

Viviane da Silva Vieira (PUC-Campinas)

Resumo Publicado em 1939, *Riacho Doce* é o oitavo livro de José Lins do Rego, autor paraibano consagrado pelas obras do Ciclo da cana-de-açúcar – representação do poderio do patriarcado no nordeste açucareiro. O último livro publicado pelo romancista na década de 1930 é o único de sua produção a dar voz e protagonismo a uma mulher. Narrado em terceira pessoa, em Riacho Doce o processo narrativo se desenvolve na seletividade múltipla e tem como eixo os

acontecimentos que envolvem a vida de uma jovem sueca chamada Eduarda, mas de apelido Edna. Dividido em três partes referentes aos três amores da vida de Edna – Ester, Riacho Doce e Nô –, o romance apresenta personagens femininas fortes que mantêm um matriarcado defensor das tradições e opositor à libertação feminina representada por Edna e pela professora Ester. Na Suécia, a avó de Edna, a velha Elba, é a matriarca que controla toda a família e os obriga a acatar suas ordens. Em Riacho Doce, é a velha Aninha quem manda em todo o povoado e se utiliza de suas orações e da superstição dos moradores para manter o poder e o controle sob suas vidas. Em oposição às fortes matriarcas, as noras se submetem às suas vontades e sofrem um apagamento dentro da narrativa. Motivada pela esperança de ter uma vida diferente da mãe, após conhecer a professora Ester, Edna acredita na possibilidade de existir um outro caminho, diferente daquele que conhecia e que lhe era oferecido no convívio com a família; por isso, se casa e após alguns anos morando em Estocolmo com o marido, parte para o Brasil. Após chegar a Riacho Doce, povoado localizado no litoral alagoano, a sueca causa, a princípio, espanto, para, com o passar do tempo, passar a impressionar fortemente os nativos tanto por seus modos educados como por sua bondade. Em sua busca incessante por liberdade, Edna lida constantemente com a interdição das matriarcas: primeiro, a avó Elba, quando vivia na Suécia, e depois, sinhá Aninhá, grande opositora que encontrará em Riacho Doce.

Ser ou não ser? Representação feminina e estado civil segundo Maria Amália Vaz de Carvalho

Elisabeth Fernandes Martini (PPLB/RGPL)

Resumo Tendo florescido para o mundo literário aos 19 anos, a partir da audição pública de Uma primavera de Mulher, poesia que seria publicada no ano seguinte (1867) sob a chancela do bardo António Feliciano de Castilho (1800-1875), Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) tinha 27 anos quando se casou com o poeta brasileiro Gonçalves Crespo (1846-1883) e com ele deu seus primeiros passos na mídia impressa. Nove anos depois, enviuvou, com dois filhos pequenos para suster. Tomando para si os rumos da própria história, produziu

uma obra ampla, contemplando o conto, a poesia a epistolografia, a biografia, a crítica literária, o ensaio e abraçou a bandeira da Educação, com uma visada especial para as mulheres e as crianças. Estabelecendo-se como periodista em publicações portuguesas – Diário de Popular, Artes e Letras, Comércio do Porto – e brasileiras – Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro—, ocupou a contento o seu lugar de fala e angariou um público fiel, notadamente feminino, nos dois lados do Atlântico. Ainda que ostentasse, no mais das vezes, um perfil conservador, construiu personagens instigantes, cujo estado civil constituía o cerne de sua figuração identitária. Sobre a discussão em torno da condição feminina da mulher burguesa, entre as últimas décadas do século XIX e o alvorecer do século XX, e as distinções entre as mulheres solteiras e casadas, segundo a ótica amaliana, proponho-me discorrer.

Simpósio 71
Revisão da historiografia teatral: ler e reler fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos na dramaturgia

Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo (USP)
Maria Clara Gonçalves (USP)
Fabiana Siqueira Fontana (UFSM)

Resumo O simpósio de "Revisão da historiografia teatral" foi idealizado por um grupo de pesquisadores, cujo objetivo é levantar a discussão acerca de obras teatrais de pouca visibilidade na historiografia teatral ou que possuam interpretações pautadas em valores críticos que pertencem a critérios condicionados aos momentos históricos de seus enunciadores. Os textos dramáticos são parte importante do teatro, apresentando-se como expressão estética no momento em que, assim como na literatura, utilizam-se das palavras para contribuir à concepção do mundo imaginário apresentado ao público. Para os pesquisadores que se debruçam sobre a dramaturgia, é notório que "o teatro é apenas um meio de atualização e interpretação" (ROSENFELD, 2008, p.37). Contudo, isso não faz com que a encenação e todos os elementos que a envolvem sejam "esquecidos" por estes no momento da análise de um texto teatral. Devido a sua natureza multifacetada, o teatro tornou-se um objeto de análise complexo, sendo necessário levar em consideração outros fatores que não somente o texto. Tal dificuldade pode ser um dos motivos para que a dramaturgia tenha obtido um espaço menor nos estudos literários de maior relevância. Por outro lado, renomados críticos que se debruçaram na análise de textos teatrais, muitas vezes, utilizaram um recorte que obedece a juízos estéticos pautados em interesses históricos do momento de concepção da crítica. Em geral, "as premissas estéticas e culturais que impulsionaram as criações artísticas" foram avaliadas a partir de critérios que obedeciam a valores e ideologias preponderantes em cada época. Essa leitura crítica da produção dramática constrói "forças polarizadoras" que isolam as dramaturgias que não se encaixam nos modelos pré-estabelecidos pela crítica vigente (GUINSBURG; PATRIOTA, 2012, p.23). O juízo de "valor" estético também é um ponto fundamental para que determinados gêneros teatrais tenham mais relevância junto à crítica do que outros. As questões que atribuem essa ideia valorativa às obras de arte, em geral,

sempre incorrem em pontos que estão ligados a determinadas características que diferenciam o que é considerado bom do que é considerado ruim. Geralmente, no entanto, tais critérios estão ligados a uma leitura classicista da arte, uma vez que "quase todas as pessoas cultas e intelectualizadas se consideram de bom gosto, de gosto refinado, e sempre recebem o beneplácito, a concordância da grande maioria das pessoas. Ocorre também que essa pessoa culta e intelectualizada quase sempre também pertence aos estrados da alta classe média ou mesmo da alta burguesia" (CALDAS, 1999, p.18). Isso não exclui o fato de que determinados artistas, de fato, manejam bem as estruturas técnicas que compõem a base da linguagem estética à qual se filiam. O dramaturgo deve dominar os elementos básicos do texto teatral, criando uma cena que englobe os vários elementos que devem ser pensados no momento da encenação. Ocorre, porém, que o critério imposto para valorizar a obra teatral não se liga somente a esse manuseio das regras fundamentais de uma peça, mas a uma hierarquia pautada em gêneros. Dramaturgias ligadas a formas mais populares são lidas pela crítica como objetos literários de menor valor estético. O público que consome esse teatro também é objeto de distinção; classes mais populares costumam apreciar determinados gêneros, enquanto um público mais intelectualizado prioriza outros. Segundo Bourdieu, esse valor simbólico instituído pela camada social que consome determinadas peças teatrais também assegura o juízo crítico dado pelos estudiosos de teatro (BOURDIEU, 2010, p. 133). Se o juízo dos críticos está ligado às ideias estéticas que são valorizadas no momento em que suas análises foram feitas, então "o valor é uma atribuição historicamente construída. Frases como 'esta obra tem densidade' não são objetivas, e evocam primariamente os interesses dos sujeitos que as enunciam" (GUINZBURG, 2008, p. 103). Tal reflexão ajuda a repensar como a crítica elege certas dramaturgias em detrimento de determinadas obras, modalidades e gêneros teatrais. Para tanto, a reconstrução do contexto em que foram escritas, produzidas e analisadas através da retomada dos textos, representações e recepção é essencial ao pesquisador. Assim, a proposta desse simpósio visa a discussão de obras, gêneros e práticas teatrais relegadas à sombra pelos juízos críticos dominantes. Trabalhos que busquem empreender uma leitura que explore outros textos e não apenas os canonicamente evocados pela crítica estabelecida de autores consagrados, ou mesmo àqueles que busquem um novo olhar sobre

os já desgastados lugares-comuns da historiografia teatral, contribuirão sobremaneira à discussão proposta neste simpósio.

"Esse fogo de viver estilhaçando no corpo": a liturgia selvagem de José Vicente

Esther Marinho Santana (UNICAMP)

Resumo A apreensão dos palcos sessentistas brasileiros a partir de experimentações de bases épicas e de práticas de agit-prop - verificáveis nas obras de G. Guarnieri, Dias Gomes, O. Vianna Filho, e nas teatralidades de grupos como o Teatro de Arena e o CPC – é um dos mais sólidos lugares-comuns da historiografia literária nacional. Em 1969, as súbitas estreias de dramaturgos de estéticas e dinâmicas aparentadas provocaram a rotulação de seus jovens autores como a "Geração de 1969" ou a "Nova Dramaturgia Brasileira", definida pela tônica intimista, provocadora, violenta e dissonante do engajamento político corrente. Um dos expoentes mais celebrados nos anos imediatos ao seu despontar, tanto pelo público quanto pela crítica, José Vicente é hoje um nome esmorecido em nosso cânone. A sua Os convalescentes, produzida pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1970, traz quatro personagens de um país fictício, fraturado por um regime opressivo, capturadas entre a aporia e o delírio. Mais do que uma observação sobre o Brasil convulsionado pelo desenrolar da ditadura militar, trata-se da expressão de uma concepção da experiência teatral como um processo ritualístico fundado no corpo, para que, na destruição e na desficcionalização, desperte-se de "um ronco coletivo" (VICENTE, 2010, p. 450) rumo à renovação da própria vida. Para José Vicente, a sua "representação litúrgica", conforme designara em seu título debutante, O assalto, visaria ao solapamento do automatismo de discursos e esquemas institucionalizados – putrefatos, porque organizados e estáveis – e à promoção, em consonância com as proposições de Antonin Artaud, de um despertar primitivo e perigoso, logo, potencialmente salvífico. Interessa-me, aqui, resgatar uma peça de temática inesperada para os moldes convencionados para a "Nova Dramaturgia", e propor como uma possível chave de leitura para a obra inicial de José Vicente o cotejo com as teorias do Duplo artaudiano, sustentado por minhas pesquisas em fontes primárias.

A ascensão da heroína trágica em Almida de Dorothea Celesia e Osmia de Teresa de Mello Breyner

Robin Driver (USP)

Resumo O presente estudo visa debruçar-se sobre as tragédias setecentistas Osmia (1788) da portuguesa Teresa de Mello Breyner, Condessa do Vimieiro, e Almida (1771), escrita por Dorothea Celesia, poeta britânica radicada na Itália. Uma adaptação de Tancrède (1760) de Voltaire, a obra de Dorothea desloca o foco do enredo trágico ao afastá-lo do protagonista guerreiro a fim de contemplar as motivações da heroína Almida de forma mais aprofundada. De outro lado, embora a obra da Condessa do Vimeiro não seja uma adaptação direta de uma tragédia precedente, o tema da princesa turdetana Osmia já tinha sido tratado por Manuel de Figueiredo numa peça de 1773 e conheceria mais duas versões publicadas por Manuel Joaquim Borges de Paiva e José Osório de Castro Cabral de Albuquerque em 1818 e 1845, respectivamente, cada uma com as suas variações. Neste trabalho, as tragédias da Condessa do Vimieiro e Dorothea serão comparadas e colocadas em diálogo com as suas fontes respectivas. Almeja-se, assim, considerar as diversas estratégias empregadas pelas duas autoras ao reapropriarem tramas existentes para explorar uma perspectiva feminina e abordar temas relevantes aos debates acerca do papel social da mulher na segunda metade do século XVIII. Neste sentido, a questão do direito das heroínas de escolher os seus esposos, assim como o grau da sua participação ativa nas crises políticas que as cercam, serão de particular interesse.

A presença de engajamentos antípodas no teatro brasileiro da década de 1960: uma análise de Arena Conta Zumbi e Roda Viva

Stephanie da Silva Borges (USP)

Resumo Este trabalho é baseado na pesquisa de mestrado da autora, que teve como objeto de estudo o teatro político brasileiro do pós-64 e suas consequentes ramificações no campo da esquerda. Embora apresentassem finalidades aparentemente comuns dentro desta mesma tendência de oposição política e, ainda, resistissem às arbitrariedades

da censura ditatorial, alguns dos principais dramaturgos e grupos teatrais do período referido acabaram transcorrendo para um interessante embate ideológico, pois a noção de engajamento ampliava-se na época – o conceito teve origem na esquerda; no entanto, apresenta muitas nuances. Portanto, sem esgotar noções teóricas de engajamento político ou literário em teatro, julgou-se importante clarificar o termo com propriedade e não adotar integralmente as concepções dos autores da literatura engajada do pós-guerra, embora estes tenham sido considerados em suas perspectivas políticas, filosóficas e estéticas. Assim, tendo em vista o conceito de engajamento como chave de leitura e o golpe civil-militar como modificador do pano de fundo histórico, pretendeu-se mapear o engajamento de duas companhias teatrais brasileiras politicamente atuantes na década de 1960, Teatro de Arena e Teatro Oficina, examinando detidamente as realizações dramatúrgicas e cênicas de *Arena Conta Zumbi* (1965) e de *Roda Viva* (1967-1968). A partir desse novo olhar, o objetivo final, logo, foi o aprofundamento dos estudos sobre o teatro político feito no Brasil do contexto mencionado e suas formas de engajamento antípodas – como chamou Roberto Schwarz –, pretendendo-se atingir um resultado contemplativo entre alguns pontos de vista distintos que foram levados à cena, postos em paralelo.

Dramaturgia e política no Novo Teatro Colombiano

Juliana Caetano da Cunha (UFRGS)

Resumo Este trabalho busca discutir os pontos mais relevantes da dramaturgia desenvolvida pelos grupos teatrais La Candelaria (de Bogotá) e Teatro Experimental de Cali, analisando principalmente obras baseadas em episódios e personagens históricos, como, por exemplo, "Guadalupe, años sin cuenta" (1975), do primeiro, e "La denuncia" (1972), do segundo. A abordagem busca abordar questões metodológicas do trabalho de criação coletiva desenvolvido por estes grupos, dirigidos respectivamente por Santiago García e Enrique Buenaventura ao longo de décadas, assim como seu fazer político, assumido no campo estético e social. Destaca-se a influência de Brecht e seu teatro dialético sobre os grupos que surgiram na América do Sul a partir da metade do século XX, trazendo para os dias atuais

o debate sobre a arte de intervenção social, capaz de desmascarar a história contada pelos vencedores, questionar o presente e dialogar com as classes mais populares. Veremos a inevitável repetição de temáticas de violência e exploração desde a colonização de nosso continente. O Novo Teatro Colombiano teve seu auge na década de 1970, foi importante mobilizador em toda a América Latina, e os grupos mencionados seguem em atividade há mais de 50 anos.

Duas faces de uma expressão: um estudo comparado das poéticas expressionistas nas dramaturgias de Nelson Rodrigues e Hermilo Borba Filho

Samantha Lima de Almeida (UFPE)

Resumo Jornalistas, cronistas, romancistas, contistas, mas, sobretudo, homens de teatro. Nelson Rodrigues e Hermilo Borba Filho ocupam, hoje, importantes lugares na história das letras brasileiras, no entanto, a historiografia oficial nem sempre correspondeu a esse reconhecimento. Exilados das "histórias" da literatura brasileira, apenas em livros que se dedicam à historiografia do teatro Nelson tem alguma visibilidade (em partes, devido aos estudos do crítico Sábato Magaldi acerca da sua produção teatral), assim como acontence em Panorama do teatro brasileiro (2001), em cujo livro Hermilo, por sua vez, foi trazido à baila em um único parágrafo, encerrado com a afirmando que "essas raízes, muito nítidas, diminuem o valor da criação nos textos de Hermilo Borba Filho, mas conseguem, paralelamente, uma mistura de resultados particulares [...]" (MAGALDI, 2001, p. 276). Nesse sentido, pensando uma releitura crítica da dramaturgia desses dois escritores, este trabalho se propõe a observar os elementos literários que os aproximam e que os distinguem a partir de uma leitura expressionista – corrente estética e filosófica com a qual ambos dialogavam –, levando em consideração, sobretudo, a trajetória dos protagonistas. Para tal, tomará como corpus A falecida (1953) e João sem terra (1952), a fim de analisá-los comparativamente e, como aporte teórico, pretende-se utilizar Ball (2014), cujo estudo norteará a leitura dos textos dramáticos; e mais, especificamente, Magaldi (1992; 2004) e Fraga (1998), no tocante à leitura de Nelson Rodrigues; e Reis (2008; 2018), Borba Filho (2005) e Carvalheira (2011), que subsidiam

a compreensão dos escritos de Hermilo. Além desses, lança-se mão também de Guzik (2013) e Magaldi (2001), que se dedicam à historiografia teatral; Guinsburg (2002) e Furnees (1990), como base ao expressionismo; e Machado e Pageaux (2001) e Brunel, Pichois e Rousseau (1990), como aporte aos estudos tematológicos de comparação.

Ensiqlopédia Qômica: riso e insólito em Qorpo-Santo

Rodolfo Athayde de Morais (UNIMONTES)

Resumo A presente comunicação busca refletir acerca de José Joaquim de Campos Leão, dramaturgo nascido em 1829. Autor de uma obra intitulada Ensiqlopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade(1877). Assinando com o pseudônimo de Qorpo-Santo, o autor gaúcho teve uma vida marcada por episódios tão fascinantes quanto sua obra. Suas peças apresentam elementos teatrais que somente seriam formalizados no século XX. Esses elementos terão uma maior ênfase a partir da obra do dramaturgo francês Alfred Jarry, em sua peça Ubu Rei, onde a condução, criada pelo autor, apresenta uma atmosfera sem moral, covarde e estranha. Não diferentemente, Qorpo-Santo, também apresenta personagens com tamanhos desvios de conduta, bem como nomes que fugiam aos padrões do século XIX. Para alguns autores é "O criador do Teatro do Absurdo", pelo estilo da narrativa e elementos abordados nos textos. O Teatro do Absurdo só viria a ser "oficializado" por Martin Esslin, com o lançamento da peça do dramaturgo Eugene Ionesco, A cantora careca (1950). Ele e Samuel Beckett, também escritor e dramaturgo, são considerados os "pais" do Teatro do absurdo. As reflexões aqui propostas buscam pelo insólito, partindo do entendimento das peculiaridades existentes em cada subgênero do insólito e da identificação ou não de sua existência nos textos do autor. Partindo também, do estudo de Tzvetan Todorov (2017), entendendo o absurdo como sendo um dos subgêneros do insólito e que pode ser visto sua acepção mais exata, faz-se então, possíveis aproximações entre esses dois termos. O caráter insólito da obra de Qorpo-Santo, mesmo que indiretamente, é mais uma vez reforçado por Guilhermino César, em sua publicação do Teatro Completo de Qorpo-Santo (1980), citado por Eudinyr Fraga, para afirmar que o autor brasileiro é o criador do gênero absurdo no teatro, sendo que

o referido estilo teatral é caracterizado por uma escrita desconexa, sem linearidade e com situações completamente fora da realidade.

José de Anchieta e Gil Vicente: A representação do Diabo e a tradição da condenação das almas

Marina Gialluca Domene (USP)

Resumo Toda obra de arte está inserida em um contexto maior. Faz parte de uma tradição. Dialoga com outras obras e com seu meio. O teatro escrito pelo jesuíta José de Anchieta, objeto da minha pesquisa de mestrado, não é exceção. Suas peças dialogam com uma tradição bastante forte de teatro medieval, bem como com o catolicismo quinhentista, ambos dos quais estão intimamente ligados à obra do mestre Gil Vicente. Ao comparar as peças "Na festa de São Lourenço" (Anchieta, 1587) e "Auto da Barca do Inferno" (Gil Vicente, 1517), pretendo discutir a representação da morte e do Diabo, expondo o momento da condenação ao Inferno posto em cena em ambas as peças, de forma a estabelecer um diálogo – ainda que indireto – entre os dois autores e com a tradição à qual pertencem. Meu aporte teórico se baseará em análises das citadas peças e em textos que discutam a estética grotesca na arte, além da morte, do Diabo e da própria religião católica, que permeia a realidade e, portanto, a arte medievais em discussão.

Marcas do gosto na Inquisição portuguesa: primeiro olhar

Carlos Gontijo Rosa (PUCSP)

Resumo A ideia inicial desta comunicação surge de uma questão prática constatada durante nossa pesquisa de doutorado: por que, ao longo de todo o século XVIII, há tantas coletâneas e textos que receberam, diretamente ou indiretamente, a adjetivação "português"? Entre respostas prontas e aquelas que não enxergam os textos levantados como "artísticos", a base de dados "Teatro proibido e censurado em Portugal no século XVIII", do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apresenta textos

dramáticos interditos quanto à publicação ou representação pela Inquisição portuguesa do período e em cujos pareceres inquisitoriais pudemos identificar comentários de ordem estética. Numa primeira aproximação, portanto, propomos a leitura do parecer censório de 14 de dezembro de 1770 a respeito da peça "O mais heroico segredo ou Artaxerxe", de autoria de Pietro Metastásio e tradução anônima. Uma vez que já havia sido publicada em Portugal em 1758, tal parecer justificativa a proibição de nova impressão e da representação do texto por estar "muito desfigurada do seu original". Dois são os principais pontos nevrálgicos para os inquisidores: a presença de graciosos no enredo, que rebaixam o enredo original da peça, e a presença de questões político-ideológicas, como o assassinato de um rei e o plano de execução do seu herdeiro. Especialmente no que concerne à presença dos graciosos, figura típica do teatro barroco ibérico, ou seja, de um olhar estético anterior à segunda metade do século XVIII, calcada na tradição oral popular, subjaz uma conduta estética em que sobressai o gosto erudito. Assim, a produção artístico-teatral portuguesa do período é relegada historiograficamente a uma condição periférica e malquista que não corresponde ao gosto popular e à audiência recebida pelas representações teatrais na Lisboa setecentista.

O último Stanislávski, visto através dos estenogramas de aulas no Estúdio de Ópera e Arte Dramática

Diego Fernandes Garcia Moschkovich (USP)

Resumo A presente comunicação tem por objetivo apresentar alguns resultados de pesquisa realizada nos arquivos do Museu do Teatro de Arte de Moscou, entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018. Buscando vestígios da prática de Stanislávski do último período (aquele geralmente atribuído à criação do "Método das Ações Físicas", encontramos em Moscou um conjunto inédito de 48 estenogramas de aulas de Stanislávski em seu último estúdio, o Estúdio de Ópera e Arte Dramática. O conjunto de documentos não apenas ajuda a compreender melhor o último período de vida do pedagogo e encenador russo, mas também permite reler, através de suas práticas em sala de aula, alguns aspectos solidificados na recepção tradicional de sua obra, tanto na Rússia como ao redor do mundo. Percebemos,

por exemplo, que conceitos que julgamos obsoletos no último período de Stanislávski - como a "memória das emoções", por exemplo - continuam operando ativamente nas práticas pedagógicas do diretor. Ao mesmo tempo conceitos como as "ações físicas", a que a tradição crítica e historiográfica atribui uma virada em seu último período, mostram-se muito menos desenvolvidos do que geralmente se imagina. Por fim, ao olhar para os documentos originais percebe-se um Stanislávski diferente daquele formado pela leitura dos livros "O trabalho do ator sobre si mesmo" I e II (no Brasil conhecidos pelo nome norte-americano: "A preparação do ator" e "A construção do personagem". A comunicação será dividida nos seguintes tópicos: 1) apresentação da pesquisa, questões preliminares; 2)o trabalho nos arquivos do Teatro de Arte de Moscou; 3) Desafios das fontes primarias para a historiografia e recepção da obra stanislavskiana; 4) Algumas conclusões e continuação da pesquisa.

Rasgos de modernidade no teatro de Artur Azevedo

Rodrigo Cézar Dias (UFRGS)

Resumo Em nossa historiografia teatral é ponto relativamente estabelecido que o teatro moderno brasileiro teria como marco inicial a montagem de Vestido de noiva, de Nelson Rodrigues, encenada por Zbigniew Ziembinsky em 1943 (PRADO, 1988; MAGALDI, 2004). Tal operação, embora possua sua produtividade heurística e relevância histórica, não deixa de suscitar um juízo teleológico acerca do teatro "pré-moderno", que recai, sobretudo, em seus gêneros cômicos. Tratando mais especificamente do teatro oitocentista, a comédia de costumes e o entremez foram analisados, grosso modo, em razão de sua "pintura dos costumes", visada que restringe sua historicidade ao plano do conteúdo e avalia a forma dramática a partir de seu grau de adequação às convenções do gênero. O teatro musicado, por sua vez, foi abordado mais como documento histórico do que como obra de arte – embora venha sendo objeto de leituras mais atentas ao seu âmbito estético a partir do final dos anos 1980 (SÜSSEKIND, 1986; MENCARELLI, 1999; PRADO, 2008). Diante desse quadro, proponho um exercício de leitura do teatro de Artur Azevedo pautado pela busca de índices de modernidade na forma dramática, centrando a análise em

cenas das comédias A joia e O dote. De maneira diversa, todavia, de peças do "drama moderno" (SZONDI, 2011), nas quais haveria uma progressiva tomada de consciência acerca da crise do drama, defendo a hipótese de que o teatro de Azevedo apresentaria uma estrutura dramática tensionada por expedientes épicos cuja irrupção se manifesta à revelia de seu projeto estético. Embora esses procedimentos não sejam estranhos à forma dramática de todo (como o monólogo, o aparte etc.), eles concentram e sinalizam, a meu ver, pontos de disrupção que possibilitam o vislumbre de projeções do eu épico em suas peças, plasmando, em sua fatura, dinâmicas de reificação decorrentes da dialética entre lógica de mercado capitalista e ordem patriarcal-escravocrata no Brasil da passagem do Império para a República.

Uma releitura das fontes primárias: *Um Deus dormiu lá em casa*, de Guilherme de Figueiredo

Flavia Maria Corradin (USP)

Resumo Perspectiva crítica por excelência, a intertextualidade tem-se revelado um profícuo caminho a ser trilhado. Esta comunicação pretende partir de tal perspectiva para examinar a peça *Um Deus dormiu lá em casa*, do dramaturgo brasileiro Guilherme de Figueiredo (*Campinas, SP – 1915/+Rio de Janeiro, 1997), notadamente frente ao paradigma do Amphitruo, aquele que resistiu ao tempo e chegou até nós. Trata-se, pois, do mito estabelecido por Plauto, no século III a.C.. A peça brasileira tem sua estreia no dia 19 de dezembro de 1949, no Teatro Copacabana, tendo Paulo Autran e Tônia Carrero nos papéis principais. Pelo texto, Figueiredo recebeu os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da Associação Brasileira de Críticos de Teatro; a ABCT ainda concedeu medalha de ouro a Silveira Sampaio por sua direção e Tônia Carrero venceu o Prêmio da Associação de Críticos Cariocas. Mesmo assim, Guilherme de Figueiredo continua relegado a um segundo plano na historiografia teatral brasileira. Sem a pretensão de percorrer os muitos textos que dialogaram com tal temática, traremos à tona aquelas manifestações artísticas que nitidamente contribuíram para a construção da referida peça. Para tanto, objetivamos examinar como Guilherme de Figueiredo, cuja obra se dedica a reler a mitologia greco-latina, de maneira pouco convencional,

trabalha e contextualiza tal temática, tendo em vista aspectos da sua contemporaneidade. Lembremos, a título de exemplo, que, em *Um Deus dormiu lá em casa*, Figueiredo promove o acréscimo da voz de um narrador sui generis, o Demagogós, a dialogar nitidamente com a Antiguidade clássica, conferindo-lhe, no entanto, outra(s) inusitada(s) leitura(s) semântica(s). Neste sentido, devemos levar em conta o nível de diálogo que o intertexto trava com o paradigma, bem como os mecanismos utilizados para o sucesso da empreitada.

Simpósio 72
Romantismo e classicismo: atualidades de uma velha batalha

Andréa Sirihal Werkema (UERJ)
Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo "O conceito de poesia romântica, que atualmente corre o mundo e causa tanta polêmica e discórdia, partiu originalmente de mim e de Schiller. (...) Os Schlegel adotaram a ideia, e a desenvolveram, de modo que agora ela se disseminou pelo mundo todo, e todo mundo agora fala em classicismo e romantismo, nos quais ninguém pensava há cinquenta anos." (ECKERMANN, 2016, p. 392). À primeira vista, as polêmicas e discórdias evocadas por Goethe versando sobre Romantismo e Classicismo não têm mais lugar na cena contemporânea. Afora o campo dos especialistas, tem-se por plenamente assente a identidade dos dois contendores, assim como já bem demarcado o seu vencedor. Os românticos ganham a briga e, ao ganhá-la, fundam a ideia moderna de Literatura. Mas se a ganham, será para, logo a seguir, perdê-la para seus herdeiros imediatos que, recusando a herança, dispõe seus antecessores em lugar bem próximo àquele que estes haviam outorgado aos clássicos: literatura ultrapassada. Há alguma ironia (talvez não exatamente a romântica) no desfecho dessa história. Afinal, uma das armas principais do combate romântico contra o classicismo é justamente a da atualidade, seu mais perfeito ajuste às formas do tempo e suas demandas específicas. Lembremos Stendhal: "O romantismo é a arte de apresentar aos povos as obras literárias que, no estado atual de seus costumes e de suas crenças, são passíveis de lhes proporcionar o maior prazer possível. O classicismo, ao contrário, apresenta-lhes a literatura que proporcionava o maior prazer possível a seus bisavós" (STENDHAL, 2008, p. 73). Convertidos os românticos em nossos bisavós, aos clássicos (qualquer que seja a identidade que se lhes atribua) caberia, no melhor dos cenários, a dimensão de fósseis. E para ambos, sobram apenas os "arqueólogos" da literatura, cujo idiossincrático prazer estaria na contramão do estado atual dos costumes e crenças. Assim seria a história se alguns autores que ainda gozam de "atualidade" não nos indicassem que os restos dessa arqueológica batalha, ao serem escavados, iluminam questões aparentemente obscuras do presente da

literatura e nos obrigam a revisar a historieta acima. Que se pense em Jacques Rancière, que tomando para si o desafio de reconstituir o "sistema de razões" que funda o nosso conceito de Literatura, retoma a cena supostamente obsoleta de modo a avaliar o que se perde e o que se ganha quando a implosão de sistema beletrista substitui um sistema literário assentado na "palavra eficaz" pelos tormentos de uma "palavra muda" (RANCIÈRE, 2010). Ou ainda em Thomas Pavel, que em um de seus retornos ao XVII francês e sua estética "estrutural e conscientemente infiel à realidade empírica" (PAVEL, 1996, p. 371), contrapõe esse "suplemento ontológico visível" próprio à ordem de mundo beletrista à "transfiguração da banalidade e sagração do lugar comum" e ao estreitamento do imaginário próprios à literatura moderna. E radicalizando o olhar para o presente através do cultivo do passado, lembremos João Adolfo Hansen em suas agudezas antianacrônicas, capazes de surpreender a atualidade através de um rigoroso investimento no que já não lemos (e nem sabemos ler) do passado. Exemplos pontuais e apenas ilustrativos do convite que aqui se faz aos amantes de literaturas inatuais, estejam elas conformadas nas doutrinas clássicas ou nas batalhas românticas, para que venham conversar conosco – e, eventualmente, polemizar – sobre o muito de surpresa que ainda guarda esse passado.

A recepção de Shakespeare na França após as guerras Napoleónicas

Roxanne Covelo (UFMG)

Resumo A redescoberta e a popularidade de Shakespeare na França do século XIX são geralmente explicadas em termos de uma rejeição das regras dramatúrgicas rígidas do Classicismo (aperfeiçoadas nas tragédias de Racine e Corneille) em favor do estilo mais eclético e mais livre do dramaturgo inglês: estilo que permite a mistura dos tons cômico e trágico, e que raramente respeita a regra Clássica das três unidades. Porém, essa explicação puramente estética negligencia as forças geopolíticas em ação na França no decorrente das guerras napoleônicas. Após dois séculos de domínio cultural incontestado, a França da Restauração se vê repentinamente em uma posição muito menos segura. Pela primeira vez, autores estrangeiros

(começando pelo romancista escocês Walter Scott, que conhece uma popularidade fulgurante na França a partir de 1815) chegam a dominar o gosto e o mercado literário francês. Num panfleto de 1823 intitulado "Racine et Shakspeare [sic.]", o autor Stendhal explica a nova popularidade do dramaturgo inglês em termos que vão muito além do estético, incorporando questões de relativismo cultural, de arte como "hábito", e, finalmente, da erosão da autoridade francesa nas primeiras décadas do século XIX.

A sobrevivência da estética romântica na obra de Barbey d'Aurevilly

Maria Clara Ferreira Guimarães Menezes (UFMG)

Resumo Um dos aspectos mais marcantes do movimento romântico restou sendo, sem dúvidas, a profunda metamorfose realizada no gosto estético de sua época. O problema é que, segundo a crítica mais tradicional, o Romantismo se limita ao gosto estético e à expressão da subjetividade, circunscritos a um período bem definido , o que compromete a percepção do movimento como intensa alteração de ideais e percepção de mundo que se estendeu e manteve até a atualidade, moldando nossa compreensão do que seja a literatura e a arte. E, justamente o caráter estético do Romantismo pode ser percebido como sintoma de tais alterações mentais e de sua persistência. Como bem demonstrou Praz em seu minucioso estudo do romantismo intitulado "A carne a morte e o diabo na literatura romântica", certas imagens se constituíram como verdadeiros clichês e tipos característicos, servindo como resistentes fios de Ariadne que conectam autores e obras em fases distintas do século XIX. É nesse contexto que a obra de Barbey d'Aurevilly se constitui como exemplar de tal procedimento, incorporando modelos estabelecidos por um geração romântica do final do século XVIII e adaptando-a às necessidades de suas obras de forma a dar-lhes novo ânimo e preservar sua presença na produção literária de sua época e no imaginário dos leitores. A presente comunicação propõe então discutir como Barbey d'Aurevilly reinterpreta o modelo byroniano do homem fatal e o adapta à criação da figura de suas mulheres fatais, assegurando uma espécie de sobrevivência de princípios românticos ao longo do século XIX.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

A velha batalha entre o Romantismo e o Classicismo: um estudo da obra de John Milton

Miriam Piedade Mansur Andrade (UFMG)

Resumo Shakespeare era reconhecido pelos escritores românticos como aquele capaz de quebrar com a tradição, com o uso de uma criatividade exagerada e por compor passeios profundos pela alma humana. Seus textos descumpriam com as regras básicas do olhar classicista e suas elaborações, recheadas de um espírito de composição livre, traziam traços que poderiam já ser lidos como os de um escritor romântico. De acordo com Rosenfeld e Guinsburg, no ensaio "Romantismo e Classicismo" (1993), Shakespeare foi o grande modelo dos românticos, pois ele "é concebido como um poeta bárbaro, cujo estro estava em comunicação direta com a divindade ou as fontes profundas do 'espírito' [...], criando, graças ao seu gênio, uma dramaturgia totalmente irregular, inusitada, 'original'" (p, 4). Nesse sentido pode se dizer que Shakespeare foi/é o grande inspirador dos românticos. Porém, outro nome deveria figurar nesta lista de "inspiração", principalmente na tradição romântica inglesa, o do poeta John Milton. Assim como Shakespeare, Milton se situa em uma lacuna entre o clássico e o romântico e sua escrita, embora tente uma aproximação com a tradição clássica, se elabora com traços românticos. A obra de Milton se constitui como uma espécie de padrão romântico, com foco na visão estético-clássica e prevalece como outra principal influência para os escritores românticos ingleses. O objetivo desta comunicação é apresentar um estudo da obra de John Milton para demonstrar como este poeta inglês pode ser lido como um elo, mas, também, como um ponto de ruptura entre as tradições clássica e romântica e como seu nome deve figurar como um dos precursores do Romantismo inglês.

Anacronismo e modernidade em Mallarmé

Sandra Mara Stroparo (UFPR)

Resumo Com uma obra indiscutivelmente moderna, Mallarmé repousa ainda hoje no panteão de autores que foram responsáveis por um momento de inflexão, um salto criativo na história da literatura, gerando uma obra e uma influência que consolidaram, no limite, algo novo. Em seu trabalho, no entanto, isso não se dá de uma vez só, há um longo caminho percorrido entre "Hérodiade" e Un coup de dés jamais n'abolira le hasard, e a crítica encontra no início desse caminho as descobertas de elementos que foram definitivos para que as leituras tardias de Blanchot e Barthes pudessem extrair da obra algumas de suas características ditas modernas: a descoberta do Nada, a importância do silêncio e, principalmente, o desaparecimento elocutório do poeta, surgem, embrionariamente, nas primeiras obras. L'après-midi d'un faune é exemplar: poema longo, de dodecassílabos, é uma (quase) narrativa de uma primeira pessoa à qual o leitor está preso, podemos dizer até romanticamente preso, submetido, pela angústia e dúvida, aos desejos amorosos frustrados do fauno. E nada nesse poema é simples enquanto definição de história literária. Com o subtítulo "Égloga" e a aparição do Fauno, a obra se volta diretamente para um passado Clássico, resgatando forma e temática particulares desse contexto, mas transformando-o em hesitação e ambiguidade, características não comuns à retidão clássica e neoclássica, mas só permitidas ao momento de Mallarmé graças à conflagração romântica, imediatamente anterior. O que interessa aqui, portanto, e no contexto proposto pelo simpósio, é como o anacronismo clássico dá forma a um poema que realiza muitas das aspirações românticas mas em uma execução que também já as coloca em xeque, em um procedimento absolutamente moderno.

Entre tradição e experimentação: da teoria da tragédia de Friedrich Schiller à configuração de personagens em Maria Stuart

Isabella Gonçalves Vido (UNESP)

Resumo Friedrich Schiller dedicou-se, paralelamente às atividades de poeta e dramaturgo, a importantes questões da estética e da filosofia à busca de aprimorar as ferramentas necessárias à criação literária. Ao buscar soluções para questões sobre como configurar poeticamente o radicalmente ameaçador ou ainda como neutralizar a violência, sem deixar de aproveitar, contudo, seu potencial energético, Schiller integrou uma tradição que dirigiu sua atenção ao espectador e à sua patologia. Nesta ocasião, fenômenos como o prazer originado da contemplação de aparições asquerosas, do feio ou de seres monstruosos tornaram-se objeto de frequentes debates. Assim, Schiller perscrutou, em "Sobre as artes trágicas", os meios de abalar o espectador, reconhecendo, pois, a importância da vivacidade das emoções que nos faz sentir atraídos com "irresistível feitiço" e, a um só tempo, repelidos por "cenas de lamento e de horror" (SCHILLER, 2018). Ao versar "Sobre o patético", porém, concluiu que ao fim das artes não corresponde "a mera apresentação do sofrimento": em sensível alargamento das ideias com as quais caracterizara, no ensaio anterior, as artes trágicas, Schiller concedeu que não tratavam apenas de causar-nos prazer, mas, antes, de apresentar a "independência moral em relação às leis do afeto" (idem). A partir desses ensaios, buscamos demonstrar que analogamente à poética do desequilíbrio que se instaurou no tempo de Schiller é que ele criou as heroínas trágicas de Maria Stuart, Maria e Elizabeth. Representadas à dessemelhança do padrão de feminilidade criado após o advento crescente do capitalismo (KEHL, 2007), segundo o qual a mulher qualifica-se como frágil, bonita, doce e ávida por casar-se, Elizabeth e, em certa medida, também Maria tornam-se seres antinaturais que podem corresponder, do ponto de vista formal, ao modo como Schiller encontrou uma linguagem capaz de expressar com mais precisão um ponto de vista complexo, que extrapola a habitual dicotomia entre bem e mal.

Hölderlin: apropriação e leitura dos gregos no século XVIII

Carolina Meire de Faria (UFMG)

Resumo Este trabalho visa a destacar, na peça teatral inacabada A morte de Empédocles, como Friedrich Hölderlin estaria a postular, concomitantemente, uma poetologia e uma filosofia da natureza. Tenciona-se, com isso, mostrar como, na poética de Hölderlin, para além da poesia, os gêneros literários estão entrelaçados de maneira a constituírem um medium de reflexão às questões filosóficas. Mediante tal gesto, qual seja, o de fazer do poetar e da poiesis uma práxis de pensamento, o filósofo articula uma das questões mais centrais do pensamento germânico do século XVIII, a saber, o modo como os gregos são lidos e traduzidos pelos alemães. Observa-se que esta relação impõe sua presença em diversos âmbitos da filosofia da época, seja na estética – a mímesis, tekhné –, na filosofia moral – direito, liberdade - ou na filosofia da natureza - physis. Deste modo, figuras como Sófocles, Sócrates, Platão e Aristóteles são vastamente contempladas na literatura. No caso da peça em tela, sugere-se, como hipótese, que Hölderlin se vale da figura do pensador pré-socrático Empédocles a fim de dramatizar as apropriações dos gregos realizadas pelo classicismo/romantismo alemão. Para sustentar tal proposta interpretativa foram mobilizados, além do texto dramático, fragmentos filosóficos holderlinianos, nos quais se observam reflexões atinentes às relações entre seu projeto de tragédia e sua poética do pensamento.

O horológio iluminista: práticas letradas e habitus na Portugal setecentista

Lucas Bento Pugliesi (UFRJ)

Resumo Em Crítica e Crise (1999), R. Koselleck discute o processo de ascensão do Iluminismo e a eclosão (violenta) de suas pautas na Revolução Francesa. Em síntese, Koselleck observa como a centralização do poder absoluto, durante o Antigo Regime, eliminou o interesse pelo âmbito privado, de modo a produzir uma justaposição: de um lado, todas as liberdades individuais são tolhidas em prol de um pacto de proteção encarnado na figura do Rei absoluto; por outro, o

desinteresse estatal pelo particular era de sobremaneira radical, na medida em que este deveria se conformar ao público-coletivo. A partir dessa "vacuidade" do privado, Koselleck entrevê a zona de manobra possível para que agremiações setecentistas, como as Lojas Maçônicas, pudessem cultivar uma moral privada entre seus pares. E essa força fervilhante da moral privada entre os pares que, ao não encontrar espaço na ordem absolutista, confronta-se com ela. Nesse sentido, enraizando as práticas letradas luso-brasileiras setecentistas no debate maior sobre o Iluminismo, este trabalho intenta pensar o papel dos escritos sacros no "Despotismo Esclarecido". Com a leitura cruzada de instruções pastorais (da metrópole e das colônias) e de poemas sacros da segunda metade do século XVIII (como os de Sousa Caldas, Elói Ottoni, Ferreira Barreto etc), espera-se precisar uma mudança sensível em relação aos modos de leitura do Antigo Regime. Isto é, o XVIII português parece assistir a uma derrocada da sermonística pública em prol do aparecimento de dispositivos ("literários") de subjetivação do privado. O que permite pensar em que medida este conjunto de textos não inaugura uma prática novíssima de produção do corpo católico, preocupada em suprimir, precisamente, as "fervilhações" da qual dá notícias Koselleck. Em outras palavras, o Estado português, através de seu braço religioso (e letrado) passa a se importar com a conformação do hábito particular e o regramento do tempo ocioso do fiel.

Ossian e as regras do gênio natural

Thiago Rhys Bezerra Cass (UFRJ)

Resumo Nos longos poemas narrativos atribuídos a Ossian, Fingal (1761-2) e Temora (1763), conciliam-se preceitos composicionais a priori inconciliáveis. Basta ler os prefácios, ensaios introdutórios e notas de rodapé de Fingal e Temora, nos quais o suposto tradutor e editor, o escocês James Macpherson, intervém a fim de direcionar a recepção das obras. Parte considerável dessas intervenções buscava determinar, como fizera Thomas Blackwell em An Enquiry into the Life and Writings of Homer (1735), a relação entre a poesia de Ossian e o ambiente sociocultural que a gestara. O velho bardo do século III d. C. seria um espécime de "gênio natural". Por outro lado, o tradutor

não hesitava em indicar como as composições satisfaziam a preceptística do aristotelismo neoclássico, cujo expoente máximo era o Traité du poëme épique (1675), de René Le Bossu. Resgata-se Ossian de sua suposta excepcionalidade histórica e poética para avaliá-lo por regras de pretensões universais, a fim de outorgar-lhe a prestigiosa palma de poeta épico. Discutirei como, ao plasmar na forma de Fingal e Temora princípios críticos e criativos tão diversos, Macpherson potencializou a ressonância dos ditos poemas ossiânicos. Contudo, procurarei demonstrar como o resultado são obras cuja epicidade é desconstituída pelo mesmo arranjo que a constitui.

Simpósio 73
Sobre diálogos transdisciplinares: a crítica textual interroga a tradição literária e não literária num exercício de "escovar a história a contrapelo"

Ceila Maria Ferreira (UFF)
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)
Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Resumo Cambraia (2005, p. 2), chama a atenção para uma das características "mais instigantes da crítica textual": a sua transdisciplinaridade. Concordamos com ele: para o exercício da Crítica Textual é necessário o "trânsito por diversas áreas do conhecimento", como disse o autor à página 22 do mesmo livro, Introdução à Crítica Textual. Uma dessas áreas, sem dúvida, é a Literatura, mais especificamente, o estudo da gênese, da transmissão e da recepção de textos literários. Aliás, a Crítica Textual tem papel de fundamental importância na divulgação e preservação do patrimônio cultural em forma de textos escritos, sejam eles literários ou não literários. Em relação à Literatura, na transmissão de obras sem ou com originais, a Crítica Textual desempenha papel de relevo e desenvolve técnicas de edição que auxiliam sobremaneira a difusão dessas obras para novas gerações, levando em conta discussões sobre autoria, autoridade do/da autor/a; estratégias editoriais, assim como a publicização dos critérios de edição, num movimento que contribui para tornar mais visível os processos de gênese e de transmissão textuais. Também ajuda os pesquisadores e as pesquisadoras a inquirir o cânone literário, pois, o trabalho realizado com base em fontes primárias e paratextos (cartas, anotações autorais etc) possibilita e propicia o exercício de "escovar a história a contrapelo", no sentido dado a tal expressão por Benjamin (2012, p. 245), em Sobre o Conceito da História, em tradução de Sérgio Paulo Rouanet, e escrito por Benjamin, em 1940, ano em que o autor do texto há pouco citado se suicidou, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Atualmente, momento em que assistimos ao fortalecimento de movimentos totalitários, ao ataque à universidade pública e ao fortalecimento da "necropolítica", no sentido dado a essa palavra por Mbembe (2019), em obra homônima a tal vocábulo, é importante discutirmos o papel do/a intelectual – neste caso, daquelas e daqueles que exercem a Crítica Textual – na

transmissão, na defesa e na crítica da tradição, sem nos esquecermos de discutir o conceito de tradição e de encararmos tal conceito numa acepção que englobe gênero, raça, classe e historicidade. Neste sentido, nos parece fundamental também discutir a obra de Spivak (2010), Pode o Subalterno Falar?, já que nascemos e/ou vivemos num país em que autoras e autores são silenciados pelos, muitas vezes excludentes, alguns canais de difusão de cultura. Nossa proposta visa a discutir também esses canais de mediação e o papel da Crítica Textual em "escovar a história a contrapelo" neste atual contexto brasileiro em que também se discute a questão da decolonização, trazendo a público novas e antigas obras, novas e antigas leituras que foram invisibilizadas por problemas de edição, de censura, de versões que foram mantidas inéditas por seus autores ou suas autoras etc. É preciso ressaltar que nossa proposta pretende abarcar tanto o universo da Crítica Textual antiga quanto o da Crítica Textual moderna em diálogo com a História, os Estudos Literários, a Literatura, a Filosofia, a Pedagogia, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística, a Análise de Discurso, a Codicologia, a Paleografia, a Numismática, a Informática e demais áreas que possam dialogar com a Crítica Textual no estudo da gênese, da transmissão e na recepção de textos literários e não literários, assim como na prática da preparação de textos para publicação. O próprio trabalho de cotejo de textos e de campanhas de escrita nos auxiliam na maior compreensão do texto como algo em processo e da edição crítica, como possibilidade ou "hipótese de trabalho ('working hypothesis')" – lembrando o filólogo italiano Giafranco Contini (1912-1990), citado por Spaggiari e Perugi, em Fundamentos da Crítica Textual (2004. p. 69). Além disso, pretendemos discutir a questão do estudo da materialidade dos textos, entendendo a materialidade como também formadora de sentido, conforme destacam Borges e Souza (2012, p. 54) em Filologia e Edição de Textos. Tais autores também citam a importância da obra de Chartier para o referido estudo (2012, p.54). Ainda sobre a materialidade dos textos, pretendemos discutir, outrossim, o emprego de novas tecnologias no preparo de edições e na realização de publicações, inclusive digitais, que tenham possibilidade de contribuir para a democratização do conhecimento, para a ampliação do número de pessoas que possam ter acesso a obras que as ajudem cada vez mais a serem protagonistas de suas próprias histórias e a fortalecermos propostas de atuação decolonial.

"Arrancar a tradição ao conformismo": a secularização da exegese judaico-cristã na leitura da História de Auerbach e Benjamin

Beatriz Moreira da Gama Malcher (UFRJ)

Resumo A presente apresentação procura desenvolver uma comparação entre a obra de Erich Auerbach e a de Walter Benjamin pensando a dialética entre sincronia e diacronia na leitura antiteleológica do conceito de História levada adiante por ambos através da atualização da tradição exegética judaico-cristão. A partir da exposição do trato dado à componente histórica por cada um dos autores, procuro demonstrar como as suas metodologias, assim como a concepção do conceito de história determinante em suas trajetórias, teriam pontos de encontro cruciais: o entendimento da história como uma unidade; a mentalidade histórico-perspectivista; a tentativa de colocar no centro do debate a ótica dos oprimidos; a escolha por um método de composição dialético que coloca em tensão totalidade e fragmento para uma leitura sintética do mundo. Trabalhando a partir dos textos escritos durante os anos em que os autores estabeleceram maior contato entre si, tento expor também como suas interpretações se colocam perante ao contexto de sua elaboração. Em meio ao fortalecimento da barbárie na década de 1930, dois judeus heterodoxos alemães de trajetórias distintas parecem ir de encontro um ao outro em suas tentativas de "escovar a história a contrapelo", polarizando o fato histórico em sua atualidade imediata. Por outro lado, apesar de ambos terem utilizado como recurso crítico uma hermenêutica sagrada para abordagem de questões seculares, suas percepções sobre o sentido da História também apresentam distinções cruciais entre si. Enquanto a exegese talmúdica conjugada a uma metodologia materialista histórica permite a Benjamin uma abertura messiânico-revolucionária, essa abertura é ausente em Auerbach: a atualização dialética da exegese bíblica cristã faria com que a sua leitura do processo histórico fosse menos centrada na figura da redenção messiânica e mais centrada no par prefiguração-consumação, o que daria à sua interpretação da história um sentido mais fechado e fatalista.

A mudança do discurso científico através da edição crítica de jornais no eixo Rio de Janeiro-São Paulo entre (1880 a 1910), uma mudança na mídia e na sociedade.

Leandro Trindade Pinto (UERJ)

Resumo Este trabalho propõe uma edição crítica e análise das notícias científicas, referentes a problemas de saúde pública, veiculadas nos jornais pertencentes ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo no período de (1880 a 1910), com o objetivo de verificar como estas notícias apresentavam o discurso científico. Este período foi escolhido por ser uma época de consolidação do estado brasileiro. Desta forma, a vinculação de notícias não possuía praticamente nenhuma regulação pública ou diretriz que orientasse sobre os parâmetros científicos nas notícias do jornal. Os jornais eram praticamente o único meio comunicação por parte da maioria população pouco escolarizada, no final do século XIX e faziam de certa forma, a manipulação dos elementos simbólicos como forma de poder, conforme Fonseca (2011). A falta de rigor científico pelos jornais da época expõe o apagamento do discurso científico nas notícias em prol de um discurso estabelecido por critérios políticos e econômicos, conforme Bastos (2008). Observa-se uma mudança gradual deste cenário na virada do século XIX e início do século XX quando a reforma higienista vai se consolidando no país e há a criação gradual de instituições científicas brasileiras como a Fiocruz em 1900 no (RJ) e Butantã em (SP) em 1901. Após o episódio da Revolta da Vacina em 1904, há certa mudança da vinculação deste tipo de notícia na mídia, com maior critério científico fruto dentre outros fatores, das mudanças sociais da época.

O polissistema literário como perspectiva historiográfica para o território Abya Yala

Elizabeth Suarique Gutiérrez (FURG)

Resumo A comunicação considera o polisistema literário como uma perspectiva crítico-literária para contemplar as diversas origens culturais do território denominado América Latina (ou ancestralmente Abya Yala). Responde à necessidade de uma narrativa historiográfica

que inclua as tradições ancestrais e originarias e que trazem suas próprias epistemologias, aliás, perduram em novas formas, nas quais se percebem entrecruzamentos, especificidades e modos de re-creação. Ao serem tradições diferentes, conformam uma heterogeneidade que precisa uma perspectiva de conjunto, em quanto aquelas tradições não permanecem isoladas umas de outras pois, a especificidade da expressão cultural da região caracteriza-se pela convergência de diversas formas que expressam múltiplas possibilidades sobre a organização do mundo. Para isso, uso o termo polisistema que difere do conceito vindo do estruturalismo, más a partir da sua atualização como um modo de atingir a diversidade de sistemas culturais que apresentam autonomia na sua configuração, não obstante, no encontro com outras tradições presentes no território produzem outras expressões. Porém, é preciso reelaborar o conceito a partir da abordagem do Itamar Even-Zohar. Assim, o polisistema mantém a sua diversidade. A comunicação visa se referir ao polisistema como a relação de diversos sistemas numa ordem não hierárquica. Para isso é preciso colocar em debate a estratificação, como crítica ao elitismo da obra de arte literária, já que não é possível pensar num sistema central puro que seja o modelo a se imitar pelo intenso fenômeno de mistura de tradições. A origem do polisistema latino-americano está justamente na mistura aleatória e incongruente de várias tradições, aquele sistema central da escrita culta não é possível sem a presença das outras tradições e, mesmo assim, aquelas outras periféricas adotam o código da escrita para sua sobrevivência, ou seja, a periferia entra como estruturante daquele que se considera o sistema central.

Porque a correspondência passiva de João Cabral de Melo Neto ajuda a compreender sua experiência tipográfica catalã

Priscila Oliveira Monteiro Moreira (UC-PT)

Resumo A ausência de um espólio que conserve a correspondência completa de João Cabral é uma das dificuldades enfrentadas àqueles que se propõem a utilizar ferramentas distintas da restrita interpretação hermenêutica. A Fundação Rui Barbosa concentra a correspondência passiva do poeta em seu Acervo de Escritores Brasileiros; a parte ativa dos envios pertence, na maioria das vezes, ou a arquivos

de outros escritores ou está disperso pelo mundo afora. A leitura da correspondência passiva pode auxiliar na compreensão de algumas lacunas temáticas, pois concede elementos capazes de auxiliar na reinterpretação de discursos canonicamente estabilizados. No ano do centenário de nascimento do poeta e em uma época em que as fundações públicas sofrem ataques insólitos, este trabalho propõe-se a reconstituir parte do diálogo iniciado entre João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo. Ambos foram muito próximos, sobretudo nos anos iniciais de suas carreiras literárias. O recorte temporal específico refere-se ao período ao qual o poeta-diplomata dedicou-se à produção de livros artesanais em seu projeto editorial O Livro Inconsútil; são cartas inéditas recebidas entre 1947 e 1951, enviadas por Ivo em resposta as de Cabral. Ao adentrar no espaço privado da correspondência, é possível inferir os tópicos tratados: o empenho em editar um livro de Ivo, a percepção do envolvimento do amigo com a tipografia, a recepção brasileira das edições artesanais feitas na Catalunha e o trâmite para publicar um novo título no Brasil. Sobretudo, é possível perceber a atuação de Cabral como editor. Conhecer Cabral-editor é ampliar a percepção sobre um canônico supostamente fixado em uma identidade estática, limitante; conhecer sua correspondência deste período é, portanto, fomentar parâmetros analíticos transdisciplinares que não se restringem apenas a títulos ou a poemas conhecidos, mas também aos bastidores de todo processo de publicação envolvido até que um livro chegasse às mãos dos leitores.

Revisitando Eça de Queirós em" tempos sombrios"

Gisele de Carvalho Lacerda (UFF)

Resumo Arte e Revolução foram palavras de ordem para o jovem Eça de Queirós, recém saído da Universidade de Coimbra, disposto a "acordar a pacata Lisboa" usando seus conhecimentos sobre as correntes filosóficas que circulavam na Europa e eram assimiladas pelo escritor e seus contemporâneos no distinto grupo do Cenáculo, dando origem às Conferências do Casino, em a ideia do "Realismo como nova expressão de Arte" era defendida arduamente por Eça. Em 1871, ainda na efervescência das ideias difundidas nas Conferências do Casino, antes de sua proibição pelo governo português, Eça

escreve As Farpas, um periódico sobre as letras, crônicas e costumes nacionais em parceria com Ramalho Ortigão. A proposta das Farpas era, a rigor, um convite não só a conhecer as mazelas da sociedade portuguesa, mas visava provocar um sentido revolucionário nos leitores. Eça traduzia seus escritos como sendo folhetins da revolução, conforme está documentado em uma carta de 1871 à Emídio Garcia. Também desses documentos epistolares se encontra uma declaração a João Penha afirmando que a solução para o país, naquela situação em que se encontrava, seria que os homens inteligentes que tivessem em si a consciência da Revolução o farpeassem, sendo esta a única proposta viável: Nem doutrinas, nem discussões. Esta comunicação propõe resgatar o texto que emerge das Farpas: a vitalização da questão humanitária nas Artes. A leitura dessas Farpas de Eça no século XXI reforçaria o apelo tão atual por uma arte combativa, esta nuance dos textos queirosianos vem sendo apagada a partir da transmissão e estudo de sua obra.

Violências (des)arquivadas: o tema da homossexualidade no ensaísmo de Mário de Andrade

Ricardo Gaiotto de Moraes (UFSC)

Resumo A pesquisa em arquivos de escritores possibilita tanto releituras constantes de sua produção literária e intelectual, quanto revelações de novos vestígios capazes de complexificar o desenho do campo social e político adjacente. A partir de diferentes montagens dos rastros que testemunham o envolvimento e permanência de escritores no campo literário, os estudos contemporâneos se preocupam ora em desconstruir as mitificações em torno deste ou daquele ator, ora em construir novas chaves interpretativas surpreendentes. Portanto, os rastros – da biografia, da criação literária e da participação em rede de escritores – são elementos importantes tanto no estudo da produção quanto na recepção dos textos literários. Se como afirma Spivak (2014, p. 111), um dos objetivos centrais do pesquisador é a "recuperação de informações em áreas silenciadas", o processo de mostrar o que estava guardado é uma forma de resistência, pois reencena o passado evidenciando vozes caladas pelas várias formas de violência. Partindo dessas questões, esta comunicação propõe uma

revisitação aos textos ensaísticos de Mário de Andrade, um dos escritores brasileiros mais meticulosos na organização de seu arquivo, abordando a presença (e/ou ausência) da temática da homossexualidade. Em um primeiro momento, trata-se de destacar, sobretudo nos textos de crítica literária do autor publicados no período do Estado Novo, como, por exemplo, ao avaliar uma obra, o tema da homossexualidade vem à tona; em um segundo momento, e aqui a inserção nos arquivos, relacionar os textos de Mário de Andrade aos diálogos estabelecidos, dentro de sua rede de sociabilidade, com outros autores a partir do estudo da correspondência e textos publicados em jornais da época. Assim, ao recuperar esse aspecto silenciado da produção de Mário de Andrade (Cf. VERGARA, 2015), a pesquisa busca investigar a presença da violência da homofobia inscrita nos discursos contemporâneos ao autor.

Simpósio 74
Tradução e cultura

Sheila Maria dos Santos (UFSC)
Marceli Cherchiglia Aquino (USP)

Resumo É ponto pacífico, no panorama atual dos Estudos da Tradução, que a prática da tradução literária exige do tradutor uma série de conhecimentos específicos, que transcendem questões puramente linguísticas, envolvendo, necessariamente, aspectos culturais, políticos, históricos, de poder, de gênero etc. Outrossim, faz-se pertinente ressaltar que o(a) tradutor(a) é um ser social, cuja fala está intimamente ligada a um determinado tempo e espaço e reproduz, em maior ou menor escala, consciente ou inconscientemente, as marcas de seu pertencimento. Portanto, como recorda Wecksteen, é possível afirmar que "*Le traducteur est lui aussi un auteur, affirmation qui paraitra être une évidence pour certains mais peut-être une provocation pour ceux qui n'envisagent pas de considérer d'autre auteur que celui du texte de départ*" (2011, p. 32). Dessa forma, ao encarar a tradução como uma prática social e criativa, torna-se possível explorar a natureza das relações interculturais que se estabelecem durante o processo tradutório. No entanto, Paulo Henriques Britto (2010) reforça que para que haja de fato essa interação cultural, é preciso que o tradutor não atue como protetor da pureza de sua cultura. Nesse sentido, o conceito de transculturação parece-nos assaz adequado para explorar as transformações culturais ocorridas no processo de tradução. O termo "transculturação" foi cunhado, em 1940, pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, autor do célebre trabalho intitulado *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1983), no qual busca explicar a natureza e as transformações dos fenômenos sociais fundadores de Cuba, apontando o açúcar e o tabaco como produtos precursores na formação da sociedade cubana, responsáveis pelo aspecto mais expressivo da história econômica do país à época (ORTIZ, 1983, p. 3). Inspirado pelas ideias de Ortiz, que forneceu importante substrato para se pensar as relações socioculturais estabelecidas entre países e regiões em contato, o crítico uruguaio Ángel Rama ampliou o conceito de transculturação, a fim de refletir acerca de sua manifestação na Literatura, tema que resultou na obra *La transculturación narrativa en América Latina* ([1984] 2008). Neste trabalho, Rama

desenvolve a temática da transculturação narrativa de modo a identificar os processos de incorporação e transformação de elementos culturais de expressões literárias em contato. Especificamente, interessa-lhe compreender de que forma se dá o contato entre manifestações literárias regionalistas e urbanas, que o autor também chama de "modernas". Para explicar essa relação, Rama faz uso do conceito antropológico de transculturação, apontando as diversas maneiras pelas quais os escritores transculturadores interligam elementos de ambas as culturas, criando, por sua vez, manifestações culturais híbridas. Conforme elucida, a transculturação impõe-se como uma necessidade à sobrevida do regionalismo, possibilitando a manutenção de um conjunto de valores literários e tradições locais sem perder o contato com novas estruturas literárias (RAMA, 2008, p. 32). Partindo de tais pressupostos, pensar a transculturação no campo da tradução responde a uma necessidade natural, uma vez que se admite a existência do outro, enquanto ser social, no texto traduzido. Os profissionais da tradução têm, portanto, a responsabilidade de construir sentidos dentro de um determinado contexto, levando em conta as diversas culturas, contextos históricos, textos e linguagens. Logo, a tradução é uma atividade complexa, que pressupõe a apropriação de sentidos socialmente e culturalmente construídos através da linguagem. Segundo Hawkes (1977) e Bassnett (1991), a análise da tradução é um processo que tem um núcleo centrado na atividade linguística, mas que também pode ser vista como pertencente à Semiótica, a ciência que estuda a estrutura do sistema dos sinais, seus processos e suas funções. Sendo a língua um sistema de representação do mundo e de seus eventos, para a tradução transcultural se faz necessário a compreensão das escolhas da linguagem e seus símbolos dentro de um contexto cultural, tanto da língua de partida como da de chegada. Desse modo, ao fazer um trabalho de tradução, o tradutor deve caminhar pelas faces da língua da cultura e do individual, isto é, das questões de identidade e alteridade, tanto do texto de saída como de chegada. Pois, ao entender o sentido construído culturalmente, esse tradutor poderá, por meio do seu conhecimento de mundo, transmitir e adaptar os sentidos entre múltiplas culturas e línguas. Tendo em vista tais fatores, este simpósio pretende proporcionar um espaço de discussão e reflexão sobre a relação entre tradução e cultura, assim como de identidade e alteridade, aceitando contribuições de trabalhos de análise crítica de literatura traduzida, que investiguem, sob

um viés comparatista, eventuais transformações de aspectos culturais do texto-fonte, bem como questões referentes à voz do tradutor no texto de chegada. Para tanto, temos também o objetivo de discutir trabalhos que investigam acerca da integração entre língua e cultura, tendo a linguagem como um código de símbolos para representação dos sentidos dos autores, dos contextos sociais e culturais, como das questões de identidade e alteridade.

A tradução (inter)cultural de "Uma vida em segredo": representações da identidade cultural mineira em "A hidden life"

Daniela de Azevedo (UNIMONTES)

Resumo A leitura de autores brasileiros em língua inglesa levou-nos a questionar sobre a relação entre tradução, cultura, alteridade e o tradutor como leitor e intérprete: uma tradução pode ser feita baseando-se somente em aspectos linguísticos ou somente culturais, ou esses aspectos são tão interdependentes que um implica o uso do outro? Podemos dizer que uma tradução é linguística ou cultural? As diferenças culturais justificam mudanças substanciais no texto-fonte para que ele seja compreensível para os leitores do texto de chegada? Como o tradutor deve equacionar o problema de lealdade ao texto-fonte e a recepção desse texto por leitores de um contexto cultural diferente? Como é o processo de tradução de uma cultura para outra cultura? A subjetividade do texto-fonte, permeado pelo jogo de palavras, metáforas e outras figuras de linguagem, somada aos fatores culturais, resulta em interpretações variadas, de acordo com os propósitos de cada tradução. As narrativas "Uma vida em segredo" (1964) e "A Hidden life" (1969), objetos de nossa pesquisa, são analisadas a partir de uma perspectiva intercultural, considerando que o papel do tradutor deve ser revisto à luz da cultura, da língua e das expectativas do público receptor sem, contudo, menosprezar a cultura e a língua do texto de partida. A ambientação de "Uma vida em segredo" em Minas Gerais estabelece uma relação entre o mundo real e o mundo ficcional a partir das paisagens, dos objetos e da oralidade. A realidade ficcional retratada por Autran Dourado se distancia do contexto norte-americano, não somente geográfico, mas principalmente cultural e linguístico. Sendo assim, como Edgar H. Miller

transporta o leitor norte-americano para o mundo real da ficção, o interior de Minas Gerais? Este é o questionamento buscaremos responder nesta comunicação.

Wild Things, monstros e yeshou : a adaptação cultural nas traduções da obra *Where The Wild Things Are*, de Maurice Sendak

Jamilly Brandão Alvino (USP)

Resumo Publicado em 1963 pelo autor e ilustrador Maurice Bernard Sendak (1928- 2012), *Where the Wild Things Are* é um livro de Literatura Infantojuvenil mundialmente conhecido, com mais de 19 milhões de cópias vendidas. A obra foi traduzida para mais de 20 idiomas, entre eles, o português brasileiro e o chinês. Este trabalho propôs-se a analisar e comparar as traduções publicadas nas duas línguas com a metodologia da Linguística de Corpus, mais precisamente pela comparação triangular, ou seja, a comparação entre as traduções e o texto original e entre as próprias traduções. Como recorte, tratou-se das traduções do título da obra, já que, quando questionado por sua editora, Sendak disse que a obra seria intitulada "Where the Wild Things Are", pois apenas sabia desenhar coisas. As traduções, porém, não seguem o título desejado pelo autor: 'wild things' foi traduzido como 'monstros' em português e como 'yeshou chumo', em chinês, o que, segundo o dicionário Pleco, significa 'animal selvagem', 'besta' ou até mesmo 'fera'. Para a compreensão das decisões e possibilidades tradutórias, contatou-se Heloisa Jahn, tradutora do livro em português brasileiro e, como o contato com o tradutor em chinês não foi possível, pessoas nativas da China foram entrevistadas e comentaram suas percepções sobre o título. Concluiu-se que em ambos os casos houve adaptação cultural à língua de chegada, pois a tradutora do português poderia ter optado pelo vocábulo 'coisas', comumente utilizado em seus mais diversos sentidos, porém, optou pelo vocábulo 'monstros', já consagrado pelo público infantil, enquanto o tradutor do chinês, observando a restrição linguística quanto ao uso do vocábulo 'coisas', que é aplicado apenas aos seres inanimados, optou por utilizar 'yeshou', vocábulo consagrado em outras traduções, como em *A Bela e a Fera* (Meinü yi yeshou).

Simpósio 75
Tradução literária e as formas do outro

Gilles Jean Abes (UFSC)
Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR)

Resumo Seja no âmbito mais estrito dos Estudos da Tradução, seja nas diferentes perspectivas de estudo da tradução no âmbito dos Estudos Literários e de suas interfaces com áreas como a filosofia contemporânea, a história, a sociologia, a antropologia, a psicanálise etc., a pesquisa sobre a tradução literária, nas últimas décadas, deu passos decisivos na direção de uma compreensão da prática tradutória como atividade de ordem crítica, de natureza necessariamente relacional, interferente e transformadora, e de uma concepção do texto traduzido como objeto que tem uma dimensão própria de alteridade, ou seja, que além de representar uma forma de vida da obra original, constitui, ele mesmo, uma forma singular de vida. De Walter Benjamin a Jacques Derrida, de Samuel Beckett a Anne Carson, de Vilém Flusser a Eduardo Viveiros de Castro, são inúmeros os autores que, nas mais diversas frentes, contribuíram e continuam contribuindo para a construção dessa condição contemporânea da tradução. Entre os autores mais diretamente ligados à prática tradutória e à reflexão sobre a tradução, caberia destacar, aqui, ao menos dois dos mais importantes: Haroldo de Campos, que já em seu ensaio seminal "Da Tradução como criação e como crítica" (Campos, 1992), publicado pela primeira vez em 1963, antecipava (com Ezra Pound) o valor eminentemente crítico da tradução, num recorte epistemológico que, já então, admitia o caráter necessariamente transformador e criativo do gesto tradutório; e Antoine Berman, que, partindo de um imperativo relacional da tradução ("Elle est mise en rapport, ou elle n'est **rien**", Berman, 1984, p.16/ "Ela é relação, ou não é **nada**", Berman, 2002, p.17), assume essa prática nominalmente como "atividade de ordem crítica" (Berman, 1995, p.41) e propõe, a partir disso, tanto uma nova perspectiva crítica (analítica, produtiva) quanto um modo politicamente engajado (anti-etnocêntrico) de pensar a prática e a história da prática da tradução literária. Diante desses ganhos epistemológicos inestimáveis, impõe-se hoje, ao pesquisador da tradução literária, o desafio de tirar consequências teóricas e críticas do simples fato de que o texto traduzido, além de ser outro texto

(diferente do original que traduz), é também um texto outro, ou seja: suas diferenças em relação ao texto original não são necessariamente a manifestação estigmatizante de uma negatividade – como corruptela, como deformação, como deficiência de uma tentativa proverbialmente malograda de reprodução –, mas, sim, a expressão de uma forma singular de dizer o outro. Levando esses pressupostos às últimas consequências, a tradução, no mesmo gesto em que cumpre seu fim mais instrumental de dizer **de novo** o outro, surge também como exercício de um pensamento sobre o outro. Portanto, mais do que o esforço de reescrita de um texto – mas sem deixar de sê-lo, especialmente se reconhecido o valor crítico e relacional desse esforço, desse trabalho, dessa *poiesis* –, a tradução constitui um modo de dar forma ao outro (ao texto, ao autor, à obra etc.) e, por fazê-lo e ao fazê-lo, constitui também um modo de pensar esse outro. É nesse sentido que a tradução implica, igualmente, um modo de regular esse pensamento sobre o outro – e tudo o que ele representa de um outro do pensamento –, na medida exata em que a tradução confirma e/ou confronta, reforça e/ou rasura os modos de entender e de dizer o outro **de novo** em nossa língua. Este simpósio temático abre espaço para contribuições de cunho mais teórico (também num sentido bermaniano da ideia de teoria), que, partindo de questões candentes da tradução ou da leitura da obra teórico-crítica de autores contemporâneos, desejem investir na discussão dos limites e das possibilidades da tradução como um lugar ou até mesmo como uma condição de inscrição e reinscrição de diferentes formas do outro. Também acolheremos, neste Simpósio, trabalhos que se proponham a analisar, numa perspectiva relacional da tradução, os efeitos dessa *mise en rapport* tradutória na elaboração e na reelaboração de um espaço de convivência entre diferentes formas do outro, a exemplo do lugar relacional que se instaura, de modo tão privilegiado, como condição e horizonte da **retradução**. Serão também muito bem-vindas propostas de cunho mais crítico, que, partindo de estudos de caso que se projetem para além da visão da tradução apenas como reescrita, potencializem e problematizem a tradução literária como um modo privilegiado de dar forma a um pensamento singular sobre o texto, o autor e/ou a obra em questão.

"As línguas na língua": quando escrever é (sempre) traduzir

Maria Angélica Deângeli (UNESP)

Resumo A problemática relacionada à língua (do outro) é tema central nas obras de autores de expressão francesa provenientes de ex-territórios coloniais. Para tais escritores, pensar a língua é uma forma de dar voz a si mesmo, às histórias locais e às lutas sociais. Numa sociedade impiedosamente marcada pela exploração humana, o escritor é "a boca dos que não têm boca" (CHEIK KASSÉ, 2005). Nesse contexto, podemos citar o marfinense Ahmadou Kourouma que, a partir de sua obra Le soleil des indépendances (1968), com tradução para o português, O sol das independências (1970), se tornou um dos mais influentes escritores do continente africano. A empreitada de Kourouma consiste em fazer falar os excluídos – ainda que o faça na língua do outro, única condição para a escrita –, denunciando as adversidades impostas pela colonização. Em seu romance Allah n'est pas obligé (2000), também traduzido para o português, Alá e as crianças soldados (2003), Kourouma fala através de uma criança, Birahima, cuja história é narrada por meio do recurso incessante a quatro dicionários. A poética da explicação que caracteriza o romance constitui, segundo Ndiaye (2005), "uma estratégia de desvelamento das retóricas falaciosas destinadas a tornar sensato aquilo que é insensato" (p. 78). Longe de ser uma simples distração para o leitor, o mecanismo do recurso ao dicionário revela as constantes dificuldades do narrador em encontrar palavras "adequadas" para traduzir as misérias de seu mundo. O objetivo desta comunicação é, a partir da leitura da obra de Kourouma e de sua tradução para o português, analisar as estratégias empregadas pelo autor e, consequentemente, aquelas adotadas na tradução, para significar esse intervalo discursivo ocupado pelo outro: a outra língua, a outra cultura e, de forma mais dolorosa, o aniquilamento de sua identidade.

A perda, o umbigo do sonho, a cena primitiva e o intraduzível em Hélène Cixous

Flávia Trocoli Xavier da Silva (UFRJ)

Resumo Em Hyperrêve, 2006, Hélène Cixous formula que "continuar a viver é continuar a perder" e, no entanto, sua própria obra oferece a palavra e a literatura como formas de sobrevivência às destruições do tempo, do destino, e das catástrofes da História. Tais considerações podem ser estendidas ao trabalho de tradução, não somente àquele que estou propondo fazer de Manhattan: lettres de la préhistoire, 2002, de Cixous, como também ao trabalho tradutório colocado em cena pela própria obra literária que dá permissão para que os intraduzíveis – o inconsciente, o esquecimento, o umbigo do sonho – ganhem forma. A questão em torno da tradução também condensa os problemas em torno da diferença, da ficção e da autobiografia. Em H.C, por la vie, c'est à dire, 2002, Jacques Derrida irá deslocar o nome próprio da identificação para a diferença: Hélène Cixous que assina a obra é não só diferente da Hélène Cixous que vive a vida, como esses lados seriam intraduzíveis e irredutíveis um ao outro. Essa lógica vigente entre os nomes se estenderia também para problematizarmos o que está em jogo quando Derrida situa a obra literária de Cixous como "objeto literário não identificado". Para começar a ler essa formulação recorrerei às paixões da literatura que Derrida indica em Demorar: "Não há essência nem substância da literatura: a literatura não é, não existe, não se demora na identidade de uma natureza ou ainda de um ser histórico idêntico a ele mesmo." (DERRIDA 2015, p.38) A hipótese é de que justamente por não ter essência que a literatura pode, viva e aflitamente, receber os traços da autobiografia e do ensaio e colocá-los em processo no coração de sua estrutura. Em processo quer dizer: tanto sem se fixar inteiramente na apropriação de uma identidade ou de um conceito, quanto em movimento um movimento incessante de tradução que, justamente, dá morada aos intraduzíveis.

A tradução da atonia em "Esperando Godot"

Tereza Cristina Damásio Cerqueira (UFBA / UNEB)

Resumo Este trabalho discute questões de tradução da obra "Esperando Godot", de Samuel Beckett, publicada em francês, em 1952. O presente estudo centra-se na tradução brasileira feita por Fábio de Souza Andrade (2005), publicada pela editora COSAC-NAIFY, com o objetivo de analisar em que medida esta tradução traz marcas reveladoras da atonia, enquanto um abatimento moral e / ou intelectual, inércia, de modo a contribuir para o sentido geral do texto. Deste ponto serão observadas as estratégias do tradutor brasileiro para apresentar elementos da cultura, num processo de domesticação, que preserva, de certo modo, a historicidade da obra e seu sentido geral. As versões da peça publicadas em inglês (1954) e em português (2005), bem como "The Theatrical Notebooks of Samuel Beckett", volume 1 (editado por James Knowlson e Dougald McMillan) são os materiais essenciais utilizados para a discussão. Principais autores utilizados para fundamentar a discussão foram: ANDRADE (2001), BECKETT (1952, 1954, 2005, 2019), RICOUER (2011), VENUTI (2002), BRITTO (2012) e KNOWLSON e MCMILLAN (1993-2019) e TAVARES (2015), além, claro, de informações no prefácio e em outros textos do tradutor mencionado.

A tradução de *Maria Stuart*, de Friedrich Schiller, na obra poética de Manuel Bandeira

Sylvia Tamie Anan (USP)

Resumo Em 1955, a pedido do diretor do TBC, Zbigniew Ziembinski, Manuel Bandeira traduz o drama histórico Maria Stuart (1801), de Friedrich Schiller. O poeta pernambucano, que já traduzira poemas de Goethe, Heine, Hölderlin e Rilke, enfrenta então a sua primeira tradução de longo fôlego da língua alemã. Partindo das formulações do pensamento romântico alemão, que encontram o seu ponto alto em "A tarefa do tradutor", de Walter Benjamin, a respeito da tradução como forma, do tradutor como autor e da tradução como exercício integrante do processo de formação do poeta, a análise busca

os traços ínsitos da poética e da versificação bandeirianas que se caracterizam como marcas d'água com que o poeta registra sua presença dentro do texto schilleriano. Recursos recorrentes na poesia de Bandeira, bem como questões levantadas em seus trabalhos críticos, presentes em conferências, crônicas e antologias, são mobilizados de modo a tornar o texto traduzido como indissociável da obra de seu tradutor. Desse modo, a tradução de Maria Stuart pode ser vista como uma obra a quatro mãos, em que Bandeira, a cada escolha feita, manifesta seu próprio entendimento da peça e estabelece um diálogo com o poeta de Marbach.

A Tradução no Concreto: a linguagem poética de e.e. cummings por Augusto de Campos

Ricardo Peres de Almeida (UNIFESP)

Resumo A análise de traduções de poesia é uma forma de estudo e de crítica metalinguística, e por meio dela pode-se refletir sobre aspectos fundamentais da linguagem poética tanto na língua de partida quanto na língua de chegada (CAMPOS, 2013). No caso da poesia concreta, em que elementos estruturais dos poemas ganham notório destaque, torna-se necessário realizar um estudo aprofundado das relações estabelecidas entre os termos, perceber suas nuances e os efeitos poéticos que cada escolha lexical, sintática e estrutural produz. Ao analisar o processo de tradução em si, torna-se visível o elo linguístico que se estabelece entre os dois textos – o original e sua tradução – que, embora em línguas distintas, mantêm uma ligação artística entre si. Nesta pesquisa, propõe-se analisar a tradução de Augusto de Campos dos poemas "Birds", "& sun &", "one" e "insu nli gh t" compostos pelo poeta norte-americano E. E. Cummings, com o objetivo de colocar em evidência os elementos poéticos que o processo tradutório revela, bem como sua complexidade e produção de efeitos. Para tanto, utilizar-se-á como aporte teórico textos que foram fundamentais para a tradução e crítica da poesia concreta no Brasil, sobretudo os de Haroldo e Augusto de Campos.

Amazônia em tradução: as línguas indígenas se fazem presente no romance *Belén*

Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento (UFPA)

Resumo A obra escolhida como objeto desta pesquisa é um romance publicado na segunda metade do século XX. É o romance *Belén*, obra literária da Amazônia escrita em espanhol por um escritor autóctone, Francisco Izquierdo Ríos, que narrou e descreveu aspectos importantes da poética amazônica. O título do romance e a minha identidade regional (pois possuo raízes amazônicas) orientaram em parte a escolha que me fez pesquisar as vozes do romance Belén, narrado em espanhol amazônico e seus vários "afluentes linguísticos" de línguas indígenas (quéchua e tupi) com alguma tímida influência do português brasileiro. Meu projeto de tradução pretende atender a concepção ética do traduzir, fundamenta-se em BERMAN (2002, p. 263-264) quando afirma que "o tradutor obriga o leitor a sair de si mesmo, a fazer um esforço de descentramento para perceber o autor estrangeiro em seu ser de estrangeiro". A tradução das poéticas e saberes amazônicos peruanos nem sempre são simples, pois a identidade cultural da Amazônia brasileira não é a mesma da Amazônia peruana. Este projeto de tradução o qual escolhi preza pelo não apagamento das línguas indígenas presentes no romance traduzido. Alberto Chirif (2016), ao analisar a influência das línguas indígenas no espanhol amazônico do Peru, reconhece que a língua do tronco quéchua e a língua do tronco tupi são as que mais influenciaram o espanhol da região. O enredo que se constrói, à primeira vista, de forma linear, mas aos poucos vai se tornando descontínuo, descrevendo a diversidade típica da Amazônia, nos recortes intercalados na narrativa com letra de canção, poemas, contos orais, e uma infinidade de palavras de origem indígena, quéchua e tupi, já internalizadas no espanhol amazônico.

De Proust a Czapski: da tradução à obra

Francisco Renato de Souza (UFRJ)

Resumo Em *O tempo redescoberto*, último volume de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, o narrador, dentre as muitas reflexões que a revelação das reminiscências lhe suscita a respeito da elaboração da obra literária, enuncia que "o dever e a tarefa do escritor são os do tradutor". A citação enfatiza a concepção de Proust sobre a literatura, através da qual se poderia compreender a verdadeira vida, que, uma vez redescoberta, seria a única realmente possível de ser vivida. Desse modo, para escrever a sua obra, o escritor não precisa inventá-la efetivamente, uma vez que ela já existe dentro de cada um de nós, sendo o seu dever e tarefa traduzi-la por meio do estilo. Na sua concepção de criação literária, Proust dá ao leitor um papel de relevância, pois, a partir da atmosfera poética das imagens que lhe são reveladas pelo escritor, aquele que lê faz uma leitura do mundo e de si mesmo, sendo o livro um instrumento de óptica que lhe permite ter essa percepção que, do contrário, talvez não lhe fosse possível. Joseph Czapski, em Proust contra a degradação, percorre o exercício tradutório proposto por Proust para a elaboração literária não como fonte de inspiração artística, mas como forma de resistir à aniquilação moral e intelectual durante o período em que permaneceu como prisioneiro de guerra entre 1940 e 1941 no gulag de Grjazovec. Partindo unicamente do resgate de memória da sua leitura da Busca para compor os relatos feitos aos companheiros de confinamento, Czapski passa da posição de leitor à de autor, ao transformar a realidade em um mundo novo para si e para o outro. Pretende-se, então, analisar o ato tradutório na composição de Proust contra a degradação a partir das etapas pelas quais Czapski passou, da dificuldade inicial como leitor estrangeiro de Proust até as transcrições dos relatos que se fariam livro: originalmente em sua língua materna e, depois, na sua própria tradução da obra do polonês para o francês, língua na qual a sua matriz, a Busca, fora escrita.

Dimensões da alteridade em duas traduções de *A Pornografia* de Witold Gombrowicz

Janina Rodas (UFPR)

Resumo *A Pornografia* (1960), romance de Witold Gombrowicz, foi traduzida para o português três vezes, a primeira por Flavio Moreira da Costa, em 1970; a segunda por Tati de Moraes, com revisão do polonês por Yan Michalski, em 1986, e a última por Tomasz Barcinski, em 2009. As duas primeiras traduções tiveram como texto fonte a tradução francesa do romance por Georges Lisowski, publicada em 1962. É justamente sobre essas duas primeiras traduções para o português de que nos ocupamos. As traduções são abordadas a partir de uma perspectiva relacional, não somente com o texto fonte ou entre elas, mas também, e em igual medida, com outros os elementos que dialogam com o texto traduzido (tanto no processo de escrita, quanto na recepção) e que possuem papel fundamental (com maior ou menor intensidade) na construção dessas diferentes formas de escrever e inscrever o outro em português. Assim, pensa-se essas duas traduções de *A Pornografia* em relação ao contexto de época; à recepção crítica; ao tradutor enquanto sujeito e enquanto voz inscrita no texto; ao projeto tradutório de cada um; à materialização da tradução em objeto livro; às construções do autor e do romance em outra língua; à questão de gênero; à prática tradutória enquanto crítica e aos diálogos estabelecidos entre as traduções, para, com isso, realizar um estudo sobre a tradução que compreenda as possíveis dimensões da alteridade envolvidas nos processos de produção e recepção da tradução. Dessa forma, o estudo é permeado pela concepção de crítica da tradução de Antoine Berman, dialogando com diferentes teorias da recepção, comunicação (ao tratar da imprensa) e abordagens referentes à autonomia do texto traduzido e do tradutor.

Haroldo de Campos: isomorfismo e configurações do radicalmente outro na língua outra

Matheus Jacob Barreto (USP)

Resumo Durante pelo menos 40 anos – a contar do aparecimento de "Da tradução como criação e como crítica", proferido em 1962, mas publicado apenas em 1963 – grande parte da reflexão brasileira sobre tradução passou pela mesa de Haroldo de Campos (1929-2003). Campos propõe nesse texto o entender do texto traduzido como uma "criação paralela, autônoma porém recíproca" (CAMPOS 2011: 34), e que seria, em relação ao texto a ser traduzido, "uma outra informação estética, autônoma, mas ambas [...] ligadas entre si por uma relação de isomorfia" (Idem). Assim, ao apresentar seu conceito de "isomorfia", Campos simultaneamente desafia a noção tradicional de tradução como um transporte (o transporte de uma completude linguística da margem de uma língua à margem oposta – a de outra língua) e abre espaço para a noção de criação autônoma (mas recíproca) no traduzir. Pretendo em minha comunicação investigar especificamente a relação entre esse primeiro momento da reflexão tradutória de Haroldo de Campos (no início da década de 60) e dois textos de autores que lhe foram centrais (e formativos): o "Präliminarien zu einer Theorie der Literatur" (1957/1958) de Albrecht Fabri (1911-1998) e o "Das Existenzproblem der Kunst" (1958) de Max Bense (1910-1990). Ambos os textos lhe foram base (cf. CAMPOS 2011: 31) para o entendimento do "texto criativo" (Idem, 34) como inseparável de uma realização linguística particular, e portanto só passível de tradução se essa tradução for uma nova criação, inseparável de uma outra realização linguística particular que, necessariamente, é moldada pelas idiossincrasias do julgamento crítico de um tradutor em relação ao texto que traduz. A tradução do radicalmente outro só pode se dar, então, através da criação do radicalmente novo. Pode-se dizer, assim, que é a partir da leitura dos dois curtíssimos textos alemães que Campos inaugura os 40 anos de escrita sobre a potente e complexa relação entre o eu que traduz e o outro traduzido.

O feminino e a verdade na tradução

Iamni Reche Bezerra (UNICAMP)

Resumo Proponho apresentar reflexões sobre a tradução a partir das discussões acerca da verdade e da mulher realizadas pelo filósofo Jacques Derrida. Minha hipótese é a de que o feminino seja, em Derrida, um outro nome possível para a tradução. Para tanto, recuperarei a leitura derridiana de Nietzsche presente em três principais textos: "A Estrutura, o Signo e o Jogo" (1971), "Os fins do homem" (1991), e a obra Esporas: estilos de Nietzsche (2013). Já em suas obras iniciais, Derrida aponta para os gestos desconstrutores que reconhece no texto e no estilo do filósofo prussiano, afirmando que Nietzsche "teria contribuído fortemente para libertar o significante de sua dependência ou de sua derivação com referência ao logos e ao conceito conexo de verdade ou de significado primeiro." (DERRIDA, 1999, p.22-23). Anos depois, em Esporas, Derrida se utiliza da imagem do véu para compreender o afastamento de si da verdade nietzschiano, em que "a 'verdade' não seria mais que uma superfície, ela não se tornaria verdade profunda, crua, desejável, senão pelo efeito de um véu" (DERRIDA, 2013, p.39). Desta leitura, me interessa pontualmente refletir como a reformulação da VERDADE enquanto um jogo de remetimento infinito de rastros (não mais a "verdade" falogocêntrica) é tomada por Derrida na sua construção de um pensamento sobre a mulher e a tradução. Apresentarei, ao final, uma breve leitura da cena do tribunal de O mercador de Veneza interpretado por Derrida em "O que é uma tradução 'relevante'?" (2000), dando especial atenção à Portia, mulher travestida de verdade da lei em uma cena de julgamento e conversão.

O jogo infinito de máscaras: Plauto e Sastre autores do mesmo texto

Sergio Maciel Junior (UFPR)

Resumo Esse trabalho propõe-se a analisar as formas de construção do texto sastreano Os deuses e os cornos à luz dos jogos teatrais empregados Plauto em sua comédia, com ênfase, sobretudo, no famoso

texto d'O Anfitrião, que serve de modelo ao autor catalão. Investigando os limites da consciência metateatral na criação de um jogo de máscaras que tende ao infinito e colocando em xeque inclusive a questão de autoria e de origem do texto, pretende-se discutir questões filosóficas extraídas da obra da filosofa francesa Barbara Cassin, como o conceito de não-aristotelismo, que está no texto e reflete também na escrita e no ato da tradução. Trata-se em última análise de investigar como a cópia pode ser e não ser a mesma coisa que o original a partir de duplicação das personagens e, com isso, transferir ao ato de escrever e ao exercício tradutório.

Os objetos na poesia, a poesia-objeto e a tradução: o caso William Carlos Williams

João Pedro Moura Alves Fernandes (PUC-Rio)

Resumo Visando estabelecer um recorte da obra de William Carlos Williams, a fim de perseguir os interesses tradutórios que fundamentam o seu projeto de mestrado em andamento ("A inventividade de William Carlos Williams em tradução", no Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, PUC-Rio, sob orientação de Paulo Henriques Britto), o autor deste trabalho defrontou-se com questões de poética e teoria literária cuja importância se faz notar pela repercussão no debate crítico e criativo brasileiro. Ao identificar a recorrência de poemas em que o poeta estadunidense busca suprimir a subjetividade para abordar e comunicar objetos simples do cotidiano de forma austera, eficiente e objetiva, segundo o lema "no ideas but in things", o autor (na função de tradutor-crítico-criador) empenhou-se em reativar, nestas linhas, o debate sobre a circulação de objetos do cotidiano no texto poético e do texto poético como objeto no cotidiano — ou ainda, em outras palavras, sobre a relação de certa concepção da poesia como modo singular de apresentar alteridades e da poesia como um objeto singular entre outros, uma alteridade entre singularidades. A primeira etapa do trabalho visa produzir compreensões sobre poéticas "objetivas", como a de parte da obra de Williams aludida, avaliando suas implicações teóricas em paralelo com célebres estudos sobre a relação texto-coisa. A segunda etapa do material visa, a partir das compreensões produzidas, mediar

teorias de tradução que consideram o texto traduzido em sua singularidade relacional e responder a algumas questões, entre as quais: como pensar a diferença entre o texto na língua de chegada e o texto na língua de partida, na medida em que este já encerra em si a diferença fundante entre o texto-objeto e o objeto? Seria, a tradução de poemas gestados segundo tal ideal relacional (apresentação singular e austera, "no ideas but in things"), a produção de um segundo processo de (re)criação de/em linguagem de alteridades?

Paulo Leminski, tradutor de Maiakóvski

Ivan Justen Santana (UNINTER)

Resumo Paulo Leminski produziu uma obra plural, explorando e exercitando diversos gêneros literários, bem como adotando procedimentos do Concretismo para estender os limites de sua produção poética além do tradicionalmente considerado como literário. Nesse sentido, seguiu a lição de Ezra Pound, quanto a considerar que a poesia estaria mais próxima das artes plásticas e da música do que da prosa literária. Tal lição poundiana chegou a Leminski também pelas teorizações e práticas de criação dos proponentes do Concretismo, os três poetas e críticos que formaram o grupo Noigandres (irmãos Augusto e Haroldo de Campos, e Décio Pignatari). Leminski foi conhecê-los pessoalmente em 1963, em Belo Horizonte, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, conforme consta na biografia "Paulo Leminski: o bandido que sabia latim" (VAZ, 2001, p. 68). Seguindo os exemplos de Pound e do grupo Noigandres, além da criação e da crítica, Leminski se dedicou à tradução. A qual se caracteriza como atividade que combina criação e crítica, como defende Haroldo de Campos, num de seus mais importantes textos críticos. O objetivo desta comunicação é apresentar um estudo de caso: uma tradução de poema de Maiakóvski ("Baku"), publicada por Leminski no jornal paranaense Diário da Tarde, em 1964. A partir dessa tradução e do respectivo texto crítico de Leminski, pretende-se discutir: as características de Leminski como tradutor, considerando o volume e as qualidades de sua produção nesse âmbito; a quais ideias sobre a tradução é possível filiar essa produção tradutória, além da óbvia vinculação às reflexões de Pound e do grupo Noigandres.

Ritmo e poesia traduzida: princípios de expressão em "Mesmerism", de Ezra Pound

Guilherme de Oliveira Delgado Filho (UFPR)

Resumo Poeta de inegável importância para a moderna poesia de língua inglesa, o estadunidense Ezra Pound (1885-1972) é a grande motivação desta comunicação. Seu terceiro livro de poemas, "Personae", de 1909, é aqui entendido como um título paradigmático por reunir sistematicamente a formulação das chamadas "máscaras poundianas": máscaras pelas quais Pound se apropriava das "personae" de poetas do passado através de um exercício complexo na adoção da técnica, voz ou características desses mesmos autores no intuito de revivificar e reapresentar tradições que julgava importantes, mas também moldar uma linguagem pessoal, conforme apontou Brooker (1979). Dentro dessa lógica, o impacto do poeta inglês Robert Browning (1812-1889) é sentido fortemente nos primeiros poemas de Pound, sobretudo em "Mesmerism", onde a capacidade de o poeta estadunidense manipular o ritmo em favor de sua expressão é algo digno de nota. Desse modo, examinaremos como o tom irônico que perpassa todo o poema se beneficia do seu ritmo ternário, ou seja, da rapidez, leveza e facilidade com que flui, para, em um segundo momento, apresentarmos uma correspondência rítmica em nossa tradução. Com isso, buscaremos comentar não apenas o diálogo explícito que Pound mantém com Browning neste poema, mas sobretudo os meios utilizados para responder aos anseios de nossa teoria, que preza por relativizar extremos e assumir uma perspectiva prática de tradução a partir de reflexões de Britto (2012) e Flores (2014).

Tradução em fuga: de Marcel Proust a Clarice Lispector, ou vice-versa

Patrick Gert Bange (UFRJ)

Resumo O segundo romance de Clarice Lispector, O lustre, 1946, de acordo com Carlos Mendes de Sousa, "parece ter sido modelado no exemplo de uma decisiva leitura", a saber, Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. Também em A cidade sitiada, 1949, há de

se pensar no modo como se lê a presença-ausência de Proust na escrita de Clarice, esse trabalho em torno da "possibilidade de rumor que a escuridão favorece", que ressoa "o rumor das distâncias atravessadas" da memória involuntária proustiana. Em A cidade sitiada, entretanto, não há memória involuntária, é a própria cidade que desponta, não num susto, nem pelo acaso, mas pelo tortuoso trabalho do progresso. Para ler essa relação de proximidade e distância, proponho que um modo justo e inventivo de leitura procure nessas obras literárias (pequenas) teorias da tradução que ofereçam modos de ler o fluxo tradutório de uma obra a outra. Esse gesto não é anterior, nem independe das duas obras. Lembremos que, para o narrador proustiano, "o dever e a tarefa do escritor são as do tradutor", e que, ao ler e traduzir a Recherche, Walter Benjamin, no ensaio "À imagem de Proust", que traduzi, redoa a imagem de uma pesca, em que "o cheiro, esse é o sinal do peso para aquele que lança sua rede ao mar do temps perdu". Uma imagem semelhante é construída por Clarice, em "A pesca milagrosa", para dizer de uma teoria da entrelinha, isto é, quando a não-palavra, mordendo a isca, se traduz em palavra. A hipótese é de que o que está em jogo nesses dois romances de Clarice, O lustre e A cidade sitiada, ganha legibilidade quando lido em relação e em disjunção à escrita de Proust, repercutindo também para outros textos bem mais conhecidos da autora. Essas operações de leitura são operações de tradução, em que o que resta não-traduzido aponta para a irredutibilidade de uma e outra obra, numa espécie de "tradução em fuga".

Traduzir Maurice Blanchot: uma proposta ética de tradução em relação ao outro estrangeiro

Davi Andrade Pimentel (UFF)

Resumo Enquanto pesquisador e tradutor da obra crítica e ficcional do escritor francês Maurice Blanchot, penso a tradução a partir de três perspectivas: a primeira, como um ato ético, lembrando Antoine Berman, em A tradução e a letra ou o albergue do longínquo; a segunda, pensando em Le temps et l'autre, de Emmanuel Levinas, como uma relação de responsabilidade para com o outro, entendendo-o não como um outro-eu-mesmo, mas como um completamente

outro; e a terceira, como um ato de hospitalidade, no qual o outro, o estrangeiro, pelas leis da hospitalidade, é digno de morada, como ressalva Jacques Derrida, em De l'hospitalité. Ou seja, a meu ver, a tradução não se limita apenas à travessia entre-línguas, e nem simplesmente à tradução que fazemos a todo instante em nossa língua. Nesse sentido, traduzir confirma-se como um ato ético em relação ao outro estrangeiro, o qual devemos hospedar em nossa língua, respeitando, sempre que possível e trabalhando para tanto, a sua estrangeiridade. Todavia, ao fazermos um cotejamento em alguns livros traduzidos de Blanchot para o português, encontramos algumas questões que tanto se opõem ao trato que deve ser estabelecido com o outro, quanto a possível gênese da dificuldade que alguns leitores brasileiros têm ao se deparar com o texto blanchotiano. Cito um exemplo: em A conversa infinita 3: a ausência de livro [L'entretien infini], há um erro de tradução no título e nas notas de rodapé do capítulo "La voix narrative (le 'il', le neutre)" ["A voz narrativa (o 'eu', o neutro)"], no qual o "il" é traduzido por "eu", e não por "ele", sendo esse erro bastante grave, pois corrompe um elemento importante da teoria do escritor, colocando-o em rota de colisão com os demais textos de Blanchot, quando o "il" é traduzido por "ele". Com isso, questiono-me e proponho-me a pensar o (não) lugar do outro-estrangeiro-Blanchot na língua-morada dos tradutores brasileiros e as consequências resultantes desse (não) lugar para a tradução de sua obra no Brasil.

Simpósio 76 - Trânsitos plurais nos diálogos Brasil-Rússia

Denise Regina de Sales (UFRGS)
Sonia Branco Soares (UFRJ)

Resumo Este simpósio abre espaço para discussão de temas relativos à Rússia e à Europa do Leste, na esteira do trabalho iniciado em 2006 por Bruno Gomide e Claudia Drucker, que já previam uma perspectiva interdisciplinar e comparativa. No entanto, o atual estágio de consciência das formas de exclusão e negação do outro como política vulgar não só nos convida a pensar na circulação de pessoas, ideias e saberes de modo ainda mais integrado e muito além de conceitos restritivos, mas também nos desafia a buscar novas formas de aproximação e relação entre aqueles velhos objetos, temas e culturas. As pesquisas comparatistas, via de regra, visam debater questões das literaturas russa e brasileira diante da chamada literatura universal, em um diálogo que pode ocorrer por meio de pesquisas sobre tradução, pesquisa de fontes documentais ou interpretações. E uma das hipóteses que sempre orientou esse grupo é a de que a literatura russa tem, desde finais do século XIX, mas principalmente no séc. XX, uma importância especial para a brasileira, por ter sido a primeira literatura periférica ou semiperiférica a alcançar o status de literatura universal, acenando para o dito tolstoiano de que não se pode falar para o mundo senão a partir da própria aldeia. Esta asserção, de certa forma, afirma o caráter nacional das literaturas, que se definem, no final de contas, pelo idioma da escrita. Assim, o que se convencionou chamar de "literatura russa" abrange, na verdade, um grande espectro de obras de autores de etnias diversas (como os tchuvaches, tártaros, iacutos, georgianos), além de eslavos diversos (como os ucranianos, bielorrussos), desde que realizadas em língua russa,em diversas épocas. Entretanto, nesse diálogo comparatista, manifestam-se questões literárias relacionadas aos cerca de 200 povos que habitam a Rússia, e que nos trazem à mente igual número de povos que habitam o Brasil. Do ponto de vista da literatura indígena brasileira, o que poderíamos inferir, ao observarmos o programa russo que reconhece a existência de mais de 80 línguas de expressão escrita dentro desuas fronteiras e atua em apoio daquelas literaturas? Segundo dados do programa, são escritas e publicadas obras literárias em quase 60 dessas línguas e, nos últimos dois

anos, com recursos próprios, foram lançadas três coletâneas bilíngues (com traduções para a língua russa), incluindo obras em poesia de 229 autores, originalmente escritas em 57 línguas diferentes; literatura infantojuvenil de 201 autores, em 55 línguas; e obras em prosa de 116 autores, em 50 línguas. Em que essas produções se assemelham, por exemplo, ao catálogo da editora Maracá, dedicada à publicação da literatura indígena brasileira. Há, nas literaturas, traços da circulação desses povos que, como atestam historiadores, seriam originários da Sibéria? As discussões sobre o caráter nacional, embora sigam importantes, parecem não dar mais conta do sentido de realidade. Se, por um lado, há a defesa da "não identidade" como forma de representação de um mundo plural e em trânsito, onde a migração contínua, voluntária ou compulsória, imprime às manifestações artísticas um caráter desvinculado dos conceitos de nação e de língua nacional, por outro, tem ocorrido o fortalecimento de manifestações étnicas de povos tradicionalmente reprimidos, escravizados e colonizados, que se voltam para a língua e cultura originárias como meio de autopreservação. Como a literatura comparada pode nos ajudar a entender a convivência desses fenômenos sem subordinar todos eles ao cânone antes inquestionável? As utopias que pareciam fazer o mundo avançar desde o mito de Eldorado, que povoou as mentes na descoberta das Américas, eaté a ideia de comunismo, que alavancou as revoluções recentes, hoje não impulsionam mais a História. Deslocaram-se para um horizonte de incertezas. Diante de nós se coloca, portanto, o desafio de buscar novas abordagens literárias e ressignificar o comparativismo no nosso campo. Temos duas tarefas simultâneas: a de dar seguimento às pesquisas tradicionais do campo da eslavística brasileira (estudos dos clássicos russos),e a de apoiar as pesquisas que surgempor exigências da realidade contemporânea, impulsionadas pelo desejo de compreender os novos trânsitos literáriosentre o Brasil(em sua inserção no contexto latino-americano) e a Rússia (no contexto da Europa do Leste). Os cruzamentos entre local, regional, nacional e mundial e as possibilidades de diálogos transdisciplinares entre literatura, ciências humanas, cultura e tecnologia norteiam essa busca. Nessa nova configuração, a tradução permanece como força agregadora e definidora de repertórios, tal como se definiu desde o início das pesquisas eslavísticas no Brasil.

A autoconsciência deflagradora da cisão da alma em A dócil, de Dostoiévski

Samara Alves (UFRGS)

Resumo A força e a profundidade subjetivas, que constituem as obras de Dostoiévski, são canonizadas pela crítica literária, percebendo-se que sem o mergulho no íntimo não é possível imaginar o realismo e a vitalidade artística deste escritor. Entretanto, entender a obra de Dostoiévski apenas como um realismo psicológico é redutor. Nele, o eficaz consistia em recriar o real de modo mais completo e autêntico, com um realismo que abrangesse a realidade em toda sua plenitude, com ênfase naquilo que decorre das profundezas da alma humana representada. E nesse momento de busca, de tentativa de retratar, de criar com maior similitude os instantes de choque, de efervescência dos contrários, do fluxo de consciência, no momento de impacto ao ver o corpo da esposa suicida, o instante em que o controle racional se esvai, chamaríamos de realismo, ou como o próprio escritor define seu texto, fantástico? A dócil (1876) penetra em uma problemática absolutamente atual: a fatalidade humana ligada ao egoísmo, ao orgulho, à vaidade, à arrogância, à mesquinhez e a ideias fixas. Constituindo-se de um monólogo interior de um narrador personagem diante da esposa, que acabara de cometer suicídio, mesclando passado e presente, por meio de uma linguagem que vai se modificando ao longo da narrativa, incide no choque, deflagrador da crise, de espírito ou de consciência, refletindo-se diretamente na linguagem. Desse modo, impossibilita a fluidez, configurando uma linguagem revestida de tensões, abrupta e interpolada. Para o complexo mergulho à procura do humano no humano e transportá-lo para externo, transformá-lo em palavras, em ficção, o autor precisa se permitir a fantasia, para, ironicamente, entregar ao leitor a mais real e verdadeira narrativa. Assim, esta comunicação se propõe a olhar para A dócil, que traz a tomada de autoconsciência de uma personagem, profundamente despedaçada, mas que talvez seja incapaz de modificar a sua natureza.

A Ilha de Sacalina e *Os Sertões*: ciência, literatura e a violência do Estado

Lia Nogueira Marques (USP)

Resumo *A Ilha de Sacalina*, de Anton Tchékhov, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha são relatos de viagem. O primeiro trata da experiência do autor na condição de médico numa colônia penal, ao passo que, no segundo, o autor está na condição de jornalista cobrindo os eventos da Guerra dos Canudos. Tratam-se, assim, de obras que se encontram na fronteira de diferentes gêneros – relato de viagem e narrativa literária – e discursos – científico/jornalístico e literário. Em A Ilha de Sacalina, o centro da estrutura literária está na posição do narrador e em como ele cria um universo a partir da sua percepção, mas também abre espaço para a percepção do "outro" na forma das anedotas. Junto ao narrador, está sua ligação com a natureza e com as descrições que ele faz da ilha, a partir dessas duas construções – descrições e anedotas – o narrador é capaz de fazer críticas ao sistema. Em Os Sertões, a literatura e a ciência se organizam de maneira diferente, mas coexistentes, como uma maneira de parte central e borda. Da mesma maneira, a ciência e o jornalismo funcionam para as explicações da terra, do homem e da guerra, sendo ora pontual, ora totalizante no texto. Porém, as descrições são ao mesmo tempo parte integral do funcionamento da mimesis. Ainda que em estruturas diferentes do uso da ciência e literatura, tanto Os Sertões como A Ilha de Sacalina expõem a violência do Estado, seja em uma guerra e consequente dizimação da população, seja em uma colônia penal distante de tudo e de todos.

A representação da sociedade ideal desde "Utopia", de Thomas More, até o quarto sonho de Vera Pávlovna, de Nikolai Tchernychévski

Camilo Jose Teixeira Lima Domingues (UFF)

Resumo Ainda no início do século XVI, o inglês Thomas More (1478-1535) narraria uma viagem fictícia que o viajante português Rafael Hitlodeu teria feito à "Ilha de Utopia". Naquela ilha, a sociedade

funcionava de maneira harmoniosa, livre dos problemas e contradições da Europa moderna. O viajante descreveria em detalhes os princípios e o funcionamento daquela sociedade, desde a sua organização política até as vestimentas de seus habitantes. Aproximadamente trezentos e cinquenta anos depois, em 1863, Nikolai Tchernychévski (1828-1889) também reproduziria uma sociedade ideal em seu romance "O que fazer?", no quarto sonho do personagem Vera Pávlovna. Também ali o autor descreveria a maneira como se organizava aquela sociedade do futuro, desde a organização do trabalho, até o entretenimento de seus habitantes. Entre as representações de More e de Tchernychévski, diversas outras imagens de uma sociedade ideal ou futura seriam levadas a público através do que seria conhecido como narrativas utópicas, como a comunidade de Clarens, retratada por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em "Julie ou a nova Héloïse" (1761), ou até mesmo o falanstério, de Charles Fourier (1768-1830). Assim, com base nos registros pessoais e públicos do crítico e escritor russo, esta comunicação tentará construir uma linha histórico-literária de representação da sociedade ideal ou utópica, desde More até o próprio Tchernychévski.

A tarefa da crítica: L.S. Vygótski e os formalistas

Priscila Nascimento Marques (USP)

Resumo A crítica literária aparece como atividade decisiva para os rumos da literatura russa e, por extensão, para constituição de todo debate social da intelligentsia russa desde pelo menos o século XIX. Dentro de uma longa tradição crítica e jornalística engajada, a chamada publicística (publitsístika), pretendemos discutir neste trabalho as concepções desenvolvidas por L.S. Vygótski (1896-1934) em sua obra inicial – desenvolvida especialmente entre os anos de 1915 e 1925 – e a visão de representantes do Formalismo Russo, particularmente de Boris Eikhenbaum (1886-1959). Interessa-nos compreender como ambos autores concebem a arte, a tarefa do crítico e as possíveis tensões existentes entre esta e o fazer científico. Serão analisados textos vygotskianos do período de Gomel (1922-23), seu ensaio sobre Hamlet, de 1915, e Psicologia da arte, de 1925, e dois artigos de Boris Eikhenbaum, inéditos em português, "Nujna kritika", de 1924, e "Riétch o kritike", de 1918.

Da Amazônia aos pampas, dos pampas à estepe: pontos da tradução russa de *Linha do parque*, de Dalcídio Jurandir

Raphael Bessa Ferreira (UEPA)

Resumo O presente trabalho tem o objetivo de analisar, à luz dos pressupostos da crítica tradutológica, as perdas e equivalências léxico-semânticas, bem como estilísticas, da tradução russa do romance Linha do Parque, do escritor paraense Dalcídio Jurandir, realizada por Yuri Kaluguin, no intuito de discutir alguns pontos essenciais à compreensão de como a tradução de um texto literário é criação, recriação, transcriação e manipulação do texto de partida (a obra em sua língua original). Deste modo, salienta-se que o texto de chegada (a tradução em si) é nada menos que um texto complementar e suplementar à obra original, e que traz à baila elementos culturais, ideológicos e estéticos oriundos do universo linguístico daquele tradutor/intérprete. No caso aqui específico, o universo romanesco dalcidiano tem como mote ao seu enredo a ideologia política do pensamento progressista soviético, bem como é alicerçado nas discussões sobre as lutas de classe, a revolução bolchevique e o embate entre o proletariado e a burguesia. Romance publicado no ano de 1952, no Brasil, após encomenda do PCB ao escritor paraense, e que chega em solo soviético no ano de 1963, ainda que não totalmente baseado nos caracteres do realismo socialista, conforme apregoava Trotsky (2007), Linha de Parque foge às tendências e estilo já vistos no conjunto de obras do ciclo do extremo-norte dalcidiano. Para dar conta de tal empreitada, serão utilizados como aportes teóricos da pesquisa alguns dos postulados de autores da crítica tradutológica, tais como Aslanov (2015), Schnaiderman (2015) e Meschonnic (2010).

Eisenstein, teórico da intermidialidade

Erivoneide Marlene de Barros Pereira (UNICAMP)

Resumo Serguei Eisenstein dedicou-se a refletir sobre as artes e suas interações desde o início de sua trajetória artística. Em 1924, ao estudar a montagem de atrações, identificou o movimento expressivo como um fenômeno estético comum ao teatro e ao cinema capaz

de provocar choques emocionais e conduzir o espectador, transformando-o em um elemento da obra. A partir desses estudos iniciais, Eisenstein estabeleceu um sistema de análise das artes para compreender as características da cinematografia. Embora analisar as artes de um ponto de vista comparatista não seja um dado essencialmente original, o projeto eisensteiniano de mapear aspectos similares da construção artística é relevante ao encaminhar um método geral de compreensão e criação para as artes. Nessa perspectiva, Eisenstein analisa a cinematografia além da mídia cinema, evidenciando aspectos cinematográficos presentes em diversas obras anteriores à invenção do cinema, o que ficou conhecido na crítica eisensteiniana como cinematismo. O cinema, portanto, seria uma espécie de "obra de arte total" da modernidade. Ainda que seja um projeto incompleto, existente apenas em notas e partes de artigos publicados, o material indica uma natureza intermidiática dos estudos teóricos de Eisenstein ao ressaltar a pertinência do espaço inter das artes. O que pretendemos, nesta comunicação, é apresentar as bases que constituem o projeto eisensteiniano, Método, destacando as aproximações entre literatura e cinema, e propor uma leitura atual dos estudos das diferentes linguagens artísticas desenvolvidos por Eisenstein em confluência com o conceito de intermidialidade nas perspectivas de Jürgen E. Müller e Claus Clüver.

Jakobson na Checoslováquia: Emigração. Linguística. Espionagem?

Valteir Vaz (USP)

Resumo Esta comunicação é sobre o período que o linguista russo Roman Jakobson viveu e trabalhou na Checoslováquia, ou seja, se estende de julho de 1920 a setembro de 1939, e está estruturada em torno de aspectos biográficos e acadêmicos. Dentre as áreas de seu interesse durante seus quase vinte anos na capital tcheca, merecem destaque a teoria linguística, a geografia linguística, os estudos de prosódia, a morfologia, a teoria do verso, a literatura eslava medieval, o folclore, os estudos sobre teatro e filme. Sua saída de Moscou em 1920 como tradutor da Cruz Vermelha Soviética para Praga estava associada a suas habilidades linguísticas, particularmente sua

familiarização com idiomas estrangeiros e com dialetos falados nas fronteiras de seu país. Como já era esperado, Jakobson e os demais membros da comissão foram recebidos com indiferença, desprezo e muita desconfiança pela sociedade tcheca: uma onda anticomunista varria o país. Aí receberam todo tipo de desprezo e aborrecimento. Pairava a suspeita de que na verdade não se tratava propriamente de uma missão com ideais humanitários, mas de um grupo pertencente ao serviço secreto soviético, com propósitos diversos, entre eles o de libertar e repatriar soldados russos presos na região desde a época do Império Habsburgo. Muito pressionado pelas autoridades locais sob a forte suspeita de espionagem, Jakobson se desvencilhou do serviço da Cruz Vermelha no final de 1920, mas, misteriosamente continuou a receber proventos de Moscou. O fato aumentou as desconfianças e a tão desejada vida acadêmica parecia estar ficando mais distante. Quando dos piores dias em Praga, difamação seguida de difamação, correu-se o boato de que o "verdadeiro" Jakobson havia sido assassinado, logo, o linguista que lá se encontrava era, na verdade, um impostor. Durante seus quase vinte anos no país, Jakobson nunca deixou de estar sob o olhar atento das autoridades tchecas.

Lendo Púchkin à luz de Schlegel: ironia romântica no romance em versos Evguêni Oniéguin

Gabriella de Oliveira Silva (UFRJ)

Resumo Considerado o fundador da literatura russa, Aleksandr Púchkin (1799 – 1837) deu voz a todas as linguagens do heterodiscurso de sua época e as representou com toda sua originalidade e contato com a realidade viva, permitiu que a linguagem dos aristocratas convivesse com a dos mujiques, promoveu o diálogo entre diferentes estilos, conjugou termos do eslavo eclesiástico e do russo popular, relacionou elementos de diversos gêneros, – líricos, épicos e cômicos –, em uma mesma obra. Regida pelo princípio da contradição, a obra mais estudada de Púchkin é o híbrido romance em versos Evguêni Oniéguin (1833), que busca a prosa através do verso. Para Roman Jákobson (1896 - 1982) e Iúri Lótman (1922 - 1993), a força motriz de Evguêni Oniéguin é a ironia romântica, que permite a apresentação de um mesmo objeto sob pontos de vista contraditórios. Púchkin, o

poeta-narrador, divide a estrutura do romance entre o enredo, digressões reflexivas e diálogos com o leitor, por meio dos quais realiza a autocrítica da obra, tornando-a metaficcional e regida pelo questionamento crítico da obra de arte que é intérprete de si mesma, uma das características da ironia romântica postulada pelo romântico alemão Friedrich Schlegel (1772-1829). O objetivo desta comunicação é expor o conceito de ironia romântica, definida por F. Schlegel como forma do paradoxo, como o princípio estrutural de Evguêni Oniéguin, que permite a coexistência de linguagens e estilos dissonantes sem prejudicar a unidade e harmonia da obra; e atestar como Púchkin, raramente incluído entre os autores irônicos na crítica literária-ocidental, pode ser legitimado como o artista concebido por F. Schlegel; e como Evguêni Oniéguin pode ser caracterizado como poesia universal progressiva, gênero em devir, também idealizado pelo romântico, que busca a mescla da prosa e da poesia e que, por meio da reflexão, oscila entre o exposto e aquele que expõe.

Narrativa e tempo em crise: uma análise sobre a escrita de Svetlana Aleksiévitch

Rebeca Alexandre Magno (UFRJ)

Resumo Abordar a escrita de Svetlana Aleksiévitch implica em defrontar-se com os desafios de constituir o passado através de uma trama complexa e heterogênea. Afinal, trata-se de uma escrita extensa composta de múltiplos e variados testemunhos transcritos que revelam a história do pequeno e do cotidiano por trás dos eventos que marcaram a Grande História, principalmente a soviética. Aleksiévitch, no entanto, não faz das palavras ditas pelo outro um canal para o passado como ele aconteceu, mas como um meio de transmissão da complexa trama que foi o "drama soviético". Através de múltiplas perspectivas, são reveladas ao leitor tanto imagens de eventos traumáticos quanto a insustentabilidade da realização de um discurso histórico e de uma identidade bem delineados. Desse modo, percebe-se na obra definições em crise: a do "homem soviético" após o fim da União Soviética, a da representação do "real" na literatura contemporânea, a da credibilidade da obra de não ficção. Quando laureada com o Nobel da Literatura em 2015, Aleksiévitch vivenciou certa

rejeição à leitura de sua obra como literatura. Essa controvérsia indica a persistência em recepcionar a literatura contemporânea "encaixando-a" em definições consagradas e numa rígida relação binária entre fato e ficção. Diante dessas questões, a presente pesquisa aborda os aspectos gerais do ciclo denominado de "Vozes da Utopia", de Aleksiévitch, formado por cinco livros, com foco específico em O fim do homem soviético (2016), justamente a obra que retoma eventos históricos das obras predecessoras e intensifica o tema elo do ciclo, o homem soviético em seu íntimo.

O Sistema de Stanislávski e o Primeiro Estúdio do Teatro de Arte de Moscou: influência e desdobramentos no Brasil

Daniela Simone Terehoff Merino (USP)

Resumo Inaugurado por Konstantin Stanislávski (1863-1938) e Leopold Sulerjítski (1872-1916) no ano de 1912, o Primeiro Estúdio do Teatro de Arte de Moscou (TAM) tinha como um de seus principais anseios e objetivos a revisão do trabalho do ator. Com um caráter laboratorial, este espaço buscava a emergência de atores mais criativos, livres e moralmente aperfeiçoados. Ali, ao mesmo tempo em jogavam e experimentavam algumas novas possibilidades do fazer teatral – contribuindo com isso para o desenvolvimento do hoje em dia já famoso Sistema de Stanislávski – , os alunos ouviam também sobre a relação existente entre ética e estética e a importância de um teatro em que ator e público entrassem em comunhão (mais um dentre os tantos pensamentos do escritor Lev Tolstói (1828-1910) que adentraram o Estúdio via Leopold Sulerjítski). Todas estas inovações, tanto no que diz respeito ao Sistema quanto no que se refere ao Estúdio onde foi desenvolvido, exerceram profunda influência sobre a formação do ator no teatro mundial ao longo de todo o século XX. No Brasil não foi diferente. Contamos ainda hoje com mais de um espaço cujas bases se encontram nos ideais desenvolvidos por Stanislávski, Sulerjítski e seus seguidores. Exemplo disso são o Teatro Escola Macunaíma (SP), a Escola Livre de Teatro de Santo André, o Michael Chekhov Brasil (RJ) e o Primeiro Centro Latino Americano de Estudos em Stanislávski (CLAPS), fundados respectivamente em 1974, 1990, 2012 e 2018. O objetivo desta comunicação apresentada na ABRALIC 2020

é justamente estabelecer este diálogo: expor algumas das principais características dos trabalhos realizados dentro do Primeiro Estúdio do TAM entre 1912 e 1917, para em seguida compreender como isso foi traduzido nestes quatro espaços brasileiros de estudos teatrais acima referidos. A comunicação apresentada é fruto de pesquisa de doutorado realizada com apoio FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo Nº 2017/21093-8).

Releituras dramatúrgicas e cênicas de Anton Tchékhov

Cássia Regina Marconi Marcançoli (USP)

Resumo Uma das características mais marcantes tanto dos contos como das peças de Anton Tchékhov (1860-1904) é sua capacidade de representar "fatias da vida" de forma contundente e altamente artística. As peças de Tchékhov foram amplamente encenadas não apenas na Rússia, mas em diversos países, dentre eles o Brasil. A partir dos anos 1980, diversos autores russos como Alekséi Slapóvski (1955-) e Vladímir Sorókin (1957-) fizeram releituras das principais peças tchekhovianas. No Brasil, tivemos em 1972, a releitura cênica de "As três irmãs" pelo Teatro Oficina e em 2006, "A gaivota, tema para um conto curto" com direção de Enrique Diaz. Nessas quatro obras, alguns elementos tchekhovianos são sublinhados, como por exemplo, na montagem do Teatro Oficina, grande ênfase é dada ao relógio, pois a passagem de tempo é um dos leitmotivs da peça tchekhoviana e na dramaturgia de Slapóvski, o autor não deixa de representar o jardim das cerejeiras, que representa um objeto não mais tão produtivo e utilitário como antes, um objeto que se tornou apenas contemplativo, reduzido a um arbusto de cerejas. O objetivo desta comunicação na ABRALIC é traçar um paralelo entre as releituras dramatúrgicas russas e as releituras cênicas brasileiras.

Sobre o conceito de tradução na mostra *Vkhutemas: o futuro em construção, 1918-2018*

Neide Jallageas

Resumo Esta comunicação busca contribuir com o estudo sobre a amplitude do conceito de tradução à medida em que pensa a adequação deste conceito ao ato de colocar no espaço expositivo contemporâneo uma reunião de textos, fotografias, projetos e concepções de mundo e de arte centenários, invisibilizados historicamente. O objeto de estudo é a mostra *Vkhutemas: o futuro em construção, 1918-2018*; o salto temporal é de 1918 para 2018-2019 e o deslocamento espacial é entre Rússia e Brasil. Vkhutemas foi um conjunto de faculdades moscovitas que, fruto da Revolução Russa, constituiu-se na mais revolucionária experiência pedagógica no campo das artes e técnicas em todo o mundo até hoje. O projeto expográfico brasileiro, para enunciar a potência de tal experiência centenária soviética em movimento explosivo (Lotman), pretendeu ser um "livro aberto no espaço" e, para tanto, tratou sistematicamente o projeto pedagógico de Vkhutemas, bem como o conjunto textual de imagens e objetos selecionados, no mesmo nível hierárquico dos textos teóricos, descritivos, historiográficos e biográficos que compuseram a mostra, o que é inusual à prática expositiva contemporânea. Os desafios de ordem prática e teórica enfrentados pelos curadores e sua equipe para realizar a tradução pretendida serão discutidos sinteticamente à medida que auxiliem na compreensão do problema teórico proposto. Para realizar a tradução expográfica recorreu-se tanto às originais concepções de Lissítzki para o design de livros quanto às suas revolucionárias expografias nas quais incluía não apenas os objetos, mas suas possibilidades de movimento e de leitura como se fossem extensões do livro. Lotman e Bakhtin que tanto contribuíram para a teoria do texto e da cultura, serão trazidos como apoio às reflexões da autora desta que foi também curadora da mostra em questão, em parceria com Celso Lima. Vkhutemas..., inaugurada em junho de 2018 no Sesc Pompeia, em São Paulo, foi encerrada no Sesc Sorocaba em janeiro de 2020.

Um jornalista no exílio: a Imprensa Livre Russa de A. Herzen

Giuliana Teixeira de Almeida (USP)

Resumo A experiência do exílio é um traço distintivo da história da literatura russa. Na presente comunicação apresentaremos um estudo de caso da Imprensa Livre Russa fundada por A. Herzen em 1853 em Londres, que do nosso ponto de vista ilustra como o desconforto do exílio gerou em Herzen o desejo genuíno de atuar, ainda que à distância, na realidade do seu país de origem. Alexander Herzen é um dos grandes nomes das letras russas do século XIX ainda pouco conhecido entre os leitores de literatura e cultura russa no Brasil. Mas mesmo em outros países, como EUA, França, Inglaterra - lugares onde há muitos textos traduzidos e estudos acadêmicos realizados - Herzen é ofuscado pelos companheiros de geração e seu nome é menos lembrado do que o de outros escritores russos do século XIX como Dostoiévski e Tolstói. O principal texto de Herzen é uma autobiografia intitulada *Passado e Pensamentos*, mas a sua fama entre os contemporâneos se deveu principalmente à sua atuação como o editor da Imprensa Livre Russa, especialmente os periódicos *A Estrela Polar* e *O Sino*, fundada por ele em Londres. Também abordaremos nessa comunicação a história da publicística russa, ou mais especificamente das revistas grossas durante a época imperial e apontaremos como a iniciativa de Herzen, que foi o jornalista russo mais influente da década de 1850 e 1860 que "was not in Russia at all" (BELKNAP, 1997), influenciou a geração de revolucionários russos – muitos também exilados - que o sucedeu. Nas palavras de Szamuely, "o maior dos revolucionários, Vladimir Lenin, afirmou que 'os decembristas originaram Herzen. Herzen desenvolveu a agitação revolucionária, que foi recuperada, estendida, reforçada e alastrada pelos raznotchíniets'. Em 1912 Lenin concluiu que a quarta geração de revolucionários - o partido bolchevique fundado por ele - iria enfim conquistar a vitória. Cinco anos depois aquilo era verdade" (SZAMUELY, 1976).

Simpósio 77
Usos políticos da memória e da história nas literaturas de língua portuguesa

Roberta Guimarães Franco (UFLA)
Renata Flavia da Silva (UFF)
Daniel Marinho Laks (UFSCar)

Resumo As relações entre memória, história e literatura sempre foram objeto de análise e de debate acerca das especificidades de cada campo e das possibilidades de diálogos interdisciplinares, especialmente dentro do campo conflituoso da Literatura Comparada. Obras literárias que dialogam de forma próxima com a história, seja pelo gênero literário, pelo tema e/ou personagens escolhidos, ou que apresentam um caráter (auto)biográfico, podem funcionar como base para a organização de arquivos públicos ou particulares, monumentos e museus, os quais têm como objetivo mediar o estabelecimento de uma memória coletiva sobre acontecimentos transcorridos. A possibilidade de curadoria dos episódios que devem ser rememorados ou comemorados sob uma perspectiva nacional está intimamente ligada à afirmação dos interesses de grupos que estabeleceram sua hegemonia e, nesse sentido, o processo de produção de uma memória coletiva pretende funcionar como ferramenta política de legitimação de estruturas específicas de poder. Debate que também está presente na formação dos cânones literários, questionados por correntes críticas mais contemporâneas pelo seu caráter fragmentário e centralizador, que atenderia a perspectivas e interesses específicos. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Ao longo do tempo, a análise literária foi ganhando contornos que incluem, desde a possibilidade de pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades de acordo com o leitor, advinda através da Estética da Recepção, até os mais recentes Estudos Culturais e Pós-coloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo à luz questões que a dita história oficial silenciou. A memória, por sua vez, seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção,

ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formas variadas de diálogo entre memória, história e literatura. No Brasil, tais diálogos podem apontar desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em propor limites e questionamentos a este conceito – basta lembrar das ideias de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978) –, chegando a manifestações mais recentes, ou a recuperação de obras/escritores apagados/silenciados, que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura portuguesa ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o reverso dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), ao apontar a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida pelo olhar exógeno, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais. Portanto, as literaturas de língua portuguesa formam um extenso objeto de análise, comparadas entre si ou dentro de um único espaço, para o antigo e ainda necessário debate entre Literatura, História e Memória. Este simpósio pretende, assim, acolher trabalhos que discutam as relações entre memória, história e literatura. Para isso, sugerimos,

entre outros possíveis, alguns eixos de articulação: a literatura como arquivo; representação do trauma na narrativa e na poesia; vertentes políticas das escritas de si; memória coletiva e espaços públicos; relações entre os espaços de língua portuguesa.

"O que há de perseguir-nos sempre": as memórias da infância e da adolescência em romances portugueses contemporâneos

Cristina Arena Forli (UFRGS)

Resumo A memória configura-se um objeto de disputa ao longo da história, uma vez que por meio dela são legitimadas narrativas individuais e coletivas. No entanto, a quem a lembrança é permitida? O que pode ser lembrado? Em que medida o que é lembrado certifica ou rasura os discursos propagados pela história oficial? Na ficção portuguesa contemporânea, mais especificamente no século XXI, memórias da infância e da adolescência têm sido retomadas para problematizar a relação dos sujeitos com o passado colonial. Sendo essas fases da vida tão deslegitimadas no âmbito da ordem do discurso (FOUCAULT, 1996), essas memórias são entendidas como "memórias subterrâneas" (POLLAK, 1992) por serem capazes de fazer emergir um olhar outro sobre o colonialismo, na contramão do discurso histórico oficial. Assim, tomando como aporte teórico as obras de Maurice Halbwachs, Michael Pollak, David Le Breton, Michel Foucault, Doreen Massey, Homi Bhabha e Boaventura de Sousa Santos, neste trabalho, por uma perspectiva pós-colonial, serão analisadas as memórias do corpo e do espaço-tempo trazidas à tona nos romances Caderno de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo, A árvore das palavras, de Teolinda Gersão, O retorno, de Dulce Maria Cardoso, e O nosso reino, de Valter Hugo Mãe.

Contrapontos da memória em romances de José Eduardo Agualusa

João Gabriel Pereira Nobre de Paula (UNESP)

Resumo A memória, em seu aspecto ontológico, apresenta certa posição dúplice, paradoxal, visto estar associada, por um lado, ao distanciamento temporal de um determinado evento e, por outro, à presentificação deste mesmo acontecimento, evocado por diferentes instâncias e, por vezes, concretizado na linguagem e no discurso. Esta dualidade ganha contornos maiores, mais delicados e significativos quando direcionamos o olhar às nações outrora subjulgadas pela força do colonialismo, como é o caso de grande parte dos países do continente africano, em que emergem, em franco e claro embate, a força histórica da tradição, da ancestralidade, intimamente relacionada ao aspecto identitário, e a inscrição da memória traumática, que fantasmagoricamente, se apresenta como chaga que arde, ferida aberta. Em meio a esse contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo a ambivalência da memória é recuperada e materializada nos romances Teoria Geral do Esquecimento(2012), e A Sociedade dos Sonhadores Involuntários(2017), ambas do escritor angolano José Eduardo Agualusa. A fim de concretizar o objetivo supracitado, lançaremos mão das contribuições de pesquisadores como o sociólogo francês Maurice Halbwachs, cujo conceito de memória coletiva, a nosso ver, transparece na costura das experiências individuais de personagens como a protagonista de Teoria Geral, Ludo , e do reformado militar e hoteleiro Hossi Kaley, de Sociedade dos Sonhadores Involuntários, a representar, alegoricamente, acontecimentos representativos de Angola, bem como da intensa e interessante relação entre a memória e o esquecimento, presente nas assertivas de Paul Riccouer, e da perspectiva do trauma , melhor apresentada e desenvolvida pela filósofa alemã Hannah Arendt. Mesclando-se o saudosismo de pequenos momentos cristalizados e reavivados ao fardo triste dos grilhões coloniais, é necessário revisitar o passado, para que, com os olhos de hoje, seja possível projetar um promissor futuro.

Descaminhos de Mnemosine: memória e exílio na obra de Elisa Lispector

Nicolas Ferreira Neves Jacintho (UFSCar)

Resumo Em suas reflexões sobre o exílio, Maria José de Queiroz (1998) identifica alguns elementos temáticos e estruturais que, segundo ela, transpõem para o campo da literatura os males da ausência associados à experiência exílica. Para a autora, o sujeito exilado é aquele que vivencia uma dialética não apenas espacial (entre um "aqui" e um "lá"), mas também, e principalmente, temporal (entre um "antes" e um "depois" do exílio). Deste modo, a chamada literatura de exílio constantemente estabelece relações com a narrativa da memória já que, alijado do convívio social, o sujeito que vive sob o signo do exílio se vê em constante trânsito, tendo como única pátria possível a geografia imaginária (KRAUSZ, 2018) da memória, seja ela individual ou coletiva. Esta comunicação tem por objetivo demonstrar como se configuram as temáticas do exílio e da memória nos romances Além da fronteira (1988) e No exílio (2005), ambos de Elisa Lispector. Com vistas a compreender de que modo as obras analisadas se estruturam por meio de memórias narrativizadas, a comunicação se apoiará no que diz Gérard Genette (1995) em seu Discurso da narrativa. Ademais, as reflexões de Maurice Halbwachs em A memória coletiva (2006) e de Paul Ricoeur sobre a memória como uma operação narrativa, como proposto em A memória, a história, o esquecimento (2007), fundamentarão as análises propostas. Finalmente, haja vista a relação entre a memória e o exílio, será fulcral considerar o que afirma Maria José de Queiroz sobre o exílio em Os males da ausência ou a literatura do exílio (1998), bem como as reflexões de Georg Simmel no texto O estrangeiro (2005).

Epígrafes: a economia do arquivo no espaço narrativo intersemiótico de Ana Miranda

Daniela Silva da Silva (UNICENTRO)

Resumo Este estudo resulta de nossas investigações sobre o gênero biográfico e seus desdobramentos, materializadas no projeto de

pesquisa "Poética memorialística e construção de subjetividades", desenvolvido na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), com fomento da Fundação Araucária. Nele, nos preocupamos em pensar a narrativa brasileira como arquivo, desde as concepções de J. Derrida (2001) e L. Arfuch (2010), juntamente com M. Bakhtin (1997), P. Ricoeur (2014) e P. Lejeune (2014) base teórica inicial desta reflexão. Para tanto, selecionamos como corpus a obra da escritora Ana Miranda, representada por: "Clarice". Ficção (1999), "Musa praguejadora", a vida de Gregório de Matos por Ana Miranda (2014) e "Xica da Silva", A Cinderela Negra por Ana Miranda (2016). Compreendemos tais narrativas como espaços de memória; arquivos em que encontramos os gestos literário, artístico e historiográfico, desde a interface entre ficção, arte, biografia e romance. Em vista disso, propomos um estudo qualitativo transdisciplinar, em que objetivamos aprofundar o conhecimento sobre a ficcionista, os gêneros do discurso, dialogando com o campo da crítica cultural e da política, considerando também os estudos da linguagem. Para esta comunicação, esperamos dar conta da seguinte pergunta: como a epígrafe, em conexão com o exergo, conforme J. Derrida, "institui", "constrói", "prepara" e "conserva" a "economia do arquivo", o "desejo de memória" (e de história), no espaço narrativo intersemiótico de Ana Miranda?

História, memória e identidade em *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus: implicações políticas

Daniela de Almeida Nascimento (UNESP)

Resumo Há diversos maneiras de se lidar com o passado e todas envolvem poder, interesses e exclusões (ARAÚJO; SANTOS, 2007). O Brasil vive hoje a culminância de uma crise política e ética que diz muito respeito à forma como lidamos com nosso passado – colonial, escravagista, autoritário. Nunca houve um lugar oficial para memória e reparação concernentes às nossas maiores tragédias, seja o genocídio de populações indígenas, a escravidão e seus desdobramentos ou o último período ditatorial iniciado em 1964. Não sendo uma questão enfrentada, esse "passado" insiste em se atualizar. Segundo Le Goff (2013), a falta ou a perda da memória coletiva nos povos e nações pode resultar em perturbações graves da identidade coletiva.

Daí a questão brasileira: a uma restrita elite sempre interessou mais lidar com a história por meio de memórias seletivas e do esquecimento de modo a conciliar diferenças e forjar sua legitimidade. Nesse sentido, a literatura constitui um espaço simbólico privilegiado, pois é por meio da narrativa que as memórias adquirem sua dimensão compartilhada (HALBWACHS 2003; LE GOFF, 2013). Este trabalho propõe uma análise de Diário de Bitita para, primeiro, refletir sobre a relação entre história, memória, literatura e então examinar de que maneira o exercício de rememoração articula-se como criação de um espaço simbólico e suas implicações políticas (CANDAU, 2012; HALL, 2003; POLLAK, 1989/1992; SELIGMANN-SILVA, 2008).

Memórias transparentes: modernidade e tradição vizinhas em Luanda

Diana Gonzaga Pereira (UFV)

Resumo Não é incomum associar a história de Angola à guerra. Ao se tratar da reconstrução dos espaços destruídos na cidade, igualmente, é com facilidade que se percebe o papel da memória como instrumento de auxílio na composição da identidade de seu povo. Neste sentido, propõe-se, para este trabalho, uma análise da obra do angolano Ondjaki, Os Transparentes, a fim de investigar os contrastes entre a memória do povo luandense e a modernização do espaço da cidade de Luanda, bem como analisar os papéis políticos que, constantemente, sobrepõem-se à memória. Quando Paul Ricoeur resume que ver uma coisa é não ver outra, tem-se a clara dimensão das consequências da escolha de um discurso em detrimento de outros tantos e das prováveis consequências para a memória coletiva de um lugar, para a ressignificação dos espaços e para os aproveitamentos políticos que se fazem desse organismo vivo e pulsante, que é Luanda depois de sua independência. E, são, justamente, essas "escolhas" - lembrar ou esquecer, modernizar ou manter viva a memória, ou, ainda, uma esperançosa conciliação entre elas - que se tornam o viés central desta proposta.

Teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa: um diálogo entre história e memória

Christiane G Reis (UFF)

Resumo Este trabalho tem como objetivo analisar a obra Teoria geral do esquecimento a partir da interseção de fronteiras entre história e ficção, já que a trama se desenvolve principalmente em Luanda entre os dias que antecederam a independência de Angola e o fim da guerra civil. Nesse diapasão, terá também como objetivo refletir acerca do envolvimento e pertencimento do colonizador à ex-colônia, pois o romance tem como protagonista uma mulher portuguesa que viveu enclausurada por 28 anos no apartamento onde residia antes da independência, assombrada pelo medo do outro e com o imaginário congelado no passado. Ressalte-se que só podemos perceber certos períodos da História porque o narrador nos conduz a isso com suas digressões, pois a protagonista não compreendia os acontecimentos, ao que assistia pela janela. Podemos dizer que Agualusa revisita o passado e flerta com o real enquanto cria sua obra, e esse processo de reescrever a história da nação por meio da ficção aponta naturalmente para um papel de afirmação cultural que a literatura foi chamada a desempenhar. É necessário ressaltar que boa parte da história angolana se encontra numa espécie de caixa-preta ainda não aberta. Por tal motivo, uma das alternativas encontradas a fim de problematizar a história foi a via do romance, onde vamos nos deparar com os caminhos da memória e perceber que mecanismos são acionados com o objetivo de resgatar o ora enfumaçado trajeto de alguns países africanos. Para tanto, serão utilizadas como base teórica as obras de Rita Chaves, Maria Teresa Salgado, Peter Burke, Eduardo Lourenço e Maurice Halbwachs, dentre outros, a fim de fundamentar metodologicamente o trabalho.

Uma narrativa da história angolana revelada nas linhas e entrelinhas da estória contada em *Quantas madrugadas tem a noite* de Ondjaki

Renato dos Santos Pinto (UFF)

Resumo O romance *Quantas madrugadas tem a noite*, do autor angolano Ondjaki, foi publicado inicialmente no ano de 2004. Narrado em primeira pessoa, o texto simula uma conversa em um bar, em que o narrador propõe a seu interlocutor trocar por cervejas uma estória que afirma ser verdadeira. É importante frisar que o termo Estória é utilizado pelo próprio narrador. Esta comunicação pretende abordar as relações entre ficção e história em dois planos distintos nomeados de forma livre como: linhas e entrelinhas. Essa escolha foi concebida para facilitar a estruturação da análise que se pretende fazer nesta comunicação. Por um lado, aspectos históricos contidos nas linhas do texto podem ser observados na recuperação da memória do narrador, desde sua infância até o presente diegético. Esses aspectos aparecem, normalmente, de forma direta no relato de suas experiências, contemplando viagens e leituras na formação de seu repertório. Por outro lado, elementos da história contida nas entrelinhas da narrativa se revelam a partir da interpretação de alegorias e metáforas encontradas no texto. Nesse caso, a história alude ao século XVII, período em que viveu a rainha Jinga em Angola, e também culmina no tempo presente da trama. Ao se buscar conectar os elementos históricos contidos nas linhas e entrelinhas do texto, será possível identificar um balanço da história angolana, sob o ponto de vista do narrador, no período abordado na narrativa.

Informações sobre a presença online da ABRALIC

Visite nosso site
abralic.org.br

Siga-nos no Facebook
facebook.com/associacaoabralic

Visite nosso canal no YouTube
tiny.cc/ABRALIC

Entre em contato
contatoabralic@gmail.com

Saudações

comparatistas!

Os textos deste livro foram com-
postos em Source Serif, família tipográfica
de Frank Grießhammer livremente inspirada nos tipos
gravados por Pierre Simon Fournier, na França, no século XVIII.
Os títulos foram compostos em Objektiv, família tipográfica de
Bruno Mello. O papel do miolo é o Polen Soft 80 g/m²
& o papel da capa é o Cartão Supremo
300 g/m².

"No ano de 2020, o XVII Congresso ABRALIC contou com a presença de mais de 1700 participantes entre simposistas, comunicadores, apresentadores de pôsteres e ouvintes. No presente e-book, encontram-se os resumos das comunicações inscritas no XVIII Congresso Internacional ABRALIC de 2020 e apresentadas em modo inteiramente virtual."

BESTIÁRIO

abralic
Associação Brasileira de Literatura Comparada

9 786560 560277